

Broken Dove



NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
KRISTEN ASHLEY



Butterfly Traduções

e

Pégasus Lançamentos

Apresentam:

Broken
Dove



NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
KRISTEN ASHLEY



Fantasyland 04

Broken Dove - Kristen Ashley

Tradução: Kiara Sariel

Revisão Inicial: Kim Nana, MeG B., Meri
J., Teacher Lu, Josie, Carol S., VanZ, Liah
Vett, May, Carly, Su, Kelly M., Morana

Monteiro e Tamiris

Revisão Final: Justine O' Neel

Leitura Final: Eva M. Clarke

Formatação: Eva M. Clarke

Artes: Justine O' Neel

AVISO

Essa tradução foi feita pelos grupos Butterfly Traduções e Pégasus Lançamentos, de forma a proporcionar ao leitor o acesso à obra, o motivando a adquirir o livro físico ou no formato e-book. O grupo tem como objetivo a tradução de livros sem previsão de lançamento no Brasil, não visando nenhuma forma de obter lucro, direto ou indireto.

Para preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, os grupos, sem aviso e se assim julgarem necessário, retirarão do arquivo os livros que forem publicados por editoras brasileiras.

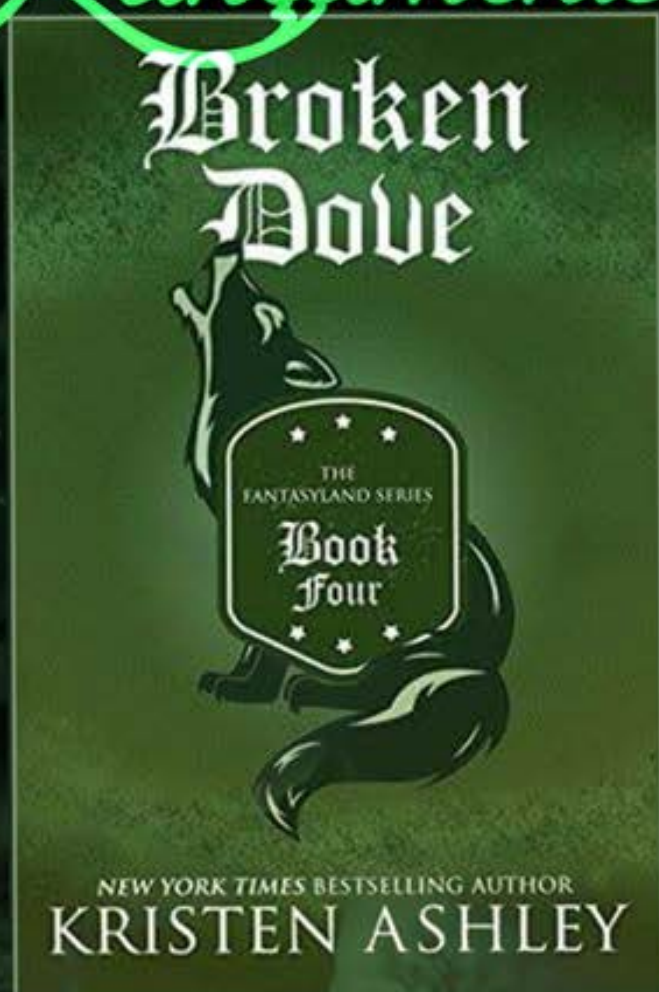
O leitor e usuário fica ciente que o download dos livros se destina, exclusivamente, para uso pessoal e privado, sendo proibida a postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, assim como a divulgação do trabalho dos grupos, sem prévia autorização dos mesmos.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado, também responderá individualmente pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo os grupos de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito por aquele que, por ação ou omissão, tentar ou utilizar o presente livro para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal e da Lei 9.610/1988.

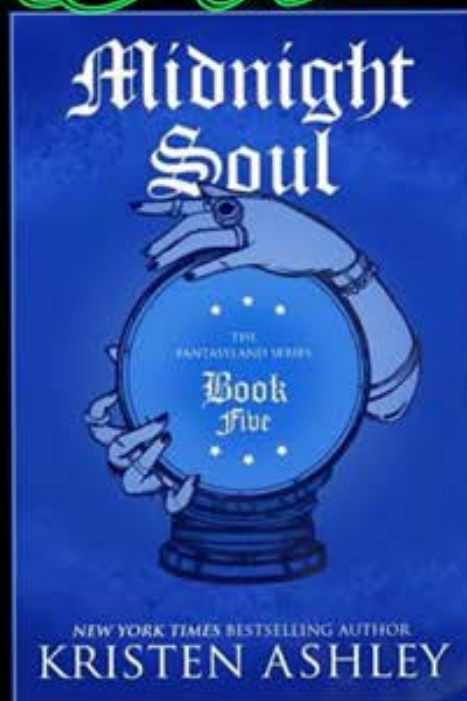
Lancados

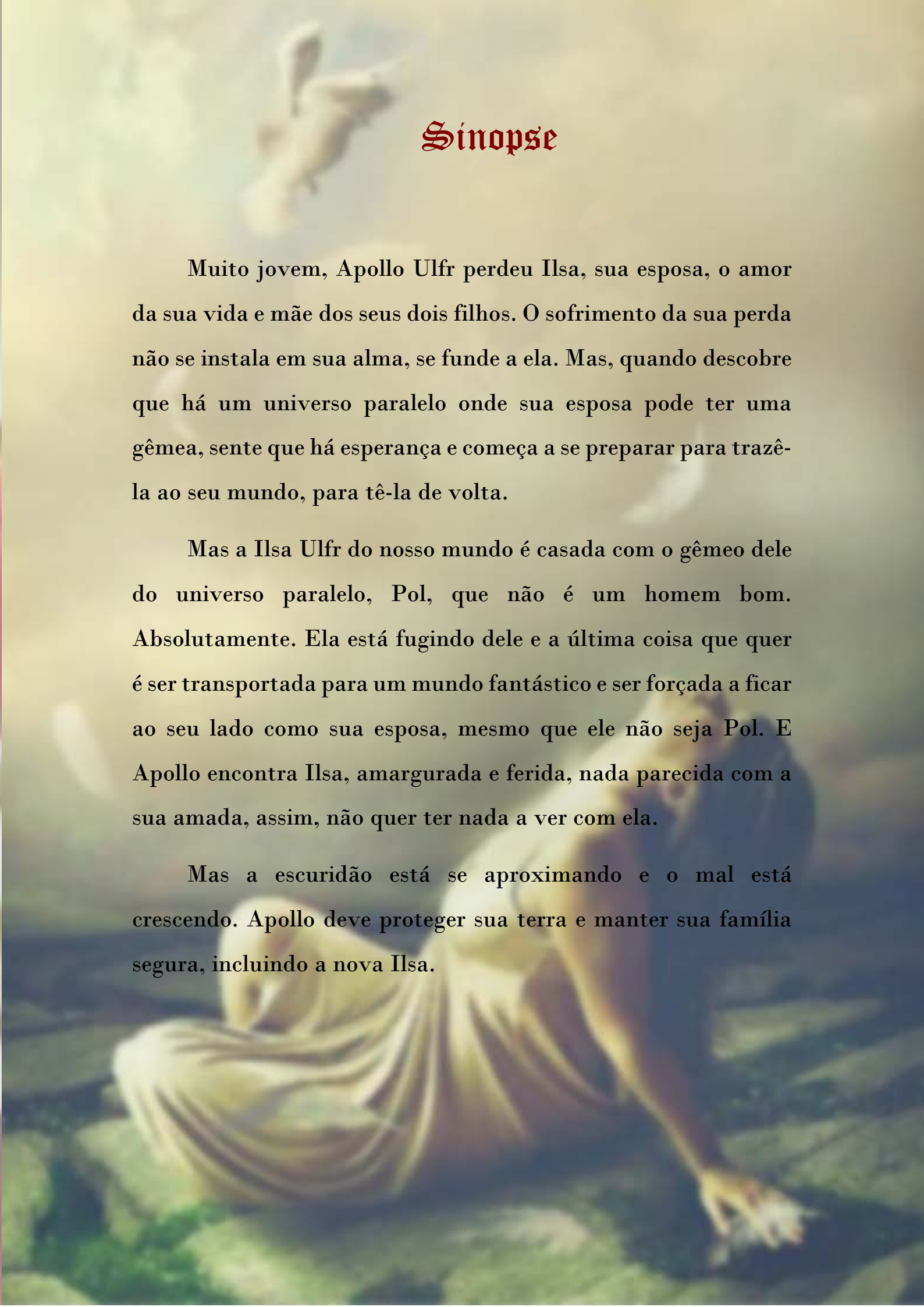


Lancamento



Em Breve





Sinopse

Muito jovem, Apollo Ulfr perdeu Ilsa, sua esposa, o amor da sua vida e mãe dos seus dois filhos. O sofrimento da sua perda não se instala em sua alma, se funde a ela. Mas, quando descobre que há um universo paralelo onde sua esposa pode ter uma gêmea, sente que há esperança e começa a se preparar para trazê-la ao seu mundo, para tê-la de volta.

Mas a Ilsa Ulfr do nosso mundo é casada com o gêmeo dele do universo paralelo, Pol, que não é um homem bom. Absolutamente. Ela está fugindo dele e a última coisa que quer é ser transportada para um mundo fantástico e ser forçada a ficar ao seu lado como sua esposa, mesmo que ele não seja Pol. E Apollo encontra Ilsa, amargurada e ferida, nada parecida com a sua amada, assim, não quer ter nada a ver com ela.

Mas a escuridão está se aproximando e o mal está crescendo. Apollo deve proteger sua terra e manter sua família segura, incluindo a nova Ilsa.

Prólogo

Não Era O Plano Dele

Apollo Ulfr viu as luzes dançantes contra suas pálpebras fechadas antes de sentir a presença na sala.

Rolou para fora da cama, pegando a faca embaixo do travesseiro, quando o fez. Se abaixou ao lado da cama, examinando o quarto até seus olhos se acostumarem à escuridão e, de repente, ele a sentiu e soube que era ela.

A bruxa.

Valentine Rousseau.

Aborrecido, visto que era a calada da noite, estava nu, pouco antes havia enviado a prostituta Beniessienne para a sua própria cama e já havia dito à bruxa seus planos (e estes não eram os planos que tinha compartilhado com ela, por isso a prostituta tinha vindo), e por último, estava em Fleuridia para pegar seus filhos no colégio interno para que pudesse levá-los para um local seguro antes que a escuridão se estabelecesse na terra, então se endireitou e, ao mesmo tempo em que se erguia, falou.

— Bruxa, eu lhe disse a hora e o lugar para trazê-la para mim, e isso não é...

Ela o interrompeu, a voz, como de costume, irônica, mas havia uma urgência subjacente, o que fez sua pele formigar.

— Se você quer conhecer a Ilsa do meu mundo, sugiro que mude os seus planos.

Através da escuridão, Apollo estreitou os olhos na direção da sombra magra.

— E isso significa...? — Perguntou, quando ela não disse mais nada.

— Isso significa que o Apollo do meu mundo a encontrou.

Na última vez que se falaram, ela havia explicado o que isso significava.

O Apollo Ulfr do outro mundo, seu gêmeo, não era um homem bom.

E havia machucado a Ilsa. Por causa disso, ela fugiu dele.

Agora, seu gêmeo a tinha encontrado.

Maldição. Havia esperado vários anos para ter sua esposa de volta. Não ia deixar o seu maldito outro, em um universo paralelo, a levar embora.

Sem demora, Apollo se inclinou para recolher as roupas do chão, ordenando: — Você vai me levar até ela.

— Isso é uma pergunta? — Perguntou em resposta.

Puxando a calça para cima, desviou o olhar para a sombra.
— Não, diabos, não é.

Felizmente, a bruxa enervante, que podia ser astuta e maliciosa, instantaneamente levantou as mãos elegantes, com dedos longos e magros decorados com unhas pintadas de escarlate, e ele viu a névoa verde começar a iluminar o quarto.

— Traga suas armas — alertou.

Diabos.

Ilsa.

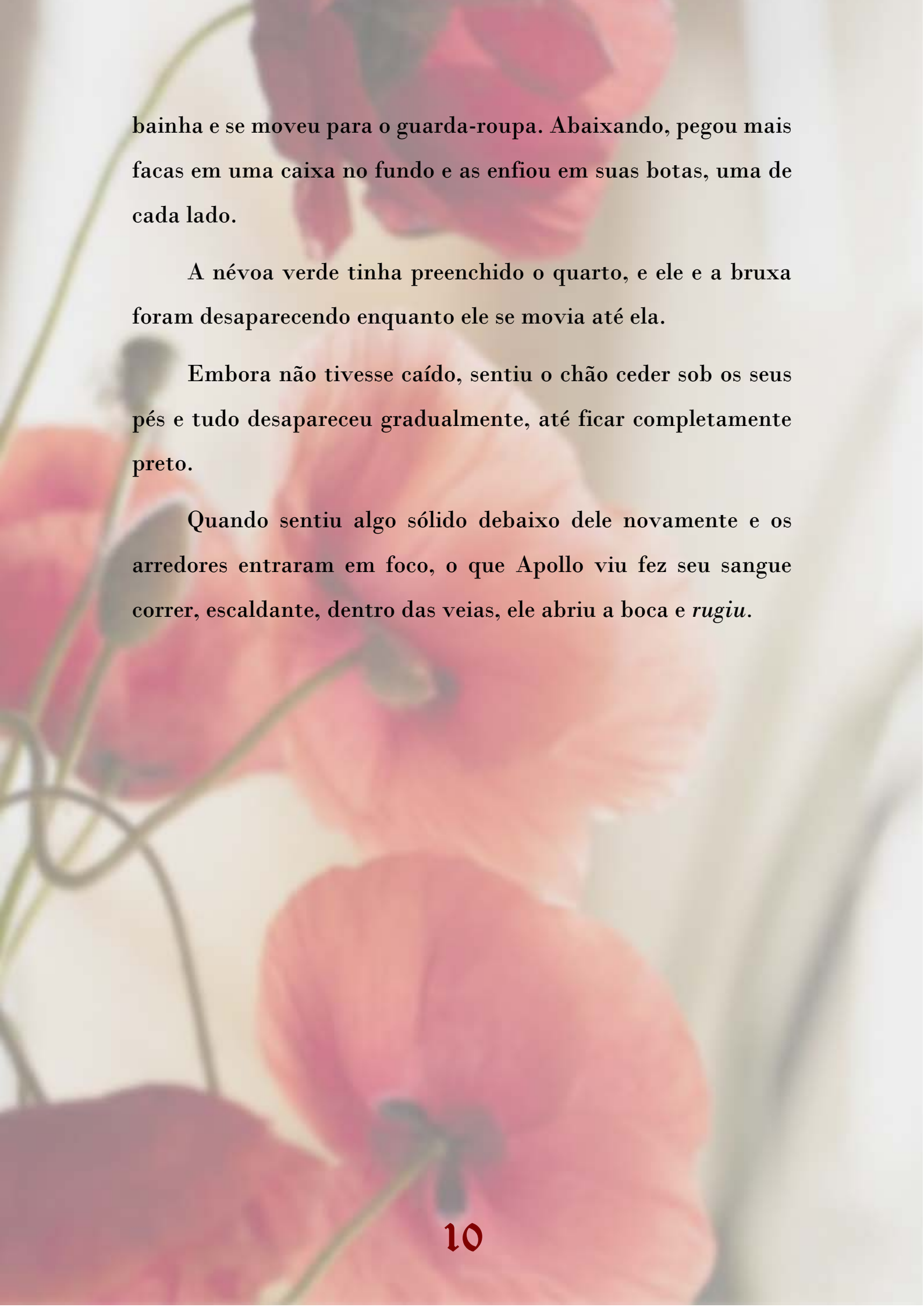
— Claro — murmurou, enfiou a camisa, calçou as botas e se moveu rapidamente até a cadeira onde tinha jogado a capa e o sabre.

— Todas elas, Apollo — ela continuou.

Diabos.

Ele não respondeu.

Balançou a capa ao seu redor, prendendo-a rapidamente na altura do peito. Fez o mesmo com a bainha que carregava o seu sabre. Colocou o cinto com as facas, enfiou uma lâmina na



bainha e se moveu para o guarda-roupa. Abaixando, pegou mais facas em uma caixa no fundo e as enfiou em suas botas, uma de cada lado.

A névoa verde tinha preenchido o quarto, e ele e a bruxa foram desaparecendo enquanto ele se movia até ela.

Embora não tivesse caído, sentiu o chão ceder sob os seus pés e tudo desapareceu gradualmente, até ficar completamente preto.

Quando sentiu algo sólido debaixo dele novamente e os arredores entraram em foco, o que Apollo viu fez seu sangue correr, escaldante, dentro das veias, ele abriu a boca e *rugiu*.

Capítulo Um

Ternura E Dor

Cinco minutos antes...

Subi as escadas tão rápido quanto podia, uma das mãos segurando as chaves (sempre pronta, *sempre*), a outra mão dentro da bolsa, fuçando o bolso lateral, onde guardava o telefone.

O idiota tinha me encontrado.

Três anos fugindo e ele me encontrou.

Maldição!

Oh, bem. Foda-se. Estava preparada para isso.

Era hora de partir.

Cheguei ao local pobre onde meu apartamento estava localizado, corri pelo corredor, a respiração rápida, o coração batendo forte, a pele gelada. Mas minha mente estava clara.

Vinha me preparando para isso.

Ele não ia me pegar de novo.

De novo, não.

Rapidamente, enfiei a chave na fechadura e a girei. Repeti o processo com a tranca. Abri a porta, corri para dentro e a fechei de supetão.

Era uma porta de merda. Mas não uma tranca de merda, já que havia convencido o meu senhorio assustador, que dava em cima de mim, com um monte de batidas de cílios e promessas não cumpridas, para me conseguir uma significativamente melhor.

Agora estava contando com essas fechaduras fortes para ganhar tempo.

Meu apartamento não estava em uma grande área da cidade, assim como a maioria deles não estava, nestes últimos três anos. Barato e nem um pouco ao meu estilo.

Eu gostava de coisas bonitas. Era uma garota que usava roupas de marca. Queria uma vida boa.

Era uma falha na minha natureza, que me custou muito caro.

Muito.

Em outras palavras, tudo.

Além disso, meus apartamentos eram escolhidos de modo que os proprietários nem piscassem quando eu não pagava um aluguel, já que, provavelmente, perdiam inquilinos regularmente por uma variedade de razões nessa vida de merda,

que as pessoas forçadas a viver nesses lugares de merda, sempre tinham.

Por outro lado, este apartamento foi alugado como todos os apartamentos anteriores, com uma identidade falsa. Assim, mesmo que um proprietário quisesse me encontrar, depois que eu não pagasse o aluguel, por três, seis, nove meses, ele não saberia a quem procurar.

Girei a fechadura, fechei a tranca e prendi a corrente.

Então corri para o quarto. Tendo alcançado o telefone, meu polegar se moveu sobre a tela para clicar sobre um contato que eu tinha programado como AAA, por isso estava no topo da lista.

Cheguei ao quarto enquanto clicava na tecla ligar do celular.

Três anos atrás, nunca teria telefonado para a polícia. Pol tinha me ensinado a não fazer isso.

Durante os três anos em que estive fugindo, não os envolvi, já que tinha aprendido bem a lição.

Agora precisava deles para limpar a bagunça (talvez).

Alcansei o cofre no armário antes de ouvir: — Nove, um, um, qual é a sua emergência?

— Meu marido — comecei a falar, apertando os dois primeiros dígitos do código no teclado do cofre, mas digitando o

terceiro errado quando pulei, porque ouvi um baque alto na porta da frente.

Balancei a cabeça e fechei os olhos com força.

Concentre-se, Ilsa. Concentre-se. Disse a mim mesma, abrindo os olhos e apagando o código no cofre.

— Senhora? — A atendente do 911 chamou. — Sua emergência?

— Meu marido me encontrou — disse a ela, digitando os números corretos, o botão para abri-lo e ouvindo com gratidão os zumbidos da abertura da porta do cofre. — O nome dele é Pol Ulfr. Apollo Ulfr. Ele é um traficante de drogas de Portland, Oregon. É abusivo e estou fugindo dele há três anos. Agora, me achou. Estou no apartamento 3D, no número dois mil seiscentos e sessenta e um da Rua Rampart.

Ouvi outra pancada na porta.

Então adicionei: — E ele está bem do lado de fora da minha porta.

Enfiei a mão no cofre e segurei a coronha enquanto continuava falando.

— Eu tenho uma arma. Você precisa enviar alguém logo. Se ele chegar até mim primeiro, vou usá-la.

— Senhora, não use a arma. Estou despachando policiais imediatamente para o local — a operadora do 911 me disse, mas a ignorei.

Ela não sabia. Não fazia a menor ideia. E pedia a Deus que nunca fizesse.

Em vez de compartilhar isso, avisei: — Ele vai trazer homens. Pelo menos um. E confie em mim, crachás e uniformes não vão impedi-lo de conseguir o que quer.

E eles me queriam.

Ou, pelo menos, Pol queria.

Mas com a lealdade que os seus homens mostravam a ele, cairiam com uma saraivada de tiros antes de desistir de fazer o que tinham que fazer, para dar ao Pol o que ele quisesse.

— Já estão a caminho — a operadora continuou. — Então, encontre um lugar seguro e por favor—

Outro baque na porta, que fez com que lascas de madeira voassem.

Eles iam entrar em breve.

Assim, não havia lugar seguro. Não neste apartamento.

Nem em qualquer lugar.

A menos que eu o tornasse seguro.

Corri para um canto da sala e me abaixei, os olhos voltados, através do escuro, para a porta, dizendo: — Tenho que ir agora.

— Senhora—

— Tchau — sussurrei, encerrei a chamada, larguei o celular no chão e tirei a bolsa do ombro.

Então, levantei a arma e a apontei para a porta.

Merda.

A porta de frente se abriu.

Merda!

Verifiquei, para ter certeza que a trava de segurança da arma estava destravada.

E estava destravada.

Conseguiria fazer isso?

Respirei fundo pelo nariz.

Eu ia conseguir fazer isso.

Mas só porque tinha que fazer.

Coloquei o dedo no gatilho.

Ouvi o som de passos. Correndo. Um homem, não vários.

Pol nunca corria. Esse não era o estilo dele. Ele caminhava, não corria. Não, a menos que estivesse em uma esteira

ergométrica de última geração, fazendo negócios com drogas pelo Bluetooth.

Mas, por outro lado, foi privado do seu brinquedo favorito por três anos. Não tratava bem esse brinquedo, longe disso. Mas ainda era o seu favorito, ia querê-lo de volta e conseguia o que queria.

Sempre.

Inspirei novamente, em seguida, sussurrei: — Não hoje à noite.

Uma sombra atravessou a porta.

Minha garganta fechou e eu congelei.

Tinha me preparado para isso. Porra, tinha me preparado. Tinha me preparado psicologicamente para este exato momento durante anos.

Por que ele estava chegando mais perto e eu não estava puxando o estúpido gatilho?

— Pare, eu tenho uma arma! — Gritei o aviso.

Ele não parou e estava quase em mim quando meu dedo lembrou dos meus planos e apertou.

Pulei diante do som alto da arma, ouvi uma exclamação de surpresa, um grunhido de dor e a sombra estava cambaleando para trás.

Oh, Deus.

Atirei em um homem. Merda! Eu tinha atirado em um homem!

Deus, como *odiava* o Pol.

Mas vi, agora, que o homem não era o Pol. Sabia disso, porque pude sentir e ver isso. Pol era mais alto do que a sombra surpreendente, não tão volumoso.

E estava logo atrás daquela sombra que caiu para trás.

Sabia disso porque ouvi a odiada, mas, no entanto, profunda voz atraente que eu *nunca* mais queria ouvir de novo, falar: — Jesus, que porra é essa?

Não estava preparada para ele estar tão perto.

Então não estava preparada quando ele esticou a mão, pegou a minha, que segurava a arma, torcendo meu pulso com tanta força que a dor subiu rapidamente pelo meu braço, meu ombro e foi até o pescoço, fazendo meu ouvido formigar.

Eu tinha me preparado. Realmente, tinha.

Mas também já tinha me preparado antes.

E o Pol, caralho, o *Pol* sempre levava a melhor sobre mim.

A fim de me concentrar em não ter nenhuma parte do meu braço quebrada, tive que girar o corpo e soltar o cabo da arma.

Pol me soltou, pegou a arma e a lançou para cima, claramente, para segurá-la pelo cano, porque a próxima coisa que reparei foi a coronha descendo com força na carne da minha bochecha.

Ai, caralho.

Caí com uma mão ao meu lado, a outra, instintivamente, indo até a bochecha, enquanto dor irradiava através do meu rosto e dos olhos, formando pontos negros na minha visão.

Merda, tinha esquecido.

Se você me dissesse que eu ia esquecer como isso me fazia sentir, não teria acreditado em você.

Mas três anos sem ele, e havia esquecido a porra do muito que *isso dói*.

Uma coisa nova, entretanto, mesmo que os pontos ainda estivessem piscando atrás dos meus olhos, o resto da minha visão estava virando um estranho verde esmeralda.

Estranho e provavelmente nada bom.

— Você atirou no Manny. Jesus, Ilsa, sua *puta* estúpida —
Pol falou bem de perto e, como de costume, não hesitou.

Senti o pé chutar minhas costelas com tanta força, que me levantou e me virou, então minhas costas bateram contra a parede.

Caí com força sobre o meu lado, bem a tempo de ouvir um rugido masculino apavorante.

Não um grito.

Não um berro.

Um animalesco (mas ainda humano) *rugido* de autêntica *raiva*.

No início, pensei que estava vindo do Pol e fiquei rígida, me preparando para o próximo golpe. Mas, quando não veio, enquanto levantava os olhos, aquela estranha luz verde brilhava tão intensamente, que iluminava o quarto, então, agora, podia ver tudo claramente.

Ainda assim, pisquei e me apoiei no antebraço, a dor no rosto e nas costelas completamente esquecida, porque tinha certeza, tão claras como as coisas eram naquela luz estranha, que não estava vendo corretamente.

Isso porque estava vendo o impossível.

E o impossível era que havia dois Pols.

Um deles era o Pol ao qual eu estava acostumada. Alto. Poderosamente construído. Em forma. Cabelo bem arrumado. Calça e camisa sob medida, o fazendo parecer elegante e sexy (se você não soubesse o idiota que era, parecia).

O outro era um Pol diferente.

Ainda alto e com compleição forte, ele estava, no entanto, mais em forma. *Claramente* mais em forma. Assim, *muito*. Ele fazia o outro Pol parecer pequeno. Este novo Pol era um Pol poderoso.

O cabelo escuro também não estava bem aparado, precisava urgentemente de um corte e parecia que ele havia acabado de sair da cama. E não usava roupas elegantes e sob medida. Nem estava usando jeans e camiseta.

Pisquei novamente.

Bom Deus, estava vestindo o que parecia ser calças, botas de cano alto que iam até os joelhos, uma camisa com laço no colarinho, e uma maldita *capa* por cima de todas as coisas.

Sim. Uma capa!

Aparentemente, receber uma coronhada fazia com que você tivesse alucinações. Mas lá estava. A visão diante de mim era o Pol usando uma roupa parecida com aquelas que estampavam as capas de romances históricos, preparado para

abater o Pol normal com os punhos, um poderoso e nauseante baque, de carne contra carne, soando através da sala.

Putá merda.

O Pol que eu conhecia caiu de joelhos. Mas, de repente, girou para longe do Pol de capas de romances e começou a levantar a mão que ainda estava segurando a minha arma.

Foi quando ouvi uma atraente, culta e parecendo insanamente entediada, voz de uma fêmea. — Apollo, *chéri*, o outro você possui uma arma mortal.

Estava prestes a afastar os olhos dos dois Pols para olhar para onde a voz da mulher estava vindo, quando ouvi o que podia jurar que era um silvar de aço.

Sim. Tinha razão. Era o silvar de aço. Soube disso porque o Pol de capas de romances estava, agora, empunhando uma espada.

Uma maldita *espada*!

Que diabos!

Então me apertei contra a parede quando, com um golpe experiente, econômico, legal pra cacete (se não fosse assustador pra caramba e incrivelmente brutal, além disso), fazendo quase um círculo completo, o Pol de capas de romances *cortou* a mão direita do Pol.

Sim.

Cortou a mão dele!

Emiti um ruído que a minha garganta fez, enquanto engolia em seco contra o vômito que subiu até ela e Pol emitia um estrondo violento de fúria e dor, segurando a mão ainda pendurada ao seu pulso, agora, um toco.

Ok. Eu não estava tendo alucinações.

Estava inconsciente e tendo um sonho absolutamente repugnante.

Ainda assim, mesmo sabendo disso, não acordei, o que realmente desejava fazer.

Não. O sonho continuou e o Pol de capas de romances, com a sua espada, se aproximou para dar mais um golpe. Fechei os olhos e me encolhi ainda mais, me pressionando contra a parede atrás de mim, como se quisesse que ela me absorvesse, porque parecia que ele pretendia arrancar a cabeça do Pol.

Ouvi o baque de um corpo batendo no piso (embora não ouvisse uma segunda pancada, o que indicaria uma cabeça batendo no chão), novamente engoli em seco e fiquei aterrorizada enquanto as sirenes da polícia soavam a distância.

Não sei se isso era bom ou ruim. Poderia explicar a minha necessidade de ter uma arma e cumpriria pena, se um júri achasse que eu merecia.

Mas não podia explicar uma decapitação.

— Devemos partir, *tout de suite*¹. — A mulher disse e não parecia mais aborrecida. Não parecia assustada como eu estava (de uma maneira insana). Mas havia uma ponta de urgência na sua voz.

Abri os olhos no momento em que fui erguida pelos braços do Pol de capas de romances.

Oh, oh.

Isto não era o que uma pessoa inconsciente sentiria. Tinha ficado assim muitas vezes na minha vida, e não apenas dormindo. Sabia como era. E não era assim.

Seus braços seguraram o meio das minhas costas e por trás dos meus joelhos, me enjaulando firmemente contra o peito largo, enquanto olhava para mim, se endireitava e virava, andando até o meio da sala e parando.

Eu devia ter protestado. Eu *tinha que* protestar.

Mas não protestei.

¹ Imediatamente.

Isso porque estava olhando nos olhos do Pol.

Mas este não era o Pol.

Tinha visto uma infinidade de sentimentos nos olhos do Pol. Amor. Ódio. Fúria. Aborrecimento. Paixão. Humor. Poderia continuar (e continuar).

Este homem, com suas roupas estranhas, não mostrava nenhum dos olhares que o Pol tinha me mostrado durante os vários anos em que estivemos juntos.

Estava olhando para mim com uma ternura tão aguda, que eu jurava que ele parecia estar com dor.

E não um pouco disso, de ternura *e* dor.

— Você não é o Pol — sussurrei.

— Não. Não sou — respondeu, aço cortando através do tom da sua voz, a mesma voz do Pol e ainda assim... *não era*.

Seus braços me apertaram mais quando tudo ao nosso redor ficou escuro.

A perda do verde não me preocupou. Esse cara me preocupava. Esse cara, que usava roupas estranhas, sabia como manejar uma espada, não hesitava em usá-la e olhava para mim como se eu fosse a sua razão de respirar, me preocupava.

Então, continuei falando.

— Você não é uma alucinação.

Alguma ternura vazou dos seus olhos, mas apenas para diversão a substituir, e isso estava longe de ser pouco atraente.

— Não sou isso também, minha pomba.

Minha pomba?

Que diabos?

— Eu tenho uma lesão cerebral? — Perguntei, achando que esta era a única explicação, e seus olhos desceram para a minha bochecha.

A ternura e o humor desapareceram, antes do seu olhar voltar para o meu.

— Veremos.

Essa não era uma boa resposta.

Quero dizer, eu estava incerta sobre uma realidade onde algum cara tinha espancado o Pol, decepado a sua mão e, talvez a cabeça, mas apenas porque haveria muito o que explicar para a polícia. E não me importava com o que o fosse dito sobre mim. Talvez desmembramento fosse um castigo um pouquinho duro para todas as transgressões do Pol. Mas apenas um *pouquinho*.

Não estava certa sobre não ter uma lesão cerebral. Pol tinha infligido uma série de danos ao longo dos anos (pulsos

quebrados, costelas quebradas, concussões, contusões, tornozelos torcidos, etc.), mas nunca me deixou em coma.

Antes que pudesse chegar a um acordo com isto, o novo Pol me deitou gentilmente em uma cama, e era uma cama macia, na qual me senti muito bem (por isso sabia que não era a cama irregular do meu apartamento, que não fazia com que eu me sentisse bem).

Ele murmurou para o aposento em geral, “Luz”, que interpretei como uma ordem para a mulher desconhecida que sentia que ainda estava conosco, porque, dentro de segundos, uma luz fraca iluminou o quarto.

Não tive a chance de processar esta nova impossibilidade, eu estar em uma cama confortável, porque ele se sentou ao meu lado e levantou a mão para apoiá-la na minha bochecha. A ponta do seu polegar estava logo abaixo da carne que ainda ardia, estava dolorida (portanto inchada), onde o Pol bateu com a coronha da arma.

Ah, e se inclinou profundamente, o rosto bem perto do meu, e aquele olhar terno estava lá, novamente.

— Pelo que você passou antes da nossa chegada, Ilsa? — Perguntou em voz baixa, profunda, calorosa e cheia de preocupação.

Tão terna quanto o seu olhar.

Certo. Hora de reavaliar. Estava completamente preparada para me defender quando o Pol me encontrou, por isso, me preparei para cair lutando (se tivesse que fazer, embora, obviamente, essa não fosse a minha preferência). Tinha, até mesmo, atirado no Manny, que era um idiota e um psicótico desprezível, e essas duas coisas não combinavam muito bem, mas ainda não o queria matar (ou qualquer um).

Não estava preparada para o que, diabos, estava acontecendo atualmente.

Por isso respondi: — Uh ...

— Preciso chamar um médico? — Perguntou.

Sabia a resposta para isso. Podiam ter passado vários anos, e aquela coronhada vigorosa doía pra caramba, mas isto era moleza, em comparação com o que o Pol já fez comigo.

— Não, obrigada — respondi, então, estupidamente, virei uma tagarela. — Estou bem. Já estive muito pior. Graças a, uh... *você*, ele não teve a chance de continuar, então vai ficar tudo bem.

Foi a coisa errada a dizer e soube disso instantaneamente.

O olhar terno foi embora. Os olhos verdes como jade ficaram intensos, a mandíbula forte enrijeceu e um músculo tremeu, do queixo até a bochecha.

Oh, Jesus.

Lá estava. Esse era o Pol que eu conhecia e afundei no travesseiro enquanto meu corpo se preparava para fugir.

Ele viu isso e presumi que, como o Pol, ele não deixava muita coisa passar. Ou, com o brilho de inteligência que o Pol não emanava dos seus olhos, não exatamente como esse Pol, talvez ele não deixasse passar *nada*.

— Eu não vou machucá-la, Ilsa — falou entre os dentes cerrados.

— Aham — murmurei de maneira pouco convincente, como qualquer um faria, vendo como eu via a ira nos seus olhos e o ouvindo falar por entre os dentes.

As pontas dos dedos dele pressionaram, com surpreendente suavidade, o meu rosto e ele se inclinou mais ainda.

— Nunca — sussurrou, sua voz ainda feroz e com raiva, mas algo me ocorreu.

Não eram apenas palavras. Também não era uma promessa.

Era um voto.

Que diabos estava acontecendo?

Sabia o que não estava acontecendo. Eu não estava na minha cama. Não havia sirenes de polícia soando. E o verde se foi. Dando um milésimo de segundo à reflexão, aquele verde não estava certo.

Nada estava certo.

Assim, considerando que nada estava certo, sabia que tinha que afastar este novo Pol do meu rosto para que eu pudesse fazer um balanço e preparar um novo plano.

Portanto, sussurrei: — Falou.

Sua cabeça se inclinou ligeiramente para o lado e as sobrancelhas escuras se ergueram.

— Falou? — Perguntou.

Oh, Jesus.

Por que sua voz profunda, falando essa palavra em um tom baixo e confuso fazia minha boca secar, ao mesmo tempo que me fazia querer sorrir, em um momento em que estava longe de ser digno de um sorriso e não era engraçado.

Merda!

Não sabia quem era esse cara ou o que estava acontecendo. O que sabia era que já tinha estado aqui antes. Olhei para aquele

belo rosto, com aqueles lábios fabulosos e o cabelo cheio, escuro, grosso. Olhei para aqueles olhos incríveis que eram jade puro. Sem brincadeira. Eram de um verde tão claro, tão translúcido, tão bonito, que uma vez que você o olhava, nunca mais ia querer desviar o olhar. Tudo isso em um corpo alto, em forma, que deixava meus joelhos fracos e meus mamilos duros.

Anos atrás, olhei para tudo o que ele era e cometi o maior erro da minha vida.

E isso *não* aconteceria de novo, mesmo que estivesse, nesse momento, em coma por causa de uma lesão cerebral atordoante e não estava vivenciando, mesmo, nada disso.

A mão na minha bochecha deslizou até o meu pescoço. Me concentrei nele quando o fez e falou.

— Eu não conheço essa palavra, minha pomba.

Quem não conhecia a palavra “falou”?

Não perguntei.

Expliquei. Rapidamente.

— Significa tudo bem. Bem. Bom. Tudo certo. Neste caso, acredito em você.

— Se acredita, por que ainda se pressiona contra o travesseiro? — Perguntou.

— Hábito? — Disse a palavra como uma pergunta, assim como uma resposta e foi mais um erro.

Seu rosto começou a ser tomado, novamente, pela raiva, então levantei a mão, me protegendo com ela e continuei balbuciando.

— Tudo bem, não fique todo esquisito comigo novamente. Estou legal. Estou bem. Vou relaxar. — Me forcei a relaxar (um pouco) e apontei, indicando a mim mesma com um movimento da mão. — Vê. Relaxada. Estou relaxando. Tudo certo. Estou bem.

— Você está mentindo — falou em voz baixa. — Mente com palavras muito estranhas, mas ainda mente.

Deus!

Precisava me recompor. Embora tenha dito isso suavemente, meu palpite era que ele não gostava de mentirosos (porque ninguém gostava de mentirosos) e eu precisava mantê-lo calmo, não o irritar).

— Eu... — Comecei a tentar encobrir a minha mentira, mas ele me interrompeu.

— Você não sabe onde está ou quem eu sou. Foi chutada e sofreu um golpe no rosto. E você testemunhou...

Fechei os olhos com força e pedi: — Por favor, não vamos reviver aquilo passo a passo.

Seus dedos deram um leve aperto no meu pescoço e abri os olhos. — Eu precisava desarmá-lo, Ilsa — explicou, o tom da sua voz ainda suave.

— Cortando a mão dele? — Perguntei e suas sobrancelhas se ergueram.

Com um olhar assustador.

Oh, oh.

— Você se preocupa com o bem-estar dele? — Perguntou em resposta.

— Eu realmente não me importo com o que acontece com o Pol. Só não queria *ver* aquilo acontecer. E aquilo foi uma merda doentia, mas cortar a cabeça dele...

Ele me interrompeu, as sobrancelhas erguidas, o olhar não menos assustador. — Não cortei a cabeça dele.

Não cortou?

Bem, imaginei que foi por isso que não ouvi uma cabeça batendo no chão.

Pensei nisto por um milésimo de segundo e decidi encarar isso como uma boa notícia.

— E se ele cuidar da ferida e ela for cauterizada, não vai perder a vida por ter a mão decepada — o novo Pol continuou.

Decidi encarar isso como uma boa notícia, simplesmente porque eu era um ser humano e isso era exigido de mim.

O novo Pol, em seguida, concluiu. — Eu bati no lado da cabeça dele com o cabo da minha espada. Ele perdeu a consciência, mas não a vida.

Bem, lá estava.

— Falou — respondi, seus olhos brilharam e sua boca se curvou em um sorriso.

Oh, Jesus.

Essa não era uma aparência assustadora. Era algo totalmente diferente.

— Posso interromper este momento, *chéri*, e sugerir que coloque uma compressa fria, gelo se estiver disponível, carne crua, se não estiver? — A voz feminina e polida veio até nós e fiquei feliz com isso porque o novo Pol se afastou um pouco e virou a cabeça para olhar para as sombras.

Olhei além dele e vi, através da iluminação não muito boa, uma ruiva esbelta em um vestido verde fabuloso e as mais fabulosas sandálias plataforma verdes, com saltos altíssimos, da

cabeça aos pés tão escorregadia e cortês, como a voz dela levava a crer.

— O rosto dela está inchado. Não deve ser tarde demais para o gelo conter um pouco do inchaço — ela continuou e o novo Pol se levantou em um flash.

— Vou cuidar disso imediatamente — afirmou, se movendo rapidamente, a capa balançando dramaticamente atrás dele (a qual, estranhamente, mas impressionantemente, estava fixada transversalmente ao longo das suas costas – por cima de um ombro e debaixo do outro) e, em seguida, balançou novamente quando ele parou e se virou para mim. — Descanse. Voltarei em breve — ordenou, em seguida, olhou para a ruiva e continuou. — Cuide dela até eu voltar.

Depois de emitir as suas ordens, desapareceu nas sombras e ouvi uma porta abrir e fechar.

Meus olhos se deslocaram para a mulher.

Quando o fizeram, a vi se movimentando nas sombras, mas voltou para o círculo de luz fraco puxando uma poltrona elegante com ela, posicionando-a perto da cama.

Sem dizer uma palavra, desapareceu novamente nas sombras. Olhei na direção em que ela desapareceu, meu foco sobre ela e no que podia vir em seguida nesta bizarrice toda,

notando vagamente que estava em uma cama um pouco grande demais, com um cabeceira curvada que tinha um acolchoado de cor clara sobre ela, que era tão elegante quanto a poltrona. Constatei também que a colcha na qual estava deitada era de cetim (cetim!), e parecia, sob a luz fraca, ser de algum tom de azul.

Ela reapareceu carregando duas taças cheias de vinho tinto. E não eram apenas taças de vinho. Como a cadeira, a cabeceira e a colcha, eram delicada e elegantemente gravadas, e graciosamente lapidadas.

Conhecia as coisas boas. Tinha degustado champanhe e descoberto as coisas boas da vida com grande energia e muita atenção. Por era igualzinho a mim e vivia uma vida onde tinha certeza de obter o melhor para si mesmo, e, por extensão, para mim.

Então, sabia que tudo à minha volta *não* era, definitivamente, o meu pobre apartamento, com mobília barata, em um bairro de nível baixo.

Só não sabia onde estava.

Ou como cheguei lá.

Ela colocou um copo de vinho em uma mesa de cabeceira ao lado da cama e se sentou, provavelmente, como uma bailarina

que se livrava de um peso (não que já tivesse visto isso, mas mesmo assim). Lentamente, cruzou as pernas e os joelhos tombaram para o lado, mas suas costas e os ombros ficaram em linha reta, então parecia que estava posando para um retrato, não relaxando para uma conversa.

— Vinho Fleuridiano — murmurou, inclinando a cabeça ligeiramente para a taça sobre a mesa de cabeceira, durante esse tempo, levando a dela até os lábios. — Tome um pouco. É excelente.

Nunca tinha ouvido falar de vinho Fleuridiano.

Não perguntei. Também não peguei a taça de vinho.

Encarei seu olhar.

Ela tomou um gole do vinho sem desviar o meu olhar.

Em seguida, abaixou a mão lentamente, para apoiá-la contra o braço da cadeira e continuou a encarar meu olhar.

Por fim, anunciou: — Eu sou Valentine Rousseau. Como você, não sou deste mundo. Moro em New Orleans. E sou uma bruxa.

Olhei para ela, sentindo meus lábios se abrirem e pensando em uma palavra.

Fabuloso.

Capítulo Dois

Profundo Ao Extremo

— Não é deste mundo? — Perguntei baixinho quando ela não continuou.

Assentiu com a cabeça, mas disse: — Eu aconselharia, bela Ilsa, que ouça atenta e rapidamente, e entre em acordo com tudo o que estou prestes a lhe dizer. Tenho pouco tempo antes do Ulfr voltar. Ele vai querer se assegurar que seja cuidada, mas não vai querer estar separado de você por muito tempo.

Ignorei isso e repeti: — Não é deste mundo? — Então continuei, sem dar a ela chance para responder. — O que é este mundo? E você é uma bruxa? O que isso significa?

— Vamos começar do início — ela ofereceu.

— Essa seria uma boa ideia — respondi, deslizando para cima na cama, para apoiar meus ombros na cabeceira, e consegui fazer isso com apenas um pouco de dor.

Ela observou enquanto eu me movia e seus olhos se estreitaram ligeiramente, como se eu a tivesse surpreendido.

Mas não falou nada sobre isso.

Começar desde o início, que devia ter sido uma bênção, acabou se tornando meio que uma maldição. Ou, se não uma maldição no sentido mais estrito, foi definitivamente estranho, confuso e talvez não tão bom.

— Pertencço a uma longa linhagem de bruxas — ela começou. — E quando digo isso, *chérie*, quero dizer que o meu povo tem praticado o ofício em Nova Orleans por séculos e antes disso o praticávamos na França. Antes, em Roma. E antes disso... Egito.

Visões de rostos que tomam forma em tempestades de areia e enormes exércitos de gigantescos besouros rastejando por todo o lugar no filme *A Múmia*, explodiram na minha cabeça enquanto eu piscava, em choque, diante do que ela estava dizendo.

Então tomei a melhor decisão em um longo período de tempo. Estendi a mão para a taça de vinho, a peguei e tomei um grande gole.

Enquanto fazia isso, Valentine continuou. — Portanto, o ofício está sendo passado através da minha linhagem por milênios, sou poderosa. *Muito*. Este poder me dá a capacidade de me mover entre os mundos, o que é muito difícil e consome uma enorme quantidade de magia. E, com a força nascida em mim através de incontáveis gerações de bruxas, posso não só me

mover à vontade e tantas vezes quanto quiser, também posso mover os outros.

Mover-se entre os mundos.

Oh, Jesus.

Já estava pronta para ela terminar, mas, infelizmente, ela continuou.

— E você vai ver, é claro, olhando à sua volta, que não está mais no nosso mundo. Está em um universo paralelo. Especificamente, Fleuridia, o meu país favorito nas Northlands. Embora, só para dizer, não tenho favorito nas Southlands. — Deu um ligeiro tremor que foi apenas um ligeiro movimento, mas mostrou tudo sobre o que as malditas Southlands eram. Em seguida, concluiu. — E você deve ter notado que, neste universo paralelo, temos gêmeos, assim como já conheceu o gêmeo do seu marido.

Ok.

Sério.

Quão forte o Pol tinha me atingido com aquela arma?

— Vejo que não acredita em mim — declarou, me mostrando que eu não estava escondendo nada da minha reação. — E isso é o que desejo que resolva com rapidez, pois falo a verdade.

Quando parou de falar, ergui os olhos para ela e falei.

— Deixe eu ver se entendi. Vinte minutos atrás, estava fugindo do meu marido, um marido *realmente* não muito bom. Estive fugindo por anos. Ele me encontrou e começou a fazer o que faz de melhor, ou seja, infligir dor. Então você e esse outro Pol apareceram, vindos de outra dimensão. O outro Pol usa roupas de capas de romances e também não hesita em cortar a mão do Pol da minha dimensão e bater na cabeça dele com o cabo da sua espada. Depois disso, você nos transportou para onde quer que seja aqui, um lugar que tem gêmeos das pessoas da nossa dimensão, camas muito confortáveis e realmente adoráveis taças de vinho.

— Nós não estamos em outra dimensão, *chérie* — ela corrigiu. — Estamos em um *universo paralelo*.

— Há alguma diferença? — Perguntei.

— Oh, sim — respondeu. — Só há um universo paralelo, mas há muitas dimensões diferentes e você não quer ir para qualquer uma delas. — Seu lábio se curvou em um sorriso de escárnio refinado que, não importava quão assustada eu estava, tinha que admitir que era completamente legal. — As criaturas de lá... — sua voz sumiu enquanto balançava a cabeça.

— Bem, obrigada por não me levar para outra dimensão — murmurei e sorvi mais um razoável gole de vinho.

Ela se inclinou ligeiramente para frente, mais uma vez encarando meu olhar e sua voz suave estava muito séria quando declarou: — Ilsa, isto não é uma brincadeira. Não é uma alucinação. Não é um sonho. Isso é real. Tudo o que você vai vivenciar nos próximos dias e semanas vai parecer muito estranho e você deve se preparar para aceitar e se adaptar. Rapidamente. Dito isto, você está aqui, agora, está segura e não vai voltar. Mas diante do que está por vir, é importante que se adapte rapidamente às suas novas circunstâncias.

Isso não pareceu muito bom. Nada disso parecia, para ser honesta. Mas, *realmente*, não parecia.

— Com o que está por vir? — Perguntei quando ela não explicou.

Balançou a mão que não estava segurando a taça de vinho. — Isso não é para agora. O que deve entender agora é que está a salvo aqui, deve aprender a confiar nisso, e, — se inclinou mais ainda na minha direção — o homem que acabou de sair deste aposento não é o Pol que você conhece. Ele é Apollo Ulfr, da Casa dos Ulfr, do país gelado do Norte, Lunwyn.

— Pol também é Apollo Ulfr da, humm... Casa de Ulfr, acho, mas da cidade chuvosa de Portland — brinquei, talvez ficando um pouco histérica (e quem iria me culpar?).

— Mais uma vez, isso não é divertido. — Sua voz tinha uma veia de impaciência. — Isso é real. E você deve compreender que estes dois não são o mesmo homem — ressaltou.

— Entendi isso — murmurei e tomei outro gole de vinho.

— *Chérie* — Se inclinou ainda mais e seus olhos ficaram meio que assustadores — eles *não...* são... o mesmo homem.

Ela estava fazendo com que eu pirasse, e era um pirar que não parecia ser assim tão incrível.

Assim, a única coisa que pude fazer foi sussurrar. — Falou.

Ela me estudou por um momento, antes de recostar. — Vai ser difícil, com o que sofreu na mão do outro Apollos, se lembrar disso. Mas não esqueça.

— Você deixou bem claro — assegurei.

— Não deixei — ela discordou. — Veja, em cada mundo as pessoas iguais vivem, mas não são as mesmas.

— Você já disse isso — lembrei a ela, imaginando como ela achava que eu podia esquecer, considerando que ainda estávamos falando sobre isso.

— Não, bela Ilsa, você está muito afetada por tudo o que ocorreu para considerar tudo. Se existem dois Apollos, então existem duas Ilsa.

Oh, oh.

Nada bom.

Ela ainda não havia terminado.

— Infelizmente, a Ilsa deste mundo não é mais *deste* mundo. Ela já morreu.

Meu Deus.

A outra eu estava morta?

Que droga!

Valentine ainda não havia terminado, mas proporcionou um colossal grand finale.

— E ela era a esposa do Apollo deste mundo.

Oh, Jesus.

— Caramba — sussurrei.

— Verdade — respondeu.

— Não entendo — disse a ela. — O que isso significa?

E, então, soube o que significava; meus olhos voaram para as sombras, onde ouvi a porta abrir e fechar quando o Apollo saiu, então olhei novamente para ela.

— Merda, ele acha que ela sou eu? Ou eu sou ela? Ou... — abri as mãos — o quê?

— Não. Está ciente dos gêmeos. Sabe que você não é ela. Mas isso não o impediu de contratar meus serviços para encontrá-la e trazê-la até ele. Meus serviços estão longe de ser baratos, *chérie*, o alertei da sua situação no nosso mundo e que você poderia não o receber muito bem. Mas ele estava muito determinado.

Nada disso era bom. Era estranho. Bizarro. Inacreditável. *Fantástico.*

E não estava ficando melhor.

— Não estou certa de que isso seja bom — compartilhei meu entendimento.

— Concordo. Não sei como a outra Ilsa morreu. Não sei quando ela morreu. Sei que já faz algum tempo. E também sei que, nesse tempo, a dor dele não desvaneceu. De modo algum.

A ternura que vi nos olhos dele.

E a dor.

Sim. Isto não estava ficando melhor.

— Eu não sou ela — sussurrei.

— Estou ciente disso — ela respondeu, não em um sussurro.

Encaramos os olhos uma da outra. Quando não aguentei mais, tomei mais um grande gole de vinho, ajeitei os ombros contra a cabeceira da cama e olhei para ela novamente.

— Então, estou em um universo paralelo, a salvo do Pol, o que é bom, normalmente, mas agora é melhor porque ele vai ficar seriamente chateado, já que não tem mais uma mão, como qualquer um ficaria, mas o Pol vai levar isso até o extremo. E o extremo dos seus extremos, no meu palpite, seria catastrófico. E estou com o *outro* Pol, que não é Pol, mas Apollo, que me trouxe para cá para ocupar o lugar da sua esposa morta.

Ela balançou a cabeça novamente.

— Não confunda esse homem com um homem que permitiria que o sofrimento nublasse seu intelecto — alertou. — Foi impelido a trazê-la para cá, mas também está muito consciente de que você não é a mulher que amou e perdeu. Não sei as intenções dele em ter você aqui. Sei apenas que é um homem de caráter. Um homem honrado. Um homem muito corajoso. E, por último, um homem que tem sentimentos profundos. Mais profundos do que a maioria. Eu iria mais longe ao dizer, profundos *ao extremo*, mesmo que raramente mostre isso.

Estava achando que isso era bom e ruim. O outro Pol também era profundo ao extremo e seus extremos não eram bons.

Mas o Pol que eu conhecia não tinha problemas em mostrá-los. Eu é que tinha um problema com a forma como ele os demonstrava.

Esta era uma responsabilidade muito grande, mas estava começando a achar difícil me concentrar. Quer devido ao golpe no rosto ou à minha adrenalina baixar, de repente, eu estava apagando.

Valentine viu e senti a taça de vinho ser retirada da minha mão.

Pisquei para ela, o sono chegando tão rapidamente que não era normal e sabia que não era nenhuma queda de adrenalina.

Meus olhos foram até a taça de vinho.

— Se acomode, *ma chérie* — murmurou, apertando o meu ombro, então não tive escolha, apenas deslizar novamente para baixo, na cama.

— Você me drogou — acusei.

Ela não negou.

Em vez disso, falou: — Dormir é bom. Amanhã, estará descansada e vai poder entender melhor tudo o que está acontecendo e se acostumar com o seu entorno.

— Você me drogou — repeti, minhas palavras agora saindo ligeiramente arrastadas, o que quer que ela me deu funcionava rápido.

— É para o seu bem.

Alguém drogar você sem o seu conhecimento não era o para o seu bem. Talvez para o bem *dela*, mas não para o meu.

— Você—

— Durma — sussurrou.

— Mas...

Eu a ouvi suspirar, mas não disse mais nada porque, contra a minha vontade, fiz o que me foi dito e dormi.

* * * * *

Recuperei a consciência lentamente quando o meu corpo foi movido.

Ainda estava, na maior parte, dormindo, mas podia afirmar que a pessoa que estava na cama comigo, não apenas se juntou a mim. Estava mudando de posição e me levando com ela.

Não sabia como estávamos antes, mas quando terminou de se acomodar, eu estava prensada no seu lado, meu rosto apoiado no seu ombro. Enquanto lutava para recuperar a consciência, dedos envolveram o meu pulso e puxaram o meu braço para cima do estômago liso.

Senti pele quente e macia sobre músculos firmes, praticamente, em todo lugar.

Merda.

Era muito ruim não conseguir protestar. Mas estava tão apática que não conseguia me mover.

Mas conseguia falar.

— Pol? — Murmurei e o braço que me segurava contra ele enrijeceu enquanto a mão que estava no meu pulso deslizou até o meu braço, para me abraçar.

— Não — ele grunhiu com firmeza.

— Apollo — sussurrei.

Isso me rendeu um aperto de ambos os braços.

— Sim — respondeu baixinho desta vez. — Durma, minha pomba.

Oh, Jesus.

Cuidadosamente, com a voz tão sonolenta e vacilante quanto o meu cérebro, falei baixinho: — Não acho que sou sua pomba.

Sua resposta foi imediata. — Você é a minha pomba.

— Eu...

Outro aperto dos braços, e isso não podia ser confundido com qualquer outra coisa além de “fique quieta”, antes de dizer: — A pomba tem grande beleza, mas é facilmente destruída.

Isso era legal e tudo, até mesmo poético, embora um pouquinho assustador, e por último, completamente verdadeiro.

Que seja.

— Mas—

— Ela era a “minha beleza” — sussurrou, uma dor na sua voz que fez o meu estômago doer, minha garganta formigar e me sentir muito mal, não importando quão fora disto eu estava.

Ele sabia que eu sabia.

E sabia que eu não era ela.

Diante daquela dor, não sei por que fiz isso, mas me aninhei ainda mais perto enquanto sussurrava em resposta: — Sinto muito.

Diante das minhas palavras, seu corpo ficou imóvel por um breve momento antes de se virar para mim e me aconchegar ainda mais perto enquanto murmurava: — Assim como eu.

— Por que você...?

Ele me interrompeu novamente, falando: — Eu não pude salvá-la.

Oh, Jesus.

Ele continuou. — Mas eu posso te salvar.

Oh, Jesus.

— Apollo—

— Durma.

— Eu—

— Conversaremos mais tarde. Agora, durma.

Tinha em mente perguntar sobre os arranjos para dormir. Também tinha em mente lhe agradecer por me salvar do Pol. Mesmo sendo de forma exagerada e terrível, ainda o fez. Tinha, ainda, o desejo de explorar esta coisa de universo paralelo um pouco mais, mas vendo como estava grogue, e ainda estava lá com ele, obviamente, havia um lugar para estar.

Mesmo que tivesse tudo isso em mente, infelizmente, pisquei para afastar o sono de uma forma que não funcionou,



pois, quando minhas pálpebras se fecharam, permaneceram assim.

Capítulo Três

Cuidado Com O Que Deseja

Senti a luz do sol contra as minhas pálpebras, então as abri.

Quando o fiz, vi um mar de lençóis de cetim de um lilás profundo, coberto por uma colcha de cetim acolchoada azul piscina. Além deles, uma vasta extensão de quarto que levava a uma parede, na qual havia quatro conjuntos de portas francesas em arco todas cobertas por finas cortinas de um branco imaculado. A madeira trabalhada era pintada de marfim. As paredes, de um azul pálido.

Entre o segundo e o terceiro conjunto de portas havia uma mesa no estilo provençal², e sobre ela, um grande vaso de vidro facetado, do qual explodia um arranjo enorme de hortênsias, a maior parte delas de um delicado azul, com algumas lilases escuras e outras cor de creme, criando um impressionante, mas belo, contraste.

Era um quarto que nunca tinha visto antes. No entanto, tinha acordado nele.

² A decoração provençal tem sua origem na região da Provença, que fica ao sul da França, com móveis torneados. A presença da cor lilás é bem marcante, isso porque na Provença existem extensos campos de lavanda.

Levantei da cama, murmurando — O que—?

Em seguida, tudo retornou.

Universo paralelo.

O gêmeo da semente ruim, o Pol, um cara legal (talvez).

E uma bruxa de New Orleans.

— Merda — sussurrei, sentindo o inchaço no rosto e a dor nas costelas, ambos muito reais. E também sentindo a cama macia debaixo de mim, os lençóis de luxo contra a minha mão, sabendo que tudo aquilo tinha acontecido.

Tinha acontecido.

Olhei ao redor do aposento.

Como havia meio que observado ontem à noite, estava em uma cama grande, maior do que uma queen, mas não tão grande quanto uma king. A cabeceira e os pés esculpidos com arcos, ambos acolchoados e com botões, com um tecido macio, a madeira em torno deles pintada de marfim.

Havia duas mesinhas de cabeceira, ambas no estilo provençal, a madeira trabalhada e ornamentada com gravuras.

Nelas – me inclinei para o lado com cuidado para olhar mais de perto, havia o que pareciam ser extravagantes lamparinas a óleo, as bases de prata brilhando, os globos leitosos, adornadas

com babados e belas gravações. A minha taça de vinho pela metade ainda estava lá e, sob a brilhante luz do sol que fluía através das cortinas, a taça era ainda mais extraordinária.

Me sentei e continuei a analisar o aposento.

Um enorme guarda-roupa cor de marfim com quatro portas, mais entalhes e arcos no topo. Uma larga cômoda baixa, com nove gavetas, as três do meio mais estreitas do que as seis dos lados, todas as suas frentes ostentando curvas ondulantes.

Havia um outro buquê de hortênsias no tampo, este ostentando, em sua maioria, flores brancas com algumas azuis claras, adicionadas para criar um contraste. Em ambos os lados, lamparinas com globos leitosos, mais altas do que as que estavam no criado-mudo, mas, ainda assim, similares.

Em cima da cômoda também havia uma garrafa elegantemente ornamentada, meio cheia de vinho, com duas taças de vinho vazias, tudo acomodado em uma bandeja de prata com uma borda drapeada.

Virei a cabeça e vi, no canto mais distante, uma penteadeira no estilo barroco, com um espelho de três lados e um banquinho na frente, com uma almofada acolchoada de veludo lilás. No topo não tinha nada, nenhuma garrafa, nenhum vaso, mas a peça não precisava de adornos. Ainda assim, ficou claro que não era utilizada.

Virei a cabeça para o outro lado e vi uma poltrona tipo chaise coberta com veludo azul claro na sala de estar, com um encosto em forma de arco e braços e pés deslumbrantes, colocada em diagonal, virada para a vista do lado de fora das portas francesas. Em frente às portas, do outro lado, havia um arranjo de duas poltronas, incluindo a que a Valentine tinha sentado que, claramente, tinha sido movida para o lugar. Uma mesa estava entre elas, com outro vaso menor preenchido com hortênsias roxas.

Os pisos de madeira estavam cobertos por tapetes com desenhos intrincados, mas elusivos, em tons suaves de azuis, roxos, cremes e cinzas.

E nas paredes havia mais arandelas com globos leitosos entremeadas com esboços feitos a lápis, com molduras negras, de mulheres usando trajes fabulosos, chiques, mas antigos, para a noite, para o dia e de passeios ao ar livre (reconheci estes últimos, porque havia chapéus e guarda-sóis espalhados ao redor).

O quarto era exuberante, mas elegante. Opulento, no entanto, ainda de bom gosto. Era muito mais do que tudo o que já tinha visto neste estilo de decoração – mais complexo nos entalhes, as linhas arrebatadoras mais delicadas, as cores luxuriantes. Na verdade, era inteiramente além de exagerado. Mas, estranhamente, conseguia ser gracioso, não berrante.

Concluí a análise do aposento pensando, “*ok, isso pode não ser tão ruim* – a aparência das lamparinas a gás, o entendimento que o Apollo era hábil com uma espada, que Valentine teve que apontar que o revólver era uma arma mortal e o que isto podia significar, apesar de tudo.

Estava prestes a lançar as cobertas para o lado, sair da cama, procurar um banheiro (esperava que tivessem) e dar uma olhada no meu rosto, que sentia estar pior do que o normal, quando a porta se abriu.

Minha cabeça se moveu naquela direção e vi Apollo entrar.

Ainda estava usando aquelas roupas de herói de capas de romances.

Mas estas eram melhores.

Calça marrom escura, que se encaixava muito bem, e com isso quis dizer, como uma maldita *luva*. Deixava praticamente nada para a imaginação e o que deixava para a imaginação, as partes que não mostrava, diziam que o resto podia ser nada além de *perfeição*.

E, novamente, isto provava que ele era todo o Pol porque, pelo menos na aparência, Pol era tudo isso, de cima a baixo. Era apenas todo o resto que fazia dele um idiota.

Parei de pensar no Pol e segui as calças do Apollo até as botas marrom escuras, que estavam brilhantes como se alguém tivesse cuidado delas, mas não eram usadas por causa de alguma moda. Eram, apenas, *usadas*.

Meus olhos subiram, e lá havia uma camisa creme, de mangas largas e gola alta, claramente destinada para alcançar o alto do seu pescoço e tampar sua garganta, possivelmente com um daqueles lenços finos de pescoço, mas ele usava o colarinho aberto na garganta, expondo a dura coluna, criando um milagre. Porque, diante da visão da sua garganta, esqueci a calça.

Desviei os olhos do pescoço dele para olhar o seu rosto.

Sim, este era o Pol poderoso.

Ou, Apollo poderoso.

Pol não chegava aos pés desse cara.

Nem mesmo perto.

Vi seu olhar deslizar sobre mim e ele virou a cabeça na direção da porta que havia acabado de atravessar.

Olhei para o travesseiro ao meu lado, que estava amassado onde a cabeça dele tinha descansado durante a noite, pensando distraidamente em quão tarde era e quanto tempo tinha passado, vendo como ele estava vestido e já tinha saído para enfrentar o dia.

Então olhei novamente na sua direção e vi que ele não era o único que estava no quarto.

Uma tropa de mulheres estava com ele. Parei de contar na sexta (e *talvez* estivesse na metade), quando ele começou a falar.

Ou, mais precisamente *comandou*, seu olhar em uma das mulheres. — Ela precisa ser banhada e vestida. Tome as suas medidas, para que você possa começar a criar seu vestuário, sem demora. Vai ter uma semana para fornecer um guarda-roupa que irá atendê-la nas viagens, em terra e no mar.

Uh.

O quê?

Ele ainda não havia terminado.

— Envie uma carta para Lunwyn, urgentemente. Eles precisam se preparar para a sua chegada. Iremos rapidamente para Lunwyn, então informe-os que eles têm dois meses.

Espere.

Demorava dois meses para chegar a Lunwyn?

Dois meses?

Ele se virou para mim, deu dois passos em direção à cama, mas parou, o que o deixou há cerca de três metros de distância.

Seus olhos não demonstraram nada quando caíram sobre mim, o que achei estranho, mas não tive muito tempo para pensar em quão estranho era, porque ele continuou a falar, imediatamente.

— Obviamente, eu não estava preparado para a sua chegada e, na sua condição atual — olhou para o meu rosto, em seguida, novamente para os meus olhos — as crianças não devem ver você.

Todo o ar fugiu dos meus pulmões e, devido à falta de oxigênio, começaram a queimar.

Crianças?

Pareceu não notar a minha reação, então continuou.

— Na verdade, tinha planejado cuidadosamente a maneira como seria apresentada a eles, portanto, você pode viajar separadamente, para que eu possa ter tempo para prepará-los. Não devemos demorar a ficar juntos, no entanto, pois as bruxas são coniventes com Baldur, e qualquer golpe que pretendem aplicar, é, possivelmente, iminente. Precisamos nos apressar para chegar na propriedade dos Ulfr em Lunwyn, onde posso deixá-la com as crianças em segurança e me reunir com Frey, Tor e o Dax.

Claramente pensava que a Valentine tinha dito muito mais durante a nossa conversa na noite passada, porque não tinha ideia do que estava falando, mas ele parecia pensar que eu tinha.

Mas não perguntei.

Eu ainda estava presa nas crianças.

Portanto, sussurrei: — Crianças?

— Sim — respondeu com naturalidade.

— *Suas* crianças? — Forcei as palavras a saírem.

A expressão neutra terminou e ele pareceu levemente impaciente. — Sim. Minhas crianças. Christophe e Élan.

Christophe e Élan.

Um menino e uma menina.

Ou talvez dois meninos (nunca tinha ouvido o nome Élan).

Não importava.

Crianças.

O Apollo deste mundo e sua falecida Ilsa tiveram filhos.

Dois.

Dois filhos.

De repente, tive certeza que ia vomitar, mas, felizmente, ele falou de novo, então tive algo para me concentrar e poder engolir.

— Essas mulheres são criadas e costureiras. Elas irão atendê-la.

Não precisava de criadas nem costureiras. Nem sequer precisava mais de um banheiro.

Precisava da Valentine. Exatamente *agora*.

Então perguntei: — Onde está a Valentine?

— Não sei. Ela desapareceu na noite, como é de costume.

Desapareceu?

Por quê?

Merda!

— Uh... acho que ela deixou de falar muita coisa ontem à noite — informei a ele.

— Estou atrasado para chegar na escola das crianças. Você e eu vamos conversar mais tarde. Mas já vou avisá-la, vou ter pouco tempo. Há muito a ser feito antes de embarcar na nossa jornada, então pense sobre as suas perguntas e use esse tempo com sabedoria — afirmou e se virou para sair.

Espere.

Espere um segundo.

Quem era esse cara? E onde estava o cara todo carinhoso e amável, interessado e feroz?

— Espere! — Falei quando ele estava quase na porta.

Ele se virou para mim, definitivamente impaciente, agora. — Ilsa, como eu disse, estou atrasado, pois ainda estou longe. Eu devia ter saído há meia hora.

— Eu... — Hesitei e inclinei a cabeça para o lado. — Você está bem?

Sua impaciência sumiu, a máscara sem expressão sumiu do seu rosto e ele respondeu: — Vou estar, se me deixar ir pegar os meus filhos.

— Certo — falei baixinho. — Claro.

Ele não demonstrou ter me ouvido. Nenhum aceno de cabeça, uma elevação do seu queixo ou qualquer coisa.

Simplesmente se virou e saiu pela porta e, sem pausa, a tropa das mulheres correu para frente e avançou sobre mim.

* * * * *

Era tarde da noite.

Depois que Apollo saiu, tiraram minhas medidas e, em seguida, fui levada para uma sala no fundo do corredor, que,

felizmente, tinha um biombo, com uma paisagem encantadora com pessoas fazendo piqueniques pintada nele, atrás do qual, infelizmente, havia um penico.

Não estava empolgada sobre o negócio do penico, mas não era algo natural para mim, ficar nas pontas dos pés sobre as hortênsias (ou o que quer que fossem) para responder ao chamado da natureza, então o usei.

O aposento também continha uma banheira de porcelana fabulosa, com pés em formato de garras feitos de prata e laterais altas.

Era seguro dizer que eu estava empolgada com *ela*.

As meninas saíram e me foi permitido tomar banho sozinha, mas notei que não havia encanamento, embora houvesse um ralo. Ainda assim, a água estava quente, o shampoo tinha cheiro cítrico, o sabonete tinha cheiro de lavanda, e a toalhinha de banho era um pouco áspera, parecida com uma bucha.

Quando saí, agarrei a toalha que deixaram em um banquinho perto da banheira. Não era de veludo, mas era macia e absorvente, e em um tom de azul fabuloso.

Também deixaram um robe. Era feito de seda amarela bem clara, enfeitado com rendas delicadas.

Ok, era seguro dizer que estava ficando cada vez mais animada.

As mulheres voltaram (três delas), escovaram meu cabelo até estar quase seco, então o prenderam em um rabo de cavalo frouxo. Aplicaram uma maquiagem leve, tendo o cuidado com a bochecha machucada (o aposento com a banheira também tinha um espelho oval com bordas recortadas na parede; olhei para ele e vi que meu rosto não estava bom, mas, ainda assim, mesmo tão forte quanto doía, já tinha estado pior).

Elas também me deram roupas de baixo (nada de sutiã, apenas calcinhas de renda branca e eram como as calcinhas do meu mundo, exceto que *muito melhores*).

Em seguida, me ajudaram a colocar um vestido que não ficou perfeito, era um tamanho maior, mas adorável, da mesma forma. Um tecido de gaze sobre um fenomenal crepe da china, também na cor de um pêssgo maduro. Tinha uma gola baixa que mostrava um decote grande, um corpete justo que levava a uma cintura império e as saias deslizavam até os meus pés, a parte de trás delas terminando em uma pequena cauda incrível.

Depois que coloquei o vestido, me deram quatro diferentes pares de sapatilhas, as quais experimentei (eram todas lindas, duas bordadas, uma com uma curva plana perto do dedo do pé e uma de cetim liso). Mas nenhuma delas serviu (três muito

pequenas, uma grande demais), então fiquei com os pés descalços.

E, por último, me trouxeram o café da manhã, que continha croissants, compotas, frutas e, felizmente, café.

Em seguida, saíram.

Tentei falar com elas, mas elas falavam uma língua que parecia ser francês e pude entender o que *tout de suite* e *chérie* significavam, mas escolhi espanhol no ensino médio, então não entendi o resto.

Já que o Apolo tinha falado com uma delas em inglês, então presumi que ele sabia que ela o entendia, tentei pedir para ela voltar enquanto saía com as mulheres com a fita métrica.

Isso me trouxe sorrisos, inclinações de cabeça, sobrancelhas erguidas e ombros encolhidos, então pensei que estavam no mesmo barco que eu e não faziam a mínima ideia.

Então, desisti.

Depois que comi, vaguei para as portas francesas e as puxei para abrir um conjunto.

Então dei um passo para trás e fiz uma careta.

Não foi uma careta de dor.

Estremeci, porque o campo extenso era de um verde tão verde, de um verde tão extraordinariamente belo, que era difícil acreditar.

Na verdade, era tão bonito, que não parecia natural.

Pisquei cautelosamente várias vezes e saí para a varanda.

A vista era diferente de qualquer outra que já tinha visto, e eu tinha viajado com o Pol, bastante.

Mas nunca tinha visto nada parecido com o que estava vendo agora. Esse verde tão verdejante. A faixa suave e preenchida com vento que era flanqueada em ambos os lados por uma profusão de flores silvestres tão brilhantes, sua justaposição tão gritante contra o verde, que era irreal.

E esse verde parecia ir além e além, cortado apenas por um campanário no topo de uma igreja de pedras cor de ferrugem suave e, em frente a ela, a alguma distância, um grande trecho de fileiras cheias do que parecia ser lavanda.

Mas, à distância, o verde escurecia, no que parecia ser uma floresta que subia, em parte, até algumas montanhas recortadas de forma irregular, suas pedras de um cinza escuro, que era iluminado por sulcos profundos, que chegavam quase até a linha das árvores, as fendas preenchidas com neve.

Era fenomenal. Incrível.

De outro mundo.

— Meu Deus — sussurrei, finalmente acreditando, sem dúvida nenhuma, que estava em um universo paralelo.

Não havia nada como isso no meu mundo e não conseguiria criar isso em um sonho. Ninguém conseguiria criar isso em um sonho, era nada menos que fenomenal.

Estava determinada a dar um passeio e vê-lo de perto, mas decidi fazer isso no dia seguinte (se não tivéssemos “partido”, a propósito). Após a atividade da manhã, minhas costelas estavam me matando, meu rosto não estava nada bom e eu não falava francês (ou o que quer que fosse), então não podia perguntar para as meninas se tinham ibuprofeno ou aspirina.

Em vez disso, desfrutei daquela visão até que ela se dissolveu na minha frente quando dois nomes vieram à minha mente.

Christophe e Élan.

Fechei os olhos com força e respirei profundamente, do tipo da que tinha praticado uma e outra vez durante os últimos onze anos que o Pol tinha estado na minha vida. E inspirei fundo, como aprendi a fazer, e quando fazia direito, controlava a emoção que não podia me permitir sentir.

Abri os olhos, me controlando, e deixei minha mente vagar.

Christophe e Élan.

Nunca daria esses nomes aos meus filhos.

Mas Pol daria. Ele nomearia nossos filhos dessa forma, com certeza. E Pol, sendo Pol, mesmo se eu tivesse escolhido os nomes, iria nomeá-los do que diabos ele quisesse.

Infelizmente, ele perdeu a cabeça com algo que não me lembrava – mas quando fazia isso, as razões nunca eram, realmente, importantes – e me arrancou o couro quando eu estava grávida de sete meses, portanto, perdi o nosso menino.

E tinha abortado no sexto mês e perdido a nossa menina.

Isto tinha me proporcionado os únicos espaços longos de tempo com o Pol que não o incluíam perdendo a cabeça com frequência. Sendo o maior idiota que já conheci na vida, mesmo ele não era um idiota assim tão grande para me culpar por ter perdido nosso filho, após ter me batido até quase morrer e eu, finalmente, ter caído no chão e rolado as escadas de tijolos que levavam à nossa fabulosa piscina.

Então me tratou como se eu fosse cristal durante meses depois disso.

Até que parou.

E mesmo o Pol tinha me amado o suficiente, à sua maneira, para voltar aos ternos cuidados quando descobri que estava

grávida de novo, me dando o primeiro indício, desde que me mostrou o verdadeiro Pol quatro meses depois que nos casamos, que, talvez, pudesse mudar e nós seguiríamos adiante.

Além disso, ele sabia que eu tinha ficado arrasada quando fui tão longe com a nossa menina e a perdi, então ele continuou a agir assim.

Até que parou novamente, quebrando, para sempre, qualquer ilusão de que poderia mudar e nós seguiríamos adiante.

Um ano depois, tudo cuidadosamente cronometrado, tudo cuidadosamente planejado, eu tinha escapado.

Agora, estava aqui.

Meus olhos estavam abertos, mas não enxergava a vista que se descortinava de todos os lados.

Não via nada além do Apollo deste mundo dizendo que prepararia seus filhos para me conhecer, algo que seria difícil para eu fazer.

Porque, se ele era o Pol deste mundo, e eu era a sua Ilsa, então seus filhos...

Balancei a cabeça e respirei profundamente outra vez, me controlando.

Exalando, decidi que isso não podia acontecer. Tinha que haver diferenças entre os mundos e, obviamente, havia. Pois o Apollo e a Ilsa deste mundo tinham filhos, e Pol e eu não.

Seus filhos não eram o que os nossos filhos teriam sido.

De jeito nenhum.

Paguei um preço muito alto pela minha indulgência, pelo materialismo e a avareza. Nenhum Deus em qualquer universo me faria pagar *este* tipo de preço.

Afastei os pensamentos disso e comecei a me perguntar quando a mãe das crianças do Apollo morreu – se eram jovens e não se lembravam dela ou se lembravam.

E se lembravam, não acho que era uma boa ideia, me conhecerem.

De fato, seria cruel. Ele tinha se mostrado inexpressivo e impaciente naquela manhã e na noite anterior, tinha ficado, mais de uma vez, seriamente assustador, então estava supondo que havia nele um lado cruel. Mas não conseguia achar nenhum motivo para acreditar que o homem que conheci na noite anterior fosse cruel com os seus próprios filhos.

Tive que afastar a minha mente destes pensamentos e do meu futuro. Nenhuma resposta vinha de se preocupar e

imaginar. Aprendi isso há muito tempo. Respostas vinham de considerar alternativas e executá-las.

Eu só tinha que esperar.

Deixei a varanda e fiz uma excursão pela casa, o que foi uma longa turnê, já que era uma casa enorme.

E a totalidade dela era muito parecida com o quarto em que dormi, elegante quase ao extremo de ser parecida com um desenho, mas, no entanto, estranhamente de bom gosto e absolutamente linda.

Uma criada me encontrou (e não uma que falava inglês, infelizmente) e me guiou para uma sala de jantar decorada em amarelo e azul. Lá, tive um almoço leve, composto de salada com pedaços de atum, quartos de ovos cozidos, pedaços de bacon crocantes e azeitonas à base de óleo suave com sabor de limão, com um pão divino para acompanhar, este servido com vinho, do qual bebi muito.

O que me levou a voltar para o meu quarto e tirar uma soneca.

Depois me levantei, preocupada que as crianças pudessem estar lá e, não querendo que elas me vissem, mas ainda precisando falar com o Apollo, fui em busca dele. Discretamente,

deixei meu quarto, tendo cuidado para não fazer curvas ou entrar nos aposentos se ouvisse alguém.

Não ouvi ninguém, mas encontrei uma das criadas que me atendeu naquela manhã.

Quando disse: — Senhor. Ulfr... aqui? — Enquanto, olhando para o chão, ela respondeu, balançando a cabeça: — *Monsieur Ulfr, não.*

Ergui os dedos até a boca e os apontei para fora, perguntando: — Alguém aqui fala inglês?

Inclinou a cabeça e, em seguida: — *Je suis désolée. Je ne pas comprends*³.

Adivinhei o que isso significava (ou parte disso) e assenti.

Ela sorriu e foi embora.

A observei sair, imaginando a reação dela comigo, assim, não teve nenhuma. Foi amigável, mas só isso.

Isso me fez pensar se o Apollo tinha falado a elas sobre mim, se todos sabiam sobre esse universo paralelo, ou se nunca haviam conhecido a outra Ilsa.

Coloquei isso na lista de coisas para perguntar ao Apollo, no pouco tempo que me disse que eu teria para fazer perguntas.

³ Sinto muito. Eu não entendo.

Embora, estivesse esperando que pudesse convencê-lo a uma sessão mais longa, já que tinha um monte de perguntas, eram todas importantes e era difícil priorizá-las.

O jantar foi tão delicioso quanto o almoço, se bem que mais pesado e, depois que terminou, o tempo passou, a noite caiu e nada das crianças retornarem, comecei a ficar impaciente.

Em seguida, entrei em pânico.

Estava em um mundo diferente, vestindo roupas diferentes, as quais não estava habituada a usar (e não estava me permitindo pensar na possibilidade de que fossem da outra eu), sem sapatos, e não podia me comunicar com ninguém ao meu redor.

A única pessoa que conhecia, não conhecia de verdade, e tinha estado estranha comigo naquela manhã. A outra única pessoa que conhecia tinha desaparecido.

Passei três anos correndo e me escondendo. Tendo o cuidado de, a cada movimento que fazia, a cada pessoa que conhecia, manter o controle de todas as mentiras que contava, sempre olhando por cima do ombro, nunca baixando a guarda.

Valentine disse que eu estava segura aqui. E havia coisas bonitas, boa comida e grande beleza, aqui.

Mas ter aquele bate-papo apressado, no limite do não-amigável com o Apollo hoje de manhã e, em seguida, mais nada, não estava me sentindo de todo segura aqui.

Com esse pensamento, ouvi o que parecia cascos de cavalo batendo na pedra e meu coração subiu até a garganta.

Por várias razões.

Um, havia cascos de cavalo batendo na pedra. Estava com a sensação de que este universo não era tão avançado quanto o meu e todas as evidências sugeriam que isso era muito verdadeiro.

Dois, isso podia anunciar que o Apollo estava em casa, o que podia significar que Christophe e Élan estavam com ele e, de repente, eu não queria me encontrar com Christophe e Élan, não sem querer, absolutamente.

Não agora.

Nem nunca.

Estava sentada em uma cadeira na biblioteca, olhando um livro de imagens que tinha fotos bonitas o suficiente, mas legendas em outro idioma, quando ouvi botas descendo o corredor.

Deixei o livro de lado, levantei e fiquei de frente para a porta, respirando fundo, virando a cabeça para um lado e para o outro, procurando escapar.

Havia uma porta e as botas estavam se aproximando dela.

Mas a minha respiração profunda não funcionou desta vez. Minha pulsação inchou na garganta, cortando a respiração.

Ouvi apenas um par de botas, mas as crianças ainda podiam estar com ele.

Seus filhos.

Seus filhos com Ilsa.

Seus filhos, que podiam ter sido meus.

Ele caminhou através da porta, a capa marrom escura voando atrás dele. Deu seis passos e parou, a capa balançando para frente, o envolvendo ligeiramente, como se fosse uma coisa viva lhe dando um abraço, antes de parar.

Seus olhos me percorreram dos pés à cabeça rapidamente, em seguida, encararam os meus e ele anunciou: — Deixei as crianças na casa em Benies. Uma vez que já estão preparadas para viajar, você tem que esperar suas roupas estarem prontas, e — fez um gesto com a mão — qualquer outra coisa que precise adquirir, vão embarcar no navio amanhã, e vou estar com eles. Tenho homens em Benies. Eles são treinados, talentosos, leais e

confiáveis. Vão chegar de manhã e, quando estiver pronta, vão levá-la através de Fleuridia até Vale, você vai embarcar em um navio e navegará o resto do caminho até Lunwyn, sob sua guarda.

Eu ia?

Aí, pensei nesta pergunta. Não perguntei isso em voz alta, nem falei nada rápido o suficiente para o interromper antes dele continuar.

— Agora, você tem alguma dúvida? — Perguntou.

Se eu tinha dúvidas?

Ele era louco?

— Bem... sim — respondi, em seguida, todas as perguntas que eu tinha saltaram do meu cérebro. Havia um monte delas e eu não conseguia me lembrar de uma única, então parei de falar.

A impaciência apareceu no rosto bonito.

— Ilsa, tenho pouco tempo. Gostaria de estar de volta à Benies antes das crianças irem para a cama, e é uma hora de viagem.

Consegui organizar um pensamento e o compartilhei. — Eu... bem, tenho um pequeno problema. Ninguém aqui me entende. Não falo a sua língua.

Sua cabeça se inclinou bruscamente para o lado. — Você não fala Fleuridian?

— Uh... não.

Ele endireitou a cabeça e declarou: — Valentine fala Fleuridian.

Falava?

Devia ser extremamente boa em francês, então. Ou passou muito tempo aqui.

— Bem, eu não falo — respondi.

Seus olhos brilharam antes de continuar. — O pai da Ilsa era de Fleuridia. Ela era fluente em ambos, na língua de Fleuridia e na de Vale.

Eu não tinha ideia do que ele estava falando, mas pensei que era importante ir com cautela e ponderação ao apontar algo.

Então, suavemente, falei: — Eu não sou ela.

Seus olhos me varreram novamente antes de encarar os meus e, então, afirmou a grosso modo: — Isto, eu sei — de uma maneira que pareceu, não tão vagamente, como um insulto.

Foi não *tão* vagamente ao pronunciar essas palavras, que parecia que tinha me dado um golpe.

Um golpe que fez minha cabeça se contorcer, mas não percebeu isso, ou decidiu ignorar, e continuou falando.

— Isso não importa. Meus homens falam a língua de Vale, que é falada em toda Northlands, exceto em Fleuridia.

— Oh... bem, tudo bem — murmurei.

— Você tem outras perguntas? — Ele perguntou, levantando uma sobrancelha grossa e escura, cada linha do seu corpo indicando que queria estar em qualquer lugar, menos lá.

— Cerca de um milhão delas — falei e ele respirou, irritado, profundamente pelas narinas.

— Não tenho tempo para um milhão de perguntas, Ilsa — afirmou.

Dei um passo adiante e parei, mas levantei uma mão. — Apollo, estou meio que perdida aqui. Seu mundo não é como o meu mundo, assim, em *nada*. Claro, temos tuna⁴ e você tem tuna—

Outra guinada da cabeça acompanhada das sobrancelhas se erguendo juntas e ele me cortou com a pergunta: — Tuna?

Certo, eles não costumavam chamá-lo de tuna.

Continuando.

⁴ Peixes de água salgada pertencentes à família Scombridae. Inclui as espécies conhecidas pelo nome comum de atum.

Levantei um pouco mais a mão e a girei. — Não importa. O que estou dizendo é, as coisas são muito diferentes aqui, e fui jogada em uma situação sobre a qual não sei nada.

Outro cenho franzido, mas este era ameaçador.

— Você queria que eu enviasse meus filhos em uma viagem como essa, sem acompanhá-los?

— Não — respondi rapidamente. — Mas apenas apontando, não sei que tipo de viagem é essa, tendo em vista que não sei *nada*.

Ele ergueu o queixo e disse: — Vou falar com os meus homens. Eles vão explicar as coisas para você.

— Mas—

— Você estará segura com eles.

— Ok, mas—

— E vou ter tempo para explicar as coisas para as crianças, prepará-las para a sua chegada.

— E isso seria—

— Agora, se não houver nada mais — afirmou, o corpo se movimentando como se estivesse se preparando para sair.

Sim.

Ele mal estava me dando a oportunidade de dizer alguma coisa e já se preparava para sair!

Isso porque a Valentine disse que ele ia voltar e não ia querer ficar separado de mim.

Dei mais dois passos rápidos em direção a ele, chamando suavemente: — Espere!

Ele parou, mas não parecia feliz com isso.

— Ilsa—

— Você não pode simplesmente me trazer para cá e depois me deixar aqui.

— Você preferia estar com um homem que chuta você? — Ele perguntou secamente.

— Não, claro que não. Não é isso que estou—

— Você está a salvo dele, aqui. Estará segura do que está acontecendo aqui, com os meus homens. Então vai estar em casa com as crianças e vai poder se acomodar.

Oh, merda.

— Talvez possamos falar sobre isso — me apressei a dizer.

— Podemos. Vou encontrar o seu trenó na aldeia, fora da minha propriedade, e vamos ter uma conversa antes de conhecer as crianças.

Meu trenó?

— Agora, estou saindo — ele murmurou, se virando para sair, a capa balançando atrás dele, e era incrível, aquela capa e como se movia com ele e, estranhamente sexy, ao mesmo tempo.

Mas eu não podia pensar sobre quão legal e sexy sua capa parecia, porque estava começando a perder a paciência.

— Apollo! — Exclamei, dando mais dois passos em direção a ele.

Mas ele se virou, a capa girando em torno dele, seus olhos nivelados nos meus.

Quando vi o que havia nos seus olhos, parei o movimento, parei de falar e o olhei.

Ele não olhou.

Ele falou.

E quando o fez, sua voz era um estrondo irritado e baixo que pareceu abalar o quarto.

— Você sabe sobre ela e, ainda assim, parece não entender como isso é difícil para mim.

Eu estava acompanhando, mas não estava.

Quero dizer, foi *ele* que *me* trouxe para cá.

— Claro que entendo — disse baixinho — mas isso não quer dizer...

Mais uma vez, não me deixou terminar.

— Basta olhar para você e sinto como se tivesse adagas quentes nos meus olhos.

Oh, Deus.

Isso era uma merda. Uma merda séria. Aquilo era de matar, e senti por ele. Realmente, *realmente* senti.

Ainda assim.

— Entendo isso — mantive a voz baixa e suave — mas—

— Você se parece com ela. Sua voz é igual a dela. Você também tem o mesmo cheiro dela.

Isso também era uma merda.

E das grandes.

Apertei os lábios.

— Mas você não é ela — completou.

— Sinto muito — sussurrei. — Mas *você* me trouxe aqui e você sabia que eu não era ela. E agora, parece que coisas urgentes estão acontecendo. Coisas que não entendo, em um mundo que não entendo, e você é o responsável por me trazer para este mundo. Agora está me deixando sozinha nele, nem mesmo me

dando tempo para fazer perguntas, cujas respostas podem me ajudar a saber como me comportar, com o que estou lidando, até mesmo me dar uma dica tranquilizadora.

— E eu expliquei, os meus homens vão responder.

— Ok, isso é ótimo, mas temos coisas para falar sobre o meu futuro aqui e...

Ele estava me interrompendo de novo e fez isso dizendo: — Expliquei isso também. Vamos conversar quando você chegar à Lunwyn, antes de ir para a propriedade.

Ele era louco?

Meu entendimento era que isso seria em daqui a dois meses, maldição, a partir de agora.

— Eu gostaria de fazer isso agora — solicitei cuidadosamente.

— Não tenho tempo agora — ele negou bruscamente.

Respirei fundo e encarei seu olhar.

Então compartilhei: — É importante, Apollo.

— É importante para mim voltar para os meus filhos e me apressar em levá-los para a segurança. O seu futuro aqui é seguro. Isso é tudo que você precisa saber — fez uma pausa — por enquanto. Agora, estou saindo.

Ele estava falando sério?

Se virou e começou a caminhar para a porta.

Estava falando sério.

— Espere! — Chamei, indo atrás dele.

Ele não esperou.

Continuou andando.

Continuei a segui-lo, exclamando: — Apollo! Espere um segundo!

Suas pernas eram maiores que as minhas, então tive que correr para alcançá-lo.

O alcancei na porta da frente.

E, então, cometi um erro.

Chamei o nome dele e passei meus dedos ao redor do seu bíceps.

No instante em que o fiz, ele o puxou com força dos meus dedos, recuando. E, com toda a minha história, fez isso aparentando que estava se preparando para me bater.

Instintivamente, coloquei as mãos na frente do meu rosto, as palmas viradas para ele, e recuei, tropeçando nos meus pés, mas conseguindo me equilibrar antes de cair no chão. Me

endireitei e dei mais um passo para trás, meus olhos colados nele, meu corpo preparado para qualquer coisa.

Parei de me mover para trás, respirando pesadamente. Quando notei que ele não estava se preparando para me atacar, abaixei as mãos, pressionando-as no meu peito.

No meio de tudo isso, seus olhos também estavam grudados em mim, mas não conseguia decifrá-los.

E, por alguma razão, nos encontrávamos no absurdamente elegante hall de entrada da sua casa de campo, absurdamente fabulosa, situada na absurdamente bela paisagem de um universo paralelo e ficamos olhando fixamente nos olhos um do outro, sem falar nada. Seus pensamentos estavam encobertos. Os meus, duvidava, que estariam assim.

Em seguida, ele compartilhou seus pensamentos.

E se o seu comentário anterior foi um insulto que desfechou um golpe invisível, este entregou um tiro mortal.

— Tenha cuidado com o que deseja — ele sussurrou, seus olhos presos nos meus enquanto eu sugava o ar. — Você pode conseguir. — Colocou a mão na maçaneta da porta e terminou. — E não quero isso.

Em seguida, se foi.

Capítulo Quatro

Eu Estava Acostumada A Isso

Era seguro dizer que eu estava chateada.

Era a manhã seguinte, depois do Apollo desferir seu golpe mortal.

Estava usando outro vestido que era muito bonito, mas não cabia direito em mim. Tinha tomado banho, bebido algo e me alimentado. E uma criada que não falava a minha língua tinha acabado de chegar ao meu quarto, gesticulando de uma maneira que eu sabia que estava sendo convocada para alguma coisa.

Tinha ouvido cascos de cavalos na pedra do lado de fora, então descobri que a minha guarda estava lá.

Mas não ligava.

Não tinha dormido. Nem sequer tinha fechado os olhos.

Isso porque, a princípio, eu estava machucada.

Não.

Ferida. Ferida era a palavra exata para descrever.

Ferida profundamente.

Não sabia o porquê. Só sabia que estava.

Profundamente.

Então comecei a pensar nas coisas e fiquei com raiva.

Claro, uma coisa que eu podia afirmar era que não queria voltar para o Pol e suportar uma vida com ele, pisando em ovos, tomando minhas surras sempre que o que quer que estivesse na sua cabeça surgisse e ele a perderia. Em seguida, planejando minha fuga e escapando, apenas para ser encontrada, espancada, arrastada de volta, iniciar o processo novamente e fazer todas essas coisas não muito divertidas até o dia em que morresse.

Isso não funcionava para mim. Tipo, *realmente* não funcionava.

Mas tinha sido transportada por uma maldita *bruxa* para um inimaginável *universo paralelo*, por um homem de luto por sua esposa que era minha gêmea. Então ele me pegou, me segurou em seus braços enquanto eu dormia (e sério, o que foi *aquilo* tudo?), e, por alguma razão decidiu que não me queria (não que eu o quisesse, também, pelo amor de Deus). E, finalmente, me jogou aos proverbiais lobos.

Não que houvesse lobos, de verdade. A equipe parecia agradável, sorridente, simpática, solícita, e não era como se eu

estivesse em uma prisão, sem um lugar para dormir, apenas a pedra fria e nada para comer além de pão bolorento e água fétida.

Mas, mesmo assim!

Assim, desnecessário dizer, tudo isso significava que eu não dormi. O que não ajudou para não me deixar chateada.

Mas forcei um sorriso para a criada e a segui, embora fizesse isso pisando duro, e até mesmo isso me deixou puta, porque eu ainda estava com os pés descalços, por isso, pisotear não foi muito eficaz.

Eu o vi quando estava no meio da escada e, não surpreendentemente, era alto, loiro, bem construído e, absurdamente, com boa aparência.

Também estava usando roupas de capas de romances históricos.

Exausta e de mau humor, isto me irritou ainda mais.

Enquanto descia as escadas, ele levantou os olhos para mim e sua boca se abriu.

Ele conhecia a outra Ilsa.

Tanto faz.

Ele fechou a boca e seu rosto ficou inexpressivo.

Já tinha visto isso antes.

Mais de uma vez.

Tanto faz.

Caminhei até ficar há um metro dele e parei.

— Presumo que você seja minha guarda — imaginei.

Seus olhos se moveram sobre o meu rosto, se demorando sobre a contusão na minha bochecha (ou o que quer que seja!), antes de encarar os meus. — Sim, senhora, eu e os sete homens lá fora.

Sete homens?

Aquilo parecia ser muita coisa, o que não era um bom augúrio.

Não compartilhei esses pensamentos com ele.

Me apresentei, mais ou menos. — Acho que você sabe que me chamo Ilsa.

— Sei — ele respondeu.

— E você é? — Perguntei.

— Derrik — respondeu.

— É um prazer conhecê-lo — rebati.

Seus olhos brilharam e seus lábios tremeram.

Achei essa reação estranha, então perguntei: — Isso é engraçado?

— Sim, vendo como você diz palavras gentis que, tão obviamente, não quis dizer e não estou inteiramente certo do que fiz nos últimos três segundos para ganhar a sua ira, depois de ter feito nada além de ficar parado aqui e cumprimentá-la — ele partilhou.

Merda.

Ele *não tinha* feito nada. Eu estava sendo rude.

Eu não era contra ser rude, se a situação justificasse, digamos, um operador de telemarketing ligando na hora do jantar... ou algo assim.

Mas, principalmente, era avessa a ser rude.

Portanto, decidi explicar.

— Estou irritada — falei. — Não é com você — acrescentei apressadamente. — Com o seu mestre, ou líder... ou... seja lá quem ele for.

Ele abaixou seu queixo e olhou para mim por debaixo das sobrancelhas, a voz gentil. — Sou da Casa de Lazarus. Treinei sob a Casa de Ulfr. Apollo e eu crescemos juntos, compartilhamos um vínculo que foi forte o suficiente para que, quando voltasse para a minha própria casa, fosse escolhido para

ficar com ele e comandar seus homens no seu lugar, quando está ausente. Não estou na fila para ser chefe da minha própria casa, portanto, é uma boa posição. — Ele sorriu e ergueu o queixo, não deixando de lado o meu olhar. — E as mulheres da Casa de Ulfr são mais agradáveis de se olhar e nenhuma delas é minha prima ou irmã.

Diante das suas palavras, senti meu próprio lábio se curvar e presumi: — Então você é o segundo no comando.

— Sim — afirmou.

Decidi encarar isso como uma coisa boa, Apollo deixar o seu segundo em comando. Estava supondo, pela forma como os ombros desse cara pareciam ser sob a camisa, as coxas delineadas pela calça, e pela forma ocasional com a qual carregava a espada inclinada em suas costas, que ele não era influenciável.

Assim, pelo menos o idiota me deu alguma coisa.

— Você fala francês, ou... humm, a língua de Fleuridia? — Perguntei.

— Pouco, mas posso me fazer entender — fez uma pausa — eventualmente.

— Não é muito para um intérprete — murmurei, olhando para os meus pés.

— Não sou um intérprete, minha senhora, sou o encarregado da sua segurança — ele respondeu, olhei para ele e vi que parecia irritado.

— Desculpe — falei baixinho. — É que eu não falo *absolutamente nada* da língua de Fleuridia e parece que vou ficar aqui por um tempo, então estava esperando que você ou um dos seus homens pudessem ajudar.

O olhar irritado desapareceu e respondeu: — Um dos... *rapazes* pode ajudar. Na verdade, três deles podem.

Finalmente, uma boa notícia.

Sorri.

Os olhos dele desceram para a minha boca e dor perseguiu o seu caminho através deles, antes que se fixassem em mim.

Sim, ele conhecia a Ilsa.

— Você sabe quem eu sou — sussurrei.

— Sei — ele concordou e seus olhos podiam estar fechados, mas não conseguiu mascarar a veia de tristeza em sua voz.

— Dói olhar para mim? — Perguntei. — Se assim for, eu posso... — ofereci, começando a dar um passo para trás, mas ele levantou a mão, a palma virada na minha direção.

— Eu gostava dela. Ela significava muito para mim. Sua perda ainda é sentida por todos que a conheciam. Mas você não é ela. Apollo disse a todos os homens quem você é e de onde você é. Ele nos avisou sobre como isso nos faria sentir. Nós estamos preparados.

Encarei isso como uma indicação que a outra Ilsa era amada pelos seus homens e, assim, obviamente, tinha estado perto deles para conhecê-los.

Mais perguntas inundaram meu cérebro, mas agora não era o momento de fazê-las.

Então, mais uma vez, estava pensando que nunca haveria um tempo. Não como este.

— Preparados ou não, vou tentar me manter no meu canto — disse a ele.

— Isso não é ne—

— Por favor — falei baixinho. — Posso imaginar como isso o faz sentir. Se você me fizer a gentileza de tentar imaginar como me sinto, simplesmente parada aqui, falando e respirando, levando as pessoas a reviver a dor. Não é nada agradável e, para não ser rude ou qualquer outra coisa, prefiro não estar por perto.

Ele inspirou, curta e rapidamente, e assentiu.

— Você pode me dizer uma coisa antes de eu o deixar em paz? — Perguntei.

— Claro — respondeu ele.

— As pessoas nesta casa — estendi a mão ao redor. — Elas a conheciam?

— Apollo adquiriu esta casa depois que ela nos deixou, minha senhora — ele compartilhou.

Balancei a cabeça.

Decidi encarar isso, também, como uma coisa boa, sem mencionar a indicação que as roupas que eu usava, era mais provável, não serem dela.

Então, me sentindo estranha, gaguejei: — Eu vou, uh... não sei quanto tempo vai demorar para providenciar o que é necessário, e o que eu preciso... bem, *adquirir*, mas estou supondo que alguém será capaz de se comunicar com você quando eu estiver pronta para partirmos.

— Sim, eles vão nos dizer e vou compartilhar com você, então tem tempo de sobra para se preparar.

Balancei a cabeça.

Ele deu um passo para trás, indicando a porta atrás dele com a mão. — Os homens estão lá fora. Você lhes daria a honra de conhecê-los?

Balancei a cabeça. — Agora não. Por favor?

— Claro — respondeu com voz suave.

— Obrigada. — Engoli em seco. — Eu só vou... — Outro gesto do meu braço, indicando as escadas.

Mas parei porque não tinha nenhuma ideia do que fazer.

Não tinha visto todos os livros da biblioteca, mas os que olhei estavam em uma língua que não conseguia ler. Não havia TV. Não havia nada em torno de nós, apenas o que parecia ser um celeiro, um pequeno prédio quadrado com fumaça saindo da parte superior e nada mais. Nem mesmo um jardim formal para passear.

Estava sozinha, sem nada para fazer. Aqueles com quem eu poderia falar conheciam e amavam a outra eu, então não podia ficar perto deles sem lhes causar dor. Os que não a conheciam não me entendiam.

Eu não tinha nada para fazer, nem ninguém com quem compartilhar o meu tempo.

Isto era triste e terrível.

Isso sempre tinha sido terrível.

Mas havia uma coisa sobre isso.

Eu estava acostumada a isso.

— Vou indo... — terminei.

Derrick assentiu.

Dei um pequeno sorriso para ele.

Então, saí.

* * * * *

Estava deitada no meu quarto terrivelmente fabuloso, lamentando a minha situação, como vinha fazendo durante todo o dia, quando ouvi.

Estava escuro, já era tarde, estava cansada, mas não conseguia dormir porque estava triste, chateada e preocupada.

Mas o barulho era parecido com o que eu imaginava ser o trote de um cavalo e uma carruagem na estrada de pedra, e estava curiosa para ver se estava certa. Sem mencionar que estava curiosa para ver como seriam o cavalo e a carruagem.

Então me levantei e caminhei até as portas francesas.

Estava usando uma camisola, as quais já tinha três, todas minhas (sabia disso porque as experimentei e todas cabiam perfeitamente). Era de cetim, da mesma tonalidade púrpura das amoras pretas e chegava até os tornozelos. Também tinha um tecido sobreposto da mesma cor do laço, que começava estreito, sob o meu braço e se alargava à medida que seguia o comprimento da camisola até a bainha.

Em outras palavras, era irada.

Dito isto, era para ser usada somente no quarto, pois as cortinas eram finas e várias das lamparinas no quarto tinham sido acesas, dando à sala inteira um brilho suave, que significaria que, se você estivesse do lado de fora, podia ver dentro do quarto.

Portanto, me aproximei com cuidado das portas francesas, que estavam abertas, puxei um pouco as cortinas e olhei para fora.

O exterior estava iluminado também (ou, iluminado como você poderia imaginar, sem eletricidade). Pude ver uma mulher que descia de uma carruagem preta coberta; O homem com roupas grosseiras que os estilistas de um filme usariam como guarda-roupa para vestir um camponês no banco da frente, nem se preocupou em ajudá-la a descer.

Mas eu não tinha tempo para o homem.

Estava olhando para a mulher.

Tinha cabelos escuros e lisos, arrumados em um penteado elaborado com cachos grandes. Só consegui ver o seu perfil, mas podia dizer que a maquiagem era muito exagerada. Na verdade, estava beirando a berrante. Seu vestido era ostentoso, mesmo que, aparentemente, bem feito. Não estava no limite, apenas *era* o limite. E o decote era – nenhuma outra palavra para descrevê-

lo – indecente. Por último, ela estava usando um monte de joias, que transformava o berrante em espalhafatoso.

Independentemente de tudo isto, ela era linda. Além da beleza. *De tirar o fôlego*. Sua aparência era tão exuberante, as curvas tão abundantes, que ela era de arrasar.

Que diabos? Quem era ela?

Ela caminhou para os degraus curvos que levavam até a casa, enquanto um homem alto, com ombros largos, que nunca tinha visto antes, com um lustroso cabelo vermelho escuro saía da casa e descia os degraus. Não surpreendentemente, estava usando roupas de heróis de capas de romances. Não consegui ver o seu rosto, apenas o topo da sua cabeça, e ele se aproximou dela diretamente.

Eu os vi ter uma conversa, ela gesticulando, ele balançando a cabeça.

Sua cabeça se inclinou para o lado, ela deu um sorriso coquete e disse algo que o fez alcançar o bolso. Ele pegou uma pequena bolsa, a abriu, tirou alguma coisa, a colocou na palma da mão dela, que instantaneamente a fechou.

Minha respiração falhou.

Putá merda.

Seus olhos se ergueram para a minha janela, o rosto melancólico, e parei de respirar completamente quando seus olhos encontraram os meus. A melancolia deixou sua expressão e um sorriso malicioso e sábio curvou sua boca.

Ela levantou a mão e gesticulou com o dedo.

Rapidamente, me afastei da janela e respirei profundamente.

— Caramba — sussurrei.

Aqui, no meu mundo, diabos, em qualquer lugar, eu sabia o que ela era.

Eu sabia.

Ela era uma prostituta e estava aqui para ver o Apollo.

Ela já tinha estado aqui antes, e as atividades que exerceram, ela gostou (uma mulher não ficava melancólica à toa).

E haviam feito neste quarto.

Balancei a cabeça e me movi para dentro do quarto, meus pés se movendo com o objetivo de ir na direção da cômoda que tinha a garrafa, agora, cheia de vinho fresco. Tirei a pesada tampa de cristal e servi uma grande dose.

Coloquei a rolha na garrafa, levei o vinho até os lábios e tomei um gole (Valentine estava certa, o vinho de Fleuridia, realmente, era excelente), olhando sem ver, as hortênsias.

Isso não devia me surpreender. Apollo era um homem. Ele teria que obter algum prazer.

Mas, uma prostituta?

E me colocar na mesma cama que ela tinha estado?

— Meu Deus — sussurrei, balançando a cabeça e me movendo para a penteadeira do outro lado do quarto.

Me sentei no banco e olhei para o meu reflexo.

Deus havia me dado muito, mesmo que tivesse me tirado muito mais. Mas uma das poucas recompensas, era o meu cabelo. Era ruivo, tinha cachos suaves, alguns deles anelados. Não era crespo ou grosseiro, era espesso, mas sedoso.

Sempre amei o meu cabelo.

Deus também tinha me dado uma pele linda, apenas uma pitada de sardas no nariz que o Pol não gostava muito e pedia (ok, exigia) que eu cobrisse com base antes de sairmos.

Fazia isso para não o deixar com raiva, mas sempre achei que eram bonitas.

Então, tinha o meu pai. Ele achava que eram adoráveis. Era uma das poucas coisas que ele gostava em mim, ou de qualquer pessoa, verdade seja dita, de *qualquer coisa*.

O que ele não tinha achado adorável foi eu me juntar com um traficante de drogas.

Ele não achou isso adorável, absolutamente.

Mamãe também. Então, por outro lado, minha mãe pensava igual ao meu pai em qualquer coisa, pois fazer isso era muito menos problemático.

Fechei os olhos, balancei a cabeça, respirei fundo e os abri, tomando mais um gole de vinho.

Tinha feições suficientemente agradáveis, pensei. Tinha um nariz fino e reto. Um queixo decente. Maçãs do rosto bem-feitas. Olhos castanhos escuros que tinham um formato encantador.

Eu era alta, tinha um metro e setenta e seis. Tinha bunda. Tinha peitos. Eles não eram muito acima da média, mas você não podia deixar de ver que existiam. Também tinha uma cintura bem fina, por isso o meu quadril e os seios ficavam mais pronunciados.

Minha segunda coisa favorita eram as minhas pernas. Eu tinha belas pernas.

Não que você pudesse vê-las com as roupas deste mundo, mas ainda assim eram boas.

Eu não parecia em nada com a beleza exuberante que veio procurar o Apollo.

Em outras palavras, ele não fodia alguém que podia lembrá-lo da sua Ilsa.

Entendi. *Realmente* entendi.

Mas... *uma prostituta?*

A evidência sugeria que o Apollo deste mundo não era assim tão sexy também.

Na verdade, a evidência estava sugerindo que o Apollo deste mundo era um idiota autoindulgente.

E eu sabia tudo sobre isso.

Cara, eu sabia.

Então olhei para mim mesma, saindo da minha auto piedade e começando a achar que isso era bom.

O local era incrível, as roupas eram lindas, a comida fabulosa, o povo parecia amigável. Claro, não havia eletricidade, carros ou salas de cinema, mas se eu colocasse a cabeça para funcionar, poderia achar divertido explorar um mundo como este.

Além disso, eu estava a salvo do Pol. Ele *nunca* chegaria até mim, aqui.

E o Apollo não queria ter nada a ver comigo.

Onze anos atrás, aos vinte e dois anos de idade, trabalhando em uma loja de departamento exclusiva, conheci o Pol e cometi erro após erro, após erro, o que destruiu a minha vida. Fui seduzida por sua boa aparência, os maços de dinheiro sempre nos bolsos, o sorriso fácil e ele me levando pela cidade em seu Corvette (que trocou por um Porsche, em seguida, um Maserati e, finalmente, um Aston Martin – as coisas sempre eram boas no tráfico de drogas).

Eu queria aquela vida e consegui (menos a parte do tráfico de drogas, é claro). Pensei, até mesmo isso, junto com a deliciosa aparência que tinha o Pol, eu tive tudo o que sempre quis. Um homem rico, poderoso e bonito e a vida que ele podia me ofertar.

E fiquei com nada.

Mas, agora, eu tinha uma segunda chance. Uma segunda chance para fazer uma vida para mim. Isso veio de uma forma bizarra que nunca, nem nos meus sonhos mais selvagens, poderia imaginar ser de verdade.

Mas, tinha.



— Então, vou aproveitá-la — prometi ao meu reflexo no espelho.

Meus olhos olharam novamente para mim e estavam determinados.

E esperançosos.

Eu gostava desse olhar em mim. Não o tinha visto há muito tempo, e não tinha certeza de que já o tinha visto.

Mas agora estava vendo.

Então, ia atrás disso.

Capítulo Cinco

Fazendo Eu Me Sentir Livre

Tinha perdido o controle do cavalo debaixo de mim. Cavalgava, indomável, entre as flores selvagens atrás da casa, seus movimentos fazendo minhas costelas sacudirem e isso doía.

Mas não estava focada nisso. Imaginei que ele sabia o que estava fazendo. Só estava me levando para um passeio.

Não, estava focada no vento em meu cabelo, o sol brilhando na minha pele e na beleza ao meu redor.

Pierre, que estava me ensinando a montar, estava correndo atrás de nós, gritando em francês. Mas sua voz estava desaparecendo enquanto o cavalo e eu galopávamos através das flores.

Se passaram dois dias depois da prostituta ter vindo até aqui.

Dois dias gloriosos.

E eu estava sobre um cavalo, pois me ocorreu que, ao ver que não tinham carros aqui e eu não sabia montar, devia aprender. Então, eu tinha falado (ok, feito gestos) com os empregados.

Com um monte de sorrisos e risadas diante das minhas mímicas, finalmente passei a mensagem adiante e tinha sido apresentada ao Pierre. Não sabia o que ele fazia na casa, mas isso não importava. Enquanto eu sorria e ria das suas gesticulações, ele concordava em me ensinar a montar. Mas só entendi isso quando me levou para os estábulos, me mostrou como selar um cavalo e então me mostrou como montar. Continuou a partir daí.

Também sabia todos os nomes das criadas. Ainda sabia como dizer cavalo em francês (*cheval*). Me lembrei de *bonjour* e *merci*, que comecei a usar (fazendo a criadagem sorrir, feliz, e acenar com entusiasmo) e aprendi *bonne nuit*. Claro, não era muito, mas já era alguma coisa.

Além disso, tinha feito uma caminhada pela alameda de flores silvestres por perto, ido quase até a igreja, que era muito mais longe do que eu tinha imaginado, parei e voltei. No entanto, se a vista já era uma coisa da minha sacada, era muito melhor de perto.

Isso significava que já tinha sapatilhas que cabiam em mim (seis pares, todos *impressionantes* e encaixavam como se tivessem sido feitos para mim, porque tinham sido!). Também tinha vestidos que cabiam (e eram ainda mais surpreendentes do que os que eu tinha usado).

E tive tempo para examinar cuidadosamente as prateleiras na biblioteca. Quando o fiz, encontrei vários livros em inglês. Dois eram todos de poesia (que teria tentado ler, mas não era do meu gosto). Um deles era um drama gótico (o qual estava lendo e era muito bom).

Mas o livro mais importante que encontrei era uma história das casas de Lunwyn.

Este, li com grande interesse.

Não tinha o nome do Apollo nele, assim, estava presumindo ser antigo. Mas recuava um bom tempo, o que significava que tinha um monte de histórias sobre Lunwyn (incluindo dragões e elfos!), bem como uma explicação do porquê uma "Casa" de Lunwyn fazer parte da aristocracia. Alguns eram mais ricos que outros, alguns possuíam mais terras, outros, mais poder (que passava de mão em mão, como dinheiro e terras, por sinal), mas todos estavam ali há séculos.

Lendo-o, descobri que a Casa dos Ulfr era muito poderosa e, de acordo com o livro, muito respeitada. Esta não era exatamente uma surpresa (talvez a parte do ser respeitada, considerando que o chefe dela era um idiota). Podia afirmar que o Apollo deste mundo era um verdadeiro turrão, e meu palpite era que o dinheiro, em qualquer mundo, significava poder.

Além disso, no dia anterior, após os meus exercícios, a criadas tinham animadamente me entregue um jornal que estava em inglês. Era antigo, mas compartilhava a notícia feliz que o amado Príncipe Negro Noctorno Hawkvale, governante de Bellebryn, e sua noiva, Cora, a Benévola (que apelido de arrasar) tinham entregue, com êxito, para "Vale", outro herdeiro do trono, o príncipe Hayden.

Boa notícia para Vale, como o nascimento de uma criança sempre era, mas um herdeiro para o trono significava que um país inteiro tinha que comemorar (e eles comemoraram, com festividades programadas para uma semana).

E, por último, estava tendo a minha segunda lição de montaria e, apesar de não ir muito bem, era divertido.

Sabia que devia puxar as rédeas e falar "ôaaa", mas simplesmente não conseguia. Isso não fazia bem para as minhas costelas, mas não significava que não era *bom*.

Então, em vez disso, me segurei, suportei a dor, me curvei para frente sobre as costas do cavalo, permitindo a beleza ao meu redor voar e deixei minha mente vagar.

Isso é, até que ouvi a batida de cascos de cavalo atrás de mim.

Me virei para olhar e vi um dos homens do Apollo atrás de mim.

Nos últimos dois dias tinha conhecido todos os homens do Apollo, embora não tivesse falado uma palavra com qualquer um deles (ainda assim, não sendo rude, se eles chamavam a minha atenção, eu sorria e eles geralmente retribuía o sorriso). Fiz isso de propósito e custou um grande esforço fazê-lo. Estava desfrutando de um encanto feliz e uma lembrança da outra Ilsa, e, principalmente por causa do Apollo, poderia sofrer um duro golpe por esse esforço.

Eu não estava pronta. Estaríamos "partindo" em algum momento, provavelmente, em breve, e já que eu viajaria com eles, não teria nenhuma escolha, apenas essa, então.

Então, tinha feito isso.

Mas este (de cabelo escuro e feições que me diziam que ele podia muito bem ter algum parentesco com o Apollo) achava, claramente, que eu estava em apuros e estava vindo em meu socorro.

Isso tudo era doce e tal, mas a única coisa que eu conseguia pensar era, *merda*.

Puxei as rédeas. O cavalo abrandou o galope, mas não rápido o suficiente. Sabia disso porque, de repente, o cara atrás de mim estava bem ao meu lado.

Engasguei quando ele não estava mais ao meu lado, mas *em cima do meu cavalo comigo*.

De alguma forma, em um piscar de olhos, estava sentado atrás de mim, o braço serpenteando através da minha barriga para me segurar contra ele. Pegou as rédeas da minha mão e as puxou novamente. Também senti o aperto das suas coxas no cavalo, que desacelerou até parar.

Sem demora, ele desmontou e, uma vez que tinha os pés no chão, me alcançou. Suas mãos se estenderam para a minha cintura e me puxou para baixo com ele. Foi gentil, mas não significou que não bati no chão com um baque que enviou dor através da minha barriga, o suficiente para me fazer estremecer.

Ouvi mais cascos batendo, próximos, mas não pude me virar para olhar, porque ele estava me virando.

— Você está bem?

Olhei para ele.

Uma sobrancelha forte, muito parecida com a do Apolo, e o cabelo exatamente igual ao do Apolo, embora cortado mais curto (no entanto, não era curto).

Mas seus olhos eram de um rico marrom chocolate.

Pol tinha uma família grande, eu sabia, embora nunca tivesse encontrado nenhum deles. Eles não gostavam de traficantes de drogas também, aparentemente. Então, por outro lado, Pol tinha mostrado sinais de ir para o lado negro no início da vida. Sabia disso porque, em um raro momento de honestidade, ele tinha compartilhado que já tinha um registro criminal quando era adolescente e, quando o conheci, ele já tinha, há muito tempo, sido renegado.

Isso fez com que o nosso casamento fosse um evento solitário, e menti para mim mesma dizendo estar bem com isso. Eu o tinha e era tudo que precisava (isso era uma mentira também, naquele momento e muito mais tarde).

Olhando para os olhos gentis e inteligentes do homem junto a mim, desejei ter conhecido alguns familiares do Pol.

Eles poderiam ter me avisado.

Mas, por outro lado, eu não teria escutado.

— Tudo bem. Só as costelas estão doendo um pouco — respondi, com a cabeça inclinada e, rapidamente, continuei. — Obrigada por ter vindo em meu socorro.

— Minhas desculpas, madame. Fui muito brusco puxando-a do cavalo — ele respondeu. — Você perdeu o controle e eu não

queria você sozinha sobre ele, comigo no chão. Quando um cavalo sente que tem o controle, ele pode tirar proveito.

Balancei a cabeça. — Não foi você que me machucou. É que... antes de chegar aqui, neste mundo, quer dizer, eu... — parei quando seus olhos fitaram a contusão, que já estava desaparecendo, na minha bochecha.

Ouvi alguns “oaaas” à minha volta e sabia que estavam vindo de várias pessoas, mas, mais uma vez, ele falou, então não pude olhar.

— Claro, o Apollo nos contou.

Ótimo.

— Está tudo bem — assegurei a ele enquanto sentia os outros se juntarem a nós.

— Não está. E também não é uma boa ideia você estar na garupa de um cavalo no seu estado. Especialmente se você não sabe como montar, precisamente, devido ao que aconteceu. Você podia ter se ferido mais ainda.

— Você precisa usar as pernas.

Disse outra voz, olhei para a minha esquerda e vi o cara sexy, de cabelos brilhantes, de capas de romances, que falou com a prostituta e o menino que eu tinha notado por perto, nos dois últimos dias. Porém, ele não era exatamente um menino, estava

mais para menino quase homem. Achava que tinha dezesseis ou dezessete anos. Tinha cabelos loiros escuros e olhos azuis escuros e sabia que, quando crescesse, ia se tornar um espetáculo, porque já era um.

— E a boca — a voz continuou, aquela voz que vinha do menino-homem.

— A boca? — Perguntei.

Um lado do seu lábio se curvou. — Para falar “oaaa” — ele instruiu, em seguida, continuou. — Também seria uma boa ideia usar as rédeas.

Pressionei os lábios, mas não tive sucesso em suprimir o sorriso, antes de responder: — Vou me lembrar disso na próxima vez.

— As costelas dela estão feridas — o homem que me salvou informou ao homem com cabelos brilhantes.

— Então por que ela está em cima de um cavalo? — O homem com cabelos brilhantes perguntou e, então, o olhar irritado deslizou para mim. — Especialmente se ela não sabe como montar um.

Caramba.

— Esta é uma boa pergunta — o homem que me salvou observou, então olhei para ele.

— Nunca montei. Nem sequer estive perto de um cavalo, na verdade, até ontem — expliquei e seus olhos se arregalaram em choque imediato.

— Você está brincando — o homem com cabelos brilhantes chamou a minha atenção e também parecia chocado.

— Não temos cavalos de onde venho. Quer dizer, temos — falei a última frase rapidamente porque seu choque se transformou no que parecia ser alarmado espanto. — Mas só pessoas ricas os têm. Ou, se você ama cavalos o suficiente, você sacrifica outras coisas, para poder mantê-los ou pagar para montá-los.

— Os pobres andam a pé? — O homem-menino perguntou, com desgosto incrédulo.

— Bem, não — respondi. — Quase todo mundo tem carro.

O menino-homem piscou. Os outros dois estreitaram os olhos para mim, com perplexidade.

Levantei as mãos e meus dedos se curvaram ao redor de um volante inexistente, deslocando-os de um lado para o outro, como se estivesse dirigindo. — Veículos. Com quatro rodas e um motor. Têm sua própria potência. Não precisam de um cavalo.

Os três observaram as minhas mãos, então levantaram os olhos para olhar para mim.

— Vocês têm que ver para entender — murmurei, abaixando as mãos.

O de cabelo escuro se virou para o de cabelos brilhantes e anunciou: — Não podemos dar início à viagem se essa senhora feriu as costelas e não sabe como montar um cavalo.

Oh, oh.

Isso não era bom. Estava achando que Apolônio não ia gostar disso.

Então, exclamei rapidamente: — Oh, não! — Dei um passo para mais perto deles e levantei uma mão. — Não me deixe atrasar a nossa partida.

O cara de cabelos escuros olhou para mim. — Você fez uma careta só por ser puxada para fora de um cavalo — me lembrou.

Balancei a cabeça, mas disse: — Sim, fiz. Mas estou bem. Verdade. Está tudo bem.

— Não está — rebateu.

— Nosso progresso seria retardado se ela cavalgar ferida, especialmente se não conseguir lidar com seu próprio cavalo — disse o rapaz de cabelos brilhantes e olhei para ele.

— Vou me manter na sela — prometi.

Os olhos azuis se voltaram para mim. — E quebrar o seu pescoço?

— Vou tentar me manter na sela sem fazer isso — prometi.

Ele olhou para mim por um momento, em seguida, olhou para o seu companheiro. — Vou falar com o Derrik. Ela vai precisar de aulas e tempo para curar seus ferimentos. Vamos enviar uma mensagem ao Apollo informando que adiaremos a viagem por duas semanas.

Oh, Jesus.

— Sério — falei apressadamente. — Estou bem. Posso praticar equitação durante a nossa, humm... jornada.

Isso me rendeu um olhar do homem de cabelos escuros. — No primeiro dia após a viagem, você vai ter nada além de dores e mais dores. Na manhã seguinte, seu corpo vai protestar contra o movimento mais simples. Você não vai aguentar, estando ferida.

— Que tal eu fazer uma tentativa — sugeri, não querendo nos atrasar, porque realmente achava que o Apollo não ia gostar. Claro, ele não receberia a informação que estaríamos atrasados antes de dois meses, mas, pensando bem, ele teria duas semanas inteiras para remoer isto dentro dele e, provavelmente, não seria uma coisa boa.

Me afastei desses pensamentos quando notei que ninguém estava falando. Estavam todos olhando para mim de novo.

Finalmente, o homem de cabelos escuros ofereceu a mão grande e calejada. — Eu sou Achilles, da Casa dos Ulfr. Primo do Apollo.

Sim. Eu tinha razão. Família.

Segurei a mão dele e murmurei: — Achilles.

— Eu sou Draven, da Casa dos Sinclair — o cara de cabelos brilhantes falou, soltei a mão do Achilles e peguei a mão do Draven.

— Oi — falei, e seus olhos brilharam com humor.

— Sou Aleksander, da Casa dos Lazarus — disse o menino-homem, sorrindo para mim e oferecendo a mão. Eu a segurei e ele concluiu. — Alek.

— Prazer em conhecê-lo, Alek — falei, dei um aperto na sua mão e a soltei.

— Você vai voltar caminhando, não cavalgando — Achilles decretou e meu olhar voltou para ele. — Conversaremos amanhã, para ver como você se sente. E quando estiver bem o suficiente, Hans irá lhe dar aulas sobre equitação. Ele é o nosso cavaleiro mais talentoso.

— Realmente, isso não é... — Comecei, mas ele se aproximou de mim. Não foi nada de mais, não foi um movimento agressivo, foi projetado para chamar minha atenção.

E ele teve a minha atenção.

Mas o olhar sério nos seus olhos, um olhar acompanhado por uma não pequena quantidade de bondade foi o que *realmente* chamou a minha atenção.

— Já conheci pessoas que a vida ensinou a se manterem isoladas — afirmou baixinho. — É sempre uma tolice e nunca acaba bem. Não importa que experiências tivemos, devemos nos manter abertos para mais conhecimentos. Não concorda?

Respirei fundo e assenti, porque ele estava certo.

— Os homens estão ansiosos para conhecê-la e seria bom para você conhecê-los — me informou. — Agimos como seus protetores por dever e entendemos muito bem o que é um dever. Mas temos esse dever por lealdade ao Apollo e à Casa dos Ulfr. — Manteve o meu olhar, mas abaixou o rosto um centímetro e sua voz ficou mais baixa quando concluiu: — Se os homens pudessem conhecê-la, minha senhora, e permitisse que a conheçam, não tenho nenhuma dúvida de que atuariam como seus protetores por razões muito diferentes.

— A Ilsa do seu mundo — sussurrei, o compreendendo inteiramente.

— Não, a senhora que coloca a si mesma na garupa de um cavalo, mesmo ferida, determinada a aprender algo novo no seu mundo. E a mulher que aperta uma mão em saudação enquanto olha fixamente nos seus olhos, os dela hesitantes, mas inabaláveis. E, por último, a mulher que faz o possível para abraçar um novo mundo muito estranho para ela, mesmo quando as circunstâncias não estão a seu favor. Sei de tudo isso tendo conhecido você, oficialmente, momentos atrás e a observado por apenas dois dias. O que quero saber é o que mais há para descobrir.

Ok, talvez eu não o tivesse compreendido inteiramente.

E, quando ele terminou de falar, eu estava prendendo a respiração e fazia isso porque lágrimas ardiam nos meus olhos, visto que, tudo o que ele disse era muito bom.

Já que ele calou a boca e ninguém estava dizendo nada, percebi que era minha vez de quebrar o silêncio.

— Eu estava tendo um piti. — Compartilhei. — Pensei que já tinha superado isso, mas, talvez, ainda tenha sobrado alguma coisa.

Enquanto eu falava, ele se moveu ligeiramente para trás e suas sobrancelhas se ergueram.

Quando parei de falar, ele perguntou: — Um o quê?

— Um piti — respondi. — Estava sentindo pena de mim mesma e sendo autoindulgente. É uma fraqueza.

— Na minha opinião, uma fraqueza admitida não é nenhuma fraqueza — Draven falou nesse momento e olhei para ele. — Se você sabe que a tem, mesmo que não possa controlá-la, pode fazer concessões. São aqueles que ignoram ou não compreendem os seus pontos fracos que são vencidos por eles.

Pisquei.

Então falei: — Todos os soldados são filósofos, ou o quê?

Isso me fez ganhar um sorriso do Achilles, uma risada do Draven e uma explosão de risos do Alek, e tive que admitir, todos os três pareciam maravilhosos.

— Venha — disse Achilles, me oferecendo o braço, enquanto inclinava a cabeça em direção aos nossos cavalos, seus olhos sobre o Alek. — Vou acompanhá-la até a casa.

Peguei seu olhar quando me fitou, segurei o braço dele e sussurrei: — Gostaria disso.

Ele ergueu o queixo.

Alek nos circulou, indo em direção aos cavalos.

Draven sorriu para mim antes de se virar para a sua montaria.

E Achilles me puxou para mais perto e nos guiou para frente.

* * * * *

— Está ficando tarde, minha senhora, devemos colocá-la em sua carruagem, a fim de voltar para a casa de campo a tempo do jantar.

Meu coração despencou, me virei, agarrei o braço do Derrik e me inclinei na sua direção, captando o seu olhar e implorando:
— Não. Por Favor? Não podemos ficar em Benies para o jantar?

Ele olhou para mim.

É suficiente dizer que eu *amei* Benies.

Pol tinha me levado para Munique, Londres, Barcelona e Atenas. Tínhamos passado férias nas praias das Bahamas, Antigua e Montserrat. Já tinha visto muitas coisas, todas elas maravilhosas, incluindo este mundo, de onde vi muito mais durante o passeio de carruagem pela cidade, a fim de “adquirir” as coisas que eu precisava (estas, descobri serem joias, perfumes, maquiagem, produtos para o cabelo, xales e afins, e vamos

apenas dizer que fazer compras em um universo paralelo era uma *loucura*).

Mas nunca vi nada como Benies.

Não havia nenhum arranha-céu e não havia nada parecido com uma torre Eiffel ou ruínas, mas, ainda assim, era além do além.

Algumas edificações eram pintadas de uma opulenta cor marfim, mas a maioria delas era pintada de cores pasteis e quase todas tinham algum detalhe em ferro preto, magnificamente forjado, nas sacadas ou nas varandas ou, apenas, decorando as fachadas das janelas.

E todas as edificações tinham flores por toda parte, em floreiras, em vasos nas soleiras e nos degraus, e em arbustos.

Na verdade, os arbustos aqui eram de arrasar, feitos em uma variedade de formatos surpreendentes, na frente das casas ou ao longo de avenidas, ou em pequenos parques da cidade. Qualquer formato, desde simples cones até flores de lis, até pessoas. Já tinha visto alguns trabalhos de formatos diferentes no meu tempo, mas nada como isso.

Por outro lado, não era sobre a arquitetura. Era sobre cores e enfeites, cada edifício, loja ou casa parecendo tentar ser mais bonita que a próxima, tornando tudo magnífico.

E, depois, havia a agitação da cidade. Tanta coisa acontecendo, pessoas por toda parte.

E suas roupas! As minhas eram boas, mas as mulheres ao meu redor, suas luvas, seus chapéus, as penas nos seus cabelos, os xales delicados ao redor dos seus ombros, os guarda-sóis com babados que usavam, as joias brilhando ao sol.

Inacreditáveis.

De tirar o fôlego.

E, então, havia cafés com mesas ao ar livre, grandes toldos listrados com bordas recortadas, serventes usando calças pretas sob aventais brancos, o cabelo repartido ao meio, grudado no couro cabeludo e bigodes extravagantes, correndo para anotar e trazer pedidos.

Em seguida, as confeitarias com tais preparações em suas vitrines que dava água na boca só de olhar para elas. Derrik reparou, entrou comigo em uma delas e comprou a melhor bomba⁵ e os melhores profiteroles⁶ (sim, ambos, não consegui escolher) que já comi *na minha vida*.

E havia, também, cafés.

⁵ Doce de confeitaria caracterizado pelo formato longo, feito com massa de farinha de trigo, idêntica à das carolinas com recheio cremoso e cobertura.

⁶ Sobremesa feita com uma massa açucarada recheada com cremes, sorvetes e caldas, de acordo com a preferência do consumidor.

E restaurantes elegantes (ainda não estavam abertos; Derrik explicou que os restaurantes mais formais só abriam para o jantar).

E as lojas!

Lojas que continham milhares de rolos de tecidos em todas as cores e padrões que você podia imaginar. Ou grandes cestos de lã. Ou enormes barris de especiarias com cheiros incríveis. Joias. Fitas. Louças. Cristais. Prateleiras e prateleiras de vinho. Ou dezenas e dezenas de caixas de queijos e salsichas penduradas no teto.

Por último, havia o Mar Marhac, uma vasta extensão de água parecida com um oceano, que se estendia por todo o comprimento da cidade no extremo sul, o sol brilhando sobre as águas tranquilas, a própria água dando ao ar da cidade um frescor límpido e cristalino. Além disso, havia o clamor das gaivotas, gritando para quem vivesse no litoral que estavam em *férias*.

Eu amei. Não conseguia ter o suficiente, ver o suficiente. Queria ficar lá dias e dias, não horas.

Claro, a sessão de compras começou um pouco estranha, olhando enquanto o Derrik me instruía a pegar “qualquer coisa que eu gostasse” e, já que estava usando o dinheiro do Apollo, não queria pegar nada.

Achilles, que tinha vindo conosco, percebeu e teve uma boa conversa comigo, então decidi pegar algumas coisas para apaziguá-los.

Laures e Hans também vieram.

Laures tinha cabelo escuro, aparentando ser da Casa dos Ulfr, e olhos castanhos escuros, como o Achilles. Mas era mais baixo (um pouco), também mais largo (um pouco) e tinha uma pequena cicatriz no formato de meia-lua perto da boca, onde uma covinha o tornava mais sexy ainda.

Ele e o Hans (muito loiro, olhos azuis cristalinos, mais magro que os outros, mas, mais alto), também notaram a minha hesitação e fizeram algo a respeito.

E o que eles fizeram emocionou o meu coração, visto que estavam realmente, tentando me ajudar a encontrar coisas que eu gostava, mas ambos tinham muito mau gosto, assim, sempre que me mostravam algo, era hediondo e eu não ia comprá-lo neste mundo ou em *qualquer* mundo.

Sabia que estavam fazendo isso para que pudéssemos seguir em frente, já que compras não eram, claramente, um dos seus passatempos favoritos. E, finalmente, perceberam que eu estava brincando com eles, quando arrastei os pés pelas lojas, gaguejando e hesitando nas decisões sobre as várias coisas que

eles me apresentaram, para me apressar a comprar e podermos dar o fora dali e seguir em frente.

Todos nós entramos na brincadeira, e Hans e Laures começaram escolhendo uma variedade de coisas intencionalmente horríveis ou berrantes para mim, nenhuma das quais compraram para mim, tudo isso me fazendo rir até os meus lados doerem.

Derrik acabou com isto (após a quinta loja) e disse para nos mantermos focados, embora tenha feito isso com um sorriso.

Todos os homens também notaram que eu estava com os olhos arregalados de espanto, e me divertindo imensamente, então *eles* começaram a arrastar os pés e me guiariam através de várias avenidas para me mostrar fontes, estátuas ou edifícios dignos de nota.

Me proporcionando um grande dia.

Já fazia uma semana desde que tinha sido trazida para esse outro mundo.

Agora, eu já conhecia todos os homens. Eles jantaram comigo à noite (cada um deles como cortesia, no início, imaginei, mas estava esperando ser por vontade própria agora). Um, dois ou mais deles estavam sempre à mesa do café, na parte da

manhã, chegando ou saindo, ou descansando e conversando comigo enquanto eu comia.

Havia Derrik, Achilles, Draven, Alek, Hans e Laures. Havia também Remi e Gaston.

Hans tinha dado início às minhas aulas de equitação.

Laures, Gaston e Remi estavam me ensinando a falar Fleuridian.

Achilles estava me ensinando um jogo de tabuleiro chamado Ricken, que era muito parecido com o xadrez, mas muito mais violento. Em outras palavras, cada peça tinha uma arma e quando você a pegava, sacava a arma. Aparentemente, os “servos” remendavam as peças quando você terminava de jogar, embora não soubesse como, uma vez que eram muito bem esculpidas e não pareciam consertadas.

Perguntei e o Achilles também não sabia como, então percebi que o que os “servos” faziam não era da conta dos seus mestres, contanto que fizessem.

E, por falar nisso, eu era muito ruim no Ricken.

Também falando nisso, Achilles achava que isso era hilário, bem como Draven e Hans, que muitas vezes assistiam, balançavam a cabeça e sorriam para mim a cada movimento que

eu fazia (você podia notar, pois balançavam as cabeças e sorriam, mas não me davam nenhuma dica).

Mas todos os homens estavam me ensinando o Tuble, um jogo de cartas. Jogávamos à noite, após o jantar. E eu era boa nele.

Também estavam me ensinando a trapacear, o que, aparentemente, você *devia* fazer.

E eu era *ótima* nisso.

E, agora, estavam me dando apelidos.

Não é preciso dizer que os últimos dias tinham sido melhores do que os primeiros, tipo, *muito*.

Este, o melhor de todos.

E eu não queria que ele acabasse.

Então, tinha a sensação que os meus olhos estavam implorando enquanto olhava para o Derrik e aguardava sua resposta.

Ele continuou a olhar para mim com seus olhos azuis claros e eu preendi a respiração.

Em seguida, murmurou: — Vamos levá-la para jantar no *Le Pont de L'eau*.

Me inclinei para trás, bati palmas e gritei: — Uhuuu!

Ele sorriu com indulgência para mim.

— Incrivelmente fantástico — Laures murmurou. — A melhor vitela de Benies.

— Esqueça a vitela, o melhor uísque de Benies — Hans, também murmurando, colocou.

Eles já estavam se movendo para a elegante carruagem preta que me trouxe até aqui (eu ia sozinha, eles cavalgavam ao lado), quando senti a mão do Derrik no meu cotovelo.

Quando olhei para ele novamente, a deslizou para o interior do meu antebraço e a grande mão se curvou em torno da minha, puxando-a e colocando-a próxima ao lado do seu peito. E, portanto, me puxando para o seu lado enquanto nos guiava até a carruagem.

Era bom andar de mãos dadas e estar ao lado de um cara sexy e protetor em uma cidade bonita, em um universo paralelo, de modo que segui assim.

— Além disso, a melhor vista, minha senhora, de Benies e do Mar Marhac — falou baixinho, seus olhos em mim. — É bem em cima da água e tem quatro andares.

— Uau — respondi baixinho em resposta e seus olhos se iluminaram.

Sorri para ele, em seguida, sorri na direção da carruagem, onde Achilles estava parado, mantendo a porta aberta e também sorrindo para mim.

Sim, este foi o melhor dia aqui, de longe.

E continuava melhorando.

* * * * *

Achilles

— Oh meu Deus, não!

Achilles ouviu a voz da Ilsa enquanto se aproximava da porta da cozinha, vendo Derrik parado, encostado na soleira, as costas viradas para o Achilles.

Ele parou atrás do Derrik, quase ao seu lado, olhando para dentro e vendo a Ilsa sentada em um banquinho e apoiando os antebraços sobre a desgastada mesa da cozinha, ouvindo, ou melhor, observando com muita atenção, enquanto uma das servas fazia algo.

Havia algumas palavras entrecortadas faladas, já que a Ilsa estava melhorando no Fleuridian a cada dia, mas a maior parte eram gestos selvagens, uma paródia de mímica, que já era uma paródia, então ele pôde ver, em segundos, o que era tão divertido.

Ele viu quando todas as outras servas, paradas ao redor, bem como Ilsa, começaram a rir, Ilsa batendo o punho na mesa e abaixando a cabeça na direção daquilo.

Ela jogou a cabeça para trás, de repente, e gritou: — Isso é *muito* engraçado!

Todas as criadas assentiram e sorriram para ela, ostentando grandes sorrisos, embora, provavelmente, não soubessem o que estava dizendo. Ou talvez soubessem, entendendo a língua do Vale por causa da outra Ilsa.

Achilles virou a cabeça para olhar para Derrik, que estava assistindo tudo aquilo, ou, mais provavelmente, observando Ilsa com atenção ainda mais arrebatada do que Ilsa estava prestando atenção na história contada através de mímica.

— Hans disse que a sua montaria já é segura — Achilles observou em voz baixa.

Derrik se sobressaltou e virou a cabeça para olhar nos olhos do Achilles.

— Ele relatou isso para mim.

— Nós deveríamos ter partido há três semanas — Achilles lembrou.

— Ela está se divertindo — Derrik respondeu e Achilles puxou uma respiração curta.

Então se aproximou e abaixou a voz. — É nossa responsabilidade levá-la para a segurança.

— Ela tem oito guardas e Apollo disse que está praticamente certo que a bruxa do outro mundo está cuidando dela — Derrik rebateu.

— Praticamente certo não é certo, e suas ordens são para levá-la para solo Ulfr o mais rapidamente possível — Achilles retrucou.

Derrik encarou o seu olhar.

Então ergueu o queixo.

Depois disso, voltou seus olhos para a cozinha e murmurou: — Vamos partir depois de amanhã. Amanhã, vamos levar a senhora até Benies, uma última vez. Ela gostou dos dias que passou lá.

Ele estava certo. Ela gostou. De todos os quatro dias.

Achilles abafou um suspiro, mas não os seus receios.

Teria que se manter vigilante.

Seu olhar se moveu para a cozinha e viu que Ilsa estava olhando para eles.

Ela levantou a mão e acenou com entusiasmo.

E, caramba, juntamente com o Derrik, ele ergueu a mão e acenou em resposta.

* * * * *

Laures

Laures virou sua montaria e fincou os calcanhares no cavalo para ir a galope.

Quando o fez, viu Maddie – que agora chamavam de Ilsa em vez de “madame”, de modo que não tinham que se dirigir a ela formalmente, nem a chamar pelo nome da sua gêmea. Suas saias estavam levantadas em uma mão, a sombrinha na outra, balançando sobre sua cabeça, os pés a levando através da arena em direção a ele, o glorioso cabelo ondulando atrás dela.

Diante desta visão, esqueceu a dor dos golpes que levou da espada sem corte do seu concorrente e sorriu.

Ela parou subitamente, oscilando ao seu lado enquanto ele puxava as rédeas e ela erguia a mão, a palma virada para ele, enquanto gritava: — Você venceu!

Ele tinha vencido.

Como acabou participando dos jogos que estavam acontecendo, não sabia. Então, por outro lado, enquanto cavalgavam para Fleuridia, pararam em uma feira em Aisles, a qual não estava programada para participarem. E também,

depois que cruzaram Hawkvale, tinham sido persuadidos a assistir um festival de tosquia de ovelhas em Drinton, para o qual não tinham tempo. Mas assistiram.

— Não me deixe esperando! — Ela exclamou.

— Perdão? — Perguntou.

Ela balançou a mão no ar. — Toca aqui!

Ele arregalou os olhos para ela, sem ter a mínima ideia do que estava falando.

Ela largou o guarda-sol no chão, estendeu a mão, agarrou a mão enluvada sobre a sua coxa e a moveu para bater contra a dela.

— Toca aqui em cima — declarou ela. Moveu a mão para baixo, a palma virada para cima e bateu contra a mão contra ele novamente. — Toca aqui embaixo. — Virou a mão para o lado, bateu a mão contra a dele mais uma vez e disse: — Do lado. — Por fim, envolveu a mão ao redor da mão dele, a junção do polegar conectada com a dele, seus dedos se curvaram e ela balançou as mãos para trás e para frente, dizendo animadamente: — Você é *o cara*!

Era uma das coisas do seu mundo, entre muitas que vieram a aprender, algumas delas divertidas, todas elas fantásticas.

Sorriu para ela novamente.

— Você ganhou! — Alek gritou e Laures olhou para cima, ainda segurando a mão da Maddie, para ver que todos os homens haviam se reunido ao redor dos dois. — Isso significa que vai ter que entrar na arena amanhã, para a final do campeonato!

Ele entraria, de fato.

— Vou enviar um pássaro para o Apollo dizendo que vamos nos atrasar, pelo menos, mais uma semana — Hans murmurou, se afastando do amontoado e caminhando para longe.

Laures olhou do Hans para Maddie e se inclinou profundamente. Soltou a mão dela, mas colocou o braço em volta da sua cintura e a puxou para cima do cavalo, na frente dele.

— Que tal a volta da vitória, docinho? — Perguntou.

Ela virou a cabeça e ele viu seus olhos se iluminarem enquanto acenava alegremente.

Ele se inclinou profundamente para ela, fincou os calcanhares nos flancos do cavalo e decolou.

Quando o fez, a risada escancarada da Maddie ecoou pela arena, e quando isso aconteceu, aqueceu o coração de Laures.

Então, por outro lado, toda vez que Maddie ria, aquecia seu coração.

* * * * *

Achilles

— Então, como você pode imaginar pelo fim da história, não era essa maravilha toda, viver no meu mundo — Maddie murmurou seu eufemismo com os olhos no chão, os dedos puxando pedaços de grama e, distraidamente, jogando-os para o ar.

Estava deitada na relva macia de lado, mas apoiada em um cotovelo, a cabeça sustentada pela mão, as pernas dobradas, os pés enfiados em sapatilhas de cetim azul que espreitavam debaixo das saias cor de lavanda. Os restos do almoço estavam espalhados por todo o cobertor, alguns metros longe do trio.

Derrik se sentou de frente para ela, as pernas dobradas na altura dos joelhos, o corpo inclinado para trás, o peso apoiado nas mãos.

Achilles estava sentado com as costas contra um tronco de árvore, um joelho erguido. Apoiava um pulso no joelho, balançando a mão. A outra perna estava esticada.

Ambos os homens tinham os olhos sobre Maddie.

O sol estava brilhando e tinham parado de cavalgar para almoçar. Estavam há dois de viagem da cidade portuária de Hawkvale, onde teriam que embarcar no navio para Lunwyn. Os outros homens estavam inspecionando os cavalos em

preparação para a viagem. Os pertences dos homens sendo poucos (exceto armas, que levavam com eles), os pertences muito mais abundantes da Maddie sendo separados entre os alforjes dos nove cavalos.

Deveriam ter usado uma carruagem, mas Apollo instruiu para não fazerem isso. A carruagem seguiria muito mais lentamente. Iria atrasar o regresso por algum tempo.

No fim das contas, no entanto, seu retorno tinha sido adiado por muito mais tempo do que uma carruagem teria feito. E Achilles não tinha dúvidas que o desejo do Apollo de chegarem à Karsvall sem demora continuar a ser ignorado, não deixaria seu primo feliz.

Achilles não queria pensar nisso.

Estava pensando no que Maddie tinha acabado de contar para eles, o sol e o vinho no almoço, talvez, soltando sua língua.

No entanto, era mais provável que ela acabara se sentindo confortável o suficiente com eles, para compartilhar. Era impossível em uma longa viagem, tal como a deles, não se relacionar com aqueles que o rodeiam, passando dia após dia com eles. E tiveram um bom número de dias juntos, e aventuras.

Mas com Maddie, a maneira como ela era, a tristeza constantemente brilhando em seus olhos, a alegria que ela

mostrava abertamente, revestindo-a, era impossível não se relacionar.

Havia alguma coisa nela que fazia um homem desejar protegê-la. Havia alguma coisa nela que fazia um homem desejar conhecê-la, incitando a ver sob o verniz, que Achilles estava certo que ela achava que era um escudo, mas que não via que era frágil. Fazia um homem querer cavar fundo e descobrir o que havia por baixo.

E ela só mostrou um pouco do que estava por baixo. A história de como chegou lá, fugindo do seu marido e, ao ser encontrada, sendo espancada, Apollo e a bruxa com a magia verde do outro mundo, a salvaram.

Esse foi o final da sua história.

Mas o que compartilhou foi suficiente.

Achilles desviou o olhar da Maddie, sentindo a boca se contrair, e olhou para o Derrik. Com um olhar, soube que Derrik estava sentindo o mesmo.

Talvez mais.

Se virou para a Maddie. — Você está aqui agora, besourinho, a salvo de tudo isso.

Ela levantou os belos olhos castanhos para ele, olhos que ele olhou um milhão de vezes, antes mesmo de conhecê-la. Mas, ainda assim, não conhecia.

E olhando para eles, agora, definitivamente não conhecia.

Havia sido chocante no início, Maddie se parecer com a Ilsa. Mas eles se acostumaram com isso. E, então, a Ilsa que viram em Maddie tinha desaparecido e, agora, era só ela.

Agora, depois dessa história, era apenas ela.

— Eu sei — ela sussurrou.

Ela disse *eu sei*.

Ela quis dizer, *obrigada*.

Ele sorriu para ela, desencostou da árvore e se inclinou para beijar o lado da sua cabeça.

Quando se afastou, ela inclinou a cabeça e sorriu em resposta.

— Obrigado por compartilhar isso conosco — ele disse suavemente.

— Obrigada por serem confiáveis o suficiente para eu poder fazer isso — ela respondeu.

Ele piscou.

Seus olhos brilharam.

— Se os bundões preguiçosos já terminaram, precisamos partir — Remi falou de cima do seu cavalo, há nove metros de distância.

Achilles se endireitou para ficar de pé e, quando o fez, Derrik já estava oferecendo a mão para a Maddie.

— Vamos ajudar você a levantar — Derrik murmurou, seu tom, carinhoso.

Ela segurou a mão do Derrik, que a puxou para cima, deslizando, desnecessariamente, a outra mão em torno da sua cintura para firmá-la, quando ficou de pé.

Achilles olhou por cima da cabeça da Maddie e viu Laures. O olhar do seu primo estava na Maddie e no Derrik. Sentiu Achilles olhando para ele, encarou os olhos do Achilles e balançou a cabeça.

Achilles balançou a sua em resposta e se moveu para trás do Derrik e da Maddie enquanto Derrik a guiava para a sua montaria.

* * * * *

Derrik

— “I’m a ramblin’ wreck from Georgia Tech⁷⁷” e sou uma engenheira dos infernos — Maddie gritou, balançando a caneca de cerveja de um lado para o outro enquanto Derrik e todos os outros homens a observavam e sorriam.

De repente, ela colocou a caneca em cima da mesa e se inclinou na direção deles.

— Na verdade, não sou. Fui para a Universidade do Oregon e não estudei engenharia. — Balançou a cabeça. — *Nããão*. Estudei história medieval, mas não deixem isso enganá-los. — Se inclinou um pouco mais. — É *difícil*. — Se reclinou no assento e anunciou: — Mas também não coloca pão na mesa. Assim, eu deveria ter escutado o meu pai e estudado algo que realmente pudesse me garantir um emprego.

Derrik não tinha ideia do que ela estava falando.

O que sabia era que a Maddie tinha mergulhado tão fundo nas canecas que, ao acordar, amanhã, ainda estaria nadando nelas.

— Dito isso, no meu mundo, você deve cantar essa canção quando está bêbado — ela prosseguiu. De repente seus olhos se arregalaram, ela revirou as órbitas e Derrik ficou alarmado, até que ela olhou para os homens e comentou: — Ou, talvez, seja só

⁷⁷ Wreck Ramblin from Georgia Tech é a música tema do Instituto de Tecnologia da Geórgia, mais conhecido como Georgia Tech. A composição é baseada em “Son of a Gambolier”, a letra se baseia em uma antiga canção sobre uma bebida Inglesa e escocesa do mesmo nome.

eu que canto essa música quando estou bêbada. Espero que não tenha ofendido ninguém da Georgia Tech. — De repente, encolheu os ombros e soltou um riso suave. — No entanto, isso não importa. É seguro dizer que nenhum deles está aqui.

Diante disso, começou a rir, assim como todos os homens, mesmo que não tivessem ideia do que diabos ela estava falando.

Mas, por outro lado, a risada da Maddie era contagiante, e era assim porque claramente não fazia isso com muita frequência.

Não até os últimos quatro meses.

E ela deixou claro nesses quatro meses, que estava grata por tê-la de volta, o que era algo que animava cada um dos homens naquela mesa.

Inclusive Derrik.

Era como se estivesse dando um presente que não sabia que estava dando, mas era inestimado além de qualquer comparação. E isso estava longe de ser um sentimento ruim.

Ela espalmou a mão na mesa e olhou em volta, seu corpo balançando em um círculo, e observou: — Navios balançam, tipo, *muito*.

Assim, dando a ele o sinal que a noite havia terminado para ela.

Ele se levantou e se aproximou dela, murmurando: —
Vamos levá-la para sua cabine.

Eles tinham atravessado o Vale e embarcado em um galeão na metade do caminho da sua jornada por mar até Lunwyn.

Também estavam atrasados. Sua chegada aconteceria dois meses após a data que o Apollo os queria no reduto dos Ulfr, em Karsvall.

Mas enquanto Maddie absorvia seu novo mundo e desfrutava cada minuto dele com abandono, ele, nem nenhum dos outros homens, incluindo até mesmo Achilles, tinha coragem de apressá-la. Então fizeram paradas em torneios (e participaram), festivais, feiras, cafés, lojas, altares, igrejas, museus e qualquer outra coisa que chamasse a atenção da Maddie, ensinando a ela tudo o que podiam sobre o novo mundo.

Apollo, Derrik sabia, não estaria muito satisfeito.

Mas experimentar o mundo através dos olhos da Maddie, ouvir as histórias do seu próprio mundo enquanto cavalgavam, notando quão significativas as diferenças eram, e compartilhar seu entusiasmo e alegria, nem se importava.

Explicaria ao Apollo, e se o seu amigo não entendesse, não importava.

Já estava feito.

Ajudou Maddie a levantar do banco enquanto ela olhava para ele com os embriagados, mas extremamente belos olhos castanhos, e declarou: — Devemos jogar Tule.

— Você precisa ir para a cama, Maddie — falou para ela. — Não jogar cartas. Em seu estado, você vai se confundir nas trapaças e vai pagar por isso.

— Mas... — ela começou enquanto ele a empurrava suavemente na direção do corredor.

— Cama — ele ordenou.

— É irritante quando vocês ficam todos machões — ela murmurou.

Não tinha a mínima ideia do que ela queria dizer, mas isso acontecia com frequência, com ele e com todos os homens.

Às vezes, eles perguntavam. Às vezes, não. E, às vezes, quando ela respondia, ainda não faziam ideia do que estava falando.

Mas o que quer que perguntassem, se entendiam ou não, a resposta era sempre interessante.

Ela não protestou mais, olhou em volta enquanto ele a guiava para longe, acenava e dava seu boa noite.

Recebeu o mesmo em troca.

Ele a levou para o corredor.

— Este navio é muito maior do que eu esperava — ela comentou quando ele pressionou os dedos na parte de baixo das costas dela para colocá-la na frente dele.

— Humm — ele respondeu.

— Também é muito legal. Estou praticamente esperando o capitão Jack Sparrow saltar para dentro a qualquer momento — ela prosseguiu.

Ele sorriu e balançou a cabeça, mas não falou nada.

Ela continuou falando.

— E isso não é nada indesejável. Johnny Depp é *sexy*.

Derrick permaneceu em silêncio, exceto por sua risada.

Chegaram na porta da cabine. Lá, ela parou e se virou, erguendo os olhos para ele.

Não viu a Ilsa que conhecia há anos. A Ilsa, sua amiga mais próxima e adorada. A Ilsa que o fazia rir de uma forma seca, não uma exuberante. Cujas inteligências combinava com a do seu marido, portanto, frequentemente o desafiava, e a todos eles, para jogos de perguntas e respostas, divertida e sinceramente, assim como frequentemente vencida essas batalhas (mesmo contra o seu marido).

Não. Agora, só via a Maddie que não era nada parecida com a Ilsa, exceto na aparência.

Ela inclinou a cabeça para o lado e compartilhou: — Sei que estou bêbada.

Derrik sorriu e respondeu: — Você não está bêbada, Maddie. Você é *bêbada*.

Ela sorriu para ele, o sorriso iluminando todo o seu rosto e ele sentiu o coração bater mais forte.

— Ok, sei que estou *bêbada*. — Ela concordou.

Ele balançou a cabeça, ainda sorrindo.

— E quando se está bêbado, a verdade vem à tona — o informou.

Ele ergueu os olhos para o teto e brincou: — Deuses, me livrem.

Ela bateu no seu peito e olhou para ela, quando disse: — Estou falando sério, Derrik.

Ele controlou a expressão e prometeu: — Você tem toda a minha atenção, Maddie.

Ela revirou os olhos.

Quando parou, seu rosto ficou sóbrio e ela encarou seu olhar.

Então falou: — Apollo desejava o meu retorno, o retorno da minha *gêmea*, de verdade, mas fazendo isso, buscou me trazer para cá. E conseguiu. Ou, eu acho, a mim. E então ele não quis mais isso, sendo, bem... *eu*. E isso é uma merda. Machucou e, então, ficar aqui completamente sozinha me assustou. E me deixou deprimida. Porque já estava sozinha há muito tempo. Um tempo *realmente* muito longo. Perdi meus pais porque eles viraram as costas para mim quando escolhi o marido errado. Fugi dele porque me machucava.

Ela respirou fundo enquanto o Derrik engolia em seco diante das suas palavras.

— Mas sei que estamos chegando cada vez mais perto de Lunwyn — continuou. — Então, queria ter certeza que disse obrigada, para você e para todos os rapazes, por transformar uma situação ruim em uma boa. — Sorriu um sorriso que não era o seu sorriso normal. Era menor, um pouco abandonado, mas ainda sexy. — Não, uma *ótima*. A começar por você.

Seu coração não bateu mais rápido diante disso.

Ele se aqueceu.

— Nós que agradecemos, Maddie — Derrik respondeu baixinho.

Seu sorriso ficou ainda maior e ela sussurrou: — Você é demais.

Já tinha ouvido isso antes, várias vezes. Então, sabia que era uma coisa boa.

— E você é muito doce — ele rebateu.

— Eu sou — concordou descaradamente e finalizou: — Quando não estou te dando uma surra no Tuble, quer dizer.

Diante disso, ele inclinou a cabeça para trás e riu novamente e, quando olhou para ela, viu que estava rindo junto com ele.

Ela ficou séria novamente e disse baixinho: — Obrigada, Derrik.

Seu coração se aqueceu ainda mais e ele ergueu o queixo.

Ela lhe deu outro sorriso e uma piscadela antes de virar para a porta.

Ele se virou para o corredor, mas algo que ela disse ficou registrado, portanto, parou e se virou.

— Maddie, só para dizer — ele falou e ela colocou a cabeça para fora da porta. — Apollo partiu antes de você para levar seus filhos para a segurança. Você não deve encarar isso como se ele não quisesse você aqui.

O desamparo voltou para o seu rosto, enquanto ela balançava a cabeça e respondeu: — Oh, ele não me quer.

Derrick se virou totalmente para ela e começou: — Isso não—
Mas ela o interrompeu.

— É, Derrick. Ele disse isso na minha cara. “Cuidado com o que você deseja, você pode conseguir. E eu não quero isso”. Foi o que ele disse. Palavra por palavra. Acho que isso deixa bem claro que ele não me quer, não é?

Derrick não respondeu. E isso porque estava se concentrando no sangue rugindo nos seus ouvidos.

— De qualquer forma, já deixei isso para lá — continuou.
— Estive pensando sobre isso e tenho um plano. Vou ter uma conversa com ele quando chegarmos lá e tudo vai ficar bem.

Ele não disse nada.

— Boa noite — falou.

— Boa noite, Maddie — se esforçou para falar.

Ela deu um pequeno aceno e fechou a porta da cabine.

Derrick olhou para ela por um longo momento; as mãos fechadas em punhos, as palavras dela soando na sua cabeça.

Em seguida, se moveu, a fim de chegar a um lugar onde havia cerveja.

E uísque.

* * * * *

Ilsa

Estava um frio do caralho em Lunwyn.

Congelante.

Então fiquei feliz quando chegamos na estalagem, ou mais apropriadamente, *dentro* dela, onde uma lareira ardia, e Derrik providenciou um quarto para mim, ordenando: — Acenda o fogo em seu quarto imediatamente — e o filho do estalajadeiro saiu correndo.

Isso foi, é claro, enquanto o estalajadeiro olhava para mim em choque.

Claramente, conhecia ou já tinha visto a Ilsa.

Sorri para ele e abaixei os olhos.

— Ela vai precisar de vinho, um pouco de queijo, pão, frutas, um banho quente e uma criada — Derrik continuou.

O gerente estalou seus dedos e sua esposa (que também estava olhando para mim) se sobressaltou, então saiu correndo também.

— Vou acompanhá-la até seu quarto. Haverá uma guarda no corredor e fora da pousada. Sete homens. Depois que eu a levar até o quarto, cavalgo até Karsvall — Derrik prosseguiu.

O estalajadeiro assentiu.

— A chave? — Derrik solicitou.

O gerente pulou, se virou e pegou uma chave com um coração enorme na parte de cima. Se virou para o Derrik e entregou a chave para ele.

— O melhor da casa, no piso superior, final do corredor, à direita — disse o gerente ao Derrik.

Derrik acenou com a cabeça, colocou a mão no meu cotovelo e me guiou para as escadas.

Caminhei ao lado dele, tentando não chorar.

Tinha acabado.

Meus dias com os rapazes tinham acabado.

Nada mais de Ricken. Nada mais de Tuble.

Nada mais de jogos que pareciam torneios, mas não tinham lanças e acusações entre si. Tinham espadas sem fio e venciam uns aos outros sobre os seus cavalos. No início, achei que isso era um pouco brutal. Mas, então, percebi que Laures era realmente bom no que fazia e todo mundo em torno de mim, na arena (com

arquibancadas reais e enormes, e fitas coloridas pendendo dos postes em toda a volta), estava realmente envolvido nisso. Então, me envolvi, também. Totalmente.

Também não haveria mais as deliciosas carnes assadas com ervas em um espeto, compradas de vendedores em feiras.

E não mais veria meninas que dançavam com saias esvoaçantes e laços fofos em festivais.

Além disso, não ia mais contar histórias inventadas sobre piratas ao Alek enquanto ficávamos deitados de costas sobre o convés do navio, cobertores de lã áspera sob nós, puxados até o queixo, enquanto olhávamos para as estrelas.

Estávamos em Lunwyn, encontramos alguém que os homens não me apresentaram, que entregou um baú com mais coisas para mim. Isso incluía botas, roupas mais pesadas e capas, chapéus e luvas – os três últimos todos feitos ou forrados com peles.

E como não estava cavalgando, fui colocada em um trenó (um trenó! E um incrível!), com o baú na parte de trás, e viajamos três dias pela paisagem gelada.

Tinha que admitir, era linda, assim como a requintada graciosidade de Fleuridia e o suntuoso esplendor de Hawkvale.

E completamente coberta de neve e gelo.

E gelada.

Agora que chegamos, e havia tido quatro meses para organizar o meu plano, era o que eu ia fazer.

Isso me assustava, mas também me excitava.

Um novo começo.

Uma nova vida.

Um novo eu.

Tudo isso meu. Tudo isso feito pelas minhas mãos, minhas decisões, meu trabalho.

Ou seria.

Estava apavorada.

E mal podia esperar.

Mas, depois que subimos as escadas, Derrik abriu a porta e me entregou a chave, soube que sentiria falta dos rapazes.

Muito.

Respirei fundo e recuperava o controle enquanto soltava a respiração.

Então olhei para ele. — Obrigada novamente, por tudo, querido — sussurrei.

— Maddie, vou vê-la novamente em poucas horas — ele respondeu, sem sussurrar.

Não iria.

Eu ia tomar um banho, comer, tomar vinho e conversar com o Apollo (para quem o Derrik estava indo anunciar nossa chegada e trazer até a pousada para a nossa conversa).

Então, ia dizer adeus.

Mas não disse isso. Talvez, por causa daquela vez na qual o meu pai fez isso com tal finalidade, quando anunciei que ia me casar com o Pol. Estava me dizendo que eu não podia fazer isso, porque o Pol era um criminoso. Eu estava dizendo a ele que tinha vinte e três anos e podia fazer o que quisesse. Então, nunca mais vi o pai novamente, exceto quando fui forçada a voltar e ele fechou a porta na minha cara (duas vezes), mas eu não estava contando essas.

Sim, pode ser por isso que eu odeio despedidas.

Então, não tinha intenção de dizer.

Simplesmente, ia partir.

Escreveria cartas para eles mais tarde (talvez).

— Vejo você à noite — Derrik murmurou e se moveu para sair.

Mas chamei o nome dele e ele voltou.

— Obrigada — repeti.

— Maddie—

Balancei a cabeça, levantei a mão e senti tanta emoção que não consegui falar em um tom de voz normal. Portanto, o que eu tinha a dizer saiu trêmulo e baixo.

Mas me obriguei a falar.

— Você sabe sobre ele — falei, e a mandíbula do Derrik enrijeceu.

Ao longo dos meses, dos jantares, dos longos passeios, nas reuniões em bares, ou na grama, ou sob as estrelas, e conversando, contei a ele. Primeiro, só um pouco. Em seguida, muito. Para ele e para o Achilles, tinha contado tudo sobre o Pol.

Ele sabia.

— Eu não me sentia livre há onze anos — sussurrei.

Um músculo saltou no seu rosto e o seu olhar perfurou o meu.

— Obrigada por me fazer sentir livre — terminei.

Então entrei no quarto, fechei a porta e disse a mim mesma que, um dia, esqueceria o amor e a ternura que tomaram o rosto do Derrik diante das minhas palavras.



Mas eu estava mentindo.

Capítulo Seis

Não Me Tornou Sua Maior Fã

Apollo bateu os dedos no tampo da sua escrivaninha, olhando com cara feia para os papéis que estavam lá, enquanto seu secretário resmungava.

Mas não estava ouvindo uma palavra que o homem dizia.

Estava olhando para a pilha de mensagens que relatavam os atrasos frequentes – e as razões por trás deles – da chegada da pequena comitiva do Derrik em Lunwyn.

Pela última carta, estimou que estavam para chegar a qualquer dia.

E ele tinha uma maldita guerra para planejar. Pelo amor dos deuses, não tinha tempo para ficar sentado à espera de uma tropa de guardas vigiando uma única mulher que se divertia através de três países, levando o dobro do tempo que deveria para fazer a viagem, simplesmente porque uma mulher de outro mundo queria ver Laures vencer um desafio.

— Meu senhor, você me ouviu? — Jeremias, o seu secretário, chamou.

Apollo levantou a cabeça e transferiu sua carranca para o homem.

Jeremiah percebeu e, nervosamente, levantou um dedo para empurrar os óculos de meio aro até a ponte do nariz.

— Como eu disse, recuse todos os convites, e a minha agenda deve ser mantida livre no futuro próximo — afirmou Apollo.

Jeremiah e mais ninguém, apenas governantes, alguns generais e soldados confiáveis, sabiam que qualquer dia, a qualquer momento, a escuridão podia descer, varrendo a terra, magia negra e dragões em guerra, vidas em jogo, homens pegando em armas, ninguém a salvo.

Sendo essa a maldita razão para não ter tempo de ficar sentado no escritório esperando por uma mulher de outro mundo apreciar o novo no qual se encontrava.

Os olhos do Jeremiah se arregalaram. — Mas há caçadas e bailes que você comparece todo ano.

— Não vou comparecer esse ano — Apollo rebateu.

— Mas—

— Envie minhas desculpas — Apollo ordenou. — E Achilles vai chegar em breve. Ele vai cuidar dos meus assuntos

enquanto eu estiver fora. Assim que a comitiva que estou aguardando chegar, vou partir para Bellebryn.

— Mas...

Apollo o interrompeu levantando a mão, enquanto ouvia pés correndo do lado de fora da porta.

Voltou os olhos para a porta segundos antes dela ser aberta.

Seu jovem servo, Nathaniel, correu e parou abruptamente, flocos de neve no cabelo loiro claro, a capa curta, de menino, ainda vestida.

— Você disse para avisar no momento em que visse cavaleiros e vi um cavaleiro, senhor. É o Derrik — anunciou.

Maldição dos infernos.

Finalmente.

— Vá até o Torment, coloque a sela nele e o traga para frente. Então, vá se aquecer — Apollo ordenou e olhou para o Jeremiah. — Saia.

Os olhos do Jeremiah se arregalaram. — Mas, senhor, nós temos—

Apollo se levantou, apoiou ambos os punhos na mesa e retumbou: — *Saia.*

Jeremiah assentiu, reuniu rapidamente as pilhas de papéis que tinha no seu colo, aquelas na beira da mesa do Apollo e também as da cadeira, que tinha puxado para perto. Ele as enfiou na maleta aberta e maltratada, a agarrou e saiu correndo.

Nathaniel já tinha ido embora.

Jeremiah fechou a porta atrás de si.

Apollo se moveu para a janela que tinha vista para a frente da casa e olhou para fora, vendo Derrik galopando em seu cavalo, já à vista, na alameda ladeada de pinheiros.

Inspirou profundamente pelo nariz. Isso não acalmou sua irritação, assim, inspirou novamente. Também, falhou, então parou de tentar.

Quando Derrik parou nos degraus em frente à casa, Apollo se afastou da janela e se moveu até sua mesa. Parou ao lado dela e encostou a coxa contra a borda. Então cruzou os braços sobre o peito e as botas na altura do tornozelo.

Olhou para a porta e, enquanto fazia isso, não se preocupou em inspirar profundamente para manter a calma.

Momentos depois, ela se abriu sem uma batida e Derrik surgiu através dela, a capa e o cabelo polvilhados com neve, a primeira rodopiando em torno dele.

Estava tirando as luvas, mas fazendo isso com os olhos sobre Apollo.

— Feche a porta — Apollo ordenou.

Derrick a chutou, fechando-a, deu dois passos para dentro da sala e parou, ainda olhando fixamente para Apollo.

— Você está atrasado — Apollo soltou um grande eufemismo.

Derrick não disse nada.

— Por dois malditos meses — Apollo continuou.

Derrick ainda não disse nada.

— A guerra está por um fio — Apollo o lembrou.

Derrick permaneceu em silêncio.

Apollo se segurou nos fios desgastados do seu controle e convidou: — Gostaria de explicar por que está atrasado?

Derrick, finalmente, falou. — Acredito que foi explicado em nossas mensagens.

— De fato — Apollo grunhiu.

Jogos. Feiras. E a Ilsa do outro mundo querendo comer peixes cozidos em uma grossa crosta de sal, derivando, por alguma razão louca, em uma guerra de cozinheiros por dois dias,

onde ela tentou vencer um chef local com uma preparação de frutos do mar.

Ela ganhou, Remi tinha relatado com júbilo aparente, com algum prato que incluía salmão envolto em massa folhada.

Diante da lembrança, Apollo cerrou os dentes.

Afrouxou o aperto para perguntar: — Ela está no Cisne?

— *Ela* está — Derrik respondeu e Apollo não entendeu a ênfase no *ela*.

Também não se importou.

Se afastou da mesa, abaixou os braços e murmurou: — Então, estou indo para o Cisne.

— Se você não a quer, eu vou tê-la.

Diante das palavras do Derrik, Apollo parou e perfurou seu amigo com os olhos.

— Perdão? — Sussurrou.

Queria acreditar que não tinha entendido o seu amigo.

Mas tinha a sensação que compreendeu o seu amigo.

Observou enquanto Derrik afastava os pés e colocava os punhos nos quadris.

Oh, sim.

Ele tinha entendido o seu amigo.

— Se você não a quer, vou tomá-la — repetiu.

Pelos deuses, tinha que estar brincando.

— Você está falando da minha esposa? — Apollo perguntou em voz baixa.

— Ela não é sua esposa — Derrik rebateu.

— Ela é minha esposa — Apollo vociferou.

— Ela não é sua esposa, maldição — Derrik o cortou.

— Deuses, homem! — Apollo explodiu, chegando ao final da sua paciência e balançando a mão. — Você sabe que ela é, assim como não é.

— Não, Lo. Só sei que ela *não é* — Derrik devolveu.

Apollo sentiu os olhos se estreitarem. — Você enlouqueceu?

— Nem um pouco. Ela me contou que você disse a ela que não a queria. Se for esse o caso, vou levá-la. Vamos partir esta noite. Vamos para Vale, Fleuridia, algum lugar que você não saiba onde estamos, mas também, algum lugar longe de você para que nunca a veja comigo.

De repente, as mãos do Apollo coçaram, sua pele se arrepiou e, diante disso, advertiu: — Sugiro que você pare de falar.

Derrick balançou a cabeça.

— Não vou parar. Você a deixou sozinha, desamparada e assustada. Ela não vai mais ficar sozinha, não vai ter medo e *nunca* vai estar desamparada. Não comigo — Derrick afirmou.

Apollo encarou o olhar do seu amigo *mais próximo* e uma sensação de mal-estar serpenteou até sua garganta.

Por causa disso, sua voz era de uma calma mortal quando perguntou: — Ao anunciar isso, está dizendo que tem sentimentos por Ilsa?

— Não seja idiota — Derrick vociferou. — Ao afirmar isso, estou dizendo a você que tenho sentimentos pela Maddie.

A cabeça do Apollo se ergueu. — Quem, diabos, é Maddie?

— A nossa Ilsa — Derrick respondeu.

Apollo cruzou os braços sobre o peito e perguntou: — *Nossa Ilsa?*

— Minha e dos meus homens. Maddie é a nossa Ilsa. A chamamos de senhora por respeito e porque era muito difícil chamá-la de Ilsa, lembrando da outra ela. Por causa disso, ela se tornou Maddie.

Essa intimidade, essa história partilhada, não importa quão recente, atingiu Apollo no estômago e o veneno novamente começou a subir para sua garganta.

Não tinha tempo para essa discussão ou para esses sentimentos. Precisava acabar com isso agora, chegar até Ilsa, conversar com ela, a levar até Karsvall e continuar o seu caminho.

— Você fala da minha esposa, então já sabia a minha resposta antes que fizesse o seu pronunciamento — declarou. — Você não vai levá-la. Ela não é sua para ter. Ela é minha.

— Não é. Ela é Maddie. E ela é livre para fazer o que quiser, com quem desejar — Derrik rebateu.

Seu significado, claro, foi outro golpe e mais veneno o sufocou.

— Cuidado, irmão — Apollo sussurrou.

— Eu entendo você — Derrik falou, sua voz suave. — Entendo o que está sentindo.

— Você não tem nem ideia, maldição — Apollo vociferou.

— Tenho — Derrik retorquiu.

— Então, se tinha, você sabia que seu amigo mais próximo, um irmão de cavalo, se não de sangue, entrar em seu escritório dizendo que vai levar a mulher, que é a cara da sua esposa morta, para Vale, para Fleuridia, para *sua cama*, está além do inaceitável. Você poderia levá-la para as estrelas, ainda ficaria acordado à noite, sabendo que eu estaria deitado, acordado a

noite inteira, atormentado por saber que ela estava deitada ao seu lado. E você faria isso, sabendo, lá no fundo, que foi a pior traição que se pode imaginar.

Apollo viu Derrik vacilar, mas não recuou.

Ele falou: — Você não pode não a querer e ainda a ter, Lo.

— Posso fazer o que os deuses malditos quiserem, Rik — Apollo rebateu. — Paguei para ela estar aqui. Ela é *minha* esposa. *Eu vou* cuidar dela e *eu vou* protegê-la.

— Como? Fazendo a mesma coisa que o marido dela fez, no outro mundo? — Derrik rebateu. — Abusando dela por negligência e não com os punhos?

Sua visão escureceu e Apollo andou a passos largos para frente. Derrik se preparou quando ele fez isso, enrijecendo, pronto para um confronto.

Não teve um.

Apollo se moveu em torno dele e abriu a porta.

Se virou para ele e nivelou o olhar com o do seu amigo.

— Pense nisso — ordenou.

— Pensei, durante quatro meses — Derrik respondeu.

— Então, pense mais — Apollo falou entre os dentes, bateu a porta e caminhou como um furacão até o fim do corredor.

* * * * *

Caminhou pela sala isolada que solicitou para este encontro, seu fogo acolhedor na lareira, mas Apollo não se sentia quente.

Sinto muito.

Ouviu as palavras sussurradas, sua voz estava sonolenta, mas aquelas palavras eram sinceras.

E sentiu o corpo mole afundando contra o dele.

Sinto muito.

Parou de andar e fechou os olhos.

Mas, quando o fez, viu seus olhos, apavorados, confusos e com dor, olhando profundamente nos seus.

Você não é uma alucinação.

Ele abriu os olhos e murmurou para si mesmo. — Onde, diabos, ela está?

Ele estava no Cisne.

Conseguiu conduzir Torment, seu ruão⁸, através da neve e até a cidade, com a mente consumida em encontrar razões para não matar seu amigo mais próximo.

Mas já estava na pousada há vinte minutos, à espera *dela*, e, mesmo assim, estava tendo dificuldade em controlar seus pensamentos.

Pensamentos que manteve firmemente amarrados desde aquela manhã que se afastou do seu corpo sonolento e entendeu que tinha cometido um erro colossal.

Não, salvá-la do seu marido, esse não foi o seu erro. Mas poderia ter feito isso sem vê-la.

Não, o seu erro foi vê-la.

Tocá-la.

Ouvi-la.

Sentir o seu cheiro.

Compreender imediatamente que ela não era a sua Ilsa.

Mas uma Ilsa que era perigosa.

Algo que, agora, sabia categoricamente considerando sua conversa com o Derrik.

⁸ Designa cavalos cuja pelagem é caracterizada por uma mistura de pelos brancos e coloridos no corpo, enquanto a cabeça e as extremidades do animal - parte de baixo das pernas, crina e cauda - são principalmente de cores uniformes e sólidas.

Portanto, enquanto deveria estar se planejando para um ataque, estava fazendo outros planos.

E esses planos o incluíam negociando a compra de uma moradia, uma grande e luxuosa, mas a quilômetros de distância de qualquer uma das suas propriedades.

E já havia aberto uma conta e depositado dinheiro suficiente nela, para ela poder viver e fazer isso tendo cada desejo atendido, mas sem nunca ter a necessidade de ir até ele e pedir qualquer coisa.

E viver longe e bem cuidada era o que ela ia fazer, depois de lidarem com o que estava por vir.

Infelizmente, até esse momento, para a sua segurança, ele precisava estar em Karsvall, com os seus homens e com a bruxa que estava ajudando todos eles.

E também com seus filhos.

Explicou tudo sobre a Ilsa, cuidadosamente, para Christophe e Élan, e os observou de perto depois que o fez.

Sua filha tinha um ano e meio quando a mãe tinha morrido. Agora, ela tinha seis. Não se lembrava da mãe, embora estivesse animada sobre o encontro com a Ilsa, assim como estava animada sobre tudo sob o sol.

Não precisava de muito para a sua Élan. O voo de um pardal podia iluminar o dia dela.

De onde ela conseguiu isso, não tinha ideia. Não foi dele.

Também não foi da sua mãe.

Sua Ilsa era rápida em sorrir, divertida com as palavras, e, deuses malditos, tão inteligente, que era, às vezes, alarmante.

Mas não era uma sonhadora. Não esperava algo excitante em cada esquina. Não saía correndo para enfrentar a vida, como a sua filha.

Christophe, por outro lado, tinha quatro anos quando a Ilsa foi perdida para ele. Agora tinha oito, quase nove.

Ele se lembrava dela. Essas lembranças eram indescritíveis, devido à sua idade, mas carregava um medalhão com um pequeno retrato da mãe dentro dele, desde que o encontrou na cômoda do Apollo, quando tinha cinco anos.

Nunca ficava sem ele.

Também não estava animado para conhecer Ilsa. Tentou esconder isso do seu pai e da irmã.

Mas falhou.

Isto preocupava Apollo, mas precisaria ter uma conversa com Achilles sobre isso.

Achilles iria manter um olho nas coisas.

Diante deste pensamento, a porta se abriu e Ilsa entrou na sala.

Apollo cerrou os dentes e se preparou interiormente para a visão dela.

Ela se parecia exatamente como a sua esposa. Falava como ela. Ainda tinha o cheiro dela.

Mas não se movia como ela. Não tinha o seu andar. Nem a inclinação de cabeça. Nem o movimento das mãos.

Nada.

Seus olhos se aproximaram dele e aqueles olhos não eram os olhos da sua beleza.

Sua Ilsa tinha vivido uma vida cheia de abundância e serenidade. Quando era criança, quebrou o dedo do pé, mas essa foi a maior dificuldade que enfrentou até enfrentar a dificuldade que encerrou seus dias na terra. Eles se conheceram jovens, se apaixonaram jovens e casaram jovens. Tiveram um casamento cheio de promessas e paixão, riso e contentamento. Sua Ilsa teve uma boa vida desde a sua primeira respiração, mas não até a última.

Não, durante seis meses padeceu com a sua doença. Na verdade, mais, embora não a tivessem percebido desde o início.

Então ela deu seu último suspiro, e aquela respiração, como as anteriores, durante meses, tinha sido dolorosa.

Mas essa Ilsa, o que se escondia por trás dos seus olhos era tão profundo que poderia cavar durante séculos e nunca chegar ao fundo da questão.

Também não sabia, se resolvesse fazer esse esforço, se ia encontrar riquezas... ou desespero.

O que sabia, o que veio a descobrir em seu breve tempo juntos, e contra o que deveria se proteger, era o enorme desejo que sentia de encontrar uma pá e começar a cavar.

— Obrigada por ter vindo tão rapidamente — ela falou, observando-o com suas contemplações e ele soube, por sua expressão, que ela podia não saber seus pensamentos exatos, mas suspeitava que eram sobre a sua gêmea.

Ela estava certa, assim como errada.

Havia, também, dor nos olhos dela, talvez por ela, talvez por ele, talvez até mesmo por ambos. Além disso, havia tristeza, e isso, provavelmente, por causa dele.

Mas também parecia zangada.

E isso foi uma surpresa.

— Não sabia que você estaria aqui tão rápido — ela continuou. — Fiz uma refeição leve, bebi um pouco de vinho e tomei um banho. Se soubesse, teria atrasado o banho.

Seguramente, não precisava ouvi-la falar sobre tomar banho. Isso o fez lembrar dela pressionando o corpo contra ele enquanto estava nos seus braços, na sua cama, em Fleuridia, e quando fez isso, estava completamente vestida com as roupas do mundo dele. Pensamentos sobre isso, e pior, pensamentos sobre ela nua, eram pensamentos que não precisava.

Portanto, para acabar com eles, declarou: — Eu devia ter dado um tempo para você se refrescar. Mas, agora, estamos aqui, então devemos continuar.

Ela assentiu com a cabeça, deu um passo para dentro da sala e começou a falar.

E quando o fez, Apollo não pôde acreditar no que estava ouvindo.

— Você está certo. Devemos proceder para podermos seguir em frente. E eu gostaria de começar agradecendo a guarda, as roupas e, bem... tudo.

— É meu dever para... — ele começou, mas ela o interrompeu.

— E vou pedir que me permita mantê-las quando eu for embora.

Ele piscou. Lentamente.

Ela continuou.

— Também vou pedir um empréstimo. Pequeno, e vou deixar você definir a quantia porque vai saber melhor do que eu o quanto vai custar para me levar aonde preciso ir e para poder fazer o que preciso fazer. Mas precisa ser o suficiente para me levar de volta para Vale, talvez Fleuridia, e ajudar a me estabelecer.

Ela levantou a mão e, rapidamente, continuou.

— Quero lhe garantir que é bastante óbvio que, no seu mundo, você tem um bocado de dinheiro, mas ainda assim, não vou me aproveitar disso. Eu vou manter o controle e, quando tiver um trabalho, vou começar a devolvê-lo.

— Quando você tiver um trabalho? — Apollo repetiu suas palavras em uma pergunta, porque não estava certo do significado de cada palavra que ela disse, mas achou que tinha certeza do seu significado.

Ele só não conseguia acreditar.

— Sim — ela confirmou.

— Um trabalho em Fleuridia ou Vale — afirmou.

— Sim. É muito bonito aqui, mas também é muito frio e, uh... bem, tipo, muito perto de você — respondeu.

Apollo não disse nada.

Mas sentiu uma série de coisas e nenhuma delas era boa.

— Eu realmente gostaria de estar a caminho hoje à noite — ela o informou. — Isso é muito rápido para você? Para fazer um empréstimo, quero dizer. Ou melhor, se você concordar em me dar o empréstimo. Se não concordar, eu entendo. Vou pedir ao Achilles. Ou ao Derrik.

Ele tinha algo a dizer sobre isso.

— Você não vai ver o Derrik por algum tempo — Apollo declarou e viu sua cabeça dar um pequeno salto.

— Perdão? — Ela perguntou.

— Você e o Derrik não vão se ver por algum tempo — afirmou.

— Humm... bem... eu sei. Como disse, estou indo embora, tipo, hoje à noite. E não sou boa em despedidas, por isso, se pudesse pedir mais uma coisa, gostaria que falasse para todos os rapazes que eu disse *adeus* e agradeço — colocou a mão no peito — do fundo do meu coração por terem sido tão legais, apreciei demais. — Sua cabeça se ergueu novamente e ela esclareceu. — Quer dizer, não vou ver o Derrik novamente, a menos que tenha

que lhe pedir dinheiro. Depois disso, provavelmente não vou vê-lo nunca mais.

Ela disse isso, mas não gostou de dizer isso. Ela o estava surpreendendo de muitas maneiras, mas essa mensagem foi clara.

Ela ia sentir falta dos homens, mais especificamente, do Derrik.

Apollo sentiu a pele começar a formigar novamente.

— Você não vai vê-lo novamente, não porque está partindo para um lugar e se *estabelecendo*. — Disse, tentando manter o aborrecimento fora do seu tom de voz. — Você não vai vê-lo novamente, porque eu não vou permitir isso.

Suas costas enrijeceram abruptamente e ela sussurrou: — Você não vai permitir?

— Não — respondeu.

— Mas—

— Você também não vai a lugar algum, a não ser Karsvall.

— Eu—

— E você não vai trabalhar, de forma alguma. Uma mulher da casa dos Ulfr não trabalha.

Ela piscou.

Então, o encarou.

— E você pode não ser deste mundo, mas é uma Ulfr — completou.

— Como vou ganhar dinheiro se não posso trabalhar? — Perguntou.

— Se você precisar de alguma coisa, peça. Será fornecida a você — ele respondeu.

— Mas—

— Agora — ele a interrompeu novamente. — Quanto às crianças...

Foi ela quem o interrompeu neste momento, falando: — Espere um segundo.

— Ilsa—

— Não. — Ela continuou falando e, agora, estava avançando; a mão para cima, apontando o dedo para ele e o espetando no ar. — *Você*, me ouça agora e pare de me interromper. É rude. — Parou de se mover e abaixou a mão. — Você não pode me dizer o que posso ou não fazer; aonde posso ir e quem eu posso ver.

Ela parou de falar, assim, ele perguntou: — Posso falar?

— Só se não me deixar fula da vida quando fizer isso — concedeu e ele, na verdade, não queria achá-la engraçada.

Mas, maldição, achou.

Só não demonstrou isso.

— Tenho medo que o que estou prestes a dizer vai fazer isso... se entendi o seu significado, quando descobri o que essas palavras significam com Finnie, Cora e Circe.

Sua cabeça se inclinou para o lado. — Finnie, Cora e Circe?

— As mulheres do seu mundo casadas com homens do meu.

Seus olhos se arregalaram e isso não foi engraçado.

Foi cativante.

Deuses, tinha cometido um erro colossal ao trazê-la para cá.

— *O quê?* — Exclamou.

Ele inspirou profundamente e explicou: — Finnie, a princesa de gelo de Lunwyn, Cora, a Benévola, princesa de Hawkvale, e Circe, a Rainha guerreira de Korwahk, são todas do seu mundo.

Seus olhos ficaram ainda maiores.

Então, mais cativantes.

Diabos.

— Cora, a Benévola, é do meu mundo? — Ela sussurrou.

— Você já ouviu falar sobre ela — Apollo deduziu.

Ela acenou com a mão e exclamou: — Claro! Todos a elogiam em Vale.

— Ela é muito amada — Apollo concordou.

— Totalmente — ela declarou. — Caramba. Ela veio lá de casa?

Apollo cruzou os braços sobre o peito. — Sua casa, assim como a dela, é aqui, agora, Ilsa.

— Bem, sim. Eu sei — ela respondeu imediatamente. — Você sabe o que eu quero dizer.

— Minha opinião é, seria bom parar de pensar no outro mundo como a sua casa.

Ela não disse nada, mas a animação e a surpresa sumiram das feições delicadas, enquanto encarava o olhar dele.

Tentou não pensar que gostava mais da surpresa e da animação iluminando suas feições e voltou ao tema anterior.

— Como eu estava dizendo, tenho medo de deixá-la fular a vida com o que eu tenho a dizer, mas, neste mundo, você é uma mulher, você é minha responsabilidade e você é uma Ulfr. Além disso, pertence à aristocracia por nascimento, bem como por

casamento. Seu pai, em Fleuridia, era um conde. Portanto, de qualquer forma, você é uma aristocrata e deve se comportar neste mundo como tal.

Seu tom era cauteloso quando ela perguntou: — Posso supor que é amplamente conhecido que sua esposa faleceu.

— É — afirmou laconicamente.

— Então, todo mundo vai saber que eu não sou ela. E, de qualquer maneira, se não estiver aqui, então não tenho que agir do modo que se espera de mim.

— Decidi explicar a sua... — fez uma pausa — aparência, dizendo que é uma prima distante da Ilsa, que tem uma estranha semelhança com ela, mas que cresceu em Vale, portanto, não sabe falar Fleuridian. Você veio para cá para ser abrigada, devido à morte prematura dos seus pais e ao seu recente estado de viúva, pois seu marido também teve um final prematuro.

Ela deu outro passo na direção dele e parou, dizendo: — Mas você não vê, Apollo? Se eu partir, não há necessidade de explicações.

— Você não vai partir, Ilsa — ele negou.

Ela o imitou, cruzando os braços sobre o peito. — Eu não vou ficar, Apollo.

Ele estava perdendo a paciência, não que tivesse muita, em primeiro lugar.

— Não é seguro — falou secamente.

— Eu estive fugindo do Pol por três anos. Sim, este mundo é diferente, mas acho que posso cuidar de mim mesma.

— Vou lembrá-la que estava fugindo e ele a encontrou. Quando pus os olhos em você, pela primeira vez, não estava indo tão bem em se manter segura.

Ela manteve a boca fechada e ele soube que tinha ganho essa argumentação.

Assim, seguiu em frente.

— É minha responsabilidade... — começou a dar prosseguimento, mas ela o interrompeu.

— Eu não sou um dever. Sou uma pessoa.

— Estou ciente disso.

— E posso trabalhar e *posso* cuidar de mim mesma. E se não puder, francamente, isso não é da sua conta. Vou lidar com isso também.

Ele tentou uma nova tática e perguntou: — E como você vai se alimentar?

— Não decidi ainda, mas não é como se não existissem restaurantes ou cafés. Vou conseguir um emprego como garçoneiro.

Suas sobrancelhas se ergueram e, quando olhou para ele, por algum motivo, deu um passo para trás.

Mas ele ignorou isso.

— Uma *garçoneiro*? — Ele perguntou, a voz cheia de escárnio e, ao som dela, sua coluna se endireitou tão rapidamente, que era de admirar que não escutou o estalo.

— Sim — sussurrou. — Uma *garçoneiro*. — Imitou o seu tom, em seguida, defendeu sua escolha questionável de profissão. — É um trabalho honesto.

— Você é uma Ulfr — ele lembrou.

— Sim, esse é o meu sobrenome, dado a mim por um homem que eu, agora, detesto, por isso é um sobrenome que não quero. E o outro homem que tem esse nome, não gostei muito dele. Então, vou voltar a usar o meu nome de solteira e ninguém vai saber que sou uma Ulfr. Está tudo bem por mim, porque durante o tempo em que eu fui — ela se inclinou — “*tudo* isso” — enfatizou, seu significado claro: — Não gostei muito.

Ele não gostou do que ela quis dizer. Nem um pouco.

E não hesitou em se opor a isso.

— Você sofreu nas mãos dos meus homens? — Perguntou.

— Não, eles foram incríveis. Cada um deles. Mas *você* não foi toda essa maravilha.

— Bem, você pode ficar sossegada, minha pomba, pois não terá que se preocupar comigo — rebateu. — Vou partir para Bellebryn no momento em que a deixar em Karsvall.

— Essa é uma notícia fabulosa — ela respondeu sarcasticamente. — Mas, mesmo que eu não tenha que me preocupar com você, *tenho* que me preocupar com os seus filhos.

Desta vez ele não entendeu o significado, mas sabia que não ia gostar.

Portanto, sussurrou: — Cuidado, Ilsa.

— Sabe, tenho vivido mais de uma década tendo cuidado — começou a conversa, então se inclinou novamente e sussurrou: — E estou *cansada disso*. Também estive sendo controlada por um homem por mais de uma década e estou — se inclinou ainda mais — *cansada disso, também*.

Ele descruzou um braço para apontar na direção dela, abaixando-o para indicar seu corpo, e o cruzando novamente antes de declarar: — Você usa roupas finas. Dormiu na melhor cabine no navio, a sua passagem foi paga por mim. Dormiu nas melhores pousadas e comeu os melhores alimentos que podiam

ser encontrados durante a viagem. Eu sei. Eu ordenei e meus homens seguem ordens com precisão. Você parece bem, saudável e descansada. Tudo o que foi feito para você, desde que veio para este mundo, foi feito com a sua proteção, segurança e conforto em mente. E você pode falar pelos próximos quatro dias e não vai me convencer que não esteve *muito* confortável nos últimos *quatro meses*, tudo às minhas custas.

— Você me trouxe para cá, idiota — ela rebateu. — E me deixou lá. — Apontou um braço na direção do Mar do Inverno, ao norte, não Fleuridia, que era para o sul, e continuou falando. — E, só dizendo, é assim que tudo começa, todas as coisas boas com o meu *conforto* em mente. Então toda a merda desaba e não é nada confortável.

Sua paciência diminuiu e começou a desvanecer mais rapidamente.

— Eu não sou ele, Ilsa — grunhiu.

— Não, mas tudo o que está jogando na minha cara diz que acredita que estou em dívida com você, por me dar roupas, comida e uma viagem segura. Bem, coloque isso na sua cabeça, gostosão, você está sendo ridículo. Apenas me deixe ir e você nunca mais vai me ver e não custarei a você mais nenhum centavo.

— E para você ir embora, precisa de peças de vestuário que eu comprei para você e um empréstimo — ele lembrou, ela levantou a cabeça abruptamente e seus olhos se estreitaram.

Ele a pegou.

Quase sorriu.

Então ela provou que não.

— Vou sair daqui nua, não dou a mínima.

Ele ergueu uma das sobrancelhas. — E morrer no mau tempo?

— Pelo menos, vai ser uma escolha minha — ela retrucou, descruzando os braços e apoiando as mãos nos quadris.

Apollo inspirou profundamente pelo nariz.

Isto já estava indo longe demais. Ele tinha que recuperar o controle.

Deixou escapar o fôlego e, a fim de controlar a discussão, forçando calma, declarou: — Temos um problema, você e eu.

— Você acha? — Ela perguntou com sarcasmo.

— Me deixe terminar — exigiu em voz baixa.

Ela tirou as mãos dos quadris e as cruzou sobre o peito novamente.

Ele voltou a falar.

— Você não está conseguindo deixá-lo para trás. Eu estou tendo dificuldade em deixá-la para trás.

Ilsa não disse nada, mas um flash em seus olhos indicou que ela concordava.

— Tempos sombrios estão à frente, para todos nós. Levaria algum tempo para explicar isso plenamente, mas vou tentar fazer o que puder, agora.

Quando ele não disse mais nada, ela acenou para ele continuar, que assim o fez.

— Sei que a magia não é praticada abertamente no seu mundo. Você pode ou não saber que aqui, é. E há pessoas que acumularam grandes quantidades de poder. Uma delas em Vale, tanto que é considerada uma deusa.

Ela arregalou os olhos ao ouvir essas palavras e ele realmente desejou que parasse de fazer isso.

Com dificuldade, ele a ignorou e continuou falando.

— E aquelas que nos causam preocupação não usam sua magia para o bem. Agora, se uniram a um rei deposto que, sem dúvida, tem vingança em mente. Também sequestraram a Cora deste mundo, que não é uma boa mulher, mas fria até os ossos, egoísta e traidora. Esta não é uma característica nobre. Visam o mal e têm o poder de fazer a infelicidade descer sobre a terra, o

tipo de infortúnio que nunca foi experimentado em nosso mundo. O tipo de infortúnio que ninguém nem mesmo esperaria passar, neste mundo ou em qualquer outro.

— Caramba — ela sussurrou.

— Sim — concordou. — Por esta razão, você não está segura aqui, sem proteção. Você também não está segura no seu mundo. Mas eu me sentiria melhor e com mais controle sobre a sua segurança se você estivesse no meu mundo. Depois que passarmos este período tenso, podemos discutir, novamente, como será o seu futuro neste mundo. Mas, por enquanto, estou pedindo que me permita cuidar da sua segurança. Significaria muito para mim saber que a mantive a salvo dele e a mantive segura aqui, também.

Podia ver, pelo calor que invadiu seus olhos e a suavidade que se instalou sobre a sua boca, que ela estava a caminho de ceder e relaxou.

Mas ela não cedeu.

— Não posso ir para Karsvall — o informou.

— Ilsa—

— Não posso ficar perto dos seus filhos.

Respirou fundo novamente e, presumindo o motivo da sua hesitação, explicou: — Eles já sabem sobre você. E entendem.

Ela encarou seus olhos por um momento antes de olhar para o lado.

Ele observou seu perfil e, de repente, lhe ocorreu uma coisa que eletrificou todo o seu corpo.

Ele não sabia o que ela estava pensando.

Não podia prever o que ia sair da sua boca. Não podia entender os flashes nos olhos dela. Mal podia adivinhar as expressões do seu rosto.

Não como conseguia fazer com a sua Ilsa.

Ela era uma novidade.

Entendia que ela era uma novidade, simplesmente não entendia que ela era *original*.

Inteiramente original.

Deuses.

Ela olhou novamente para ele, direto nos seus olhos, mas sua voz era tão baixa que mal pôde ouvi-la, quando disse: — Eu perdi dois bebês. Um menino — inspirou suavemente — e uma menina.

Seu estômago se contorceu.

Oh, sim, ela era uma novidade.

E agora sabia que havia extraído uma daquelas coisas profundas que se escondiam por trás dos seus olhos.

Só queria não ter descoberto o que havia extraído.

Mas, mais, muito mais, desejou que essas perdas não estivessem enterradas na sua alma.

— Logicamente — ela continuou com a voz baixa: — Entendo que eles não são meus. Irrracionalmente, tentei me convencer que eles não são o que eu poderia ter tido no meu mundo. Mas sei que, da forma como as coisas são com os nossos mundos, *eles são*.

— Ilsa—

Seus olhos se encheram de lágrimas e ela sussurrou: — Eu não posso fazer isso. Eu... — engoliu em seco e admitiu: — Isso iria me matar.

Foi então que se viu dizendo: — Hoje à noite você fica aqui no Cisne e descansa. Amanhã, estaremos a caminho de Bellebryn.

Ela piscou antes de sussurrar: — O quê?

— Amanhã, estaremos a caminho de Bellebryn.

— Amanhã... Bellebryn... — Ela balançou a cabeça rapidamente, em seguida, perguntou: — O que você quer dizer com *nós*?

— Nós, significa você e eu.

Toda a sua estrutura enrijeceu visivelmente.

— Mas eu não posso... você não pode... — balançou as mãos. — Nós nem sequer *gostamos* um do outro.

— Eu não te conheço o suficiente para não gostar de você, Ilsa — ressaltou.

— Bem, você não estava ansioso para me conhecer — devolveu, o fogo de volta aos seus olhos. — E da maneira como comunicou isso, não me tornou *sua* maior fã.

Ele lutou para seus lábios não se curvarem, falhou nesse esforço e os olhos dela observaram sua boca.

Sentiu os olhos dela lá, e os sentiu em outros lugares também.

Maldição dos infernos.

Ir para Bellebryn com Ilsa não era um bom plano.

Mas, para salvá-la da dor de cabeça de encontrar Christophe e Élan, era o único.

No entanto, ela faria a escolha.

— Você tem duas opções, minha pomba — compartilhou. — Karsvall com as crianças ou Bellebryn comigo. — Ele começou a se mover para a porta. — Você tem até amanhã de

manhã para fazer sua escolha. Estarei aqui ao nascer do sol. Ou a levo de volta para a minha casa ou a levo comigo. — Ele parou, a mão na maçaneta da porta, os olhos sobre ela. — Vou vir preparado, de qualquer maneira.

— Eu... você... não podemos... isso é... — Balbuciou.

— Até amanhã — falou como despedida, abriu a porta, a atravessou e a fechou atrás dele.

Ele esperou que ela o seguisse, chamando seu nome, suplicando ou cuspindo fogo.

Se fosse honesto, não estava esperando por isso. Estava ansiando por qualquer um deles, não importava qual. Embora estivesse inclinado a preferir cuspindo fogo.

Ela não fez nada disso.

Ele lutou contra a decepção, sabia que não era saudável sentir isso, pegou a capa no gancho da porta e levantou o queixo para Henri, o gerente. Quando Henri lhe deu um aceno, Apollo se moveu para o frio, afivelou o manto e caminhou até os estábulos, onde tinha deixado Torment, para mantê-lo fora do frio.

Levou Torment para fora, o montou, estalou a língua contra os dentes, se inclinou para frente, fincou os calcanhares e Torment disparou pela neve.

Voltou para casa sabendo que devia estar pensando em uma variedade de coisas, fazendo planos, priorizando conversas.

Mas não cavalgou pensando em nada disso.

Fez isso imaginando qual seria a resposta dela no dia seguinte.

* * * * *

Enquanto Apollo cavalgava em direção aos estábulos, viu Achilles sair deles.

Freou Torment perto do seu primo e desmontou, levando o cavalo até ele.

Achilles olhou além dele, então, novamente para Apollo.

— Maddie não está com você — observou e Apollo sentiu sua boca se contrair diante do nome familiar com o qual chamavam Ilsa.

Se forçou a relaxar, a fim de dizer: — De fato. Ela vai permanecer no Cisne esta noite. Envie novos guardas para substituir os que estão na pousada.

Achilles concordou, mas o observou atentamente, os olhos do seu primo, Apollo sabia, não perdendo nada.

— É uma mudança nos planos — observou ele.

— Assim como tem sido, quando se trata da Ilsa do outro mundo, desde a sua chegada — Apollo rebateu e levantou uma sobrancelha. — Quatro meses, Achilles?

Os lábios do primo se curvaram.

Apollo não achou nada divertido. — Você sabe os perigos que espreitam e, portanto, a pressa que deveria ter tido.

— É difícil negar algo a ela — Achilles respondeu.

Apollo já estava preocupado com isso. O inabalável Achilles caindo sob os seus encantos o deixou mais ainda.

— Estou sentindo isso — Apollo falou e, em seguida, compartilhou — Derrik e eu trocamos umas palavras.

— Eu tinha medo disso — Achilles murmurou.

Sim. Achilles não perdia muita coisa.

— Ele não vai estar próximo a ela por algum tempo — Apollo afirmou.

Mais uma vez, Achilles o observou de perto, mas não disse nada, apenas assentiu.

— Como você observou, os planos mudaram — Apollo disse. — Ela tem algumas preocupações sobre estar perto do Christophe e da Élan. Dei a ela a opção de ir comigo para Bellebryn, amanhã, ou ficar aqui.

Ignorou o olhar de surpresa do Achilles e continuou.

— Ela tem até o amanhecer para tomar uma decisão. Quando eu partir, se ela não voltar, você vai saber que ela escolheu ir comigo. Você deve ficar aqui, assim como o Derrik. Despache Remi, Laures, Hans e Draven para seguir conosco até Bellebryn. Vou agir como seu guarda na viagem. Eles vão cuidar dela em Bellebryn.

— Quatro meses atrás — Achilles começou com cuidado, — você não parecia disposto a passar algum tempo com ela, primo.

— Ela e eu tivemos uma conversa que me fez mudar minha opinião.

Achilles soltou um suspiro e Apollo sabia o que aquilo significava.

— Não é desse jeito — ele assegurou.

— Não foi desse jeito para o Derrik, também, no início. E você deve saber que não era desse jeito para o Laures ou o Remi, também. Para Derrik, demorou cerca de uma semana. Remi e Laures caíram não muito depois. E tenho suspeitas sobre o Hans e o Gaston.

Era pior do que ele pensava, mas não pior do que poderia imaginar. Não depois de passar um tempo com ela, no início e na pousada.

Ainda assim, sussurrou um irritado: — Maldição.

— A boa notícia é que vão ser excelentes guardas. Vão dar a vida por ela — Achilles declarou.

— Eles cobiçam a minha esposa — Apollo vociferou e viu Achilles inclinar a cabeça para o lado.

— Ela é? — Perguntou em voz baixa.

E pela segunda vez naquele dia, Apollo se viu falando antes da sua cabeça funcionar.

— Vai ser.

Achilles piscou e perguntou: — O quê?

Acelerando o pensamento, explicou: — A história que será compartilhada quando as pessoas conheceram Ilsa e descobrirem que ela é uma prima distante da minha Ilsa, viúva, e perdeu os pais recentemente. Veio para Lunwyn para ficar sob a minha proteção. E é costume, não é, um viúvo tomar como esposa uma viúva que é da família, no entanto de parentesco distante, a fim de lhe proporcionar socorro e proteção?

— Pelos deuses, primo — Achilles sussurrou. — É, mas não deixarão de perceber, nenhuma alma por milhas ao redor, e ao longo das Casas, que Maddie é a imagem da sua falecida esposa.

— Uma casualidade que, provavelmente, não vai ser questionada, considerando que não escondi meus sentimentos pela minha esposa ou o que sinto depois que a perdi. Por isso, não seria uma surpresa me sentir atraído por alguém que se parecesse com ela.

— Também é verdade, mas isso é loucura, Lo. — Achilles ainda estava sussurrando. — Uma vez que os problemas acabarem e Maddie tomar o lugar ao seu lado, todo mundo vai saber que ela é uma substituição de alguém que importava muito para você, e a perdeu.

Tendo acabado de tomar essa decisão, obviamente, não tinha pensado nisso, o que causou uma certa quantidade de desconforto, e não foi pequena.

Mas tinha tomado esta decisão. E Apollo Ulfr era muitas coisas, uma delas, decidido.

Por isso, perguntou ao seu primo: — Alguma vez me importei com o que as pessoas pensavam?

— Não, mas já lhe ocorreu que Maddie pode se importar? — Seu primo perguntou.

Ele, é claro, não tinha pensado nisso, e essa ideia também o perturbou.

Mas o tempo nunca parava e as pessoas se acostumavam a uma variedade de coisas, se tivessem o suficiente delas. Teriam que se acostumar à nova Ilsa. E se ela ficasse desconcertada com isso nesse meio tempo, iria apenas mantê-la perto e evitar a sociedade.

Explicou sua decisão, dizendo: — Ela esteve na companhia da sua guarda por quatro meses, Lees, e cinco se apaixonaram. O Derrik, tão profundamente, que me confrontou e pediu para levá-la embora.

— Deuses — Achilles resmungou, choque aparecendo no seu rosto, mas não surpresa.

O choque foi por Derrik enfrentá-lo. A falta de surpresa foi que Achilles sabia que isso poderia acontecer.

— Precisamente — Apollo falou laconicamente. — Ela é extremamente espirituosa. Também é de uma rara beleza. E sei que você não deixou de perceber que as outras coisas sobre ela iriam atrair qualquer homem.

— Será que atraíram você? — Achilles perguntou calmamente.

Apollo não respondeu.

Em vez disso, declarou: — Para sua própria proteção, devo tomá-la como esposa.

Achilles permaneceu em silêncio.

Apollo, não.

— Portanto, se ela escolher ficar aqui, o encarrego de mantê-la protegida das atenções que possam vir até ela, bem como cuidar dos meus assuntos e manter um olho em Christophe e Élan. Élan não terá nenhum problema com ela. Christophe pode ter dificuldade em lidar com isso.

Achilles assentiu.

Apollo continuou. — Se ela escolher ficar aqui, quando a trouxer, na parte da manhã, vou pegar Derrik e o levarei comigo.

Achilles assentiu novamente.

Apollo continuou. — Após o meu regresso, vamos providenciar um casamento tranquilo.

Achilles não assentiu diante disso. Encarou o olhar do Apollo e não disse nada.

Apollo ignorou as reservas nos olhos do seu primo e continuou falando.

— Se ela for comigo, despache a guarda como eu instruí, no entanto, não os homens que escolhi. Você escolhe quem enviar, mas envie quatro. Vou casar com ela ao longo do caminho.

Mais uma vez, Apollo não assentiu.

Em vez disso, aconselhou: — Imploro que leve algum tempo para considerar isso, primo.

— Não tenho outra escolha — Apollo respondeu.

Viu seu primo respirar fundo e exalar rapidamente.

Em seguida, novamente, viu seu primo assentir. Isso não surpreendeu Apollo. Eles cresceram juntos, ao lado de Laures, Draven e Derrik. Achilles sabia que, quando Apollo tomava uma decisão, não mudava de ideia.

E Achilles iria defendê-lo, se não em palavras naquele momento, quando chegasse a hora, iria fazê-lo com palavras e atos. Por Apollo e, não tinha nenhuma dúvida, também, pela Ilsa.

Portanto, Apollo acenou em resposta e encerrou a conversa, levando Torment para os estábulos.

* * * * *

A mão bombeava o pênis, os olhos fechados, a visão dela passando a língua até a parte inferior estava no seu cérebro.

O rosto dela, ele conhecia.

Mas nunca tinha conhecido essa língua.

Ou aqueles olhos.

Olhos que o estavam queimando, agora, queimando e o atravessando, mesmo que apenas na sua imaginação.

Insondáveis.

Um mistério.

Seu mistério.

Diante desse pensamento e do pequeno sorriso enigmático que ela lhe deu antes de deslizar a língua ao redor da ponta, empurrou a cabeça contra os travesseiros e Apollo sufocou o próprio gemido enquanto gozava sobre o próprio estômago.

Abrindo lentamente os olhos para a escuridão do seu quarto, ordenhou as últimas gotas do seu membro enquanto ela continuava a roubar seus pensamentos.

Então alcançou a mesinha de cabeceira, abriu a gaveta e pegou um lenço. Limpou sua semente e jogou o pano de lado. Então puxou as cobertas sobre ele e se virou de lado, esticando o braço para abraçar o travesseiro e puxá-lo para ele.

Hoje à noite, um travesseiro.

Amanhã, algo completamente diferente.

Mentiu para o seu primo.

Não pretendia dormir em qualquer lugar.

Ele pretendia dormir *com* alguém.

Sim, cometeu um erro colossal.

Um que não tinha nenhuma intenção de prorrogar, enviando-a para longe.

Diante desse pensamento, Apollo fechou os olhos e gradualmente deslizou para o sono.

* * * * *

Ao nascer do sol do dia seguinte, com uma mão enluvada sobre a rédea de um cavalo que estava atrelado ao trenó, preparado para levar Ilsa para frente ou de volta, Apollo a viu em pé na escada da pousada.

Estava usando uma capa feita de pele, segurando um gorro de pele na mão, o cabelo castanho brilhando ao sol e os olhos voltados para ele.

Se aproximou, montado no Torment, parou e olhou para ela.

Ela olhou para cima e, antes que ele pudesse falar, ela disparou: — Bellebryn.

Então, sem demora, marchou através da neve para o trenó.



Sabendo que estava amaldiçoado e não se importando nem um pouco, quando ela o fez, Apollo sorriu.

Capítulo Sete

Indo Para A Cama

Eu estava aprendendo algo novo.

E era, você não podia extravasar sua raiva quando um homem tinha a sua mão enfiada na dobra do braço dele e a estava guiando por alguns degraus, atrás de um estalajadeiro.

Você também não podia fazer isso quando estava na presença de um aristocrata, mesmo que você não fosse você mesma (oficialmente), porque isso não era a coisa certa.

Mas eu já sabia que não podia dar um chique em público, era rude, neste mundo, no meu mundo ou em *qualquer* mundo, não importa o quanto tinha razão.

Dito isto, eu ia fazer isso quando chegássemos ao *nosso* quarto.

Sim, *nosso* quarto.

O primeiro dia deslizando sobre a planície gelada com Apollo tinha ido relativamente bem. Isto teve a ver, principalmente, com Apollo cavalgando ao meu lado, através da neve, e não tentando conversar.

No caminho através de Lunwyn, pela primeira vez, enquanto os homens cavalgavam perto do meu trenó e conversamos, na maior parte, a minha atenção foi desviada da paisagem.

Sem essa distração, fui capaz de observar mais plenamente a beleza que estava em torno de mim. As planícies cobertas de neve fofa, brilhando ao sol. A paisagem pontilhada com pinheiros verdes adornados de branco. As pequenas aldeias que passavam, adormecidas e fechadas para escapar do frio, fumaça saindo preguiçosamente das chaminés que saíam de telhados cobertos com mantas de gelo parecidas com marshmallow.

Enquanto o glorioso cavalo branco com sua crina cinza (ao contrário da besta fantástica do Apollo, que era cinza, com uma juba branca incomum) puxava meu trenó envernizado, verde escuro, eu podia lhe dar toda a minha atenção. E vi que era muito mais bonita do que eu tinha reparado no caminho até aqui.

Isso me incomodou. Era tolo e até mesmo infantil, mas não queria gostar de qualquer coisa que viesse junto com o Apollo. E, considerando o rumo dos últimos acontecimentos, depois de quatro meses maravilhosos, que tinham sido os mais felizes, talvez, na minha vida toda, estava me sentindo bem em ser boba e infantil.

Uma das piores partes dessa sucessão de eventos foi que isso incluía estar na presença do Apollo.

Ele era pior do que eu imaginava e já tinha sido muito ruim antes.

Claro, havia razões para eu não poder seguir em frente e começar minha nova vida, livre para ser o que eu quisesse. Quero dizer, magia maléfica era iminente e não queria parecer uma covarde, mas não acho que seria a decisão mais inteligente sair sozinha por um mundo totalmente novo, quando bruxas más e vingativos governantes depostos estavam tramando para desencadear a infelicidade na terra.

E ele tinha sido legal (ok, tinha que admitir, tinha sido relativamente gentil) quando expliquei sobre Christophe e Élan.

Mas, na maioria das vezes, ele era ditatorial, orgulhoso, arrogante e *realmente* me incomodava quando me interrompia, como se o que eu tivesse a dizer não fosse tão importante quanto o que ele tinha a dizer.

Tinha pensado sobre isso e cheguei à conclusão de que estar com ele seria mais fácil de lidar do que estar perto dos seus filhos. E escolhi isso, porque decidi, ao mesmo tempo, ignorá-lo tanto quanto podia, quando estivesse com ele.

Eu poderia ignorar um ditatorial, altivo e arrogante homem adulto (talvez). Não podia ignorar as crianças (definitivamente).

Decisão tomada, a coloquei em prática quando paramos brevemente para o almoço e ele tentou me envolver em uma conversa. Sem um pio, desviei os olhos, mordi o sanduíche de carne de porco assada que um dos seus servos (sem dúvida, ainda não enxergava o Apollo em uma cozinha fazendo sanduíches) tinha fornecido (que estava delicioso, por sinal) e o ignorei.

A parte boa sobre isso é que estava funcionando. Ele parou de tentar falar comigo a partir do momento que desviei os olhos para longe dele.

A parte ruim sobre isso era que, quando meus olhos deslizaram para ele, momentos depois, estava encostado na lateral do trenó, olhando para o chão, a boca curvada e sabia que era a *mim* que achava divertida.

Isso me incomodou, então também decidi ignorar.

E lá fomos nós, cerca de dez minutos depois, e ele continuava em ritmo acelerado ao lado do meu trenó, mas sem dizer nada.

Também não disse nada quando nos guiou até uma aldeia maior, essa, ao lado de um lindo riacho que possuía rochas negras

brilhando em suas margens. Ele nos levou direto para uma edificação que tinha uma placa pendurada nela, que dizia: "Rock Creek Inn" (nada original, mas apropriado), onde paramos.

Também não disse nada quando passou as rédeas em torno de um poste na frente da pousada e se virou para mim, oferecendo o braço enquanto eu saltava do trenó. Eu era, é claro, uma recém-qualificada motorista de trenó, visto que Gaston me deu uma lição quando chegamos à Lunwyn e eu tinha estado no comando do meu trenó desde então. Embora, na verdade, não fosse muito para se gabar, uma vez que não era tão difícil assim.

Aceitei seu braço, mas fiz isso com o rosto virado, e nem sequer olhei para ele, porque não queria ver se isso o divertia, devido ao fato que sabia que iria me irritar.

Ele, então, curvou seus dedos ao redor da minha mão, na dobra do seu cotovelo, mas ignorei isso também. Já que a minha mão tinha luvas forradas com pele de coelho, eu podia, até mesmo, fingir que a mão dele não estava lá.

Foi o que fiz.

Então me guiou para a pousada, foi direto para a recepção e imediatamente pediu ao estalajadeiro o seu melhor quarto.

Isso, um quarto, singular.

Não tinha o padrão Holiday Inn, mas que tinha mais de um quarto, eu tinha certeza. E duvidava seriamente que o Apollo tinha intenção de dormir no meu trenó. Além disso, a única outra vez que ficamos sob o mesmo teto durante a noite, por algum motivo insano, ele tinha dormido na cama comigo.

Assim, ele tinha a intenção de partilhar o quarto comigo ou encontrar outro lugar quente para deitar a cabeça (ou não deitar a cabeça, considerando com quem havia compartilhado sua cama em Fleuridia, antes de mim – era duvidoso que ele tivesse muito descanso quando estava a pagar pelo tempo da pessoa com a qual estava).

Portanto, eu estava fervendo, mas me controlei.

Íamos ter uma conversa no *nosso* quarto.

Que foi aonde o gerente nos levou, abrindo a porta do quarto no final do hall, no segundo andar.

Se virou para o Apollo, entregou a chave de ferro com uma grande cruz no topo para ele e disse: — Vou chamar um garoto para acender o fogo assim que puder, meu senhor. Gostaria de um vinho, cerveja ou chá para aquecê-lo depois da vossa cavalgada?

Senti os olhos do Apollo sobre mim e não olhei para ele, mas tomei isso como um sinal de que estava me perguntando se eu queria qualquer uma dessas coisas.

— Vinho, por favor — pedi, forçando a minha voz a soar calma e desejando que pudesse pedir tequila. Aliás, tinha perguntado aos caras e, também, copiosamente provado as várias bebidas alcoólicas disponíveis neste mundo, e tequila não estava entre elas.

— Claro, minha senhora — ele murmurou.

Ele olhou para o Apollo, quando Apollo grunhiu: — Vinho está bom — o homem acenou com a cabeça, nos contornou com dificuldade (devido ao fato de que o Apollo não tinha me soltado, por isso estávamos ocupando o corredor, nem, eu podia acrescentar, nos moveu para fora do caminho do pobre homem quando estava, obviamente, se contorcendo para deslizar por nós) e correu para longe.

Apollo me guiou para dentro do quarto.

No minuto em que fechou a porta, puxei minha mão do seu cotovelo e dei três passos para dentro do quarto, inspirando profundamente.

Então me virei para ele, mas dei vários olhares ao redor do aposento, observando tudo, antes de levantar o olhar para ele.

Quando meus olhos o atingiram, notei que ele estava no processo de controlar a expressão no seu rosto. E o que estava contendo era diversão. Para o que mudou, quando meus olhos focaram nos seus, para falsa interrogação cortês.

Ignorei isso e comentei: — Este é um quarto adorável.

Apollo olhou ao redor e soube o que ele viu, já que eu tinha acabado de olhar.

A cama de casal, no máximo, com um edredom acolchoado e dois travesseiros macios, os travesseiros sendo as únicas coisas boas no quarto.

O restante incluía um tapete espesso e trançado no chão, que parecia que precisava ser retirado e batido, e isso precisava ter sido feito cerca de doze meses atrás. Não havia nada nas paredes, nem mesmo um espelho quebrado. Havia uma mesa e duas cadeiras junto à janela. A mesa estava cortada e arranhada. As cadeiras pareciam ter seu nível de conforto fixado em “câmara de tortura”. E sobre as janelas, cortinas pesadas e enfadonhas de uma cor indefinível, porque a cor que tinham originalmente desbotou até o nada, há duas décadas.

Seus olhos vieram até os meus e seu rosto estava cuidadosamente sem expressão quando replicou: — De fato.

— Vou aproveitar a minha breve estada aqui — compartilhei, ignorando o olhar vazio que escorregou, enquanto seus olhos brilharam com humor, e perguntei: — Você se importaria de compartilhar onde vai dormir?

Ele encarou meus olhos e respondeu: — Aqui.

Inclinei a cabeça para o lado. — Então, vou dormir no trenó?

— Não, a menos que você goste de ter os dedos amputados amanhã, devido à forte geada — respondeu.

— Não, eu não gostaria disso. — Informei a ele, fazendo um grande esforço para manter minha voz neutra. — Então, serei eu ou você a dormir no chão?

— Nenhum dos dois.

Inspirei profundamente, encontrado a calma na expiração, e perguntei: — Você se importaria de explicar?

Ele realmente não se importava em explicar porque, imediatamente, fez isso.

— Preciso chegar à Bellebryn sem demora. Você precisa de um guarda constantemente vigilante. Como você está vindo comigo, sou sua guarda. Portanto, a estou mantendo segura.

— Dormindo comigo? — Rebatí sua resposta, falhando completamente em manter a voz neutra.

— Não posso mantê-la segura se não puder manter o olho em você.

— Os rapazes conseguiram me manter segura na viagem até aqui, sem que nenhum deles dormisse comigo — apontei e seus olhos brilharam de uma forma diferente diante da minha observação.

Já tinha visto esse flash antes. Era a mesma maneira que o tinha visto piscar no dia anterior, quando estávamos falando sobre o Derrik.

— Havia oito deles — afirmou, cortando meus pensamentos. — Com oito deles, podiam manter a segurança dentro e fora. Há apenas um de mim e vou ser incapaz de manter um olho em você, se estiver em um aposento diferente e não puder, realmente, *ver* você.

Isso era lógico e totalmente irracional, ao mesmo tempo.

— Estou em perigo iminente de ser sequestrada? — Perguntei.

— Não tenho nenhuma ideia do que o perigo iminente é. Só sei que é iminente, então não vou correr nenhum risco.

Infelizmente, isso foi apenas lógico, o que achei chato. Eu não saberia, é claro, mas acho que bruxas malévolas com o poder dos deuses eram mais do que uma vaga ameaça para

praticamente todo mundo, por isso, provavelmente, era bom estar preparada.

— Talvez — comecei a sugerir — possamos solicitar um quarto com duas camas.

Ele inclinou ligeiramente a cabeça para o lado e perguntou: — Isto é algo disponível no seu mundo?

— Sim — respondi, com a sensação de que isso não estava disponível no mundo presente.

Ele confirmou esse sentimento deprimente.

— Bem, não está disponível aqui.

Fabuloso.

— Apollo—

Ele me interrompeu. — Vamos dormir juntos, Ilsa.

Cerrei os dentes.

Me forçando a os liberar, inspirei profundamente, outra vez, e tentei novamente.

— Ok, talvez possamos pedir um quarto com uma cama maior.

— Você se hospedou em estalagens durante a sua viagem, não?

Sim. Em várias delas. E todas elas (embora, a maioria delas fosse mais limpa e mais bonita) tinham camas como esta. Tínhamos encontrado hotéis maiores e pousadas ao longo da nossa viagem, que tinham quartos muito mais bonitos e camas muito maiores, mas não em uma aldeia deste tamanho.

Droga.

Ele intuiu qual era a minha resposta, que ainda não tinha sido verbalizada, e continuou.

— Também vai ser mais quente.

Mais do que definitivamente, seria assim, considerando que ele era um cara grande, eu não era exatamente pequena e partilhar essa cama significaria que o espaço pessoal no colchão seria mínimo.

Ou, possivelmente, inexistente.

Merda.

Não pude responder pois houve uma batida na porta e, já que Apollo estava parado na frente dela, se virou e a abriu.

Um menino com cerca de dez anos estava parado do lado de fora. Olhou para o Apollo e abaixou o queixo. Quando Apollo saiu do seu caminho, ele entrou, os braços carregados de madeira cortada, um balde pendurado em uma das mãos.

— Senhora — murmurou para mim e não esperou pela minha saudação. Caiu de joelhos ao lado da lareira e começou a trabalhar imediatamente.

Apollo não conseguiu fechar a porta antes que uma menina a atravessasse, carregando uma bandeja com uma garrafa escura sobre ela, o topo selado com cera azul, duas taças simples de vinho sobre ela.

— Na mesa — Apollo murmurou para ela.

Ela se inclinou em uma mini reverência, deu dois passos, me prestou uma mini reverência também, e, em seguida, caminhou até a mesa, sendo cuidadosa ao depositar a bandeja e saindo.

Antes de sair, no entanto, Apollo ordenou: — Água para Lady Ulfr poder se refrescar.

A menina assentiu brevemente e correu.

Humm.

Essa coisa de “Lady Ulfr” era nova (os caras tinham se dirigido a mim com “madame”). Não sei como me sentia sobre isso, mas decidi ignorar. Ignorei, principalmente, porque o que sentia sobre isso era que me irritava e, ao mesmo tempo, tinha que admitir (contra a minha vontade) era meio que legal.

Também ignorei a reverência curta, algo que tinha acontecido com frequência ao longo da minha jornada de Fleuridia para Lunwyn, a qual eu ainda não tinha me acostumado.

Em vez disso notei, como observei repetidamente ao longo da minha jornada, que funcionários em pousadas não recebiam gorjetas.

Funcionários em hotéis e hospedarias, sim.

Achei isso um pouco irritante, pois todos eles – por sua aparência, especialmente aqueles que trabalhavam em estalagens – pareciam precisar do dinheiro.

Apollo se moveu na direção do vinho e já tinha aberto a garrafa e servido os copos, no momento em que o menino terminou com a lareira e estava se afastando dela.

— Traga mais lenha — Apollo ordenou e os olhos do menino se ergueram para ele. — O suficiente para essa noite. Temos uma longa viagem e precisamos estar descansados no dia seguinte. Não precisamos ficar pedindo, constantemente, por lenha.

O menino deu um aceno, uma reverência truncada e partiu, fechando a porta atrás dele.

Apollo me entregou um copo de vinho e o aceitei, perguntando: — Vocês não conhecem a palavra por favor?

Ele encarou o meu olhar sobre a borda da taça de vinho, enquanto tomava um gole.

Quando terminou e tinha abaixado a mão, respondeu: — Conheço.

— Posso perguntar por que você não a usa? — Forcei.

Seu corpo se moveu de uma forma que quase nem estava se movendo, absolutamente, mas podia dizer que estava se acomodando, o que achei um pouco estranho, e fez isso enquanto perguntava: — E o que foi que eu fiz para te contrariar, Ilsa?

Tomei um gole do meu vinho, que estava bem longe da qualidade do vinho Fleuridian, o que não era legal e, portanto, tive que lutar para não fazer uma careta e respondi: — Não estou contrariada.

— Você falou uma palavra para mim o dia todo, sendo essa palavra hoje de manhã. Até chegarmos na pousada. Então chegamos ao quarto e você também deixou claro que nada que eu faço lhe agrada. Pode explicar por quê?

Apontei com o braço e disse: — Eles são servos, mas são pessoas. Você dá ordens por aí como se fossem escravos e estivessem sob o seu comando.

— Eles têm muitos deveres para atender, desde o amanhecer até o anoitecer, provavelmente mais cedo e mais tarde, presumo. Eles não têm tempo para cortesia e conversa.

— Todo mundo tem tempo para cortesia — rebati e acrescentei: — Achilles falava por favor. — Pensando nisso, incluí: — Assim como o Remi. Assim como o Derrik, depois, é claro, que mencionei isso a ele.

A última parte era verdade. No caminho para Fleuridia, tive que ter uma conversa com o Derrik.

Isso trouxe um outro flash no olhar e uma resposta irritada. — Bem, eu não sou Achilles, Remi *ou* Derrik.

— Estou *bem* consciente disso — respondi.

— E nenhum deles é chefes da sua Casa — ele observou.

— Então, o chefe de uma Casa tem carta branca para ser descortês e mandão? — Perguntei.

Seus olhos se estreitaram e ele perguntou em resposta: — Vou ser tratado com essa disposição intratável na totalidade da nossa jornada?

— Provavelmente — retruquei.

— Quando você não estiver fingindo que não existo, é claro — ele continuou.

— Claro — concordei levianamente.

— Excelente — resmungou e bebeu um grande gole de vinho antes de colocar o copo sobre a mesa. Olhou para mim e continuou falando, mas seu rosto desmentia suas palavras. — Por favor, continue. Me divirta.

— Meu objetivo é agradar — murmurei.

— Duvido muito — rebateu.

De repente, desejei nunca ter dito nada e ter apenas o ignorado completamente. Então, dormiríamos na mesma cama. E daí? Já tínhamos feito isso antes. Eu estaria dormindo. Poderia ignorá-lo lá, também.

— Talvez possamos parar de falar — pedi.

— Excelente ideia — concordou e, imediatamente, se moveu para a porta. — Se você quiser jantar, me encontre lá embaixo depois de ter seu momento para se refrescar.

Estava com fome, precisava comer e, para isso, precisava dele e do seu dinheiro, por isso era irritante, mas tive que dizer: — Vou descer em poucos minutos.

Ele não disse nada. Apenas abriu a porta, passou por ela, se virou, abaixou o queixo na minha direção e a fechou atrás dele.

Olhei para a porta pensando que, talvez, devia ter suportado tudo e ido para Karsvall.

Risos de crianças imaginárias passaram pelo meu cérebro.

Não, não teria sido capaz de aguentar isso e ir para Karsvall.

Tomei um gole do vinho e, quando terminei, murmurei, parecendo uma criança mimada: — Estúpidas bruxas malvadas e governantes depostos arruinando tudo.

Mas tinham arruinado.

Meus planos, para mim e para o meu futuro.

Meu sentimento breve, mas carregado de liberdade.

Agora, estava de volta onde comecei, minha vida não era minha, mas controlada por um homem rico e poderoso.

Houve uma batida na porta, então exclamei: — Entre.

A menina entrou carregando um cântaro com o que, felizmente, pareciam panos secos e limpos dobrados sobre o seu antebraço.

Ela se moveu direto para a mesa de cabeceira e o colocou lá.

E, quando saiu, me assegurei de lhe agradecer.

* * * * *

O jantar não foi dos melhores.

Fomos até um pub no final da rua e a parte não tão boa assim, não foi a comida.

Sem nenhuma surpresa, sem perguntar a minha preferência, Apollo fez o pedido, ordenando: — Vinho tinto. E torta de empada para nós dois.

Não tinha ideia do que torta de empada era, mas não parecia bom.

E, durante o tempo que passei com os caras, sempre pediam aos garçons para explicar minhas opções, para que eu pudesse decidir.

Não o Apollo.

Oh, não.

Após a nossa discussão na pousada, sabiamente decidi deixar isso para lá e, por sorte, a torta de empada acabou por ser cada um recebendo a própria caçarola pequena preenchida com um suave purê de batata coberto com queijo derretido, que parecia realmente bom. Sob ele descobri milho, cenouras e ervilhas envoltas em um delicioso e encorpado molho ferrugem. Tudo isso sobre almôndegas de carne moída temperada com cebola. Em outras palavras, uma espécie de torta de carne inglesa, mas com uma crosta de carne.

Enfiei a cara na comida, decidindo que estava gostosa, e o fiz ignorando Apollo e, também, os olhares que estávamos recebendo.

Isso também aconteceu nos estabelecimentos menos chiques, quando eu estava com os rapazes. Meu palpite era que a maioria tinha a ver com o fato de que, apesar da nossa roupa estar desgastada pela viagem, todas eram de melhor qualidade do que o que a maioria da população estava vestindo.

Em outras palavras, não importa em que país você está, podemos apenas dizer que neste mundo, definitivamente, havia uma divisão entre os que tinham e os que não tinham.

Aqui, isso incluía o Apollo vestindo um suéter de lã grossa, marrom escuro, com gola alta, que ele preenchia primorosamente, se ajustando aos ombros e ao peito largo perfeitamente. Este, em cima de calças justas de lã marrom escura e botas lustrosas, obviamente, de alta qualidade. A capa, que tirou e jogou descuidadamente em uma cadeira não ocupada na nossa mesa, era de couro marrom escuro, o interior forrado com pele marrom escura, quase preta, brilhante e sedosa.

Eu estava usando um longo vestido de macio cashmere verde que destacava minha silhueta perfeitamente, tinha decote cavado e mangas em formato de sino (que eram meio irritantes ao comer, mas lindas, apesar disso) e as barras tinham um

bordado muito bonito e delicado. Também tinha um cinto fino do mesmo cashmere, mas entrelaçado com fios de prata, que eu amarrei, para que ficasse pendurado nos meus quadris.

Nos pés, usava botas de salto baixo, mas que iam até o meio das coxas, de camurça bege forrada com pele cor de creme. Minha capa tinha gola alta, a pele do lado de fora de uma cor amarelo-amarronzada, a pele no interior dela, de um creme luxuriante. Tinha tirado a capa, também, mas tinha sido mais cuidadosa ao colocá-la ao lado da capa do Apollo, na cadeira.

Devo dizer, de todas as minhas roupas neste mundo, as de Lunwyn eram as melhores.

Mas enquanto bebíamos nosso vinho e comíamos nossa comida, silenciosamente, eu evitando os olhos do Apollo, ele, não sei, porque não estava olhando para ele, notei que aqui, a atenção que estávamos recebendo não era pelo fato de que nos vestíamos, obviamente, o que era raro nesta região, com alta classe.

Não.

Quando olhei disfarçadamente ao redor, percebi que era outra coisa.

Quando peguei os olhos em mim, antes de desviarem o olhar, vi surpresa em alguns rostos. Curiosidade extrema em outros. Desconforto em alguns.

E soube.

Estávamos há um dia de distância da sua casa, mas tinha uma sensação nada vaga que eles sabiam quem era o Apollo, e pior, o haviam visto com a outra Ilsa. Uma Ilsa que deveria estar morta.

Uma Ilsa que era igualzinha a mim.

Não tinha notado isso no caminho para Lunwyn. Por outro lado, os homens me mantiveram abrigada e havia muitos deles, todos grandes, e teria sido difícil notar olhares como esses.

Ou, talvez, estivesse tão envolvida com eles, que apenas não percebi.

Mas, com o Apollo e eu dando “um gelo” um no outro, não tinha nada mais para fazer a não ser reparar.

Terminei minha refeição, vi sua mão levar a garrafa de vinho até o meu copo e ele o serviu.

Inspirei profundamente e, com isso, ganhei calma e controle. Só então levantei os olhos para Apollo.

Ele também havia terminado a sua comida. Enquanto olhava, ele serviu seu copo e colocou a garrafa em cima da mesa.

Em seguida, afastou um pouco a cadeira da mesa e recostou. Depois disso, esticou as longas pernas na minha frente e cruzou os pés na altura do tornozelo. Pegou a taça de vinho, a segurou diante dele com as duas mãos e abaixou o queixo.

Em seguida, se acomodou.

Parecia estar contemplando as botas.

E parecia que essa contemplação era meditativa.

Humm.

Deve ter sentido meus olhos sobre ele, porque, antes que eu pudesse desviar o olhar, virou a cabeça para mim.

— Os homens, eles a chamam de Maddie — anunciou.

Considerarei, brevemente, o ignorar, mas por razões desconhecidas para mim, não o fiz.

— Sim — confirmei.

— Expliquei a história que estamos contando sobre você estar aqui — afirmou e olhei em volta para ver se alguém estava perto o suficiente para ouvir, enquanto assentia. — Obviamente, você precisará de um nome que não seja Ilsa. É assim que deseja ser chamada?

Súbita e estranhamente, sua pergunta acendeu algo no meu peito. Era como se os meus pulmões estivessem torcidos, mas

tinha vivido com isso por tanto tempo, que nem percebi que estava ficando difícil respirar.

E, assim, tão subitamente quanto esse alívio preenchia o meu peito, me ocorreu o porquê.

Bem ali, naquele restaurante e no futuro próximo, eu estava de volta onde comecei, dependendo e, portanto, sendo controlada por um homem rico, bonito e poderoso.

Mas não significava que a minha vida não era nova.

Nunca tinha dado muita atenção ao meu nome, depois, é claro, que cresci. Era incomum, e crescer com um nome incomum, e crianças por vezes sendo más, bem, é uma merda.

Depois disso, era apenas um nome. Um nome que meus pais me deram e, depois que estraguei tudo regimento e me casei com Pol, era a única coisa que me restava deles.

Mas eu ferrei tudo regimento. E, quando finalmente me dei conta que estava em uma situação muito ruim e estava ficando pior, deixei o Pol.

E meu pai tinha me dito para não ir chorando de volta para ele quando percebesse isso.

Claro que, quando me toquei de tudo e precisei de um refúgio seguro, voltei chorando para ele.

Literalmente.

E ele fechou a porta na minha cara.

Duas vezes.

Ele e a minha mãe tinham desligado o telefone na minha cara. E tinham feito isso tantas vezes, que perdi a conta.

Quem fez isso com a filha deles?

Eu ferrei tudo, definitivamente.

Mas me calar para sempre só porque me apaixonei pelo homem errado e tomei uma decisão estúpida e obstinada com a idade de vinte e três anos?

— Ilsa? — Apollo chamou e pulei, saindo dos meus pensamentos e olhando para ele.

— Vocês usam o nome Madeleine neste mundo? — Perguntei.

— Sim — ele respondeu.

— Então é quem eu vou ser. Madeleine. Maddie — declarei, suas sobrancelhas ergueram ligeiramente e seu olhar ficou mais intenso quando o fez.

Eu sabia o porquê.

Era uma declaração. Firme. Definitiva. Inflexível.

Não havia necessidade de ser tão dura na declaração.

Mas fui, absolutamente.

Uma vez que havia feito isso, queria comemorar. Levantar e dançar. Por alguma razão, parecia que eu tinha deslizado para fora da velha pele desgastada, cansada e nascido de novo e tinha tanta energia e emoção borbulhando dentro de mim, que era difícil me manter no lugar.

— Madeleine — ele murmurou, mais uma vez capturando minha atenção, a voz profunda e rica murmurando esse belo nome fez com que um arrepio subisse pelas minhas costas.

Droga.

Talvez, devesse ter escolhido Agnes.

Enquanto pensava sobre isso, ele me surpreendeu, observando: — Você notou que a conhecem, aqui.

Comprimi os lábios e assenti.

— Ela esteve aqui muitas vezes. Também estive nesta vila mais de uma vez, ao longo dos anos — continuou e isso me confundiu.

Me confundiu porque isso implicava que ela tinha estado aqui sem ele.

Pol nunca me deixou ir a qualquer lugar sem ele.

Apollo não era o Pol, mas não era fácil chegar a lugares, aqui, e não era como se esta aldeia ficasse logo na esquina e ela

pudesse subir em um trenó, vir aqui para o chá e estar de volta para o jantar.

Já que ele aparentava estar bem ao falar sobre ela, me aventurei: — Ela vinha de onde?

— Nós vivemos a maior parte do ano em Karsvall.

Isso não esclareceu minha confusão.

— Você está dizendo que ela viajava sem você?

— Muitas vezes — respondeu, e isso me surpreendeu.

Ele olhou para longe, tomou um gole de vinho e, mais uma vez, contemplou as botas, mas continuou falando.

— Tenho muitos empreendimentos e, por causa deles, viajo bastante. Às vezes, ela ia comigo. Às vezes, ficava aqui. Normalmente, quando ficava aqui, era porque havia alguém necessitando dos seus cuidados. E ela saía de Karsvall, com bastante frequência, a fim de fazer isso, cavalgando dias de distância. Às vezes, até três dias.

Curiosidade diante das suas palavras me forçou a perguntar: — Alguém sob os seus cuidados?

Ele olhou para mim novamente. — Ela era médica.

Oh, Jesus.

Querida, morta, saudosa, amada, fabulosa, a Ilsa era uma médica neste mundo.

Eu tinha uma graduação em Bacharel em Artes com especialização em história medieval. Meu último emprego foi como vendedora de bolsa e acessórios em uma loja de departamentos exclusiva. Fora isso, não tinha trabalhado ou feito muita coisa, há quase doze anos.

Senti minha garganta fechar e me forcei a responder: — Isso é... humm, impressionante.

Ele olhou novamente para as botas e murmurou: — Ela era, de fato.

Tomei um gole de vinho e olhei para qualquer lugar, menos para ele, não gostando do que eu estava sentindo. Sem compreender tudo, mas sabendo, definitivamente, que não gostava. Não era dor, mas ainda a sentia como dor.

Ele parecia disposto a se mover, a fim de, digamos, voltar para a pousada e me livrou da miséria dessa conversa.

E me senti desconfortável sentada lá, olhando para o chão, então perguntei em tom de conversa: — É normal uma mulher, nesse mundo, ser médica?

— Não — falou, olhando para as botas. — Parteira, sim. Uma herbalista. Uma curandeira. Até mesmo farmacêutica. Mas médica, não.

Balancei a cabeça, mesmo que ele não estivesse olhando para mim.

Ele não disse mais nada.

— Humm... apenas dizendo, pensei que você tinha mencionado que as mulheres da casa dos Ulfr não trabalhavam — observei.

— Vou corrigir isso — falou, novamente olhando para as botas. — Ela trabalhava, e era dedicada ao seu trabalho, mas não recebia nenhum pagamento.

Uma médica que não recebia pagamento?

Pensei nisso, mas não perguntei.

Ele não compartilhou mais.

Tomei um gole do meu vinho, pensando na Ilsa viajando através da neve, praticando boas ações, enquanto me reclinava na cadeira e tentava não me concentrar em qualquer um me dando olhares estranhos, no Apollo, em *qualquer coisa* (incluindo Ilsa praticando boas ações), enquanto mordida o lábio.

Eventualmente, não consegui aguentar mais, então olhei novamente para ele e vi que suas feições haviam se tornado pensativas mais uma vez.

Ele estava pensando na sua querida, falecida, saudosa, amada, fabulosa e *benevolente* Ilsa.

Merda, talvez devesse ter suportado toda aquela merda e ficado com os filhos dele.

Me recompondo, decidi que uma mudança de assunto era necessária.

Para fazer isso, perguntei: — O que são esses empreendimentos?

— Óleo — respondeu imediatamente, ainda olhando para as botas, então ergueu a cabeça e olhou para mim. — A Casa dos Ulfr possui vastas faixas de terra. Em algumas delas, óleo foi encontrado. Óleo utilizado em lamparinas.

— Oh — murmurei, pensando que, se fosse o caso, ainda que não fosse tão procurado no mundo dele como no meu, ainda era, provavelmente, muito procurado.

Não admira que ele parecesse rico.

— E outra terra tem gás — continuou.

Sim, rico.

Ele prosseguiu. — Estamos atrás de Fleuridia em equipar edifícios e casas com luzes à gás e calor, mas estamos nos aproximando rapidamente. A Casa dos Ulfr também possui participação majoritária na empresa que está fazendo esse trabalho.

Definitivamente, rico.

— Nós temos eletricidade no meu mundo — comentei.

Ele balançou a cabeça e desviou o olhar, dizendo: — Sim. Finnie explicou isso para mim. É um conceito intrigante e, depois que lutamos para unir Lunwyn e Middleland, coloquei pesquisadores para trabalhar nisso.

— Isso foi inteligente — murmurei sem convicção.

Eu já descobrira, através dos caras, da guerra recente em que Apollo e todos os seus homens lutaram para reunir os países de Lunwyn e Middleland, que tinham sido divididas por um rei já falecido, a fim de dar aos seus filhos gêmeos terras para governar.

Felizmente, o lado dele venceu.

— Também possuo uma mina que produz diamantes de gelo Sjöfn, assim como pedras importadas de Korwahk, que mando cortar, e vendo para joalheiros ao longo das terras das Northlands — Apollo me informou. — Além disso, a Casa dos

Ulfr possui uma variedade de fazendas que criam vison, arminho, pele de marta, coelho, gado, e outros semelhantes. Vendem a carne e curtem as peles para fornecer pele e couro para roupas.

Ele parou de falar, então observei: — Com tudo isso acontecendo, você deve estar muito ocupado.

— Estou — concordou.

— Então, presumo que eu e as bruxas malvadas somos, realmente, meio que um pé no seu saco — notei, tentando injetar uma muita necessária dose de humor na conversa.

Rapidamente obtive a atenção dos seus olhos e não estavam piscando com diversão.

— Bruxas malvadas, sim. Você, não. Não quando está agindo como agora. Quando está sendo grosseira, sim.

De repente, me senti como uma cadela e isso não foi legal.

— Apollo...

Antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa (não que tivesse alguma ideia do que dizer), ele se endireitou na cadeira, se virou para mim, mas inclinou a cabeça para a mesa.

— Você terminou?

— Sim — falei baixinho.

— Então, estamos indo para a cama.

Indo para a cama.

Droga.

Ele levantou e estendeu a mão para a cadeira na qual estavam as nossas capas.

Me levantei, também, começando: — Talvez devêssemos...

Seus olhos vieram até os meus enquanto se movia ao redor da mesa, segurando minha capa. — Vou levá-la para a pousada e lhe darei tempo para se preparar para dormir. Vou me juntar a você depois que terminar de se arrumar.

Tudo bem, então.

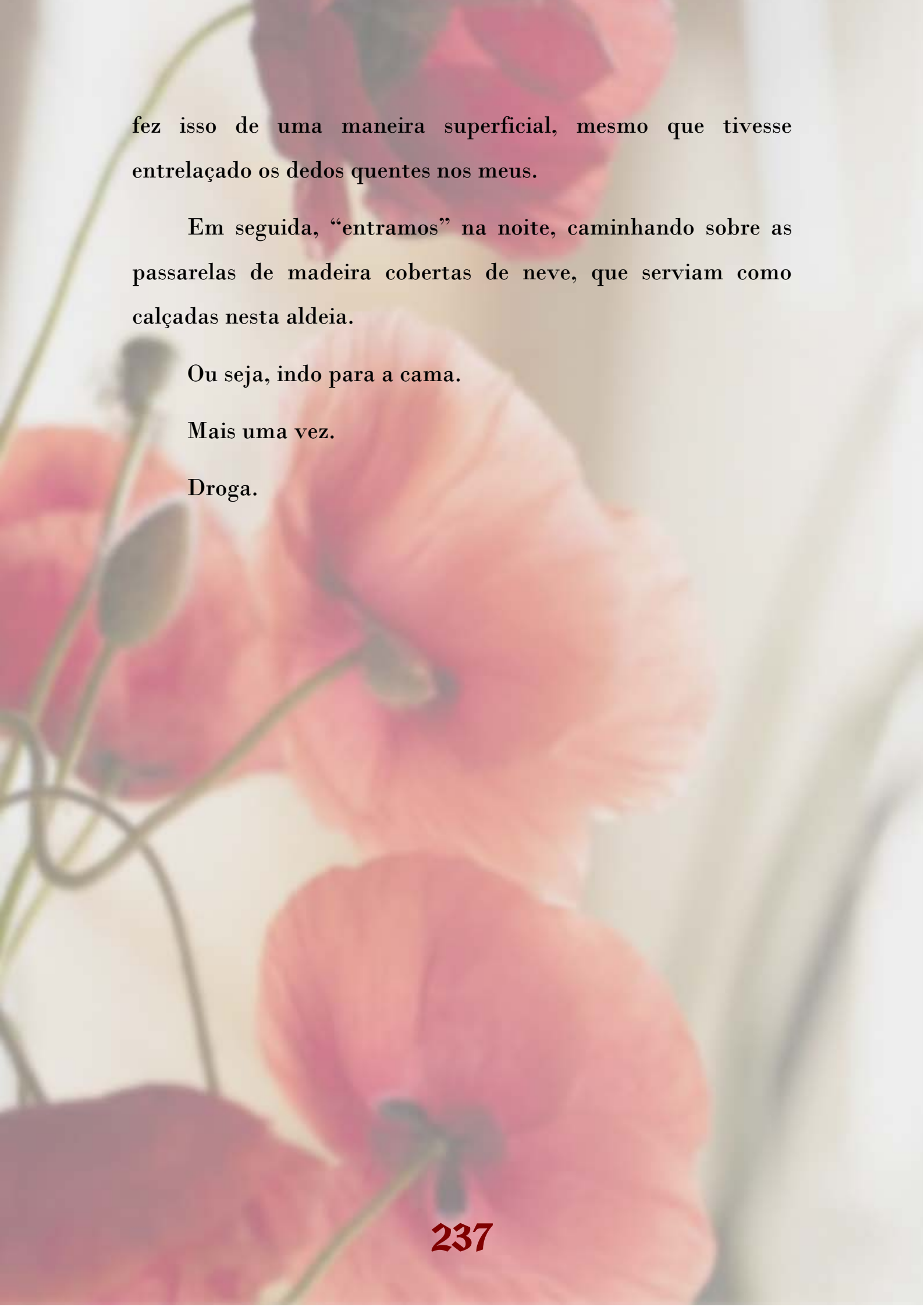
Isso parecia um plano.

— Falou — sussurrei e vi, novamente, um brilho nos seus olhos, um que não tinha visto antes.

Não tive a chance de compreendê-lo totalmente, antes que ele ficasse atrás de mim e colocasse a capa sobre os meus ombros.

Enfiei as mãos nas mangas enquanto ele afivelava sua capa e o esperei jogar algumas moedas na mesa.

Ele, então, ofereceu seu braço e aceitei. Como o Derrik, ele não hesitou em me puxar para mais perto, colocando o braço que apoiava a minha mão mais perto dele. Ao contrário do Derrik,



fez isso de uma maneira superficial, mesmo que tivesse entrelaçado os dedos quentes nos meus.

Em seguida, “entramos” na noite, caminhando sobre as passarelas de madeira cobertas de neve, que serviam como calçadas nesta aldeia.

Ou seja, indo para a cama.

Mais uma vez.

Droga.

Capítulo Oito

Sem Arrependimentos

— Vejo... humm, você, daqui a pouco — falei para Apollo, na frente da porta, a qual ele tinha destrancado e aberto, colocado a cabeça para dentro, dado uma olhada rápida ao redor e, agora, estava parado ao meu lado.

— Verá — respondeu ele, guardando a chave. — Tranque-a quando eu sair.

Balancei a cabeça, em seguida, o observei enquanto ele se virava e se afastava.

Estava fora da vista, descendo as escadas, antes que eu entrasse no quarto, fechasse a porta e a trancasse atrás de mim.

— Ok, qual, diabos, é o problema comigo? — Perguntei para o aposento vazio.

Claro, não recebi nenhuma resposta.

O que fiz foi reparar que o fogo estava dançando alegremente enquanto estalava, uma grande grade de ferro apoiada na sua frente, com as bordas curvadas, de forma que nenhuma faísca voava. Havia grandes pilhas de lenha cortada, em abundância, para o seu senhorio manter a lareira acesa a

noite toda e não se preocupar em chamar um criado para fazer isso por ele.

Notei, também, que os nossos baús tinham sido trazidos, o que significava que eu tinha a minha camisola.

Não fui pegar a camisola.

Caminhei até a mesa de cabeceira mais próxima de mim, abri a gaveta e achei o que sempre achava quando ficava em uma pousada em Lunwyn ou Hawkvale. Um suprimento de fósforos rudimentares.

Acendi a lamparina ao lado da cama, em seguida, me movi até o outro lado e acendi aquela também.

Fui até a lareira, removi cuidadosamente a grade, joguei os palitos de fósforo usados nela, coloquei mais lenha e ajeitei a grade no lugar.

Recuei e olhei para ela.

Não tinha ideia de quanto tempo o Apollo me daria para trocar a roupa, então sabia que devia começar a me mexer.

Mas, enquanto olhava para as chamas, não comecei a me mexer.

Em vez disso, minha mente estava repleta com outras coisas, e uma dessas outras coisas era o fato de que eu meio que esqueci por que estava tão chateada com ele.

Ele me salvou do Pol.

Suas razões para fazer isso foram que a esposa que adorava, obviamente, tinha morrido e ele a queria de volta. Claramente, sendo um homem de ação, quando se deparava com o impossível – se houvesse algo que pudesse fazer sobre isso – ele fazia algo. Isto era um pouco desequilibrado, mas eu entendia.

Mas então se deparou com a realização desoladora que, ao me ter, não a teve de volta.

Claro, foi um idiota ao me informar isso, mas eu meio que podia entender isso também.

Então, compreensivelmente, partiu para levar seus filhos para a segurança e ficou longe de mim, a mulher que o machucava só de olhar. Mas me deixou em uma bela casa, em um belo país, com pessoas amáveis. Tinha me dado roupas deslumbrantes. Providenciou uma guarda com caras maravilhosos que me trouxeram até aqui e, ao fazê-lo, me deram os melhores momentos da minha vida.

Agora, era forçado a suportar minha presença e estava fazendo isso como uma gentileza para mim, para que eu não tivesse que ficar perto das crianças desse mundo, que não pude ter no meu.

Mas era arrogante e autoritário. Era o chefe de uma linhagem aristocrática nesse mundo. O que eu sabia sobre o modo como se comportavam? Ele era o único que eu conhecia. Inferno, os outros podiam até ser piores do que ele.

E, verdade seja dita, se pensasse sobre isso (o que eu não tinha feito até então), seus homens disseram uma coisa sobre ele.

Na verdade, se eu *realmente* pensasse sobre isso, Apollo tinha mostrado muitas vezes que tinha senso de humor e, definitivamente, mostrava um senso de dever. Era, claramente, inteligente. Também era generoso. Havia razões pelas quais ele inspirava a lealdade daqueles homens, especialmente aqueles provenientes de diferentes Casas. Eles não tinham obrigação de ficar com ele.

E ele vinha revelando essas razões, desde a noite em que o conheci.

Principalmente, viajar para um outro mundo para me salvar do Pol.

Ok, este mundo vivia sob a constante ameaça do infortúnio cair sobre ele, ordenada por uma deusa bruxa.

Mas o infortúnio que o Pol fazia cair sobre mim era muito pior e ameaçava durar uma vida.

E eu estava a salvo disso.

Para sempre.

Graças ao Apollo.

Então, por que eu tinha que ser uma cadela sobre isso?

Tirei a fabulosa capa de pele (outro motivo para não ser uma cadela, sério, era maravilhosa), caminhei até a mesa para colocá-la sobre uma cadeira, pensando que ia ter que me arrumar sozinha.

Essa situação não era fácil para nenhum de nós. Não havia nenhuma razão para torná-la mais difícil.

Joguei a capa sobre a cadeira e estava prestes a ir até o meu baú quando reparei que o vinho e as taças que estavam sobre a mesa, tinham sumido. No seu lugar, havia um bule e duas xícaras de chá.

Minha cabeça se inclinou para o lado enquanto eu olhava para eles.

Não era incomum, nos estabelecimentos mais finos, ter uma jarra de chá ou uma garrafa de conhaque esperando por você, no seu quarto, quando chegasse do jantar.

Mas, geralmente, você os pedia.

Talvez, quando o Apollo estava lá embaixo, sem mim, tenha pedido.

O estranho era que o bule e as xícaras eram feitos de fina porcelana, enfeitados com gravuras douradas, em torno das quais haviam belas esmeraldas desenhadas. Diante da minha experiência nesse mundo, não era algo que uma pousada teria.

— Talvez reservem as melhores coisas para a nobreza — murmurei, estendendo a mão para levantar a tampa do bule de chá.

Fiz isso porque estava curiosa. Não pretendia tomá-lo. Precisava dormir, e rápido, esperava, antes do Apolo aparecer, e o chá daqui tinha cafeína.

Mas a tampa caiu, fazendo barulho, sobre a mesa, quando a soltei com surpresa, enquanto um brilho suave emanava do pote.

— O que...? — Sussurrei, me inclinando para olhar mais de perto.

Sim. Lá estava. Um brilho suave.

Um *belo* brilho suave.

— Que estranho — murmurei, sem medo, porque tinha passado mais de quatro meses nesse mundo e tinha visto algumas coisas incríveis, todas belas, tanto que o chá incandescente não me perturbou.

Envolvi os dedos em torno da alça delicada, a levei até o nariz e dei uma cheirada.

— Uau — suspirei.

Tinha um cheiro *divino*. Parecido com hortelã-pimenta misturada com alcaçuz e baunilha.

Ficou claro que era um chá de ervas e imaginei se o serviam para acalmar e ajudar você a dormir. Ou se Apollo o tinha pedido por esse motivo.

A única coisa que eu sabia, com certeza, era que o cheiro era reconfortante.

E eu podia usar alguma coisa para me acalmar. Também podia desfrutar de alguma coisa quente na barriga. A lareira era boa, mas aprendi, no tempo passado em Lunwyn, que não estaria quentinha e confortável até que estivesse debaixo das cobertas.

Coloquei a tampa de volta no bule e me servi de uma xícara, sorrindo com fascinação enquanto observava a dança do brilho no chá.

Não era de admirar que brilhasse.

Tomei um gole cauteloso e fechei os olhos lentamente.

Êxtase.

Então, tomei um gole não tão cauteloso, desfrutei imensamente e coloquei a xícara na mesa. Caminhei até a cama, ergui as saias e tirei as botas. Também estava usando uma calça justa de lã macia, cor de creme. Puxei-a para baixo, também.

E a senti deslizar magnificamente através de cada centímetro da minha pele.

Apesar de não ter acontecido nas vezes em que fiz isso antes, não fiquei surpresa. A lã da calça não era cashmere, mas sua suavidade estava perto disso. E era quente, por isso não foi uma surpresa que o frescor da sala acertando as minhas pernas quando perdi esse calor, fizesse com que eu estremecesse.

Fui até o baú, o destranquei e o abri, jogando a calça lá dentro e pegando uma camisola que tinha colocado bem em cima.

Era lamentável, nessa conjuntura, com esse arranjo para dormir, que todas as minhas camisolas fossem incríveis, tipo, impressionantemente *sensuais*. Mas estava esperando estar debaixo das cobertas antes do Apollo ver algumas delas.

Voltei até a mesa e peguei a xícara, tomando mais dois goles rápidos enquanto caminhava de volta para a cama. Joguei a camisola na cama para liberar as mãos e tirar o vestido, mas, quando o fiz, não tirei o vestido.

Envolvi as duas mãos ao redor da xícara e bebi mais desse chá celestial.

Então, mais um pouco.

E fiz isso porque, de repente, eu não estava mais tomando chá.

Eu o estava *experienciando*, uma explosão nas minhas papilas gustativas e um calor que se espalhava através de mim, de dentro para fora.

Minhas pálpebras ficaram pesadas quando tomei outro gole e me tornei vagamente consciente de cada centímetro da minha pele. Isto porque ela estava formigando de uma maneira que eu *realmente* gostava. Tirei uma mão da xícara e a coloquei em torno da barriga, para me envolver enquanto o experienciava.

— Fabuloso — sussurrei, erguendo a xícara e bebendo mais.

De repente, minhas pernas ficaram inquietas, se movendo sem eu ordenar. Meus joelhos indo para frente e para trás, esfregando as coxas, o atrito as aquecendo e deslizando para o meio das minhas pernas, uma área que observei, naquele momento, estar encharcada de tão molhada.

— Oh, Deus — suspirei, olhando para os resíduos cintilantes do chá.

Isso não estava certo.

Minha mão se moveu da cintura até a barriga e mais para baixo, e eu não conseguia parar com isso.

Deus, tinha que tocar a mim mesma, *agora*.

Engoli em seco e coloquei a xícara na mesa. Levando a outra mão até o cabelo, retirei a fita que o prendia em um rabo de cavalo na nuca. O deslizar do cabelo pelas minhas costas foi suave, através do cashmere do vestido, mas, ainda assim, o senti queimar através de mim, deixando meus mamilos duros. Tão duros que estavam doendo.

— Oh, *Deus* — sussurrei, sabendo que algo naquele chá estava me fazendo sentir desse jeito.

Mas já era tarde demais.

A mão na barriga se moveu para cobrir a junção das minhas pernas.

Apollo voltaria a qualquer momento, mas eu tinha que me tocar.

Eu *precisava*.

Ou melhor, encontrar alguém para me tocar.

Oh, sim.

Encontrar alguém para me tocar.

Fazia anos. *Anos.*

Diante desse pensamento, movi as mãos para os lados da saia, segurei o tecido e o puxei para cima.

Uma batida suave veio da porta.

Meus olhos foram para a porta e minha mente foi preenchida pela imagem do Apollo com aquela blusa de gola alta e aquela calça.

Especialmente, aquela *calça*.

O sangue correu para os meus seios e fiquei mais molhada entre as pernas.

— Ils... Madeleine? — A voz profunda soou na porta.

Eu estava do outro lado do quarto em um flash.

Girei a fechadura, abri a porta e estendi a mão. Segurei-o pela camisa e o puxei para dentro do quarto.

— Caramba, o que—?

Eu sabia que devia parar. Sabia.

Só não conseguia.

Corri as mãos pela camisa sobre o seu peito, sentindo a lã grossa e macia, a sugestão da dureza debaixo dela e, juro por Deus, quase gozei ali mesmo.

Meus joelhos ficaram fracos e tive que me inclinar para ele, minha mão subindo e envolvendo o seu pescoço.

Coloquei pressão sobre ele, inclinei a cabeça para trás e o vi olhando para outro lado da sala. Distraidamente, reparei que ele colocou a mão na minha cintura, mas seu corpo estava tenso e imóvel enquanto eu, sem sucesso, tentava puxar a cabeça dele para baixo, ao mesmo tempo que pressionava profundamente o meu corpo contra o dele.

Finalmente, depois do que pareceu ter demorado anos, ele abaixou o queixo, os inacreditáveis olhos, verdes como jade, olharam nos meus.

— Madeleine, minha pomba, você bebeu aquele chá? — Perguntou delicadamente, mas seu tom também parecia cauteloso, urgente e alarmado.

— É delicioso — sussurrei, ficando na ponta dos pés, chegando mais perto do seu corpo, colocando mais pressão sobre o pescoço dele, a outra mão deslizando para baixo, sobre o seu peito, com um objetivo específico.

Ele segurou meu pulso, puxou a minha mão de volta para seu peito e a manteve lá.

— Ouça — disse ele, agora parecendo, apenas, urgente.

— Ok — respondi e, em seguida, encostei o nariz na mandíbula dele.

Percorri o comprimento dela e senti os dedos em torno do meu pulso se contraírem. Encarei isso como um bom sinal, por isso, quando percorri novamente a mandíbula dele, usei os lábios.

Ele se afastou e me chacoalhou com cuidado. — Maddie, olhe para mim e escute.

— Chegue mais perto — implorei.

— Preciso te amordaçar e amarrar na cama — declarou.

Oh, Deus.

Impressionante.

— *Sim* — sussurrei, me aproximando dele novamente.

Os olhos dele brilharam, as pontas dos dedos que estavam na minha cintura e segurando o meu pulso, apertaram a minha pele e ele disse: — Não, minha pomba, não para isso. Para o seu próprio bem. Você tomou chá de adela e os efeitos não vão sumir por algum tempo. Preciso deixá-la sozinha. E, para que você não entre em apuros, preciso amarrá-la.

— Estou ok com você me amarrar, um pouco, mas não com você sair — disse a ele.

— Devo.

— Não deve.

— Maddie, devo.

Balancei a cabeça e me aproximei ainda mais. — Por favor, não vá.

— Mas eu devo — repetiu.

Eu o ignorei e o puxei para mim enquanto dava um passo para trás, insistindo: — Venha para a cama.

— Não posso.

Segurei o seu queixo e fiquei na ponta dos pés, implorando: — *Por favor.*

Moveu ambas as mãos para o meu rosto e aproximou o dele, mas o seu aperto sobre mim era tão firme que não conseguiria chegar até a sua boca. Sabia disso porque tentei.

— Minha papoula, se concentre nos meus olhos e me escute.

— Estou escutando — assegurei a ele. — Mas posso ouvir melhor na cama.

— Se deitarmos naquela cama, nenhum de nós vai falar.

— Estou interessada nisso também — compartilhei.

— Acho que entendo o que você quer dizer com isso e, se eu fizer isso, também posso assegurar que não estará *interessada* nisso de manhã.

— Vou estar — respondi rapidamente. — Prometo. *Juro*.

— Maddie—

Fiquei na ponta dos pés para me aproximar dele, o mais perto que podia.

Ele se afastou imediatamente, o que foi um saco.

Tentei uma tática diferente e sussurrei: — Já faz mais de três anos.

— Deuses — ele sussurrou, o som daquela única palavra me atravessando de tal forma, que tive que abafar um gemido de prazer.

— Preciso de você, baby — implorei.

— Isso não está certo, minha pomba. Você não sabe disso, agora, mas vai me agradecer, amanhã.

— Está certo. Está *muito* certo. — Me aproximei mais. — Já faz anos, querido. Preciso das suas mãos em mim. Sua boca em mim.

— Maddie... — ele começou, o som parecendo um gemido, me estimulando a seguir em frente.

Encarei seus olhos e segurei o rosto dele com as mãos, como se ele fosse meu, e sussurrei: — Eu preciso de você.

— Você não precisa, minha pomba. É o chá — sussurrou em resposta.

Olhei para ele, os seios pesados, a respiração entrecortada, meu sexo encharcado, cada centímetro da minha pele, sensível, e pensei, *foda-se*.

Eu o soltei e recuei, para que ele me soltasse.

Observei suas mãos descerem até os lados do seu corpo e analisei tudo o que ele era.

E era bastante.

E tudo isso era bom.

Então ataquei.

Aterrissei sobre ele com os braços ao redor dos seus ombros e enrolei as pernas em torno dos quadris dele. Automaticamente, suas mãos foram até a minha bunda, para me segurar, e um gemido deslizou pela minha garganta diante do seu toque, enquanto abaixava a boca até a dele.

A mão dele deslizou pelas minhas costas e pelo meu cabelo, e isso foi muito bom.

Até que ele virou a cabeça, interrompendo o contato dos lábios.

Enfiou o rosto no meu pescoço e murmurou: — Deuses, maldição.

Esperava que isso fosse uma rendição, e tinha essa esperança porque ele estava me levando para a cama.

Em seguida, me deitou sobre ela, mas, uma vez que tinha feito isso, segurou minhas duas mãos e as levantou sobre a minha cabeça. Mantendo-as seguras por uma das suas, a outra mão foi até o seu cinto.

Tinha a sensação que sabia o que isso significava, e não era que ia me dar o que eu queria, mas que ia usar o cinto para me amarrar à cama e depois cair fora.

— Você vai me deixar? — Engoli em seco, procurando uma confirmação.

— Para o seu próprio bem, minha papoula — confirmou.

Balancei a cabeça. — Então não me amarre. Se você tem que ir, vá. Mas eu *preciso* das minhas mãos.

Ele captou o que eu quis dizer. Soube disso quando seu olhar se anuviou e alcançou acima da minha cabeça, enquanto seus lábios murmuravam: — Eu devia ter amordaçado você primeiro.

Me debati na cama. — Se você vai me deixar assim, eu *preciso* das minhas mãos, Apollo.

Eu estava me contorcendo incontrolavelmente na cama e ele estava me observando.

Deus, aqueles olhos.

Aquela boca.

Deus.

— Se não posso ter você, me deixe usar as mãos. — Eu parecia estar desesperada e implorando, principalmente porque estava.

Alguma coisa tinha que acontecer, e logo.

Passei a língua nos lábios e observei um músculo enrijecer na mandíbula dele, e aquilo foi *sexy*.

Tão *sexy*, que gemi.

Diante do meu gemido, sua voz rouca exigiu: — Você não está *sã*, mas, ainda assim, jure. Jure para mim, agora, Madeleine. Não haverá arrependimentos amanhã.

Meu Deus.

Ele estava...?

Não ia perder tempo perguntando.

Balancei a cabeça freneticamente. — Nenhuma, nadinha.
Tudo vai estar bem amanhã. *Tudo* muito bem.

Seu olhar encarou o meu e ele fez isso, tipo, *para sempre*.

Assim, por tanto tempo, que não conseguia me lembrar de um momento mais longo e sussurrei: — *Baby*.

Seus olhos se moveram para a minha boca. — Esta palavra me atravessa como uma faca.

— Isso é bom? — Perguntei.

Seus olhos voltaram para os meus.

Em seguida, me soltou e saiu da cama.

Merda.

Caminhou para a porta.

Merda!

Parou na frente dela, a trancou e caminhou até a mesa.

Oh, Deus.

Sim.

Fiquei de joelhos e tirei a saia de debaixo deles, para poder engatinhar até o outro lado da cama. Parei na beirada.

Ele serviu o chá em uma xícara e, só de ver a delicada xícara na mão enorme, fiquei excitada ao extremo (não que eu já não estivesse) e quase gozei.

Meu corpo inteiro estremeceu quando ele levou a xícara à boca e jogou a cabeça para trás, tomando tudo de uma vez só.

Oh, Deus.

Sim.

Colocou a xícara na mesa e se virou para mim.

Deus, oh, Deus, ele era *lindo*.

Me ajoelhei, novamente, na cama, a parte interna das coxas tremendo, e olhei para ele.

Ele retribuiu meu olhar.

— Você é lindo, Apollo — sussurrei.

Eu o vi passar a língua sobre o lábio inferior.

Diante dessa visão, minha vagina convulsionou e gemi.

Diante do meu gemido, Apollo avançou.

Finalmente.

Eu estava de costas na cama, Apollo sobre mim e aquilo era tão bom, incrivelmente *bom*.

O que era melhor era a sua boca na minha e a língua dele na minha boca.

Isso não era bom, era *impressionante*.

Mas eu queria mais, e ele me fez esperar muito tempo, então ia pegar.

Deslizei as mãos sobre a sua camisa e a puxei para cima. Ele interrompeu o contato com a minha boca para se inclinar para trás, levantando os braços. Puxei a camisa e a joguei longe.

Ele voltou para mim, seus lábios nos meus, as línguas entrelaçadas, então gemi na sua boca enquanto levantava os quadris. Ele me deixou virá-lo, mas suspeito que foi só porque sabia que eu ia me mover junto com ele, e eu o fiz. Ele rolou de costas, eu em cima e, em seguida, interrompeu o contato dos nossos lábios.

Mas meus lábios não romperam o contato com ele. Eu os deslizei para baixo, para o seu pescoço, pela linha da sua garganta, pelo seu peito, pelos sulcos do seu estômago, até o cócs da calça.

Lá, interrompi o contato, mas apenas para me erguer por cima dele. Segurei o vestido e o puxei, o cashmere deslizando na minha pele de uma forma que fez os meus mamilos doerem e meu clitóris pulsar.

— Deuses — ele resmungou.

Eu estava vestindo nada além da calcinha de cetim verde, um sutiã de cetim bege com fitas verdes, e o meu palpite, pelo tom da sua voz, era que ele tinha gostado.

Olhei para ele, que estava olhando para mim, a expressão carregada, os olhos calorosos, sentindo meus lábios se curvarem em um sorriso, que o fez dizer “*Deuses*” novamente, mas em um gemido, desta vez.

Senti aquele gemido ir direto para o meio das minhas pernas e soube que era hora de partir para cima.

Então o fiz, saindo da cama. Agarrei a parte de trás do seu joelho e levantei sua perna. Parada, com uma perna de cada lado, arranquei sua bota, então a meia. Fiz o mesmo com o outro pé, em seguida, estava me movendo para ele. Ele já tinha desabotoado a calça então envolvi os dedos no cóis, puxando-a para baixo. Apollo ajudou, erguendo os quadris da cama e ela estava fora.

Eu a lancei atrás de mim e subi na cama, rastejando até ele de quatro, meus olhos em um objetivo.

E *que* objetivo. Seu pau era duro, grosso e longo, as veias dilatadas de uma maneira que exigia o deslizar da ponta de uma língua. Tão grande. Tão inchado. Tão bonito.

Eu tinha que tê-lo.

Não perdi tempo. Envolvendo a mão em torno dele, levando os lábios até a ponta, então, tomando-o tão profundamente, que o senti no fundo da minha garganta, meu reflexo de vômito desapareceu, *sumiu*.

— Pelos malditos *deuses* — ele grunhiu, deslizando os dedos de ambas as mãos pelo meu cabelo, e curvando-os ao redor do meu couro cabeludo.

Deslizei-o para fora, mas não precisei tomá-lo novamente.

Ele ergueu os quadris e o deslizou para dentro.

Sim.

Oh, caralho, sim.

Tomei suas estocadas, gemendo e me movendo contra o seu pau, meu corpo tremendo, meu clitóris latejando e, de repente, o senti se levantar. Suas mãos me seguraram debaixo dos braços e ele me puxou para cima do seu corpo.

— Baby, não... — comecei a protestar.

Mas ele me virou de costas, deslizou a calcinha pelas minhas pernas e se moveu, de modo que estava de quatro em cima de mim, invertido.

Sim.

Oh, *maldição*, sim.

Levantei as mãos e segurei a sua bunda, usando-a para erguer a cabeça e os ombros para fora da cama enquanto ele abria minhas coxas. Então, sua boca estava lá. *Lá*. Assim, enquanto eu deslizava a ponta do seu pênis entre os meus lábios, ele mergulhava.

Ele fodeu minha boca enquanto a sua boca saqueava o meu sexo e eu estava pronta. Eu estava prontíssima.

Gozei, gemendo contra o seu pênis, apertando a bunda dele, absorvendo seus impulsos. Foi tão intenso que me dominou por inteiro e empurrei os quadris contra a sua boca.

Enquanto eu ainda gozava, ele se levantou e me encontrei sozinha na cama. Então, deitou em cima de mim. Um dos seus braços enganchou por trás do meu joelho, empurrando-o para cima. Seus quadris se encaixaram entre os meus, senti que ele segurava o outro joelho para erguê-lo e soube que isso ia ser bom.

Diante disso, tudo o que podia ver eram os extraordinários olhos verde jade encarando os meus.

Mas ele estava lá. Bem ali. Eu podia senti-lo. Mas não estava se entregando para mim.

Em vez disso, estava me encarando, como se estivesse esperando a resposta para uma pergunta.

Dei a ele a única resposta que eu tinha.

— Por favor — sussurrei e ele me penetrou.

Meu pescoço se arqueou para trás e meus três membros livres o envolveram e apertaram.

Ele enterrou o rosto no meu pescoço e grunhiu: — Maddie.

Em seguida, empurrou, pressionou e deu uma *estocada* profunda, forte, rápida e rude, Deus, muito profunda, com muita força e *incrivelmente* rude.

Sua boca veio até a minha e sussurrei: — Não goze muito rápido. Eu não estou perto de gozar.

— Minha papoula, eu bebi o chá para acompanhar você. Vou permanecer duro a noite toda.

Excelente.

Senti um sorriso aflorar na boca e não fazia ideia se com os meus olhos aconteceu o mesmo.

Em seguida, se fecharam, porque ele me beijou, tão forte, profundo e rude quanto estava me fodendo.

Era brilhante. Tão brilhante, que cheguei ao limite novamente e gritei quando a última onda do orgasmo me sacudiu, o grito indo direto para a sua garganta.

Momentos depois, ele gemeu durante o seu orgasmo na minha.

Estava deslizando a língua na lateral do seu pescoço quando ele nos virou e me puxou para cima do seu corpo, me posicionando de uma maneira que deixou claro o que ele queria.

— Mas... você ainda está dentro de mim — Engasguei, enquanto as mãos grandes seguravam os meus quadris e ele me puxava até a sua boca.

Minha cabeça arqueou para trás, novamente.

Ele se alimentou vorazmente de mim enquanto eu deslizava as mãos sobre o corpo, rebolando na sua boca.

Mas, de repente, se tornou demais. Eu não poderia aguentar mais do que ele estava fazendo entre as minhas pernas. O ar sobre a minha pele estava queimando dentro de mim; o cabelo, roçando nas minhas costas, estava me deixando louca.

Levantei os braços e puxei o cabelo para cima, segurando-o na nuca, procurando o máximo contato com os lábios e a língua talentosa do Apollo, até mesmo enquanto uma das mãos nos meus quadris me puxava com mais força ainda.

Senti uma outra coisa, olhei por cima do ombro e vi a outra mão dele em volta do glorioso pênis, o masturbando.

Oh, Deus.

Sério.

Quão sexy era isso?

Era tão sexy que gemi novamente e arqueei o corpo mais uma vez, gozando.

Intensamente.

Primorosamente.

Ele me levantou e me colocou de barriga para baixo, sobre a cama. Senti seu joelho separando as minhas pernas e, ainda no auge do orgasmo mais recente, o ajudei, afastando-as ainda mais. Em seguida, ele estava entre as minhas pernas, levantando os meus quadris.

Me penetrou.

Quando estava todo dentro de mim, ergui a cabeça, o cabelo flutuando sobre a pele e gemi: — *Sim* — enquanto começava a me levantar, apoiada nas mãos.

Não fui muito longe porque, ainda me levantando, senti a mão dele no meio das minhas costas, me empurrando para baixo.

— Não, Maddie, quero apenas o seu belo rabo.

Eu podia fazer isto. Eu *podia*.

Ofereci a minha bunda, empinando-a.

Ele a segurou, ainda me fodendo, e senti o dedo molhado deslizando entre as bochechas e, então, pressionou o local sensível.

Fenomenal.

Gemi enquanto a sensação do orgasmo iminente tomava conta de mim mais uma vez, retribuindo seus golpes violentamente, mesmo enquanto ele estocava e pressionava o dedo na minha bunda.

— Lindo, lindo. Maldição, *magnífico* — ele grunhiu, mergulhou profundamente, ouvi seus grunhidos se transformarem em um rugido e, só de ouvir isso, outro orgasmo sobrepujou o que ainda estava tendo.

Com os olhos enevoados, ainda estremecendo, diminuindo a intensidade dos movimentos, e mesmo diante disso, enrijecendo novamente, Apollo puxou o pênis para fora. Gentilmente, me virou de costas e me penetrou novamente, deslizando lenta e instantaneamente para dentro, os olhos encarando os meus, seus lábios exalando um suspiro.

— Mais? — Sussurrou.

— Você dá conta? — Sussurrei em resposta.

Senti seus lábios tocarem os meus e estavam sorrindo, assim como seus olhos.

E, entre tudo de fabuloso que havíamos acabado de compartilhar, aquela podia ter sido a melhor parte.

— Absolutamente — murmurou.

— Então, sim — sussurrei e envolvi as pernas em torno dos seus quadris. — Mais. — Passei os braços ao redor dos seus ombros. — Por favor. — E deslizei a língua ao longo dos lábios dele.

Ele inclinou a cabeça, seus lábios capturaram os meus, sua língua duelou com a minha e ele me deu mais.

* * * * *

Pouco depois, eu estava por cima, Apollo dentro de mim. Estava deslizando lentamente para cima e para baixo, o rosto enfiado no pescoço dele, minhas pálpebras fechando.

Precisava dormir. Tipo, *muito*.

Mas tinha algo a dizer.

Deslizando para baixo, totalmente preenchida por ele, meu sexo encharcado, assim como o dele, pressionei o rosto no pescoço dele, deslizei a mão até o outro lado e passei o polegar ao longo do queixo com a barba por fazer.

— Obrigada por não me deixar — sussurrei.

Uma das suas mãos descansava levemente, quase casualmente, na minha bunda. Paradoxalmente, tinha um braço enrolado, possessivamente, no meio das minhas costas.

Diante das minhas palavras, ambos convulsionaram.

Poderosamente.

Não tive tempo para avaliar essa reação.

Porque, com voz baixa e carinhosa, disse: — Durma, Maddie — e minha mente levou um momento, de forma meio vaga, para perceber que durante toda a noite ele me chamou de nada além de Maddie, Madeleine, minha pomba ou minha papoula.

E este pensamento vago me deixou quente por dentro.

Foi quando caí no sono.

Capítulo Nove

Um Coração Tão Grande Quanto Golias

Apollo não dormiu.

Maddie estava em cima dele, os joelhos elevados e dobrados na lateral do seu corpo, apoiando um pouco do seu peso, o corpo dele suportando, alegremente, o restante do peso dela.

Deslizando os dedos sobre o cabelo macio, sentiu o cheiro cítrico no seu cabelo, o cheiro de lavanda na sua pele, ambos misturados com o aroma de suor e sexo.

Olhou fixamente para o teto escuro, pensando que nunca havia sentido cheiro mais agradável.

E não era o cheiro da Ilsa. Depois que tomava banho, a pele da Ilsa cheirava a rosas e o seu cabelo, hortelã.

Maddie se mexeu um pouco e seu pau deslizou naturalmente para fora. Quando o fez, sua semente, misturada com os fluidos dela, escorreu, à deriva, na junção das suas coxas, suas essências misturadas, as partes mais íntimas deles unidas, e continuou a olhar para o teto, pensando que nunca tinha sentido nada mais doce.

Além disso, estava imaginando por que se sentia assim, considerando a profundidade do amor que tinha por sua esposa. Sem mencionar a profundidade da paixão que compartilhavam na cama.

No entanto, nunca havia tido com a Ilsa nada parecido com o que havia tido com a Madeleine na noite passada.

Obviamente, foi o chá de adela.

Mas, agora, já não estava sob a influência do chá de adela e esses pensamentos ainda o assaltavam.

E, por último, estava achando que cometeu outro erro colossal.

Devia tê-la amordaçado, amarrado na cama e a deixado.

Mas, não.

Em vez disso, se aproveitou.

Incentivado, provavelmente, por sua súplica, seduzido por sua beleza e pelo seu toque, despertado diante do fato dela compartilhar que ia cuidar de si mesma, se ele a deixasse... deuses, despertado por tudo isso, ele tinha se aproveitado.

Não podia nem mesmo se culpar por perder o controle. Ele estava vacilando, mas não o tinha perdido.

Não, ele a quis.

Ele a quis, mesmo antes dela se pressionar contra ele e implorar e, definitivamente, a quis durante todo o tempo.

Ele a fez jurar que não haveria arrependimentos, mas ela estava sob a influência do chá de adela. Ele conhecia os efeitos dessa bebida. Ela não sabia o que estava dizendo, mas ele sabia que ela diria qualquer coisa para ter o que o chá a fazia necessitar.

E deu a ela, e ao fazê-lo, se aproveitou.

Ele não gozava da confiança dela, para perdê-la. Se gozasse, a havia perdido em Fleuridia, antes de deixá-la. Mas, se tivesse ganho alguma desde a sua união (o que era duvidoso), ontem à noite ele a tinha destruído.

Quando os olhos dela se abrissem, mais tarde, nessa manhã, os efeitos do chá já diminuídos, ela saberia.

E o odiaria por isso.

Ele suspirou, fechou os olhos, parou de deslizar os dedos pelo cabelo para poder envolver os braços em torno dela, certo de que isto era tudo que conseguiria obter. Quando acordasse, ela estaria perdida para ele.

Para sempre.

Não haveria como conquistá-la. Tinha passado apenas um dia e, naquele dia, sua teimosia adorável, até mesmo o mau

humor irritante, percebeu que queria conquistá-la, mais do que antes. E, diante da teimosia adorável e a exasperante impertinência, Apollo também percebeu que o desafio de fazer isso era ainda mais difícil do que suspeitava anteriormente.

O que o fez desejar conquistá-la mais ainda.

Agora, seria impossível.

Se surpreendeu diante da intensidade desse sentimento, que caiu com um peso esmagador sobre o seu peito.

Mas ele tinha uma pomba devastada em suas mãos e, em vez de pensar em restaurá-la, desde o momento em que a trouxe para o seu mundo, tinha feito nada além de intensificar seu controle, danificando-a ainda mais.

Abriu os olhos, deslizando as mãos sobre a pele macia e ela, dormindo, aninhou o rosto mais profundamente no seu pescoço, arqueou o torso contra o dele ligeiramente, depois relaxou com um suspiro inconsciente que ele sentiu reverberar no estômago.

Foi então que viu o flash verde que atravessou o quarto.

Um flash de aviso.

Diabos.

Sabia o que aquilo significava e sabia por que ela estava chegando.

Foi ela quem deixou o chá.

Seu corpo enrijeceu e, gentilmente, tirou Madeleine de cima dele. Rolou para longe dela e colocou os pés no chão, ao lado da cama. Tinha todos os botões da calça fechados quando a névoa verde começou a rodopiar no quarto. Vestiu a camisa e estava parado, com as mãos nos quadris, quando ela se materializou há um metro na frente dele.

— Fale baixo — ele ordenou imediatamente. — Madeleine está dormindo.

A bruxa olhou para a cama, em seguida, para Apollo.

— Madeleine? — Perguntou e, felizmente, sua voz era baixa.

— O nome dela nesse mundo — explicou.

— Madeleine — ela pronunciou o nome como se o saboreasse na língua. — Aprovo este nome — compartilhou.

Ele não respondeu porque não se importava se ela aprovava ou não. Maddie aprovava. Na verdade, o aprovou com uma vivacidade que era vagamente perturbadora.

E significava alguma coisa para ela, pois partiu dela, e não importava o que a bruxa pensava sobre isso.

— O chá de adela — afirmou e sentiu seu olhar se intensificar sobre ele.

Ele viu sua sombra levantar os ombros delicadamente. —
Você estava demorando demais.

Ele estava certo sobre o que deduziu quando ela emitiu o
flash de aviso, indicando que estava chegando. Valentine tinha
deixado o chá de adela para Maddie o encontrar. E beber.

Sentiu a pele ao redor do pescoço enrijecer e sua voz era um
grunhido, quando disse: — Isso foi malicioso e intrigante.

Ele a viu inclinar a cabeça para o lado. — Você está
questionando os resultados?

Ele não respondeu a isso.

Em vez disso, falou: — Você não tornou o caminho que
Madeleine deve seguir, mais fácil.

— Oh, *chéri* — ela ronronou. — Não sei nada sobre isso.

Ele lutou contra a vontade de se inclinar ameaçadoramente
para ela. — Em um momento como esse, uma mulher dessa, e
você brinca?

— Não fui eu quem brincou na noite passada, Ulfr... — ela
hesitou e finalizou — *durante cinco horas*.

Ele continuou a lutar para controlar a raiva enquanto
vociferava: — Você olhou?

— Foi seriamente irritante, o seu comportamento cavalheiresco.

Ele apertou os dentes.

— Mas — ela prosseguiu — a sua rendição foi espetacular.

Ele estava perto de perder a luta e advertiu: — Gostaria que saísse agora, bruxa.

— Calma, *chéri* — ela se apressou a falar. — Só fiquei olhando até você a abordar. Tão magnífico foi, que saí, deixando vocês apreciarem um ao outro e esperei o tempo que os efeitos do chá de adela duram. E, considerando sua óbvia — moveu a mão na sua direção — *virilidade*, lhes dei ainda mais tempo. Só então dei uma checada para ter certeza que podia visitá-lo. Na hora que chequei, o momento de aconchego tinha começado.

Pelo menos ela lhes deu isso.

Ele decidiu seguir em frente.

— E a razão para você vir até aqui? — Perguntou.

Ela parou de brincar e não hesitou em responder de maneira cáustica.

— A razão pela qual precisei vir até aqui é para avisá-lo de parar de ficar brincando e reivindicá-la — sussurrou baixinho e sua voz era suave quando avisou: — Se você não fizer isso, eu faço.

Apollo sentiu seu corpo inteiro enrijecer e seu tom de voz era perigoso quando perguntou: — Perdão?

Ela balançou uma mão na sombra. — Permitti que você a tivesse, porque pensei que conhecia o homem que você era, Ulfr. Um coração tão poderoso quanto Golias. E, ainda assim, quando a chequei, ela estava com o Hans. Ela estava com o Remi. Ela estava com o *Derrik*. — Colocou uma nuance significativa quando falou o nome do Derrik e continuou. — Quem, posso acrescentar, seguiu você e está no quarto do outro lado do corredor e, apenas um aviso, *chéri*, ouviu suas atividades com — fez uma pausa — a Madeleine na noite passada e não está muito satisfeito.

Os olhos do Apollo se viraram para a parede oposta e a bruxa continuou falando.

— O que não estava, nos momentos que a verifiquei, era com você.

Ele olhou novamente para ela enquanto prosseguia.

— Eu deixei você tê-la, porque achei que você ia consertar as asas quebradas da nossa pequena pomba. Você não consertou. Nem sequer tentou. E se não fizer isso, vou levá-la de volta comigo e deixá-la em segurança. O Apollo do meu mundo vai ter muito mais do que uma mão decepada se chegar perto dela.

— Você não vai... — ele respirou fundo e terminou — levá-la.

Valentine ficou em silêncio.

Apollo não.

— Você não vai se intrometer nos nossos assuntos novamente — ele ordenou.

Valentine permaneceu em silêncio.

— E você vai parar com suas maquinações desonestas contra ela — concluiu.

— A partilha do chá de adela com um parceiro é uma bela experiência, a criação de memórias para acalantar e uma proximidade insuperável. Não é uma *maquinação desonesta*.

— Só se você se preocupa e confia no parceiro com quem está compartilhando ele — rebateu. — E é desonesto quando tomado sem o seu conhecimento ou dado contra a sua vontade.

— Acho que você se engana em como ela se sente sobre você — ela compartilhou.

— Acho que você prestou atenção suficiente, enquanto espionava, do quão ciente estou de como ela se sente sobre mim, e acho que você está enganada.

— Não, *chéri* — ela sussurrou. — Você está muito ciente do quanto ela se esforça para encontrar o equilíbrio em um mundo novo, com uma nova vida, perto de pessoas que se preocupam com ela e não abusam dela ou a negligenciam, algo que ela não tem desde o seu nascimento. De fato, *mon loup*⁹, você está arcando com o ônus disso. Mas, com um coração tão poderoso quanto Golias, estou contando com sua perseverança.

Aquele coração sobre o qual ela falou se contraiu diante das suas palavras e ele grunhiu: — Explique.

— Acho que isso deve vir da nossa *colombe*¹⁰, você não acha?

Apollo não disse nada.

Ele sentiu o corpo dela relaxar enquanto perguntava: — Você gostaria de ter notícias de Bellebryn?

— Você tem? — Perguntou em resposta.

— É claro, *chéri*.

— Então as compartilhe — ele exigiu.

Ele ouviu o sorriso na voz dela enquanto dizia: — Não são boas. Ou, devo dizer, não há muitas. Os grupos de batedores

⁹ Meu lobo.

¹⁰ Pomba.

voltaram, todos intactos, felizmente, sem encontrar qualquer um dos seus alvos, infelizmente.

— Então, a deusa Minerva, Baldur e os outros permanecem escondidos — Apollo resmungou, frustrado, sem mencionar, preocupado.

— Permanecem — ela confirmou. — Imediatamente, Drakkar quis enviar outro grupo de reconhecimento, liderado por ele, mas tive uma conversinha com ele, que mudou de ideia.

Isso, ele não entendeu.

— Frey e os seus homens são muito bons nesses tipos de missões, bruxa.

Ela balançou a cabeça e respondeu: — Durante a situação na qual se encontrou, Frey foi separado do seu amor devido a um ferimento, mas sabia que voltaria para ela. Mas você vai reparar que Dax Lahn nem Noctorno se ofereceram para tal missão. Quando foram separados dos seus amores, não tinham como saber que voltariam a se reunir. Eles não estão tão ansiosos para se separarem novamente. — Ela fez uma pausa e essa pausa foi pesada. Quando voltou a falar, sua voz era a mesma. — Sugiro que você aprenda com isso.

Apollo não disse nada. Ele sabia tudo sobre os assuntos do Frey, o Drakkar ao qual a bruxa se referiu, e sua Finnie, Dax Lahn e sua Circe, e o Príncipe Nocturno e sua Cora.

Ao começar a guerra com Middleland, Frey tinha sido gravemente ferido e foi levado pelos elfos para o seu mundo sob o gelo, para ser curado. Finnie não sabia que ele continuava vivo e foi uma tortura para ela. Mas Frey sempre soube que ia voltar para ela.

A Circe do Lahn tinha voltado para o outro mundo. Lahn tinha enviado um homem para descobrir uma maneira de trazê-la de volta, procurando por meses, e sentindo a angústia que o acompanhava, enquanto estavam separados, que poderia não encontrar uma maneira.

E Minerva tinha separado Tor da Cora. Como havia unido as almas deles ao nascerem, foi uma crueldade inimaginável e trouxe dor física tanto como emocional. Ambos lutaram com a agonia durante semanas, ambos desesperados, à procura nos seus mundos, para achar uma maneira de superaram esse desafio.

E ele perdeu Ilsa, portanto, sabia como era isso, muito pior do que os outros, porque não havia nenhuma maneira, em qualquer mundo, de recuperá-la.

Seus olhos se moveram para a cama e, antes que pudesse formular um pensamento ou forçar seu coração a começar a

bater sem que a tensão o envolvesse, a bruxa falou outra vez e ele olhou novamente para ela.

— Você está ciente que Lavinia e eu estamos preocupadas que há coincidências demais ligadas aos nossos inimigos e aos casais unidos ao longo dos mundos. Dax Lahn e Noctorno levaram isso em conta, eu diria, a cada respiração. Insisto que você lembre disso, em seu relacionamento com Madeleine.

Ele *estava* ciente e de acordo que parecia haver demasiadas coincidências ligando os casais que se encontraram, de universos abrangentes, e aqueles que eles temiam estar conspirando contra a paz e a prosperidade em ambas as terras, do Norte e do Sul, da qual se beneficiavam atualmente.

Eles tinham suas próprias forças, no entanto. A bruxa mais poderosa de Lunwyn, Lavinia, estava alinhada com sua luta e tinha se aproximado da Valentine, que tinha, por um pagamento (e não por coincidência, parte desse substancial pagamento incluía um saco de chá de adela, agora de valor inestimável), concordado em ajudar.

Elas eram uma dupla formidável.

Ainda restava ver se eram mais formidáveis do que o seu adversário.

— Tomei o cuidado de mantê-la segura — Apollo lembrou.

— Por um dia. No resto do tempo, seus homens o fizeram — ela lembrou.

Ele não respondeu, pois não tinha nenhuma resposta, já que ela estava certa.

O amanhecer começou a forçar seu caminho através das cortinas, mas o quarto ainda estava, na sua maior parte, envolto nas sombras quando ela declarou: — Agora, vou deixar você. — Se virou e apontou para a porta. — Você tem coisas com as quais lidar do outro lado do corredor.

A névoa verde estava se formando, mas Apollo se dirigiu a ela. — Tenho o banho e o café da manhã para providenciar para a Maddie. Em seguida, vou abordar a questão do outro lado do corredor.

A névoa iluminava o quarto e a ela, e ele viu seu sorriso felino antes de ronronar: — Aí está o meu Golias.

Ele não tinha ideia sobre o que ela estava falando e não tinha intenção de perguntar. Mesmo que quisesse, não teve nenhuma chance, pois ela desapareceu.

Quando o fez, Apollo foi até as janelas. Afastando um pouco a cortina, avaliou os raios do sol e notou que o amanhecer estava mais adiantado do que imaginava.

Com um suspiro, soltou a cortina e caminhou até lareira. Retirando a tela, colocou mais lenha e a mexeu, até que estava em chamas.

Então recolocou a tela e caminhou até a cama, se sentou sobre ela e envolveu a mão ao redor do pescoço da Maddie.

— Madeleine, minha pomba, acorde — sussurrou, dando um aperto.

Observou seus olhos piscarem, antes de virar a cabeça sobre o travesseiro e olhar, sonolenta, para ele.

E não deixou de perceber que não viu nada além da Maddie.

Nada.

Como não sentiu mais nada, apenas ela, ontem à noite. Sua boca no pênis dele. Seu sexo convulsionando em torno dele. Seus olhos queimando dentro dele. Seu pequeno sorriso inescrutável fazendo seu pau doer.

Também não sentiu o gosto de mais nada, apenas o dela, também. Não ouviu nada além dos seus sussurros, gemidos e gritos. Seus apelos por mais. Ou mais forte. Ou mais rápido.

Mais nada.

Apenas ela.

E sentiu seu pau se contorcer.

— É manhã, já? — Sua voz sonolenta perguntou, tirando-o dos seus pensamentos calorosos e ele lhe deu outro aperto.

— Infelizmente, é, minha papoula, e você tem que levantar pois devemos partir.

Ela piscou novamente.

Adorável.

Deuses, como desejava ter isso pela próxima hora, pelo dia seguinte, enquanto pudesse ter.

Não ser privado disso quando ela tomasse consciência de tudo e entendesse o quanto ele se aproveitou.

— Vou pedir para providenciarem o banho e o café da manhã — falou baixinho. — Me desculpe, mas tem que se preparar para nos colocarmos a caminho. Você pode dormir no trenó.

Ela se apoiou no antebraço e perguntou: — Se estiver dormindo, como vou dirigir o trenó?

Ela não precisaria. Para que pudesse descansar, viajaria nele com ela, se ela permitisse, e ele o faria.

Torment não gostaria de ser atrelado ao trenó, mas seu cavalo sofreria essa indignidade por ele. E, com dois cavalos puxando a carga, viajariam em menor tempo.

— Deixe isso comigo. Agora, levante. Vou lhe dar um tempo e estarei de volta.

Ela piscou mais uma vez e inclinou a cabeça para o lado, mas, felizmente, a compreensão do egoísmo dele não surgiu e ela balançou a cabeça.

Ele se inclinou e roçou a boca na dela. Afastando-se, ela piscou de novo, os olhos e a pele em volta da boca relaxados, e ele sentiu essa suavidade envolver seu coração, memorizando seu olhar, porque tinha certeza que era tudo o que tinha.

— Levante, minha papoula — murmurou.

Ela assentiu e ele a deixou a cama.

Pegou as meias e as botas, calçando-as. Então, se preparou para sair do quarto, olhando para ela, na cama.

Ela estava sentada, as cobertas puxadas até o peito, as ondas e os cachos do cabelo despenteado, emoldurando gloriosamente seu rosto e caindo suavemente sobre os ombros e o peito.

Estava olhando em volta, parecendo confusa.

Parecia adorável, também.

Mas, provavelmente, não ia durar muito.

Com uma pedra pesando no seu estômago, abriu a porta e saiu do quarto. Seus olhos fixaram a porta do outro lado, mas caminhou pelo corredor e encontrou um servo. Ordenou um banho quente e um café da manhã para Maddie e um para si mesmo em outro cômodo, mandando pegarem roupas limpas no baú em seu quarto.

Finalizou com: — E quero um rapaz no corredor. Se o homem no quarto em frente ao meu se aproximar da minha porta, quero saber imediatamente.

O servo assentiu e saiu correndo.

Enquanto o observava correr, pensou, distraidamente, que devia ter agradecido.

Então, não pensou mais nisso e continuou a cuidar das coisas.

As preparações da manhã levaram algum tempo, já que a água levava algum tempo para aquecer, e a hora pareceu rastejar. Havia pouca coisa para distrai-lo e não pensar no desagrado que, tinha certeza, encontraria em breve.

Duas vezes.

Então, não pensou em mais nada além dos próximos confrontos, exceto quando foi para os estábulos e ordenou que o trenó fosse engatado e s baús carregados.

Mas, finalmente, banhado e alimentado, voltou a subir as escadas. Ele viu o jovem rapaz que acendeu a lareira do lado de fora da porta dele e da Maddie.

Ergueu o queixo para o menino.

O menino abaixou o dele e correu para as escadas.

Apollo foi para a porta oposta.

Bateu levemente e, em poucos segundos, Derrik abriu a porta.

Suas roupas estavam amarrotadas, o cabelo em desalinho, os olhos vermelhos.

Ele não tinha dormido.

Quando viu Apollo, seu rosto enrijeceu e seu olhar se tornou afiado.

— Não demorou muito, irmão — vociferou.

Sim.

Ele tinha ouvido.

— Precisamos conversar — Apollo disse. — E não no corredor.

— Há alguma coisa a dizer? — Derrik perguntou acidamente.

— Sim — Apollo respondeu. Torceu o tronco exageradamente e olhou significativamente para a porta atrás dele, antes de voltar os olhos para o amigo. — Mas não no corredor.

Derrik olhou para a porta, antes de hesitar e, finalmente, entrou no quarto.

Apollo o seguiu, fechando a porta atrás de si.

Observou as lamparinas ainda acesas, mas havia apenas brasas na sua lareira. Também observou que a cama estava desarrumada, mas não foi utilizada para dormir.

Então voltou a olhar para Derrik.

— Gostaria de explicar o que está fazendo aqui? — Ele perguntou com voz baixa.

Diante das suas palavras, as sobrancelhas do Derrik se ergueram, mas sua resposta foi rápida. — Gostaria de explicar por que o seu intenso, longo e *sonoro* jogo na cama, pelos deuses malditos, com a *Maddie* pôde ser ouvido por toda a *aldeia*, diabos?

— Nós não vamos falar sobre isso — Apollo disse.

— Não? — Derrik rebateu.

— Não — Apollo falou com firmeza.

Derrick o observou.

Em seguida, declarou em tom ameno: — Deuses, homem, se eu não achasse que iria matá-lo à primeira vista, teria ido até lá unicamente para avisá-lo que suas atividades podiam quebrar a cama ou fazê-lo cair de cara no chão. — Sua voz baixou quando acrescentou: — Ou, talvez, elogiá-lo por sua maldita resistência.

Apollo não disse nada.

Os olhos do Derrick se estreitaram. — Quantas vezes você a teve?

Apollo permaneceu em silêncio.

— Eu contei doze orgasmos dela, apenas nove seus. Se pudesse contar aos homens, você viraria uma lenda.

Apollo se manteve em silêncio e Derrick perdeu a paciência.

E a cortesia.

— Pelos sons que você fez quando ela não podia ser ouvida, posso assumir que ela tem muito talento com a boca.

Apollo deixou de permanecer em silêncio.

— Cuidado, irmão — alertou.

Ele se inclinou em direção ao Apollo e sua voz continha censura. — Pelos sons que *ela* fez quando *você* não podia ser

ouvido, definitivamente, vocês compartilham o mesmo talento. Diga-me, *irmão*, ela é tão doce quanto promete?

O corpo inteiro do Apollo enrijeceu pela segunda vez naquele dia. Mas, dessa vez, não manteve o mais leve controle sobre os fios que seguravam seu temperamento.

Derrik era homem, Valentine, mulher. Se Derrik fizesse algo por merecer, Apollo não hesitaria em lhe dar uma lição.

— Cuidado — ele grunhiu.

— Ela não é a Ilsa — Derrik provocou.

Apollo piscou.

Entendimento o atingiu; cruzou os braços sobre o peito e disse calmamente: — Deuses, irmão, eu sei disso.

Diante disso, Derrik piscou.

— Você... — ele começou.

— Perdi a minha esposa há vários anos — Apollo o interrompeu para dizer. — E cheguei a um acordo com isso apenas quatro meses atrás. A mulher na minha cama é Madeleine.

— Madeleine?

— O nome que ela adotou neste mundo. Um nome escolhido a partir do que você e os homens deram a ela —

explicou Apollo e, quando Derrik não respondeu, ele compartilhou: — Ela é um pouco apaixonada por ele.

Derrik olhou para a parede atrás do Apollo, a dureza saindo do seu rosto. Então olhou para ele novamente.

— Estou apaixonado por ela — ele admitiu, a voz rouca, sua admissão arrancada de algum lugar profundo.

— Sinto muito — Apollo respondeu e não disse mais nada, porque não havia mais nada a dizer.

Seu amigo podia amar Madeleine e Apollo podia amar seu amigo.

Mas não poderia tê-la.

O rosto do Derrik ficou duro novamente e ele exigiu: — Me convença que você se importa com ela.

— Isso não é da sua conta — Apollo rebateu e a mandíbula do Derrik se contraiu antes do Apollo concluir. — É da conta dela.

Com isso, a mandíbula do Derrik relaxou.

Apollo se importava profundamente com seu amigo, mas mesmo assim, não tinha tempo para isso. — E vou lembrá-lo, ela está lá por conta própria.

As costas do Derrik ficaram rígidas. — Se você a machucar...

Apollo não o deixou terminar. — Vai ser minha dor para curar.

Derrik insistiu. — Ela não é...

Diante disso, Apollo falou rapidamente, controlando seu humor. Um humor que tinha a ver com o fato que Derrik, mais do que provavelmente, sabia muito sobre o que Maddie era e não era, enquanto Apollo sabia muito pouco de ambos, e não gostou disso. E gostou menos ainda que *ele* mesmo tinha provocado isso.

— Ela pode ter compartilhado seus mistérios com você, mas são seus mistérios para compartilhar. Agora, também são meus para descobrir.

Eles se encararam e nenhum homem falou por algum tempo.

Apollo ficou impaciente e estava prestes a quebrar o silêncio quando Derrik o fez.

E o fez para anunciar: — Estou deixando Karsvall e retornando para a Casa de Lazarus.

O estômago do Apollo se contraiu diante dessa perda, mas balançou a cabeça e pediu: — Entendo sua necessidade de fazer

isso, mas vou pedir que continue a cuidar da segurança dos meus filhos em Karsvall, até Madeleine e eu retornarmos.

Derrick levantou uma mão com a palma virada para fora, mesmo que não conseguisse evitar com sucesso que ela tremesse ao ouvir as palavras “Madeleine e eu”, e murmurou: — É claro.

Mais uma vez, os homens se encararam. Mas, diante da necessidade de encarar o que quer que a Maddie o fizesse encarar, Apollo desviou o olhar e se moveu para a porta.

Ele a abriu, se virou e olhou novamente para o amigo.

— Entendo a sua necessidade de se afastar de Ulfr, Derrick, mas, quando isso acontecer, sei que sua falta vai ser sentida e será recebido de volta se esse desejo retornar ao seu coração.

Derrick não fez nenhum movimento ou ruído. Apenas encarou os olhos do Apollo.

Que seja.

Apollo se moveu para sair, mas Derrick, finalmente, falou.

— Cuide dela.

Mais uma vez, olhou diretamente nos olhos do Derrick e, quando pronunciou as palavras, Derrick o conhecia bem o suficiente para saber o que eram.

E eram um voto.

— Cuidarei.

Ele o deixou com isso e saiu pela porta, fechando-a atrás de si.

Durante o caminho até chegar à sua própria, respirou fundo e se preparou.

Então abriu a porta e entrou no quarto, olhos grudados em Madeleine, sentada à mesa, uma tigela de mingau intocada na sua frente.

Ela estava usando um vestido, graças a Deus, com um forro vermelho alaranjado. Ele a via de perfil, mas conseguia ver o capuz largo que caía sobre o seu peito, escondendo a pele sob ele. As mangas eram justas nos braços e a saia longa estava espalhada no chão, ao redor da cadeira. Seu cabelo, assim como ontem, estava puxado para trás, preso na nuca com uma fita de cetim da mesma cor de um cogumelo.

Normalmente, ela seria uma visão.

Mas sua mão segurava uma xícara de café esquecida e o cotovelo estava sobre a mesa. Sua cabeça estava virada para a janela, mas suas costas estavam inclinadas, para que ela pudesse apoiá-la na mão.

Ele sentiu a garganta começar a se contrair ao testemunhar a pose de derrota.

Fechou a porta e quando ela ouviu o barulho, saltou. Quando deu dois passos para dentro do quarto, ela, lentamente, se afastou da mesa e voltou o olhar para ele.

Ele parou quando viu os lindos olhos cheios de lágrimas.

Deuses, *deuses*, ele a tinha magoado mais do que imaginava.

— Madel... — começou.

Mas ela o interrompeu.

Com voz trêmula, sussurrou: — Sinto muito.

Não era o que ele esperava ouvir.

— Perdão?

— Sinto muito, muito mesmo. — Prosseguiu sussurrando.

— Madeleine.

Ela balançou a cabeça. — Muito, muito, *muito* mesmo, Apollo.

Ela sentia muito?

— Minha pomba...

— Eu sou egoísta — ela declarou e ele a encarou. — É uma fraqueza. Egoísta, autoindulgente, imprudente e estúpida.

Não gostando das suas palavras, deu um passo na direção dela, mas ela se recostou na cadeira e ergueu a mão, interrompendo o seu avanço.

— Aquele chá era... — ela começou quando ele parou de se mover. — Eu não sei o que ele era. Mas você estava tentando ser legal. Tentando cuidar de mim. Tentando ser gentil. E eu o forcei porque queria uma coisa e...

De repente, ela olhou para longe, girando o pescoço tão profundamente, que só conseguia ver a parte de trás da sua orelha e da cabeça, até que girou o pescoço novamente e ele viu as lágrimas que caíam pelas suas bochechas.

— Como de costume, eu tive o que eu queria, danem-se as consequências — ela sussurrou de maneira entrecortada e continuou, com a voz torturada. — E o feri no processo.

Ele permaneceu onde estava, distante, como a precaução ditava para fazer no estado dela, e perguntou: — Minha papoula, como, diabos, você me feriu?

— Eu pareço com ela. — Ela informou, sua voz, agora, agonizante e ele finalmente entendeu. — Eu pareço com ela e você sente falta dela. Me joguei em cima de você e, em primeiro lugar, você é homem. O que vai fazer? Recusar uma coisa certa? — Balançou a cabeça. — Não. De jeito nenhum. Ainda mais com alguém que parece exatamente a sua...

Diante disso, ele a interrompeu.

Caminhou até ela, a levantou da cadeira e passou os braços em volta dela, puxando-a contra o seu corpo. Deslizou a mão até o seu pescoço, o cabelo deslizando sobre ela e a fechou sobre ele, puxando-o para trás enquanto, suavemente, deslizava sua bochecha contra a dele, então estava com os lábios na orelha dela.

— Eu não fiz amor com a minha esposa ontem à noite, Madeleine. Fiz amor com você — falou.

— Bem, sim... eu sei. Eu estava lá, mas...

Sua mão apertou o cabelo mais um pouco e ele levantou a cabeça dela para capturar os seus olhos.

— Mas, nada.

Ela olhou no fundo dos olhos dele, os seus ainda molhados, e chegou a uma conclusão.

A errada.

— Você está apenas sendo gentil.

— Mad—

— Assim como você foi gentil o tempo todo.

— Maddie—

— Desde o começo. Exceto aquela vez que você não foi legal, mas foi compreensível.

— Minha pomba, você vai para de falar para eu poder—

— E tenho sido uma cadela.

Apollo fechou a boca.

Ela precisava desabafar?

Ele permitiria.

E soube que precisava desabafar porque ela não parou.

— Uma idiota, infantil, egoísta e imprudente *cadela*.

Apollo não disse nada.

— E já não era legal, mas a noite passada foi *muito* pior.
Foi cruel. Eu sou cruel!

Seu tom de voz estava subindo, mas Apollo manteve o silêncio.

— Eu sou uma *cadela* idiota, infantil, egoísta, imprudente e *cruel*!

Apollo permaneceu em silêncio e Madeleine também se calou.

Depois de algum tempo, seus olhos rolaram para lá e para cá. Finalmente, encararam os dele.

— Humm... por que você está me segurando nos seus braços? — Perguntou, hesitante.

— Porque você estava chorando e dizendo coisas loucas e eu queria lhe consolar e assegurar que estava sendo tola. No entanto, você não ficava quieta e não me deixava falar nada, e não pude assegurar que você estava sendo tola, de modo que só me restou abraçar você em um esforço para consolá-la.

Ela olhou para ele por um momento, antes de perguntar:
— Você quer me consolar?

Ele lhe deu outro aperto e respondeu: — Sim.

— Mas eu sou uma cadela leviana, cruel e egoísta — lembrou a ele e, com esforço, teve sucesso em segurar a risada.

Depois que conseguiu isso, ele declarou: — Minha pomba, quanto mais tempo passo com você, quanto mais descubro sobre você, mais venho a entender que há muito mais a descobrir. O que descobri é que você é divertida. É espirituosa. Pode ser charmosa. Também pode ser desagradável. Você pode ser entediante, ainda. É irritantemente boa em uma discussão. Mas isso, simplesmente, significa que você tem raciocínio rápido, o que não é uma coisa ruim, a menos que alguém se encontre em uma discussão com você.

Ela piscou de forma cativante e ele concluiu.

— O que você não é, com certeza: egoísta, imprudente ou cruel.

Ela o observou atentamente, como se o rosto dele pudesse lhe mostrar a veracidade das suas palavras e deve ter lido errado, porque seus olhos ficaram enevoados mais uma vez.

— Mas, Apollo — ela começou, suavemente, dor começando a permear a voz dela, novamente. — Eu pareço...

Ele lhe deu outro aperto e puxou seu rosto ainda mais para perto.

Sua voz estava permeada com aço quando ele declarou. — Ilse se foi, Madeleine. E você está aqui. Você se parece com ela, de fato. Mas você *não* é ela.

— Mas você disse que olhar para mim era como sentir um ferro em brasa queimando os seus olhos.

Caramba, ela lembrava das palavras exatas.

— E isso, minha pomba — ele sussurrou — fui *eu* sendo egoísta, imprudente e cruel. Mas quando disse essas palavras para você, eu realmente fui, e você... — balançou a cabeça. — Você tinha bebido chá de adela e não estava no controle de si mesma. Isso não é ser egoísta, imprudente ou cruel. Isso é simplesmente o que foi.

— Chá de adela? — Perguntou.

— Vou explicar depois — ele disse.

Os olhos dela, de repente, se estreitaram e ele quase sorriu.

Lá estava ela.

— Você o pediu? — Perguntou.

— Conspirações da Valentine — respondeu, e os olhos dela se arregalaram, e diante disso, ele *realmente* sorriu.

— Ela esteve aqui? — Questionou.

— Duas vezes — afirmou.

— *Duas vezes?* — Sua voz estava estridente e ele sentiu o sorriso aumentar.

— Duas vezes. Vou explicar isso mais tarde, também.

Ela encarou o seu olhar, o espanto deixando o dela e escuridão começando a preenchê-lo novamente, mas, através dela, perguntou, com voz, agora, quase tímida. — Então você não me odeia?

Ele a puxou para mais perto e sussurrou: — Não, minha papoula, não odeio você.

A escuridão recuou e o corpo dela começou a relaxar nos seus braços, mas ela não havia terminado o interrogatório.

— Sua papoula?

A mão que ainda estava sobre o cabelo dela puxou o rabo de cavalo por cima do seu ombro e entre os seus rostos. Deslizando o dedão e o dedo juntos, através dos fios macios, capturou um fio como se estivesse procurando por ele, o segurou e olhou novamente para ela.

— A cor das papoulas — falou em voz baixa e, em seguida, passou a dizer abertamente. — Ilsa não tinha papoulas no cabelo dela.

A pele em torno da sua boca relaxou e ela perguntou: — Ela passava muito tempo ao ar livre?

— Ela não gostava de ficar fora de casa.

— Eu gosto — ela sussurrou, mais uma vez timidamente, e dessa vez ele sabia o porquê.

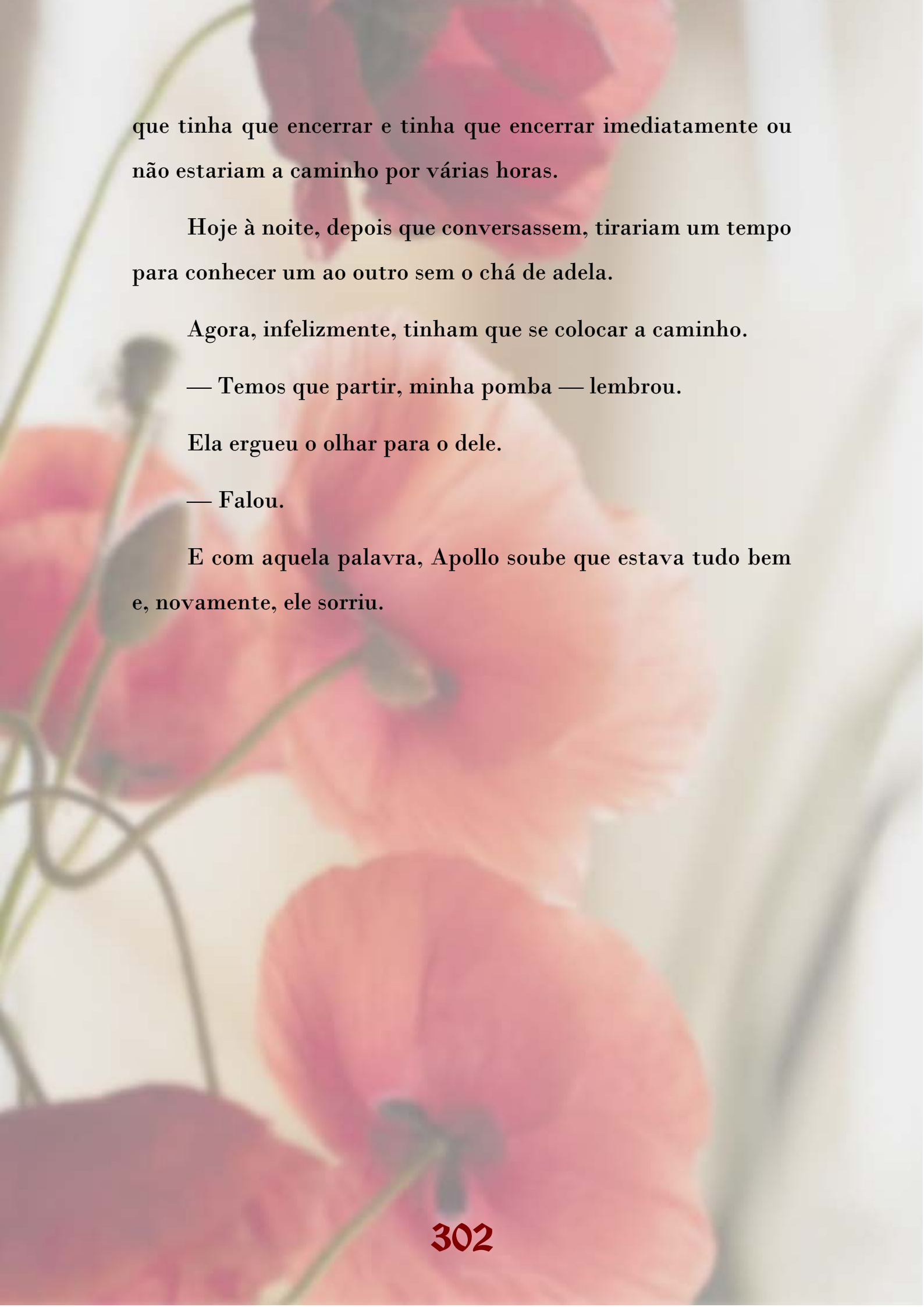
Estava compartilhando algo de si mesma com ele e estava preocupada em como ele reagiria ao fazer isso.

Soltou o cabelo dela e passou os braços ao seu redor, puxando-a para perto novamente.

— Isso me agrada — ele sussurrou em resposta.

Os olhos dela desceram até a sua boca e os pequenos dentes brancos morderam o lábio.

Tão exultante estava por essa cena ter sido muito melhor do que imaginava que seria, com os olhos dela na sua boca, soube



que tinha que encerrar e tinha que encerrar imediatamente ou não estariam a caminho por várias horas.

Hoje à noite, depois que conversassem, tirariam um tempo para conhecer um ao outro sem o chá de adela.

Agora, infelizmente, tinham que se colocar a caminho.

— Temos que partir, minha pomba — lembrou.

Ela ergueu o olhar para o dele.

— Falou.

E com aquela palavra, Apollo soube que estava tudo bem e, novamente, ele sorriu.

Capítulo Dez

Como Ele Valorizou Aquilo

Me sentia quente e aconchegada, com exceção do nariz, que estava frio, mas tinha algo fazendo cócegas nele. Também sentia uma movimentação ao meu redor. Finalmente, o sol que brilhava contra as minhas pálpebras deslizou pela minha consciência fluorescente e, por um segundo, as coisas não pareciam certas.

Então, lembrei.

Eu estava exposta à natureza gelada de Lunwyn, em um trenó com o Apollo.

Mais precisamente, estava no trenó do Apollo *com* o Apollo, um enorme cobertor de pele sobre o nosso colo, embrulhada no meu manto (o mesmo de ontem, depois dos transtornos emocionais da manhã, não tive ânimo para procurar um que combinasse melhor com a minha roupa – a propósito, eu tinha *quatro*). Estava aninhada contra o Apollo, o braço descansando no estômago dele, meu rosto no seu peito, e o que estava fazendo cócegas no meu nariz era a pele que forrava o manto *dele*.

Oh, Deus.

Eu estava aconchegada no Apollo.

Droga.

Não me mexi ou abri os olhos. Em vez disso, fingi ainda estar dormindo.

Fiz isso porque não podia encará-lo, ainda não. Tinha que reorganizar minhas ideias antes de fazer isso.

Ele tinha sido legal, hoje de manhã, realmente muito doce e muito compreensivo. Tinha passado todo o tempo, desde que ele deixou o quarto, me torturando sobre o que eu tinha feito, mas a forma como ele agiu, as coisas que disse, me fizeram sentir melhor, completamente.

Sobre aquilo.

Mas não negava o fato que ele tinha sido gentil comigo (do jeito dele) desde que eu tinha chegado lá e que eu vinha sendo uma cadela com ele.

E, definitivamente, não negava o fato que, ontem à noite, tinha ferrado com o seu cérebro, ele tinha ferrado o meu cérebro e tudo isso começou quando me joguei em cima dele.

Ficou claro que tudo isso aconteceu porque eu bebi aquele chá.

Ainda assim.

Era embaraçoso.

Ele, no entanto, parecia não ter nenhum problema com isso. De modo algum. Era quase como se aquilo não tivesse acontecido. Por outro lado, os homens, muitas vezes, conseguiam separar vida, de sexo. Aconteceu, você segue em frente. E, talvez, algumas mulheres conseguissem também.

Mas eu não conseguia.

E, definitivamente, não diante do que fizemos ontem à noite.

Deus, eu queimava de humilhação só de pensar nisso.

Eu tive um amante antes do Pol. E, então, houve o Pol e ele era bom de cama, na verdade, ótimo. Nunca tivemos problemas com isso. Na verdade, essa foi uma das razões pelas quais, no início, eu mantive alguma esperança. Se ele podia ser generoso e, às vezes, até mesmo doce e terno na cama, achei que ele podia e, eventualmente, traria isso para a nossa vida cotidiana.

Até conversei com ele sobre isso. Até que fiz isso muitas vezes, o que começou a irritá-lo e, por razões óbvias, me esforcei para não irritar Pol. Então, parei.

Mas ele tomava conta de mim o tempo todo e, uma vez, na época que eu gostava de pensar que foi quando concebemos nossa filha, cuidou de duas pessoas de uma só vez.

Quer dizer, cuidou de mim até que comecei a ter que fingir, porque não podia suportar suas mãos em cima de mim e se ele soubesse disso, iria realmente ficar irritado.

No entanto, nunca havia tido nada parecido com o que tive com o Apollo na noite passada. A necessidade. O calor.

A liberdade.

Não pensei em nada do que fiz. Não estava lúcida, absolutamente. Só fui atrás do que queria.

De fato, a verdade era que Apollo liderou o caminho e eu o segui, completamente, pensando apenas nele e no que estava fazendo com o meu corpo. Nenhuma neurose. Nada, apenas ele e eu, o que eu podia fazê-lo sentir e o que ele estava me fazendo sentir.

Tinha feito com ele coisas que nunca fiz com Pol, nunca sequer pensei em fazer com *alguém*.

Na hora, não me importei.

Agora, aquilo me deixava mortificada.

Porque eu mal o conhecia.

Não sabia nada sobre os limites das relações sexuais neste mundo, mas, considerando que as mulheres ainda cobriam seus tornozelos, eu realmente, *realmente* esperava que ele entendesse tudo sobre o que quer que aquele chá fosse, para que, então, não achasse que eu era uma grande prostituta.

— Maddie, você está acordada?

Fiz uma nota mental para lembrar que eu era muito ruim em fingir estar dormindo e percebi que o peso nas minhas costas era seu braço me segurando contra ele, quando me apertou.

— Papoula, você se mexeu. Está acordada?

— Sim — murmurei.

— Venha cá, minha pomba — ele murmurou em resposta e eu não sabia quanto mais “para cá” eu podia ir, mas, ainda assim, me endireitei, ergui a cabeça e olhei para ele.

Ele olhava para mim com ternura no olhar.

Já tinha visto isso antes, mas tinha sido há tanto tempo, e era tão bonito, que senti o ar deixar meus pulmões.

— Como está se sentindo? — Perguntou delicadamente.

A verdade era, eu estava dolorida e ainda meio cansada. Ferrar a mente de alguém arrancava tudo de você.

Não compartilhei isso.

— Tudo bem — falei.

— Você está com fome? — Perguntou.

Estava. Não tinha tomado café da manhã. Quer dizer, foi servido, mas não o comi.

— Eu poderia comer — respondi.

— Bom — ele murmurou e olhou para frente.

Eu também, mais uma vez percebendo o braço nas minhas costas, que ele não tinha removido. Ainda estava me segurando contra ele e o fazia de uma maneira que demonstrava que não ia me soltar.

Decidi que isso, provavelmente, tinha a ver com o fato de que ficarmos abraçados era muito mais quente do que ficarmos separados.

Estávamos viajando entre pinheiros que tinham crescido bastante distantes, mas ele guiou os cavalos para perto de um deles e fez isso falando.

— Vou cuidar dos cavalos. Desembale os sanduíches, sim?

— Falou — murmurei, seu braço me deu um aperto e não me soltou, então fui aconchegada mais confortavelmente contra o seu corpo.

Ok.

O que foi aquilo?

Ele puxou as rédeas e os cavalos pararam. Me levando junto com ele, se inclinou para frente e as colocou em um gancho na nossa frente, em seguida, se virou para mim, ainda me segurando perto dele.

Olhei para ele bem a tempo de ver a mão enluvada segurar minha mandíbula e sua cabeça abaixar. Ele roçou os lábios contra os meus, abertos de surpresa, e murmurou: — Já volto.

Ele ergueu a cabeça para beijar a minha testa e saiu de debaixo da pele para deixar o trenó.

Ok.

O que foi aquilo?

Certo, bem, ele tinha sido muito legal, esta manhã, me abraçando e confortando enquanto eu chorava e pirava. Também tinha sido solícito quando saímos da pousada, oferecendo o braço, me puxando para perto quando o aceitei, envolvendo a mão sobre a minha, no cotovelo dele, caminhando dessa maneira todo o caminho através da pousada e fora dela, quando me acompanhou até o trenó. Não dei um pio quando vi ambos os cavalos atrelados a ele e não falei nada quando ele entrou no trenó comigo.

Nós partimos, a nossa maratona de sexo selvagem, a falta de sono e minha crise de choro, tudo isso desabou em mim, e eu estava fora do ar quinze minutos depois de termos partido.

Agora era agora e ele não estava só sendo muito legal.

Estava sendo muito doce.

E afetuoso.

Muito afetuoso.

Ele tinha ido até a parte de trás do trenó e o observei caminhar para frente, as bolsas com alimento para os cavalos nas mãos, e decidi que era melhor me apressar porque ele estaria de volta em breve e esperando seu sanduíche.

Então me inclinei para um canto do trenó, onde havia uma cesta na qual Apollo tinha acondicionado o nosso almoço, ontem. Enquanto fazia isso, vi alguma coisa pelo canto do olho.

Olhei para o lado do trenó e vi um belo coelho com pele cinza e cauda branca se aproximando do trenó.

Era tão adorável que fiquei imóvel e sorri.

Ele parou, se ergueu nas patas traseiras e emitiu um monte de ruídos.

Ele emitiu um monte de ruídos, mas, na minha cabeça, ouvi: — Senhora, você tem um pouco de alface?

Continuei imóvel e olhando para o coelho.

Ele olhou para a direita, em seguida, novamente para mim e emitiu mais ruídos.

Mas, na minha cabeça, ouvi: — Senhora, perguntei se você tem um pouco de alface?

— Aquele coelho está falando comigo? — Sussurrei para ninguém.

Exceto, é claro, para o coelho.

Ele emitiu mais ruídos, um monte, mas, na minha cabeça, ouvi: — É claro que estou falando com você. Com quem mais eu estaria falando? Agora, você tem alface?

— Oh, meu Deus — sussurrei, em seguida, me levantei, virei e corri para fora do trenó, sobre a neve, cruzando com Apollo, que estava voltando.

— Maddie, o que houve? — Perguntou.

Mas continuei correndo, com dificuldade, pois a neve estava na metade das minhas panturrilhas. Ainda assim, continuei correndo, principalmente, porque, diabos, um coelho estava falando dentro da *minha cabeça*.

— Madeleine! — Apollo gritou.

Continuei correndo.

Então parei, porque um braço enlaçou o meu corpo e fui puxada contra um corpo rígido.

— Maddie, o que você viu? — Apollo exigiu saber, a boca contra a minha orelha e estava me arrastando de volta para o trenó.

Eu não queria ir para o trenó. O belo coelho pequeno que podia falar na minha mente estava no trenó.

Então empurrei seus braços, lutando contra o seu aperto enquanto ele continuava me arrastando.

Ele parou e me inclinei com ele enquanto se abaixava na direção do trenó, procurando por alguma coisa.

Ouvi o silvo do aço e, então, fui balançada suavemente e, novamente, falou no meu ouvido: — O que você viu?

Me retorci em seu braço e olhei para o rosto desconfiado.

— Será que o chá faz você ter alucinações? — Perguntei.

Suas sobrancelhas se ergueram. — Perdão?

Coloquei as mãos no seu peito e me segurei, ficando na ponta dos pés, sobre a neve.

— Aquele chá, Apollo, *aquele chá*. Ele faz você ter alucinações?

— Para homens e mulheres, aumenta significativamente o desejo sexual e melhora, ainda mais significativamente, a excitação. Para os homens, aumenta o fluxo sanguíneo e a resistência — finalmente respondeu.

Isso era interessante, muito interessante, na verdade, mas não respondia a minha pergunta.

Então, ele respondeu minha pergunta: — Nunca ouvi falar que causava alucinações.

Merda!

De repente, estava cara a cara comigo. — Maddie, minha pomba, *o que você viu?*

— Um coelho.

Ele levantou a cabeça abruptamente. — O quê?

— Eu vi um coelho — falei.

Ele olhou para mim como se quisesse tirar a minha temperatura ou, mais provavelmente, me fazer passar por uma bateria completa de testes psicológicos (se tivessem esse tipo de coisa nesse mundo).

Então, cautelosamente, perguntou: — Você tem medo de coelhos?

— Não — respondi. — Eu tenho medo de coelhos — fiquei na ponta dos pés novamente — que *falam dentro da minha cabeça*.

De repente, ele relaxou, seus olhos brilharam com diversão e suas feições suavizaram.

Também manteve o aperto sobre mim, mesmo enquanto se virava e jogava a espada no assento do trenó.

Então se virou para mim, levou a mão até a lateral do meu pescoço e abaixou o rosto novamente.

— Tudo bem, papoula, acredito que todas as três outras mulheres do seu mundo tiveram essa mesma reação e, infelizmente, não mencionei isso para você. Embora, devo admitir, que estou um pouco surpreso por isso não ter acontecido ao longo da sua viagem.

— Essa mesma reação a quê? — Perguntei e não esperei que ele respondesse. Fiz outra pergunta. — O que não aconteceu ao longo da minha viagem?

— Essa mesma reação ao fato que, em nosso mundo, os animais podem falar com você.

— *O quê?* — Exclamei, os olhos arregalados e, em troca, seus olhos se tornaram calorosos, mas ainda continham humor.

— Eles falam com você.

Não disse nada. Só fiquei olhando para ele.

— Nem todos — ele manteve o fluxo de informações — mas muitos deles. E ambos os sexos não entendem as mesmas criaturas. Por exemplo, eu, como homem, posso entender algumas delas, como cavalos, lobos e cobras. Você, como mulher, será capaz de compreender coelhos, gatos e ratos.

Ok, pensando nisso, essa coisa de falar com animais não era uma grande surpresa, embora ainda me assustasse. Parei de me sentir surpresa com várias coisas que aconteciam ao meu redor, uma vez que cheguei nesse mundo. Claro, quando um coelho falava na minha cabeça, me senti em choque, de imediato. Mas sabendo que era uma coisa desse outro mundo, bem... era isso.

Mesmo assim, ao descobrir essas nuances, franzi o cenho e perguntei: — Por que os caras conseguem falar com os animais mais legais? Quer dizer, os coelhos são bonitinhos e não tenho dúvida, gatos são interessantes, mas quem realmente se interessa com o que um rato tem a dizer? Sem querer ofender os ratos, é claro — me apressei a dizer, apenas no caso de algum estar por perto e poder me ouvir. — Agora, não gosto de cobras tanto assim, mas aposto que ficaria interessada no que uma cobra tem a dizer.

Por um momento, ele só me observou.

Então jogou a cabeça para trás, a mão que estava no meu pescoço deslizando para se juntar ao outro braço que me envolvia, ambos balançando, e começou a rir.

Eu nunca o tinha visto gargalhar.

Era fascinante.

E, surpreendentemente, não era nada parecida com a do Pol.

Claro, parecia com a gargalhada do Pol. Mas Pol nunca riu com essa genuinidade profunda, que parecia se derramar sobre a pele de uma forma calorosa e feliz, como a do Apollo fazia.

Ele ficou sério, um pouco, seu grande corpo ainda tremendo porque estava rindo e continuou me abraçando enquanto ainda olhava para mim.

— Se depararmos com uma cobra, vou atuar como intérprete — ele ofereceu.

Esperava que não acabássemos encontrando uma cobra, já que não menti, realmente não gosto muito delas, mas, assim mesmo, falei: — Legal.

Ele sorriu para mim.

Olhei para ele.

Deus, ele era lindo.

E não sabia como isso era possível, mesmo sendo tão semelhante ao Pol, ele era bonito de uma maneira que não era nada parecida com o Pol.

— Então, superou o seu medo? Podemos comer? — Perguntou.

Não tinha superado o meu medo. Ainda estava pirando com o fato de que animais podiam falar comigo nesse mundo, mas não estava mais tentada a sair correndo pela neve.

— Podemos comer — murmurei e ele me soltou, mas, apenas, para me guiar até o trenó.

Peguei a cesta. Quando me virei com os nossos sanduíches, ele tinha colocado a espada na bainha e estava sentado no banco, debaixo das peles, a beirada levantada para mim.

Entreguei o sanduíche dele, me acomodei e joguei a pele em cima do meu colo.

Desembrulhei o guardanapo de musselina que envolvia o meu sanduíche e dei uma mordida.

Carne fria, longe de ser tão saborosa quanto a que o pessoal do Apollo fornecia. E não havia mais nada, nem condimentos, apenas uma carne terrível, na maior parte, e um pão meio amanhecido.

Eca.

— Estaremos em Vasterhague logo após o anoitecer. Ao contrário de ontem à noite, poderemos escolher e vou levá-la para um belo jantar.

Meus olhos deslizaram para os dele, eu os vi sobre mim e, meu palpite sobre o seu comentário, era que sabia que eu não tinha gostado muito do sanduíche.

— Está bom — assegurei, levantando o sanduíche estupidamente para indicar que estava falando sobre ele, algo que ele tinha que saber.

— É um lixo — rebateu, sorrindo para mim e mordendo o dele.

Retribuí com um sorriso hesitante e voltei a atenção para a minha comida, para desviá-la dele.

E mantive a atenção afastada dele. Mas, depois que havia comido metade do sanduíche, me ocorreu que, ontem, eu o tinha ignorado durante todo o dia. E hoje, estava tentando não ser uma cadela estúpida, egoísta, infantil ou boba, mas, ainda assim, bem, eu o estava ignorando novamente. Claro, por razões diferentes, mas, ainda assim, não era legal.

Então levantei os olhos para a paisagem e perguntei a ele: — Há mais alguma coisa louca, tipo, além de animais falarem com você, que eu deveria saber sobre esse mundo?

— Você já sabe sobre os dragões e os elfos?

Deslizei o olhar para ele, mastigando e assentindo.

— E sei que você sabe sobre a nossa magia — ele continuou.

Me mantive mastigando e balancei a cabeça.

Seus belos olhos encararam os meus e ele retomou a apresentação. — Verdade seja dita, papoula, a partir do que aprendi com a Finnie, o nosso mundo é muito mais simples do que o seu mundo. Seu mundo parece muito complicado. E, baseado nas descrições dela, e não tenho intenção de ofendê-la com estas palavras, mas o meu mundo parece menos apressado que o seu mundo, a terra menos molestada, o ar menos poluído e pesado e, portanto, tudo sobre ele muito mais atraente.

Olhei para a paisagem. Fora as pegadas do coelho, a neve estava intocada. Pinheiros verdes brilhavam contra o branco e o azul intenso do céu, tufo de neve pousados nos ramos grossos das árvores, pesados e fofos. O ar estava sereno. Não havia nenhum barulho. Nada de aviões sobre as nossas cabeças, trilhos de trem, nada de carros, ou estradas, ou outdoors. Realmente parecia um cartão de Natal ou a visão de um filme de férias animadas tomando vida, não uma coisa real.

No entanto, era.

E era extraordinário.

— Acho que você está certo — concordei, em voz baixa, e dei outra mordida do sanduíche.

Nesse momento, vi o seu guardanapo de musselina voar pelo ar e aterrissar na cesta aberta.

Virei os olhos para ele e o vi alcançar o odre¹¹ com água, pendurado em outro gancho na frente do trenó. Estupidamente, o observei sentar, inclinar a cabeça e beber. E, ainda mais stupidamente, já que podia ver a parte de cima da garganta dele subindo e descendo enquanto ele bebia, pois tive os meus lábios (e a língua) nessa garganta e gostei, o fitei, fascinada.

A camisa de gola alta que estava usando hoje era de um verde floresta, não menos espetacular que a do dia anterior, exceto pelo fato que a cor fazia coisas incríveis aos seus olhos.

A calça, notei hoje de manhã, era de outro tom marrom escuro, mas esta tinha um pedaço grande de couro marrom mais escuro, costurado na totalidade das costuras, até mesmo na virilha.

Que, diante desse pensamento, trouxe à minha mente uma parte dele na qual prestei uma boa dose de atenção na noite passada, e essa parte não era a sua garganta. E ele tinha usado essa parte, brilhantemente, em mim, várias vezes.

¹¹ Recipiente feito de pele de animal, geralmente de cabra, usado para o transporte de líquidos como água, azeite, leite e vinho.

Todos esses pensamentos fizeram meus seios incharem, minha respiração acelerar e esvaziaram minha mente de tudo, exceto dele.

O que significava que, quando ele abaixou o queixo e seu olhar se moveu para mim, ele captou o olhar no meu rosto. Um olhar no qual eu comunicava pensamentos que não estavam escondidos, enquanto seus olhos, instantaneamente, ficavam enevoados, sua mão envolvia a minha nuca e me puxava para ele.

Os olhos enevoados e a mão dele me puxando para perto fizeram meu clitóris pulsar e eu estava tão focada nesse sentimento inebriante que, quando ele se inclinou para mim, seus lábios roçaram a minha bochecha, em seguida, deslizaram sobre ela até que a sua boca estivesse no meu ouvido, não movi um músculo.

Em seguida, contra a minha orelha, ele grunhiu: — Você tem que parar de olhar para mim dessa maneira, papoula. Se não fizer isso, vou cobrir o chão deste trenó com essa pele e tomá-la no frio.

Oh, Deus.

Eu queria isso.

Oh, *Deus*, o que estava acontecendo?

— E, por necessidade, seria apressado — ele prosseguiu. — Estou muito ansioso para me familiarizar novamente com o seu gosto e com essa sua bela bunda, hoje à noite, e demorar bastante tempo fazendo isso. Então, quanto mais cedo chegarmos à Vasterhague, mais tempo teremos.

Ok.

O que estava acontecendo?

Se afastou de mim, mas o calor não tinha deixado seus olhos, então continuei a olhar estupidamente para eles.

— Sim? — Ele perguntou.

— Humm... sim — me forcei a falar. — Ok.

— Ok — ele sussurrou, se inclinou, tocou sua boca primeiro em um olho, depois no outro, e isso foi tão doce que minha barriga aqueceu. Se afastou e continuou. — Termine o seu sanduíche, papoula. Vou verificar os cavalos e partiremos.

Diante disso, me forcei a acenar com a cabeça.

Ele sorriu para mim.

Mordi o lábio.

Então observei seus ombros enquanto ele saía do trenó.

Tinha ombros maravilhosos. Largos. Poderosos. E sabia que, sob todas aquelas roupas, primorosamente musculosos.

Oh, Deus.

Voltei a atenção para o meu sanduíche e descobri, depois de algumas mordidas, que minha boca seca não aguentava mais. Eu o embrulhei na musselina, o joguei na cesta e a fechei. A essa altura, Apollo já tinha verificado os cavalos e estava voltando para o trenó, por isso deslizei sobre o banco, então não ficaria tão perto dele.

Distância era uma coisa boa. Eu conseguiria me controlar se ele não estivesse sentado tão perto. Ficar muito perto era ruim. Quero dizer, em várias circunstâncias, era bom, bom demais. Mas, neste momento, também era ruim. *Muito* ruim.

Ele entrou no trenó, agarrou as rédeas e se sentou, puxando as peles sobre o colo. Estalou a língua, sacudiu as rédeas e lá fomos nós.

Ok, colocando a cabeça no lugar... aparentemente, Apollo achava que, ontem à noite, tínhamos quebrado o gelo. Então, em vez disso acontecer, ele ser legal e deixar isso para trás, achava que o nosso relacionamento havia mudado.

E eu não podia dizer que não estava bem com isso.

Na verdade, depois da noite passada e a maneira como ele estava agindo hoje, eu estava *muito* bem com isso.

Mas sabia que não devia estar.

As coisas entre nós eram estranhas e complicadas. Ele me disse que fez amor comigo ontem à noite, não com sua esposa morta, e acreditei nele. Acreditei nele porque a maneira como disse isso, a maneira como se comportou comigo me fez acreditar nele. Mas, além disso, me lembrei de cada minuto de ontem à noite e ele não tinha escorregado nenhuma vez e me chamado de Ilsa ou “minha beleza”.

Só usou os nomes pelos quais me chamava.

Por isso, era apenas eu para ele.

E, quanto a ele, nenhuma, nem mesmo uma única vez, pensei no Pol.

Então era apenas ele para mim.

Mas, mesmo assim.

Só tínhamos estado na presença um do outro – eu contei – seis vezes. E se você contasse o jantar desconfortável na noite passada, só tivemos meio que um tipo de encontro e esse encontro passou longe de ser bom.

Essa mudança não era certa.

Ou, se não exatamente certa, foi muito rápida.

O trenó deslizava sobre a neve e eu mordia o lábio enquanto isso. Então apertei os lábios quando o braço dele se moveu ao longo das costas do assento, me envolvendo e me puxando sobre

o assento para perto dele. Sem demora, uma vez que me tinha próxima, se curvou para mim.

Oh, Jesus.

— Apollo? — Chamei.

— Sim, minha pomba — murmurou.

Deus, sério, ele me chamar de “sua pomba” era absolutamente adorável.

— Humm... nós somos, nós temos...

Basta desembuchar e falar com ele sobre isso, Ils... merda, Madeleine!

Respirei fundo e perguntei: — O estado da situação entre nós mudou?

Sua voz profunda soou confusa quando perguntou em resposta: — O estado da nossa situação?

Criei coragem, inclinei a cabeça para trás para olhar para ele e vi que já estava olhando para mim.

Sim, confuso.

— Você parece, quero dizer... — Respirei profundamente.
— Você está sendo muito carinhoso.

Sua cabeça se inclinou para o lado. — Isso incomoda você?

— Tivemos, humm... meio que uma briga ontem e, é claro, no dia anterior, e, bem, o jantar não foi uma...

Seus olhos começaram a se tornar calorosos, assim, calei a boca e, portanto, ele pode dizer: — Nós não estávamos brigando na noite passada.

Nós, absolutamente, não estávamos.

— Não — concordei, sem fôlego.

— E eu gostei muito da noite passada.

Eu havia sentido isso. Ainda assim, era bom ele confirmar.

— Bom — ainda estava falando de maneira ofegante.

Ele me puxou um pouco mais para perto até ficarmos quase cara a cara. Quer dizer, quase cara a cara com os nossos rostos há cerca de um centímetro de distância.

— O chá de adela — começou ele, com a voz mais profunda e mais calorosa do que o normal e isso foi um golpe duplo. — Vem da árvore adela. Os deuses do meu mundo, já explicaram para você sobre eles?

Assenti. Sabia tudo sobre os seus deuses e o fato de que eles tinham um monte deles. — Gaston me falou sobre eles.

Ele assentiu em resposta. — Então você sabe que Adele é a deusa do amor. E ela criou essas árvores. A casca dessas árvores,

se tomada e infundida com água, é o que faz o chá de adela. Estas árvores têm muitos usos e são sagrados. O chá é um desses usos. Entende-se que a deusa Adele o criou para melhorar a conexão física, juntamente com a ligação emocional, que é para existir entre os amantes. Ele funciona como já expliquei antes, mas também acaba com as inibições.

Oh, certamente fazia isso.

Seu braço me deu um aperto antes de continuar a explicar. — Mesmo que não percebamos isso, certas coisas na nossa cabeça podem erguer barreiras para desfrutarmos de diversas maneiras, inclusive na cama. Com essas barreiras afastadas, os amantes podem entender melhor uns aos outros. O que lhes dá prazer. Onde tocar para se sentirem melhores. Os cheiros, os ruídos, o gosto, o que melhora a gratificação.

Certamente, fazia isso também.

Apollo não havia terminado.

— E, através das relações futuras, a compreensão de tudo isso nunca será perdida, mesmo que o chá não seja consumido. Por isso, continua a deixar a relação mais intensa, mais profunda, uma bela experiência cada vez que você a pratica.

Oh, Jesus.

Isso parecia *incrível*.

Ele prosseguiu.

— E, se há uma conexão emocional, ou uma conexão que está se construindo, serve para melhorar tudo isso também, mais precisamente, a confiança.

Seu rosto se aproximou mais do meu, assim, ele estava agora há apenas meio centímetro de distância e minha respiração ficou presa.

— Entre outras coisas, sinto que é o que tem feito por nós, minha papoula. Você tem que admitir, independentemente das circunstâncias incomuns que nos uniram, que não iríamos discutir com tanta paixão se não houvesse alguma ligação emocional para alimentar essa paixão.

Isso fazia sentido, é claro, mas *havia* uma história anterior, para nós dois, o que podia, realmente, ser a causa da referida “paixão”.

Então, comecei a protestar. — Mas...

Ele sabia o teor do meu protesto porque seus olhos ficaram um pouco duros e declarou: — Não é sobre ele para você e não é sobre ela para mim. Nós dois sabemos disso. Eles não estavam lá ontem à noite.

— Não, não estavam — sussurrei e a dureza desapareceu dos seus olhos.

— Eles estavam entre nós, Maddie. *Estavam*. Ontem à noite, com o chá, e a maneira como você se entregou para mim tão livremente, tão magnificamente, e como eu valorizei isso, agora, eles se foram.

Ok.

Merda.

Como ele valorizou aquilo?

Eu gostei disso.

Gostei muito.

Mas.

— Ok, entendo — falei. — Mas, se esse é o caso, se estamos, humm... reforçando a relação, talvez devêssemos fazer isso lentamente.

Sua cabeça recuou um pouco, em seguida, sua mão deslizou até a minha nuca. Puxou meu rosto até o pescoço dele enquanto começava a rir.

Eu não estava exatamente certa do que era tão engraçado.

Antes que eu pudesse perguntar, seus dedos seguraram cuidadosamente o meu rabo de cavalo, ele o puxou um pouco para trás e sua boca encontrou a minha com um beijo de boca fechada, com dureza, antes de recuar minimamente.

— Você acha, pomba, que pode me dar a abundância e a beleza da noite passada, e então me fazer esperar para ter você de novo?

Humm.

— Vou responder a isso — falou, com os olhos ainda iluminados com humor. — Não pode.

— Humm... bem.

— E, Madeleine, da maneira com a qual está olhando para mim, é muito claro que você não quer.

Tinha que admitir, ele não estava errado sobre isso.

Comecei a morder o lábio.

Seus olhos desceram até ele e, em seguida, o vi sorrir.

Aquele sorriso se tornou caloroso quando declarou: — Vou lhe fazer uma promessa. Hoje à noite, vamos mais devagar e vou ser mais cuidadoso. Que tal isso?

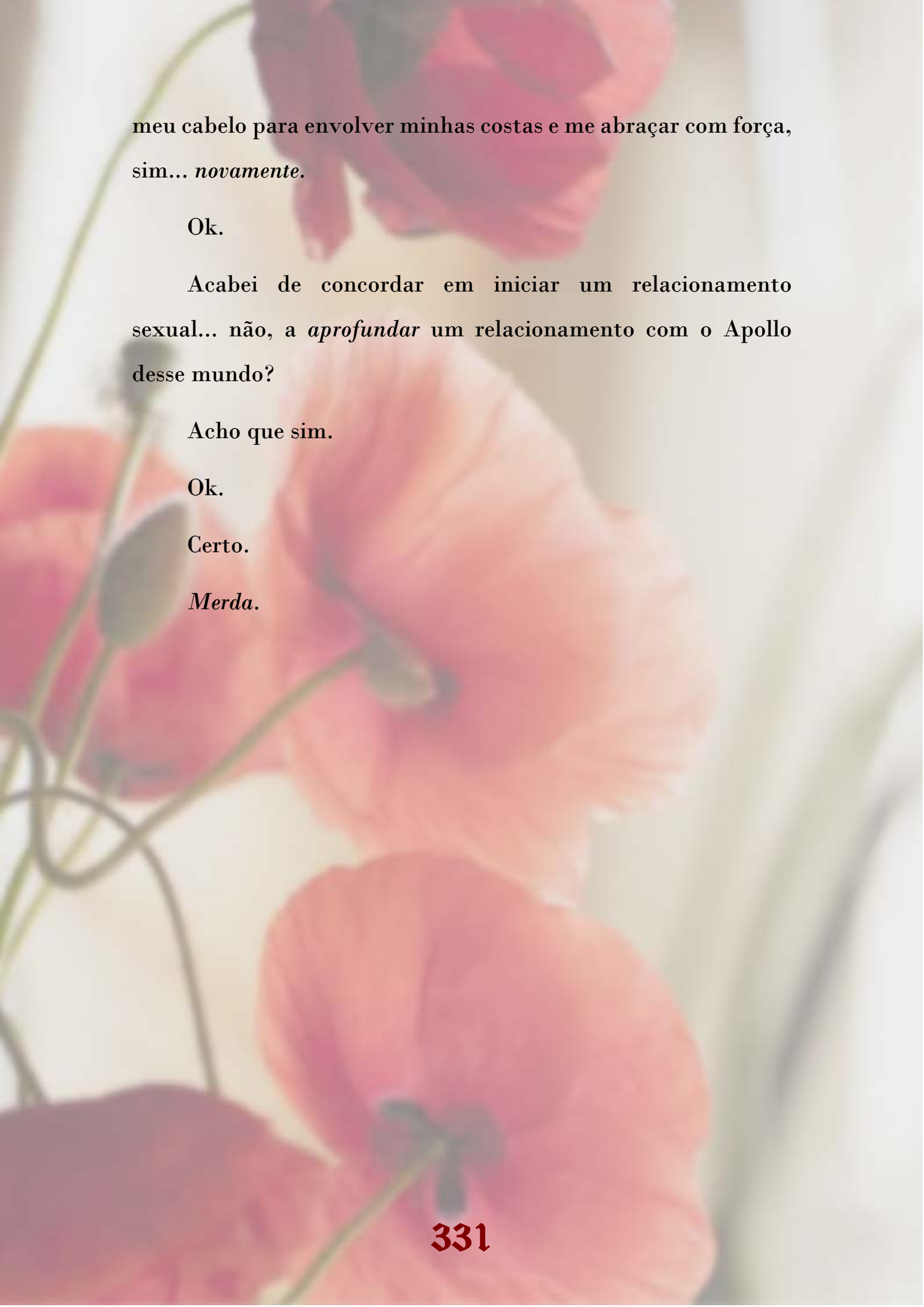
Apollo sendo lento e cuidadoso.

Merda.

Meu clitóris estava pulsando novamente.

— Humm... ok.

Ele sorriu mais uma vez, se inclinou, encostou sua boca na minha novamente e finalmente se sentou, retirando a mão do



meu cabelo para envolver minhas costas e me abraçar com força, sim... *novamente*.

Ok.

Acabei de concordar em iniciar um relacionamento sexual... não, a *aprofundar* um relacionamento com o Apollo desse mundo?

Acho que sim.

Ok.

Certo.

Merda.

Capítulo Onze

Chegando Lá

Observei a porta se fechar atrás do Apollo e, atordoada, me virei e olhei para os meus baús.

Baús.

Sim, três.

Eu tinha vindo com apenas um, com as coisas que trouxe de Fleuridia. Apenas um tinha sido levado até o quarto, ontem à noite. E eu não tinha verificado o que havia sido embalado atrás de nós, sob a lona verde de seda do nosso trenó.

Mas, agora, para a minha surpresa, eu tinha três.

Estávamos em Vasterhague.

Vasterhague era muito maior do que o que vilarejo no qual ficamos na noite anterior. Na verdade, era tão grande quanto uma cidade pequena.

Quando os rapazes estavam me levando para Lunwyn, nós ficamos lá e eles me falaram muito sobre ela.

Mas, enquanto ele conduzia o trenó, direcionando nossa conversa para algum assunto muito mais confortável, Apollo me

falou sobre ela, também. E como precisava manter a conversa em um nível mais confortável e, já que ele parecia disposto a compartilhar isso comigo, não lhe disse que já sabia muito do que ele tinha a dizer.

E era isso, Vasterhague era uma espécie de entreposto comercial cosmopolita. Situada equidistante de duas grandes cidades portuárias, tinha grandes armazéns nos limites externos onde a mercadoria era entregue pelos navios e, em seguida distribuída. Devido a isso, havia uma intensa atividade, comerciantes iam até lá para vender seus produtos, compradores iam até lá para fazer negócios, trenós de entregadores iam para lá para pegar os carregamentos. E, naturalmente, uma variedade de outras coisas tinha se desenvolvido em torno dela.

Fora os armazéns, e as quatro longas fileiras de enormes estufas construídas um pouco afastadas da cidade, o resto parecia com qualquer outra aldeia dormiente que já tinha visto em Lunwyn. Havia edifícios que eram mais altos, maiores e mais grandiosos, mas a sensação era de simplicidade rústica. Talvez mais elegante que as outras aldeias, mas, ainda assim, rústica.

Ainda assim, acolhedora.

Draven tinha falado sobre as estufas (assim como Apollo) e sua existência fazia sentido. Nesta paisagem congelada, elas eram essenciais. Mantinham árvores frutíferas, videiras e hortas

que eram forçadas a crescer durante grande parte do ano (três quartos dele!), na qual Lunwyn estava sob a neve.

Apollo tinha me contado o que Draven não contou. Que as estufas de Vasterhague eram uma pequena amostra. Através de Lunwyn, havia acres e acres delas, espalhadas por todo o país (e ele, não surpreendentemente, possuía dois desses “empreendimentos”). Muitos dos cidadãos mais ricos, com grandes casas e dinheiro suficiente para ter funcionários, também tinham suas próprias pequenas (e grandes) estufas para suprir suas casas (bem como aqueles que viviam em torno delas).

— Tenho estufas em todas as minhas casas — ele disse.

Esse comentário me fez olhar para ele e perguntar: — Quantas casas você tem?

— Quatro em Lunwyn — falou olhando para a paisagem, em seguida, olhou para mim. — Além de apartamentos em Bellebryn, a casa onde se hospedou em Fleuridia, uma residência urbana em Benies e, então, há o meu castelo em Hawkvale.

Oh.

Castelo?

— Você tem um castelo? — Perguntei e, por alguma razão, esta questão o fez franzir o cenho.

— Sim, claro. Você não ficou nele quando viajou através de Vale?

— Humm... não — respondi.

Isso fez com que ele contraísse a boca e olhasse novamente para a planície nevada enquanto murmurava: — Curioso, pois estava no seu caminho.

Ele disse “curioso”, mas estava começando a ter a sensação de que não estava curioso sobre isso. Estava, em vez disso, irritado. Só não sabia o porquê.

Também não sabia por que os rapazes não me levaram para lá, assim, definitivamente, achei curioso.

Embora, já que pareceu ter ficado irritado, não insisti no assunto.

Ao entrar na cidade, Apollo me falou outra coisa que os meninos não tinham contado. E foi apontando o enorme armazém (que eu podia dizer, era o maior da fileira), informando que era dele.

— Parece que contém muitas joias e peles — mencionei, olhando para ele enquanto deslizávamos pela pista incrustada de gelo, que levava até a cidade.

— Posso não ter mencionado que também comercializo madeira — respondeu em um murmúrio, um comentário que me fez olhar para ele novamente.

— Portanto, em outras palavras, você é endinheirado.

Ele desviou o olhar da pista para mim. — Endinheirado?

— Endinheirado — repeti. — Assim, tipo, muito rico.

Ele sorriu e me deu mais um aperto enquanto olhava novamente para a trilha e confirmava: — De fato. Sou *endinheirado*.

A maneira discreta e humilde com a qual disse isso me fez rir, o que me garantiu outro aperto.

Absorvi o movimento e a animação da cidade (definitivamente havia mais atividade lá do que nas aldeias apáticas) enquanto Apollo nos levava diretamente para Treeburn Lodge, onde Derrik e os rapazes me levaram da última vez que estive aqui. Era, de longe, a maior e mais elegante (mas ainda rústica) de todas as estalagens que eu tinha ficado em Vasterhague. Também sabia que tinha quartos maiores e muito mais agradáveis que o quarto no qual ficamos ontem à noite.

Também tinha camas maiores e muito mais confortáveis.

No minuto em que este pensamento atingiu a minha mente, o expulsei. Eu necessitava superar o próximo minuto, então o

próximo, e não fazer isso hiperventilando ou, possivelmente, tendo um orgasmo espontâneo.

Quando fizemos o check-in, Apollo pediu o mesmo que Derrik havia pedido, sua “suíte”. Esta, a mesma na qual tinha ficado antes, era uma suíte porque tinha uma pequena sala de estar, um quarto grande, um pequeno banheiro e um aposento menor, onde ficava o pavoroso urinol. Mas, pelo menos, esse último proporcionava a sensação de ser um banheiro, o que não era muito, mas já era alguma coisa.

Também pediu que “Lady Madeleine” tivesse vinho para beber e água para se refrescar e que “todos os nossos baús” fossem entregues o mais rápido possível na nossa suíte.

Gostei de “Lady Madeleine”, era bastante impressionante. Mas não tinha certeza se gostava mais disso do que “Lady Ulfr”.

Diante desse pensamento, soube que estava em apuros porque não era só o Apollo conduzindo tudo muito rápido, meu cérebro estava encarando isso em uma velocidade supersônica.

Apollo me guiou até nossa suíte, serviu vinho para mim quando ele chegou (mas não um copo para si mesmo), explicou que estaria “se preparando para o jantar” em outro lugar e, quando os baús foram entregues, também aproveitou para me esclarecer.

— As roupas que você adquiriu em Lunwyn eram para a viagem através desta terra. Mas um guarda-roupa condizente com uma dama da minha casa foi criado para você, incluindo vestes para uma variedade de ocasiões, bem como para usar durante a viagem e em diferentes países. — Indicou os baús com um movimento da mão. — Como vamos para Bellebryn, esses baús adicionais incluem trajes adequados para lá e para Vale, assim como mais alguns trajes para usar enquanto estiver aqui.

Ele se aproximou enquanto eu olhava para ele e ergueu a mão para segurar o meu pescoço, abaixando o rosto.

— Essa noite, vou levá-la para jantar no Javali. Não se engane por causa do nome. Começou como um pub simples que serve comida excelente. Mas, ao longo dos anos, a sua reputação se espalhou largamente. Desde então cresceu e, agora, é um lugar para onde muitos percorrem longas distâncias para chegar. Pessoas realizam casamentos lá. Ocasões especiais são comemoradas lá. — Fez uma pausa. — E você se arruma quando vai lá.

Tive uma ideia do que isso significava, foi legal da parte dele me avisar e eu estava feliz por ter mais dois baús porque, embora as roupas que adquiri em Lunwyn fossem fabulosas, não eram o que você usaria quando precisava “se arrumar”.

Apollo explicou melhor o que queria dizer, ao afirmar: — Você não precisa se arrumar como se estivesse indo para um baile ou um Gales, mas trajes de viagem também não são apropriados.

Eu sabia o que era “Gales”, os rapazes me contaram. Era, em essência, um baile, de modo que significava que não sabia por que ele fez essa distinção.

Também não perguntei.

Só balancei a cabeça e murmurei: — Entendi.

Ele sorriu, se inclinou, tocou sua boca na minha e tinha se afastado poucos centímetros, quando disse: — Vou lhe dar algum tempo e depois iremos jantar.

Balancei a cabeça novamente.

A mão dele no meu pescoço deu um leve aperto e ele partiu.

E, como eu disse, depois que saiu, olhei para os meus baús, no plural, maravilhada com outro show de generosidade da parte dele.

Mas, principalmente, quase enlouquecendo porque, essencialmente, íamos ter nosso primeiro e autêntico encontro.

— Puta merda — murmurei.

Sem pensar mais nisso, parti para a importante tarefa.

Deixei a taça de vinho de lado, me ajoelhei e abri o primeiro baú.

Estava repleto de trajas apropriados para Bellebryn. Sabia disso porque eram de tecido mais leves e no mesmo estilo que as mulheres usavam em Vale.

Queria explorá-lo, mas não o fiz. Tinha um encontro para o qual me preparar e, tinha que admitir, estava animada.

Mas também estava ansiosa. Quase em pânico.

Por isso, precisava livrar minha mente do pânico e qual a melhor maneira de fazer isso, do que me arrumando?

Então, fechei aquele baú e abri o próximo.

Ele estava certo. Rapidamente, e sem fôlego, tirando as roupas do baú, descobri que o conteúdo cuidadosamente embalado não só incluía uma variedade de vestidos que eram muito parecidos com o que eu estava vestindo, adoráveis, mas quentes e funcionais. Também incluía outra capa. Esta era de couro tingido de preto do lado de fora, uma espessa e longa pele prateada com alguns tufo de pelo preto por dentro. E, por último, incluía quatro vestidos de baile – *quatro* – todos os quatro graciosos, sofisticados, bem cortados e deslumbrantes.

Mas foram os três vestidos que não eram para uso diário, nem para viagem, que chamaram a minha atenção.

E me fixei em um.

Era, novamente, um vestido de malha, com decote quadrado, o corpete e a parte de cima das mangas em um tom fabuloso, mais pálido que o mais pálido dos lilases. Mas, sob os seios e mais para baixo, ao longo dos quadris, se unindo em um ponto, na frente e nas costas, bem como do cotovelo ao pulso, nas mangas, era de um roxo profundo, divino, feito de camurça macia. Nas laterais, do meio da coxa até a barra, onde a bainha alcançava os meus calcanhares, na parte de trás, fluía em uma linha fina, mas elegante, mais tecido feito de malha lilás.

Era meio que um tipo de encontro entre o rock and roll e Lunwyn, ousado, mas elegante.

Eu amei.

Sorvendo mais um pouco de vinho, usei a água para “me refrescar”. Então fiz uma maquiagem para a noite, mais escura e esfumaçada.

Depois disso, coloquei o vestido.

Ele encaixou como uma luva, mas não dava para ver o quanto o decote era baixo enquanto não o tinha vestido. E a forma como a malha e camurça delineavam o meu corpo, a maneira como foi cortado, o design – destacava tudo o que uma

mulher gosta de destacar, peitos, bunda, o colo, até mesmo as pernas.

— Caramba — sussurrei, me virando para verificar cada centímetro no espelho de corpo inteiro.

Sim, amei esse vestido.

Mas não tinha três anos para ficar me admirando com ele. Precisava estar pronta no momento em que o Apollo retornasse.

Então, fui arrumar o cabelo.

Em Fleuridia, tinha servas que, várias vezes, arrumaram meu cabelo em coques intrincados, que realmente arrasavam.

Não tinha muito talento para arrumar o cabelo, infelizmente. Mas o ajeitei usando o pequeno kit de bobs de cabelo que tinha comprado em Benies e tinha sido complementado com as coisas que o Apollo me deu em Lunwyn, o puxei levemente para trás, afastando-o do meu rosto e o preendi em um (não tão ruim, se concedesse isso a mim mesma) coque desarrumado e sexy na lateral do meu pescoço, atrás da orelha.

Em seguida, calcei um par de botas de camurça cinza chumbo.

Estava correndo com os preparativos de última hora, borrifando perfume, prendendo grampos com pedras roxas no

meu cabelo, ao mesmo tempo colocando brincos com pingentes de prata e contas roxas nas orelhas, quando bateram na porta.

Meu coração subiu até a boca, meus olhos voaram para o espelho e a maçaneta girou.

Merda, eu ia vomitar.

Me virei para a porta quando ela se abriu e Apollo entrou.

Não. Eu não ia vomitar.

Ia ter aquele orgasmo espontâneo que estive temendo a tarde inteira.

Isto porque ele tinha colocado uma camisa em um tom de verde mais escuro que o da floresta. Não sabia qual era o nome dessa cor. Só sabia que ficava realmente, *realmente*, bem nele. O colarinho era alto, mas ele não usava um lenço no pescoço como alguns homens que vi em Vale. Estava aberto, expondo a forte coluna da sua garganta, algo dentre as muitas, *muitas* coisas, que compunham tudo o que o Apollo era e que eu, especialmente, gostava.

Sobre ela, estava vestindo uma jaqueta preta com faixas de couro preto na altura dos ombros e calça preta justa, enfiada nas botas de cano alto, pretas.

Seu cabelo, que estava quase sempre desalinhado, agora estava afastado do rosto, mas as pontas se curvavam em volta

do pescoço e das orelhas de uma forma que fazia minhas mãos coçarem para tocá-los.

Em outras palavras, ele estava muito *sexy*.

— Me encontre lá embaixo — ele ordenou com voz concisa e meu olhar saltou dos cachos em torno das orelhas para os (por alguma razão) olhos tempestuosos.

— O quê? — Gaguejei.

— Se quiser comer, me encontre lá embaixo.

Confusa, perguntei: — Por quê?

— Porque se eu der mais um passo para dentro desse quarto, não vamos sair daqui.

Cada centímetro da minha pele começou a formigar, como se eu tivesse acabado de tomar um gole de chá de adela.

Oh, Jesus.

Estava percebendo que ele tinha gostado do vestido também.

— Certo. Te encontro lá embaixo — sussurrei.

Seus olhos deslizaram pelo meu corpo, e juro que tive a sensação que as mãos dele fizeram isso. Então, estava tremendo no momento que inclinou a cabeça para mim de uma forma

galante, de uma maneira que eu gostava bastante, em seguida, se moveu para a porta.

Olhei para ele novamente, em seguida, me virei para olhar para mim mesma no espelho.

Sim. Sim, definitivamente.

Eu amei esse vestido.

Sorrindo, caminhei até a minha nova capa, a joguei sobre os meus ombros e me dirigi para a porta.

* * * * *

Se Vasterhague era cosmopolita, mas rústica (o que ela era), o Javali era singelo e cosmopolita.

Na verdade, era de uma elegância cosmopolita.

Sem brincadeira, podia ser pego, centímetro por centímetro, e transportado para Benies, de tão elegante. Na verdade, se as mulheres usassem vestidos de baile não destoariam da decoração.

Felizmente, não usavam. Usavam vestidos no mesmo estilo que o meu.

Mas o meu era o mais bonito.

O lustre pendente, as toalhas de mesa brancas, a prataria e a porcelana sobre as mesas, as paredes cor de pêssego com

estampa de coroas no interior do Javali eram tão incríveis que conseguiram até mesmo chamar minha atenção.

Atenção que foi desviada de outras coisas, já que não era exatamente perto da nossa hospedaria e tivemos que ir até lá no cavalo do Apollo.

E ir até lá no cavalo de Apollo significava que ele me ergueu e me sentou de lado, montando atrás de mim, em seguida, passou o braço ao redor da minha cintura, me puxando com força, me mantendo perto do corpo dele, minha bunda confortavelmente acomodada contra a virilha dele.

Estar sentada junto a ele, daquela maneira, era prazeroso.

Assustadoramente prazeroso.

E parecia assustadoramente bom.

Deus.

Além disso, o que estava tornando essa curta jornada épica era o fato dele ficar o tempo todo com os lábios no meu ouvido, apontando as diferentes lojas ou cafés que eu poderia conhecer depois, se “nós” tivéssemos tempo para apreciá-los enquanto estivéssemos em Vasterhague.

A voz profunda soando intimamente no meu ouvido, o cheiro dele nas minhas narinas (ele usava colônia hoje à noite, era sutil, mas tinha toques de cedro e almíscar, e se misturava

com o seu cheiro natural de macho, isso realmente me abalou), o braço apertado em volta da minha barriga e, na hora em que chegamos ao restaurante (o que imaginei ser há cerca de dez quadras), no ritmo lento do cavalo, eu estava naquele estado.

Felizmente, o restaurante tirou a minha mente desse estado e fui capaz de me comportar com decoro ao ter minha capa retirada, ser levada para uma mesa, onde Apollo puxou uma cadeira para mim, me ajudou a sentar e ter um menu nas mãos quando Apollo ordenou: — Tragam uma garrafa de Belle St. Michel e peça ao nosso garçom para dar à Lady Madeleine um tempo para examinar o menu.

O maitre se curvou e se afastou.

Não olhei para o menu.

Olhei para ele.

— O que é Belle St. Michel? — Perguntei.

Seus olhos foram se ergueram do menu para mim. — Você tem vinho branco com bolhas no seu mundo?

— Champanhe?

— De fato — acenou com a cabeça. — Belle St. Michel é um champanhe de uma região de Fleuridia.

Sorri para o meu menu, pensando, *fabuloso. Champanhe de Fleuridian. Esta noite continuava ficando melhor e melhor.*

— Isso agrada você? — Perguntou e eu soube que ele tinha visto o meu sorriso.

Olhei para ele. — Gosto do vinho de Fleuridia.

Diante disso, seus lábios se inclinaram para cima e olhou para o seu menu, murmurando: — Uma dama de bom gosto.

Foi concebido como um elogio, mas me surpreendeu, e não de uma boa maneira.

Porque eu era aquela dama.

Eu era exatamente aquela dama. O tipo de mulher que sabia exatamente a excelência da qualidade das minhas botas e da capa. Do meu vestido. Desse restaurante. Vinho fino. Eu conhecia tudo isso, muito mais do que bem, neste mundo e no meu.

Mordi o lábio, li o menu e me tornei ciente de olhares sobre mim. Espreitei em torno, vi Apollo e eu recebendo olhares furtivos, os clientes habituais daqui muito bem-educados para olhar diretamente.

Eles o conheciam aqui. E à Ilsa.

Fabuloso.

Oh, bem.

Tanto faz. Não era a primeira vez, não seria a última e, por causa disso, eu teria que me acostumar.

E podia muito bem começar agora.

O vinho chegou e deixei o menu de lado para vê-lo sendo servido.

E reparei que não havia o exercício do teste de paladar por aqui. O garçom apenas o serviu delicadamente, preenchendo as taças de champanhe facetadas, na frente do Apollo e eu, após tirar a rolha da garrafa.

Em seguida, anotou nossos pedidos. Desta vez, Apollo permitiu que eu escolhesse.

Em seguida, o garçom foi embora e eu estava sozinha com Apollo e o champanhe.

Peguei a taça e tomei um gole.

Maravilhoso.

— Era o que você imaginava? — Apollo perguntou, meus olhos foram até ele, vi que estava fazendo essa pergunta com os olhos em mim, por cima da borda da sua taça e, como tudo o mais sobre ele, estava muito sexy.

Ele tomou um gole enquanto eu respondia: — Muito melhor.

Seus olhos sorriram enquanto ele tomava mais um gole e colocava o copo de lado.

Foi então que me dei conta que o nosso encontro tinha começado e senti as mãos começarem a ficar molhadas.

Mas, lá estava eu, em um mundo novo e sabia de uma coisa. Eu não tinha outra escolha, a não ser aproveitar o melhor da situação.

Na verdade, tinha feito isso desde o início.

E uma coisa posso afirmar, até agora, com alguns lapsos menores, que foram na sua maior parte minha culpa, não tinha ido muito mal.

Então deixei o copo de lado, juntei as mãos no colo e procurei um tema fácil para conversar.

Decidi por: — Qual é o nome do seu cavalo?

Ele se recostou na cadeira e nivelou os olhos com os meus.

Mais uma vez, um simples movimento, uma postura simples.

E absolutamente sexy.

— Torment¹² — respondeu.

¹² Tormento.

Pisquei, porque, apesar de ser um nome incrível, também era estranho.

— Sérico?

— Sim.

Eu não sabia o que dizer.

— A irmã dele guia o seu trenó — Apollo continuou.

— Qual é o nome dela? — Perguntei.

— Anguish¹³.

Pisquei novamente.

Então, gesticulei uma mão. — Eles são, bem... nomes interessantes.

— Eles nasceram da mesma égua, ao mesmo tempo. Raro e perigoso — disse. — Geralmente, se uma égua produz gêmeos, um ou ambos os potros, ou a égua, perecerá durante o parto. Se um potro sobrevive, é pequeno, frágil e não dura muito tempo. Excepcionalmente, Torment e Anguish, ambos, eram potros fortes e saudáveis, ainda que pequenos. — Estendeu a mão para a taça e tomou um gole, terminando sua história enquanto colocava a taça de volta sobre a mesa. — No entanto, mataram sua mãe ao nascerem.

¹³ Angústia.

— Oh, meu Deus — sussurrei.

— Ela era da Ilsa. Eles nasceram uma semana depois da morte dela.

Merda.

Bem, lá estava. A razão para os nomes deles.

Decidi não responder.

— Surpreendentemente, — ele prosseguiu — cresceram saudáveis e fortes. Um milagre. Advindo de uma tragédia, mas um milagre, mesmo assim.

— Sim, um milagre — murmurei, pegando minha taça de vinho e olhando para longe enquanto tomava um gole.

— Temos que falar sobre eles.

Diante das suas palavras, olhei novamente para ele, sem entender. — Perdão?

— Eles existiram. Não podemos fingir que não. Enterrar memórias, preciosas ou odiadas, não é saudável — explicou.

Estava falando sobre Ilsa e Pol e estava fazendo isso com naturalidade.

Também estava certo, é claro.

Ainda não estava empolgada para falar sobre o Pol durante o nosso meio que primeiro encontro.

Apollo se inclinou para mim e falou baixinho: — Reviver memórias infelizes é sempre desagradável, Maddie. Estou simplesmente dizendo que é provável que vou me referir a ela porque esteve na minha vida e, para me conhecer, você deve saber da minha vida. Ela também é a mãe dos meus filhos e sempre será uma parte da minha vida, de alguma forma, por causa disso. — Sua voz ficou ainda mais baixa e seus olhos estavam nos meus, os dele intensos, mas calorosos, quando continuou. — E, por último, eu a amava profundamente, então ela simplesmente sempre será uma parte de mim.

Balancei a cabeça, pois isso era verdade, mas ele não havia terminado.

— Também estou dizendo que, se você sentir necessidade de compartilhar suas memórias, infelizes ou não, precisar de alguém para falar sobre elas e, no caso de serem infelizes, se precisar de alguém para ajudar a lidar com elas, estou aqui.

Deus, isso foi doce.

Sério, esse cara podia ser ainda melhor?

— Obrigada — sussurrei, embora acrescentei: — Mas pode não ser agora?

— De fato, pode não ser agora. Pode ser nunca. É sua decisão, se desejar compartilhar... ou não.

Sim.

Esse cara podia ser melhor.

E, então, ficou ainda melhor ao se recostar e mudar de assunto, o que, naquele momento, era exatamente o que eu precisava.

— Eu ainda tenho que lhe contar sobre a visita da Valentine.

Balancei a cabeça e, já que queria saber sobre isso, apoiei os cotovelos na mesa e me inclinei sobre ela, colocando o queixo entre as mãos, os dedos envolvendo minhas bochechas.

Quando o fiz, seu olhar se tornou carinhoso e minhas entranhas se derreteram diante dessa visão.

Mas o que ele disse não me fez sentir quente e mole.

— Preciso pedir, minha pomba, que, se ela visitar você, me diga. É, novamente, uma escolha sua, mas prefiro ficar sabendo se ela se intrometer.

Isso me surpreendeu. — Ela não é uma pessoa legal?

— Eu não sou inexperiente em ler as pessoas. Esta bruxa, no entanto, não sei dizer. Ela parece ter uma tendência de proteção bastante forte por você. No entanto, deixou o chá para você, sem que você soubesse da sua potência ou dos efeitos. Isso nos levou a partilhar algo bonito, mas não termina por aí. Na

verdade, é totalmente desaprovado e já houve homens e mulheres levados sob a acusação de usá-lo sobre aqueles que estavam desavisados.

— Ele é usado como uma droga do estupro — deduzi calmamente.

— Explique isso — ordenou.

Ergui o queixo das minhas palmas e fiz exatamente isso.

— No meu mundo, homens e mulheres se encontram antes do casamento. É uma espécie de cortejo, acho. Um período para conhecerem um ao outro. Às vezes, isso leva a uma união, casamento ou algo do tipo. Às vezes, não funciona e você segue em frente. Também no meu mundo, existem drogas que são usadas para deixar as mulheres – são usadas principalmente nas mulheres – inconscientes ou incapazes de se defender, assim, os homens com os quais estão se encontrando podem tirar proveito disso. São chamadas de drogas de estupro, porque, quando se resume tudo, mesmo que não tenha havido violência ou luta, isso só aconteceu porque a mulher estava incapacitada. Por isso, ainda é um estupro. Usar o chá de adela não é a mesma coisa, mas é meio parecido.

Ele acenou com a cabeça uma vez, bruscamente, concordando. — Exato.

Me recostei, estendi a mão para a taça e tomei um gole, deixando-a sobre a mesa e murmurando: — Então, acho que essa é a segunda vez que ela me drogou sem o meu conhecimento.

— A sua primeira noite no nosso mundo — declarou e olhei para ele novamente.

— Sim.

Ele olhou para longe, mas o fez parecendo irritado, e tive certeza disso quando ele murmurou: — Me perguntei como você adormeceu tão facilmente depois daquele trauma.

— Foi por isso — afirmei.

Olhou novamente para mim. — É precisamente por isso, papoula, que desejo que você me informe se ela te procurar. Em palavras e atos, ela parece ter os melhores interesses no coração. Mas tudo depende da pessoa e das suas ações, se os interesses dela também são seus, não?

Ele estava *bastante* certo.

Acenei em acordo.

Ele novamente se inclinou para mim e baixou o tom quando solicitou: — E, por favor, de agora em diante, não toque, aceite ou consuma nada a menos que esteja certa de que foi fornecido a você por mim. Pode fazer isso?

— Sim — falei baixinho.

Seus lábios se curvaram e ele sussurrou: — Obrigado, papoula.

Ok.

De acordo.

Esse cara estava se tornando cada vez melhor e eu estava começando a me perguntar se ele era mesmo real.

— Temos que discutir algo mais sensível antes da nossa comida ser servida, para que ela possa ter nossa total atenção e então possamos desfrutar da noite sem impedimentos por tal discurso.

Oh, Jesus.

Até agora, este encontro não teve conversas muito fáceis.

— Ok — falei lentamente.

— Ontem à noite, fomos apenas eu e você — declarou.

Senti meu cenho se franzir em confusão, mas concordei com o óbvio. — Sim.

— O que estou dizendo é, considerando o que você compartilhou comigo sobre o período de tempo desde que você foi ativa antes da noite passada, duvido que esteja tomando pennyrium e nenhuma vez usei uma bainha.

Balancei a cabeça, ainda confusa. — Eu não—

— Para se proteger de uma concepção.

Putá merda.

Meu corpo inteiro ficou imóvel.

Apollo obviamente não notou porque continuou falando.

— Antes de deixarmos Vasterhague, vamos obter algum pennyrium e, hoje à noite, vou usar uma bainha.

Eu não tinha ideia do que era pennyrium. Podia imaginar o que era uma bainha. E essa última era legal e tal, mas meu coração estava disparado e minha mente estava cambaleando.

Tentei contar as vezes que ele gozou dentro de mim na noite passada, mas não consegui. Foram muitas. Pelo menos cinco. Talvez mais.

Merda!

Eu não tinha pensado nisso. Ao despertar dos efeitos do chá, só pensava nele estar magoado e com raiva. Então eu, é claro, adormeci. Depois disso, tudo se tratou dele ser doce e carinhoso, me preparando para o nosso encontro.

Merda.

Merda!

— Maddie — ele chamou e me esforcei para me concentrar nele.

— Humm... eu diria que tudo isso é bom, Apollo. Muito bom. E gosto disso. — Indiquei ele, eu e a mesa, uma mão circulando, e quando terminei, abaixei a mão e a descansei em cima da mesa. — Mas uma gravidez neste momento é, definitivamente, levar as coisas incrível e demasiadamente rápido — compartilhei.

— Concordo — ele falou lentamente, estendendo a mão, pegando a minha e a segurando apertado. — E devo compartilhar que Ilsa não se dava bem com pennyrium e queríamos um tempo juntos depois que nos casamos, antes do Christophe nascer. A bainha nos deu esse tempo, assim como o tempo entre Christophe e Élan. É frequentemente utilizado e bastante confiável. Se você puder tomar pennyrium, vai ser ainda melhor.

— O que é pennyrium? — Perguntei.

— Um pó que você ingere uma vez por dia que a impede de conceber. É preciso ter cuidado ao usá-lo se você deseja engravidar pois, mesmo se parar de ingerir o pó, pode demorar algum tempo para deixar o seu organismo, e o uso a longo prazo pode tornar difícil a concepção. Mas é eficaz.

— Ok, vamos providenciar um pouco dele — falei rapidamente.

A mão dele apertou as minhas e seus lábios se curvaram. — Cuidarei disso, sem demora.

Balancei a cabeça entusiasticamente.

Ele apertou os lábios, seus olhos brilharam com humor, em seguida, levou minhas mãos à boca e tocou meus dedos com os lábios.

Parei de surtar sobre todo o sexo sem proteção que fizemos ontem à noite e meu coração capotou.

Ele manteve a minha mão nos seus lábios e sua voz era tão calma e tão gentil, que tive que me inclinar para frente ainda mais para poder ouvi-lo quando fez uma pergunta bastante séria com duas palavras simples: — Seus filhos?

— Podemos não falar sobre isso agora? — Sussurrei.

— Claro, papoula — respondeu.

Eu o agradeci com o olhar enquanto forçava o meu corpo a relaxar.

— Ulfr!

O nome dele sendo chamado jovialmente me fez pular e virar a cabeça para ver um homem com o mesmo estilo de roupa que o Apollo (mas com um lenço no pescoço e sua camisa era azul) se aproximar da nossa mesa. Ele também era forte, tinha um pouco de branco mesclado com o cabelo negro nas têmporas

e meu palpite era que era mais baixo que o Apollo uns sete centímetros e mais velho que o Apollo uns dez anos.

Estava sorrindo para o Apollo, mas o seu sorriso ficou estranho quando seus olhos vieram até mim.

— Danforth — Apollo falou, dando um aperto nos meus dedos e os soltando.

Se levantou e estendeu a mão, o homem a aceitou e a apertou com força, ao mesmo tempo que batia com força no ombro do Apollo uma meia dúzia de vezes, de uma maneira que um homem menor cairia de joelhos.

Apollo não se moveu, se você não levar em conta que seu queixo enrijeceu.

Encarei isso como se ele não gostasse muito da saudação e/ou do homem.

Então, de repente, soltou o Apollo, se virou para mim com um movimento brusco e algo um pouco mais assustador do que curiosidade em seus olhos.

— E quem será essa? — Perguntou.

Foi então que me lembrei com quem eu parecia e meu interior congelou.

— Esta é Madeleine, Lady Ulfr — Apollo disse e os olhos do homem se voltaram imediatamente para ele enquanto seu corpo estremecia visivelmente.

— Lady Ulfr? — Falou em um tom carregado que não entendi muito bem, mas também não achei que era um bom presságio. E achei que não era um bom presságio não porque parecia exatamente com a Lady Ulfr que não estava mais entre nós, mas por outra razão. Só não sabia qual era.

— Lady Ulfr — Apollo repetiu de forma firme, que não admitia nenhum questionamento.

— Eu tinha... bem, — o homem jogou ambas as mãos para o ar — tinha ouvido falar que uma prima da Ilsa estava viajando através de Karsvall para Vale, mas..., mas... — Seus olhos voltaram para mim. Estavam arregalados e me avaliando de uma forma que me fez sentir desconfortável, mesmo quando concluiu: — Estas são, certamente, boas novas.

Boas novas?

— São — Apollo concordou e o homem olhou para ele.

— Para você, meu amigo. — Olhou novamente para mim.
— E para você, senhora. — Então levou a mão até a cabeça e me prestou uma pequena reverência.

Não sabia o que fazer diante disso, então quando ele se endireitou, inclinei a cabeça.

Ele estendeu a mão, a palma para cima, e murmurou: — É, certamente, um prazer conhecê-la, Madeleine, Lady Ulfr.

Coloquei os dedos nos dele e respondi: — E eu a você, senhor.

Os dedos dele seguraram os meus em um curto aperto e então os soltaram.

Felizmente, o garçom apareceu naquele momento com as nossas entradas.

— Ulfr. — Danforth bateu nas costas do Apollo e foi um milagre que ele não tenha caído para a frente com a força do golpe. — Vou deixar você com a sua refeição, sua dama e suas — olhou significativamente para o champanhe — celebrações.

— Meus agradecimentos — Apollo respondeu, suas palavras curtas e a voz firme.

O homem se virou para mim. — Muito prazer.

— Sim — concordei, me sentindo estranha sobre o que estava acontecendo, e estúpida, porque não tinha ideia de como agir nesta situação como “Lady Ulfr”.

Ele se foi e Apollo se sentou enquanto o garçom colocava os pratos na nossa frente.

E quando Apollo estava sentado, murmurou: — Maldição.

O garçom fez uma reverência, se afastou e eu me inclinei imediatamente.

— O que foi isso? — Perguntei em voz baixa.

Apollo moveu o olhar furioso, que estava direcionado para o prato, para mim e reorganizou seus pensamentos imediatamente.

Estava escondendo alguma coisa.

Isso não era bom.

— Vou explicar mais tarde, minha pomba — ele murmurou.

Ah, não. Ele não ia se safar com aquele negócio doce adorável de “minha pomba”.

— Apollo, o que foi isso? — Repeti.

Seus olhos fitaram intensamente os meus e ele também repetiu: — Vou explicar mais tarde, Maddie.

Dizendo a mim mesma que ele não era o Pol, não era o Pol, *não era o Pol*, ainda assim, não conseguia parar de pensar no Pol que negociava com drogas para ganhar a vida e, portanto, escondia uma enormidade de coisas de mim. Não que eu quisesse

saber, mas ainda não era nada agradável, como segredos nunca eram.

Um Pol que decidiu em qual casa moraríamos, sem muita opinião da minha parte (tipo, *nenhuma*). Um Pol que também decidiu qual carro eu dirigiria, idem, sem contar com a minha opinião. E sobre esse tipo de coisa eu podia continuar falando (e falando).

E era um Pol que tinha uma variedade de coisas estressantes na sua cabeça, na sua vida (já que era um traficante de drogas, um nível alto na cadeia alimentar, mas, mesmo assim), e não compartilhava essas preocupações comigo com qualquer outra coisa além dos punhos.

Apollo não era Pol.

Mas descobri com o Pol que não gosto que as coisas sejam escondidas de mim.

Eu não queria saber dos negócios do Pol. O que eu descobria, não gostava. O que eu descobria era mais um motivo para deixá-lo. E ele sabia disso. Assim, não me falava muita coisa e, no final, simplesmente não me dava mais nada, apenas sexo satisfatório e maus momentos.

E talvez não o fizesse porque sabia que se contasse tudo, iria entregá-lo à polícia. Ou eu o odiaria e faria isso por mais

razões além do fato de que me fazia guardar segredos demais. Segredos que eu detestava. O maior deles é que vivia com medo dele e, a cada segundo de cada dia, tinha que viver uma mentira e esconder isso.

Mas isso era discutível agora.

Entendi que Apollo não era o Pol.

Mas não ia iniciar um relacionamento com um homem que escondesse qualquer coisa de mim.

Me inclinei ainda mais sobre a mesa e pronunciei claramente: — Apollo... o que... foi...isso?

Ele me observou, fez isso por um longo tempo e com o olhar em conflito.

Então, tomou sua decisão.

E, por alguma razão, sua decisão naquele exato segundo significou tudo para mim.

Absolutamente tudo.

Porque sabia que, se ele tivesse tomado a decisão errada, o dano seria irrevogável.

— Neste país — começou devagar e, quando o fez, soube que tinha escolhido o caminho certo, então inspirei suavemente, aliviada. — Às vezes, é habitual, quando um homem está livre,

geralmente viúvo, tomar uma esposa da mesma Casa. Isso poderia, é claro, ser uma união natural, onde se conhecem, se acham mutuamente agradáveis e se casam. Outras vezes, um homem toma uma esposa, uma parenta, não de sangue, digamos, a viúva de um primo...

Ele hesitou. Me preparei e fiquei feliz por isso quando ele prosseguiu.

— Ou uma parenta da sua falecida esposa, a fim de lhe proporcionar um lar ao qual ela se acostumou. Isso acontece, na sua maioria, somente entre aqueles que são membros de uma mesma Casa e acontece com mulheres que, às vezes, têm filhos, mas também, se ela estiver sozinha, ou, talvez, um homem que tem filhos e, portanto, eles não têm mãe. E isso geralmente acontece a fim de que a mulher, que é improvável ser capaz de se sustentar com uma renda, consiga viver entre as pessoas da sua própria classe com conforto e proteção.

Deixei escapar minha respiração com um ruído, tendo a sensação que sabia aonde isso ia e não sabia como me sentia sobre isso.

— Em qualquer caso, entre as Casas, quando um homem tem a intenção de tomar uma mulher como esposa, se essa intenção fica entendida e acordada entre as partes, e a união sendo inevitável, antes disso, ela vai começar a ser tratada como

senhora dessa Casa. Neste caso — ele encarou meu olhar — você está sendo tratada como Lady Ulfr.

Sim, sabia aonde isso estava indo.

— E com quem da sua Casa vou me casar? — Perguntei imediatamente.

— Comigo — respondeu tão instantaneamente quanto eu.

Eu o encarei por um longo momento.

Ele desviou o olhar.

Em seguida, disse: — Então, você acabou de dizer para aquele homem que estamos noivos.

— Sim — ele confirmou.

Putá merda!

— Nós estamos noivos? — Perguntei.

— Sim — ele respondeu, imediata e decisivamente.

Respirei fundo e, quando expirei, observei: — Acho que essa é praticamente a definição de ir muito rápido, Apollo.

Apollo não disse nada.

— Perdi sua proposta? — Perguntei.

— As palavras não foram proferidas — ele respondeu. — Mas acho que a sua resposta foi “por favor”.

Pisquei e perguntei: — O quê?

De repente, ele se inclinou para frente, esticando a mão e apertando a minha.

Este não foi um gesto carinhoso.

Foi um gesto de posse.

E seus olhos estavam ardendo nos meus.

Oh, merda.

— Quando estava em cima de você, ontem à noite, antes de tomá-la, você disse “por favor”.

Me lembrava disso. Inferno, jamais esqueceria.

Mas, sério?

Senti meus olhos se arregalarem. — Aquilo foi uma proposta de casamento?

— Vai ser, para nós.

Oh, meu Deus!

Talvez ele *não conseguisse* ficar melhor.

Me inclinei também, e sussurrei: — Apollo, isso é loucura.

— Eu estava desembainhado.

Merda!

— E gozei dentro de você várias vezes — continuou.

Merda!

Eu sabia o que ele estava dizendo. Estava dizendo que sexo sem proteção, muitas vezes, é igual a gravidez. E, muitas vezes, gravidez também é igual a casamento. Obviamente, até mesmo neste mundo.

Eu não precisava lidar com isso agora. Era muita coisa para eu lidar. Decidi, nesse momento, que não devia me preocupar com uma coisa, quando nem sabia se havia alguma coisa para me preocupar. Em vez disso, ia me preocupar com isso só quando soubesse que havia alguma coisa com a qual lidar.

Agora, precisava lidar com o assunto em questão.

— Apollo—

— E vou ter você de novo, esta noite.

Lá vamos nós. Voltando para o Apollo arrogante.

— *Repetidamente* — ele continuou.

Senti o coração bater, bem como o meu clitóris pulsar, e tentei puxar minha mão da sua, mas a dele apertou a minha e falhei.

— E na noite seguinte, e na próxima. Acho que você me entende — afirmou.

Olhei para ele.

— E vamos viajar juntos e dormir no mesmo quarto.

— Por proteção — rebati.

— Até ontem à noite, sim.

— E ontem você me chamou de Lady Ulfr para a equipe da pousada, e isso foi *antes* do que aconteceu ontem à noite.

— De fato, já que a minha intenção era tomá-la como esposa naquele momento também.

Meu Deus!

Isto estava acontecendo?

— Isso é loucura — declarei.

— Não, não é — ele discordou.

Me inclinei mais e vociferei: — Sim, é, totalmente.

— E você ficaria satisfeita em permitir que eu lhe trouxesse para este mundo, tirá-la do seu, onde viveu com medo e em fuga, e deixá-la seguir adiante, trabalhando como garçonne? — Perguntou secamente. — Subsistindo de moeda em moeda. Comendo alimentos muito piores do que os nossos sanduíches de hoje, porque não poderia pagar por nenhum melhor. Uma mulher que conhece e aprecia o melhor champanhe, reduzida a isso e eu me impondo a você?

— Não se trata de champanhe — rebati, o comentário dele demasiadamente próximo da verdade. — E não seria você se impondo a mim. Seria minha escolha.

— Seria eu me impondo a você, Maddie. Tirá-la do outro mundo não foi escolha sua. Foi minha. Você tem grandes ideias sobre como sobreviveria neste mundo, mas não tem ideia de como aqueles que trabalham em pousadas, bares ou em outro lugar, sobrevivem. Tenho certeza que há contentamento e até mesmo felicidade. Mas você não é simplesmente uma mulher que aprecia o melhor champanhe. Você é uma mulher que o merece.

Diante daquele elogio inesperado e incrivelmente bom, apertei os lábios enquanto sentia meu coração ser capturado.

— E a minha primeira mulher era uma médica. Ela tinha a vida dela, eu tinha a minha, e conseguimos, com sucesso, unir as duas coisas. Você não acha que é uma ideia melhor estar alimentada, confortável e segura enquanto decide como gostaria de passar o tempo no seu novo mundo? E, em seguida, ser você mesma, enquanto vai fazendo isso?

Meu coração explodiu e estava batendo tão rápido que me assustou terrivelmente, então me concentrei nisso, nas suas palavras e não respondi.

Ele não pareceu se importar e continuou falando.

— Você pode querer ir de Gales a Gales, baile a baile, caça a caça, usar roupas finas e joias, e eu não me importaria, contente simplesmente por ter você ao meu lado. Ou pode querer aprender uma profissão e, em seguida, colocá-la em prática, e eu não me importaria, mas só se você compartilhasse seus dias comigo, quando estiverem no fim. Você pode desejar, em vez disso, fazer os melhores bolos de todos em Lunwyn, e eu não me importaria, pois iria começar a comê-los. Diabos, você poderia desejar apenas aprender alguma coisa sobre os meus negócios e se envolver com eles, e eu aceitaria de bom grado.

Totalmente.

Seramente.

Completamente.

Esse cara era de verdade?

A mão dele apertou a minha. — Em outras palavras, não me importo com o que você faz. A única coisa que me importa é que você esteja segura e feliz ao fazê-lo. Você não tem que compartilhar nada comigo, mas você sabe que eu sei que teve uma vida, onde você não era qualquer uma. Nem um pouco. Eu não trouxe você aqui para lhe dar a mesma feiura, mas de uma maneira diferente, ser escravizada em um pub para poder se alimentar. Eu trouxe você para cá, para lhe dar algo — sua mão apertou a minha — *melhor*.

Meu Deus.

De repente, a visão dele estava se desvanecendo porque meus olhos se encheram de lágrimas.

Sua mão era gentil ao redor da minha e sua voz era bastante suave quando sussurrou: — Papoula.

— Agora, *isso* — comecei, com voz trêmula — foi uma proposta de casamento.

Apollo não respondeu e desviei o olhar enquanto pegava o guardanapo para enxugar os olhos, na esperança (embora fosse duvidoso) que ninguém estivesse olhando.

E, quando o fiz, Apollo puxou mais uma vez a minha mão sobre a mesa e senti seus lábios roçarem os meus dedos.

Fechei os olhos com força.

Eu estava certa antes.

Esse cara ficava cada vez melhor.

Ele colocou nossas mãos sobre a mesa, mas deu um aperto suave na minha.

— Isso é um sim, minha pomba?

Respirei fundo para me acalmar e, logo depois, mais uma vez. Com as lágrimas sob controle, mas não as batidas do meu coração, levantei os olhos para ele.

— Isso está indo muito rápido — reiterei.

— Sim — concordou, sem soltar a minha mão ou o meu olhar.

— Isso é assustador.

— Sim — concordou novamente e observei com fascínio quando os belos olhos verdes como jade se tornaram duros e determinados. — E isso, minha papoula, será a última coisa neste mundo, ou em qualquer outro, da qual você terá medo.

Oh... meu... *Deus*.

Meu estômago revirou e esqueci como se respirava.

— Agora, é um sim? — Repetiu.

Com esforço, me recompus e perguntei: — Posso ter algum tempo para pensar sobre isso?

— Sim — ele respondeu, e senti meu corpo relaxar. — Mas só se, quando esse tempo acabar, a resposta for sim.

Olhei para ele.

Então, não pude evitar.

Comecei a rir.

Quando acabei, ele ainda estava segurando a minha mão, mas fazia isso sorrindo para mim.

E, Deus, *Deus*, ele era lindo.

— Só vou dizer que este é apenas o primeiro dia em que as coisas têm estado legais entre nós, e você já está fazendo um estrondoso trabalho em chegar lá — disse a ele.

Seu olhar se transformou para algo completamente diferente e ele respondeu: — Não entendo a sua língua, minha pomba, uma vez que, na noite passada, já estive *lá*.

Meus mamilos ficaram duros.

Oh, droga.

— Bem, no meu mundo — me apressei a explicar: — “chegar lá” significa... — hesitei, em seguida, comecei a rir enquanto compartilhava: — Bem, é muito parecido com o que você acabou de dizer.

Seus olhos brilharam com diversão e ele virou as nossas mãos, usando o polegar para acariciar a pele no interior do meu pulso.

— Que tal encerrarmos essa discussão, eu lhe dou o tempo que você deseja e começamos a desfrutar as nossas refeições? Sugeriu ele, tranquilamente.

— Ok — respondi tão tranquilamente quanto ele.

Seu polegar deu ao meu pulso um último acidente vascular cerebral (que, por sinal, me fez sentir incrivelmente bem), em seguida, soltou a minha mão.

Ele pegou o garfo.

Eu também.

Então olhei para ele e chamei: — Apollo?

Ele virou os olhos para os meus, uma sobrancelha erguida, os dele cheios de curiosidade.

Sim.

Lindos.

— Mesmo sabendo que eu podia perder a calma, — comecei — obrigada por me contar, de qualquer maneira. — Minha voz ficou rouca quando compartilhei: — Isso significa muito, querido.

Seu olhar se intensificou sobre mim e eu soube que ele queria mais.

Mas não pediu por mais.

Disse: — De nada, papoula.

Ele não insistiu e, por isso, fiquei mais grata.

E, só para dizer, também, por isso, ele conseguiu chegar mais *lá*.

Capítulo Doze

Tesoura De Poda

Estávamos caminhando pelo corredor em direção ao nosso quarto na hospedaria, minha mão não na curva do braço do Apollo, mas segura pela sua, erguida e mantida perto do peito dele.

O restante do “encontro” tinha ido bem. Muito bem. Não houve propostas de casamento bizarras. Sem discussões profundas sobre controle de natalidade. Em vez disso, boa comida, excelente champanhe e continuei a descobrir que Apollo podia ser uma excelente companhia.

Eu tinha razão. Ele tinha um grande senso de humor. E sabia que estava certa, porque o fiz rir várias vezes durante o jantar. Também descobri que gostava de fazer isso. Muito mesmo. Principalmente porque sabia que ele tinha lutado com a perda da sua esposa por um longo tempo, e a sua risada profunda e os sorrisos rápidos me faziam sentir como se tivesse escalado montanhas.

De fato, foi o Apollo, na verdade, que levou a conversa para águas mais calmas, perguntando sobre o meu mundo e rindo sobre coisas como reality shows na TV e esteiras.

— Por que diabos alguém andaria em uma máquina e não através de um prado... ou correr apenas, a menos que fossem obrigados e não seria por razões positivas? — Ele perguntou enquanto ria e eu não respondi porque também estava rindo muito.

Também me contou um pouco mais sobre o seu mundo, principalmente sobre as Casas, explicando que eu estava certa sobre Danforth. Ele era da Casa do Apollo, mas não era uma pessoa bem quista por Apollo.

— Não há nada de verdadeiro naquele homem. Mas, por outro lado, há vários como ele nas Casas menores, onde este é o caso. Sempre tramando para melhorar suas posições ou tentando esconder suas fragilidades.

Isso não me fez sentir bem sobre socializar com a casta superior, mas aprendi que conhecer o que você ia enfrentar era muito melhor do que não conhecer, então estava grata por saber disso.

Em outras palavras, o encontro foi incrível. E Apollo tinha sido maravilhoso.

Mas, agora, o encontro tinha acabado.

Então, nesse exato momento, minha mente estava em uma batalha. A batalha que eu sabia ser totalmente irracional sobre o pânico que sentia sobre o que estava prestes a fazer, que era altamente provável que ia ser bom, mas esse bom não estava sob a influência de um chá mágico criado por uma deusa. Era uma batalha contra a excitação extrema na qual ia entrar e era altamente provável que ia ser maravilhoso.

Eu tinha, é claro, reparado que, em todas as nossas conversas sobre o chá de adela, Apollo não tinha falado que um dos seus efeitos era tornar você um amante excelente. Então, meu palpite era, se você fosse uma porcaria na cama antes do chá de adela, você continuava a mesma porcaria, mas de forma ainda mais acentuada por causa do chá.

E o oposto era verdade.

Então, Apollo estava longe de ser uma porcaria na cama. *Muito* longe.

Em outras palavras, na minha batalha interna, a emoção estava ganhando.

Meu coração começou a bater mais rápido quando Apollo tirou a chave do bolso, destrancou a porta, girando a chave, e

estendeu a mão para a maçaneta da porta quando a minha mão apertou a dele e falei: — Espere.

Ele se virou e olhou para mim, uma sobrancelha erguida.

Pol não conseguia levantar só uma sobrancelha e gostei que o Apollo podia. Era sexy.

Ok, por outro lado, praticamente tudo sobre ele era sexy.

Mas não era o que eu pretendia compartilhar com ele.

Olhei para a sua garganta, então, para o seu ombro, tentando encontrar as palavras.

Não, tentando encontrar coragem.

Merda.

— Papoula?

Olhei nos olhos dele, pensei, *foda-se*, e fui em frente.

— No meu mundo, depois de um encontro — comecei e a mão dele apertou a minha. — O cara... bem, ele... — Respirei fundo e concluí em um sussurro: — Na porta dela, ele a beija.

Seus olhos suavizaram e a mão que segurava a minha deslizou até o peito, na direção do ombro, enquanto estendia a outra mão até a minha mandíbula e murmurava: — Vejo que há coisas no seu mundo que eu poderia gostar.

Um formigamento deslizou pela minha espinha enquanto observava ele abaixar a cabeça. Em seguida, decidi que ele não devia ter que fazer todo o trabalho, então fiquei na ponta dos pés.

Sua boca finalmente encostou na minha e seus dedos deslizaram para a parte de trás do meu cabelo enquanto ele moldava os lábios aos meus, se demorando. Finalmente, a ponta da língua dele tocou os meus lábios.

Abri a boca.

A língua dele deslizou para dentro.

Diante do seu gosto, um gosto que eu realmente gostava, me derreti contra ele.

Quando o fiz, sua mão soltou a minha e me abraçou mais forte. Passei o braço em volta dos ombros dele, me esticando mais ainda sobre a ponta dos pés enquanto ele inclinava a cabeça, eu inclinava a minha e o beijo passou de doce e molhado para doce, molhado e *selvagem*.

Então, se aquele beijo fosse uma indicação, estava certa sobre ele não precisar do chá de adela para ser bom nisso.

Ele era bom nisso.

Muito bom.

Cedo demais, ele interrompeu o beijo, mas não a conexão entre os nossos lábios e sua voz era rouca quando disse: — Oh, sim, há coisas no seu mundo que eu gosto.

Eu sabia o que ele queria dizer e foi tão doce que sorri.

Se afastando, agarrou a minha mão, abriu a porta e me puxou para dentro.

Ele a bateu atrás de mim, virou a chave, tudo isso com a mão ainda na minha, o que foi bom. Foi bom porque, no minuto em que a porta estava trancada, ele deu um puxão firme no meu braço. Caí na direção dele, colidindo com o seu corpo, visto que ele estava se movendo na minha direção, e os meus braços envolveram os seus ombros quando os dois braços dele me enlaçaram. Ele começou a andar para trás e sua cabeça começou a abaixar na direção da minha de novo.

Meus olhos estavam se fechando, minha cabeça se inclinando para trás, pronta para ele, querendo *tudo* dele, quando, de repente, ele parou e ergueu a cabeça.

Estava prestes a perguntar por que ele tinha parado quando, inesperadamente, fui jogada para o lado. Dei um pequeno grito de surpresa, minha coxa bateu em uma cadeira, caí sobre uma mesa e, enquanto cambaleava, vi Apollo se curvar para sua bota.

— Corra, Maddie, *agora!* — Ele grunhiu.

Eu não corri.

Porque o meu sangue se transformou em gelo ao ver quando não um, não dois, mas *três* homens, todos empunhando *espadas* assustadoras, invadiam a pequena sala de estar da nossa suíte.

Como eu disse, tinham espadas e havia três deles. Mas, apesar do Apollo ter pego uma faca, não tinha espada e era apenas um.

E eles não perderam tempo em atacar.

Merda!

Que diabos?

Observei enquanto, com movimentos ligeiros dos pés, ele se esquivava e atacava, sua pequena lâmina batendo contra as deles, mais longas, Apollo estava resistindo. Mas, mesmo quando executou uma estocada, se abaixando, e pegou outra faca na outra bota, soube que não conseguiria resistir por muito tempo.

Ninguém conseguiria.

Havia três deles!

Com espadas!

Atingiu o meu cérebro que eu não podia correr, porque se o fizesse, estaria o abandonando e não havia nenhuma dúvida na minha mente que, se eu o abandonasse, nunca mais iria vê-lo novamente. Ou não iria vê-lo enquanto estivesse respirando.

Eu gostava dele respirando.

Eu gostava *dele*.

E nós tínhamos acabado de ter um grande primeiro encontro. Claro, começou meio aos solavancos, mas acabou com aquele beijo e eu estaria ferrada se ele morresse no *grand finale*.

Então, priorizei imediatamente e passei correndo pela briga para ir até o quarto. Alcancei o sabre dele, que estava descansando contra o seu baú, o agarrei e tirei da bainha enquanto ouvia o choque da batalha.

Vou assinalar o quão difícil isso foi porque essa coisa era incrivelmente *pesada*, mas, ainda assim, consegui.

Estava pensando, no cinema, se você jogava uma espada para alguém que sabia usá-la, eles conseguiam pegá-la pelo cabo e continuar lutando, sem demora.

Quando Apollo tinha lutado com Pol, demonstrou que sabia usar uma espada.

Só esperava que ele fosse realmente bom nisso.

Alcancei o aposento externo e fiquei emocionada além da conta porque ele ainda estava resistindo.

Mas sua atenção estava meio que tomada.

Merda.

Não havia nada a fazer quanto a isso.

Eu tinha que criar uma distração.

Agarrei o punho da espada com ambas as mãos, a movi de modo que o plano era que cantasse através do ar e fizesse o que Apollo fez com Pol.

Acertei um dos vilões na cabeça com ela.

Com força.

Ele cambaleou para o lado.

Entrar na briga causou a distração da qual Apollo se aproveitou, porque surpreendeu os homens, mas não a ele.

Sem perder um instante, enfiou uma das facas na cintura, estendeu a mão para mim e gritou: — Espada!

Deus, esperava que ele fosse tão bom quanto aqueles caras dos filmes.

Eu a joguei para ele com o cabo virado para cima.

Ele a pegou pelo cabo com uma mão, a desvirou e, com um giro de meio corpo, eviscerou um dos caras maus.

Caralho!

Quando as entranhas do cara apareceram, senti meus olhos se arregalarem enquanto bile subia até a minha garganta e cambaleava para trás.

Mas Apollo gritou: — Maddie, *inferno, vá!*

Aquele que o Apollo havia golpeado estava deitado de costas e eu estava achando que era uma boa suposição que ele continuaria a luta de espadas em algum plano celestial. No entanto, o que eu atingi estava entrando em ação novamente e Apollo, mais uma vez, estava bastante ocupado.

Dois contra um. Ainda nem um pouco justo.

Tentei me concentrar, não pensando na onda de náusea. Em vez disso, foquei em uma lamparina sobre uma mesa próxima. Eu a peguei e a levantei sobre a cabeça. Me esquivando, aqui e ali, em torno da batalha, tentei achar uma brecha para esmagá-la na cabeças dos caras maus.

— *Maddie, o que foi que eu disse?* — Apollo gritou, enquanto ainda brandia a espada.

Eu o ignorei porque lá estava ela.

Minha brecha.

Crash!

Aterrissei a lamparina de vidro com força na cabeça do cara e ele caiu, instantaneamente, inconsciente.

Me virei para o Apollo bem a tempo de vê-lo ter pouco trabalho com o último. Assim sendo, ele o desarmou com um floreio que realmente arrancou a espada da mão do cara, mas mantendo o controle dela com a ponta da sua espada, quando, então, Apollo girou para o lado, longe do alcance.

Oh, sim. Ele era bom nessa coisa de espadas.

Infelizmente, enquanto isto estava acontecendo, Apollo ficou momentaneamente distraído, de modo que o cara pegou a faca no cinto.

Antes que eu pudesse gritar um aviso, Apollo se virou e desferiu um golpe com a espada através do pescoço do rapaz.

Um esguicho nojento de sangue jorrou.

Engoli em seco e dei um passo para trás.

O cara levou uma mão ao pescoço, seus olhos deslizaram para o Apollo e, em seguida, caiu de joelhos, logo depois caiu para frente.

Ok, bem.

Estava pensando que ele, também, era um caso perdido.

Putá merda.

Olhei para os corpos e o sangue que bagunçavam nossa pequena sala de estar e fiz isso por um milésimo de segundo, antes do Apollo rugir: — Quando eu disser para você correr, diabos, *faça o que eu digo!*

Olhei para ele e vi que seus olhos estavam flamejando e não de um bom jeito. Não que houvesse alguém com quem falar que não estivesse morto ou inconsciente, mas, ainda assim, aqueles olhos estavam fixos nos meus.

— Eu... — Iniciei.

Ele começou a se mover na minha direção e me interrompeu.

— Ocorreu a você que, se corresse, poderia ter pedido ajuda?

Ele parou na minha frente, tão perto que minha cabeça estava totalmente inclinada para trás, para encarar o seu olhar.

E, sério, o nosso encontro – que incluía o início instável, com certeza, mas também incluía champanhe excelente, comida deliciosa e Apollo e eu, eventualmente, conversando e rindo, uma outra cavalgada fabulosa no retorno com Apollo, um beijo brilhante e a promessa de um orgasmo (ou mais de um, pois ele disse que nós faríamos aquilo *repetidamente*), mas acabou em

morte e destruição, ele gritando e sendo sarcástico comigo – não acho que ninguém iria me culpar por suas palavras me irritarem.

— Ocorreu a você que, como não corri, *eu* fui a sua ajuda?

— Respondi.

Sua boca se fechou e um músculo pulsou, da parte superior da mandíbula até a bochecha.

Encarei isso como um “não”. Também decidi encarar como “obrigado por me ajudar a derrotar os vilões” quando ele se afastou de mim e foi para o quarto.

Decidi que o quarto era um lugar muito melhor para ficar do que entre a bagunça terrível na sala de estar, então o segui.

Quando o fiz, vi que ele estava puxando uma corda de veludo com um pendão grosso no final e não o fez só uma vez. contei onze vezes antes dele fazer uma careta para mim e voltar para a sala de estar.

Na verdade, não queria voltar para lá, mas depois do que aconteceu, também não queria ficar longe do Apolo e da sua espada. Então o segui novamente e o vi se curvando sobre um dos caras, o inconsciente, o punho no cabelo dele, erguendo sua cabeça.

— Inconsciente — vociferou. — Inútil — grunhiu enquanto soltava a cabeça do cara e ela bateu novamente contra o chão.

Coloquei a mão na barriga, a imagem horrível me atingindo completamente enquanto Apollo marchava como um furacão para um dos dois corpos. Se inclinou e começou a vasculhar os bolsos dele.

— O que você está fazendo? — Perguntei, decidindo me focar nele, então não me concentraria em qualquer outra coisa que pudesse me fazer vomitar.

Seu olhar desviou para mim e ele não respondeu à minha pergunta.

Não.

Em vez disso, declarou: — Quatro homens nesta sala. Quatro armas. E você.

— Apollo—

— Você podia ter se ferido.

Ok, tinha que admitir, era bastante doce ele estar preocupado comigo.

Então decidi me preparar para mais dessa atitude e sussurrei: — Não.

— Você podia ter morrido — falou entre os dentes, o belo rosto ainda impregnado com raiva.

Engoli em seco porque, depois da luta de espadas na sala de estar, percebi, ridiculamente tarde, que era isso o que estava causando essa reação dele.

— Não podia, baby — Falei baixinho.

Ele me perfurou com um olhar furioso depois voltou a vasculhar os bolsos do homem, murmurando rispidamente para si mesmo: — Ela me seduz com esta palavra. Também acha que pode usá-la para escapar dessa loucura.

Foi então que decidi que o silêncio era a melhor pedida, então lhe concedi isso.

Ele parou de vistoriar o corpo de um morto e estava se movendo para o outro quando bateram na porta.

Ele foi até ela, a destrancou, abriu e dei uma olhada na serva do lado de fora, que deu uma olhada para dentro da sala e seu rosto empalideceu de tal maneira, que temi que fosse desmaiar.

Felizmente, Apollo começou a emitir ordens, então seus olhos, e sua atenção, voltaram para ele.

— Envie alguém até a guarda da cidade imediatamente. E um homem para cá com cordas. Um deles ainda está vivo e o

quero amarrado. E encontre os cavalos desses homens. Se eles têm pertences, eu os quero neste quarto sem demora.

Ela engoliu em seco visivelmente, assentiu e correu.

Eu não a culpava.

Apollo fechou a porta e foi até o outro corpo. Me mantive em silêncio enquanto ele vasculhava os bolsos, em seguida, passava as mãos ao longo do interior da sua capa.

Vi o seu corpo, de repente, ficar imóvel e, em seguida, se levantar, a cabeça inclinada, os dedos ocupados em desdobrar um pedaço de papel.

— O que é isso? — Perguntei.

— Um maldito código — ele vociferou, parecendo frustrado.

— Posso ver? — Perguntei e seu olhar se voltou para mim.

— Você pode lutar contra inimigos *e* decifrar códigos? — Ele perguntou ironicamente.

Decidi deixar isso passar e fiz uma anotação mental para me lembrar que o Apollo fica mal-humorado depois de uma luta de espadas.

— Posso ver, querido? — Perguntei baixinho.

Ele me lançou um olhar irritado, mas finalmente se encaminhou até mim, a capa flutuando atrás dele e, vamos apenas dizer, Apollo mal-humorado depois de um embate de espadas ainda era sexy.

Quando se aproximou, não me entregou o bilhete. Se moveu para o meu lado e o ergueu, para que pudéssemos, ambos, o ler.

Fiquei olhando para o papel. Ele dizia:

C, E em K – Tr, Br, L, Le, C, Da, Z, Fe, Fah, Te

U, I em TL, V – Be, Gr, St

Sim. Código.

Merda.

Eu era habilidosa com caça palavras por ter um marido que era traficante, zero amigos ou família, porque meu marido era um traficante e ninguém gostava de sair com traficantes (ou suas esposas), não tinha nenhum trabalho porque meu marido traficante achava que refletia negativamente sobre a sua capacidade de me dar uma boa vida através do tráfico de drogas, então tinha que encontrar alguma maneira de gastar o meu tempo e não era fã de novelas.

Mas isso não era como palavras cruzadas, jogo da forca, caça palavras ou qualquer um dos quebra-cabeças que eu estava acostumada a resolver.

Ainda assim, continuei olhando para o papel, estreitando os olhos e tentando fazer com que as letras falassem comigo.

Continuei a fazer isso quando bateram na porta e Apollo grunhiu: — Entre! — E ouvi a porta abrir. Apollo, então, ordenou: — Este aqui. Amarre-o. A guarda da cidade foi chamada?

— Sim, senhor, e estamos procurando os cavalos — uma voz masculina respondeu.

— Bom — Apollo murmurou, mas parecia distraído e eu soube que o bilhete tinha captado sua atenção novamente.

Mas, enquanto tudo isso se passava, de alguma forma, algumas das letras pareciam fazer sentido para mim, principalmente porque não podia ser coincidência.

— Eu acho que... — Comecei, mas minha voz sumiu.

— O quê? — Perguntou Apollo.

— Eu acho que... — Repeti, mas não disse mais nada.

— Madeleine, *o quê?* — Apollo gritou, impaciente.

— Eu, bem, isso podia significar...? — Levantei a mão para apontar para o bilhete, a ponta do dedo deslizando sob a linha de baixo. — Ulfr, Ilsa em Treeburn Lodge, Vasterhague. E, em seguida, os outros três grupos de letras. Eu não sei... — Olhei para os homens no chão, em seguida, para Apollo. — Talvez as iniciais dos nomes ou sobrenomes dos nossos atacantes?

Ele encarou meu olhar, o maxilar contraído, então seu olhar voltou para o bilhete.

Os meus também, e fiz isso murmurando: — Mas a linha superior. Eu não...

Parei de falar abruptamente e senti como se uma mão gelada apertasse o meu coração quando, de repente, decifrei o seu significado.

Soube que o Apollo também o decifrou ao mesmo tempo, porque gritou: — Deixe-o! Sele os nossos cavalos, *agora!*

— Senhor? — Perguntou o funcionário que estava amarrando o homem, agora gemendo, deitado no chão.

— Cavalos. Imediatamente — Apollo ordenou e, quando o homem não se moveu, rugiu: — *Agora!*

O homem se levantou e saiu correndo da sala.

Meu coração estava falhando, agora, enquanto Apollo pegava minha mão e me puxava para o quarto.

— Mas... não tenho uma sela — Falei estupidamente às costas dele.

Ele se abaixou para pegar a bainha onde a deixei, caída no chão, e me soltou para afivelá-la, afirmando: — Está na parte de trás do trenó.

Oh.

Ok, então.

Ainda assim.

Senti minha frustração aumentar, tudo isso se concentrando no meu pescoço, fechando minha garganta porque, sério, este mundo era incrível, mas havia momentos em que celulares vinham a calhar.

Como em um grande momento, tipo, *agora*.

— Você precisa partir sem mim — sussurrei.

— Não vou deixar você desprotegida — ele falou, se movendo para o baú e o abrindo.

Isso era muito doce. Mas também não era muito esperto.

— Querido, você irá mais rápido se...

Ele se virou para mim e o olhar no seu rosto me fez calar a boca.

— Rápido, Madeleine, um vestido quente. *Bem* quente.

Olhei nos olhos dele por um breve momento antes de balançar a cabeça e correr para o meu baú.

E isso porque, se eu estivesse certa sobre a linha de baixo, então a de cima significava *Christophe, Élan em Karsvall*.

E dez homens estavam indo para lá.

Peguei meu gorro, minhas luvas e desperdicei um tempo precioso, pelo qual não sabia se ficaria feliz mais tarde, tirando as botas, a fim de trocar as finas meias de lã para noite, por grossas meias calças de lã, mais quentes. Calcei as botas novamente, e mal tinha me endireitado, quando Apollo pegou a minha mão e me arrastou para a porta.

Mas se deteve diante do homem que estava sentado no chão, as costas descansando contra um baú pesado, as mãos amarradas, assim como os pés. Ainda estava grogue, mas consciente.

Apollo me soltou para se ajoelhar ao lado dele.

— Eles mandaram dez homens até os meus filhos? — Ele quis saber.

O bandido piscou para ele.

Então sorriu.

Não era verbal. Mas era uma resposta.

Meu coração bateu com força e isso doeu.

Prendi a respiração enquanto Apollo levantava, desembainhava a espada, a virava, de modo que a lâmina estava segura pela mão enluvada, e acertou o cara no rosto com o cabo.

Sangue voou da sua boca enquanto sua cabeça pendia.

Fora do ar, novamente.

Não tive chance de absorver esta última monstruosidade.

Apollo pegou minha mão e nos colocamos a caminho.

* * * * *

Cavalgamos arduamente pelo resto da noite e no dia seguinte.

Paramos cinco vezes para trocar os cavalos. Diante da presença imponente do Apollo e de um pesado saco de moedas, demoramos menos de cinco minutos a cada troca. Só demoramos mais trinta segundos na primeira troca de cavalos para pedir que Torment e Anguish fossem enviados para Karsvall.

E ele perguntou apenas duas vezes, quando paramos, se eu precisava comer.

Em ambas as vezes, balancei a cabeça. Nas duas vezes que obtive essa resposta, os olhos do Apollo mostraram alívio. E em ambas as vezes, sem mais demora, estávamos, novamente, a

caminho. Ele não perdeu tempo perguntando por quê. Ele sabia a minha resposta.

Eu não estava com fome.

Também não estava cansada.

Estava apavorada.

Tão aterrorizada que minha mente estava agarrada a isso durante a longa viagem, o frio, a paisagem, as aldeias pelas quais passávamos rapidamente, o cavalo se esforçando embaixo de mim, o bater dos meus ossos, nada disso penetrava o terror.

Nada disso.

Apollo tinha os seus caras na casa dele e já tinha visto Laures em ação nos jogos, então tinha certeza que eles sabiam o que estavam fazendo.

Mas aqueles três homens estavam à nossa espera. Se os homens que foram enviados até Christophe e Élan fossem tão bons em ser subservientes...

Não deixei minha mente ir para lá. Ela continuava *tentando* ir para lá, mas eu a mantive desligada. Iríamos lidar com o que encontrássemos quando encontrássemos.

Só precisávamos chegar lá para descobrir o que havia para encontrar.

Assim, me debrucei sobre o cavalo e me esforcei para o manter nos calcanhares do Apollo, agradecendo a Deus que Hans foi realmente bom em me ensinar a andar a cavalo e eu já tinha quatro meses de prática.

Sabia que Apollo estava aterrorizado demais. Mas o terror do cara sexy e durão do outro mundo se manifestava através da fúria. O tipo de fúria que emanava dele de uma maneira que parecia que até mesmo a brisa estava com muito medo de aparecer.

Mas me mantive nos seus calcanhares enquanto o crepúsculo do dia seguinte se transformava em uma noite escura e, finalmente, galopamos através da aldeia onde eu tinha passado a noite, no Cisne.

A aldeia próxima à Karsvall.

Dez minutos mais tarde, galopamos até uma linha de pinheiros e vi.

Claridade, e não era da lua.

Sáímos em uma clareira e Apollo não diminuiu a velocidade, então eu também não. Mas vi que tochas e barris com fogo estavam por todo o lado, iluminando o espaço. Havia um monte de cavalos. Vários trenós. Muitos homens. E, também,

uma grande edificação que não observei atentamente, mas atentei para o fato de que cada janela estava iluminada.

Este não era um bom sinal.

Apollo freou e fez o mesmo ao lado dele, diante da porta da frente.

E observei que havia corpos alinhados sobre sangue respingado na neve.

Meus olhos deslizaram freneticamente sobre eles e, embora alguns deles estivessem virados para baixo, nenhum deles era conhecido.

Não tive tempo para sentir alívio. De repente, fui arrancada da sela.

Apollo tinha as mãos na minha cintura e estava me puxando para baixo. Quando eu estava de pé, pegou minha mão e me arrastou para a casa, gritando: — Minhas crianças?

— Eles estão bem, Lo. — Ouvi Achilles dizer. — Estão no quarto da Élan...

Ele não disse mais nada quando Apollo o empurrou e continuou me arrastando atrás de si. Consegui desviar minha atenção para, pelo menos, lançar um sorriso aliviado para Achilles enquanto Apollo o rodeava, mas tive que me manter atenta e olhar por onde passávamos, então não absorvi o choque.

Foi um bom plano porque, muito rápido para perceber, estava subindo escadas.

Em seguida, caminhando por um corredor.

Então estava sendo puxada para um aposento iluminado e, com a mão dele me puxando para o seu lado, parei abruptamente, ergui os olhos e vi as crianças na cama.

Minhas defesas se fecharam instantaneamente.

Tudo o que podia fazer era olhar.

Um menino, que eu sabia que tinha oito anos, quase nove. Uma menina que eu sabia que tinha seis anos.

Eles puxaram completamente ao Apollo, a menina, uma versão feminina dele, uma versão bonita, muito bonita, mas ambos puxaram a ele. Nada de cabelo vermelho. Nada de olhos castanhos. Nenhuma sarda.

Cabelos escuros. Tom de pele cor de oliva.

Olhos verdes como jade.

Eram lindos.

Lindos.

Meu coração começou a sangrar.

O menino estava na cama com a garota, abraçando-a com força, e ela estava tremendo tanto, que balançava o irmão e eu podia ver as borlas no dossel da cama balançando, também.

Ela estava aterrorizada, o rosto tomado pelo terror.

Não havia sangue. Nem ferimentos visíveis.

Mas um deles tinha chegado até ela.

Senti que essa descoberta atingiu Apollo enquanto sua raiva permeava o quarto.

A menina sussurrou um trêmulo “Papa”.

Diante do som da pequena voz assustada, aconteceu.

De repente, eu estava em chamas. Cada centímetro da minha pele borbulhava. Meus olhos queimavam. Meu cérebro entrou em ebulição.

Sem pensar, sem nem mesmo saber o que pretendia fazer, soltei minha mão do Apollo e corri para fora do quarto, atravessei o corredor, desci as escadas e saí pela porta da frente, meu pesado manto esvoaçando atrás de mim.

Parei na neve, minha capa esvoaçando para frente, me envolvendo, e contei.

Oito corpos.

Me virei imediatamente para o homem mais próximo de mim.

Gaston.

O encarei, envolvi meu punho na sua camisa e vociferei: — Onde estão os outros dois?

— Maddie...

Agarrei a camisa na altura do seu peito, fiquei na ponta dos pés e gritei: — *Onde estão os outros dois?*

Seus dedos envolveram o meu bíceps e ele começou: — Talvez devêssemos...

Me afastei dele, olhei para longe e vi.

Faixas e marcas de arrasto na neve que passavam ao longo da frente da casa e viravam a esquina.

Parti naquela direção, seguindo as faixas. Corri para o lado da casa, pelo jardim dos fundos, passando por um belo gazebo, uma grande estufa, chegando até a floresta, onde vi duas tochas que iluminavam o exterior de uma pequena dependência.

Sem hesitar, corri até ela e a invadi.

Havia um homem pendurado pelas mãos em um gancho. Estava sem camisa e sangrava profusamente a partir de várias feridas, bem como de graves golpes que levou no rosto.

Hans e Remi estavam parados perto dele.

Havia outro homem, também sem camisa e sangrando, amarrado a uma cadeira no centro do espaço.

Derrick estava atrás dele.

Laures estava se ocupando dele.

Quando entrei, todos os homens olharam para mim com surpresa e mantiveram os olhos em mim quando caminhei direto para o homem na cadeira, empurrando Laures para me aproximar e me inclinar, ficando cara a cara com o homem.

— *O que você fez com ela?* — Gritei.

Uma mão se apoiou no meu ombro e ouvi o sussurro do Remi: — Maddie...

Balancei os ombros, envolvi a mão enluvada sob a mandíbula do homem e a levantei.

Ele resmungou, mas abaixei o rosto novamente até o dele e gritei: — *Ela é só uma menina!* — Me aproximei mais ainda, meus dedos cravando profundamente a sua carne. — Seu monstro! O que você fez com ela?

— Mad — Remi tentou novamente, mas me virei e passei por ele.

Estiquei a mão e peguei a faca no cinto do Laures.

— Maldição. — Ouvi Hans murmurar, mas não hesitei.

Não, não hesitei.

Não hesitei *ou* pensei.

Eu estava completamente *focada*.

Me virei para o homem amarrado na cadeira, encostei a ponta da faca na articulação da sua mandíbula e exigi: — Quem enviou você?

Os olhos do homem encararam os meus e ele não disse nada.

Pressionei a ponta na sua carne, ele se encolheu contra a cadeira e gritei: — *Quem enviou você?*

Ele não disse nada, de novo.

Controlada pela emoção, ainda queimando por dentro e por fora, afastei a faca da sua mandíbula e a afundei violentamente na carne do seu ombro.

Ele deixou escapar um gemido de dor que não me abalou.

Apenas puxei a faca diante de três masculinos e simultâneos “*diabos*”, e um “*pelos deuses*”, e a coloquei novamente contra sua mandíbula.

— *Quem enviou você?*

Então, de repente, não estava mais cara a cara com ele, nem segurava mais a faca.

Estava, em vez disso, segura profundamente contra o corpo do Apollo, com o braço em volta da minha barriga.

E então, junto com Apollo, nos inclinamos para frente enquanto ele manuseava a faca com rapidez.

Foi quando vi o corte na garganta do homem se abrir, o sangue escorrendo pelo seu peito. Ele respirou fundo, não conseguiu inalar o ar e, um instante depois, encontrou a morte com surpresa nos seus olhos.

Não tive nenhuma reação diante disso. Também não tive nem tempo para ter uma reação.

Sem hesitar, Apollo nos girou e estávamos do outro lado da sala, rápidos como um tiro. Me segurou na sua frente enquanto apoiava a faca na garganta do homem pendurado ao gancho.

— Agora você sabe que não vou vacilar — grunhiu. — Quem enviou você?

O homem estava olhando com os olhos arregalados para o homem recém-morto na cadeira, mas quando Apollo pressionou a faca na sua garganta, seus olhos se voltaram para ele.

E observei enquanto seu olhar se tornava frio.

— A rainha é justa — anunciou bizarramente.

— A rainha não está aqui — Apollo rebateu.

— Ela não vai ficar muito satisfeita se você fizer justiça no barracão do seu jardineiro — afirmou e, finalmente, olhei em volta.

Sim. Estávamos em um barracão de jardineiro.

Virei a cabeça, me inclinei novamente e fixei os olhos no rosto duro como pedra do Apollo. — Querido, aposto que posso fazê-lo falar com essas tesouras de poda. — Apontei uma mão na direção da virilha do homem. — Ele não vai precisar *disso* na prisão.

Apollo me lançou um olhar enquanto ouvia a risada do Laures, mas tão rapidamente quanto olhou para mim, olhou novamente para o homem.

— Informações ou pego para a minha senhora alguma tesoura de podar — compartilhou.

Os olhos do homem se arregalaram por meio segundo, antes de se recompor e declarar: — Exijo um julgamento.

— Você não vai para a prisão, distribuindo informações em troca de clemência — Apollo rebateu. — Você fala aqui, ou você morre aqui.

Legal. Essa foi uma boa fala.

— Você já vai responder à rainha Aurora por assassinato a sangue frio — o homem respondeu, apontando com a cabeça para o homem na cadeira.

— A rainha é justa — Apollo sussurrou. — Mas também perdeu o marido por causa de esquemas de traidores.

O homem empalideceu.

Muito bom.

Agora estávamos chegando a algum lugar.

Apollo se direcionou novamente para o alvo. — Quem enviou você?

O homem não disse nada.

— Mais uma vez, quem enviou você? — Apollo repetiu.

O homem permaneceu em silêncio.

Observei a luta entre os olhares, de perto.

Era assustadora. E também frustrante.

— Pelo amor de Deus, alguém apenas me traga a tesoura de poda? — Exclamei.

Apollo olhou novamente para mim. Um segundo depois, me puxou para longe do homem, me empurrou suavemente para o lado e me encontrei não mais segura por ele, mas – olhei para cima – pelo Achilles.

— Leve-a para a casa anexa — ordenou. — Fique com ela.

— Mas — comecei, quando Achilles envolveu minha cintura com um braço e começou a me guiar.

Os olhos do Apollo se voltaram para mim.

— Minha pomba — disse ele em voz baixa. — Vá.

Olhei para ele. Então olhei para o homem pendurado ao gancho.

Voltei o olhar novamente para o Apollo e falei, soltando um suspiro. — Oh, tudo bem.

Os olhos do Apollo se moveram sobre o meu rosto, mas o perdi de vista quando Achilles me virou para a porta.

Estava fora da porta, mas ela ainda não havia se fechado atrás de mim quando ouvi ele dizer: — Hans, me alcance aquela tesoura.

A porta bateu.

Eu sorri.

Capítulo Treze

Leoa

No meu sonho louco, que estava tingido de vermelho sangue, ouvi Apollo ordenar de longe com um grunhido: — Saia. Agora.

Meu sonho derivou para algumas ruínas ao redor de uma piscina cheia de sangue quando senti que o manto que tinha enrolado à minha volta para me aquecer, depois do Achilles finalmente ter conseguido fazer com que eu me deitasse, ser arrancado.

Pisquei.

Minhas saias foram levantadas.

Pisquei novamente, duas vezes, rapidamente.

E despertei, finalmente, quando as meias calças foram deslizadas pelas minhas pernas.

Meu coração acelerou instantaneamente, me movi apressadamente, me arrastando para cima da cama, mas não fui muito longe, quando duas mãos fortes seguraram meus tornozelos, me arrastaram para baixo e os afastaram.

Engoli em seco quando um homem me cobriu.

Através da luz do fogo que lançava um brilho fraco através do aposento, vi o rosto do Apollo.

Devia ter relaxado ao ver que era ele, mas o olhar no seu rosto fez todo o meu corpo ficar ligado.

A mão dele foi até o meu cabelo, o agarrando, enquanto grunhia: — Você é uma leoa.

Hein?

— O quê? O que está acontecendo? Você está...?

Ele me interrompeu. — Não são nem mesmo do seu sangue, não trocaram nem mesmo uma palavra, apenas um olhar para eles e você afundou uma faca na carne de um homem.

Achava que sabia sobre o que ele estava falando, então disse: — Bem, sim. Enfiei. Mas por que você está...?

Sua boca veio até a minha e me calei porque podia ver seus olhos em chamas. Estavam me queimando e faziam isso de uma maneira muito particular.

Eu conhecia essa maneira. Era um pouco diferente, não provocada pelo chá de adela.

Mas também era parecida.

As próximas palavras dele provaram que eu estava certa.

— Você vai me ter agora, Maddie, e aviso, minha pomba, não vou ser gentil.

Sim, seus olhos estavam queimando de uma forma muito particular.

Meu estômago afundou.

— Apollo — suspirei, então, ele se foi.

Mas não para muito longe.

Minhas saias foram levantadas, minha calcinha foi puxada pelas pernas e, então, sua boca estava lá.

Puta merda.

Diante do toque dele, mais precisamente, do quão bom ele era, minhas costas se arquearam sobre a cama e meus calcanhares cravaram o colchão, mas não por muito tempo. Ele agarrou a parte de trás dos meus joelhos e colocou minhas pernas sobre os ombros dele. Depois que o fez, segurou minha bunda com ambas as mãos, a ergueu, me pressionando com mais força contra a sua boca, e se alimentou.

E, menino, *como* se alimentou.

Minhas mãos foram até a cabeça dele, os dedos deslizando pelo cabelo espesso. Meus calcanhares se cravaram nas suas costas. Com o pescoço arqueado e os lábios entreabertos, murmúrios sem sentido eram sussurrados enquanto Apollo não

desperdiçava, absolutamente, nenhum tempo para me levar ao orgasmo.

E, então, eu estava lá, oscilando sobre a borda, o orgasmo ao meu alcance, que estava mostrando que ia ser muito bom, e sussurrei: — Baby.

Então, sua boca se afastou.

Antes que pudesse reclamar, fui virada de bruços, meus quadris foram puxados para cima rudemente e ele me penetrou.

— Caralho, sim — sussurrei, meus dedos agarrando as cobertas.

— Monte o meu pau, Maddie, tome o controle — ele ordenou e, então, senti a palmada afiada da mão dele na parte externa da minha coxa.

Pulei, mesmo quando o calor irradiou diretamente entre as minhas pernas e fiz o que ele ordenou, me impulsionando para trás, fodendo o seu pau.

Outro tapa na coxa, outro sobressalto, mais fogo ardendo diretamente no meu coração e: — Mais forte, papoula.

Oh, Deus.

Isso era bom.

Nunca apanhei enquanto fazia sexo.

E eu queria mais.

Me mexi com mais rapidez, com mais força, ofegando e empurrando contra ele.

— Está bom? — Ele grunhiu.

Oh, sim. Caralho, sim. Estava muito bom.

— Sim — sussurrei.

As mãos dele seguraram os meus quadris, os dedos apertando minha carne, impedindo que eu me movesse, e me penetrou mais profundamente.

— Está bom, Madeleine?

— Sim — engasguei.

Ele começou a golpear rápida e profundamente e recebi outro tapa na minha coxa. — Tire o vestido. Quero ver sua pele.

Com ele me fodendo por trás, me esforcei para tirar o vestido, o mesmo que tinha usado no nosso primeiro encontro e nas últimas vinte e quatro horas. Isso me deixou com mais nada além do bustiê preto, meus peitos escapando dos bojos com os movimentos violentos, meus mamilos roçando as cobertas, e ele começou a se mover em cima de mim, novamente.

— Este traseiro, *deuses*, que bela bunda — Apollo gemeu, passando a mão sobre uma nádega da minha bunda, mesmo enquanto continuava a empurrar dentro de mim.

E eu o senti. Meu clímax estava quase lá.

Tentei alcançá-lo.

Ele se afastou.

Deus!

— Não! — Exclamei.

Suas mãos vieram até as minhas costelas. Ele me puxou para cima, me erguendo na frente dele, uma mão indo direto para o meu peito, envolvendo-o, enquanto a outra ia para o meio das minhas pernas.

— Não sem mim, pomba — grunhiu no meu ouvido.

— Depressa — implorei.

Seu dedo acertou o alvo, enquanto esfregava o pênis contra a minha bunda.

Minha cabeça caiu para trás, se apoiando no ombro dele.

Maravilhoso.

— Você é magnífica — sussurrou.

— O-obrigada — gaguejei, apertando a mão entre minhas pernas, ao mesmo tempo que abaixava a bunda para empurrar contra o seu pênis.

O polegar encontrou o meu mamilo, o apertou e, em seguida, o puxou.

Meu corpo inteiro estremeceu e gemi: — Baby.

Ganhei um outro aperto no mamilo e um comando. — Mais uma vez.

— *Baby* — sussurrei.

Ele enterrou o rosto no meu pescoço. — *Deuses* — gemeu antes dos dentes afundarem na minha carne.

Deus. *Deus*.

Incrível.

Em seguida, os dentes desapareceram. Eu fui virada, colocada com as costas sobre a cama, as mãos dele segurando a parte de trás dos meus joelhos. Ele os empurrou para cima, ao mesmo tempo que os separava. Suas mãos soltaram meus joelhos e foram até os meus quadris. Ele estava sentado, novamente, sobre os tornozelos e me puxou para cima das suas coxas, a pele sensível da minha bunda deslizando contra os pelos ásperos das coxas dele, me fazendo arrepiar dos pés à cabeça. Uma das mãos soltou o meu quadril e foi para o pênis. Guiou a ponta para

dentro, a mão voltou para o meu quadril, e ele me puxou para cima, me penetrando.

Aí sim.

— Sim, baby — gemi.

Com os olhos presos aos meus, se enterrou em mim enquanto caía para frente, as coxas saindo de debaixo de mim, as mãos se apoiando na cama, ao meu lado, os braços esticados, e se manteve em cima de mim enquanto estocava profundamente.

Ergui as mãos até o seu peito, deslizando-as febrilmente sobre a parede quente e dura e disse: — Você é magnífico também.

— Mantenha os joelhos erguidos e as pernas afastadas, papoula — ele grunhiu, estocando energicamente e percebi que estava cruzando as pernas sobre ele.

Parei de fazer isso e afastei as pernas, me expondo para ele. Era selvagem, era belo, era sexy, e eu *amava* isto pra caralho.

Tanto, que estava quase lá.

— Eu estou quase gozando — engasguei. — Você está comigo?

Ele parou de empurrar, começou a girar os quadris e pediu: — Olhe para mim.

Eu olhei, implorando. — Apollo.

Ele deixou o corpo cair contra o meu, os olhos perfurando os meus, esticando a mão no meio de nós dois, o polegar acertando o alvo, deslizou o pau para fora, e o enterrou novamente, gemendo. — Estou inteiramente com você.

Em seguida, ambos gozamos.

O dele parecia, realmente, incrivelmente bom.

O meu foi muito melhor.

Sabia disso porque senti seus quadris estremecendo contra os meus, através do orgasmo. Mas ainda estava desfrutando gloriosamente o meu clímax quando ele relaxou, ainda me penetrando, e seu nariz estava acariciando a pele atrás da minha orelha no momento em que comecei a relaxar.

Ele sentiu isso e soube disso quando ele parou de me acariciar e seus dentes beliscaram minha orelha antes de falar no meu ouvido: — Da próxima vez, vou lenta e suavemente.

Quase sorri.

Mas não o fiz.

Quando ele relaxou contra mim, tinha prendido minhas mãos entre nós. Eu as deslizei sobre o peito dele, pelo pescoço, e segurei seu rosto, levantando-o e virando-o para poder olhar nos olhos dele.

— As crianças estão bem?

Suas feições suavizaram, se tornando ternas, e se isso era bom de olhar normalmente (e não era somente bom, era *bom*), com ele dentro de mim, o rosto próximo e depois de um orgasmo fabuloso, era bom além do possível.

Então, levou a mão até as minhas bochechas, o polegar se movendo para tocar entre as minhas sobrancelhas, deslizando para baixo, sobre o meu nariz, até os meus lábios, o olhar acompanhando o rastro do polegar, aquele olhar carinhoso não desaparecendo do seu rosto.

Aquilo foi doce, *muito* doce. E eu gostei. Muito mesmo.

Mas ele não respondeu à minha pergunta.

— Apollo — chamei e os olhos dele vieram até os meus.

— Élan tem muito exuberância pela vida, mas também tem uma alma sensível — sussurrou. — Mal ouviu os homens que lutavam e se assustou. Ela não viu nada e nunca esteve em perigo. Nenhum dos dois esteve.

— Oh — murmurei, de repente me sentindo estúpida. Também estava imaginando que ele, talvez, tenha achado um pouco estúpido e assustadoramente insano, me ver esfaquear um homem e ameaçar a masculinidade do outro com uma tesoura de poda, por nada. — Tudo bem, então. Talvez tenha exagerado.

Seu corpo começou a tremer de tanto rir, mas parou abruptamente, fechou os olhos, encostou a testa na minha e alinhou seu nariz com o meu.

Certo. Talvez ele não achasse que eu era assustadoramente louca.

Deslizei minhas mãos até o seu pescoço e ele ergueu a cabeça alguns centímetros.

— Me conte sobre as crianças que você perdeu, papoula — sussurrou.

Isso foi totalmente inesperado, um ataque furtivo, e os meus dedos se flexionaram espasmodicamente na carne dele.

— Apollo...

Ele pressionou o corpo contra o meu e pediu gentilmente: — Me conte, minha pomba.

Passei a língua nos lábios.

Ele esperou.

Mordi o lábio inferior.

Ele não se moveu.

Merda.

Ok.

Olhei profundamente nos seus olhos e vi que ele não ia a lugar nenhum até que obtivesse as respostas.

Merda.

Ok.

Não que eu quisesse que ele fosse para qualquer lugar, mas não podíamos ficar nessa competição de “encarar” fixamente para sempre, assim, hesitante, compartilhei: — Uh... perdi meu filho quando ainda estava grávida. Pol ficou irritado por algum motivo e começou a—

— Não fale mais nada — ele grunhiu e fechei a boca quando sua ira inundou o quarto.

Comecei a morder o lábio novamente.

Fixou o olhar sobre ele, mas sua voz era rude quando perguntou: — E a sua filha?

— Aborto aos seis meses — sussurrei.

Ele fechou os olhos e encostou a testa na minha novamente.

Foi a minha vez de esperar.

Ele não me fez esperar muito tempo.

Afastou a testa da minha, deslizou suavemente para fora e saiu de cima de mim. Me virei para o lado e me enrolei quando ele puxou as cobertas debaixo de mim e as atirou por cima.

Depois, nu, caminhou até a lareira, jogou algumas toras nela e voltou para mim.

Entrou sob as cobertas e me puxou para os seus braços, me segurando bem perto, cara a cara, nós dois deitados de lado, a mão se movendo para cima da minha espinha e começando a acariciar o meu cabelo.

Respirei fundo e exalei, me forçando a relaxar.

Ele falou e fez isso em voz baixa.

— Você está na casa anexa. É linda, acolhedora e calorosa. Você vai gostar. Também é, como você sabe, perto da casa principal. Você está aqui para poder controlar quando quer ver meus filhos, em vez de esbarrar neles nos corredores ou se esconder, em um esforço para evitá-los.

Ok, tive que admitir, realmente gostei que, no meio de tudo o que estava acontecendo, ele não só pensou em me dar isso; ele também o tinha dado para mim.

Ele continuou. — Enviei mensagens para Vasterhague para o retorno do nosso trenó e nossos pertences, assim como para Bellebryn, para explicar a minha demora e as informações que obtive do agressor.

Inclinei a cabeça para trás para olhar para ele. — Então você conseguiu tirar alguma coisa dele?

Ele abaixou o queixo para olhar para mim. — Sim.

Não disse mais nada.

— Você vai compartilhar o que conseguiu? — Perguntei.

— Amanhã de manhã — ele respondeu.

Abri a boca e ele tirou a mão do meu cabelo para pressionar os dedos contra os meus lábios.

— Amanhã de manhã, minha pomba.

Olhei nos olhos dele e, desta vez, vi que não ia saber de nada até o dia seguinte.

Então fechei a boca.

Ele tirou os dedos dos meus lábios e voltou a deslizá-los pelo meu cabelo enquanto continuava falando.

— Como meus filhos se tornaram extremamente conscientes dos perigos à espreita, obviamente, vou querer passar um tempo com eles, a fim de amenizar seus medos, bem como avaliar quando tiver conseguido isso.

— Claro.

— Também gostaria que você os conhecesse, assim você pode passar mais tempo com eles também.

Não respondi a isso, mas o meu corpo o fez. Enrijeceu.

A mão no meu cabelo se moveu para segurar o meu queixo e inclinou o rosto para mais perto.

— Você vai amá-los. Eles vão amar você — ele sussurrou e minha respiração ficou presa diante destas palavras. — Sei disso porque você nem os conhecia, só sabia que estavam assustados e se moveu imediatamente para vingá-los. Pode ser desagradável e até mesmo difícil para você, a princípio, mas se você faria o que fez esta noite, mesmo sem conhecê-los, o que poderia acontecer se os conhecer?

Ele não me deu a oportunidade de responder, ele mesmo fez isso.

— Algo de grande beleza. Estou ansioso para que você possa dar isso aos meus filhos, mas, minha papoula — chegou mais perto ainda — estou mais ansioso para você poder ter isso.

Deus, aquilo foi lindo.

Olhei nos olhos dele, em seguida, a fim de me controlar enquanto sentia minhas defesas ruindo, soquei o seu braço.

— Não me faça chorar — respondi. — Tive um par de dias realmente ruins.

Ele sorriu, se aproximou ainda mais e encostou sua boca na minha.

Depois que se afastou, declarou: — Eu vou, naturalmente, passar as noites aqui. Nesta cama. Com você.

Revirei os olhos.

Os dele brilharam com humor e ele continuou.

— E como sinto que você vai precisar de um tempo antes de passar algum tempo com Christophe e Élan, também quero passar mais tempo com você, e porque não quero as crianças por perto quando estiver fazendo isso, os planos que precisam ser feitos após as informações que descobrimos esta noite vão ser feitos aqui. Então você irá hospedar os meus homens.

Isso não parecia ruim. Na verdade, senti tanta falta dos rapazes que isso pareceu incrível.

— Ok — concordei e isso fez com que eu ganhasse um sorriso.

Seus braços me envolveram, ele me puxou para mais perto e me aconcheguei no seu calor.

Depois de uma longa viagem, eu ficando temporariamente insana e o Apollo fazendo... o que quer que ele tenha feito naquela noite, a parte mais difícil estava feita. A parte boa estava por vir. O que vinha a ser sono, o qual, uma vez que ainda estava escuro lá fora, demorou um pouco para Achilles me acalmar (ele usou bebida – foi uma boa escolha) e me convencer

a deitar, estava supondo que não havia tido muito disso. Portanto, estava ansiando por ele.

Meus olhos, principalmente, e sabia disso porque estavam se fechando.

— Você cavalgou arduamente nos meus calcanhares, sem comer, sem dormir, sem falar, ao meu lado durante todo o caminho para chegar até os meus filhos — ele sussurrou.

Eu não disse nada.

Ele disse.

Me aconchegou ainda mais perto, beijou o topo da minha cabeça e continuou a sussurrar quando disse: — Obrigado, minha pomba.

Minha resposta foi pressionar o rosto no seu peito.

Ele ficou em silêncio.

Eu estava quente e aconchegada sob as cobertas, abraçada por ele, depois de haver tido um orgasmo realmente incrível, por isso minhas pálpebras começaram a se fechar novamente.

— Você gostou do nosso jogo.

Apollo falou e meus olhos pararam de fechar, principalmente, porque não sabia sobre o que ele estava falando.

Desta vez, eu falei.

— Perdão?

Seus braços me apertaram. — Nosso jogo, Maddie, foi brusco. Muito. E você gostou. Muito mesmo.

Ele podia dizer isso de novo.

Mas quão vergonhoso era isso?

— Bem... uh... o chá de adela—

— Sim, eu sinto que isso abriu mais portas para nós, mais cedo do que eu imaginava.

Inclinei a cabeça para olhar para ele novamente.

— Desculpe?

— Você tomou o meu pau. E eu pude sentir a sua excitação crescer enquanto batia em você. Além disso, você se manteve aberta para mim, ao meu comando — ele parou. Eu tinha certeza que estava corando. Seus olhos se estreitaram ligeiramente e se tornaram quase pensativos. — Na verdade, você fez tudo o que eu ordenei.

Oh, Jesus.

— Apollo—

— E o seu orgasmo foi bem longo.

Sim. Eu estava corando.

— Ap...

Seus braços me apertaram e ele prosseguiu enquanto sua mão se afastava das minhas costas, ia para o topo da minha cabeça e pressionava o meu rosto contra a sua garganta. — Vamos explorar isso.

Oh, Jesus!

— Profundamente — decretou.

Oh, Deus.

Me puxou para mais perto e entrelaçou as pernas pesadas nas minhas, murmurando: — Vou aproveitar para deixar você de joelhos, admirando a sua bunda vermelha por causa da minha mão.

Deus.

Eu já não estava corando, mas *estava* exausta, mortificada, mas ele estava conseguindo me deixar excitada.

— Agora, vamos dormir — anunciou.

Graças a Deus.

Me aconcheguei mais e comecei a fingir que estava adormecendo rápido, então ele não poderia fazer ou dizer mais alguma coisa para me deixar assustada.

Esta missão falhou.



E isso aconteceu quando ele sussurrou, com voz rouca, com outro aperto dos seus braços, este, feroz. — Você é uma leoa.

Fechei os olhos com força e não disse nada.

Ele disse.

— Gosto disso.

Me aconcheguei mais ainda e suspirei.

Oh, Jesus.

Capítulo Quatorze

Um Coração Mole Demais Para Um Soldado

Apollo sentou na beirada da cama, afastou a pesada cabelereira ruiva da Maddie do seu pescoço e o envolveu com a mão.

Se inclinou mais e falou gentilmente: — Acorde, Madeleine.

Ela não acordou até que ele cuidadosamente pressionou os dedos no seu pescoço. Então, seus olhos lentamente se abriram e ela virou a cabeça no travesseiro, sonolenta, com o foco nele.

— Oi — ela murmurou.

Ele sentiu o estômago se contrair.

Como podia uma única sílaba ser tão doce?

— Você não precisa levantar — sussurrou. — Só queria lhe informar que estou de saída para tomar o café da manhã com os meus filhos.

— Tudo bem, querido — ela respondeu.

Ele já tinha ouvido esse tratamento carinhoso sendo usado por outras mulheres do seu mundo com os seus homens. Nunca lhe ocorreu que um dia o teria.

Quando, e se o tivesse, não podia ter sabido que gostaria tanto.

— Provavelmente vou estar ocupado durante todo o dia, mas venho jantar com você — disse a ela.

— Tudo bem — ela concordou, sonolenta.

— Volte a dormir, minha pomba — completou.

— Certo, baby — ela murmurou.

E este carinho, não tinha ideia do porquê, sentiu no seu pênis. Todas as vezes. Mesmo quando ela o fez enquanto estava vasculhando os bolsos de um homem morto.

Neste pensamento, todo o seu corpo se acalmou quando ela virou a cabeça e tocou os lábios no interior do seu pulso, doce e suavemente, com amor.

Não havia se recuperado ainda do breve toque antes que ela virasse o rosto e o esfregasse nos travesseiros, murmurando: — Até mais tarde.

Ele não se moveu, nem mesmo quando sentiu sua mente escorregar de volta para o sono. Em vez disso, ficou sentado, olhando para ela, perguntando o que motivaria um homem a machucá-la.

Intimidá-la.

Deixá-la viver com medo.

Fazê-la suportar uma vida em fuga.

Machucá-la, de qualquer forma.

Jamais.

Não podia se permitir pensar no seu outro eu levantando a mão e matando o Christophe daquele mundo enquanto ele crescia dentro da sua Madeleine.

Iria pensar sobre isto mais tarde, quando visse Valentine novamente. E, então, daria a ela um outro diamante Sjöfn, ou um baú deles, para providenciar o que precisava ser feito com o Apollo do outro mundo.

Isso não era para agora.

Por agora, não havia muito a ser feito.

Com relutância, pois preferia muito mais tirar a roupa e voltar para sua suavidade quente na cama, em vez disso, a deixou e à casa. Foi para o pequeno estábulo para quatro cavalos da casa anexa e selou o cavalo que tinha deixado lá. Montou o cavalo e foi para casa.

A curta viagem até a casa principal da Karsvall devia ter sido feita com seus pensamentos nas muitas coisas que precisava fazer. E se não naqueles, em seguida, nos seus filhos.

Mas não foi assim.

Estavam ocupados por Madeleine.

Sua Madeleine, que correu para vingar seus filhos. Sua Madeleine, cujos gritos de fúria ouviu enquanto corria para o galpão do jardineiro na noite anterior. Sua Madeleine, que viu afundar uma faca em um homem e ouviu ameaçar outro, tudo em defesa dos seus filhos.

Sua Madeleine, que foi empalada por trás pelo seu pênis, choramingou e gemeu enquanto ele a montava, gozando com tanta força, que seu sexo convulsionou em torno do seu pau, o ordenhando e prolongando o orgasmo de uma maneira que nunca tinha experimentado.

De um jeito que ele gostou muito.

Mantendo o cavalo em um galope tranquilo, seus pensamentos voltaram a se conturbar quando se desviaram para Ilsa.

Sua esposa não tinha sido aventureira durante o sexo. Ele não se importava, seus apetites eram fortes e saudáveis, independentemente de serem conservadores. Ela o havia excitado bastante, e ele era saciado quase todas as noites durante todo o seu casamento.

No entanto, não passou despercebido para ele que havia muitas coisas mais que queria, desejos que apresentou no seu leito conjugal que não foram desprezados, mas foram negados suavemente.

Tinha, mais de uma vez, considerado sugerir o chá de adela para Ilsa, quando estava viva. No final, foi só o tempo, e o fato de que ficou sem ele, que o fez deixar para lá essa discussão.

Com apenas duas sessões, Madeleine tinha ido mais longe com ele do que nos anos em que esteve com Ilsa.

A primeira vez – quando ela tinha tomado o seu membro tão profundamente que ele podia sentir a ponta encostar no fundo da sua garganta e, quando ela tinha aceitado o polegar na bunda dela, gemendo e contraindo em volta dele violentamente, podia atribuir ao chá de adela.

Ontem à noite, não.

Ontem à noite, sem o chá, ela se entregou com igual abandono. Tinha ido até ela forjado com a emoção por tudo o que ela tinha feito, queimando com necessidade e a tomado no meio disto tudo.

Mas ela não estava com medo ou repulsa. O igualou em sua paixão e até mesmo o superou.

E, durante o sexo, não precisou ser cauteloso, conter seus desejos, fazer ou ser qualquer coisa, apenas ele mesmo e tomar o que desejava, Maddie se entregando a ele.

Alegremente.

Estava muito consciente que, quando se tornassem sintonizados um com o outro, descobrissem mais um sobre o outro, se acostumassem um com o outro, iria fazer comparações entre o que estava construindo com Madeleine e o que tivera com Ilsa. Isso aconteceria, mesmo se ela não se parecesse com a Ilsa.

O que ele não teria imaginado, após o trauma que sofreu quando perdeu Ilsa, foi que Madeleine, ao que parece, em um tempo muito curto, estava começando a superar toda a beleza, a inteligência e a força que tinha sido sua esposa.

Quinze anos atrás, seus olhos caíram sobre Ilsa, ele rapidamente foi afetado e, não muito tempo depois, se apaixonou.

Com Madeleine, havia algo mais.

Não podia mudar o seu jeito. Seus sorrisos pareciam presentes. Sua risada, um triunfo. Cada “querido”, um tesouro. Cada “baby” enviava um estímulo para o seu pênis.

Ele não estava afetado.

Estava sendo consumido.

E estava preocupado com isso.

Não com o que estava acontecendo. Não que alguma parte dele sentisse que esta resposta rápida à Madeleine fosse uma traição com Ilsa.

Não, porque se o mundo podia ficar sombrio com a perda da Ilsa e se estes sentimentos que tinha pela Madeleine crescessem, o que seria dele se a perdesse?

O cavalo chegou à clareira das árvores e a atenção do Apollo foi desviada da Maddie quando viu Achilles e Draven nos degraus da frente de Karsvall, um cavalo parado, Derrik o preparando.

Tudo o que precisava ser feito na noite passada foi feito com a rapidez necessária. Por isso, teve pouco tempo para falar com qualquer dos seus homens enquanto fazia isso, além de dar ordens. E tinha ido diretamente para Maddie, por isso não houve tempo, depois que tudo foi feito.

Independentemente disso, não teria conseguido falar com Derrik pois, depois de terem extraído as informações do assassino, Derrik havia se ausentado totalmente.

Na hora, Apollo não teve tempo nem o desejo de procurá-lo e compartilhar gratidão por seus esforços em manter Christophe, Élan e Karsvall segura.

Agora, tinha esse tempo e esperava que, o que tinha ocorrido desde que tinha visto seu amigo na última vez, tivesse ajudado a arrefecer sua ira.

Enfiou os calcanhares no cavalo para movê-lo para um trote e freou quando chegou perto da montaria do Derrik, o observando prepará-lo para uma viagem.

Derrik, claramente, estava voltando para a Casa de Lazarus.

Talvez sua ira não tivesse arrefecido.

Seus olhos deslizaram através de Achilles e Draven.

Draven parecia irritado. Achilles, pensativo. Isto não lhe disse nada.

Embora Draven não ficasse muitas vezes irritado, era conhecido que podia ficar assim de vez em quando.

Achilles era muito parecido com qualquer Ulfr. Na maioria das vezes, mantinha suas emoções para si mesmo. Achilles, no entanto, era um mestre nisso.

Apollo desmontou e se aproximou dos homens. Todos eles o observaram, mas apenas Derrik o fez com olhos frios.

— Bom dia, Lo — Achilles falou.

Apollo acenou com a mão para Achilles e Draven e voltou sua atenção para Derrik quando parou há um metro dele.

— Vai viajar para Lazarus? — Perguntou em voz baixa.

— Vou para a Ilha do Espectro — Derrik anunciou, a voz não tão tranquila, mas ainda fria, suas palavras despertando a ira do *Apollo*.

Estreitou os olhos para Derrik, sua voz não mais tranquila, mas impaciente, quando rebateu: — Não seja tolo.

A Ilha do Espectro, descobriram ontem à noite, se pudessem acreditar no conspirador, era onde Minerva, Baldur, e as duas bruxas Valearianas com as quais estavam conspirando, Edith e Helda, estavam escondidos.

Vendo a mandíbula do Derrik enrijecer, Apollo continuou.

— Ontem à noite, passei a metade dela escrevendo mensagens que—

— E a segunda metade passou trepando com a Maddie — Derrik o interrompeu, vociferando.

Apollo cerrou os dentes.

Não compreendeu todas as palavras, mas não precisava, a fim de compreender o seu significado.

Isto foi provado quando Draven grunhiu: — Cuidado, Rik.

Derrik não tirou os olhos do Apollo e o conhecia bem, para entendê-lo.

Isso o fez inclinar a cabeça para o lado com curiosidade fingida. — Ela não compartilhou isso com você? O significado dessa palavra no seu mundo de merda? Tem muitos usos, irmão. Quando ela toma algumas cervejas, alguns copos de vinho, fica com a língua solta. — Levantou o braço para apontar para Achilles e Draven. — Ela compartilhou com todos nós os xingamentos do outro mundo. Essa é a minha favorita, em particular.

— Fascinante — Apollo respondeu, seu tom de voz saindo seco.

— Embora ache que, se *você* der algumas cervejas a ela, com a língua solta, você gostaria de encontrar outros usos para ela.

Diante disso, Apollo grunhiu, Draven também, e ambos se moveram.

Achilles se moveu também, mas só conseguiu segurar o Draven.

Não impediu Apollo e, assim, o punho do Apollo atingiu com força a mandíbula do Derrik. Com satisfação, viu a cabeça do seu amigo girar para o lado, o sangue esguichando da sua

boca, espirrando na neve. Depois disso, Derrik deu imediatamente um passo para trás, mas levantou os punhos, o corpo preparado.

Pronto.

Apollo não levantou os punhos. Com os olhos fixos no Derrik, não lhe deu nem isso. Seu amigo sabia, depois de anos de treino para batalhas, quem seria vencido, no final. E não seria o Apollo.

Achilles se moveu entre eles, os braços levantados e falou: — Pensem, irmãos.

Ele não ia pensar.

Ia advertir.

— Mais uma palavra da sua boca sobre Madeleine e você vai catar os seus dentes na neve.

— Pelos deuses, você está falando da Maddie — Draven falou com raiva. — Só mais uma palavra como essa e metade dos homens vai lançar seus dentes na neve.

Derrik baixou os punhos, cruzou os braços sobre o peito, mas não disse nada. Através destes movimentos, não tirou os olhos do Apollo.

Achilles deu um passo hesitante entre os homens, mas se aproximou mais e sugeriu: — Vamos em frente com isso.

Devíamos estar discutindo sua viagem, Rik. Obviamente, Lo concorda com o que Draven e eu temos tentado convencê-lo durante toda a manhã. É mais do que imprudente.

Derrik tirou os olhos de Apollo para olhar para Achilles. — Eu só vou dar uma olhada.

As sobrancelhas do Achilles se ergueram. — Sozinho, sem um único homem na sua retaguarda ou uma bruxa para protegê-lo? — Balançou a cabeça. — Você sabe que isso é imprudente. Dificilmente ajuda a causa, perder um homem bom e, definitivamente, não vai ajudar, perder um irmão.

— Nada vai ser perdido. Sou qualificado para isso — Derrik rebateu e Apollo sabia que não estava errado. Se precisavam de um olheiro, Derrik sempre aceitava a missão. Não era apenas hábil nisso. Ele se destacava.

Mas estavam falando sobre uma deusa e duas bruxas que eram conhecidas por possuir tanto poder quanto Minerva. Ele nem mesmo colocaria os olhos na Ilha do Espectro sem ser detectado.

E despachado.

— As aves foram enviadas para Houllebec ontem à noite — Apollo disse. — Frey pode providenciar alguns homens da aldeia e é apenas uma cavalgada de três dias—

— Uma cavalgada árdua — Derrik o interrompeu. — E você acha, *irmão*, que temos três dias antes de enfrentarmos algo ainda pior, depois do que aconteceu ontem à noite?

— Foi uma jogada, Rik — afirmou Achilles e Derrik olhou para ele. — Você ouviu o homem. Eles foram enviados para assassinar Lo, Maddie e as crianças como um aviso para os outros cederem sem lutar. Nem sequer usaram magia.

— Foi um primeiro ataque — Derrik contrariou. — Estamos em guerra.

Infelizmente, ele não estava errado.

— Uma primeira batalha na qual prevalecemos — Achilles o lembrou.

— E o quê? Ficamos sentados e esperamos pela segunda? — Perguntou, ironicamente, Derrik.

— Uma guerra travada em várias frentes enfraquece o inimigo — Apollo disse baixinho e Derrik olhou para ele. — Você sabe disso. Se Frey, Lahn, Tor e eu estivéssemos reunidos em um só lugar, Minerva teria de conjurar um feitiço e enviar um exército de criaturas. Conosco separados, ela tem de criar pelo menos dois exércitos e enviá-los para dois locais, dependendo de onde os outros homens estão agora. Sua magia já ficou enfraquecida depois que enviou Tor para o outro mundo e você

sabe que a magia não se renova rapidamente. Se precisar fazer isso, vai custar muito a ela.

— E, claramente, essa estratégia foi decidida por você, e somente você, na noite passada — Derrik retrucou. — Apenas alguns dias atrás, você estava fora de Bellebryn para se encontrar com os outros.

— E não fui chamado pelo Frey e pela Rainha Aurora para fazer exatamente isso? — Apollo rebateu. — Providenciar uma estratégia?

Derrik fechou a boca pois sabia que tinha sido assim.

— Com esse inimigo, o plano sempre foi buscar informações, estratégias, preparativos e não atacar até que eles o fizessem e, portanto, estarem enfraquecidos — Apollo afirmou.

— Então, suportaremos o que quer que atirem em nós nesse meio tempo? — Derrik pressionou. — Sozinhos. E os outros suportam o que quer que possa estar acontecendo com eles, e que se danem?

— Estamos limitados pela comunicação lenta, irmão. E leva para um pássaro em voo ou um homem a cavalo muito menos tempo para percorrer a distância, que um homem demoraria escoltando uma mulher em um trenó. Se os outros discordam e eu sentir que há segurança nos números, isso vai ser

discutido. Mas derrotei três homens com espadas, armado apenas com as minhas facas. Eles eram bastante habilidosos, e não gosto de pensar no que teria acontecido se a Maddie não estivesse lá para me ajudar. — Seus olhos se focaram, afiados, no Derrik. — Nem quero pensar no que teria acontecido com ela se eu tivesse sido derrotado e eles se voltassem para ela.

A mandíbula do Derrik enrijeceu novamente e Apollo soube que seu ponto de vista foi entendido.

Então, continuou.

— E meus filhos foram ameaçados — disse, com uma calma mortal. — Não vou deixá-los. Vou ficar e proteger a minha família e a minha casa. Esta é a minha decisão e é estratégica, mas também é a decisão de um homem, um marido e um pai. Portanto, não é “os outros que se danem”, pois eu sei, sem dúvida nenhuma, que Frey, Lahn e Tor fariam exatamente a mesma coisa.

— Então, você casou com ela ao longo da viagem — Derrik respondeu.

Apollo respirou fundo, irritado, por estar de volta sobre o assunto Maddie. — Não.

— Então você não é seu marido.

— Ainda não.

— Mas é sua intenção tomá-la como esposa — Derrik continuou.

Apollo encarou seu olhar por longos momentos antes de dizer: — Sim.

Algo lampejou no olhar do Derrik, que Apollo, em todos os anos conhecendo um ao outro, e eram muitos, nunca tinha visto.

Em seguida, disse suavemente: — Então ela é Maddie para você, mas quem é você para ela, irmão?

— Essa baboseira é necessária? — Draven o interrompeu ao perguntar.

Mas Derrik não desviou o olhar de Apollo e continuou a falar.

— Já lhe ocorreu que, quando ela olha para você, enquanto a toma, ela vê o marido do outro mundo, que parecia errado em amar, o marido do outro mundo que desejava ter, e não você?

Apollo ficou completamente imóvel, porque se não ficasse, não seria responsável por aquilo que faria.

E também porque isso não lhe ocorrera.

Nem uma vez.

Ela chamava seu outro eu de “Pol”. Ela não tinha cometido nenhum deslize ou até mesmo começou a chamá-lo pelo mesmo nome.

Portanto, isso não podia ser possível.

Podia?

— Eu já estava há quatro meses convivendo com ela e ela me contou muito sobre aquele homem — Derrik afirmou.

Diante disso, estranhamente, Achilles perdeu a paciência e o fez desviar o olhar. — Ela lhe contou várias coisas e fez isso porque confiava em você. Não traia isso agora, Rik.

A máscara do Derrik escorregou, remorso brilhando através dela quando olhou para Achilles, em seguida, para Apollo, abrindo a boca para falar.

— E agora você prova o sangue que Lo colocou na sua boca, Rik — Draven afirmou, antes que Derrik pudesse dizer uma palavra. Se moveu para ficar perto do Apollo e finalizou: — Mas, se mais alguma palavra sair dessa boca sobre a Maddie, você não vai catar os seus dentes na neve. Você vai ter que os cuspir do seu intestino.

Diante disso, Apollo permaneceu quieto e silencioso.

Depois disso, Derrik olhou para Apollo. Quando não conseguiu nada, transferiu o olhar para Draven, em seguida,

para Achilles e, finalmente, se moveu para o seu cavalo, murmurando: — Estou partindo para a Ilha do Espectro.

— Você gostaria de ser enterrado na terra dos Lazarus ou dos Ulfr? — Draven perguntou após ele ter montado.

Derrick olhou para todos eles.

— Se essa decisão precisar ser tomada, estarei morto, assim, o que me importa?

Depois disso, estalou a língua, cravou os calcanhares no seu corcel e avançou pelo meio da neve.

Quando Apollo o perdeu de vista, se virou para os outros homens e perguntou: — Foi decisão do Derrick não ficar no meu castelo em Vale?

— Ele decidiu a nossa rota, Lo — Achilles respondeu calmamente.

— Ele compartilhou a razão pela qual se desviou de tais acomodações de luxo quando estava ao longo da rota mais direta para o porto? Sem falar que ele parecia bastante interessado em mostrar à Maddie, muito deste mundo. Perguntei e ela não viu um único castelo, exceto de longe, quando viu Bellebryn do navio.

— Não — Draven respondeu em seguida.

Apollo olhou novamente para a pista, murmurando: — Ele não está bem.

— Lo, você deve saber, ele parecia bastante encantado por ela, quase desde o começo — Achilles compartilhou.

Apollo olhou mais uma vez para o seu primo, repetindo: — Ele não está bem.

— Ele é um homem apaixonado — Achilles respondeu cuidadosamente, os olhos astutos sobre Apollo. — Eles fazem muitas coisas que não são certas.

— Você, ao meu lado, cresceu junto com esse homem, primo. Aquele homem que acabou de partir não é o homem com o qual cresci. Mais uma vez, ele... não... está... *bem*.

— Eu concordo com o Lo — Draven afirmou. — Ele não está bem.

— E por que você acha isso? — Perguntou Achilles.

— Acho que, depois do que Minerva forçou Tor e Cora aguentarem, a escuridão da alma que Baldur sempre teve, a magia sob o seu comando, devemos ficar bem atentos a tudo o que não parece certo — Apollo respondeu. Olhou para Draven. — Escolha um homem para segui-lo.

Draven assentiu e se virou imediatamente para a casa.

Apollo olhou para Achilles.

Achilles falou, e o fez em voz baixa.

— Ele pode não estar agindo como o Derrik, mas não estava errado antes. Você passou a noite com Maddie.

— E esta é a sua preocupação? — Apollo perguntou.

— Só faz alguns dias. Como chegou tão longe, tão rápido, primo? — Perguntou Achilles, em resposta.

— Vou repetir, esta é a sua preocupação?

— Você acabou de observar que devemos estar atentos a qualquer coisa que não pareça certa — Achilles ressaltou.

Ele o fez, de fato.

Apollo suspirou e compartilhou: — A bruxa com a magia verde a apresentou ao chá de adela. — Parou e encarou os olhos do seu primo, antes de concluir. — E eu estava perto.

As sobrancelhas do Achilles se ergueram. — Você se aproveitou?

Apollo endireitou as costas e seu tom era baixo, quando afirmou: — Maddie e eu estamos lidando com isso.

— Você se aproveitou — Achilles murmurou, o observando.

Apollo sentiu sua pele formigar. — Vou responder à pergunta anterior para você. Isto não é problema seu.

— Ela é vulnerável — Achilles advertiu.

— Concordo. É por isso que ela precisa de mim.

Achilles inclinou a cabeça para o lado, o olhar não se desviando do Apollo, e observou: — Você se importa com ela.

Apollo não hesitou e sua voz era firme quando respondeu: — Muito.

Os lábios do seu primo se curvaram. — Não é uma surpresa que *isto* não tenha demorado muito.

Apollo não tinha nenhuma resposta, pois ele falou a verdade.

Achilles continuou a encarar seu olhar e disse baixinho: — Ela também compartilhou algumas coisas comigo, primo, e não iria aceitá-lo.

Apollo sentiu seu cenho se franzir. — Perdão?

— É escolha dela compartilhar com você, aquilo que confiou a mim. Mas você precisa saber que a semente de dúvida plantada pelo Derrik não tem fundamento. Ela não iria aceitá-lo na sua cama. Não pela vontade dela. Nunca mais. O que quer que eles tivessem, ele destruiu há muito tempo atrás. Se ela o está aceitando, é a *você* que ela está aceitando.

Apollo sentiu o fluxo de tensão deixar o seu corpo diante dessas palavras.

Então ergueu o queixo e se moveu para os degraus, murmurando: — Estou indo tomar o café da manhã com meus filhos.

Estava quase na porta quando Achilles chamou o seu nome.

Ele parou, se virou e olhou para o primo.

— Durante anos, tenho visto você de luto — Achilles começou. — Isso me entristecia. Agora, me agrada vê-lo novamente alcançar a felicidade. — Fez uma pausa e concluiu. — Desejo que não demore a desfrutá-la.

Sua garganta formigou, mas os lábios disseram: — Seu coração é mole demais para um soldado.

— Diz o homem que ficou de luto pela esposa por quatro anos e meio — Achilles rapidamente rebateu.

Infelizmente, para isso, Apollo não tinha réplica.

Achilles sabia disso, então sorriu antes de se virar e caminhar para longe.

Apollo suspirou novamente e se encaminhou para os seus filhos.

* * * * *

— Quando a dama com cabelos de fogo vai vir nos ver, Papa?

Élan estava de joelhos ao lado dele no sofá, inclinada, descansando o corpo pequeno na sua lateral. Também estava, em um gesto tipicamente feminino, enrolando as pontas do cabelo com os dedos.

Mas, diante da sua pergunta, os olhos do Apollo se fixaram no seu filho.

Christophe estava deitado de barriga para baixo no chão, os joelhos dobrados, tornozelos cruzados, os pés no ar. Tinha uma lousa na frente dele, um giz na mão. Estava desenhando, mas diante da pergunta da irmã, o giz pousou na lousa.

Isto não prenunciava nada de bom.

Virou a cabeça para olhar para a sua filha e, a observando de perto, e sendo cauteloso com as palavras para não reacender seus temores da noite anterior, disse: — Ela cavalgou comigo durante a noite, assim como durante o dia, para chegarmos até você, menina preciosa. Por causa disso, estava cansada e, hoje, vai descansar.

Não demonstrando nenhum sinal deste lembrete a ter afligido, Élan assentiu, mas perguntou: — Será que ela vai vir amanhã?

— Talvez — Apollo respondeu.

Élan inclinou a cabeça para o lado e observou: — Ela é muito bonita.

É — Apollo concordou.

Élan escancarou a boca antes de declarar: — Ela parecia muito zangada.

Apollo sentiu alguma coisa vindo do seu filho, mas manteve os olhos na filha. — Ela estava chateada porque vocês estavam com medo.

— Eu estava chateada porque estava com medo, também — declarou ela.

Ele sorriu, se virou para ela e a puxou para os seus braços. Ela gritou em protesto simulado, como sempre fazia. Mas quando depositou um beijo molhado no seu pescoço, ela riu.

Quando levantou a cabeça, ela colocou a mão no seu rosto e disse: — Estou contente por não estarmos mais na escola, Papa.

Apollo estava contente também. Mesmo quando os tempos não eram difíceis, não gostava de estarem tão longe. Podia ser errado, mas sentia isso, especialmente este ano, o primeiro da Élan. Mas ele era pai e ela era sua filha, e não podia imaginar

qualquer pai ficando feliz ao enviar sua garotinha, através de dois países, para a escola.

Seu filho não era apenas um menino, mas o filho mais velho. Também era muito parecido com a mãe, extremamente inteligente e autoconfiante. Christophe, estranhamente, tinha apresentado esses sinais desde muito jovem. Embora Apollo não tivesse gostado de o enviar, também, isso havia causado menos desconforto.

No entanto, Ilsa tinha ido para a escola, como o seu pai, antes dela, e o seu antes dele. Era, na verdade, a melhor escola que havia nas Northlands. E sempre tinha sido seu desejo que seus filhos a frequentassem.

Então, cedeu a esse desejo, mesmo depois da sua morte.

Talvez, especialmente, depois da sua morte.

Quando ela estava viva, tinham planos, claro, passavam muito do seu tempo em Benies enquanto as crianças estavam na escola. E quando fosse seguro para eles voltarem, Apollo decidiu que ele e Madeleine fariam exatamente isso.

— Estou feliz que você esteja em casa também, minha menina querida — respondeu, em seguida, adotou uma expressão de gravidade simulada. — Mas não pense que, com seu pai em casa, hoje, permitindo que fique longe dos estudos, que

pode ser preguiçosa todo dia. Estará de volta aos estudos amanhã de manhã.

Ela fez uma careta, claramente não ansiosa por isto, e ele sorriu mais uma vez.

— Élan, minha querida, hora do banho — Bella, a babá das crianças, falou da porta.

— Oh, não! — Élan gritou, se virando e sentando no colo do pai para olhar para a babá. — Não quero tomar banho agora.

Bella colocou as mãos nos quadris. — Então pode me dizer quando deseja tomar o seu banho, senhorita?

— Em uma hora — Élan tentou.

— Em uma hora, você vai estar na cama, de olhos fechados, sonhando bons sonhos — Bella rebateu.

Élan fez uma pausa e veio com um plano diferente.

— Que tal ignorá-lo hoje à noite e tomar banho amanhã? — Ela insistiu.

— Não me importo se você não tomar banho — Apollo declarou e os olhos felizes da sua filha foram até ele. — Na verdade, não há problema nenhum em não tomar banho nunca mais. No entanto, isso a deixaria fedida e eu não vou segurar minha menina no colo, se ela estiver malcheirosa.

Élan fez outra careta, desta vez enrugando o nariz. Mas suas palavras também serviram para fazê-la se mover. Ela saltou do seu colo só para correr dois passos na direção da Bella, parar e correr de volta.

Ela pulou novamente no sofá, jogou os braços em torno do Apollo e sussurrou no seu ouvido: — Estou feliz por você estar de volta, Papa.

Apollo passou os braços em volta dela, a puxou para si e absorveu seu cheiro, que estava longe de ser desagradável.

Em seguida, voltou a sussurrar no seu ouvido e disse: — Dê ao seu pai um beijo de boa noite e vá com a Bella.

Ela se afastou, segurou seu rosto com as duas mãos e lhe deu um sonoro beijo na bochecha, antes de novamente pular do sofá e correr até Bella.

Segurando sua mão estendida, seguiu a empregada enquanto Bella falava: — Chris, você é o próximo.

— Certo, Bella — Christophe respondeu e os olhos do Apollo foram até ele.

— Filho?

Christophe olhou para o seu pai.

— Sente-se aqui ao meu lado — ordenou.

Rolando pelo chão, como só uma criança faria, se levantou e foi até o sofá.

Apollo o observou enquanto fazia isso.

Christophe tinha, já há algum tempo, se negado a usar o que ele chamava de “roupas de menininho” e exigiu usar calções, ou calças e botas de cano alto, não apenas calções e botas até o tornozelo. Também tinha começado a usar capas compridas, que iam até os tornozelos, e não as curtas, que iam até as suas costas.

Apollo tinha permitido isso. Se seu filho queria ser um pequeno homem, não havia nenhuma razão para que não pudesse ser. Ele era excelente nos estudos e talentoso com um cavalo, sem mencionar que mostrou ser uma grande promessa com um arco e com sua espada de madeira.

E, de qualquer maneira, Apollo também tinha odiado aquelas botas até os tornozelos quando tinha a idade do Christophe, então não viu nenhuma razão para forçar seu filho a usá-las até que tivesse treze anos.

Apollo observava enquanto Christophe se sentava no sofá, na extremidade oposta a ele, acomodando o corpo de menino, representando exatamente o do seu pai o melhor que podia com o seu corpo muito menor. O que queria dizer que se recostou com uma perna cruzada, o tornozelo repousando sobre o outro joelho.

No entanto, não tinha os braços abertos ao longo das costas e do braço do sofá, pois seus braços não os alcançavam.

Apollo reprimiu o riso e encarou o olhar do filho.

— Como a sua irmã já saiu, pensei em conversarmos de homem para homem — começou.

O peito do Christophe estufou e Apollo foi forçado a esconder outro sorriso.

— Você está bem? — Perguntou em voz baixa.

Christophe assentiu. — Sim, Papa. Estou bem. E Élan, também. Eu sabia que Achilles e Derrik não iriam deixar que eles chegassem até nós.

— Não é sobre isso que estou falando, filho — Apollo colocou, cuidadosamente.

Christophe olhou para o tapete. Ele sabia sobre o que estavam falando.

— Olhe para mim, Chris — Apollo pediu e Christophe olhou novamente para o pai. — Madeleine, que é como ela deseja ser chamada neste mundo, está muito ansiosa sobre o encontro com você, sabendo como ela parecerá para você.

Christophe disse nada por longos momentos, mas não desviou o olhar do seu pai.

Em seguida, deixou escapar: — Nathaniel me disse.

Apollo piscou.

Perplexo com esta mudança de assunto, perguntou: — Nathaniel disse o quê?

— Ele estava olhando através de uma fresta — Christophe continuou, ainda sem fazer sentido.

— Filho — Apollo começou. — Explique.

— Uma fresta — ele hesitou — no galpão do jardineiro.

Apollo respirou afiado.

Christophe tirou o tornozelo de cima do joelho e se inclinou, apoiando a mão no sofá, perguntando com entusiasmo: — Ela realmente golpeou um homem com uma faca, Papa?

Apollo olhou para os olhos brilhantes do filho e não respondeu. Em vez disso, declarou: — Nathaniel não devia ter feito isso, nem devia ter compartilhado o que viu com você.

Christophe sustentou o olhar dele.

Em seguida, sussurrou: — Ela golpeou.

Diabos.

— Ela estava cansada e zangada — Apollo disse para ele.

Ele viu a boca do seu filho se curvar antes de comentar: — Ela teria que estar muito cansada e muito zangada para golpear um homem.

Em outras circunstâncias, não essas, concordaria com seu filho que isto era divertido.

Desta vez, não o fez.

Tinha outras preocupações.

— O que mais Nathaniel disse que viu?

Christophe se recostou, os ombros caindo. — Nada. Lees o viu quando estava levando a dama... quero dizer, Madeleine, para fora, e apontou para ele, assim achou melhor fugir.

Apollo relaxou.

— Ele disse que ela era ainda mais malvada do que o Laures

— Christophe continuou.

— Mais uma vez, ela não estava em um bom estado de espírito — Apollo respondeu.

Um lado da boca do seu filho se curvou para cima quando comentou. — Nathaniel disse que foi impressionante. Ela segurou o rosto do homem, tomou a faca do Laures e...

Parou de falar quando Apollo tirou os braços do sofá, se inclinou para ele e compartilhou baixinho: — Você lembra do que eu disse no navio, a caminho de casa, sobre os dois mundos?

— Sim, Papa — Christophe respondeu.

— Em seu mundo, ela perdeu você e a Élan.

Christophe manteve a boca fechada.

— No mundo dela, os seus gêmeos nunca nasceram. Mas ela carregou ambos e os seus gêmeos foram tirados dela antes que tivessem suas primeiras respirações.

Christophe olhou nos olhos do seu pai, os dele, agora, tristes.

No entanto, Apollo continuou falando.

— Ela ainda sofre por isso. E quando viu as crianças que nunca teve, e as viu com medo, reagiu. Fez o que teria feito se vocês fossem seus próprios filhos. Não foi impressionante o que ela fez, Chris. Foi lindo. Você não acha?

Christophe balançou a cabeça lentamente.

— Sua irmã não entende isso, porque não se lembra de perder sua mãe. Mas eu acho que você entende. Ela perdeu seu Christophe e sua Élan. Você perdeu a sua mãe. Entre todas as pessoas, você e eu, nós compreendemos. Você concorda?

Seu filho, mais uma vez, balançou a cabeça lentamente.

— Ela vai precisar de algum tempo para ter coragem para conhecer você e a sua irmã. Pode me ajudar a conter a excitação da sua irmã, a fim de lhe dar esse tempo?

— Sim, Papa — Christophe sussurrou.

— Obrigada, meu filho — Apollo murmurou, levantando a mão e a colocando na lateral do pescoço do seu filho. — Agora, vá tomar o seu banho. Vejo você no café da manhã, amanhã.

— Tudo bem, Papa.

Apollo o observou pular do sofá e não ganhou nenhum abraço do filho. Mesmo com oito (quase nove) anos, Christophe era muito velho para isso.

Mas ele se virou quando chegou na porta e falou: — Quando você a ver, vai dizer a ela que Élan está animada para conhecê-la?

Isso significava uma coisa completamente diferente.

Apollo sentiu o aperto no estômago diminuir e respondeu: — Direi.

Christophe assentiu e saiu da sala.

Apollo respirou fundo e exalou a respiração. Então levantou do sofá e saiu da sala. Encontrou um servo e ordenou

que um cavalo fosse levado até ele. Então encontrou Laures e lhe falou sobre Nathaniel. Também ordenou que encontrasse Nathaniel, descobrisse tudo o que ele tinha visto, extraísse uma promessa que ele pararia de falar sobre isso, assim como uma outra, de que não faria nada tão tolo novamente.

Finalmente, Apollo pegou sua capa e a vestiu, saiu da casa e foi até o cavalo selado que esperava por ele na frente da casa.

Não foi uma viagem tranquila até a casa anexa.

Mas quando entrou na pequena clareira, puxou as rédeas diante do que viu.

Duas tochas iluminavam a porta da frente e lançavam um brilho na clareira.

E, nessa clareira, não estavam um, não dois, mas três bonecos de neve.

Olhou com mais atenção e viu que tinha que se corrigir.

Dois bonecos de neve e uma *boneca* de neve.

Obviamente, Maddie tinha encontrado uma maneira de se manter ocupada naquele dia.

Seus lábios se curvaram antes de estalar a língua contra os dentes e conduzir o cavalo para o estábulo. Mas quando foi preparar o cavalo para a noite, viu que três baias estavam ocupadas.

Isto significava que, quando entrou na sala da frente, viu Remi, Alek e Draven acomodados na mobília da sua falecida mãe. Maddie estava sentada no chão. E um jogo de tuble estava em andamento, na mesa baixa na qual todos estavam sentados ao redor.

Todos os homens tinham canecas de cerveja. Maddie segurava uma taça de vinho.

Caminhou até eles, onde todos estavam rindo.

Remi o viu em primeiro lugar e imediatamente compartilhou: — Maddie está dominando a arte da trapaça.

Apollo cruzou os braços sobre o peito e perguntou: — É mesmo?

— Ela está vencendo todas as mãos! — Exclamou Alek e prosseguiu. — Ela tem dedos muito ágeis.

Seus olhos foram até Madeleine e viu sua cabeça inclinada para trás para poder olhar para ele, e sua voz estava muito alterada quando ele repetiu: — É mesmo?

Um rubor tomou suas bochechas enquanto ela desviava o olhar.

— Gostaria de se sentar e participar de uma rodada? — Draven perguntou, juntando as cartas para embaralhá-las.

— Nada me agradaria mais, mas, veja bem, a minha senhora e eu fomos atacados há apenas duas noites e os meus filhos, ontem à noite, então receio que não vá conseguir me concentrar nas cartas.

Os homens se entreolharam, sorridentes, e Maddie rapidamente ficou de pé.

— Vou pegar uma cerveja para você. Ou prefere vinho? — Perguntou.

Ela perguntou isso para ele, ele sabia, no entanto, estranhamente, não fez a pergunta olhando no rosto.

Ela o fez olhando para o seu peito.

— Vinho, minha pomba — disse para ela.

— Há uma senhora, humm... na cozinha. Ela disse que está aqui para cozinhar e servir a refeição. Eu disse a ela que os homens vão ficar para o jantar — ela compartilhou, desta vez olhando para o ombro dele.

Isso não o agradou. Queria jantar a sós com ela. No entanto, não compartilhou isso com ela na sala ocupada pelos seus homens.

O que também não o agradou foi que, por alguma razão, ela parecia incapaz de encarar seus olhos.

— Espero que ela tenha lhe dito que seu nome é Cristiana e que está aqui para cuidar desta casa para você, Maddie — murmurou.

Ela assentiu e fez isso olhando para a sua orelha.

Que diabos?

Quando ela não se moveu, ele solicitou: — O vinho pode ser aquecido, papoula.

Seus olhos deslizaram pelos dele antes de o contornar e se mover rapidamente pelo corredor.

Ele a observou até a sua atenção ser desviada para a porta da entrada. Olhou por cima do ombro e viu Achilles e Gaston se juntarem a eles.

— As crianças — disse para eles.

— Laures e Hans estão patrulhando os arredores — afirmou Achilles, parando perto do Apollo. — Você passou o dia com seus filhos e há muito a ser discutido.

Apollo assentiu com a cabeça e entrou no aposento. Isto deu início à discussão na qual permaneceram até a hora do jantar.

Por isso, quando sua mente não estava sobre os assuntos em pauta, estava no fato de que Maddie estava lá, mas, ao mesmo tempo, não estava.

Com isso, queria dizer que ela estava lá, sorrindo, respondendo a uma pergunta se fosse feita por um dos homens, respondendo suavemente, até mesmo rindo duas vezes de algo que o Remi disse.

O que ela não estava fazendo era dar nenhuma indicação que sabia que Apollo existia.

A única vez que forçou sua existência a ela foi quando Cristiana retirou os pratos. Fez isso porque Maddie se levantou para ajudá-la, mas quando se aproximou dele, Apollo pegou sua mão e a forçou a se sentar na cadeira ao lado dele, uma cadeira deixada vaga por Gaston, que tinha ido para a casa principal.

Ele se inclinou para ela e compartilhou: — Lady Ulfr não retira os pratos.

Ela virou os olhos arregalados para ele, em seguida, os desviou e assentiu.

Foi nesse ponto que sua estupefação diante do comportamento dela se transformou em aborrecimento.

E este aborrecimento aumentou quando se levantaram da mesa de jantar e foram para a sala de estar com os seus uísques (embora Maddie ainda estivesse bebendo vinho), e ela continuou a ser jovial e animada com os seus homens, mas distante com ele, a ponto de o ignorar.

Desta maneira, ficou contente quando os negócios tinham sido concluídos, os planos feitos, os homens tinham suas incumbências e se despediam.

Apollo e Maddie os acompanharam até a porta.

E, no minuto em que a última despedida foi proferida, ela se virou e entrou na casa.

Muito mais devagar, ele a seguiu.

Para irritá-lo ainda mais, a encontrou recolhendo os copos na sala de estar.

Os olhos dela desviaram dos seus mais uma vez enquanto passava por ele, e a observou caminhar para a cozinha.

Ele entrou na sala, se sentou e inspirou profundamente para se acalmar.

Ela voltou, os olhos ainda evitando os seus, mas se inclinou, não muito perto, mas não tão longe, para pegar um copo.

Ele se inclinou profundamente para agarrar os quadris dela.

Então recostou novamente, puxando-a com ele, e acomodou a bunda dela no seu colo.

Ela ficou completamente imóvel, exceto por olhar para o seu rosto, em seguida, desviou o olhar para sua garganta.

— O que eu disse sobre ajudar na limpeza? — Perguntou baixinho.

Seus dentes apareceram quando, parecendo preocupada, mordeu o lábio por um breve momento, antes de desaparecerem e ela murmurar: — Desculpe.

Ele manteve a voz baixa quando arguiu: — Há alguma coisa errada?

— Errada? — Ela perguntou em resposta, mas perguntou olhando para a sua orelha.

Ele lhe deu um aperto suave. — Maddie. Olhe para mim.

Os olhos dela, com dificuldade e depois de um maldito momento, finalmente encontraram os dele.

Havia medo neles.

Caramba, será que ele a assustou, ontem à noite, com seu jeito de fazer amor?

Diante desse pensamento, suavizou o tom de voz ainda mais e deslizou a mão, da sua espinha até o pescoço, puxando-a para ele, o outro braço envolvendo sua cintura e comentou: — Você está se comportando de maneira estranha hoje à noite.

— Humm... — ela murmurou, mas não disse mais nada.

— Maddie — ele insistiu.

Seus olhos começaram a se desviar, mas apertou a mão no pescoço dela, que olhou para ele novamente.

Mas não disse uma palavra.

— Madeleine — grunhiu, o tom suave desaparecendo, assim a sua paciência.

— Eu não sou louca — ela sussurrou.

Ele piscou diante desta declaração bizarra. — Perdão?

Ela balançou a cabeça rapidamente, em seguida, anunciou: — Você está sendo muito legal.

Outra declaração bizarra.

Quando ela não explicou, cautelosamente, perguntou: — Como estou sendo muito... legal?

— Não trazendo o assunto à tona ou insistindo em falar sobre ele. Quero dizer, certo, logo depois você cortou sua garganta, mas você é um cara de um universo paralelo. Você cortou a mão do Pol. Eviscerou o outro cara. Em seguida, houve o corte no pescoço com o qual você golpeou aqueles outros *dois* caras. Estou começando a entender que aqui, as coisas são um pouco mais vio...

Ela estava divagando, e o que falava fazia pouco sentido, então lhe deu outra chacoalhada suave e a interrompeu, falando: — Maddie, não sei do que diabos você está falando.

— Eu esfaqueei um homem — ela sussurrou, sua voz horrorizada. — E acho, acho que... bem, não sei neste mundo, mas no meu mundo, não gostamos, de verdade, disso. Então, estou achando que tudo isso não é, humm...*atraente*, e que você pode pensar que ser impulsiva, é, na verdade, bem... *louca*.

Ele sentiu a tensão desaparecer dos seus ombros.

Ela estava preocupada sobre o que ele achava do comportamento dela na noite anterior.

— Você estava exausta — lembrou em voz baixa.

— Você pode repetir isso — ela murmurou.

Ele baixou o tom da voz ainda mais. — E você vai lembrar de como reagi ao seu comportamento, quando me juntei a você na cama, ontem à noite.

Ela fechou a boca e um rubor tingiu novamente suas bochechas.

Ela lembrava.

— Depois disso, Maddie, como pode interpretar mal a minha resposta às suas ações?

— Ele estava amarrado à uma cadeira. — Ainda estava sussurrando, a voz trêmula. — Indefeso.

— Aquele homem não estava indefeso — Apollo declarou.

Surpreendendo-o com a rápida mudança no tom, ela gritou:
— Estava, Apollo! Ele estava amarrado à uma cadeira!

— Papoula, ele veio à minha casa com a intenção de matar os meus filhos. Ele podia estar indefeso naquele momento, mas não duvide, minha pomba, nem por um momento que, se não estivesse amarrado naquela cadeira e tivesse a oportunidade de ter uma arma, não teria acabado com você. Comigo. Com qualquer um dos meus homens. Ou com Christophe e Élan.

Ela estava com os olhos arregalados, porém, não menos adorável, mas teve pouco efeito sobre ele devido ao porquê.

Também estava respirando pesadamente.

E, através da respiração, declarou: — Talvez eu precise entender o que diabos está acontecendo.

— Você está ciente de que eu estava preocupado que estivéssemos em perigo, Maddie, e os últimos dias mostraram que estamos.

— Mas... as crianças? — Perguntou baixinho.

— Infelizmente, isso define bem a maldade dos nossos inimigos. Embora, infelizmente, sejam perversos a esse ponto, é uma benção meio distorcida, porque agora sabemos o que esperar.

De repente, ela se virou para ele e levantou uma das mãos para colocá-la em volta do pescoço dele, aproximando o rosto do seu.

— Certo. Aqui vai. Estou colocando tudo para fora. — Começou, em seguida, anunciou: — Estou com medo, Apollo. *Aterrorizada* pra caralho. Esta merda é louca. Completamente *louca*. Tive um dia para pensar em toda essa merda e isso *me deixou louca!* Esfaqueei um homem. Você matou *três*. Bem na minha frente. Seus filhos estão em perigo. E seus homens estão bebendo cerveja e jogando tuble como se não houvesse nenhum problema, quando *há!* Ontem à noite você torturou um assassino para obter informações! Hoje à noite, você está sentado à mesa falando sobre bruxas, mensagens, missões de exploração e inventariar o arsenal, como se estivesse discutindo a pontuação do jogo dos Lakers contra os Celtics. Essa merda não está certa!

— Minha pomba... — ele começou, mas ela balançou a cabeça com veemência e enterrou os dedos no pescoço dele.

— ãh-ãh, você não pode falar o doce, sexy, carinhoso e incrível “minha pomba” e acalmar a tempestade, baby. Eu estou...*surtando!*

Ele lutou contra o riso diante das palavras dela e comentou: — Posso supor que isso significa medo.

— Caralho, sim! — Ela gritou.

Ele começou a acariciar suas costas e sussurrou: — Calma.

Seus olhos se arregalaram novamente, ainda parecia adorável e, desta vez, o efeito foi o mesmo de sempre, quando ela continuou.

— Calma? *Você* está tranquilo! — Rebateu. — Eu esfaqueei um homem!

— Madeleine...

De repente, encostou a testa na sua e sussurrou: — Eu esfaqueei um homem. E honestamente? Se você me desse aquela tesoura de poda? Naquele momento, não sei o que teria feito. Estava totalmente fora de controle. E você nem sequer piscou antes de cortar a garganta dele.

Estava, tardiamente, vendo o seu erro. Um que ele ia corrigir a partir de então.

— Eu devia ter mantido você afastada de tudo aquilo. Infelizmente, não estava pensando com clareza no momento — ele disse e ela levantou a cabeça.

— Acho que é seguro dizer que nenhum de nós estava.

— Isso acontece quando você ama seus filhos — disse a ela, que respirou audivelmente.

Passou os braços à sua volta e a puxou para mais perto.

— Ouça — falou baixinho. — Coisas importantes aconteceram nos últimos dois dias e, infelizmente, em alguns deles você não foi protegida devido à necessidade. E vou lembrá-la do fato que, no início, quando estávamos sendo atacados em Vasterhague, eu lhe disse para correr e você não correu, então *não pude* impedi-la de me ver fazer o que tinha que ser feito.

Seus olhos se aguçaram e ele quase sorriu.

Mas não sorriu. Prosseguiu.

— E os homens falavam livremente na sua frente, hoje à noite. Você estará protegida contra isso no futuro, também.

— Prefiro saber o que está acontecendo.

— E eu prefiro que não, se você for ficar assustada.

Ela inspirou profundamente e se sentou, saindo do seu abraço. Ele não a puxou para perto de novo porque, por alguma estranha razão, ela desenhou uma cruz sobre o seu coração e levantou dois dedos.

Em seguida, declarou: — Vou colocar minhas calcinhas de menina grande e aguentar firme a partir de agora, de coração, palavra de escoteiro, juro. — Ela abaixou a mão. — Mas, realmente prefiro não esfaquear alguém no futuro, especialmente se estiver amarrado a uma cadeira.

— Vou ver o que posso fazer — ele murmurou.

Ela inclinou a cabeça para o lado e seus olhos se estreitaram exatamente antes de perguntar: — Você acha isso engraçado?

— A situação? Não. Sua reação a isso? Absolutamente.

Ela olhou para ele.

Tinha permitido que ela se afastasse, mas agora estava pronto para acabar com isso.

Assim, novamente, a puxou para os seus braços.

E seu tom era muito gentil quando explicou: — Maddie, por muitos, *muitos* meses temos vivido sob a ameaça de saber que conspiradores muito poderosos com motivos perversos podem desencadear o caos em toda a terra. Hoje, você respira, meus filhos respiram, eu respiro. Então sinto alívio e, agora que conseguimos rechaçar seu primeiro ataque, aprenderemos o que pudermos com ele e nos prepararemos. Tudo isso é estranho para você, meio assustador. Mas, no fim das contas, isso é bom.

— Não tenho certeza se posso ver alguma coisa boa, Apollo — admitiu.

— Então, devo compartilhar que não usaram magia. Isto pode significar que Minerva está mais fraca do que achávamos, as bruxas com as quais está associada não são tão poderosas como temos presumido, ou temem a magia combinada da

Lavinia e da Valentine, sem mencionar Frey, que comanda os dragões e os elfos.

— Nada disso parece definitivo — ela observou.

— Não é, mas nunca soube de uma batalha onde um tiro de advertência fosse disparado com um dardo.

Ela piscou e perguntou: — O quê?

— Se você tem um canhão ou uma flecha em chamas, você os usaria.

— Oh — ela sussurrou e ele sentiu os lábios se curvarem.

Envolveu o comprimento do seu cabelo com a mão e trouxe o rosto dela para mais perto.

— Já começou. Não vivemos sob essa ameaça, ela está acontecendo. Pode não parecer uma vantagem, minha pomba, mas é. É muito melhor estar *fazendo* algo, que aguardando o desconhecido. Agora, aumentei o número de homens na minha casa para manter meus filhos e você seguros, porque *sei* que não estão, em vez de ficar pressupondo como poderia protegê-los disso. Agora, a rainha Aurora pode reunir suas tropas. Agora, Lavinia e Valentine serão capazes de centrar a atenção, já que sabemos onde os conspiradores se escondem. Mas, enfim, papoula, agora podemos fazer *alguma coisa*.

— Estou vendo os benefícios disso para um homem de ação — observou.

Ele sorriu.

— Mas, para uma garota de outro mundo, essa merda ainda é pirada — concluiu.

— Então vamos combinar que eu protejo minha *garota* do outro mundo de tudo isso para que ela possa desfrutar seus dias fazendo bonecos de neve, jogando tuble com seus amigos, passar as noites com uma companhia em sua cama, tudo isso enquanto reúne coragem para conhecer meus filhos e tenta descobrir o que tem a intenção de fazer com a sua vida em seu novo mundo, certo?

— Eu realmente não gosto que escondam as coisas de mim, Apollo — ela sussurrou.

— Recebi essa mensagem claramente, Madeleine — ele sussurrou em resposta. — Então, parte do nosso negócio vai ser que você confiará em mim para compartilhar o que precisa saber, e o resto vou manter para mim para você poder ser livre para encontrar sua finalidade na sua nova vida? Estamos de acordo?

Ela encarou seu olhar e fez isso por algum tempo.

Ele se esforçou para não prender a respiração.

Por fim, ela concordou.

Graças aos deuses.

— Excelente — ele murmurou, se levantando e a puxando junto com ele. — Vamos para a cama.

Enquanto se movia através da sala, a ouviu murmurar: — Oh, Jesus.

E, mais uma vez, ele sorriu.

* * * * *

— *Baby* — ela sussurrou.

Apollo deslizou o membro lentamente para fora, mas não a penetrou novamente.

Deu a ela somente a ponta do seu pênis e sussurrou contra a pele do seu pescoço: — Diga de novo.

Diante disso, de imediato, ela sussurrou em resposta: — Baby.

Deslizou lentamente para dentro, em seguida, para fora, mais uma vez, e novamente, suas mãos se moveram sobre a pele dela, seus lábios deslizaram sobre o seu pescoço, seu queixo, para baixo e para cima. Com os olhos abertos, mantendo os dela cativos, tomou sua boca, deslizando a língua para dentro e persuadindo a dela a dançar com a sua.

Satisfatoriamente, depois de apenas um momento de persuasão, ela deu o que ele queria.

Quando ele interrompeu o beijo, mas não a conexão dos seus lábios, ela sussurrou: — Você precisa ir mais rápido, querido.

Instantaneamente, concedeu o que ela queria.

Ele a sentiu apertar as pernas que estavam cruzadas em torno do seu quadril e deslizar a bochecha contra a dele, levantando a cabeça para enterrar o rosto no seu pescoço.

Incrivelmente doce.

— Maddie — gemeu, penetrando-a.

— Mais forte, baby — implorou, e a mão que estava na lateral dela desceu pela cintura, até a parte inferior das suas costas e mais para baixo ainda, no topo da sua bunda.

Ele a ergueu e a penetrou com mais força.

E mais profundamente.

Ele a ouviu suspirar e ela deslizou os dentes ao longo do seu ombro.

Quando o fez, um tremor o atravessou. Colocou todo o seu empenho nos quadris e suas estocadas se tornaram marteladas.

— *Apollo* — ela sussurrou e sentiu seu sexo o apertando com força.

Deuses.

Magnífica.

— Você está quase lá — grunhiu. — Olhe para mim, papoula. Gostaria de ver o seu rosto enquanto o orgasmo toma conta de você.

Ela recostou a cabeça nos travesseiros e, ao olhar para ele, os olhos aquecidos, ela engasgou, ele a penetrou e o orgasmo a atingiu.

Empurrou a cabeça contra o travesseiro, enquanto erguia a mão e agarrava o cabelo dele.

— *Magnífica* — ele grunhiu.

Seu orgasmo a sacudiu, então começou a diminuir e olhou para os olhos abertos pouco antes de jogar a cabeça para trás, sentir os músculos do pescoço enrijecerem, os quadris arquearem, antes de abaixar a cabeça e enterrar o rosto no pescoço dela, penetrando-a profundamente, permanecendo assim, e ele gemeu.

Sim.

Magnífica.

Ela o segurou contra si enquanto ele estremecia através do orgasmo, e a sentiu pressionar os lábios no seu pescoço.

Tão incrivelmente doce.

Finalmente, respirou fundo antes de deslizar a língua pelo pescoço dela.

Ao fazer isso, absorveu sua tremedeira.

Ele levantou a cabeça e encarou seus olhos.

— Como foi esse *mais forte*, minha pomba?

Ela levantou a cabeça, aproximou o rosto da sua garganta e soltou uma risadinha.

Essa risadinha, outro triunfo.

Ele virou o pescoço e roçou sua testa com os lábios. Ela recostou a cabeça no travesseiro e ele sorriu.

A mão dela se moveu do cabelo dele para o rosto e sussurrou: — Deus, você é lindo.

Essas palavras o atravessaram, ele fechou os olhos, virou a cabeça e beijou a palma da sua mão.

Então moveu os lábios até o nariz dela, onde a beijou antes de se afastar um centímetro e olhar nos seus olhos.

— Não sei o que você prefere, Maddie, mas tenho que dizer, prefiro que você durma sem nada. Quero sentir sua pele contra a minha, hoje à noite.

— Ok — ela concordou em um sussurro.

Ele abaixou a cabeça para roçar a boca contra a dela.

— Vou lidar com a bainha e já volto.

— Falou.

Com isso, tocou novamente os seus lábios e, com grande satisfação, viu os lábios dela se abrirem quando retirou lentamente o membro. Uma vez que estava fora, abaixou a cabeça ainda mais e deslizou seus lábios pela sua garganta antes de rolar para fora da cama.

Jogou as cobertas sobre ela e a observou, por sua vez, se virar para o lado, se curvando sobre si mesma. Só quando ela se acomodou, se afastou da cama e foi para as sombras.

Se desvencilhou rapidamente da bainha e emergiu da escuridão. Sentiu seus olhos sobre ele, quando, nu, se moveu para a lareira, jogou mais algumas toras, em seguida, voltou para ela.

Se juntou a ela na cama, puxou as cobertas até a cintura e a puxou para seus braços, entrelaçando seus membros e a abraçando com força.

Ela aninhou o rosto no seu peito.

— Estou supondo, a partir do que acabou de acontecer, que você também gosta do modo suave e lento — observou, deslizando os dedos pelos cabelos dela.

Ela emitiu um riso, curto e doce, e respondeu: — Sim, isso funciona para mim.

Ele parou de deslizar os dedos pelos cabelos dela e a puxou para mais perto.

Ela se aconchegou ainda mais.

Então, a sentiu inspirar profundamente antes de murmurar: — Só para você saber, querido, se a sua intenção, ao me trazer para este mundo, foi me dar o melhor, luta de espadas e derramamento de sangue, não obstante, você está conseguindo.

Seu peito aqueceu, seu coração apertou, o braço ao redor dela a segurou com mais força e sentiu um estrondo tomando conta do seu peito.

Mas, ao invés de uivar sua exaltação, Apollo colocou a outra mão no queixo dela, o erguendo, para sua boca poder esmagar a dela.

Tomou a boca aberta e molhada. O fez profundamente. Completamente. Ele a sorveu, tomando tanto quanto queria, pelo tempo que queria. E, enquanto queria, significava que fez isso por um longo tempo.

Quando finalmente afastou a boca, ela gaguejou: — E fica cada vez melhor.

— Chega de conversa, Madeleine. As crianças estão me esperando para o café da manhã, e se você não fizer isso, nós dois vamos ficar sem dormir esta noite, eventualmente vou dormir tarde e eles vão comer sozinhos.

Ele a viu apertar os lábios.

Balançou a cabeça, mas fez isso sufocando um sorriso, antes de virar de costas, puxando-a, para ela ficar em cima dele.

Apagou a lamparina ao lado da cama.

Se virou novamente e os colocou na mesma posição em que estavam.

Ela se aninhou mais profundamente e murmurou: — Boa noite, baby.

Seus braços a envolveram com mais força e ele sussurrou: — Boa noite, minha pomba.

Sentiu o movimento do rosto contra seu peito e soube que ela deu um sorriso.

Apollo a abraçou e, em poucos minutos, a sentiu cair no sono.

Só para você saber, querido, se sua intenção é me dar o melhor... você está conseguindo.

Lá estava.

Aliás, era *ele* que ela via quando olhava nos seus olhos enquanto a tomava, ou em qualquer outra hora que ela fazia isso.

E *ele* estava lhe dando o melhor.

Não reprimiu aquele sorriso. Se permitiu desfrutá-lo antes de se juntar a ela no sono.

* * * * *

Três horas mais tarde, Apollo abriu os olhos para um quarto muito escuro, o fogo leve lançando apenas um brilho fraco.

O corpo nu e macio da Maddie estava pressionado contra ele, o rosto no seu ombro, o braço apoiado no seu estômago. Sentiu seu calor. Sua proximidade. A respiração suave contra sua pele.

Mas, nesse momento, tendo-a como queria, sua mente pôde, finalmente, pensar em outras coisas.

E quando o fez, seus lábios sussurraram para o escuro: — Por que não usaram magia?



Capítulo Quinze

Mais Feliz

Passei a camisola sobre a cabeça e a deixei deslizar sobre o meu corpo, a bainha do cetim cor de safira encostando nos meus tornozelos.

Apollo estava no quarto se despindo para ir para a cama. Eu estava no closet anexo ao quarto, fazendo o contrário.

Já fazia três dias desde a nossa louca cavalgada de volta à Karsvall.

A boa notícia era que, nesse período, Apollo não tinha matado ninguém e eu também não tinha ameaçado ninguém com uma tesoura de poda.

Não havia más notícias.

Isto não significava que as coisas não tinham estado agitadas. Estavam.

No início, estava preocupada porque poderia ser um tédio.

Claro, quando morava com Pol, tínhamos uma senhora que fazia a limpeza, muitas das roupas dele eram lavadas a seco e, já que eu não tinha emprego, não havia muito a fazer. Mas ainda

lavava as nossas roupas, colocava a louça na máquina, fazia a comida. Não era como se tivéssemos uma casa cheia de crianças, onde passava o tempo arrumando os brinquedos ou fazendo curativos nos joelhos, mas eu tinha coisas para fazer.

No segundo dia em que eu estava lá, Cristiana fez tudo, como arrumar o conteúdo das minhas malas, que tinham chegado de Vasterhague, e até mesmo arrumou a cama.

Isso me deixou sem nada para fazer. Já tinha feito bonecos de neve e os caras tinham preparativos para a guerra a executar, assim, fiquei sem saber o que fazer já que não podia sair com eles.

E, em seguida, na parte da tarde, Loretta e Meeta chegaram.

Eram as minhas servas pessoais.

Isso fez com que o trabalho da Cristiana ficasse ainda mais fácil, quando Apollo as levou para a casa, as apresentou a mim e explicou que suas funções eram cuidar do meu “dormitório” e da minha “pessoa”, por isso Cristiana não tinha mais que arrumar as minhas roupas ou fazer a cama.

E, ao ver que nem mesmo tinha que cuidar da minha “pessoa”, a presença da Loretta e da Meeta significava que eu teria absolutamente *nada* para fazer.

Além disso, Loretta conhecia ou tinha visto a outra “eu” por aí, porque ficou assustada pra caralho no minuto em que me viu (de uma forma tranquila – isso seria, sua boca se escancarou e os olhos ficaram esbugalhados). Isso não era incomum, mas estava ficando cansativo.

Felizmente, Meeta não ficou.

E Meeta me surpreendeu porque era negra e não tinha visto um negro durante todo o tempo que estava nesse mundo. Ela também era bonita, com o cabelo cortado bem curto, a pele bem escura, macia, e um belo pescoço elegante, muito longo, que era de matar. Oh, e era muito inteligente, os olhos muito observadores.

E, por último, tinha um sorriso fácil que me fez gostar dela instantaneamente.

Mas a introdução de Loretta e Meeta se tornou uma benção, porque, como nenhuma das mulheres tinham muito a fazer, significou que poderíamos gastar nossas tardes tagarelando, o que fizemos.

Felizmente, como todos que conheceram a Ilsa antes de mim, Loretta se recuperou da semelhança rapidamente.

Infelizmente, a conversa incluiu Meeta compartilhando com naturalidade que ela era das Southlands, de um país chamado Maroo, onde era uma escrava.

Sim.

Uma escrava.

Ela, então, contou que foi capturada quando era uma jovem mulher e levada para outro país, chamado Keenhak, onde foi colocada a serviço contra a sua vontade.

Também contou que não estava gostando nem um pouco desse negócio de ser escrava (um eufemismo). Então atingiu seu “mestre” na cabeça, roubou alguns dos seus objetos de valor, fugiu na noite e trocou os itens roubados por uma passagem em um navio pirata que a levou para as Northlands.

Sim.

Um navio pirata.

Sem brincadeira, essa era a sua história.

Foi tão longe quanto podia, sendo isso, Lunwyn.

— Eu vou aguentar o frio, e todas essas roupas — disse com a voz suave, mas com sotaque, a mão graciosa apontando para a sua roupa. — E vou fazer isso feliz por ganhar um salário e deitar a minha cabeça livre todas as noites.

Concordava totalmente com ela.

Também descobri que Loretta tinha deitado com o Hans. Soube disso porque os caras ainda apareciam por aqui, mesmo que as reuniões sobre estratégia não fossem mais realizadas na casa. E soube quando ele entrou, a ignorou completamente e me cumprimentou como se eu fosse sua irmã perdida há muito tempo, embora tivesse me visto apenas dois dias antes.

Loretta observou isto, ficou com os olhos marejados de lágrimas, murmurou uma desculpa e saiu do quarto. Cristiana depois contou o porquê, Loretta tinha dormido com Hans, ele não tinha voltado para uma segunda vez e ela ainda tinha uma grande paixão antiga por ele.

Cristiana também aproveitou a oportunidade para compartilhar que os homens de Apollo eram bastante ativos na aldeia e entre os servos, dizendo: — Qualquer outra ajudante que você tiver, querida, vai ter conhecido a estocada do pênis de um soldado Ulfr.

E, por falar nisso, durante as conversas com as meninas, descobri que os costumes sexuais aqui eram muito mais liberais. O que foi demonstrado pelas palavras da Cristiana.

E, também por falar nisso, ao saber desse fato sobre os meninos, fiquei feliz por Cristiana ter mais de cinquenta anos e ser casada “Com o amor da minha vida, o teimoso e inútil Cuss”

(palavras dela). Portanto, não estava em perigo de conhecer o pau de um dos caras (eu esperava).

Gostei dessas senhoras, muito, e foi divertido fazer amigas novamente. Houve um tempo em que tinha amigos, mas Pol, sendo apenas o Pol, mas também fazendo o que ele fazia, afugentou todos.

Foi bom conversar com as meninas, conhecê-las e, ao fazer isso, me sentir mais confortável neste mundo.

Outra coisa boa era a casa anexa.

Do lado de fora, era feita de madeira entalhada e entrelaçada que tinha resistido ao tempo, até criar um revestimento escuro que me fazia pensar nos chalés nos Alpes.

No interior, era o que Apollo disse que era, calorosa e acolhedora.

Mas não havia nada de rústico na casa anexa de Karsvall. Sua decoração era suntuosa (embora não tão refinada quanto a da casa em Fleuridia), mas de bom gosto.

Dito isto, parecia regularmente usada e amada. Havia belas pinturas de flores nas paredes e graciosos vasos e estatuetas aqui e ali. E havia mantas quentes e almofadas macias que tornavam o ato de se acomodar para ler um livro ou bater um papo com as meninas, ser aconchegante e acolhedor.

Ela tinha uma sala de estar e de jantar formais, bem como uma grande cozinha no térreo. Havia também um escritório que dividia o espaço com uma biblioteca (graças a Deus, mais livros!) E uma pequena sala de costura. Mas a melhor parte do andar de baixo era o jardim de inverno na parte dos fundos, feito de vidro e repleto de plantas – nas mesas, pendendo de cestas, as janelas embaçadas com a umidade.

O andar de cima tinha três quartos e um “dormitório master”, possuindo um closet, uma sala de banho e uma pequena sala adicional (sim, para o urinol). Também tinha uma enorme lareira com a cornija feita de mármore cor de creme, que proporcionava um belo contraste com os painéis de madeira escura das paredes. Era decorado em tons de creme e amarelo claro com toques de pêssego e bastante feminino, o edredom até mesmo rebordado com passa-fitas.

Descobri que a mãe do Apollo tinha morado lá, mas não soube muito mais depois da troca de olhares entre Loretta e Cristiana, que mudaram de assunto antes que ela sequer fosse citada.

Não insisti. Não queria fazê-las se sentir sem graça ou forçá-las a compartilhar qualquer coisa que pudesse irritar Apollo.

E, de qualquer maneira, queria que ele mesmo me contasse, no seu tempo.

Quanto ao Apollo e eu, nossos dias tinham entrado em um ritmo. Este sendo ele se levantando no início da manhã, me acordando para informar que estava indo tomar o café da manhã com seus filhos, em seguida, encostava sua boca na minha e saía.

Durante o dia, ele ficava a maior parte do tempo longe, a menos que tivesse algum tempo livre. Se tivesse, vinha me visitar, mas nunca por muito tempo.

Ainda assim, era muito bom quando fazia isso.

E, à noite, ele chegava bem a tempo para um jantar tardio, que era depois que os seus filhos iam tomar banho e, em seguida, iam para a cama.

A próxima era a melhor parte de qualquer dia, quando *nós* íamos para a cama e ele fazia amor comigo. Passávamos algum tempo sussurrando depois que fazíamos amor, na maior parte, coisas doces, enquanto nos abraçávamos (a segunda melhor parte de qualquer dia). Então, ou ele fazia amor comigo novamente ou dormíamos.

Hoje à noite, entretanto, enviou Alek com a mensagem de que se atrasaria, que eu devia jantar e, se ficasse muito tarde, ir para a cama sem ele.

Era isso que eu vinha me preparando para fazer quando o ouvi bater na porta do quarto há cinco minutos e falar: — Maddie!

Ao que respondi: — Estou me trocando.

Depois disso, não ouvi mais nada, apenas as botas e o cinto batendo no chão o que significava que estava se preparando para ir para a cama.

Também tivemos uma outra alteração nas circunstâncias desde que as coisas se estabeleceram. E foi Apollo conseguir o pennyrium, que tinha trazido junto com Loretta e Meeta.

Então estava tudo bem nesse sentido e as bainhas já não eram necessárias.

Mas não passou despercebido para mim que não tínhamos “explorado” o “jogo” que tínhamos engajado na noite em que chegamos à Karsvall, profundamente ou de qualquer outra forma.

Quando fazia amor comigo, era doce. Era lento. Demorávamos a alcançar o orgasmo, construindo-o, em seguida, deixando-o explodir.

Isso também era incrível.

Mas tinha que admitir, aquela noite foi quente. Tipo, **MUITO** quente. Também tinha que admitir que não me

importaria de explorá-la (absolutamente). Profundamente ou de qualquer outra forma.

Dito isto, mesmo de maneira lenta e suave, todas as vezes foram boas e não havia como negar que o chá de adela nos levou a compreender um ao outro melhor, o que desfrutamos, aprofundando a experiência, tornando-a mais impressionante do que qualquer outra que já tive ou poderia, até, imaginar ter. Havia uma liberdade nisso, em não estar preocupada com o que ele achava do meu corpo ou se estava fazendo algo certo. Tínhamos uma espécie de harmonia na cama. Era sobre nós mesmos, unidos, a experiência e o clímax, tudo isso tornando a união mais significativa. Mesmo fora da cama.

Era incrível.

Na verdade, Apollo era incrível. Carinhoso, doce, comunicativo, engraçado, e carinhoso valia outra menção, especialmente da forma como Apollo demonstrava isso.

O que significa dizer, ele agia exatamente da maneira que era.

Claro, havia uma arrogância nele que, provavelmente, vinha da sua posição na sociedade e da sua família. Mas também vinha naturalmente. Sendo um homem com a sua aparência, riqueza, status e inteligência, isso podia acontecer. E com Apollo, aconteceu.

Dito isto, esta era simplesmente uma pequena nuance da sua personalidade. O resto, ou o Apollo que ele me mostrava, era muito mais.

Um exemplo era, já tinha passado três dias que tinha deixado clara a sua opinião sobre eu conhecer os seus filhos e não mencionou isso de novo. Sem pressão. Eu estava há dez minutos de distância a cavalo, mas ele era um cara ocupado e ainda dividia seu tempo entre mim e eles, e não pronunciou uma palavra.

Nada.

Ele apenas fazia isso. Não fazia drama. Não forçava nada.

E tinha que admitir, amava isso.

Na verdade, estava percebendo que havia um monte de coisas que amava no Apollo e, enquanto passava as mãos sobre a camisola nos meus quadris, sabia que estava animada para entrar no quarto e estar com ele. Não me importava se fizessemos amor, se apenas conversássemos, se não conversássemos e apenas ficássemos abraçados.

Eu só queria estar com ele.

Nunca pensei que me sentiria assim sobre um homem. De novo, não. Estava de saco cheio com todos os homens após o Pol.

Então, me sentir assim sobre o gêmeo do Pol era insano.

Mas, com o passar dos dias, Apollo estava tornando bela essa insanidade.

Diante desse pensamento, saí do closet, entrei no quarto e parei.

Ele estava na cama, bem no meio, sentado. O edredom estava puxado até a cintura, o peito enorme à mostra, o cabelo escuro bagunçado pelo galope até a casa e ele ainda não tinha se dado ao trabalho de passar as mãos sobre ele para colocar um pouco de ordem.

Também tinha um maço de papéis nas mãos, os olhos sobre ele, e havia algo no cara grande, musculoso, poderoso, que emanava masculinidade entre todo aquele creme, amarelo, pêssago e o bordado inglês, que me deu água na boca.

Por outro lado, sempre que o via, me dava água na boca.

E também, havia o simples fato de que sabia que ele estava nu sob aquele edredom. Apollo nunca ia para a cama vestido, a menos que estivesse fazendo isso enquanto as retirava.

Levantou a cabeça, seus olhos imediatamente deslizaram pelo meu corpo, em seguida, se moveram para cima, e quando fizeram isso, falei baixinho: — Oi.

Sua expressão mudou com aquele olhar carinhoso que sentia na barriga e em torno do meu coração.

— Venha cá, minha pomba — falou baixinho, em resposta.

Eu fui. Enquanto ele jogava os papéis em cima da mesinha de cabeceira, levantei a camisola até os quadris e me arrastei pela cama de joelhos. Quando o alcancei, joguei uma perna por cima dele e montei no seu colo. Suas mãos descansarem na minha bunda enquanto meus olhos encontravam os dele.

— Mudei de ideia sobre preferir você junto a mim, dormindo nua — declarou, os dedos acentuando sua opinião deslizando sobre o cetim sobre a minha bunda.

— Tenho um monte de camisolas incríveis que você está perdendo, querido — respondi.

— Humm — ele murmurou, esse ruído também reverberando na minha barriga, mas de uma maneira diferente.

Seus olhos desceram até o meu peito e as mãos começaram a deslizar pelos lados do meu corpo.

Segurei os seus pulsos e ele olhou novamente para mim.

— Baby, temos que conversar.

Foi quando fez o que Apollo sempre fazia.

Passou os braços ao meu redor, me puxou para perto e me deu o que eu pedi, instantaneamente.

— Sobre o que, papoula?

Deus, eu adorava quando ele agia dessa maneira.

Coloquei as mãos no peito dele. — Sobre três coisas. Então, podemos passar para as coisas boas.

Seus lábios se curvaram, seus braços me deram um aperto e ele disse: — Continue.

— Bem — comecei. — Chegou ao meu conhecimento que seus rapazes são do tipo... — hesitei — *ativos*, na casa principal e na aldeia.

Sua cabeça se inclinou ligeiramente para o lado. — Ativos?

— Bastante ativos.

— Eles são realmente ativos, Maddie. Embora esteja achando que não entendo o que você está falando, na verdade.

— Hans dormiu com Loretta.

— E?

— E, Loretta é minha criada pessoal.

— Sim?

Olhei para ele e disse: — Bem, Hans é um dos seus homens e meu amigo. E ele frequenta a casa, não sempre, mas vive por perto.

— É verdade — afirmou, paciente, mas confuso.

Ok, surpreendentemente, parecia que tinha que explicar isso para ele.

Me aproximei um pouco mais, deslizando as mãos pelo seu peito para apoiar os dedos nos seus ombros e compartilhei: — Ele esteve aqui duas vezes desde que a Loretta chegou e nem sequer olhou para ela. Ele já é o “crush” dela há bastante tempo—

— Crush? — Perguntou, franzindo o cenho.

— Ela gosta dele.

— Ah — ele murmurou, relaxando a testa.

— É esquisito — falei.

— Ela não deveria tê-lo aceitado na sua cama.

Pisquei.

Então disse: — Na verdade, estava pensando que você podia ter uma conversa com os meninos, assim *eles* seriam mais discretos, e com isso quero dizer, apropriados, e com isso quero dizer que podem querer ir um pouco mais longe, quando estiverem escolhendo suas parceiras de... jogo.

Desta vez, Apollo me encarou.

Então, os braços à minha volta balançaram e ele começou a rir.

Quando sua risada estava diminuindo, levantou os braços para segurar meu rosto nas mãos. Puxou minha boca até a dele e me deu um beijo rápido, intenso, com os lábios ainda sorridentes, antes de me abraçar novamente e dizer: — Você me diverte, papoula.

— Eu estava falando sério.

Ele *ainda* estava rindo, mas piscou diante das minhas palavras. — Perdão?

— Eu estava falando sério — repeti. — Veja, é meio... — procurei por uma palavra e a encontrei. — Grosseiro os caras sexys da mansão se divertirem por aí, deixando um rastro de corações quebrados em seu rastro. Deve haver outro lugar que possam ir para obter o seu ... — lutei novamente para encontrar a palavra certa. — Divertimento.

— E perder tempo montado em um cavalo quando podem cavalgar um pouco menos até a casa? — Ele perguntou com leve incredulidade.

Meus olhos se arregalaram, os lábios dele se curvaram em um sorriso, abri a boca para falar, mas ele fez isso antes de mim.

— É desse jeito que as coisas são aqui, Maddie.

— Eu...

Ele colocou os dedos sobre os meus lábios e sussurrou: —
Quieta. Por favor?

Fiquei quieta, mas só porque ele falou “Por favor”, realmente apreciei, e também gostei da voz profunda quando pronunciou essas palavras.

Ele se certificou que eu ia ficar calada, afastou a mão para poder me abraçar novamente e prosseguiu.

— As pessoas deste mundo são bastante livres... — fez uma pausa — sexualmente. Em Vale, há mais restrições do que em Lunwyn. Em Fleuridia, menos. Mas, aqui, homens e mulheres apreciam um ao outro, abertamente e com frequência. Se Loretta tem sentimentos pelo Hans, que não são retribuídos, é lamentável. Mas acontece. Isso não acontece no seu mundo?

Na verdade, acontecia.

Mordi o lábio.

Ele balançou a cabeça, lendo corretamente a minha resposta não-verbalizada.

— Sinto muito que as coisas estejam estranhas, minha pomba — disse baixinho. — Mas ela não está sendo enganada, tenho certeza. Ela conhece nossa cultura. E é muito provável que vá encontrar alguém para direcionar suas atenções. Mas isso

pode acontecer novamente, até ela encontrar o homem que sinta que ela é o seu *crush*.

Era o que acontecia na minha cultura também.

Droga.

— Encerramos esse assunto? — Ele perguntou, sabendo a resposta ao olhar o meu rosto.

Mas minha resposta foi diferente, no entanto. — Mais ou menos.

— O que mais? — Ele perguntou.

Pensei na prostituta em Fleuridian e o fato de que Apollo era, definitivamente, um homem, e um homem que gostava de ter prazer.

— Você, humm...? — Parei.

— Nunca — afirmou.

Foi a minha vez de piscar. — Nunca?

— Nunca... recentemente — emendou.

Lá estava.

— Humm — murmurei.

Ele me puxou, suavizou a voz e explicou.

— Há Chefes das Casas que fazem estas coisas. Não sou um deles. Eu era casado, minha esposa, meu primeiro e único amor. Depois disso – mas descobri antes de casar, minha pomba – achei desconfortável estar perto de criadas que me conheciam dessa maneira.

— Em outras palavras, todas elas se apaixonaram por você — deduzi.

Ele assentiu. — É difícil de se sentar para jantar com a mulher que está lhe servindo enviando olhares ardentes, e você já teve o que queria e não pretende beber mais desse copo.

Desviei o olhar, murmurando: — Aposto que sim.

Quando não respondi mais nada, a mão do Apollo na minha mandíbula levou o meu olhar de volta para ele. — Há algo mais em sua mente?

Olhei nos olhos dele, tentando decidir se devia ou não trazer aquele assunto à tona.

Então, o trouxe.

— Houve aquela mulher que foi até a casa, uma noite depois de você me deixar em Fleuridia.

Suas sobrancelhas se ergueram, não de maneira confusa, mas de um jeito irritado.

— Celise foi até casa enquanto você estava lá?

— Bem... sim.

— Ela não foi convidada — afirmou.

— Ela parecia... — hesitei — bem, parecia que ela...

— Eu a tive — compartilhou, sendo bem direto. —
Repetidas vezes. Ela me visita quando estou em Fleuridia.

Oh, Jesus.

Ele prosseguiu. — Ela possui grande beleza e é bastante cara por isso, assim como por seu talento com a boca.

Ok. Lá estava a minha resposta. Tarde demais.

Eu não deveria ter tocado no assunto.

— Uh, talvez devêssemos parar de falar sobre isso —
sugeri.

— Não existem prostitutas no seu mundo? — Perguntou.

— Bem, sim, mas não é uma coisa para se gabar.

— Por que não?

Olhei para ele.

— É uma profissão honrosa — ele declarou.

Continuei olhando para ele.

— E só as melhores a praticam. Há aquelas que oferecem seus serviços para uma chupada, é claro, mas custam poucas

moedas. No entanto, ganham muito mais do que — fez uma pausa para dar ênfase — uma garçonete.

Eca!

Ele continuou falando. — Mas há aquelas que servem aqueles de nós que podem pagar pelo serviço mais qualificado, e elas são muito talentosas. Algumas são até mesmo famosas. Celise é uma delas.

— Isso é loucura — sussurrei.

— Como assim? — Perguntou.

— Por que não? — Perguntei em resposta.

— Isto não é uma resposta à minha pergunta, papoula. As prostitutas não são prestigiadas no seu mundo? — Perguntou.

Balancei a cabeça. — Não.

— Estranho — murmurou, então se concentrou em mim.

— Há homens e mulheres que tiram férias em Fleuridia apenas para visitar as prostitutas Fleuridianas. Elas são as melhores das Terras do Norte.

— Isso é... bem, presumo que achei isso meio que chocante — disse a ele.

— Como eu acho igualmente chocante o provimento desse serviço, e serem celebradas por seu talento, ser desprezado no seu mundo, como sua reação afirma claramente que é.

Parecia que ele estava desapontado comigo.

— Não somos tão livres sexualmente quanto vocês, eu acho — expliquei.

Seus olhos escureceram e eu gostaria de saber por que quando ele perguntou: — Você se sente culpada pelo que faz comigo?

— Não — respondi rapidamente.

— Se o nosso relacionamento seria repudiado no seu mundo, por que não?

— Porque eu aprecio ele, gosto de você, gosto de passar o tempo com você e ficar com você. Tanto que, se estivéssemos no meu mundo, não ligaria para o que as pessoas pensam.

Seu olhar se tornou, imediatamente, carinhoso e ele disse em voz baixa: — Esta é uma boa resposta, minha papoula.

Senti a ternura nos seus olhos deslizando pelo meu interior, no entanto, senti que era necessário salientar: — Apenas para ressaltar, os homens que pagam por isso, no meu mundo, e as mulheres que são pagas por isso, é que são desprezados, Apollo.

Há mais liberdade sexual para aqueles que são livres para serem... humm, sexualmente livres.

— Muito estranho — ele murmurou e novamente estreitou o olhar para dizer: — Se Celise a deixou desconfortável, minha papoula, peço desculpas. Não estava programado que ela se encontrasse comigo naquela noite. No entanto, ela tem seus clientes favoritos e sou um deles, por isso não estou surpreso.

E eu não estava surpresa que ele fosse um dos favoritos da famosa Celise, seja lá quem quer que ela fosse.

Mas fiquei imaginando se alguma vez ele bateu nela, tomou chá de adela com ela ou “explorou” outras coisas com ela, e sabia que, por alguma razão, se tivesse feito isso, eu ficaria chateada.

Muito.

— Agora, terminamos esse assunto? — Perguntou.

— Sim — respondi, sem querer saber o quanto ele explorou a bela Celise.

Suas mãos se moveram sobre a minha camisola e ele pediu: — Então, vamos passar para os outros, para que eu possa tirar essa encantadora camisola do caminho.

De repente, não estava muito a fim de falar sobre os outros assuntos, uma vez que eram mais difíceis, mas também porque queria que ele tirasse a minha camisola.

No entanto, perseverarei ao afirmar: — O que aconteceu e nos fez voltar para Karsvall, você não mencionou isso de novo.

— Não — ele confirmou prontamente. — Porque nada mais aconteceu. Estamos esperando homens e mensagens chegarem, mas não espero nenhum dos dois até amanhã.

Adorei que ele tenha explicado isso para mim, mas não era onde eu queria chegar.

— Obrigado por compartilhar isso comigo, baby — sussurrei e suas mãos pararam de vagar para me abraçar novamente. — Mas não foi por isso que mencionei esse assunto. Eu tenho uma pergunta.

— E essa pergunta seria?

— Bem, os rapazes falaram diversas vezes no jantar daquela noite que nós estamos meio que em guerra.

— Sim — ele afirmou.

— Estive pensando sobre isso e parece estranho.

— Tudo sobre isso é estranho — ele concordou.

— Não, quero dizer, a parte sobre estar em guerra e isso estar acontecendo porque alguém atacou você e a sua família. Quero dizer, um rei de algum lugar, eu entenderia. Mas por que você era o alvo?

Seu corpo ficou imóvel.

Oh, oh.

— Apollo? — Chamei, mesmo ele estando ali. Mas seus olhos tinham ficado distantes e não gostei disso tanto assim.

Ele se concentrou em mim e prendi a respiração quando ele fez isso por um bom tempo, sem falar.

Soltei a respiração quando ele quebrou o silêncio.

— Há duas razões possíveis para isso — disse.

— Ok — respondi quando ele não disse mais nada.

— Uma delas é que eu sou o estrategista da Rainha Aurora. Também servi ao Rei Atticus nesta mesma posição. Isto incluiu principalmente negociações, mas houve algumas escaramuças. Baldur sempre esteve conspirando, fez algumas tentativas de usurpar terras de Lunwyn quando era o governante da agora extinta Middleland. A maioria do povo de Lunwyn não sabe sobre isso, porque meus homens e eu o impedimos antes que ele conseguisse.

— Oh — sussurrei, sem ter certeza sobre onde isso ia, embora ainda achasse legal pra caramba que Apollo e seus rapazes fodões tenham cortado essa merda pela raiz.

— Frey é um corsário — Apollo prosseguiu. — Ele não é um guerreiro. Lahn é um guerreiro, mas o seu país, nas

Southlands, é muito diferente do que os das Northlands. Seu exército é altamente treinado, altamente qualificado, grande em número e, portanto, imbatível.

— Certo — murmurei, achando que essa era uma boa notícia.

— O que estou dizendo é que, apesar do Lahn ser muito inteligente e estratégia ser um fator importante no que ele faz, seus guerreiros são tão treinados, que precisam de poucas instruções, e tão poderosos, que sempre levam a melhor em um desafio. São conhecidos por isso. Isso nos leva ao Tor, que também é um guerreiro e um estrategista. No entanto, contra os nossos inimigos, devemos colocar todas as melhores mentes em conjunto e a Rainha Aurora me convocou para estar envolvido desde o início. Isso poderia ter me tornado um alvo, como qualquer governante ou alguém em um alto escalão seria.

Isso fazia sentido. Era uma merda, mas fazia sentido.

— E a outra razão possível? — Solicitei.

Ele encarou meus olhos, hesitou, mas, ainda assim, disse:
— Pode ser que você fosse o alvo.

O quê?

E *por quê?*

Escolhi uma pergunta e a sussurrei.

— *O quê?*

— Baldur tem motivos para estar irritado com todos os casais que foram unidos ao longo dos dois mundos. E Minerva conspirou para manter Tor e Cora separados, dividindo a alma do Tor e colocando a outra metade em uma mulher do seu mundo. Isso, nós achamos, não é uma coincidência.

Oh, Jesus.

— E você e eu somos, agora, um casal reunido através dos dois mundos — concluiu.

Me senti bem ao ouvi-lo dizer que éramos um casal. Não tínhamos estado juntos por muito tempo, mas o tempo em que estivemos juntos foi intenso. Então, sim, definitivamente, me senti bem.

Não me senti bem sendo um possível alvo de furiosos ex governantes e Deusas, entretanto.

— Isso não me faz sentir acolhida e aconchegada, Apollo — disse a ele.

— A mim também não, papoula. Mas não temos como saber por que eles fazem o que fazem. Só podemos imaginar. E coincidência não é algo que podemos ignorar.

— Será que Baldur tem motivo para estar irritado com você?

— Exceto por lutar na guerra contra os traidores que mataram Atticus e aprisionaram Aurora e Finnie, uma batalha na qual o seu filho foi morto, não especialmente.

Bem, pelo menos aquilo era bom.

— E... humm, ele tem alguma razão para estar zangado com a outra eu? — Perguntei, hesitante, e seus braços me deram um aperto.

— Não. Embora o tenha encontrado em uma variedade de reuniões de assuntos de Estado e, em alguns deles, Ilsa estava ao meu lado. Mas esses encontros foram breves e insignificantes para um homem como Baldur.

Balancei a cabeça.

Isso era muito bom.

Exceto por uma coisa.

— Então o ataque foi, provavelmente, direcionado a você — presumi.

Dessa vez, ele balançou a cabeça. — Estive pensando sobre isso, Maddie, uma vez que não faz sentido. A única coisa que posso considerar que faz, é que eles lançaram o seu dardo para fazer uma declaração. Sendo que não precisariam usar as armas mais poderosas do seu arsenal para fazer esse primeiro ataque. Os homens que nos atacaram em Vasterhague eram hábeis. Não

gosto nem de pensar, se você não tivesse intervindo, em como ele teria terminado.

Eu sabia que meu rosto dizia “eu falei” quando seus lábios se curvaram e seus olhos brilharam com humor, então decidi não falar em voz alta.

Ele continuou.

— Lees relatou que os homens que vieram para cá eram igualmente qualificados. Embora, felizmente, ninguém tenha ficado ferido, porque os meus homens são mais hábeis e também conhecem a disposição do terreno. — Fez uma pausa antes de, com voz mais profunda e mais rouca, declarar: — E não gosto de pensar no que poderia ter acontecido se esse não fosse o caso.

Movi a mão para o seu pescoço. — Então não pense sobre isso, querido.

Ele encarou o meu olhar e balançou a cabeça novamente.

— O que estou dizendo é que eles levaram a sério esses ataques. Não enviaram adversários facilmente derrotáveis. Planejaram ter sucesso. E isso tornaria bastante clara a declaração, que podiam chegar até mim, até você, aos meus filhos, invadindo minha casa e tomando todas as nossas vidas, mesmo sem usar todo o poder sob o seu comando. Seria uma declaração tal, que poderia causar medo. Frey, Lahn e Tor não

são homens que são facilmente intimidados pelo medo ou talvez *jamais* tenham se sentido intimidados por ele. Mas acho que é seguro dizer que, se suas esposas ou famílias estivessem em maior perigo do que se pensava, isso iria atingi-los.

Quanto mais ele falava sobre estes homens, Frey, Lahn e Tor, mais eu sabia que gostaria deles.

— Já terminamos com esse assunto? — Perguntou.

— Só mais uma coisa — respondi.

— Fale — ele ordenou e sorri.

Em seguida, o interoguei: — Onde está Derrik? Vi todos os rapazes, menos ele, desde aquela noite no galpão do jardineiro.

Uma sombra passou sobre seu rosto antes de responder: — Está fora, em uma missão. Uma atribuição auto imposta, mas está nela.

Não achava que o Apollo parecia satisfeito com isso.

— Auto imposta? — Perguntei.

— Não ordenei que ele se encarregasse dessa tarefa. Não queria que ele estivesse nessa tarefa. Ele está sob o meu comando, mas ainda toma suas próprias decisões. Eu não tive outra escolha, a não ser deixá-lo ir.

Eu o observei de perto.

— Você está preocupado — falei baixinho.

— De fato — concordou.

Isso significava que, agora, eu estava preocupada e queria saber mais.

Mas não queria forçar Apollo a me dizer mais quando ficou claro que não gostava de falar sobre isso.

— Ok, então, vamos parar de falar sobre isso — ofereci.

— Eu ficaria grato — ele concordou, sua voz suave. — Agora, encerramos o assunto?

Balancei a cabeça.

As mãos dele começaram a vagar.

— Tenho mais um tópico — o lembrei.

— Fale rápido, estou ficando impaciente — respondeu, com a voz baixa e rouca novamente, mas de uma maneira diferente, maneira esta que senti entre as minhas pernas.

— Ok. Então, lá vai. Fiz cookies com gotas de chocolate — anunciei.

Suas mãos pararam de vagar e ele piscou. — Perdão?

— Bem, estão mais para pedaços de chocolate, já que vocês não têm gotas de chocolate aqui e eu tive que socar um pouco de chocolate para fazer os pedaços e alguns dos pedaços estão na

massa, então são mais do tipo cookie de chocolate, com pedaços de chocolate...

Eu estava balbuciando.

Apollo ouviu e me interrompeu com: — Pare. Explique.

Claramente.

Viu?

Arrogante.

Também ditatorial.

Infelizmente, ainda sexy.

Tanto faz.

Me afastei e ele me soltou. — Ok. Você sabe o que são cookies?

Ele balançou a cabeça.

— Cookies são como bolos pequenos. Exceto que, mais úmidos, com sabor mais intenso, mais saborosos. E os que eu fiz são os favoritos de todo mundo, no meu mundo.

— E você os fez hoje? — Perguntou.

— Sim — respondi.

Sua expressão mudou, suas mãos deslizaram novamente pelas minhas laterais, mas fizeram isso me puxando para ele e a

sua voz era *muito* baixa e rouca quando perguntou: — Para mim?

Encarei seu olhar e sussurrei: — Sim. Para você. E também para poder levar para Christophe e Élan.

Todo o seu corpo enrijeceu.

Oh, Jesus.

Ok, veja bem, eu tinha um plano.

Ganhar o coração deles pelo estômago.

Eram crianças. Iria funcionar. Certo?

Quando ele não disse nada, falei, hesitante: — Eu, bem... pensei em lhes dar um... um pouco do meu mundo. Uma coisa que crianças pequenas no meu mundo gostam. E eles podem, humm... gostar.

— Você está pronta para conhecê-los. — Era uma pergunta, dita como uma afirmação.

— Sim, talvez... — respirei fundo e terminei com uma pergunta: — Depois de amanhã?

— Vamos jantar juntos — decidiu.

Merda.

Droga.

Merda.

— Ok — murmurei.

Apollo passou os braços à minha volta. — Eles vão gostar dos seus cookies, papoula. Ambos têm um fraco por doces.

Balancei a cabeça.

Ele me puxou para mais perto. — E vão gostar de você.

Engoli em seco.

— Vão gostar — insistiu.

— Ok — murmurei.

— Isto me faz feliz, minha pomba — sussurrou.

Ok. Bem.

Ele estar feliz me faz feliz.

— Que bom — sussurrei em resposta.

— Agora, já cobrimos tudo o que você queria discutir? — Perguntou, suas mãos começam a vagar novamente, seu olhar se tornou cálido, as pálpebras piscaram e tudo isso era sexy.

E ele e toda sua beleza masculina na cama, com o edredom cor de creme, os lençóis amarelos claros com os bordados cor de pêssego, os ombros largos apoiados na cabeceira, o peito à mostra e, de repente, eu tinha outra coisa para discutir.

— Tenho mais um tópico — compartilhei.

— Fale — ordenou, e dei um pequeno sorriso que, por algum motivo, fez o calor nos seus olhos incendiar.

Não falei.

Estendi a mão para os pulsos dele e os segurei. Então, afastei suas mãos do meu corpo e estendi um dos seus braços ao longo do topo da cabeceira da cama, curvando os dedos dele na beirada.

Quando meus olhos foram do seu braço para os olhos dele, vi que, agora, estavam *realmente* pegando fogo. Diante disso, me vi me contorcendo sobre o seu colo, tomei coragem porque parecia que ele estava gostando do que eu estava fazendo, levantei seu outro braço e fiz a mesma coisa.

Quando olhei para ele, seus olhos estavam em chamas e não pude evitar de me contorcer.

— Você disse que iríamos explorar — sussurrei e seus olhos me aqueceram por dentro. — Eu quero explorar. — Continuei, sussurrando.

Ele não disse nada, apenas encarou o meu olhar, o dele queimando no meu, causando uma queimadura em *mim*.

— Você vai se segurar na cabeceira da cama enquanto eu exploro, baby?

Diante disso, seus olhos flamejaram e sua voz era um grunhido quando disse: — Por você, papoula, vou tentar.

Senti meu sexo convulsionar diante da sua resposta.

— Muito obrigada, querido.

Seu olhar era tão sexy, me deixou tão quente, que não perdi tempo.

Coloquei os lábios sobre ele, o explorando.

Deslizei a língua até o seu pescoço, pela garganta, ao longo da sua clavícula, fui descendo e usei as mãos também. Segui as protuberâncias dos peitorais com os lábios, em seguida, me movi para os mamilos. Com o polegar acariciei um deles, enquanto a língua deslizava sobre o outro.

Seus quadris se levantaram e um gemido abafado retumbou no seu peito.

Ele gostou.

Graças a Deus, ele gostava disso.

Então lhe dei mais, me demorando, às vezes, erguendo os olhos para ver a face enevoada, os olhos calorosos me observando.

E gostei disso.

Assim, lhe dei mais ainda. Deslizando para baixo, puxei as cobertas comigo.

E lá estava ele. Duro, longo e grosso, orgulhosamente ereto, um convite pela minha atenção.

Deus, *maravilhoso*.

Me acomodei de maneira que soubesse o que eu queria e ele abriu as pernas. Me acomodei entre elas e ele levantou os joelhos, as pernas afastadas.

Eu o apreciei. Para mim. Seu belo pau, duro como uma rocha. Para mim. Todo o seu poder contido e à espera. Por mim.

Toda a sua beleza... para mim.

Oh, sim.

Meus mamilos latejavam, meus seios estavam pesados, o cetim contra eles uma gloriosa tortura, a área entre as minhas pernas molhada, me curvei entre as pernas dele, me aproximei e deslizei a ponta da língua até a parte inferior do pênis duro, da base até a ponta.

Outro gemido, desta vez não sufocado, e outro empurrão dos seus quadris.

Olhei para ele e vi os músculos dos braços e do peito esticados, as veias dos braços estufadas. Suas mãos estavam

agarrando a cabeceira da cama com força e engoli um gemido ao ver o poder e a paixão controlados.

Por mim.

Dei um pequeno sorriso.

— Tome o meu pau — ordenou com voz rouca.

Abaixei a cabeça e beijei a ponta, mas não fiz mais do que isso.

— Maddie...

Me movi e passei a língua ao longo da junção do quadril com a coxa. Ele se mexeu com agitação. Eu também, então me movi para deslizar a língua ao longo da outra junção.

— Tome o meu pau, Maddie — ele grunhiu.

Olhei para ele, encarando seus olhos enquanto corria a língua ao longo da parte de baixo do seu membro.

— *Deuses* — ele gemeu, jogou a cabeça para trás, as veias da garganta saltando, a mandíbula forte, exposta. Diante de tudo isso, senti meu clitóris começar a pulsar.

— Você é bonito pra caralho — sussurrei e ele inclinou o queixo para baixo.

— Tome o meu pau — me interrompeu.

— Tão incrivelmente belo.

— Faça, Madeleine.

Coloquei a língua para fora lentamente, tocando sua ponta na ponta do pênis dele.

Um estrondo retumbou no seu peito e vi os músculos do braço esticados pelo esforço, os dedos segurando a cabeceira da cama com tanta força, que temi que fosse quebrá-la.

Diante disso, decidi que estava na hora de lhe dar mais.

Envolvi a mão em torno do seu pênis, o puxei para mim e o abocanhei profundamente.

— *Graças aos deuses* — murmurou, arqueando o pescoço novamente.

Então dei tudo a ele, boca, língua e mãos. O suguei profundamente. Minha mão o segurou com mais força e o acariciei. Notei, vagamente, que, agora, todo o seu corpo estava enrijecendo, até mesmo suas pernas, e soube que ele estava lutando para não se levantar e foder minha boca.

E isso me excitou ainda mais.

Seus grunhidos se transformaram em gemidos, me estimulando e, quando se aprofundaram e senti o seu corpo se contrair, tirei o pênis da boca e me sentei.

Ele ergueu a cabeça e seus olhos queimaram dentro de mim.

— Quero que você engula a minha semente — ele ordenou e, diante das suas palavras, outra onda de umidade saturou o meu sexo.

Mas, levantando os quadris, puxei a camisola e tirei a calcinha.

Rapidamente, me movi até ficar em cima dele, agarrei a camisola e a puxei sobre a cabeça, jogando-a longe.

— Outra hora, baby — ofereci, levando a mão entre nós dois e envolvendo os dedos em torno do seu pau.

— Me tome profundamente e monte com força, papoula.

Ele não ia ter isto. Ele não ia ditar as ordens.

Mas, caramba, gostava quando fazia isso.

Ainda assim, deslizei a ponta através da minha umidade e sussurrei: — Em um minuto.

— Agora.

Eu a movi para o meu clitóris, me esfreguei com força contra ela e isso me fez sentir *incrível*.

— Em um minuto — balbuciei.

— Agora, Madeleine.

Esfreguei a ponta com mais força contra mim e cometi um erro.

Minha cabeça tinha caído para trás, o que ele estava me dando e *eu* estava recebendo, estava me consumindo, repeti para mim mesma.

Mas acrescentei a palavra “baby”.

De repente, senti minha mão sendo puxada do seu pênis. Levantei a cabeça assim que ele se posicionou na minha entrada e suas mãos agarraram minha cintura. Com os dedos cravados na minha pele, ele me penetrou.

Meu cabeça se inclinou novamente para trás enquanto eu sussurrava: — *Caralho, sim.*

E antes que eu pudesse começar a me mover sobre ele, seus braços se fecharam à minha volta.

Ergui a cabeça com surpresa e vi seu rosto.

Toda ternura se foi. Exatamente como na noite em que chegamos em Karsvall.

Não havia controle.

Não havia nada além de necessidade. Fome. Calor.

Ele se apoiou nos joelhos, me movendo junto com ele. Enquanto fazia isso me ergueu, meu peso e a força dos seus braços me puxando brutalmente para baixo, contra o seu pênis.

Eu amei. Ele me penetrou profundamente, me deixando no limite. Estava quase gozando quando ele caiu para frente, me colocando de costas na cama.

Mas se levantou rapidamente. Seus dedos seguraram os meus tornozelos, ele puxou minhas pernas para cima, pressionando-as contra o seu tronco, apoiando meus calcanhares nos seus ombros, enquanto seus quadris batiam contra os meus, e nossos olhos se encontravam.

— Baby — sussurrei.

— Toque a si mesma — ordenou, me penetrando violenta e profundamente, os dedos apertando os meus tornozelos.

— Estou quase gozando — engasguei. — Se fizer isso, não vou conseguir me segurar.

— Toque-se, Maddie — grunhiu.

Balancei a cabeça. — Baby, eu...

Ele se retirou, moveu minhas pernas para me virar de barriga para baixo, em seguida, puxou meus quadris para cima, assim, eu estava de bruços, mas com a bunda levantada na cama.

Então sua mão estalou contra a minha bunda.

Oh, Deus. Deus, Deus, *Deus*.

Sim.

Meus quadris balançaram, minha bunda ardeu, meu corpo *queimando* pra caralho.

— Toque-se — exigiu.

Imediatamente, levei a mão entre as minhas pernas e me toquei. Em apenas um segundo, estava gemendo incontrolavelmente.

Sua mão estalou contra a minha bunda novamente.

— Sim — sussurrei, pressionando os dedos e os deslizando com mais força, erguendo a bunda para comunicar que queria mais.

E ele me deu.

— Oh, meu Deus, Lo — gemi.

Outra palmada.

Arqueei a cabeça. — *Sim*.

Mais uma.

— Deus, Lo, *sim* — Exclamei e gozei, *intensamente*, meus gritos agudos penetrando a escuridão.

Continuei gozando enquanto sentia ele me penetrar por trás e continuar fazendo isso.

E continuei gozando enquanto os dedos cravados nos meus quadris me puxavam com força, até mesmo enquanto me

penetrava com firmeza. Meu orgasmo estava diminuindo quando ele estocou uma última vez, enrijeceu e ouvi seu gemido de gozo, tão profundo que o senti vibrar através do seu membro direto no meu coração.

Um arrepio remanescente me atravessou só de ouvi-lo, sem mencionar *senti-lo*.

Ele ainda não tinha terminado de desfrutar do seu orgasmo quando se retirou, me puxou para cima e pressionou o pênis, assim ele ficou aninhado longo da fenda da minha bunda.

Seus braços me apertaram, um na altura das minhas costelas, o outro no meu peito, e enterrou o rosto no meu pescoço.

— Você me chamou de Lo — disse ele, a respiração acelerada e a voz rouca.

De repente, vacilante, sussurrei: — Sim. Ouvi os rapazes chamarem você...

Ele aninhou o rosto mais profundamente na minha pele e me apertou tão forte com os braços, que minha respiração saiu em um jorro.

— Isso me agrada — sussurrou a resposta.

Graças a Deus.

Relaxe contra ele.

Ele continuou sussurrando palavras suaves contra a minha pele. — *Você* me agrada.

Fechei os olhos, mas levei as mãos até os antebraços dele, segurando-os com força.

Ele me deu outro aperto enquanto empurrava os quadris, pressionando o pênis profundamente no meio das bochechas da minha bunda. — Você está confortável, minha pomba?

— Sim.

— Sua bunda está bem?

— Oh, sim — sussurrei.

Isso me rendeu outro aperto.

Em seguida, seus braços relaxaram (levemente) e seus lábios deslizaram do meu pescoço até o meu ouvido. — Da próxima vez, vou tomar esta bunda — e seus quadris empurraram novamente para que eu soubesse sobre o que ele estava falando.

Um tremor sacudiu meu corpo.

Nunca tinha feito isso.

Mas queria que Apollo fizesse isso comigo. Queria que ele me tomasse de todas as maneiras que pudesse. Queria tomá-lo de

todas as maneiras que pudesse. Queria possuí-lo e queria que ele me possuísse.

E essa constatação me abalou.

Ele não tinha terminado.

— Com a bunda vermelha de novo, seus dedos trabalhando entre as pernas, você vai gozar comigo enterrado dentro dela.

Ok, agora estava achando que queria isso imediatamente.

— Vamos precisar de óleo — falei baixinho, seus dentes se cravaram no lóbulo da minha orelha, o que me causou outro estremecimento, antes que ele movesse os lábios para a pele da parte de trás da minha orelha.

— Vou providenciar — ele murmurou.

Bom.

Seus braços se moveram. O que estava no meu peito se dobrando para envolver meu seio. O que estava sobre as minhas costelas, fazendo o mesmo com o meu sexo.

— Você me dá isso — falou suavemente.

— Sim.

— Livremente — acrescentou.

— Sim.

— Com abandono — concluiu e não escondeu que isso o agradava também.

Não disse nada, mas senti, muito. Deus, tanto. Era quase impossível de conter.

Ele me puxou com mais força para o seu corpo e, novamente, enfiou o rosto no meu pescoço. — Isso me deixa feliz.

Oh, *Deus*.

— Estou feliz, Lo.

Sua boca voltou para o meu ouvido. — Minha pomba está feliz? — Perguntou com ternura, mordi o lábio e me senti ainda *melhor*.

Tão melhor, que estava me devorando.

E não me importaria em desvanecer dentro disso.

Isso me abalou muito.

Meus dedos apertaram os antebraços dele e respondi: — Sim, estou feliz, Apollo.

Ele não disse nada por um longo momento. Apenas me segurou intimamente, bem perto, ambos de joelhos sobre a cama.

Finalmente, ele quebrou o silêncio. — Você está melada. Vou limpar você e vamos dormir.

— Ok — concordei.

Isso me rendeu outro aperto e um beijo na nuca.

Em seguida, se moveu para me acomodar suavemente na cama e se inclinou para roçar os lábios na minha mandíbula antes de me soltar.

Em seguida, começou a arruinar minhas defesas.

E fez isso ao me lavar, colocar a camisola em mim, passando as mãos sobre o tecido, em seguida, me colocando na cama, puxando as cobertas até os meus ombros e me puxando para perto, me aninhando contra ele. Fez tudo isso com ternura, com aquele olhar no rosto que eu sentia nas minhas entranhas e em volta do meu coração.

Também fez isso como se eu fosse frágil, mas preciosa.

Amada.

Ninguém tinha me tocado dessa forma.

Nunca na minha vida.

Me segurou com firmeza junto a ele enquanto rolava para um lado, depois para o outro, para apagar as lamparinas nas mesinhas nos lados da cama, nos deixando, apenas, com a iluminação da lareira.

Quando nos acomodou de lado, me puxou ainda mais perto e senti seus lábios no topo da minha cabeça.

— Preciso dizer a você agora, minha papoula, durante anos, nunca pensei que ia voltar a ser feliz. Nunca mais. — Me trouxe mais para perto e terminou em um sussurro rouco. — Por isso, nunca imaginei que poderia ser *mais feliz* ainda.

Diante das suas palavras e de tudo o que elas queriam dizer, meu coração acelerou dentro do peito, mas me aconcheguei mais ainda, aninhando meu rosto na sua garganta, incapaz de dizer qualquer coisa. Capaz, apenas, de sentir.

— Durma, Maddie — murmurou.

— Ok, querido — me forcei a falar.

Senti seus lábios se afastarem do meu cabelo, mas ele manteve um braço em volta dos meus ombros, me segurando com firmeza, enquanto o outro deslizava pelas minhas costas para alisar meu traseiro, o tocando levemente, como se quisesse acalmar o ardor que a mão deixou lá. Ardor com o qual não me importava nem um pouco.

Eu devia ter dormido. Tudo o que eu sabia, tudo o que aprendi, tudo que eu era, me diziam para manter a boca fechada.

Mas, nos braços dele, diante de tudo o que ele disse, tudo o que tinha feito, tudo que ambos demos um ao outro, não mantive.

Com voz tão baixa, que foi difícil até para eu mesma ouvir, disse a ele: — Em toda a minha vida, nunca fui feliz. Portanto, nunca imaginei que poderia ser, muito menos dessa maneira. Até agora.

Ele me ouviu.

Soube disso porque ele me deu outro aperto poderoso que me tirou o fôlego e senti seus lábios novamente no meu cabelo.

— Quero que você compartilhe por que isso foi comigo, Madeleine.

— Vou compartilhar, querido. — Ofeguei.

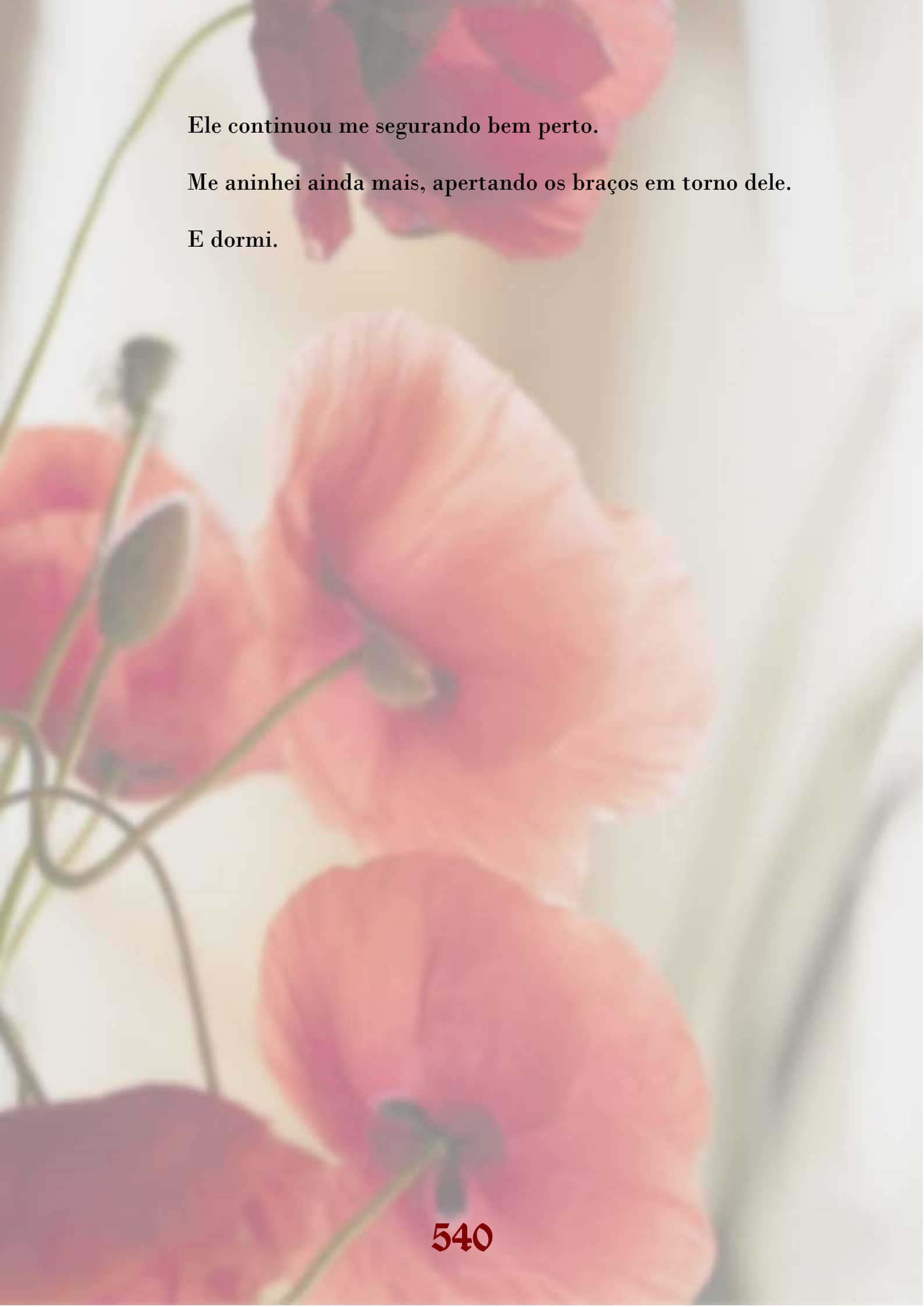
Ele ouviu o chiado e afrouxou o aperto dos braços.

— Agora, não. Agora, vamos dormir — ele ordenou e, diante do comando arrogante e mandão, sorri contra a sua pele.

— Certo — murmurei.

— Mas quero que você durma sabendo o quanto significa para mim saber que fiz você feliz.

Inspirei de maneira trêmula, mostrando que eu sabia o quanto significava, esperando que soubesse o quanto o que ele disse significava para mim, pressionei os lábios na pele da sua garganta, aplicando um leve beijo. Então virei a cabeça e pressionei a bochecha na sua base.



Ele continuou me segurando bem perto.

Me aninhei ainda mais, apertando os braços em torno dele.

E dormi.

Capítulo Dezesseis

Me Escondendo

— Não posso acreditar que estamos fazendo isso.

Essa era Meeta.

— Shh!

Essa era Loretta.

Estávamos nos escondendo através da floresta, indo em direção à casa principal.

Estávamos fazendo isso porque Apollo me disse duas coisas na noite anterior.

Uma, os homens pelos quais estava esperando haviam chegado, haviam sido direcionados para o patrulhamento e, assim, toda a terra dos Ulfr, agora, estava protegida. Isto significava que era seguro sair de casa e passear sem escolta. Aparentemente, seus soldados estavam fora (eu meio que tinha a sensação que “estar fora” significava “sair em missões”, que Apollo não achava que fosse necessário eu saber, e eu realmente não queria saber, então estava bem com isso), mas agora eles estavam de volta.

Duas, ele havia dado os meus biscoitos às crianças e elas adoraram.

— Foi uma sorte ter provado um antes de entregá-los a Christophe e Élan — ele disse, sorrindo. — Porque, quando voltei para pegar mais, já tinham acabado.

Isto me fez feliz. Não só as crianças tinham gostado, mas também que ele tinha voltado para pegar mais, o que significava que *ele* também gostou deles.

Naquela noite, eu ia jantar com eles.

É suficiente dizer que estou pirando.

Queria pedir ao Apollo mais um dia (ou sete), nos quais eu poderia fazer uma variedade de coisas para eles. Snickerdoodles¹⁴. Fudge de chocolate. Torta de limão com merengue. E isso porque os queria bem e preparados para me conhecer.

Mas disse ao Apollo que iria jantar com eles naquela noite e não podia voltar atrás, agora. Ele estava animado (no seu jeito mauzão de guerreiro do outro mundo) por eu fazer isso, então eu tinha que fazer.

Para ele.

¹⁴ É um tipo de cookie feito com manteiga ou óleo, açúcar e farinha, e envolto em açúcar com canela.

Mas pensando sobre isso (ok, me preocupando com isso), decidi que não podia estar na mesma sala que eles e manter a calma.

A menos que eu os visse antes.

Portanto, durante o jantar na noite anterior, quando Apollo, sem querer, me contou a programação deles – café da manhã com ele, estudos, almoço, atividades ao ar livre, em seguida, voltar para os estudos antes de passarem mais algum tempo com ele à noite, eu estava espreitando através da floresta com Meeta e Loretta, a fim de espioná-los durante suas “atividades ao ar livre” (o que quer que aquilo fosse).

Para ter apoio moral, trouxe Meeta e Loretta junto comigo.

Por razões óbvias, não tinha compartilhado com nenhuma das duas mulheres, ou com Cristiana, que eu era de um outro mundo. Mas sabendo que eu parecia bastante com a outra Ilsa, em outras palavras, a mãe morta deles, Loretta compreendeu minhas preocupações sobre como as crianças reagiriam a mim (se não todas as minhas preocupações sobre por que estava do jeito que eu estava sobre eles).

Meeta, no entanto, me observou astutamente, de uma forma que senti, estranhamente, como se ela tivesse pego as coisas no ar, algo que ela não poderia fazer, porque, de acordo com Apollo, somente aqueles que precisavam saber sobre os dois

mundos, tinham ciência deles (com o aviso que eu deveria manter dessa maneira, não importando o quão próxima eu ficasse das mulheres).

Dito isto, Meeta tinha concordado em ir, mesmo que relutantemente. Embora, na maior parte, isso tenha ocorrido porque, tendo nascido e sido criada no sol, calor e areia das Southlands (eu sabia porque ela descreveu), estar no frio não era uma das suas atividades favoritas.

Então, agora estávamos nos escondendo.

Eu tinha me rebaixado a me esconder.

Senti que devia estar um pouco envergonhada sobre isso, mas estava ansiosa sobre o jantar naquela noite e não tinha isso em mim, ser tanto envergonhada *quanto* ansiosa. Portanto, a ansiedade ganhou.

— Eles mal podem nos ouvir nesta distância — Meeta apontou para Loretta enquanto continuava me aproximando cada vez mais, usando as pegadas do cavalo na neve como guia para a casa.

— Você não sabe — Loretta rebateu.

— Será que eles têm uma audição sobrenatural? — Meeta replicou.

— Não que eu saiba — respondeu Loretta.

— Então eles não vão ouvir — Meeta afirmou, sua paciência, claramente, se esgotando.

Eu já nem estava ouvindo a conversa um tanto ridícula, uma conversa que normalmente me fazia dar risada ou, pelo menos, sorrir.

Nos últimos dias, tiveram várias destas conversas. Principalmente porque Meeta era bastante inteligente, altamente lógica e nem um pouco emocional (ou, pelo menos, não demonstrava). Ela era como um Spock¹⁵ de Maroo. Loretta, por outro lado, não era estúpida, mas era excitável e emocional, então não era exatamente uma Uhura¹⁶ ou mesmo o Dr. McCoy¹⁷. Estava mais para uma líder de torcida do quadro de honra que tinha sido tele transportada para a *Enterprise*¹⁸.

Isso me tornava o Capitão Kirk¹⁹, pois as estava levando para um empreendimento equivocado e esperava, como Kirk parecia capaz de fazer, poder ultrapassá-lo incólume.

Com este pensamento, olhei através das árvores.

A casa principal.

Karsvall.

¹⁵ Personagem da franquia de entretenimento Star Trek.

¹⁶ Personagem da franquia de entretenimento Star Trek.

¹⁷ Personagem da franquia de entretenimento Star Trek.

¹⁸ Nome da nave espacial da franquia de entretenimento Star Trek.

¹⁹ Personagem da franquia de entretenimento Star Trek.

E *que* casa.

Eu não tinha reparado em nada quando cheguei lá, dias antes.

Agora, enquanto olhava entre as árvores, mas ficava atrás de uma delas, olhei em volta e percebi que não tinha outra escolha a não ser apreciá-la.

Isto porque era enorme, larga e com quatro andares.

Também era feita da mesma madeira entalhada e entrelaçada, escura como a da casa anexa, mas havia muito mais. *Toneladas*.

As janelas do andar inferior eram todas em arco e cada uma delas, da altura de um homem. Ao longo da frente da casa havia tochas de ferro decorado fincadas a cada um metro e meio, em diagonal, apontando para longe da casa. No segundo andar, a cada poucas janelas, havia portas francesas que levavam a varandas com uma balaustrada de madeira entalhada à sua volta.

Reparei, absorvendo tudo enquanto me movia através de uma linha de árvores, que a coisa toda se destacava na neve branca. Tudo ao redor era aberto, portanto os pinheiros escuros e árvores desfolhadas a enquadravam à distância, fazendo com que parecesse algo saído de um cartão postal.

Notei também, quando alcancei a parte de trás, que era simétrica.

A frente não possuía uma estrada pavimentada que conduzia até ela, apenas uma trilha através de um caminho de orgulhosos pinheiros, que claramente tinham sido plantados de maneira que parecessem altos soldados verdes em guarda.

A parte de trás tinha gazebos iguais, um de cada lado. Além dos gazebos, havia uma estufa enorme com telhados pontiagudos trabalhados em ferro, apontando para o céu em harmonia. E havia uma linha de arbustos verdes e baixos, aparados na forma de cones perfeitos entre os gazebos e as estufas, arbustos que delineavam o que, um palpite, era o quintal, que era de uso exclusivo da família e, a partir dali, provavelmente mais relacionado aos servos, as estufas.

E, de alguma forma, não tinha ideia como (deviam ter sido cavados à mão), dois córregos gêmeos corriam em linha reta da floresta até uma fonte assentada entre os gazebos. Suas águas caíam do topo até o que parecia ser um sabre esculpido em mármore. Esta água corria por cima do gelo, a água e o gelo lançando respingos que pareciam diamantes cintilantes sob o sol. O fluxo de água se derramava sobre a base da fonte, indo em direção à casa e desaparecendo sob ela.

Absorvi aquilo tudo e achei que era de tirar o fôlego em sua simplicidade serena e congelante.

Mas o que tirou o meu fôlego completamente foi ver Christophe vestido como um mini Apolo, incluindo uma longa capa. Ele segurava um arco e uma flecha e visava um alvo a alguma distância.

Não muito longe dele, Élan estava de joelhos na neve, não construindo um boneco de neve, mas construindo o que parecia ser um castelo de neve.

E notei duas coisas imediatamente.

Uma delas, eram ainda mais bonitos lá fora, sob o sol, fazendo coisas que gostavam, não se encolhendo em uma cama, insanamente apavorados.

A outra era que ambos necessitavam colocar chapéus.

— Eles deviam estar usando chapéus — murmurei, olhando para eles, meu coração acelerando, meus olhos começando a doer só de olhar toda a beleza que eles eram.

— Tente colocar um chapéu no jovem mestre Christophe — Loretta murmurou. — Ouvi dizer que é teimoso, aquele. Seu pai não usa chapéu, então ele também não usa.

Diante das suas palavras, senti meus lábios se curvarem, mesmo enquanto meus olhos se mantinham alertas.

— Eles são lindos — sussurrei.

— São, de fato, Maddie — Meeta concordou, se aproximando, esticando a mão para segurar a minha.

Christophe lançou a flecha. Ela acertou bem na beirada do alvo, e lutei para não vibrar, ao mesmo tempo que lutava para não chorar.

— Eles precisam de uma mãe — Meeta falou e meu coração apertou quando a mão dela apertou a minha. — Uma mãe iria colocar chapéus neles.

Ela iria. A mãe iria colocar chapéus sobre eles. E lhes diria para comer seus legumes. E se alegrar quando quase atingissem o alvo. E os ajudaria a fazer castelos de neve.

Minha garganta começou a queimar, ao mesmo tempo meu couro cabeludo arrepiou em uma advertência estranha, e foi esta última que me chamou a atenção.

Desviei os olhos das crianças para fazer uma varredura da área e vi dois homens, que nunca tinha visto antes, na floresta atrás do gazebo mais distante.

Eles também estavam se escondendo, seus olhos, eu tinha certeza, embora estivesse longe, visando as crianças.

Merda!

Os homens do Apollo não iriam se esconder. Não tinham nenhuma necessidade de se esconder. Fiquei surpresa ao reconhecer, mas, diante da presença de dois homens se escondendo, homens que obviamente que não deviam estar lá, era nítido que os homens do Apollo estavam falhando no trabalho de manter segura a terra dos Ulfr.

Mas não podia perder tempo pensando nisso.

Tudo no que eu conseguia pensar era que dois homens de aparência rude estavam se escondendo e indo em direção às crianças. E (exceto pelo jeito que Loretta, Meeta e eu estávamos fazendo isso), sabia que isso não levava a nada de bom.

Portanto, soltei rapidamente a mão da Meeta e me afastei da árvore atrás da qual estava me escondendo, olhando de um lado para o outro e ordenando em voz baixa, mas urgente: — Vão! Pela frente. Direto para a casa. Encontrem alguém e digam que há uma ameaça para as crianças no jardim de trás.

— Maddie... — Loretta começou, quando encontrei o que estava procurando, corri para a frente e peguei um galho robusto caído na neve.

Olhei na direção das mulheres. — Vão! — Vociferei e não esperei para ver se faziam o que lhes disse para fazer.

Me movi.

Atravessei a linha das árvores na beira da clareira, mantendo os olhos nos homens que estavam se aproximando das crianças pelo outro lado. Eles não estavam correndo (não dá correr enquanto se esconde), mas eu estava, então me aproximei rapidamente enquanto eles se moviam para a clareira, seus olhos sobre as crianças, os corpos curvados de forma ameaçadora, as roupas quentes, mas grosseiras, barbas compridas em suas faces.

Me movi por trás deles.

O que estava atrás ouviu o som das minhas botas na neve, se virou e vi seus olhos se arregalarem com surpresa, porque eu estava pronta para atacar. Eu carregava o ramo levantado; me aproximei rapidamente e o girei na direção dele com toda a minha força.

Infelizmente, ele teve tempo de levantar um antebraço, então recebeu a força do meu golpe com ele, quando eu estava mirando a sua cabeça.

Felizmente, tinha outra arma à disposição, a minha boca grande.

— *Crianças! Corram!* — Gritei, bem na hora que o cara grande com a barba desalinhada pegou o galho e o arrancou das minhas mãos. — *Corram!* — Gritei novamente, me lançando para ele, sem saber o que ia fazer, só que ia fazer alguma coisa.

Não fiz.

Não porque ele me rechaçou.

Não, porque um braço duro como ferro segurou minha cintura por trás e fui puxada para trás contra um corpo forte.

Eu conhecia esse corpo e esse aperto.

— Maddie, que diabos você está fazendo? — Apollo falou no meu ouvido, ao mesmo tempo que Élan gritava: — *Tio Quincy!* — E depois ouvi Christophe gritar: — Tio Balthazar!

Então vi as crianças correrem através da neve na direção dos dois homens rudes. O que eu acertei, pegou Élan e lhe deu um abraço. O que estava na frente permitiu que Christophe lhe desse um breve abraço em torno da sua cintura antes de Christophe dar um passo para trás e o homem colocar a mão enorme no ombro do Christophe e o apertar enquanto este sorria para ele.

Oh, merda.

Parecia que eu tinha exagerado novamente.

Girei o pescoço para olhar para Apollo, vi seus olhos em mim e expliquei em um sussurro: — Eles estavam se escondendo.

Suas sobrancelhas se ergueram (ambas ao mesmo tempo) enquanto seus olhos brilhavam com humor e ele respondeu: —

Se escondendo? Bem, graças aos deuses você colocou um fim nisso.

Merda.

Mordi o lábio.

O braço do Apollo me deu um aperto feroz quando explodiu em risadas.

Merda!

Evitando os olhos das crianças, olhei novamente para o homem no qual bati e, quando a risada do Apollo diminuiu, murmurei: — Desculpe por ter batido em você com um galho. Pensei que era uma ameaça.

— Imaginei isso — ele respondeu, os dentes muito brancos em contraste com a barba castanho-avermelhada, e os vi porque estava sorrindo amplamente. — Ou, ao menos, espero que essa não seja a sua forma de dar boas-vindas, porque não posso dizer que fiquei muito empolgado com isso.

Ouvi Apollo emitir uma risada suave (embora eu não risse, mesmo que o cara estivesse sendo engraçado, sem mencionar agradável, sobre eu bater nele com um galho), enquanto me soltava, mas pegava a minha mão.

Apoiando-a na curva do seu braço, me puxou para perto dele e nos moveu para a frente. — Quincy, Balthazar, conheçam Lady Madeleine.

Recebi dois acenos com o queixo e dois grandes sorrisos dos homens.

— Maddie — a voz do Apollo ficou mais baixa quando continuou — conheça os meus filhos, Christophe e Élan.

— Olá! — Élan cantarolou com uma adorável e profunda reverência e meu coração falhou uma batida.

— Lady Madeleine — Christophe falou.

Olhei para ele e vi que era muito parecido com o pai, e nesse momento, isso incluía os olhos verdes brilhando com diversão e ele estava lutando contra o riso.

Eu me fiz completamente de boba. O Capitão Kirk nunca fez papel de bobo.

Engoli em seco, nervosamente.

Apollo falou e olhei para ele.

— Agora que você já explicou o seu corajoso, mas errôneo, ataque em um dos homens do Frey... — Ótimo. Eram homens do Frey. — Talvez possa explicar por que está aqui. O jantar é bem mais tarde.

— Loretta, Meeta e eu estávamos fazendo um passeio — compartilhei um pouco desonestamente (ok, principalmente desonestamente).

— Certo — Apollo respondeu, a voz retumbante mesclada com humor. — Eu vi vocês três na floresta. — Ele se inclinou para mim e finalizou com um sussurro, que esperava que somente eu pudesse ouvir: — *Se escondendo*.

Deus!

Alguém me mate.

Seus belos lábios carnudos se abriram em um sorriso.

Decidi que ficar chateada com isso era melhor do que ficar mortificada, então estreitei os olhos para ele.

Ele riu, me puxou para mais perto e olhou para os nossos espectadores.

— Christophe, Élan, é hora de voltar para os estudos. Vocês vão receber a visita da Madeleine no jantar.

Isso rendeu um aceno do Christophe, mas Élan abriu a boca para falar.

Apollo a interrompeu.

— Estudos, menina preciosa — ele disse com firmeza, mas gentilmente.

Ele a chamava de “menina preciosa”.

Era tão incrivelmente doce que fez minha mandíbula doer.

Fechei olhos.

— Vejo você no jantar, Lady Madeleine — Christophe disse e abri os olhos.

Acenei e me forcei a falar: — Estou esperando ansiosamente por isso, querido.

Ele sorriu para o pai, foi até a irmã e agarrou a mão dela, puxando-a enquanto caminhava para a casa.

— Eu gostei dos seus cookies! — Ela falou animadamente enquanto era arrastada pelo irmão.

— Fico feliz, querida — respondi.

— Você precisa fazer mais — ela compartilhou.

— Élan — Apollo disse com um tom de aviso na voz.

— Farei — respondi rapidamente. — Cookies açucarados da próxima vez.

— Uhuuu! — Ela gritou, embora soubesse que ela não tinha ideia do que eram cookies açucarados, enquanto seu irmão a puxava na direção da casa, murmurando: — Venha *agora*, Élan.

Ela acenou para mim.

Eu acenei em resposta.

Eles desapareceram dentro da casa.

Ok, bem, pode-se dizer que o capitão Kirk era muito melhor em colocar e tirar a tripulação do *Enterprise* de problemas, do que eu.

Mas eu tinha feito a parte de colocar.

— Quincy, Zar, vamos nos reunir — Apollo afirmou.

Parei de me recriminar, olhei para ele e, em seguida, para os homens.

— Talvez isto tenha que ser adiado, pois vou precisar que um médico olhe o meu braço. Acho que está fraturado — Quincy, o cara alto, robusto, loiro, e barba castanho-avermelhada declarou.

Oh, merda.

— Se for o caso, vou enviar um pássaro direto para o Kell, para que ele possa compartilhar com os rapazes que você teve o braço quebrado por uma mulher — Balthazar, o cara alto, robusto, de cabelos e barba escuros disse enquanto caminhava até Quincy e parava.

Um pássaro?

Antes que eu pudesse perguntar sobre o pássaro, Quincy disse a Balthazar: — Ela partiu para cima de mim e me atacou com um galho, Zar.

— Ela partiu para cima de você e o atacou com um galho, Quincy, e a palavra ativa nisso tudo é *ela* — Balthazar rebateu, sorrindo amplamente.

— *Ela* também é hábil com uma faca — Apollo colocou. — E espadas. Bem como luminárias.

— Parece que há uma história aí — Quincy observou.

— Duas — Apollo concordou e então deve ter comunicado algo em sinais de homens, porque todos os três explodiram em gargalhadas.

Bem!

— Se vocês terminaram de se divertir às minhas custas — interrompi sua diversão. — Vou *me esconder* novamente na minha casa e volto mais tarde para o jantar.

Apollo virou os olhos sorridentes para mim e garantiu calmamente: — Nós não estamos tirando sarro de você, papoula.

— Sério? Sou apenas uma *mulher*, mas posso falar ing... quero dizer, a linguagem de Vale, por isso estou bastante certa que não estou errada em achar que *vocês estão*.

Ele olhou para os homens e explicou: — Ela é muito temperamental, também.

— *Ela* está bem aqui. — Rebatí.

Ele olhou novamente para mim e aquele olhar terno invadiu seus olhos.

— Calma, minha pomba — disse baixinho. — Você acha que eu ou esses homens, que são amigos da minha família, pensam que é indecoroso você se esconder ou agir... *novamente...* para proteger os meus filhos?

Humm.

Provavelmente, não.

Decidi não responder.

Apollo sabia o que a minha não-resposta significava e se virou para mim, então estávamos frente a frente.

— Agora, você já está aqui e não há nenhuma razão para voltar. Tire um tempo, faça um tour pela minha casa. As crianças estão estudando, então você não vai vê-los. Vou encontrá-la antes e levá-la até eles. Vamos sentar e conversar, a fim de que você possa começar a conhecê-los um pouco melhor, antes do jantar.

Eu estava vendo o erro da minha escolha (ou erros, plural) em me engajar na missão de me esconder com Loretta e Meeta,

mas já era tarde demais. Tínhamos uma audiência, um público que estava assistindo e não se movimentando, e não podia ter a conversa que precisava ter com o Apollo, agora mesmo. E podia dizer, pelo olhar nos seus olhos, que Apollo queria muito que eu ficasse, conhecesse a sua casa e o encontrasse antes de me levar para jantar com seus filhos.

E eu queria muito que Apollo tivesse qualquer coisa que quisesse.

Merda.

— Ok — disse a ele. — Vou fazer um tour pela sua casa. Vendo o tamanho dela, devo demorar umas sete horas, no entanto. Então, se eu me perder, envie uma equipe de busca.

Seus lábios tremeram antes que ele se inclinasse para mim e beijasse o meu nariz.

Recuou, encarou meus olhos e murmurou: — Obrigado, papoula.

Balancei a cabeça, respirei fundo e me virei para os dois homens. — Foi um prazer conhecer vocês, depois, é claro, — olhei para Quincy — que o ataquei.

— O prazer foi meu — Quincy respondeu — depois, é claro, que me atacou.

Ele realmente era engraçado e, debaixo de toda aquela dureza, meio que bonito.

Infelizmente, eu não estava com vontade de rir ou apreciar a sua fofura.

Mas dei um sorriso para ele.

Apollo me soltou, mas colocou a mão na parte inferior das minhas costas e me deu um suave empurrão em direção à casa, murmurando: — Vá, Maddie.

E eu fui, tentando entrar no jogo, então me virei, acenando brevemente.

Não recebi acenos de volta. Em vez disso, recebi um aceno com o queixo do Balthazar (que também era bonito debaixo de toda aquela aspereza), um sorriso do Quincy e uma piscadela do Apollo, que acrescentou um sorriso.

A piscadela foi doce.

E sexy.

Diante desse pensamento, me movi para a casa rapidamente e desapareci dentro dela me sentindo uma idiota, mas pensando que algo de bom tinha vindo daquele fiasco.

Tinha conhecido as crianças. Tinha até mesmo falado com elas. Ok, também tinha agido como um idiota na frente delas.

Mas a parte mais difícil estava feita.

E agora eu podia seguir em frente.

Então, talvez eu não fosse tão ruim em agir como o Capitão Kirk.

Embora percebesse que ainda restavam muitas coisas a serem vistas.

* * * * *

Estava parada em frente a enorme imagem na janela que mostrava duas histórias. Uma janela idêntica à janela do outro lado da enorme e alta lareira, o aparador de mármore cor de chocolate com veios cor de creme, prata, ouro e jade alcançando o teto.

Estava olhando para o jardim dos fundos, pensando.

Não surpreendentemente, a casa do Apollo era incrível. Muito maior, mas não menos calorosa e acolhedora do que a casa anexa, embora, também, muito mais masculina.

Demorou eras para visitá-la, já que tinha uma sala de estar formal, um saguão formal, uma biblioteca enorme, uma sala de jantar formal (com uma longa mesa, na qual podiam se sentar vinte e seis pessoas, sim, *vinete e seis*), uma sala para o café da manhã, uma sala de estar e sala de jantar informais, bem como

um jardim de inverno em formato octogonal, saindo da sala de estar informal.

Havia cozinhas, também, mas não fui até lá porque estava evitando as pessoas (por razões óbvias).

Além disso, havia um aposento que parecia meio que uma sala de bilhar, mas a mesa era muito maior e alguns dos buracos levavam a uma coisa que expulsava a bola de volta para a mesa.

Também havia uma porta fechada que presumi ser o escritório do Apollo.

E, por último, havia o grande salão rebaixado que era o destaque digno de aplausos da casa. Era enorme, os tetos abobadados, você entrava pela porta, caminhava sobre o piso polido de madeira escura com tapetes fabulosos, e era isso o que via diante de si. Aquela lareira. As janelas altas em arco. O teto. E naquele salão rebaixado, havia uma vasta gama de confortáveis sofás de couro dispostos de modo a convidá-lo a afundar neles com uma boa companhia, uma garrafa de vinho e relaxar por várias horas.

O enorme salão era de arrasar. Nunca tinha visto nada assim e, provavelmente, nunca iria ver novamente. Nem mesmo neste mundo fantástico. De tão impressionante.

Durante o tour, também descobri que no segundo andar (que era dividido ao meio para dar lugar ao teto alto do salão) ficavam os quartos, no terceiro andar havia um salão de baile (um salão de festas que percorria todo o comprimento da casa, enorme!), mais o andar de cima, onde não passei muito tempo porque parecia um lugar para armazenamento e onde ficavam os quartos dos serviçais. Sem falar que conseguia ouvir as crianças do corredor, provavelmente, conversando com seu tutor.

Demorei duas horas para explorar todos os cômodos, e não apenas porque havia muitos deles, mas porque havia muitas coisas dentro deles. Pinturas, objetos de arte, tapetes, tapeçarias, até mesmo a maneira como a mobília e os estofados eram feitos, prenderam a minha atenção.

Não foi uma surpresa que, com todo aquele dinheiro, Apollo tivesse uma bela residência. Também não era de surpreender que fosse confortável e convidativa.

O que foi uma surpresa, é que era *muito* deste último tipo. Ele era o único membro da aristocracia que eu conhecia naquele mundo (ou no meu próprio). Mas, mesmo tão grande quanto a sua casa era, não era imponente.

Era um lar.

E eu amei isso.

Era nisto que eu estava pensando quando ouvi o barulho de botas no chão.

Dei as costas para a janela e vi Apollo se movendo na minha direção.

Camisa de gola alta bordô, calça marrom, as botas brilhantes, mesmo desgastadas, e o cabelo incomumente penteado para trás do seu rosto, me fazendo imaginar se gostava dele despenteado mais do que gostava arrumado.

— Ei — falei, tirando a minha atenção do cabelo fantástico (e, para ser honesta, da calça dele).

Ele sorriu, mas não falou até estar na minha frente, envolver os braços frouxamente à minha volta, então coloquei as mãos no seu peito.

Em seguida, sua voz profunda retumbou: — Ei.

Essa não era uma palavra que ele já tivesse usado. Era uma palavra do meu mundo. E alguma coisa no fato de usá-la fez meu coração suspirar.

Para desviar minha atenção disso, compartilhei: — Gosto da sua casa.

Seu olhar caloroso ficou mais caloroso e me puxou para mais perto, mas meio que me assustou quando fez isso, ao mesmo tempo que questionava: — Eu presumi que, com as atividades

nefastas do meu outro eu, ele podia fornecer uma casa grande para você.

— Você... presumiu corretamente — confirmei, hesitante.

— A minha é maior? — Perguntou.

Diante disso, entendi.

Era Apollo querendo me dar o melhor.

Então, sorri e me inclinei para ele. — Sim, tipo, *muito*.

Ele retribuiu meu sorriso, me puxou para mais perto ainda e murmurou: — Gosto disso.

Me senti excessivamente efusiva porque Apollo estava satisfeito e gostava quando ele ficava satisfeito.

Diabos, eu estava desvanecendo rapidamente. Desvanecendo neste mundo. Desvanecendo nele.

E eu não me importava. Nem mesmo um pouco.

Foi o fato de não me importar que me assustou.

Sendo assim, não me importei até que ele anunciou: — Como a minha casa é agradável para você, vou mandar Loretta e Meeta arrumarem as suas coisas e vamos fazer sua mudança para cá amanhã de manhã.

Esqueci tudo sobre desvanecer e pisquei.

— O quê?

— Amanhã, vamos fazer sua mudança para cá. Não é demorado chegar até você, minha pomba, mas vai ser muito melhor jantar com você, aqui, e ir para a cama com você, aqui também, o que significa que vou acordar aqui, também.

Humm...

Mudar para cá.

Amanhã?

Ele era louco?

— Uh, Apollo, até amanhã eu já terei feito, duas vezes, algo insano na frente dos seus filhos, uma vez que, esperamos, eu aja como uma pessoa sã enquanto janto com eles. Não é a hora certa para me mudar para cá.

— Você já terá encontrado com eles. Você já vai conhecê-los melhor. Assim, não haverá mais razões para evitá-los. Você gosta da minha casa. Não vejo nenhum propósito em continuarmos com o nosso arranjo atual.

— É muito cedo — disse a ele, por um milagre, tendo sucesso em não deixar o tom da minha voz subir, em pânico.

— Muito cedo? — Ele perguntou, claramente perplexo.

— Sim. Cedo demais para eles. Cedo demais para você e para mim.

— Maddie, como pode ser muito cedo?

Sim. Ele estava perplexo. E eu fiquei perplexa em como ele podia estar assim.

Me inclinei para trás, nos seus braços. — Eu só — levantei as mãos e fiz uma contagem levantando os dedos no ar — *conheço* você há uma semana. Uma semana é muito cedo para morarmos juntos.

— E já não vivemos juntos, agora? — Perguntou. — Nós jantamos juntos. Vamos para a cama juntos. Acordamos juntos.

Infelizmente, este era um bom argumento.

Felizmente, eu também tinha um bom argumento.

— E as crianças?

— O que tem elas? — Ele perguntou e pisquei novamente.

— Apollo, você não pode estar falando sério, sugerindo que eu more com duas crianças com as quais troquei meia dúzia de palavras.

— Não, estou sugerindo que você se mude amanhã de manhã, quando, espero, após o jantar, vocês tenham conversado muito mais.

Eu podia afirmar que ele estava ficando impaciente porque o tom da sua voz estava beirando o limite do sarcasmo.

Então abaixei a voz, pensando que isso iria acalmá-lo, e expliquei: — É muito cedo para as crianças. Querido... — Hesitei, em seguida, lembrei de algo que sabia que não precisava lembrar a ele — eu pareço com a mãe deles.

— Élan não lembra da mãe — ele respondeu instantaneamente. — E Christophe é um macho Ulfr. Isso significa que ele pode não demonstrar, mas sente profundamente. Seu amigo compartilhou com ele o que você fez para vingá-lo ele e ele admira isso. Falei com ele sobre a perda que você sofreu e ele simpatiza como se ele mesmo a tivesse sofrido. Portanto, está ansioso para conhecê-la.

Apollo continuou falando, embora no meio do seu discurso, fiquei boquiaberta e meus olhos se arregalaram.

Quando ele terminou de falar, perguntei: — Ele sabe que esfaqueei um homem?

— Maddie, como você mesma já vem descobrindo, nosso mundo é bastante diferente do seu, e ele é um garoto que quer crescer e ser um soldado como o pai. Essas coisas não o perturbam, como fazem com você. Ele, de fato, sabe que esfaqueou um homem. Também admira isso.

Isso eu podia deixar para lá. Meninos do meu mundo, provavelmente, pensariam a mesma coisa.

Apollo não havia terminado.

— Mas saber sobre as crianças que você perdeu, minha pomba, ele respeita isso.

Isso eu *não podia* deixar para lá.

— Como você pôde contar isso a ele? — Sussurrei.

Apollo ergueu ambas as sobrancelhas. — E por que não?

— Porque é um assunto meu.

Suas sobrancelhas abaixaram e ele tentou me trazer para mais perto, mas quando enrijei o corpo e me afastei, ele desistiu e só inclinou o rosto para mais perto.

— Você não acha — ele começou, o tom de voz suave — que, um dia, não um, mas os dois, vão entender o que acontece com os nossos mundos e imaginar? Perguntar por que não há nenhum deles no seu mundo ou se você deixou seus gêmeos para trás? Você não os conhece ainda, papoula, mas Christophe é brilhante, assim como Élan. Eles acabariam por pensar nessas coisas.

— Ok, tenho que concordar — respondi. — Mas isso tem que acontecer agora?

— Desejo que os meus filhos conheçam a mulher com a qual pretendo me casar e desejo o mesmo para a mulher que está para

se tornar minha esposa. Então, sim, isso deve acontecer agora. Não há nenhuma razão para adiar.

— Será que você pensou em, talvez, discutir comigo o que poderia ou não, compartilhar com os seus filhos *sobre* mim ou, digamos, a qualquer outro *alguém* neste momento, ou em qualquer outro momento, sobre esse assunto? — Perguntei.

— O que eu gostaria de saber — ele respondeu, mas o fez com cuidado — é por que isso é um segredo? Maddie, você não fez nada errado.

Ele não estava certo sobre isso.

Não compartilhei porque ele não estava certo.

Eu disse, em vez disso: — Essa não é a questão.

— Você poderia, por favor, explicar o seu argumento? — Perguntou baixinho.

Ele estava sendo gentil e pediu por favor.

Mas ele queria que eu morasse com ele *e* com os seus filhos.

Amanhã!

— A questão é, isso está indo muito rápido.

Seu tom foi menos gentil quando observou: — Você diz isso muitas vezes.

— Porque você vai muito rápido, muitas vezes.

— Nós discordamos claramente sobre isso — ele rebateu.

— Apollo, só passou *uma semana*.

— E, mais uma vez, vou afirmar que compartilhamos a mesma mesa todas as noites e a mesma cama todas as noites. Não entendo por que isso tem que ser feito em casas separadas.

— Porque há crianças envolvidas — vociferei.

— E isto influencia como? — Ele também vociferou, definitivamente menos gentil e ficando impaciente novamente.

Mas senti minhas sobrancelhas se erguerem.

— Como?

— Foi o que eu perguntei — rebateu. — Veja bem, minha pomba, não é você que se despede dos seus filhos e cavalga pela neve todas as noites.

Tudo bem. Certo.

Eu podia entender isso.

— Ok, então, se isso é um chute na sua bunda, e posso ver que seria, noite após noite, então vou me esgueirar para a casa depois deles irem para a cama.

Ele franziu o cenho. — Se esgueirar?

— Sim.

— Por que você iria se esgueirar?

Ele *era* louco.

— Porque, querido, eu rastejaria para a sua cama e faria coisas indecentes com você.

Sua mandíbula enrijeceu e seus braços ficaram tensos. — O que fazemos na cama *não* é indecente.

Oh, oh.

Obviamente, ele teve uma ideia errada sobre isso.

Balancei a cabeça rapidamente e comecei a corrigir o erro. — Não. Não foi isso o que eu quis dizer. É uma expressão no meu mundo.

Ele abaixou os braços e deu um passo para trás. — Não me surpreende que as pessoas do seu mundo usem essa palavra para descrever o ato de fazer amor. No entanto, estão errados e *você* está errada por utilizá-la para se referir ao que *nós* fazemos.

Agora podia ver que ele estava ficando com raiva, então desfiz o espaço que ele colocou entre nós e coloquei a mão no seu peito. — Você está certo. Nunca tinha pensado nisso assim, mas você está certo e absolutamente não define, de modo algum, o que fazemos na cama ou o que eu penso sobre isso.

— No entanto, você propõe se esgueirar para a minha casa, para evitar que os meus filhos saibam que você está aqui e na

minha cama, então você deve sentir algum desprezo ou culpa pelo que fazemos — ele rebateu.

— Não — balancei a cabeça novamente, chegando mais perto dele. — De jeito nenhum. Mas eles são *crianças*, Apollo. Jovens crianças. E não precisam saber que o pai delas tem uma parceira de cama.

— Eu não vou estar, exatamente, compartilhando nosso ato, segundo por segundo, à mesa do café, Madeleine — afirmou, sua voz se tornando fria. — Mas, compartilhar a cama com uma mulher com a qual se preocupa não é algo para se envergonhar.

— Não, claro que não, mas—

— E não vou expressar isso ao esconder quem você é para mim.

Isso foi bom, muito bom.

Mas não significava que ele não estava indo muito rápido.

— Isso é doce, baby, mas—

— E não vou deixá-la comunicar aos meus filhos... de *qualquer* maneira... que o ato de amor entre dois adultos que se gostam é algo a esconder porque é indecente.

— Certo, eu entendo, querido. Entendo completamente. Mas—

— Se entende, então você vai se mudar amanhã — declarou ele.

— Ouça—

— Amanhã, Madeleine — decretou.

Infelizmente, ele estava me interrompendo, sendo arrogante e mandão, tudo ao mesmo tempo, e isto estava servindo para me irritar.

— Ok — comecei. — Você conhece seus filhos melhor do que eu, obviamente, então, vou apenas dizer que isto está indo muito rápido *para mim*.

— Não entendo como — ele retrucou.

— Apollo — com esforço, controlei o tom da voz. — Eu não tive nem a chance de descobrir o que vou fazer com a minha vida, sem contar a guerra e tudo o mais.

— E isso requer que você esteja na casa anexa?

— Isso requer tempo para pensar. — Quando ele abriu a boca, me apressei a acrescentar: — *Sozinha*.

— Maddie, as crianças ficam com os seus tutores o dia todo e eu fico igualmente ocupado. Você terá bastante *tempo sozinha*.

— Você não entende — apontei o óbvio.

— Não, não entendo — ele concordou com o óbvio. — O que eu *realmente* entendo é que tudo o que você vai fazer com a sua vida, vai estar fazendo isso como minha esposa, vivendo *comigo* e com as minhas *crianças* nesta maldita *casa*. Então você está correta. Não entendo porque você precisa estar em uma casa há dez minutos de distância para *descobrir isso*, adiando o inevitável, *mudando para cá*.

Tentei ser cuidadosa quando disse: — Não é inevitável. Nada disso foi decidido, Apollo.

Não fui cuidadosa o suficiente.

Soube disso quando o brilho nos seus olhos apagou, seu rosto ficou duro como pedra e perguntou: — E as suas escolhas são vastas?

Oh, Jesus.

Agora *eu* estava ficando irritada.

— Apollo—

— Tão vastas que requerem grandes períodos de tempo *sozinha* para considerar todas as suas opções?

— O que estou dizendo é—

— E essas opções incluem escolhas que são melhores do que o que eu dou e poderia dar a você — ele esticou um braço, em

seguida, se inclinou para mim — se você *se mudar para cá, maldição.*

— Você não entende... — Comecei, mas não terminei.

— Não, não entendo — me interrompeu. — Nós combinamos isso.

— O que eu quero dizer é: — Rebatu. — Você não me entende e, principalmente agora, não o faz, porque não vai me deixar terminar, *diabos.*

Ele fechou a boca, cruzou os braços sobre o peito e mostrou uma carranca para mim.

Mas, quando o fez, eu estava com tanta raiva, e tudo o que ele disse começou a atingir meu cérebro (porque ele estava certo, minhas escolhas *não eram* vastas, na verdade, eram praticamente inexistentes), que não conseguia colocar as ideias em ordem o suficiente para dizer uma palavra.

— Então. — Acenou com a mão e convidou: — Fale.

— Eu preciso de um segundo — falei.

— Eu não tenho um segundo, Madeleine. Tenho uma reunião com o meu secretário, que deveria ter começado há dez minutos.

Infelizmente, isso me levou direto para o modo *cadela.*

— Bem, peço desculpas por ocupar o seu tempo e desviá-lo da sua programação. Se está tão ocupado, por favor, não deixe que eu o atrase. Quero dizer, nós estamos apenas discutindo o nosso futuro.

— De acordo com você, minha pomba, não temos um futuro.

— Não foi o que eu disse — vociferei.

— Oh, sim — ele sussurrou. — Foi.

Sério?

— Apollo...

Ele não estava sussurrando, quando disse: — Se você puder lidar com isso sem atacar ninguém, vejo você em casa. Vou dar suas desculpas às crianças, pois você não poderá ir ao jantar hoje à noite. Também não vou me juntar a você mais tarde hoje à noite. De qualquer maneira, isso vai servir para lhe dar um tempo sozinha para poder tomar decisões importantes sobre o seu futuro. E quando o fizer, por favor, compartilhe-as comigo para que eu possa fazer algo sobre o meu também.

Com isso, girou nos calcanhares e foi embora, sem perceber que me deixou destroçada.

Ou, talvez, ele tivesse percebido e, simplesmente, não se importou, já que foi ele que me destruiu.

Capítulo Dezesete

Urra!

Estava na sala da frente da casa anexa, os braços cruzados apoiados sobre a parte de cima do encosto de um sofá, a cabeça baixa, a bochecha repousando sobre eles, olhando para a neve que caía, fraca, lá fora.

Era realmente bonito. Como um filme, tão perfeito que era inacreditável.

E isso irritava.

Pela primeira vez desde que estava lá, queria voltar para o meu mundo.

Fazia quatro dias desde que Apollo e eu brigamos. E eu não o tinha visto ou ouvido falar dele esse tempo todo. Não tinha nem mesmo visto nenhum dos rapazes.

Aparentemente, Apollo contou aos caras sobre a nossa briga. Nada surpreendente, mas fazia as coisas parecerem piores do que já eram.

E estava tendo a sensação de que não o ver, deixava as coisas muito piores.

Em outras palavras, não tinham sido quatro dias bons.

No início, fiquei chateada com Apollo e o modo como se comportou como um idiota arrogante para conseguir o que queria, e quando não conseguiu, virou um macho alfa irracional. Também fiquei chateada com ele, porque, embora estivesse irritada naquele momento, perdi o jantar com as crianças e isso doía. Porque ele estava certo, eles pareciam ter gostado de me conhecer (eu, definitivamente, gostei de conhecê-los, se você não contasse a parte onde fiz papel de idiota). Então, já que a parte mais difícil estava ultrapassada, queria que a segunda parte, menos difícil, acontecesse, e queria *muito*. Então, é claro, visto que ele era um idiota arrogante, mas também era o Apollo e eu gostava dele, quando um dia virou dois, comecei a sentir falta dele.

Agora, no quarto dia, eu sabia onde estava.

Portanto, sabia que precisava bolar um plano.

Que era descobrir o que fazer com a minha vida neste mundo.

Uma vida sem o Apollo e os seus filhos nela.

O problema era que eu não tinha a mínima ideia do que fazer com essa vida.

Veja bem, eu realmente não queria ser uma prostituta. Mesmo que elas fossem reverenciadas neste mundo, ainda achava que isso seria degradante.

Eu não podia ser uma serva. Sabia disso porque não sabia arrumar nem o meu cabelo e não tinha a mínima ideia de como passar roupa neste mundo.

Ser garçonne parecia meio divertido, mas elas não usavam roupas bonitas ou saíam com as melhores companhias, e o Senhor sabia que, com a minha atração por encrenca, ela iria me encontrar, e bares eram onde as encrencas muitas vezes começavam, uma vez que o álcool estava embebido nelas.

Provavelmente, poderia trabalhar em uma cozinha já que sabia cozinhar, mas posso apenas dizer que assar aqueles biscoitos foi um pé no saco. Valeu a pena, no final, mas eles não tinham copos de medida neste mundo. Ou fornos que tinham controle de temperatura. Eu poderia continuar enumerando. Esses biscoitos foram tentativa e erro desde o início e considerei um milagre terem ficado bons.

Considerarei a opção de iniciar o meu próprio negócio. Eles não tinham pizza neste mundo e todos gostam de pizza. Gostam mais quando é entregue na sua casa, e a única coisa que têm que fazer é comer e jogar a caixa fora. Mas, infelizmente, descobri que a pizza não se manteria quente ao ser entregue em um trenó.

E começar meu próprio negócio exigiria dinheiro, que eu não tinha.

Em outras palavras, não há realmente uma série de oportunidades para as mulheres deste mundo. No meu mundo, eu podia sobreviver. Claro, teria que ir atrás disso. Mas, antes de fugir, roubei um monte de dinheiro do Apollo, que tinha escondido em lugares seguros por toda parte, então eu realmente não tive que ganhar a vida.

Apenas fugir.

E me esconder.

Mas eu não podia voltar para o meu mundo.

Por outro lado, eu tinha formação em história medieval e experiência em uma loja de departamentos, em um mundo que estava meio que vivendo na era medieval e não tinha lojas de departamentos.

Eu estava fodida.

Apollo estava certo, minhas opções não eram vastas. Na verdade, só tinha uma.

Casar com ele.

E, honestamente, quando não estava sendo um idiota arrogante, estava longe de ser uma má escolha. Ele vinha com

uma bela casa, filhos fofos e um bando de bons amigos, sem mencionar as roupas de arrasar.

Ele também vinha com olhares carinhosos, uma conversa interessante, o riso, a capacidade de me fazer sentir acarinhada e o sexo maravilhosamente incrível.

Mas, agora, não tinha nada disso porque ele estava deixando claro que não me queria mais.

Sim, eu estava fodida.

Soltei um suspiro e foi um dos grandes.

A única boa notícia nos últimos quatro dias foi que meu período começou. Então, não estava grávida.

Entretanto, devo dizer, ficar menstruada nesse mundo não era divertido, visto que os produtos de higiene eram tão medievais como o resto desse mundo. Descobri isso na viagem até Fleuridia (não é divertido iniciar o seu período perto de um monte de caras aos quais você não podia perguntar sobre absorventes e descobrir uma maneira de encontrá-los) e, assim como com os penicos, ainda não tinha me acostumado.

Respirei fundo e suspirei novamente.

— Senhorita Maddie?

Virei a cabeça e vi Cristiana parada na porta.

A única graça concedida a mim nestes últimos quatro dias foi que Apollo me deixou com as minhas meninas. No início, elas agiram da mesma forma, exceto por estarem um pouco cautelosas por causa do meu humor. Agora, estavam vigilantes, de uma maneira carinhosa, é claro, visto que era assim que elas eram.

Mas eu não tinha falado sobre o que aconteceu e duas vezes vi Loretta abrir a boca, só para ganhar uma cotovelada da Meeta nas costelas. Então, sabia que elas estavam preocupadas.

Também sabia que devia me abrir com elas. Eram minhas amigas. Ou, estavam se tornando minhas amigas.

Até mesmo o capitão Kirk conversava com Spock e Bones. Na maior parte das vezes, discutiam sobre algum assunto leve ou brincavam, mas compartilhava seus problemas com eles. Ele não era o homem, a ilha²⁰. Claro, a tripulação da *Enterprise* estava sempre em uma situação de vida ou morte e isso favorecia o compartilhamento. Ainda assim.

Fazia tanto tempo que não tinha amigas, ou *alguém* com quem desabafar, que tinha esquecido como fazer isso.

E, pensando sobre isso (o que tentei não fazer e falhei), me ocorreu que eu realmente nunca tive bons amigos com os quais

²⁰ O grande filósofo Teilhard de Chardin criou a célebre frase; “no men is an island”, ou seja, “nenhum homem é uma ilha”. Isto significa que o homem não consegue viver isoladamente e precisa um do outro para a sua sobrevivência.

pudesse me abrir. Quando era criança, não queria levar os amigos para a minha casa porque eu nem sequer gostava de estar na minha casa, e não queria fazer meus amigos irem lá. Isso significava que os convites para ir às casas deles secaram e eu era frequentemente ignorada.

Pensando nisso, percebi que, enquanto crescia, minha solidão meio que se tornou um hábito. Eu tinha amigos, mas, na verdade, nunca foram próximos.

Mesmo que não tivesse contado nada às meninas, não deixaram de perceber que as coisas não estavam bem. Isto porque eu estava deprimida e também porque Apollo não aparecia há quatro dias.

— Oi — falei para Cristiana.

Ela deu um pequeno sorriso, seus olhos me avaliando de uma forma gentil, e entrou no quarto.

— Posso lhe trazer alguma coisa? — Perguntou. — Um chá, talvez?

— Estou bem, querida, obrigada — murmurei.

Ela se sentou no sofá e olhou para a janela.

Olhei lá para fora também.

— Ulfr não vem.

Quando ela falou, olhei novamente para ela.

— Perdão?

Ela me encarou, seus olhos não menos avaliadores, não menos gentis, mas, agora, também astutos. — Há quatro noites ele não vem aqui.

— Não — concordei.

— Será que vamos vê-lo hoje à noite?

Olhei novamente para a neve que caía e sussurrei: — Duvido.

Houve um longo momento de silêncio antes da Cristiana o quebrar.

— Posso perguntar, Srta. Maddie, por que você demora tanto tempo para promover a reconciliação?

Virei os olhos surpresos para ela. — Desculpe?

— Você é a responsável pela reconciliação e a posterga. Não está certo.

— Eu... — comecei e parei.

Do que ela estava falando? Como era *minha* responsabilidade a reconciliação?

Apollo tinha dito alguma coisa para ela?

— Humm... Cristiana, sem ofensa, — organizei meus pensamentos para dizer: — mas você não sabe o que aconteceu. Não tenho certeza que é minha responsabilidade promover a reconciliação.

— Para nós, mulheres — ela começou — raramente é, mas *sempre* é. Aprenda comigo. Estou há trinta e cinco anos com meu marido. Ele é orgulhoso. Ele é teimoso. Por isso, quando discutimos e ficamos distantes, cabe a mim a aproximação.

Lá estava. Uma coisa que era igual em ambos os mundos.

— Não é certo — disse a ela a verdade.

— Não, mas há um monte de coisas que não são certas ou justas neste mundo e que também dizem respeito às relações entre homens e mulheres.

Ela não estava errada sobre isso.

— De uma coisa eu sei — ela começou e me preparei porque o tom da voz dela abaixou e se inclinou para mim quando falou. Eu os encarei como sinais de alerta e fiquei feliz por tê-lo feito quando ela continuou. — Eu trabalho em Karsvall há vinte e três anos. Assim, estava lá quando Ulfr trouxe sua noiva para casa.

Respirei fundo.

Ela prosseguiu.

— Honestamente, não conhecia um marido e uma mulher que se estabeleceram no casamento, e, em seguida, na paternidade, com a facilidade com que os dois fizeram. Eles tinham uma firmeza que teria parecido pouco natural se não fosse tão bonito.

Isso, eu não precisava ouvir.

Mas, já que eu sabia que ela estava tentando ser legal, não disse isso a ela, que continuou falando.

— Quando ela ficou doente, ele ia até ela várias vezes ao dia, todos os dias, e do seu quarto de dormir, você ouvia o riso deles. Você acharia que nada estava errado pelos ruídos provenientes desse quarto. Mas quando ele saía e a porta se fechava atrás dele, uma nuvem parecia descer. Ela estava em sua cama, nunca a sentiu, mas essa nuvem o seguiu a cada passo que dava. Ele é um bom homem, nenhum servo, nenhum soldado suportou o peso da doença corroendo a mulher que amava. Mas enquanto a corroía, o corroía também. E quando a perdeu, aquela nuvem desceu e ficou presa, imóvel, como uma sombra, aonde quer que ele fosse, exceto quando estava com os filhos.

Apertei os lábios quando senti meus olhos arderem com lágrimas.

Isso era tão Apollo, ir até a Ilsa quando ela estava doente. Visitá-la. Fazê-la rir.

Mas, cada vez que fazia isso, devia matá-lo mais e mais.

Odiei que Apollo tivesse passado por isso. *Odiei.*

— Então, você chegou — ela afirmou.

Diante disso, meus lábios se separaram.

Ela continuou. — No começo, quando coloquei os olhos em você, sua semelhança... extraordinária. Temia ter entendido a atração dele por você e ela não era saudável.

Encarei seus olhos.

Ela prosseguiu.

— Mas o que vi não foi uma tentativa de recriar o que teve com Lady Ilsa. Foi a construção de algo novo com você. Embora ela pudesse fazê-lo rir, o ar não soava com essa riqueza como acontece com você. Embora ela fosse sua esposa e mãe de seus filhos, e ele é daquele tipo de homem que daria a vida para proteger a deles, ele não olhava para ela como se precisasse saltar para o seu lado em determinado momento, para protegê-la de uma tempestade.

Oh, Deus.

Apollo olhava para mim assim?

Meu coração se contraiu.

Ela continuou falando, mas o fez baixinho.

— O que vocês têm é novo. Então pode não conhecê-lo bem o suficiente para entender que, mesmo que seja ele quem deve cavalgar até você, para consertar o que foi quebrado, seu orgulho não vai permitir isso. Pode ser que o que aconteceu entre vocês o mantenha acordado durante a noite. Ainda assim, não vai vir até você. Ele é um homem, mas também é um Ulfr. Eles têm várias qualidades que são muito boas, e essas qualidades tornam a Casa deles a melhor Casa de Lunwyn. Mas, com as coisas boas, vêm as ruins. Eu mencionei que ele é orgulhoso. Mas também é teimoso. E, por último, é um homem habituado a trilhar seu próprio caminho. E estas três características juntas vão tornar as coisas difíceis, às vezes, para as pessoas que convivem com ele, mais especificamente, a mulher que aquece a sua cama.

— Entendi, Cristiana, menina como te entendi — disse a ela. — Mas quando ele tem algo a dizer, não me deixa falar uma palavra sequer.

— Então, querida — ela se inclinou na minha direção, pegou a minha mão e a segurou com força — você deve encontrar uma maneira de se comunicar, *fazê-lo* ouvir, e de uma maneira que pode não ser através de palavras.

O que ela estava dizendo fazia todo o sentido, e era um eufemismo dizer que eu gostei, não, tive que admitir que *amei* algumas das coisas que ela disse.

Mas não entendi aquilo.

Então, falei: — Me desculpe, Cristiana, não entendo o que você está dizendo.

— Preste atenção, senhorita Maddie, — ela sussurrou — pois se uma mulher é inteligente, e presta atenção, todo homem vai lhe dar pistas de como a vontade dela vai ser feita, e até mesmo como fazê-la conseguir que sua vontade seja feita, sendo *ele* o único responsável por isso.

Putá merda.

— Você está falando em usar sexo? — Sussurrei.

Ela se sentou e soltou a minha mão para poder acenar com a dela. — Se isso funciona em um homem particular, completamente.

Respirei fundo.

Ela estava indo muito bem, mas não achei que fosse um bom conselho. Não com Apollo.

— No entanto, Ulfr não é desse tipo de homem — ela continuou, e soltei o fôlego. — Se você não o agradasse na cama, ele não voltaria noite após noite. Isso é certo. Mas ele não é um homem que é governado pelo corpo.

Ok, ela estava no caminho certo novamente.

— Não, você para ele é algo completamente diferente — ela declarou.

— Então — comecei, hesitante — você está dizendo que eu deveria usar jogos mentais.

— Não — respondeu. — Estou dizendo que você deve encontrar um caminho para chamar a atenção dele. Pode ser a honestidade. Pode ser a emoção, enquanto também for honesta. Ulfr também não é um homem que iria tolerar jogos, como você chama. Manipulação não é a chave para um homem como Ulfr.

Definitivamente, voltando ao caminho certo.

E sabia disso, porque Apollo tinha deixado claro, várias vezes, que queria mais de mim, e isso era compartilhar com ele mais do que tempo e sexo.

Então sussurrei: — Certo.

Ela assentiu, mas continuou.

— Ele também não é um homem que desperdiça tempo. Sabe melhor do que a maioria como é precioso. E se tiver tempo, porque alguém o está desperdiçando, ele pode tomar uma decisão que será triste... — ela fez uma pausa, me olhando direto nos olhos — para ele, para você e para os seus filhos.

— Desistir de mim — imaginei, a voz calma, o coração batendo forte.

Em seguida, ficou tão no caminho certo, que parecia que estava em um maldito trilho.

— É crucial, não só construir algo com alguém, mas mantê-lo, para mostrar que se importa com as coisas com as quais ele se preocupa — ela disse. — Também é crucial demonstrar que irá lidar com as suas necessidades com cuidado, assim como ele faz com você. Apollo Ulfr não se aproximaria de ninguém como um homem carente. Isso não significa que não é um homem que tem necessidades.

Ela estava certa. Por ele ser tão forte, tão imponente, não tinha percebido antes.

Apollo tinha necessidades.

Ele precisava proteger seus filhos e eu contra o que estava acontecendo lá fora. E estava procurando fazer mais, que seria fazer a todos nós felizes, nos dar uma boa vida, mesmo quando os tempos eram incertos. E precisava fazer o que tinha que fazer para manter seu povo — o povo da sua Casa, seus soldados, inferno, todas as pessoas de Lunwyn e a totalidade de dois malditos continentes — seguros.

E não precisava ficar se preocupando com os meus problemas, já que os dele eram muito mais importantes do que eu descobrir que não queria uma carreira na prostituição e não podia começar um serviço de entrega de pizzas.

Em outras palavras, eu tinha ferrado tudo.

Merda, eu tinha fodido tudo!

E tinha que resolver esse problema.

Imediatamente.

Então me ergui e anunciei: — Tenho que ir até a casa principal.

Sorrindo, Cristiana parou ao meu lado. — Você precisa, de fato.

Respirei fundo e dei um sorriso trêmulo.

Quando fiz isso, mas não me movi, ela observou: — Você não está se apressando para Karsvall.

— Certo — falei e me apressei, caminhando rapidamente para a porta. Mas parei diante dela e me virei. — Obrigada, querida — sussurrei.

— Vá, senhorita Maddie — respondeu.

Balancei a cabeça e corri para os ganchos fixados ao lado da porta da frente. Peguei um dos meus casacos e o coloquei. Abri o baú sob eles, peguei luvas e as coloquei.

Então, estava do lado de fora da porta.

Não tinha meu próprio cavalo nos estábulos, então não tinha escolha a não ser ir a pé até a casa principal. Fiz isso tão

rapidamente quanto podia, seguindo a trilha na neve (já que ninguém mais tinha vindo da casa principal) que Apollo e os cavalos dos homens dele tinham feito.

Era uma caminhada de quinze minutos e, até mesmo com o casaco e as luvas forrados de pele, estava congelada no momento que alcancei a porta da frente de Karsvall.

Fiquei parada, sem saber o que fazer.

Devia bater?

E se as crianças me vissem?

Então percebi que era início da tarde, logo após o almoço e das atividades ao ar livre. Eles deviam estar estudando. Assim, pelo menos, estava a salvo deles.

Conversar com Apollo, essa era outra história.

Levantei a mão, sem saber se girava a maçaneta da porta ou batia nela, quando foi aberta.

Achilles estava ali.

— Oi — eu o cumprimentei.

— Maddie — ele respondeu, os olhos me estudando abertamente, mas não hesitou em estender a mão, envolver os dedos no meu cotovelo e me puxar para fora do frio. — Já faz um longo tempo desde que a vi — observou, fechando a porta.

— Uh... sim — respondi, olhando nervosamente para a casa, sem ver nada além da decoração fabulosa.

— Você tem passado bem? — Achilles perguntou e me virei para ele.

— Sim... não. Isto é, tipo *quase* sim, mas não devo dizer mais nada — respondi e ele inclinou a cabeça para o lado.

Eu podia dizer que ele estava confuso diante da minha resposta, mas eu não tinha tempo para isso. Tinha acabado de caminhar quinze minutos, um tempo que minou minha coragem. Tinha que fazer isso e logo.

— Ouça, querido — continuei, me aproximando dele. — Adoraria conversar, mas preciso falar com o Apollo.

— Há alguma coisa errada? — Perguntou.

— Não e... sim — respondi.

Seus lábios se curvaram enquanto murmurava: — Ela fala em enigmas.

— Preciso falar com o Apollo — repeti em um sussurro.

Seus olhos se moveram sobre o meu rosto e, dessa vez, foi Achilles que se aproximou e sua voz ficou mais baixa quando disse: — Sinto muito, Maddie, mas ele está partindo para a Casa dos Drakkar.

Meu coração bateu com tanta força que doeu.

— Partindo? Quer dizer, indo embora?

— Não. Ainda não, mas está se preparando para partir e fará isso em breve e com pressa. Ele tem uma longa jornada e deve fazê-la a tempo para o Gales.

Merda!

— Eu realmente preciso falar com ele, Achilles.

Ele hesitou por um momento e tive que reconhecer, sua voz era gentil quando soltou a bomba.

— Ele não veria com bons olhos essa conversa, pequena.

Merda!

Apollo tinha falado com ele ou estava com um humor sombrio e Achilles, que não era nada burro, tinha percebido.

— Ainda assim, preciso falar com ele — declarei, com mais ousadia do que bravura.

Ele encarou meus olhos por um momento muito doloroso, antes de assentir. — Ele está no quarto. Sabe onde é?

Não tinha sido levada até lá oficialmente, mas durante a minha visita, me deparei com a suíte master. Sabia que era aquele aposento porque era gigantesco, ricamente decorado

(uma vez que todo o resto era ricamente decorado, falar que esse quarto era *ricamente* decorado, dizia algo) e incrível.

Também exalava o cheiro da colônia dele.

— Sei — disse ao Achilles.

— Então, vá — insistiu.

Exibi um sorriso trêmulo e corri na direção da ampla escadaria de madeira esculpida.

Corri tão rápido quanto podia porque a cada passo que dava, ia perdendo a coragem de dar o próximo.

E se ele ainda estivesse chateado e bancasse o idiota de novo?

E, se nos últimos quatro dias, descobriu que eu não valia o esforço?

E se eu chegasse lá e estragasse tudo, dissesse algo estúpido e danificasse o que já estava quebrado, até o ponto de não poder ser reparado?

Esses pensamentos me assaltaram enquanto caminhava até os seus aposentos e via a porta aberta.

Sem bater, me apressei a entrar.

Os aposentos dele eram decorados em tons de creme, jade e marrom, principalmente os dois últimos. Também tinha uma

pequena antessala, que imaginava que ele não usasse muito, principalmente porque só continha uma bela mesa redonda com um suporte entalhado, que tinha quatro pés em formato de garras. Estava ao lado de uma espreguiçadeira de couro marrom café e uma luminária de chão.

Eu a atravessei e virei à direita, onde o enorme quarto ficava, e parei.

Apollo estava caminhando pelo quarto, passando a capa por cima do ombro, a cabeça abaixada para poder prender a cinta debaixo do braço. O corpo alto e poderoso em movimento, a capa esvoaçando atrás dele, a camisa de gola alta de espessa lã cor de chocolate com calça combinando, me fizeram lembrar da sua presença dominante e minha boca ficou seca.

Ele ergueu a cabeça e parou.

Foi quando meu coração parou, também.

Porque não havia nem um flash lá, nem mesmo um lampejo, não havia nada. Seus olhos pousaram em mim e estavam neutros, o belo rosto esculpido em pedra.

Não havia calor. Também não havia raiva. Definitivamente, não havia ternura.

Não havia nada.

Era tarde demais.

— Agora não é um bom momento, Madeleine — afirmou, encarando meus olhos enquanto começava a andar novamente, afivelando o manto sobre o peito. — Estou partindo em uma missão importante e preciso sair imediatamente.

Passou por mim e me virei para ele ao mesmo tempo que forçava meus lábios a se moverem.

— O que tenho a dizer é importante — falei.

Mais uma vez ele parou e se virou para mim. — Então diga. E rápido.

Era muito menos atraente ser mandão e arrogante quando estava olhando para mim com os lindos olhos vazios de emoção.

Não. Não era atraente.

Era esmagador.

— Eu... bem, pensei que você gostaria de saber que eu, humm... não estou grávida.

Merda!

Não era isso o que eu queria dizer!

— Excelente — ele respondeu com voz fria e se moveu novamente, como se estivesse indo embora.

— Espere! — Gritei, dando um passo em direção a ele, mas parei quando se virou para mim novamente.

Quando encarei seus olhos, as palavras presas na garganta, finalmente, me mostraram algo.

Impaciência distante.

— Madeleine, como já disse, preciso partir imediatamente. — Ele me varreu da cabeça aos pés com um olhar e terminou. — Se você tem preocupações sobre a minha ausência, não há nada a temer enquanto estiver fora. Você estará protegida. A maioria dos meus homens retornou e a propriedade está fortemente vigiada. E Lavinia está a caminho. Ela vai garantir que a bruxa que eu contratei se assegure que encantamentos não possam ser lançados sobre a casa ou a terra.

— Eu... isso é bom — gaguejei. — Obrigada. Mas, Apollo, — dei um passo hesitante na direção dele — temos que conversar.

— Se você tem algo para discutir comigo, pode fazer isso quando eu voltar, daqui a três semanas.

Três semanas! Ele ia ficar fora por três semanas?

— Agora, tenho que ir — completou.

Ele me deu as costas e começou a caminhar para a porta.

Sem sequer se despedir.

Abaixei olhos para o chão, minha garganta se fechando.

Eu estava certa, era muito tarde.

— Você vai vir comigo, ou vai ficar no meu quarto olhando para o chão? — Perguntou e ergui a cabeça abruptamente. Suas palavras eram o primeiro raio de esperança de que queria me levar com ele. Mas quando encontrei seus olhos, suas próximas palavras me sufocaram. — Vou acompanhá-la até a porta da frente e providenciar um homem para levá-la até a casa anexa.

Sim.

Tarde demais.

— Você está com pressa. Não precisa se incomodar comigo. Eu consigo chegar na casa, não se preocupe — disse baixinho.

— Madeleine, está nevando e, agora, intensamente — ele respondeu com paciência, claramente tenso.

Olhei para as janelas e vi que ele estava certo. A neve caía com muito mais intensidade, agora.

Mantive os olhos na janela e disse: — Vou ficar bem.

— Vai ficar melhor se for escoltada por um dos meus homens.

Olhei para ele, sua visão toldada pelas lágrimas que tinham se formado nos meus olhos, mas engoli em seco e me forcei a falar. — Vou ficar bem.

Ele não se moveu, então eu o fiz.

Abaixando o queixo para olhar para os pés, andei na sua direção e, quando me aproximei, murmurei: — Que você faça uma viagem segura, Apollo.

Não cheguei a passar por ele. Segurou meu bíceps e me puxou para perto.

Inspirei profundamente e inclinei a cabeça para trás para olhar para ele.

— Você está aliviada por não estar grávida? — Perguntou e me forcei a engolir novamente, agora, com a garganta inchada.

Deus.

Homens.

Em qualquer mundo, eles eram totalmente sem noção.

— Não — respondi com voz rouca.

— Então, se importaria de compartilhar porque andou através da neve para falar comigo?

— Você está partindo para uma missão importante — eu o lembrei. — Isso pode esperar.

— Não gosto de deixar mulheres chorando no meu quarto.

— Não estou chorando — informei a ele e isso era verdade.

Eu *queria* chorar. Eu *ia* chorar quando o grandalhão lindo e sexy, que não me queria mais, finalmente partisse. E, com certeza, havia lágrimas nos meus olhos.

Mas eu não estava *chorando*.

— Madeleine, seus olhos estão cheios de lágrimas.

De repente, estava farta de tudo aquilo.

— Apollo, só deixe eu ir, então *você* pode ir.

— Fale — ele exigiu.

Torci o braço sob o seu aperto, repetindo em voz baixa: — Por favor, me deixe ir.

— Madeleine — ele aproximou o rosto do meu, definitivamente impaciente agora, e não remotamente — *fale*.

— Eu cometi um erro — sussurrei.

— Ao vir até aqui? — Ele perguntou.

— Ao me casar com Pol.

Ele ficou imóvel. Ele estava certo, meus olhos estavam nadando em lágrimas, assim a imagem dele estava toldada, mas ele ficou tão imóvel que eu podia sentir.

— Eu tenho essa... particularidade sobre mim. — Prossegui. — É uma fraqueza. Uma falha, na verdade. E eu... bem, isso me levou ao Pol. Na verdade, isso me levou à várias

coisas ruins, mas todas elas vieram através do Pol. Devido a esta falha, não tomei as decisões corretas. Não ouvi as pessoas que estavam dizendo coisas que eu devia ouvir. Eu vi o que queria e fui atrás disso, as consequências que se danassem.

Ele não disse nada, não se moveu e não tirou a mão de cima de mim.

Assim, continuei.

— Meu pai me disse. Ele disse que eu não devia me casar com Pol. E, na primeira vez que as coisas ficaram ruins, *realmente* ruins, de um modo que eu sabia que não iam melhorar, só piorar, devia ter ido ao hospital. Em vez disso, fui até a casa dos meus pais. — Dei um suspiro trêmulo e desviei os olhos para o ombro dele. — Ele abriu a porta para mim, eu tinha um olho fechado pelo inchaço, meu nariz sangrava, cada respiração enviava fogo através de mim porque minhas costelas estavam quebradas, então ele deu uma olhada em mim e fechou a porta na minha cara.

Apollo, então, apertou o meu braço.

Mas foi só isso.

— Eu não sei... não sei como ser cuidada por alguém — gaguejei minha confissão. — Porque nunca tive isso. E, olhando para trás, meu pai sempre foi assim. Era motorista de ônibus e

minha mãe também trabalhava muito. Mas ela fazia questão de ir correndo para casa e colocar o jantar na mesa porque era o que ele esperava. Ela trabalhava tantas horas quanto ele, e ainda cozinhava o jantar, lavava os pratos, a roupa, fazia as compras e limpava a casa. O trabalho dele era dirigir um ônibus, assistir televisão e reclamar sobre tudo o que acontecia no mundo, *o tempo todo*. O presidente e suas políticas. O treinador ofensivo dos Seahawks. O número de carros japoneses na estrada. Acho que ela fazia o que fazia, se intimidava diante de todos os seus caprichos, apenas para não ter que ouvir ele se queixar que ela não fazia.

Balancei a cabeça novamente, os olhos ainda nos ombros do Apollo, e continuei falando.

— Essa negatividade... constante — prossegui. — Minha mãe, no momento em que eu consegui cogitar, estava enterrada sob ele. Tão enterrada, que mal estava lá. Aquilo consumia o ar que ela respirava. Ela parecia apenas se deixar levar por aquela vida com ele, juro, como se estivesse aguardando, esperando por mais.

Apollo não disse nada.

Fixei o olhar na garganta dele.

— Eu estava tentando fazer o certo — falei baixinho. — Desde que cheguei a este mundo. Desde que tive um novo

começo. Estava tentando fazer o certo, encontrando uma maneira de cuidar de mim mesma e, ao fazê-lo, não depender de ninguém para cuidar de mim. Finalmente, pela primeira vez, ser inteligente e aprender a cuidar de mim. Eu dependi de alguém para cuidar de mim e ele não era apto ao trabalho, pior, era dele que eu precisava me proteger. — Minha voz ficou mais baixa ainda. — Pensei que tinha que aprender com isso. Ser esperta. Encontrar uma maneira de cuidar de mim.

Finalmente, ele me soltou e falou.

— Eu não sou o seu marido.

— Eu sei — sussurrei.

— Se sabe, então falou dele agora porque... — ele parou bruscamente.

— Porque você está me dando tudo o que ele me deu, exceto que *mais e melhor*. Ele me deu tudo, também, e transformou isso em uma maldição.

A voz dele ainda estava fria quando declarou: — E você supõe que vou fazer o mesmo.

— Não suponho nada. — Ergui os olhos até os dele, tão queridos, mas ainda sem expressão. — Não acho nada. Não sei coisa alguma. Nem mesmo quem eu sou. E esse é o ponto. Não sei quem eu sou. Não sei como ser eu mesma. Tudo o que conheci

foi viver rodeada pela negatividade dos meus pais, um que vivia irritado com o mundo pelo que parecia nenhuma razão, o outro que tinha se anulado tanto, que parecia um fantasma. E, por toda a minha vida, ambos pareciam nem saber que eu estava por perto e, claramente, não se importaram muito depois que eu fui embora. Então eu estava vivendo com medo do Pol e me libertei, só para viver fugindo, me escondendo dele, com medo por um motivo diferente, o medo de que ele ia me encontrar.

— Maddie, onde você quer chegar — ele instigou e meu coração afundou.

E afundou porque eu estava provando o meu argumento, fazendo isso com honestidade, me abrindo completamente, e ele ainda não estava escutando.

Então, cheguei ao último argumento, assim, estava feito.

— Bem, *eu* precisava me encontrar. E precisava de um tempo para fazer isso.

A voz dele era gelada quando declarou: — Um tempo sozinha.

— Não, Apollo. — Balancei a cabeça novamente. — Só de *tempo*. — Levantei uma mão. — Você tem alguma ideia do que é viver fugindo, viver com medo, saber que, se o homem que a procura, a encontrar, pode ter que tirar a vida dele para salvar a

sua própria? Você tem alguma ideia do que é viver por mais de uma fodida *década* sabendo que você cedeu por fraqueza e cometeu um erro pelo qual pagou, não apenas com dor e miséria, mas com a morte dos seus *filhos*?

Cruzei os braços sobre a barriga e olhei para as janelas.

— Tem sido adorável, incrível, tudo isso, tudo o que você me deu. Até mesmo brigar com você, porque me mostrou que era seguro. Eu podia dizer o que eu tinha a dizer, sem o seu punho atingir a minha cara. — Disse baixinho. — Mas é preciso mais do que mundos de conto de fadas para consertar o que está quebrado em mim. E isso porque eu vivo todos os dias sabendo que fui *eu* quem quebrou.

De repente, senti ele se mover, olhei na sua direção e vi que estava se dirigindo ao cordão de brocado cor de jade com uma borla dourada que ficava ao lado da cama. Parou diante dele e o puxou.

Então, o vi se mover em direção às janelas, e fez isto para contornar a pesada mesa de madeira escura que estava colocada em diagonal no canto, de frente para o aposento. Confusão se mesclou com a tristeza enquanto ele abria uma gaveta e pegava uma folha de papel.

Ele estava pegando uma pena (sim, uma pena, meses atrás descobri que não tinham canetas Bic neste mundo) e abrindo um pote de tinta, quando me recompus.

— Sinto muito — sussurrei. — Estou sendo egoísta. Você precisa ir.

— Quieta, Madeleine — ele murmurou, deslizando a pena no papel.

Permaneci quieta e observei. De volta ao tinteiro e ao papel. Tinteiro. Papel. Outra linha. Mais tinta. Outra linha.

Estava tão estranhamente encantada com isso, presa na minha melancolia, que pulei quando um rapaz entrou correndo no quarto.

Ele olhou para mim, abaixou e levantou a cabeça, em seguida olhou para Apollo.

— Senhor?

— Um momento, Nathaniel — Apollo respondeu e continuou a escrever.

O menino e eu o observamos.

Finalmente, Apollo largou a pena, colocou a tampa sobre o tinteiro e pegou o papel. Se endireitando, contornou a mesa, os olhos voltados para o menino.

— Envie alguém até a casa anexa. Se certifique que digam à Loretta e Meeta que precisam preparar Lady Ulfr para uma viagem até a Casa dos Drakkar — ele ordenou e eu prendi a respiração, sentindo meus olhos se arregalarem. — Se certifique, também, que seja explicado a elas que Lady Ulfr precisa estar preparada para ir a um Gales. E elas também irão acompanhá-la.

Ele estava dobrando o papel quando parou na frente do menino. Uma vez dobrado, o entregou a ele e continuou falando.

— Elas devem se apressar. Partimos em uma hora.

— Certo, senhor — o menino murmurou.

— E entregue isso ao Achilles — Apollo continuou, apontando com a cabeça para o papel.

O garoto balançou a cabeça.

— Vá, Nat — Apollo ordenou baixinho.

O menino saiu correndo.

Apollo se virou para mim no momento que me forcei a começar a respirar novamente.

E, quando o fiz, ele disse baixinho: — Venha cá, Maddie.

Sem demora, caminhando rigidamente, com os olhos colados aos seus, caminhei até ele. E estava olhando nos seus

olhos, porque eles não estavam sem expressão. Seu rosto não estava frio. Em vez disso, seu olhar era caloroso, seu rosto terno.

Eu não queria ter esperança.

Mas, diante do que ele disse, com o rosto daquele jeito, eu estava esperançosa.

Quando cheguei perto dele, ele estendeu a mão e fechou os dedos em volta da minha cintura, me puxando para perto, em seguida, me aninhando em seus braços.

— Quando voltarmos — ele continuou com a voz suave — você permanecerá na casa dote tanto tempo quanto precisar, a fim de... — ele hesitou e finalizou — se encontrar.

Meu Deus!

Isto estava acontecendo?

— No entanto, gostaria de pedir que fizesse isso e também passasse algum tempo comigo e com os meus filhos.

Putá merda.

Estava acontecendo.

Concordei, e o fiz rapidamente.

Seus braços ficaram mais apertados. — Infelizmente, nas próximas três semanas, não posso garantir que você vá ter algum tempo sozinha.

— Eu, humm... bem, está, humm... tudo bem — gaguejei, e fiz isso rapidamente, também.

— Nós vamos viajar com guardas — continuou, e seu abraço se intensificou ainda mais. — E com os meus filhos.

Oh, Jesus.

Eu estava pirando sobre uma variedade de coisas, incluindo essa nova adição, mas não disse nada.

— Depois do que aconteceu, não posso deixá-los — continuou. — Não queria deixar você, mas da forma como as coisas estavam entre nós...

Ele parou e assenti novamente, desta vez tendo entendido.

Uma das mãos dele subiu para envolver minha mandíbula, enquanto abaixava o rosto até ficar muito perto do meu.

— Você deve se abrir mais comigo, papoula — insistiu gentilmente. — E deve fazer isso para que eu possa saber como sua mente funciona e não chegar a conclusões equivocadas apenas tendo suas palavras, que muitas vezes falam bastante e não dizem nada.

Ele estava certo. Muito certo.

Balancei a cabeça mais uma vez e sussurrei: — Vou tentar.

O polegar roçou meu rosto e sua voz ficou ainda mais baixa, mais profunda, quando continuou, ainda gentilmente. — Agora entendo que é difícil para você falar sobre essas coisas. Então, em troca, vou tentar ser mais paciente.

Deus.

Deus.

Ele era lindo, *tão* lindo.

Em mais de um sentido.

Senti novamente as lágrimas arderem nos meus olhos.

— Me desculpe, eu estraguei tudo. — Eu ainda estava sussurrando. — Eu estava apenas... sendo cuidadosa—

— Pare, minha pomba, eu sei que estava.

Respirei fundo e exalei.

— Bem, já que estou explicando as coisas, você também deve saber que no meu mundo, quando algo acontece e há crianças envolvidas, quando, você sabe, um dos pais — engoli em seco — morreram ou há um divórcio ou algo assim, vamos muito mais lentamente quanto a introdução de um novo, bem... parceiro para as crianças. Eu entendo — continuei rapidamente — que você pense de forma diferente e são seus filhos, por isso é uma decisão sua. Mas foi estranho para mim. Muito estranho. Quando discutimos, eu estava pensando na minha necessidade

de tempo, mas também estava pensando que eles deviam ter um tempo para se acostumar comigo, me conhecer, antes que tivessem que me ver na mesa de jantar todas as noites. Achei... bem, pensei, que seria mais gentil dar a eles um período de adaptação. Quer dizer, não sou uma cadela ou nada do tipo, mas, você sabe, para crianças que durante muito tempo tiveram seu pai só para elas, introduzir uma mulher na vida delas pode ser demais.

— Não apresentei os meus filhos para outra... — fez uma pausa, arqueando a boca — *parceira*, então, em retrospecto, vejo que é sábio.

Ele via isso como sábio.

Graças a Deus.

Relaxe nos seus braços.

Ele deslizou a mão até o meu pescoço e deu um aperto, dizendo: — Temos que aprender a conversar assim, Maddie.

Mais uma vez, ele estava *bastante* certo.

E, novamente, assenti.

Aquele olhar carinhoso tomou conta dos seus olhos antes de inclinar o pescoço para encostar a boca na minha e, eu juro, era louco, sabia disso, mas tive que lutar para não explodir em

lágrimas, porque senti falta daquele olhar e daquele toque... assim... *muito... pra caralho.*

— Não gosto de pensar no seu pai deixando você para aquele homem, quando se aproximou dele pedindo ajuda — ele sussurrou, eu apertei os lábios e inalei pelo nariz em um esforço contínuo para lutar contra as lágrimas. — Você não vai encontrar tal desrespeito aqui, minha pomba. Portanto, exijo que, juntamente com a descoberta de si mesma, encontre uma maneira de se acostumar com isso.

Levantei as mãos até as laterais da sua camisa, dobrando os dedos, a agarrando e me forçando a acenar com a cabeça, enquanto piscava para afastar as lágrimas que ameaçavam inundar meus olhos.

Sim. Ele era lindo. E em *muito* mais do que um sentido.

Ele deslizou a mão até o meu queixo para poder acariciar novamente a minha bochecha e se moveu para beijar a minha testa.

Em seguida, se afastou, as pontas dos dedos me apertando com cuidado, e anunciou: — Agora, vamos dizer a Christophe e Élan que você vai viajar com a gente para Brunskar.

Meu estômago embrulhou, mas eu não disse nada.

Crise contornada, um novo trauma bem no seu encalço.

Essa era a minha vida.

Oh, Jesus.

* * * * *

Dez minutos mais tarde, eu estava no grande salão tentando não torcer as mãos. Apollo estava parado na entrada ouvindo algo que Laures tinha a dizer, mas seus olhos estavam em mim.

No minuto em que chegamos lá embaixo, encontramos uma criada e ele tinha mandado chamar as crianças.

Estava tentando me conter, mas temia que, se tivesse que esperar mais um segundo, ia desmaiar.

Diante desse pensamento, felizmente (meio que) ouvi um barulho e vi Élan virar a esquina correndo, Christophe vindo mais lento atrás dela.

Ela parou quando me viu.

Apertei as mãos e tentei não hiperventilar.

Seu olhar saltou para o pai.

— A senhorita Madeleine vai com a gente? — Ela falou, através do salão, para o pai.

— De fato, menina preciosa — Apollo respondeu.

Ela jogou instantaneamente as duas mãos para o ar e gritou: — Urra! — Empinou o bumbum e o balançou de um lado para o outro.

De repente, parou e se virou para o irmão, apontando para ele, um olhar triunfante no rosto.

Então, anunciou: — Ah, Chris! Outra garota vai vir com a gente. Isso significa que, quando pararmos para almoçar, não vamos ter que atirar em coisas com flechas e ter lutas de bolas de neve. Significa que vamos poder fazer castelos de neve e conversar com os coelhos! — Ela colocou a língua para fora e fez aquilo de novo, balançando os braços ao lado do corpo e exclamando: — Urra! Urra-urra-urra!

Olhei para Christophe.

Ele estava observando a irmã com um ar de desgosto no rosto.

Merda.

Ele virou os olhos para mim, que pareciam ter ficado calorosos e sorriu.

Meu coração acelerou.

Retribuí o sorriso, em seguida, olhei para Apollo.

Ele estava sorrindo para os filhos.

Então, disse: — Vamos.

Élan correu para mim, pegou minha mão e começou a me puxar em direção às escadas.

Sentir a pequena mão na minha me fez recuperar o fôlego com tanta força, que doeu.

Mas não me importei com a dor.

Eu a deixei me guiar pelos degraus, Christophe se juntou ao seu pai e saíram primeiro, Élan agora pulando ao meu lado enquanto os seguíamos e tentei segurar sua mão de forma casual, quando queria abraçá-la tão forte, que nunca mais a soltaria.

Apollo olhou por cima do ombro enquanto descia os degraus da frente, seus olhos descendo até a filha, em seguida, chegando aos meus.

E, no seu rosto, aquele olhar tenro foi muito, muito, *muito* além dos malditos parâmetros.

Assim, cada centímetro meu se aqueceu de uma maneira que eu sabia que podia colocar um biquíni e o frio de Lunwyn não ia me atingir.

Élan estava certa.

Urra!

* * * * *

Uma hora e quinze minutos depois, meus baús acomodados em um dos dois trenós, todos os rapazes montados em cavalos (incluindo Quincy e Balthazar, Apollo, é claro, e Christophe em sua própria montaria, igual ao pai), entrei no trenó que ia dirigir, meus olhos sobre Élan, que estava quicando na parte inferior do assento, as peles seguras por suas mãos, gritando: — Sente-se, senhorita Madeleine. Sente-se. *Sente-se!* Vamos partir!

Olhei para o trenó atrás do meu, que levava Loretta, Meeta e Bella, a babá das crianças.

Então olhei para Apollo, que estava conversando com o Remi.

Finalmente, me sentei, Élan jogou as peles em cima de mim e peguei as rédeas.

— A senhorita Madeleine está pronta, Papa! — Christophe falou.

— Excelente — Apollo respondeu, então, ordenou ao grupo de dez cavaleiros e dois trenós: — Em frente!

Estalei as rédeas, os cavalos se moveram, o trenó começou a deslizar sobre a neve facilmente, flocos macios ainda caíam, e os cavalos em torno de nós cerraram fileiras.

Mas olhei novamente para a casa e vi Cristiana parada na frente da porta aberta.



Quando me notou, acenou. Então piscou.

Sorri e soprei um beijo para ela.

Então me virei para frente quando Élan perguntou: —
Você sabe como fazer castelos de neve, senhorita Madeleine?

— Não, querida — respondi calmamente.

— Vou te ensinar — ela declarou.

Meus lábios se curvaram.

Hu...

Maldito...

Urra!

Capítulo Dezoito

Brunskar

— Acorde ela, Maddie.

Ouvi as palavras suaves do Apollo e olhei para ele, parado ao lado do trenó.

Élan estava aninhada ao meu lado, dormindo.

Por experiência própria, os dias eram sempre curtos em Lunwyn, por isso estava escuro. Dito isto, também era tarde.

E havíamos chegado em Brunskar, a Casa dos Drakkar.

Tínhamos viajado por dez dias através de Lunwyn e eu sabia que a distância era longa, e a incumbência importante, porque nossas horas em trânsito eram mais longas do que quando Apollo e eu estávamos em nossa viagem abortada para Bellebryn.

Isto significava que, geralmente, comíamos o almoço e o jantar, parando ao longo do caminho. Significava, também, que Christophe ficava perto de cair do seu cavalo (mas ele nunca faria isso, como seu pai nunca faria isso, e Chris, eu tinha descoberto, estava ansioso para fazer *tudo* igual ao seu pai).

E, geralmente, no final do dia, Élan estava dormindo ao meu lado.

Então, quando parávamos, era para providenciar a uma sonolenta Élan e a um exausto Christophe, seu banho (Bella supervisionava isto), tomar os nossos (Meeta e Loretta cuidavam do meu) e partir novamente.

Durante a longa viagem, descobri que Christophe gostava de estudar matemática e também inglês (ou a linguagem do Vale). Timidamente, compartilhou que gostava de estudar a linguagem do Vale, porque escrevia histórias (esta timidez evaporou quando Apollo constantemente se gabava de quão grande elas eram, o que significava que fui capaz de convencer Chris a me deixar ler uma delas quando voltássemos para Karsvall). Somando-se à sua inclinação artística, ele gostava de desenhar.

Mas o melhor de tudo, gostava de atirar com seu arco e flecha (e aquele alvo que atingiu não foi por acaso, ele praticava a qualquer chance que tinha, mesmo enquanto comia um sanduíche, e vi de perto que era bom nisso).

Este último porque também compartilhou o que seu pai já tinha compartilhado comigo. Ele queria ser um soldado, *exatamente* igual ao pai.

Élan, tinha descoberto, não gostava de *nenhum* estudo. No entanto, gostava de “servir o chá” (quando isto foi descrito, soube que estava falando sobre festas de chá, já que Bella, várias criadas de Karsvall e suas bonecas eram as participantes habituais). Também gostava de fazer castelos de neve e bruxas de neve (que eram referidos como anjos de neve no meu mundo, exceto que você perfurava um chapéu na neve quando terminava). E ela gostava de praticamente tudo no mundo.

Quando crescesse, por outro lado, estava determinada a se casar com Frey Drakkar, “o homem mais bonito de Lunwyn”, ela sussurrou. Era o desejo do seu coração e não se importava que fosse velho demais para ela. Também não se importava que fosse casado com Sjofn, ou Finnie, a princesa de gelo de Lunwyn. Como pretendia superar esses obstáculos bastante grandes, eu não fazia ideia e não perguntei. Ela não precisava saber quão grandes eles eram, então não compartilhei. Ela ia crescer e encontrar seu próprio (um com idade apropriada, eu esperava) cara sexy.

Descobri tudo isso porque Christophe, muitas vezes, cavalgava ao lado do nosso trenó e conversávamos. Ele também fazia as refeições com a irmã e comigo. Parte disto, pensei, era porque ficou intrigado comigo, e não porque eu me parecia com a sua mãe. Ao contrário disso, porque esfaqueei um homem e atingi outro com um galho, e uma mulher fazendo essas coisas

neste mundo era intrigante, especialmente para um menino. Mas, na maior parte das vezes, era porque seu pai fazia as refeições com a gente e quase sempre cavalgava ao lado do nosso trenó, e Chris fazia o que Apollo fazia.

E descobri tudo o que tinha descoberto sobre Élan porque ela viajava comigo no trenó, era extremamente falante e ficava animada a cada floco de neve, grupo de árvores ou coelho que pulasse em nosso caminho, e ela sentiu que eu precisava compartilhar sua emoção.

Não importava se ela falasse até minha orelha cair.

Iria ouvir, mesmo que durasse uma eternidade.

Desnecessário dizer que os nossos dias no trenó eram pequenos pedaços do paraíso para mim. Adorei conhecer as crianças, especialmente porque eram brilhantes, engraçadas, abertas e interessantes.

Com as noites era o mesmo.

Pequenos pedaços do paraíso.

Isso porque, sem eu pedir, na primeira pousada em que paramos para passar a noite, Apollo pediu um quarto para cada um de nós, e continuou fazendo isso durante toda a viagem. Isso significava, se a oportunidade surgisse, que as crianças o viam indo para o seu quarto e eu para o meu.

Mas, uma vez que estavam acomodados, ele vinha dormir comigo, no meu quarto.

Antes de dormir, porém, ele se assegurava que *eu* gozasse, repetidamente.

É suficiente dizer que Apollo sentiu a minha falta também. Na primeira noite que ficamos juntos novamente, ele comunicou isso me segurando nos braços por toda a noite (eu ainda estava no meu período). Ele comunicou isto na primeira noite que meu ciclo terminou e não demorou a me tomar de maneira rápida e tórrida (embora a segunda vez naquela noite tivesse sido lenta, suave e doce, assim como a terceira).

Desde aquela noite, ele só me tomava lenta, suave e docemente.

E, todas as noites, em seus braços, contei a ele histórias de ninar não tão divertidas (embora, ele tenha pedido por elas), sobre a minha vida, minha mãe, meu pai, meus (meio que) amigos e sobre a escola. Qualquer coisa e tudo o que pedia, eu sussurrava para ele enquanto me segurava, me acariciava e me falava para dormir.

Ele ainda não tinha me pedido para falar sobre Pol.

Mas eu sabia que estava por vir.

Também não tinha compartilhado muito sobre si mesmo.

Mas eu teria isso, uma vez que soubesse que tinha dado a ele o que precisava de mim.

Em outras palavras, embora essa viagem longa e fria pudesse ter sido tediosa, não chegou nem perto disso. Amei cada segundo e a faria novamente em um piscar de olhos.

Então, fiquei desapontada por termos chegado.

Brunskar, sede da família do Frey Drakkar.

Seu Gales anual era amanhã à noite.

Nós tínhamos chegado a tempo.

Olhei do Apollo para Élan e dei a ela um aperto suave.

— Acorde, doçura, é hora do banho e de ir para a cama.

Ela se aconchegou mais ainda e meu coração parou. Queria deixá-la dormir a noite toda, abraçando-a, mantendo-a quente. Mas sabia que não podia fazer isso (tanto quanto eu queria), então lhe dei outro aperto.

— Vamos, Élan, hora de ficar limpa e, em seguida, se aquecer.

— Eu estou quente — ela murmurou contra o meu manto.

— Você vai ficar mais quente na cama — seu pai se intrometeu, entrando no trenó.

Tirou as peles de cima dela e colocou as mãos sob seus braços, a levantando.

Quando ele a acomodou no colo, ela aninhou o rosto no seu pescoço, colocou os braços ao redor dos seus ombros e as pernas ao redor da sua cintura.

Ele olhou para mim, mas eu já estava olhando para ele.

Toda vez que eu o via com os filhos, carregando a sonolenta Élan, sorrindo enquanto Chris conversava com ele, achava que nunca tinha parecido tão bonito.

Incluindo agora.

— Vou levá-la para dentro. Fique perto do Draven, minha papoula, até chegar ao seu quarto — ordenou em voz baixa.

Balancei a cabeça.

Ele caminhou com a filha no colo até a porta da frente da pousada e vi Christophe e Hans parados, Chris segurando a porta aberta para Bella precedê-lo e manter controle sobre a porta, para que seu pai pudesse fazer o mesmo.

Desviei o olhar e apontei meus olhos para frente e para cima.

Eu o tinha visto de longe e quando o fiz, fiquei feliz por Élan já ter adormecido.

Isso porque Brunskar não era parecido com a casa do Apollo ou qualquer uma das casas mais finas pelas quais tínhamos passado.

Brunskar era arrepiante no seu grau máximo e assustador como o inferno.

Claro, estava escuro, mas a frente dele estava iluminada por aquilo que parecia ser centenas de tochas, até mesmo algumas na fachada dos quatro andares e mais algumas no telhado.

A pedra parecia negra contra a luz do fogo sombrio e o pano de fundo branco da neve. Suas linhas eram retas e agressivas, com cinco torres despontando para o ar. Muitas das janelas estavam iluminadas, provavelmente porque tinham convidados para o Gales, e as janelas também pareciam agressivas. Considerando que as janelas da casa do Apollo eram arredondadas, em atraentes arcos, as janelas de Brunskar eram forjadas com molduras de ferro.

E o castelo (tinha que ser um castelo, nenhum outro edifício possuía essa forma) foi construído no alto do que pareciam ser picos escuros, que pareciam negros contra a o céu estrelado, uma cordilheira bastante impressionante. E neste mundo, que não tinha guindastes motorizados ou escavadeiras, foi construído em um lugar surpreendentemente *alto*, na face dessas montanhas, de

uma forma que parecia vigiar a aldeia abaixo (também chamada de Brunskar), e de um jeito que não parecia bom.

Deve ser dito que *não* tive uma boa impressão do lugar. Isto era estranho, já que não era supersticiosa e nunca me senti assim sobre qualquer lugar que já tinha estado antes, exceto, digamos, quando estava em um lugar no qual Pol também estava. Mas isso era um comportamento adquirido. Não era a mesma coisa.

Eu simplesmente não gostei de lá.

E, pior, não tinha um bom pressentimento sobre as coisas que iam acontecer lá dentro.

Uma coisa que Apollo compartilhou durante uma das nossas conversas na cama, foi o fato de que Frey não era o Chefe da Casa dos Drakkar, embora devesse ser, mesmo que o seu pai ainda vivesse. Ele só não queria ser e eu podia entender.

Ele era bastante ocupado. Comandava elfos e dragões, era um corsário em alto-mar (em outras palavras, uma espécie de pirata... bem, na verdade, um pirata mesmo, só que Apollo me disse que Frey era do tipo “bom”, seja lá o que isso fosse) e era casado com uma princesa.

Infelizmente, Apollo também compartilhou que, após a guerra que reuniu Lunwyn e Middleland, Eirik, pai do Frey, tinha sido excluído pelo Frey das suas responsabilidades como

Chefe da Casa. Frey as tinha entregue, então, para o seu irmão, Calder.

Isto não tinha deixado Eirik ou a mãe do Frey, Valeria, felizes.

E uma informação tinha chegado ao Apollo. Um deles, ou ambos, ou outro membro da família Drakkar estava em conluio com a perversa Minerva, suas parceiras malévolas, as bruxas Edith e Helda, e o covarde Baldur.

Portanto, Apollo reverteu sua decisão de não participar do Gales como vinha fazendo, mas só porque Calder e a sua esposa, Melba, assumiram a Casa. Nos preparamos e aqui estávamos.

E eu não tinha um bom pressentimento sobre isso.

Nenhum.

Especialmente sobre aquele castelo.

O que eu tinha era o Apollo, assim como Draven, Hans, Alek, Remi, Gaston e Laures, sem mencionar Quincy e Balthazar, e estavam armados até os dentes. Tinha visto o que havia sob as lonas verdes na parte de trás do trenó que Loretta, Meeta e Bella estavam, e sabia que eles compreendiam os perigos e não estavam brincando.

Felizmente, as crianças não perceberam isso, mas eu estava pensando que, mesmo que tivessem percebido, não se

importariam. Isso porque Apollo tinha criado, claramente, uma relação estreita entre os seus homens e os seus filhos, e era óbvio que a confiança que as crianças partilhavam com os homens do Apollo era absoluta.

Eles eram uma família, uma família próxima, carinhosa, provocadora e amorosa.

Esta foi outra coisa que tornou a viagem boa. Nunca havia tido nada parecido, nunca vi nada tão bonito, nem mesmo na longa viagem por Fleuridia, no entanto, chegava perto. Mas a adição das crianças e dos meus amigos a tornou ainda melhor.

E amei cada segundo dela.

— Maddie. — Ouvi Draven me chamando e olhei na sua direção.

Ele estava parado ao lado do meu trenó, oferecendo a mão.

Tirei as peles de cima de mim, me levantei, estendi a mão e peguei a dele.

Draven me ajudou a sair do trenó e me puxou para perto, colocando a minha mão em torno do seu braço enquanto me acompanhava até a porta.

— Você está bem? — Ele perguntou enquanto caminhávamos através da neve acumulada. — Você parece preocupada.

— Esse castelo está me assustando — admiti.

— Bons instintos — ele murmurou, estendendo a mão para abrir a porta.

Mas eu parei e olhei para ele.

— O que você quer dizer? — Perguntei, e ele olhou para mim.

— Os Drakkars — balançou a cabeça — exceto por Frey, Calder e o seu outro irmão, Garik, são um antro de víboras. Até o último deles.

Fabuloso.

Ele me puxou para dentro, dizendo: — Você não precisa se preocupar, doçura. São umas víboras, mas estão longe de serem estúpidos.

Bem, isso era bom, eu achava.

Mas, diante da sensação que esse lugar me dava, tinha que saber com certeza.

Então perguntei: — Ok, o que isso significa?

Ele parou no pé da escada de madeira e olhou para mim.

— Isso significa que amanhã você entra no Gales de braço dado com Apollo Ulfr e nada mais, apenas isso, importa. Lo não é um homem para ser confrontado e eles sabem disso. E se

alguma coisa for feita ou dita para incomodá-la, ele não hesitará em deixar o seu desagrado ser conhecido, de uma forma que eles não vão gostar.

Oh, Jesus.

— Ok, agora o que *isto* quer dizer? — Repeti novamente.

— Isso significa, Maddie — ele falou baixinho e se inclinou para mais perto — que você é parecida com a Ilsa.

Oh, merda.

Tinha esquecido.

Como eu podia ter esquecido?

— Certo — sussurrei.

— Este será o seu primeiro evento entre as Casas, querida. Houve boatos que a semelhança entre você e ela é extraordinária. Ainda acho que isso não preparou vários deles para o que vão ver. A maioria vai ser bem-educada. Os Drakkars, no entanto, muitas vezes não se preocupam com boas maneiras.

Ótimo. Simplesmente ótimo.

— Não é como se você já não tivesse sido confrontada com esta mesma coisa, repetidamente — me lembrou suavemente.

Nos virei para as escadas novamente. — Você está certo. Já fui.

Ele parou de novo, então olhei para ele.

— Há pessoas, as quais importa o que pensam. E há aquelas que não. Posso te dizer agora, no caso dos Drakkars, e qualquer um deles pode dizer ou fazer algo que vai te incomodar, eles não importam.

— Vejo que você está no humor de um soldado filósofo — observei e ele sorriu.

— Estou sempre ao seu dispor para transmitir sabedoria — ofereceu.

— Eu sei e, às vezes, é chato. — Respondi provocadoramente. — Mas desta vez, foi simplesmente assustador.

Ele começou a rir e nos guiou para as escadas.

Sorri e me inclinei para ele enquanto subíamos.

Mas, por dentro, estava pensando nesse castelo assustador, na família não-tão-legal que o convidou e no fato de que o meu primeiro Gales seria, provavelmente, uma droga.

Não, eu não gostei daqui.

De jeito nenhum.

* * * * *

— Não tenho bons pensamentos sobre esse lugar — Loretta declarou.

Eu já tinha tomado o meu banho e, mesmo que pudesse fazê-lo, ela estava escovando meu cabelo. Meeta estava do outro lado do aposento, arrumando minhas roupas para o dia seguinte.

— Eu também não — Meeta concordou e olhei para ela com surpresa diante das suas palavras. Ela deveria ser o meu Spock — cabeça fria, nada irracional. — Há uma frieza descendo a montanha — ela continuou e senti um frio descer pela minha pele quando o fez. Os olhos dela vieram até os meus. — E não é o frio normal deste lugar gelado.

— Tudo vai ficar bem — menti, e fiz isso porque eu era o capitão Kirk. Era para eu ser confiante e reconfortante, mesmo que estivesse pirando completamente.

— Vai estar para você em cerca de dez minutos, quando Ulfr entrar por aquela porta — Loretta observou, soltando a escova e arrumando o meu cabelo sobre os ombros.

Observei a expressão de mau agouro da Meeta mudar para sabedoria. Um pequeno sorriso iluminou seu rosto enquanto arrumava o vestido que eu usaria amanhã sobre uma cadeira, e fez isso ainda sorrindo.

Não dei nenhuma resposta, porque era verdade, quando Apollo entrasse pela porta, tudo estaria bem. Pelo menos, para mim.

Loretta contornou uma cadeira, se sentou de frente para mim e disse: — Ele não tomou nenhuma criada, cozinheira ou alguma moça da aldeia.

Esta confirmação do que Apollo me disse era boa. Mesmo assim, não tinha ideia de onde ela queria chegar com isso.

Então ela me deu uma pista onde estava querendo chegar.

— Então, como ele é? — Ela perguntou.

— Não responda a isso — Meeta exigiu. — Não tenho um amante há meses, minha mão está ficando cansada e eu divido a cama com você. — Ela apontou o olhar para Loretta. — Portanto, não vai nem mesmo ter utilidade até estarmos em casa.

Esta não era uma boa notícia. Não que Meeta não pudesse se envolver em determinadas atividades. Não, isso aliado ao fato de que não tinha conseguido nada para si mesma há meses, um bando dos rapazes do Apollo estava por perto, ela era linda e eles eram ativos.

— Não vou responder — falei e dei um sorriso para Loretta. — Sinto muito, querida, mas isso é privado.

Ela inclinou a cabeça para o lado. — Privado?

— Tipo, não é da sua conta — Meeta esclareceu.

— Eu sei o que significa — Loretta retorquiou. — Só não sei por que ela acha que é.

— Porque ela acha que é — Meeta rebateu.

— Mas isso é loucura — Loretta retrucou. — Todo mundo fala sobre o que acontece debaixo das cobertas.

— Eu acho que você pode ter notado, linda, que a senhorita Maddie não é todo mundo — Meeta respondeu.

Bem, isso era bom.

Loretta olhou para mim, agora sorrindo. — Essa é a verdade dos deuses. Se você fosse, Ulfr não estaria entrando aqui a qualquer momento.

— Ele tem bom gosto — Meeta murmurou e comecei a ficar relaxada, porque era *realmente* bom.

— Obrigada, querida. — Falei baixinho e ela olhou para mim.

— Você é gentil. É carinhosa. E é divertida. Uma mulher com a sua aparência, raramente é uma dessas coisas, muito menos todas elas.

— E essa é a verdade dos deuses, também — Loretta concordou. — Geralmente, são vaidosas e presunçosas.

— E exigentes — acrescentou Meeta.

— E querendo atenção — Loretta colocou.

— Mas você não é nada disso — Meeta concluiu.

— O que a torna grande — Loretta terminou, dirigindo um grande sorriso para mim.

Agora, ambas estavam sendo boas.

— Humm... não tenho certeza se vocês duas já se olharam no espelho ultimamente, mas vocês duas são tudo isso, e nenhuma das duas tem aparência ruim — apontei.

— Hans parece não pensar assim. Parece que ele acha muito ruim olhar para mim — Loretta murmurou.

Eu podia ver que ainda doía, ainda mais agora que estávamos viajando com ele, e ela tinha que lidar com ele a ignorando por horas, dia após dia.

E, verdade seja dita, não entendia por que Hans não achava que Loretta era incrível e voltava para mais. Ou, simplesmente, não voltava para ficar.

Ela tinha bastante curvas, era pequena, tinha um adorável cabelo castanho claro e belos olhos azuis brilhantes. Era

engraçada. Era doce. Possuía uma excitação pela vida que era quase semelhante à de Élan. E, por último, era leal à família. Sabia disso porque sabia que ela sentia isso por mim, mesmo que não me conhecesse há muito tempo.

Hans podia fazer coisas piores, mas não sabia se ele podia melhorar.

Diante desses pensamentos, estendi a mão e agarrei a dela. — Então, por que *você* não procura em outro lugar, talvez alguém vá enxergar tudo o que você é. Mas não um dos homens do Apollo — me apressei a acrescentar. — Nenhum deles parece completamente pronto para sossegar... ainda. E eu acho que você está.

— Ela tem grande beleza, é gentil, amável, divertida e *sábia* — Meeta decretou, vindo em nossa direção e segurando a outra mão da Loretta para levantá-la da cadeira, seu significado claro.

Soltei a mão da Loretta quando ela levantou.

— Vocês duas, descansem um pouco. — Falei quando elas se moveram para a porta.

Meeta curvou o longo e elegante pescoço para mim.

Loretta acenou.

— E, como sempre, obrigada por tudo — concluí enquanto elas desapareciam porta afora.

Exceto a cabeça da Meeta, a qual acenou na minha direção antes de fechar a porta.

Levantei da cadeira e puxei o suave manto de lã mais apertado à minha volta enquanto caminhava até a janela.

Estávamos em uma pousada, olhando pelo lado mais agradável. Era limpa, bem decorada e tinha o seu próprio restaurante no piso térreo. E os aposentos tinham tapetes grossos em todos os andares, de modo que o frio não conseguia se infiltrar, e cortinas pesadas para que o frio não pudesse atravessar as frestas das janelas.

Ainda assim, o enfrentei puxando a cortina para o lado e olhando para Brunskar.

Sim.

Ainda assustador.

Completamente.

— Maddie, minha pomba, feche a cortina. Você está deixando entrar uma corrente de ar.

Soltei a cortina diante do som da voz de Apollo, me afastei da janela e o vi dentro do quarto. Sem capa, o cabelo bagunçado (mas de um jeito bom) e sexy.

Borboletas esvoaçaram dentro da minha barriga.

— Ei — eu o cumprimentei.

— Venha aqui e diga isso nos meus braços — respondeu.

Dei um pequeno sorriso e fiz o que ele pediu, caminhando na sua direção e colocando os braços em torno dele, enquanto ele fazia o mesmo comigo.

— Ei — repeti, muito mais baixo desta vez.

— Ei — ele respondeu, também suave e doce, e isso causou outra vibração na minha barriga.

Ele inclinou a cabeça para encostar a boca na minha.

Normalmente, isso levava direto para outras coisas, inclusive, eu tirando a sua roupa, ele me despojando do meu robe, da camisola e da calcinha, e a diversão não parava por aí.

Mas depois de roçar os lábios contra os meus, ele os ergueu para beijar o meu nariz, me soltou e caminhou para a cama.

Fiquei onde ele me deixou e o observei se sentar na cama. Então, o observei tirar as botas.

— Está tudo bem? — Perguntei quando ele ergueu as duas mãos para trás, entre os ombros, para tirar o suéter.

Seus olhos vieram até os meus. — Estamos em Brunskar — ele falou o que eu já sabia e tirou a camisa.

Ignorei a revelação do peito magnífico, sem mencionar a extensão dos ombros largos (ok, não ignorei, mas tentei) e disse: — Uh... sim. Estamos em Brunskar.

— Nada de bom pode vir de uma visita à Brunskar — ele murmurou, ficando de pé e colocando as mãos na calça.

Ótimo.

Até mesmo Apollo estava enlouquecendo com esse lugar.

— Você gostaria de explicar isso? — Perguntei.

Desafivelando o cinto, os dedos nos botões da calça, olhou para mim novamente.

— Não, quero a sua boca no meio das minhas pernas. Então quero ver você montando o meu pau. Quando nós dois tivermos nossos orgasmos e minha semente estiver escorrendo de dentro de você, vou falar sobre Brunskar.

De repente, não dava a mínima para Brunskar.

E dei ainda menos quando ele abaixou a calça e vi que estava *bastante* pronto para a minha boca estar entre as suas pernas.

E nem mesmo lembrei que havia uma Brunskar quando ele se acomodou na cama, apoiou as costas na cabeceira da cama, abriu as pernas, ergueu os joelhos, fixou os olhos em mim e, até

mesmo, quando envolveu a mão enorme em torno do pênis grosso e duro e começou a acariciá-lo.

Cada centímetro do meu corpo começou a formigar, mais especificamente, os mamilos e a área entre as pernas.

Tive a sensação de que não seria suave e lento esta noite.

E eu estava ansiando por isso.

— Retire o manto e o vestido antes de se juntar a mim, papoula — ele murmurou.

Não tinha certeza, mas acho que não registravam este tipo de coisa no livro dos recordes, mas estava relativamente certa de ter tirado o robe e a camisola em tempo recorde.

Ele gostou do que viu e soube disso porque sua voz estava rouca quando ordenou: — Rasteje pela cama, desde os pés.

Oh, Deus.

Quente.

Não demorei a me mover para o pé da cama.

— Devagar — ele ordenou e engoli em seco.

Coloquei as mãos na cama, então os joelhos e fiz o que ele ordenou, todo o tempo meus olhos na mão que acariciava o próprio pênis.

Cheguei ao meu destino e senti a outra mão dele envolver o lado do meu rosto. Imaginei o que isso significava e fiquei parada, para que ele pudesse me guiar. Presumi corretamente. Deslocando a ponta dos dedos para os meus lábios, a mão no meu rosto deslizou para o meu cabelo e colocou uma leve pressão sobre a minha cabeça até que o abocanhei.

A voz dele estava rouca quando sussurrou: — É isso aí, minha pomba.

E estava certo.

Era isso.

Ou era isso, por enquanto.

Eu ia ganhar muito mais, daqui a pouco.

* * * * *

Mais tarde, me lembrei de Brunskar quando cheguei ao orgasmo, Apollo também, sua “semente” estava escorrendo de dentro de mim e sua mão estava acariciando meu quadril quando murmurou: — Brunskar.

— Sim? — Falei quando ele não disse mais nada.

Seus braços me envolveram e ele me puxou para perto, para ficarmos unidos frente à frente, deitados de lado.

— Os Drakkars, exceto Frey e seus dois irmãos, são bastante perversos, gananciosos, lascivos e maldosos. Alguns são até mesmo cruéis. Eles gostam de jogar e seus brinquedos favoritos são as pessoas.

Maravilha. Mais uma boa notícia sobre os Drakkars.

Eca.

— Draven meio que me alertou sobre eles — compartilhei.

— Bom — ele murmurou. — Eu teria feito o mesmo, mas estive me debatendo em levá-la ou não para o Gales. Estar aqui, a sensação desse lugar, a qual eu havia esquecido quão desagradável pode ser, e decidi que não.

Isso me surpreendeu e inclinei a cabeça para trás para olhar para as luzes das chamas brincando nos ângulos do seu rosto.

— Sério?

Ele olhou para mim. — Não gosto da ideia de brincarem com a minha pomba.

Deus, isso era doce.

— Ilsa — sussurrei, mostrando a ele que sabia sobre o que estava falando.

Ele assentiu. — Seria um alvo, tenho certeza. Mas eles não precisam disso.

— Vou ficar bem — assegurei, embora não estivesse exatamente segura. Dito isto, sabia que ficaria bem, no fim das contas.

Porque ele me fazia sentir dessa forma.

Essa percepção praticamente abalou o meu mundo, mas não pude me perder neste sentimento porque Apollo continuou falando.

— Não quero que você apenas fique bem. Quero que você se sinta segura e isso não será seguro.

— Querido — deslizei a mão pelo peito dele para envolver o pescoço dele. — Já enfrentei coisa muito pior do que pessoas maldosas.

— Sim, enfrentou — ele concordou. — Mas não significa que precisa continuar a fazê-lo.

— O que estou dizendo é que esse tipo de coisa não me perturba. E essa coisa da Ilsa, não é como se eu não tivesse prática em lidar com isso também.

Ele não respondeu.

Me aproximei mais ainda. — Será que lhe ocorreu que não quero que você vá para o que Draven chamou de antro de víboras sozinho?

Ele pareceu surpreso quando perguntou: — Você pensa em me proteger?

— Bem, você é um cara grande que consegue cuidar de si mesmo. Ainda assim. Situações desagradáveis são muito mais fáceis de lidar para qualquer um, quando temos alguém na retaguarda. Ou, neste caso, ao seu lado.

Diante disso, a mão dele deslizou até o meu pescoço, em seguida, até o meu cabelo e aninhou meu rosto na sua garganta, enquanto o outro braço me apertava e sentia seus lábios no topo da minha cabeça.

— Acho que isso significa que eu vou — adivinhei.

— Ainda tenho que pensar.

Suspirei.

Então usei minhas maiores armas.

— Se você não me deixar ir, não vou poder usar um daqueles vestidos de arrasar. Estou ansiosa para usar um daqueles vestidos desde que os vi, em Vasterhague. E, como estamos em guerra, se não formos ao Gales, onde intrigas estão acontecendo e conspiradores são constantes, onde é que vou usar meus vestidos?

Ele riu, soltando a minha cabeça, então pude incliná-la para trás. No instante em que o fiz, ele se moveu e me deu um beijo de língua, profundo e doce.

Quando terminou, um pouco sem fôlego, se aproximou um pouco mais e eu perguntei: — Então, eu vou?

— Não gostaria de privá-la da chance de usar o seu — fez uma pausa — vestido de arrasar.

— Maravilha — sussurrei e ele passou os braços à minha volta, enquanto sentia o seu corpo balançar com a risada silenciosa.

Quando terminou, ele sussurrou: — Durma, minha pomba.

— Ok, baby.

Diante disso, recebi outro aperto e fechei os olhos.

Minutos mais tarde, dormi.

* * * * *

Senti a cama se mexer e abri os olhos.

Isso aconteceu porque Apollo estava se juntando a mim, o que me fez imaginar, meio grogue, por que ele não estava comigo. Ele nunca me deixava, exceto para colocar mais lenha na lareira.

Não tinha ideia de que horas eram. Só sabia que tinha dormido como uma morta. Também sabia que o corpo dele

parecia estranhamente frio quando se moveu para perto do meu, mais frio do que se tivesse deixado as cobertas por pouco tempo. Por último, sabia que tinha algo em mente e também sabia o que era, da forma como se moveu até mim. Isso queria dizer, me virando de costas, me cobrindo e balançando os quadris até as minhas pernas estarem abertas e as dele se encaixarem entre elas.

— Baby? — Falei, parecendo sonolenta e confusa, porque era assim que eu estava.

A mão dele encontrou a minha e a guiou para o meio de nós dois, direto para o pau duro.

Sim. Eu sabia o que estava na sua cabeça.

— Baby — sussurrei.

— Me guie para dentro, papoula — ele sussurrou em resposta e fez o que ele pediu.

Uma vez que posicionei a ponta, ele assumiu, deslizando lentamente o resto do caminho.

Meu pescoço arqueou enquanto ele me preenchia e o abracei.

Seus lábios foram até a pele sob a minha orelha; ele moveu os quadris e começou a dar estocadas.

Meus lábios foram até o ouvido dele e perguntei: — Está tudo bem?

— Agora está — ele respondeu.

Não acho que ele quis dizer que estava tudo bem porque estava fazendo amor comigo.

Mas não pedi mais esclarecimentos.

A mão dele foi até o meu rosto, inclinou o dele para mim e me beijou, um beijo lento, doce, úmido e profundo.

Retribuí o beijo da mesma maneira.

E fez amor comigo da mesma maneira, aumentando a excitação, demoradamente, então nós dois gozamos.

Engasguei com o orgasmo na sua boca.

Ele gemeu o seu, na minha.

Quando nos acalmamos, ele nos virou de lado, mas manteve uma das minhas pernas engatada no seu quadril, para ter um alcance mais fácil, para poder acariciar a minha bunda.

— Durma, Maddie — ordenou.

Eu tinha acabado de gozar. Foi doce, mas intenso. E eu estava envolta em torno do Apollo, que estava acariciando a minha bunda.

Então ele não precisava me pedir para dormir, porque segundos depois que ele falou, eu já estava dormindo.

Capítulo Dezenove

A Intriga Sempre Tem Consequências

— Você parece uma princesa! — Élan gritou.

Me virei do espelho para Élan, que tinha entrado no meu quarto e olhava para mim como eu tinha olhado para a Cinderela no mundo da Disney quando tinha sete anos, a única vez que meu pai nos levou em férias de família. Férias que não foram boas porque meu pai era a única pessoa no mundo que podia achar que o lugar mais mágico na terra era chato e não se importava em compartilhar isso, o *dia todo*. Isso fez com que o meu encontro com a Cinderela fosse praticamente a única boa parte das férias (exceto Matterhorn e Space Mountain, as duas montanhas russas que eu tinha *amado*).

Deixando essa memória de lado, decidi, em vez disso, deixar fluir em mim quão incrivelmente *maravilhosa* me sentia ao ter Élan olhando para mim como se eu tivesse acabado de sair de um filme.

Mas deve ser dito, até mesmo por mim, que ela estava certa. Eu realmente parecia uma princesa de contos de fadas, ou, pelo menos, uma que vivia em um país coberto de gelo.

Dei aos seus olhos deslumbrados um sorriso, em seguida, olhei além dela e vi que Chris tinha entrado atrás dela. Ele, por outro lado, não parecia deslumbrado. Parecia assustado e estava se controlando. Era um comportamento incomum para ele. Se não tão eufórico quanto a irmã, ele não era inexpressivo. E eu nunca o tinha visto surpreso com nada.

Antes que eu pudesse fazer qualquer coisa sobre isso, meus olhos foram até Apollo, que tinha trazido as crianças. Mas quando olhei para ele, meu coração parou.

Ele não parecia deslumbrado, também.

Não.

Em vez disso, parecia ter gostado muito do vestido. Tanto que parecia que gostaria muito de arrancá-lo de cima de mim. Ele tinha controle e esse controle o manteve do outro lado do aposento. Mas não era muito. Podia ver no rosto dele algo que já tinha visto antes, aquela fome, aquele calor. Eram tão intensos que falavam por si só. Senti aquilo me atravessar e tudo desvaneceu, menos ele e aquele calor.

Aquela necessidade.

E aumentou significativamente por causa da aparência *dele*. O cabelo espesso penteado para trás. Calça marrom escura

enfiada em botas brilhantes e o manto marrom escuro forrado com pele marrom escura, quase negra.

A camisa verde floresta tinha gola alta e, desta vez, ele estava usando um lenço no pescoço.

Se você me perguntasse, cinco meses atrás, se eu achava que aquele visual era sexy, teria dito *de jeito nenhum*.

Mas, acredite em mim, não estava apenas sexy. Ele estava incrivelmente sexy.

Bella invadiu nosso concurso escaldante de encarada à distância. — Se despeçam do seu pai e da senhorita Maddie. Eles estão indo para o Gales.

— Mal posso *esperar* até que Frey Drakkar me leve ao meu primeiro Gales. — Élan suspirou, desviei o olhar do Apollo e olhei para ela. — Vou usar esse *exato* vestido.

— Vou guardá-lo para você, querida — prometi.

— Urra! — Ela gritou.

Assim que Élan começou a correr para me dar um abraço, Chris se aproximou do pai, recebendo um aperto na lateral do pescoço, em seguida, Chris se virou para mim e acenou com o queixo.

Mas não veio até mim.

Mais uma vez, estranho. Nós raramente tínhamos contato físico, mas ele se aproximava para trocarmos um aperto de mãos sempre que tínhamos a oportunidade de dizer boa noite.

Bella, Loretta e Meeta, no entanto, se aproximaram.

Meeta veio até mim, trazendo a capa de veludo cor de bronze.

Loretta também, carregando a bolsa feita de cetim.

Bella alcançou as crianças, abraçando e as guiando, enquanto Élan acenava e gritava: — Não se esqueça de dançar!

Oh, merda.

Haveria dança?

Oh, merda!

Claro que teria dança. Era um baile.

O problema era que eu não sabia dançar.

Merda.

Não podia pensar sobre isso, as crianças estavam saindo, então exclamei: — Durmam bem!

— Dormiremos — Élan exclamou em resposta, antes de desaparecer.

Chris não disse nada.

Mais uma vez, *estranho*.

Meus pensamentos foram desviados do Chris assim que Meeta arrumou a capa sobre os meus ombros, em seguida Loretta se aproximou e me deu a bolsa.

Me inclinei para beijar o rosto da Loretta e me virei para Meeta.

Quando o fiz, sorrindo, olhei nos olhos dela. Diante do que vi neles, o sorriso congelou no meu rosto e parei.

— Desfrute da sua noite, senhorita Maddie — ela murmurou.

Mas não quis dizer isso.

Ela quis dizer, *tenha cuidado e fique segura*.

Como eu sabia disso, não fazia ideia. Só sabia que o olhar dela parecia preocupado, alarmado mesmo, e isso me assustou pra caralho.

— Madeleine, nosso trenó está esperando — Apollo interrompeu meus pensamentos, olhei para ele e vi que tinha a mão estendida para mim.

— Lembre-se de tudo... tu... di... nho. Queremos saber de tudo quando retornar — Loretta ordenou, avançando para arrumar as dobras da minha capa enquanto me guiava até Apollo.

Tive a sensação, pelo olhar que Apollo me deu mais cedo, que não teria um tempo só de meninas quando “retornasse”.

Estava começando a amar minhas meninas. Mas, diante daquele olhar, era bom esperar até amanhã.

Não compartilhei isso com Loretta.

Disse a ela: — Vou lembrar, querida, prometo.

Me aproximei do Apollo, ele pegou a minha mão, a ergueu e colocou na curva do seu braço. Sem demora nos guiou para a porta.

No exato momento em que a atravessamos, olhei por cima do ombro para Meeta.

Ela estava me olhando com uma intensidade tão estranha que era inquietante, a expressão carregada. Em seguida, estranhamente, levantou uma mão, apenas um dedo magro estendido, e encostou a ponta do mesmo entre os olhos.

Não sabia o que isso significava. Só sabia que queria dizer alguma coisa.

E, obviamente, não podia perguntar e não conseguia pensar nisso também. Apollo estava se movendo rapidamente e eu tinha que me preocupar em como acompanhá-lo e não tropeçar.

Antes que eu percebesse, estávamos em um dos trenós, as peles sobre os nossos colos, e ele estalou as rédeas. A corrente de ar gelado acertou minhas bochechas e atravessou a pesada (mas não tão pesada quanto uma pele) capa de veludo. Estremeci, por mais de uma razão, quando meus olhos se ergueram para o castelo iluminado por tochas.

Apollo deve ter sentido isso porque passou um braço à minha volta e me aconchegou no seu lado.

Isso fez com que me sentisse melhor.

Ele então abaixou a cabeça e murmurou contra o topo da minha cabeça: — Sua beleza hoje à noite é insuperável.

Isso aqueceu todo o meu corpo, ao ponto dos dedos dos meus pés se curvarem dentro das sapatilhas de veludo frisado.

Porque eu sabia o que ele quis dizer, e o significado das suas palavras significava o mundo.

Eu era parecida com sua falecida esposa. Mas hoje à noite, sabia que minha aparência era melhor.

Podia ser ambicioso e errado amar isso, mas tinha que admitir, eu amei.

Por outro lado, eu mesma fiquei chocada diante do quão incrível estava.

Eu tive ajuda, e não apenas das habilidades impressionantes da Loretta e da Meeta com cabelo e maquiagem.

Não havia outra maneira de descrever, meu vestido era *sublime*. De veludo verde escuro que destacava minha silhueta até os quadris e se abria em uma saia volumosa. O veludo começava em um corpete sem alças, mas este estava coberto por uma fabulosa renda cor de topázio que descia, delicadamente, pelo meu torso, desaparecendo na altura dos quadris.

A renda criava um decote quadrado na frente e era mais baixa na parte de trás, que era meio sem costas. A parte de veludo só aparecia na parte inferior das minhas costas e nas laterais, mas a extraordinária renda cobria a minha pele, proporcionando uma transparência que encobria as minhas costas, fechada no meio com botões cobertos pelo mesmo tecido.

O vestido não possuía mangas, então eu usava longas luvas de cetim cor de bronze, que se ajustavam até a metade superior dos meus braços. Meus pés estavam calçados com sapatilhas de veludo verde sem saltos, com um solado de camurça espessa e algumas pedras de topázio nas pontas.

Minha maquiagem estava carregada e *fabulosamente* esfumada (obra da Loretta).

E o decote do vestido era tão perfeito que eu não necessitava de nenhuma joia no pescoço. Porém, Loretta me deu

brincos pendentes com topázios e esmeraldas para colocar nas orelhas, enquanto Meeta colocava pulseira após pulseira, com esmeraldas e topázios, no meu pulso direito.

Por último, meu cabelo foi puxado frouxamente para trás em um grande, fofo e adorável coque, que Meeta prendeu na minha nuca, em seguida, nas laterais do coque, fixou presilhas extravagantes que tinham nas extremidades grandes arranjos de esmeraldas e topázios que brilhavam contra o meu cabelo.

Não tinha, por alguma razão, olhado a coleção inteira de joias que Apollo tinha me dado. Mas, depois que as minhas meninas tinham terminado de me arrumar, decidi que iria corrigir este erro na primeira oportunidade.

Dito isto, me senti um pouco desconfortável, pois ficou muito claro que, não só o vestido e os sapatos, mas especialmente as joias, eram caras, e eram outra coisa que Apollo me deu que me fazia sentir estranha. Como se o nosso relacionamento fosse deturpado – ele o doador, eu a usurpadora.

Mas não tive tempo para pensar nisso também, nessa transformação em uma glamourosa mulher.

E Apollo gostava dessa mulher glamourosa.

E como sempre, quando Apollo gostava de alguma coisa, eu também gostava.

Cheguei mais perto, encostei o rosto no ombro dele e admiti:
— Toda vez que olho para você, acho que a sua beleza é insuperável.

Ele claramente achou minha declaração divertida, e soube disso quando me abraçou mais forte e riu.

— Estou falando sério — disse a ele, inclinando a cabeça para trás, para olhar para sua mandíbula. Ele olhou para mim, ainda sorrindo, e falei: — O melhor, porém, é quando você está com os seus filhos. Não sei exatamente o que é, mas há algo incrivelmente lindo em um cara sexy ser um pai amoroso.

Ele parou de sorrir diante das minhas palavras, seu braço me apertou ainda mais para poder me puxar para cima enquanto abaixava a cabeça e me dava um beijo profundo.

E também molhado.

Arruinando completamente o meu gloss, eu tinha certeza (sim, eles tinham brilho labial aqui, além de todos os tipos de maquiagem; os recipientes e aplicadores eram um pouco rústicos, mas funcionavam).

Não me importei nem um pouco. O gloss podia ser retocado. Seria um crime desperdiçar aquele beijo.

Quando ele levantou a cabeça, falei: — Não faço a mínima ideia de como dançar.

Isso fez com que ele sorrisse novamente, então relaxou o braço para eu poder me acomodar novamente ao seu lado e olhou para a frente. — Não se preocupe. Detesto dançar, e não danço. Portanto, se alguém a convidar para dançar, vou estar lá para afastá-lo.

Graças a Deus.

Pelo menos uma coisa na lista de itens com os quais me preocupar naquela noite, eu podia esquecer.

— Maddie, lembre-se do que eu disse hoje de manhã.

Sufoquei um suspiro.

Antes de sairmos da cama para tomar café da manhã com as crianças (e depois, quando fiquei lá fora com eles enquanto faziam suas atividades ao ar livre e Apollo saía para fazer coisas de Apollo), ele tinha sido bem claro sobre as instruções para esta noite. Tipo, *muito* claro, dando ordens e me pressionando a prometer (em voz alta) atendê-las.

— Eu me lembro — falei.

— Os homens já estão lá, exceto Laures, que está seguindo o trenó. Você não vai ver nenhum deles durante toda a noite. Mas eles estarão sempre por perto.

Apoiei novamente o rosto no ombro dele e acenei com a cabeça, sabendo que, por qualquer razão que fosse, ele precisava reiterar a si mesmo, então o deixei se assegurar.

— Não vou ficar fora da sua vista a noite toda — continuou.

Não podia me esquecer e beber demais, então precisar usar o urinol. Deslizei o braço sobre a barriga dele, a fim de lhe dar um abraço para indicar que ouvi e compreendi.

— Significa que você nunca estará longe, assim, se for preciso, vou estar ao seu lado em segundos.

— Vai ficar tudo bem, querido — assegurei em voz baixa.

Ele não disse nada.

Mais uma vez, inclinei a cabeça para olhar para sua mandíbula. — Você tem um mau pressentimento — adivinhei.

— Estamos em Brunskar — ele disse olhando para os cavalos, sem me mostrar os seus olhos.

Me aconcheguei contra ele de novo, erguendo os olhos para o castelo e, desta vez, não disse nada, porque, sério, nós estávamos em Brunskar e estava achando que isso era o suficiente a ser dito.

Observei o castelo chegar mais e mais perto e gastei o tempo que tinha me esforçando para controlar o mau pressentimento que aumentava, quando, de repente, Apollo falou.

— Você amou usar esse vestido tanto quanto eu estou adorando ver você nele?

Lá estava, novamente.

E eu gostei, de novo.

Ele não gostou do meu vestido. Ele, na verdade, não gostou do meu vestido.

Ele amou.

E eu amei isso.

Tanto, que me fez sentir mole por dentro, mas ainda respondi hesitante: — Humm... acho que sim.

— Espero que sim, minha papoula. Espero que você goste muito de usá-lo. O suficiente para fazer valer a pena o que quer que seja que aconteça hoje à noite.

Oh, Jesus.

— Só para dizer, você está me assustando — compartilhei.

— Bom — respondeu imediatamente. — Isto significa que vai permanecer consciente e cautelosa.

— Agora você está me assustando *de verdade* — disse a ele.

— Excelente — afirmou. — Isto significa que vai permanecer consciente e cautelosa *de verdade*.

Decidi me calar e manter meu pânico em silêncio.

E o fiz enquanto observava o castelo se aproximar.

* * * * *

Depois de meia hora no Gales, descobri uma série de coisas. Uma delas era que as Casas tinham suas próprias cores. Isso porque Karsvall era decorada com uma variedade de verdes, marrons e dourados, porque essas eram as cores da Casa do Apollo. E por isso, quem foi para o Gales e pertencia a uma Casa, estava usando cores correspondentes ao seu companheiro, como eu usava as do Apollo. E descobri porque Apollo sussurrou para mim, quando perguntei o que significava isso.

Também descobri que o interior do castelo de Brunskar era muito mais assustador do que o exterior. Na verdade, era tão assustador, que era um milagre da bizarrice.

Isso porque as cores da Casa dos Drakkars eram vermelho sangue e preto e fizeram a decoração, literalmente, com ambas. Parecia a casa do irmão muito mais malvado do Drácula. A qual não podiam descrever nos livros porque iriam assustar pra caralho até mesmo os mais fanáticos fãs de terror.

Também descobri que os Drakkars não gostavam de luz. Pelo menos não lá dentro. O exterior estava iluminado como se estivessem esperando torná-lo visível do espaço. Uma vez que tinha entrado no interior sombrio, percebi que isso era porque queriam ser vistos e temidos.

Mas, por dentro, embora houvesse toneladas de pessoas zanzando, havia apenas a iluminação mínima de lamparinas e velas para ajudar a orientar o caminho.

E, por último, descobri que Apollo e Draven estavam certos.

Logo depois de chegarmos, Apollo encontrou Calder Drakkar e sua esposa Melba, para lhes dar suas saudações e apresentá-los a mim.

Incompatível ao ambiente da sua casa, Melba era doce, tinha olhos bondosos e, quando fomos apresentadas, encostou sua bochecha na minha. Calder era muito bonito e só mostrou um momento de choque quando olhou para mim, antes de o esconder e levantar minha mão para encostar os lábios nos meus dedos. Conversamos com eles brevemente, foi uma conversa calorosa e acolhedora, em seguida Apollo os deixou, para que pudessem ver os seus outros convidados.

Pouco tempo depois, encontramos Garik Drakkar, que também era muito bonito e também se permitiu mostrar apenas

um breve momento da sua surpresa, antes de escondê-la e levar minha mão aos lábios.

Ele e Apollo passaram muito mais tempo conversando. Diante disso, notei que podiam não ser melhores amigos, mas claramente tinham respeito e consideração um pelo outro. Ambos os homens me incluíram na conversa, de uma forma que eu sabia que, se tivesse tempo, teria respeito e consideração por Garik também.

Mas depois que Garik se afastou, Apollo não perdeu tempo em me guiar através da multidão e apontar os outros Drakkars, apontando aqueles com os quais eu devia ser mais cautelosa.

Ele não precisava fazer isso.

No minuto que coloquei os olhos sobre eles, soube disso. Não tinha vivido com Pol durante anos sem ser capaz de enxergar o mal.

— Kristian — ele murmurou, depois de me entregar uma taça de champanhe que tinha pego em uma bandeja que era servida e me puxar até uma parede, com a vantagem de ter uma visão da maior parte do enorme salão de baile.

Ele havia voltado minha atenção para outro homem bonito (embora não tão bonito quanto Calder e Garik).

Kristian Drakkar.

— Primo do Frey, irmão da Franka — Apollo continuou.
— Não está nem perto de ser tão inteligente quanto o resto, portanto, é muitas vezes um alvo para todos. Mas, mesmo como mais simplório dos animais, se tiverem garras, vão atacar quando forem provocados o suficiente.

Apollo me virou ligeiramente e deu um aceno quase imperceptível com a cabeça na direção de um homem mais velho, que tinha Drakkar escrito na testa. Um homem que vi de relance e não gostei, principalmente porque a minha pele começou a arrepiar no instante em que coloquei os olhos nele.

— Eirik — Apollo afirmou. — Pai do Frey. Ele é vaidoso e vulgar. Ao seu lado está Valeria, a mãe do Frey.

Voltei minha atenção para ela. Era bem mais velha que eu, mas ainda muito bonita.

E ela tinha consciência disso. Sim, era tão óbvio que pude ver através do salão.

Apollo continuou falando.

— Ela também é fútil. Também é gananciosa. E, por último, conivente. — Se aproximou de mim e abaixou a cabeça para seus lábios encostarem na minha orelha. — Se estiverem conspirando, a ideia partiu dela.

Acenei e ele levantou a cabeça, me movendo ligeiramente mais uma vez.

— Se você olhar para o outro lado do salão, vai ver uma mulher usando um vestido que não se enquadra na sociedade. Os olhos dela estão sobre você — afirmou.

Olhei através do salão e a encontrei.

Seus olhos estavam, de fato, em mim.

E soube que, de todos eles, ela era a pessoa com a qual tomar cuidado.

Desviei rapidamente o olhar, o abaixando e tomando um gole de champanhe.

— Franka — Apollo falou. — Fútil. Debochada. Inescrupulosa. Calculista. Impiedosa e incansavelmente cruel. Evite-a a todo o custo, minha pomba.

Ele não precisava ter falado. Soube disso no instante em que coloquei os olhos nela.

— Certo — murmurei.

Ele se moveu para ficar na minha frente e levantei os olhos para ele.

— Tenho que cumprimentar Eirik e Valeria, mas não quero você ao meu lado quando o fizer.

— Vou ficar bem — falei.

Ele me observou atentamente por um momento e sua voz era suave quando respondeu: — Acredito que sim. Mas ainda não a quero ao meu lado. Ravenscroft está aqui. É um conhecido no qual confio. Vou deixar você com ele. Antes de fazer isso, vou explicar que preciso trocar umas palavras com os pais do Frey e que estou relutante em apresentá-la a eles, mas desejo permanecer perto de você. — Ele abaixou a cabeça. — Sua aparência, papoula, ele vai entender e cuidar de você.

Ele tinha que fazer o que precisava fazer e não que eu ficasse discutindo sobre isso com ele, mesmo que não o quisesse perto daquelas pessoas sem mim. Então desvencilhei meu braço do dele e assenti.

Ele me levou até Ravenscroft, um homem mais velho, magro, alto, enérgico e com olhos bondosos, com quem conversamos brevemente antes do Apollo se inclinar e falar baixinho no ouvido dele.

Ravenscroft olhou na direção do Eirik e da Valeria, então novamente para Apollo. Balançou a cabeça e se virou para mim.

— Minha querida, por que não pegamos algo para você comer? — Perguntou.

Olhei para as mesas repletas de comida. Estavam entre nós, Eirik e Valeria, o local perfeito para ocuparmos fazendo algo que parecia natural, mas sem ficar fora da visão do Apollo enquanto o fazíamos.

— Gostaria muito — falei, aceitando o braço que ele estava oferecendo. — Estou morrendo de fome.

Apollo encarou meus olhos enquanto nos afastávamos e sorri para ele.

Os lábios dele se curvaram, sua expressão suavizou, então olhou para os Drakkars e a suavidade desapareceu.

Menti sobre estar com fome, é claro. Meu estômago estava se retorcendo. Mas me esforcei para não demonstrar enquanto Ravenscroft (seu primeiro nome era Norfolk) me guiava em torno das mesas de comida, compartilhando comigo seus petiscos favoritos, os quais provei todos.

E quando os provei, decidi que era uma merda meu estômago estar se retorcendo, porque se não estivesse em um castelo assustador com pessoas horrorosas à nossa volta, sabia que iria achá-los todos saborosos.

Estava pensando nisso quando Norfolk colocou a mão no meu cotovelo e o apertou.

— Vamos embora — sussurrou com urgência, a boca de repente no meu ouvido.

Me virei para olhar para ele com surpresa, infinitamente consciente e cautelosa, como as advertências do Apollo e o castelo assustador me fizeram ficar, e sua demanda repentina me preocupou.

Meus olhos deslizaram para Apollo, que estava falando com Eirik (que estava olhando para além do Apollo, embora Apollo estivesse falando com ele e, quando verifiquei, vi que estava olhando o decote de uma mulher) e Valeria, cuja atenção estava centrada no Apollo, sua expressão me causando um calafrio.

Olhei novamente para Norfolk, que estava colocando pressão sobre o meu braço.

— Se você não se importa, gostaria de permanecer aqui — disse a ele.

— Então fique perto — me disse, me puxando para o seu lado, não olhando para mim, mas por cima do meu ombro.

Olhei para lá exatamente quando Franka Drakkar murmurou um ronronar: — Norfolk.

Mas os olhos dela estavam sobre mim.

Oh, Jesus.

Aqui vamos nós.

Endireitei os ombros.

— Quem é que temos aqui? — Continuou o ronronar antes do Norfolk poder responder à sua saudação.

— Franka — Norfolk afirmou laconicamente. — Esta é a senhorita Madeleine. Madeleine, — olhou para mim — lhe apresento Franka Drakkar, prima do Calder.

— Prima do Frey — corrigiu, a voz afiada, seu significado claro. Tinha uma conexão poderosa; não estava para brincadeiras.

Frey era conhecido como “O Frey” e “O Drakkar”. O primeiro significava que ele comandava os elfos, o segundo, os dragões.

Em outras palavras, uma ligação muito poderosa.

— E prima do Frey Drakkar — Norfolk vociferou, humanizando Frey e dizendo a ela, presumi, para se foder.

— Encantada em conhecê-la — murmurei em troca, tomando a decisão de ser rude e não oferecer a mão.

— Oh, da mesma forma — ela sussurrou de uma maneira que eu podia jurar que soou sugestiva.

— Estamos indo dançar — declarou Norfolk e essa foi uma boa jogada para nos afastarmos desta mulher obviamente vil, mas ainda assim, meu coração acelerou.

Queria ficar longe dela, mas tinha visto a dança. Eles não estavam chacoalhando os corpos em batidas de rock (o que eu podia fazer, sem suar) ou valsando em um básico passo de dança marcado (que eu podia *tentar* executar e ter uma pequena chance de não fazer papel de boba ao fazer isso). Não, cada dança tinha seus próprios passos, alguns pareciam complicados, mas não importava, porque não conhecia nenhum deles.

Os olhos da Franka se moveram para Norfolk. — Mas acabei de conhecer essa linda espécime — protestou. Seu olhar voltou para mim e, diante do olhar perverso nos seus olhos, senti minha garganta se contrair. — Ou já conhecia? Você parece *muito* familiar.

Cadela.

— Ela tem o mesmo sangue que Ilsa — Norfolk falou secamente.

— O *mesmo* sangue ou é do *seu* sangue? — Franka perguntou, sem desviar o olhar de mim, a voz doce como mel.

— Uma prima distante — Norfolk afirmou como se preferisse ter um pouco de ácido derramado sobre a pele do que continuar a conversa, mas claramente ficou momentaneamente preso pelas boas (ótimas) maneiras, enquanto Franka se recusava a nos deixar sair.

— Não tão distante — ela respondeu, mantendo o olhar grudado em mim. — Ulfr parece apaixonado, mas suponho que não devia estar surpresa com *isto*.

Uma completa cadela.

— O que surpreende a *mim* — Norfolk começou, com firmeza — é que você reparou que ela entrou de braço dado com o Ulfr e, ainda assim, se aproximou com as garras à mostra. Você é mais astuta que isso, Franka, com certeza.

— Oh, querido — colocou a mão sobre o decote pronunciado e eu era daquelas garotas que imaginava se, caso você tivesse o que ela tinha, devia ostentar. Dito isto, você não devia se *expor* tanto. — Estou sendo rude?

Era seguro dizer que foi a gota d'água.

— Não, está sendo imprudente — falei.

Mas não parei por aí.

Talvez tenha sido estúpido, mas, sério, minha vida não tinha sido uma maravilha (até recentemente) e não precisava lidar com aquela merda maliciosa. Na verdade, ninguém, *já*, precisava lidar com aquela merda maliciosa.

— Sim, estou ciente, infelizmente, de que me assemelho muito com a falecida esposa do Apolo, infelizmente para você, já que desejou, claramente, ter me ofendido ao transmitir essa

sabedoria. Mas, como você observou e Ravenscroft confirmou, estou com Apollo. Então, devo admitir, estou desapontada. Ouvi falar um pouco sobre você e pensei que fosse muito mais inteligente para instigar um ataque frontal velado. Uma coisa posso assegurar a você, Apollo não vai precisar que eu o informe disso, já que é muito protetor comigo e está, sem dúvida, observando essa conversa. E suponho que você também já saiba que esta é uma conversa que vai desagradá-lo bastante.

Sua expressão mostrou outra emoção quando inclinou a cabeça e perguntou: — Isso é um convite para instigar um tipo diferente de ataque?

— Entenda como quiser — rebati. — No entanto, deve saber que acho esses jogos tediosos e tendo a não participar deles.

— Agora, *isto* eu acho lamentável — ela respondeu com um sorriso venenoso que declarou claramente que não importava se eu ia participar ou não.

Ela ia.

— E *isto*, eu acho surpreendente — retruquei. — Você é tão óbvia. O que significa que, se tivesse a intenção de me envolver em tais jogos, dificilmente optaria por jogá-los com você. Se estiver dedicando o seu tempo a tais atividades, deve valer a pena, não ser um desafio superado facilmente.

A mão do Norfolk, ainda no meu braço, me apertou e ele soltou um ruído estrangulado que soou como um riso abafado.

Os olhos da Franka se estreitaram.

— Acho que você se engana comigo — disse ela.

— Acho que não, e é por isso que você é uma decepção — repliquei. — Esperava que, quando fizesse uma abordagem, a qual tão obviamente não podia esperar para fazer, que seria muito mais divertido. Em vez disso, foi um pouco tediosa.

Desta vez, Norfolk tossiu para ocultar a risada e os olhos da Franka se tornaram frios.

— Vou esclarecer. É um erro *me subestimar* — vociferou.

— E é um erro *me ameaçar* — retruquei. — Pois estou com o Ulfr e não sou avessa a chamar reforços.

Franka abriu a boca para falar, mas Norfolk se antecipou.

— Acho que é sempre melhor, Franka, quando se é atingido, recuar, pelo menos tempo suficiente para avaliar os danos.

Ela desviou o olhar para ele, que não havia terminado, e o tom da sua voz baixou significativamente quando concluiu.

— E, quando recuar, a exorto a entender, no entanto tardiamente, o fato de que descobriu uma adversária digna e, ao

mesmo tempo, perceber que a jovem com a qual você pensou em brincar, tem um alfa que, quando um membro do seu bando é ameaçado, não hesitará em destruí-la *com os dentes*.

Ela olhou para ele por um longo momento antes de enviar um olhar frio para mim, se virar e se afastar deslizando.

— Muito bem, minha cara — disse Norfolk no meu ouvido, me afastando das mesas de comida e nos posicionando em uma parede próxima do Apollo, mas não muito próxima.

— Obrigada — murmurei, olhando na direção do Apollo para ver o rosto duro e gelado, os olhos virados para as costas da Franka, antes de os desviar para mim.

Dei um sorriso, uma piscadela e acenei com o dedo para cima como um toque final.

Ele levantou um pouco o queixo quando o fiz, assim como também piscou.

Então, sorriu.

Lentamente.

Deus, sério, eu tinha olhado, essencialmente, para aquele rosto por mais de uma década e, o enxergando como Apollo, me perguntava se chegaria a me acostumar com sua beleza.

Ele voltou a atenção para os Drakkars.

Voltei a minha para Norfolk.

— Obrigada por ser tão... — tentei encontrar uma palavra deste mundo, já que achava que ele não ia entender “maneiro” ou “impressionante”, ou pelo menos, não da maneira com a qual as definiria. E escolhi: — Adorável.

— Foi um prazer — respondeu com um sorriso. — Ulfr é um amigo, é leal aos meus primos, à rainha e à nossa princesa do gelo, e é um bom homem.

— Ele é tudo isso — afirmei e ele riu.

Mas ficou sério antes de observar. — Você parece bem acostumada com as reações à sua semelhança com Ilsa.

— Embora não a tenha conhecido, ficou claro quando estive em Lunwyn, que sou idêntica a ela, assim não tive outra escolha senão me acostumar a elas.

— Devo dizer, senhorita Madeleine, que a semelhança não é estranha. O que é estranho é a semelhança incluir diferenças chocantes — ele observou e inclinei a cabeça para o lado, confusa.

— Você se importaria de explicar? — Perguntei.

— Só se essa conversa não a ofender — respondeu.

Balancei a cabeça e ele continuou.

— Eu não tenho como afirmar, nunca estive por perto quando Franka e Ilsa conversaram, mas, assim como você, Ilsa não toleraria a podridão da Franka. No entanto, ela faria isso indo embora.

Me perguntei brevemente se essa era a maneira da qual devia ter agido, mas isto foi breve, porque ele continuou.

— É mais divertido do seu jeito.

Sorri para ele e ele retribuiu o gesto.

— Você conheceu minha prima, a Princesa do Gelo de Lunwyn, Sjofn? — Perguntou.

Balancei a cabeça. — Não.

— Ela vai gostar de você — ele disse, acariciando a minha mão, apoiada na curva do seu braço. — Bastante.

— Leg... — comecei, parei e terminei mais adequadamente. — Bem, isso é simplesmente grandioso.

— Devo estabelecer um rumo onde Kristian corta os subsídios da sua irmã? — Ouvi Apollo perguntar e me virei quando senti a mão dele descansar na parte inferior das minhas costas.

Em uma doce troca de acompanhante, Norfolk tirou minha mão do seu braço, mas deu um aperto antes de soltá-la enquanto respondia: — Você pode querer dar à Franka algum tempo para

curar suas feridas. Nossa senhorita Madeleine provou que suas garras são mais afiadas e é mais hábil em usá-las.

Apollo olhou para mim, a mão deslizando pelas minhas costas para poder envolvê-la ao redor da minha cintura e me puxar para perto. — De fato?

— Amadora — murmurei, ele jogou a cabeça para trás e começou a rir.

Norfolk se juntou às risadas dele.

Apollo parou de rir e encarou os olhos do Norfolk. — Estou em dívida com você.

Norfolk acenou com a mão. — Nem um pouco. — Olhou para mim. — Foi um prazer.

Oh, isso foi doce.

— Você é muito gentil — murmurei.

— E você é encantadora — ele respondeu sorrindo. Se virou para Apollo. — Vou deixá-lo na sua encantadora companhia.

Apollo inclinou a cabeça.

Norfolk inclinou o queixo para mim e se afastou.

Depois que ele saiu, Apollo me afastou da parede e nos guiou lentamente através do espaço lotado.

Tomei um gole de champanhe e murmurei: — E agora?

— Agora, socializamos.

Eca.

— Acabou? — Perguntei.

— Bem, para saciar a sua necessidade de excitação, poderia desafiar alguém para um duelo, mas além dos Drakkars, não há ninguém aqui cujo sangue eu gostaria de tirar.

Parei, olhei para ele e ele parou junto comigo.

— Vocês duelam neste mundo? — Perguntei baixinho.

— Claro — respondeu. — Mas só quando a honra está em jogo.

— Suponho que mulheres não participam de duelos — comentei.

Ele levantou uma sobrancelha, os lábios se curvando. — Querendo ter outro encontro com Franka?

— Ela não é muito boa — afirmei, meio que respondendo.

— Se tiver oportunidade, prefiro observar você a superando com suas próprias armas — ele murmurou.

— Então espero que ela seja estúpida o suficiente para tentar outra aproximação.

Ele balançou a cabeça, sorriu e começou a nos mover novamente.

— Você conseguiu arrancar alguma coisa do Eirik e da Valeria? — Perguntei.

— Minha pomba, dificilmente admitiriam conspirar durante uma conversa trivial em um baile — ele respondeu.

— Claro que não — respondi. — Mas não precisam admitir isso para você conseguir tirar alguma coisa deles.

Ele parou, desta vez para trocar minha taça de champanhe meio quente, por uma fresca, e pegou uma para si mesmo.

— Meu papel hoje à noite é estar aqui e manter um olho na Franka, no Kristian, no Eirik e na Valeria, enquanto Remi e Hans encontram algumas servas e as seduzem, para tirar delas alguma informação que os leve até os quartos desses Drakkars em particular e possam fazer uma busca neles.

Interessante.

— Apenas os Drakkars? — Perguntei.

— Infelizmente, nosso informante foi bastante cauteloso sobre quem estava conspirando. Mas apenas os Drakkars seriam insensatos ou tolos o bastante para se arriscarem à ira de um homem que comanda elfos e dragões.

Balancei a cabeça, levando a taça aos lábios e vasculhando a multidão, até que encontrei Kristian.

— Kristian? — Murmurei antes de tomar um gole de champanhe.

— Ele seria o tolo — Apollo respondeu.

— Humm... — murmurei, desviando o olhar do Kristian para Apollo. — Devo dizer, Lo, que este mundo é muito mais intrigante que o meu.

Seus olhos se tornaram calorosos quando usei o apelido, mas seus lábios avisaram: — A intriga sempre tem consequências, papoula. Só precisamos garantir que aqueles que as merecem serão os únicos a obtê-las.

— Bem, vou manter um olho na Franka e no Kristian e você mantém um olho no Eirik e na Valeria. Será que isso parece um bom plano? — Ofereci.

Seu olhar ficou ainda mais caloroso quando ele começou a nos mover de novo, murmurando: — E ela me dá mais uma razão do que apenas esse vestido para não me arrepender por trazê-la a um antro de cobras.

— Meu objetivo é agradar — respondi baixinho, procurando e localizando Franka.

Mas, enquanto fazia isso, de repente, senti os lábios do Apollo contra a minha orelha.

— Você agrada, Madeleine, sempre. E hoje à noite, vamos explorar novas maneiras de você fazer isso.

Era algo pelo qual esperar depois que saíssemos do castelo arrepiante com aquela família (na sua maioria) sórdida.

Então olhei para frente, quando Apollo afastou os lábios, o olhei por baixo dos cílios e dei um pequeno sorriso.

Ele aumentou a promessa feita pelo meu sorriso simplesmente olhando para a minha boca enquanto passava a língua pelo lábio inferior.

Meu clitóris pulsou e meus lábios se separaram.

O olhar dele veio até o meu e sussurrou: — Venha, minha pomba, vou apresentá-la ao Sinclair, tio do Draven.

Uma distração.

Balancei a cabeça e dei a ele um tipo diferente de sorriso.

Ele me puxou para perto, me guiou através da multidão e me apresentou a Walter Sinclair, que, assim como Norfolk, também era gentil e mais velho. E descobri, quando conversei abertamente com ele, que era um homem que apreciou bastante o fato de que eu me importava profundamente com o seu sobrinho.

Capítulo Vinte

Hewcrows

Castelos assustadores e famílias (na sua maioria) sórdidas de lado, enquanto descia os degraus da frente de Brunskar, horas mais tarde, Apollo me guiando até o nosso trenó, fiquei bastante satisfeita porque a noite transcorreu muito bem.

Na verdade, a intriga foi meio que divertida (embora não diria isso ao Apollo, já que, obviamente, não gostou muito).

E notei que ele tinha claramente me guiado para longe de várias pessoas, assim como me guiou até conhecidos mais próximos, que não seriam indelicados ou inapropriados.

Sempre cuidando de mim.

Sempre.

Era uma sensação estranha.

Mas, uma vez que superei essa estranheza, era uma sensação da qual gostei.

Chegamos ao final dos degraus e puxei mais a capa ao meu redor, observando: — Esta noite foi divertida.

Ele se moveu para a minha frente, estendendo a mão para abrir a porta do trenó, mas olhou para mim, exibindo um sorriso confuso.

— Você tem uma ideia interessante de diversão, papoula.

Parei no último degrau e inclinei a cabeça para o lado. — Tenho? — Perguntei e não esperei sua resposta. — Champanhe. Boa comida e companhias encantadoras. Você com essa aparência sexy e eu com essa aparência fabulosa usando um vestido lindo. Não é a ideia de todos, de diversão?

— Eu posso tirar este lenço do pescoço, guiar o trenó para um penhasco e jogá-lo sobre ele — declarou ele, meio que respondendo e eu ri.

— Posso presumir que você não gosta de lenços no pescoço?
— Perguntei o óbvio.

Ele estendeu a mão na minha direção e, rindo, respondeu:
— Pode, de fato.

Mas não estava prestando atenção às suas palavras, à sua mão ou seu bom humor.

Isto porque estava tentando levantar o pé, mas parecia congelado no degrau.

Olhei para baixo. Estava frio pra cacete, mas para fazer o seu pé congelar em um degrau?

Não importa. Quando olhei para baixo, vi que os degraus de pedra preta foram limpos de neve e gelo, assim, não podia ser isto.

— Maddie, chega de brincadeira. Está frio e estou ansioso para chegar à pousada e me aquecer, mas principalmente deixar *você* quente — Apollo pediu, dizendo coisas que eu normalmente gostava muito.

Mas não prestei atenção porque tentei levantar o outro pé e ele não queria desgrudar, também.

Alguma coisa não estava certa, e esse não estar certo *realmente* não estava certo.

Pânico me invadiu e levantei a cabeça.

— Apo... — comecei, mas não consegui acabar de falar.

Ele estava se dissolvendo.

Não.

Medo me atravessou porque ele não estava mais ali.

Eu estava.

Eu o ouvi grunhindo: — *Madeleine!*

Então, não ouvi mais nada. Não vi nada. Não senti nada.

Estava cercada por uma névoa negra.

Oh, merda.

De repente, estava caindo.

Caindo através do *nada*.

Oh, *caralho!*

Bati na neve, o impacto abrupto fazendo todo meu corpo ranger, enviando dor através das minhas pernas e joelhos. Ambos estavam machucados e caí pesadamente de lado na neve.

Rapidamente, levantei a cabeça e olhei em volta para avaliar a situação.

Luar.

Neve.

Árvores.

Nada mais.

Sem luz. Nem castelo. Sem trenós. Nenhum ruído. Ninguém.

Estava sozinha em uma floresta, em algum lugar, e não tinha ideia de onde.

Bem, presumi que Minerva e seus comparsas tinham decidido usar magia.

Em mim.

Merda.

Fiquei de joelhos e limpei a neve das luvas finas. Luvas, para serem usadas em um baile. Minha capa foi feita para ser usada em um trenó, com uma pele por cima de mim, aninhada ao lado de um cara quente.

Não estava preparada para estar no frio, no meio do nada.

Isso não era bom.

E ficou pior quando notei um movimento através da floresta enluarada.

Fiquei de pé, os olhos grudados onde captei o movimento.

Então vi algo com o canto do olho, se movendo em outra direção.

Me virei para aquilo e comecei a recuar.

Outro movimento vindo de outra direção.

Estendi uma mão atrás de mim para não bater em nenhuma árvore e continuei recuando.

Uma das coisas que se deslocava saiu de trás da sombra das árvores.

E, diante da impossibilidade do que vi, fiquei completamente imóvel.

Era um homem, uma espada cruzada nas costas.

Mas a cabeça era a cabeça de um pássaro, com um bico afiado, pontiagudo, aterrorizante, e assustadores olhos brilhantes.

— Que diabos? — Sussurrei.

Ele ergueu a mão e a levou até a espada.

Vi outro movimento quando outra coisa daquelas saiu das sombras.

Estava sacando sua espada, também, enquanto eu ouvia o silvo do aço quando outro a sacou da sua bainha.

Um outro apareceu ao luar, sua espada já desembainhada.

Ok.

Bem.

Eu estava *absolutamente* certa.

Aquilo *não* era *bom*.

E, no meu vestido fabuloso no meio de uma floresta, sem saber onde diabos eu estava, havia apenas uma opção para mim.

Correr pra caralho.

Encarei essa opção, me virei, peguei as saias, as arrebanhei e fiz isso como se o próprio diabo estivesse nos meus calcanhares.

E, sério, ele estava.

Todos os quatro dele.

Não olhei para trás. Não ia tropeçar em um galho caído, como uma cadela estúpida em um filme de terror.

De maneira nenhuma.

Se eles queriam me pegar, teriam que me alcançar.

Não tinha ideia para onde estava correndo e não me importava.

Só corri.

Eu os ouvi correndo atrás de mim e pareciam perto.

Porra.

Merda.

Caralho.

Continuei.

Então ouvi algo na minha frente. Parecia que alguém (ou alguma coisa) caiu em meio à neve.

Eles estavam vindo até mim pelo outro lado.

Merda!

Me atirei para o lado e continuei correndo, a respiração entrecortada, as sapatilhas envoltas em neve, os topos dos meus

pés cobertos por ela. Era estranho correr através da neve alta, não era fácil, mas continuei seguindo em frente.

— *Senhorita Maddie!* — Ouvi um grito.

Continuei correndo, mas conhecia aquela voz e não podia acreditar que ouvi aquela voz onde eu estava.

Aquela voz era da Loretta.

Então as vi, ela e Meeta correndo na neve, uns três metros à minha esquerda.

Que diabos?

Não podia perguntar o que, diabos, tinha acontecido. Só podia fazer uma coisa.

Então fiz.

Corri na direção delas, gritando: — Continuem. Vão, vão, vão!

Elas continuaram correndo, enquanto eu corria na sua direção, sentia e ouvia aquelas coisas me perseguindo.

Eu as alcancei e Meeta jogou a capa para trás. Na corrida, me entregou um punhal.

Eu o peguei, e basta dizer que não teria nenhum problema em usá-lo em quaisquer que fossem as criaturas que estavam nos

perseguido. Se tivesse essa oportunidade (que esperava não ter), não hesitaria.

Mas enquanto a pegava, vi que ela estava fortemente armada. Tinha um cinturão de facas com mais armas. Ainda estava correndo, então não tive chance de contar todas as facas que ela trouxe, mas o que vi me fez sentir esperança, mesmo enquanto ainda estava em choque, não só por elas estarem lá, mas por estarem preparadas.

— Onde estamos? — Perguntei, ainda correndo.

— Correndo em direção a Brunskar — Meeta gritou.

Não estava certa se queria voltar para lá.

— Mas...

Meeta me interrompeu. — Sem conversa! Corra!

Achei que era um bom conselho, então continuei correndo.

Até que os ouvi muito próximos. Loretta gritou, olhei por cima do ombro e vi que um dos homens com cabeça de pássaro tinha pego ela.

Merda!

— *Não!* — Gritei, me virei, mas Meeta já estava preparada.

Arrancou uma espada curta do cinto sem demora e, parecendo que não era a primeira vez que fazia isso, cortou a cabeça dele.

Ok. Talvez ela não fosse o Spock.

Talvez ela fosse um tipo de gladiadora Marooviana, tipo Russell Crowe.

Não havia tempo para comemorar, no entanto, porque os outros se aproximavam.

Um estava bem perto de mim, então me abaixei, como vi Apollo fazer quando houve aquela luta de espadas, lá na pousada. A espada dele zumbiu acima de mim e levantei, já apontando o punhal para a frente. Eu o mergulhei no seu estômago e ele caiu para trás.

— Magia negra — Meeta sussurrou, me virei para ela e a vi atingindo outro.

Também observei que aquele cuja cabeça ela cortou, não tinha caído ainda, enquanto notava Loretta abaixada, as mãos nas costas erguendo a própria espada curta, cortando um terceiro.

Não, aquele com a cabeça cortada ficou parado lá enquanto outra cabeça estava crescendo em seu lugar.

E pior. Outra criatura estava crescendo da cabeça cortada!

Não tinha tempo para surtar diante disso tudo; outro estava correndo para me atacar.

— Não mirem para mutilar! — Gritei. — Quando cortamos algo, cresce uma nova criatura.

Infelizmente, Loretta tinha cortado o braço da criatura com a qual estava lutando, ficou de pé, e do braço cortado imediatamente começou a se formar outra criatura.

Estoquei o punhal em um e ele caiu para trás, apenas para outro se aproximar.

— Mantenha-se correndo em direção a Brunskar! — Meeta gritou, levando aquele com o qual estava lutando na direção que estávamos indo.

Devo dizer, gostava da sua coragem, mas não podíamos ver qualquer luz através das árvores. Mesmo se estivéssemos indo naquela direção, o castelo estava longe. Não conseguiríamos lutar e chegar até lá.

A boa notícia era, eu era uma completa amadora e podia dizer que estes “o-que-quer-que-fossem” não eram bons nesta merda.

A má notícia era, seus braços eram mais longos, assim como as suas espadas, e enquanto eu lutava contra o que estava na minha frente, notei que mais dois saíram do nada.

— Ela mandou mais — Meeta vociferou, parecendo irritada.

Apenas irritada.

Sério?

Então fiquei ainda mais irritada, mas não podia falar, visto que agora estava lutando contra três.

Apenas com um punhal.

Vamos apenas dizer que eu estava dando um monte de estocadas, me esquivando, balançando o tronco para trás e rolando pela neve.

Meu vestido estava totalmente destruído.

Assim como meu casaco e as sapatilhas.

E estava muito certa de ter perdido um pente ao longo do caminho.

Isso tudo era péssimo.

O que tornava tudo *pior* ainda, era que eu sabia que acabaríamos todas mortas.

Isso porque estávamos cercadas. Não pude deixar de reparar nisso enquanto lutava, a respiração pesada, o coração acelerando no peito, o sangue rugindo nos meus ouvidos. Escutei

os arquejos aterrorizados da Loretta e os grunhidos de esforço da Meeta.

Estávamos cercadas.

Eles estavam nos rodeando.

Senti as costas da Loretta baterem nas minhas. Em seguida, as da Meeta.

Se um deles conseguisse um bom golpe, podia acabar com nós três de uma só vez.

Fomos derrotadas.

Eu ia morrer com duas mulheres fabulosas que, de alguma forma, tinham vindo em minha ajuda e que gostaria de haver tido mais tempo para conhecer.

Nunca ia ver a Élan se arrumar para o seu primeiro Gales.

Não ia ver o Christophe se tornar um soldado.

Nunca ia sentir as mãos do Apollo sobre mim novamente. Sua boca. Ver o seu sorriso. Absorver toda a beleza que ele possuía.

Ia morrer na neve fria de um universo paralelo, tendo experimentado uma vida linda que teria aprendido a amar, mas não tinha me permitido confiar. Eu a experimentei por um breve período de tempo e, em seguida, estava sendo tirada de mim.

— Garotas, vocês são demais! — Gritei, ao mesmo tempo grunhindo, enquanto pulava para a frente e acertava um deles no estômago.

Ele caiu para trás.

Outro tomou o seu lugar.

— Eu morro com vocês no meu coração, senhorita Maddie e Meeta — Loretta gritou, o nome da Meeta saindo em um grito doloroso, e soube que um deles a tinha acertado.

— *Nós não vamos morrer hoje à noite!* — Meeta gritou com voz tão estridente, que era como se estivesse tentando fazer isso acontecer, colocando toda a sua força nas palavras.

Admirei sua bravura.

Mas ela estava dolorosamente errada.

Uma das coisas me atingiu por cima com a espada e o golpeei na lateral com a minha faca, mas a força do seu golpe me deixou de joelhos. Erguendo os braços sobre a cabeça, lutando para segurar a espada do meu atacante, o resto do meu corpo estava pronto para cair.

Mas se eu a soltasse, ele me cortaria em duas.

Deixei escapar um grito estridente de frustração, terror, mágoa, e sua espada desapareceu.

Ele não. Continuava diante de mim, mas estava olhando por cima do ombro.

Me levantei e observei, tanto Loretta quanto Meeta, pressionando minhas costas, mas não ouvi nenhum grunhido de esforço nem senti qualquer movimento.

Isto porque todas as criaturas estavam olhando para trás.

Estava prestes a apontar aleatoriamente para uma abertura no que parecia ser uma parede grossa de seis ou sete criaturas em torno de nós, quando o mundo desabou.

E com isso quero dizer que ouvi rugidos, rosnados, latidos, grunhidos e, de repente, uma linha de visão clareou e não pude acreditar nos meus olhos.

Lobos.

Por toda volta.

Dezenas deles.

Não.

Mais.

Talvez *centenas*.

Todos, atacando aquelas coisas.

— Oh, meu Deus — sussurrei. — O que está havendo...?

Não consegui terminar de falar.

Isso porque, por trás dos lobos, mais criaturas apareceram do nada, enquanto uma linha de lobos corria, pulava ou arrastava a barriga na neve, e agora a luta entre lobos e homens-pássaros se dirigia para Meeta, Loretta e eu.

Recuamos.

Ótimo.

Homens-pássaros e, agora, lobos.

Se já não fosse bastante ruim a morte certa.

Levantei a adaga, mas não a usei.

Isto porque fiquei olhando, em choque, quando os lobos formaram um círculo à nossa volta, rosnando, latindo, mostrando os dentes e mordendo os homens-pássaros que se aproximavam.

Putá merda.

Eles estavam nos protegendo.

Mais lobos se juntaram ao círculo para manter os homens-pássaros afastados.

Putá merda!

Os lobos estavam realmente nos protegendo!

Que incrível!

Estendi a mão e agarrei a da Loretta. — Você está bem?

— Um ferimento no ombro — Meeta respondeu por ela. — É profundo e está sangrando muito, senhorita Maddie. Precisamos obter ajuda. Ela está pálida.

Lá estava o meu Spock. Óbvio, pois era claro que Loretta precisava de ajuda.

Só não podia providenciá-la enquanto estávamos cercadas pela luta.

— Fique com a gente, querida — disse, dando um aperto na mão da Loretta. — Está com a gente?

— Sim, senhorita Maddie — ela sussurrou com voz trêmula.

Diante da exaustão, da dor e do medo na voz da Loretta, decidi que da próxima vez que Spock e eu partíssemos em uma aventura, deixaríamos a líder de torcida para trás.

Não que eu tivesse escolha neste momento.

— Vamos conseguir ajuda para você, logo que isto acabe — assegurei a ela, esperando que não estivesse mentindo.

— Certo — ela respondeu, segurando a minha mão com força, sua voz sem nenhuma esperança.

Mantendo um olho na atividade, embora o nosso anel protetor de lobos estivesse prevalecendo e, embora pudesse ver

ao longe a forma sombria de mais lobos vindo em nossa direção, os homens-pássaros estavam pipocando por todos os lugares.

E, como que para provar isso, dois apareceram bem próximos do círculo no qual eu e as meninas estávamos.

Nem mesmo se viraram para nós, antes de cinco lobos pularem sobre eles e rasgá-los, violentamente, em pedaços.

Faíscas azuis voaram por toda parte e os homens-pássaros desapareceram.

Selvagem.

Assustador.

E totalmente fodido.

Os lobos não hesitavam em cerrar fileiras e continuar rosnando e mordendo os homens-pássaros que chegavam.

E faíscas azuis voavam por toda parte.

Uivos de lobos feridos vinham rápidos e pesados. Até mesmo pude ver alguns corpos de lobo sem movimento no solo da floresta.

Mais homens-pássaros apareceram.

Muitos mais.

Apertei a mão da Loretta.

Os lobos à nossa volta recuaram ainda mais, suas caudas roçando nossas saias.

Isso não era bom.

Os lobos estavam perdendo.

Merda!

Então aconteceu.

De repente, e sem aviso prévio, a confusão se transformou no Armageddon.

Tudo começou com os lobos na floresta, subitamente, se virando e partindo.

Isso não me trouxe um bom pressentimento.

Continuou com o círculo de lobos à nossa volta, encostando a barriga no chão e pressionando o focinho na neve.

Isso definitivamente não me trouxe um bom pressentimento.

E acabou com Meeta gritando: — Abaixo! Agora!

Reagi instantaneamente, principalmente porque Meeta me empurrou para baixo, por cima da Loretta, Meeta se jogando em cima de mim.

Em seguida, uma explosão de fogo e calor ardeu em cima de nós, enquanto a floresta à nossa volta explodia em chamas.

Só consegui espreitar por baixo do braço da Meeta que estava enrolado em volta da minha cabeça e, não estou brincando, sem piada, sem enganação, batendo as enormes asas aterrorizantes acima, expirando fogo por todo lado, havia não um... não dois... mas *três* dragões gigantescos.

Fiquei olhando, em choque e boquiaberta, quando pararam de jorrar fogo. Não havia ninguém à vista e os observei descer e pousar as bundas na terra arrasada, as línguas bifurcadas para fora serpenteando ao redor, olhos inteligentes e focados na distância.

Meeta se levantou e me puxou para cima. Puxei Loretta para cima.

E ficamos paradas, olhando à nossa volta.

Isto porque tudo, exceto um diâmetro de três metros da agora neve derretida em torno dos nossos pés, estava totalmente incinerado. Carbonizado. Demolido. Ainda fumegando, mas não havia mais nada.

Nada além de três enormes dragões com finas línguas bifurcadas e um círculo de lobos sentados em torno de nós, alguns se lambendo desinteressadamente, outros apenas ofegantes, um meio que coçando atrás da orelha.

Meeta se aproximou mais ainda e Loretta soltou um ruído, com medo.

Olhei para as sombras fumegantes.

Através da sombra da noite e da fumaça, um homem e uma mulher apareceram.

O homem era alto, musculoso e absolutamente sexy.

A mulher tinha um fabuloso cabelo loiro, quase branco.

Pararam há uns três metros de distância e ele abriu a boca para falar.

Mas falei antes dele.

— Acho que vocês são Finnie e Frey.

Ele fechou a boca, mas exibiu um sorriso.

Sim, sexy.

Ela sorriu.

E era muito bonita.

Certo. Com os dragões envolvidos, tive a sensação que tudo ia ficar bem.

Então retribuí o sorriso.

Capítulo Vinte e Um

O Caminho Para A Vingança

Apollo cavalgou Anguish arduamente através da neve, as agulhas dos pinheiros chicoteando violentamente o seu rosto e o seu corpo, mesmo abaixando o torso para evitar os galhos.

Seu destino: onde tinha visto os dragões cuspirem fogo.

Os pulmões dele estavam ardendo, despejando fogo através do seu corpo.

Seu pescoço e os ombros estavam duros como rocha devido à tensão.

Os pensamentos dele eram torturados.

Alcançou o deserto fumegante e as viu.

Meeta e Loretta estavam lá, por alguma maldita razão.

Finnie e Frey também estavam lá, o que também era surpreendente, mas não tanto, considerando os dragões e o seu fogo.

Seus lobos estavam lá, assim como tinha ordenado.

E então, lá estava Maddie, parecendo molhada, gelada e desarrumada.

Mas de pé.

Respirando.

Viva.

Viva.

Cavalgou direto para ela, sem diminuir o ritmo de Anguish, a alcateia abrindo caminho quando ele jogou a perna por cima da sela e desmontou, com Anguish ainda correndo.

Suas pernas sentiram o impacto da queda, mas ele não.

Deu dois passos largos até Madeleine, levantou as mãos e segurou seu rosto. Incapaz de impedi-las, ele as moveu sobre seu cabelo, pelo pescoço, por baixo da mandíbula e voltaram para o rosto, enquanto seus olhos o examinavam.

De pé.

Respirando.

Os olhos abertos e olhando nos dele.

— Estou bem, Lo — ela sussurrou e ele sentiu a sua mão pousar levemente no estômago dele, enquanto se inclinava. — Estou bem, baby.

Diante das suas palavras, esmagou a boca contra a dela, usando a língua para saboreá-la, beber dela, devorá-la.

Os braços dela envolveram o seu corpo e o apertaram, enquanto ela inclinava a cabeça para trás, para dar o que ele precisava.

Mais.

Cavalos se aproximando e vozes perfuraram seu alívio extremo e ele afastou a boca da dela. Quando o fez, segurou sua nuca, empurrou o rosto dela contra sua garganta e passou um braço ao redor dela, puxando-a firmemente, para que ficasse aninhada contra o seu corpo e poder sentir o dela por inteiro. Cheirá-la. Absorver o fato de ela ainda estar viva.

Seus olhos foram até Frey.

— O que foi isso? — Vociferou.

— Hewcrows — Frey respondeu. — Minerva — prosseguiu, dizendo ao Apollo algo que já sabia.

Todos sabiam que os hewcrows, homens com cabeça de pássaro, eram um feitiço da Minerva.

Mas a névoa negra que tinha visto envolvendo a Maddie era outra coisa.

Não podia nem pensar na sua Madeleine sendo atacada por hewcrows, na floresta. Até então. Seus nervos estavam desgastados, sua fúria na superfície. O pensamento da sua

pomba lutando com hewcrows na neve, ia fazer com que perdesse o controle.

Em vez disso, olhou para a destruição em volta, parando nos três dragões em repouso.

A hostilidade havia aumentado.

— Lo — Maddie sussurrou.

Ele a ignorou e olhou novamente para Frey.

— Você está aqui por quê? — Apollo perguntou.

— Estou aqui porque minha família se reúne — respondeu Frey.

E disse o suficiente.

— Também estou aqui para encontrar Lavinia — Frey acrescentou.

— O que houve? — Apollo prosseguiu.

— Recebemos uma mensagem da Circe do outro mundo. Ela deseja ajudar e descobriu uma maneira de recuperar sua magia. É um processo perigoso e vai consumir tudo o que ela recuperou, se fizer a viagem entre os mundos. Precisamos da Lavinia e da Valentine para transportá-la para cá. Uma vez aqui, vai ser uma adição formidável. Dito isto, ela explicou o processo e Circe, Cora, Tor, Lahn e os seus homens partiram em

uma jornada para a fonte onde a Circe do Lahn pode recuperar sua magia também.

Apollo assentiu.

— Lo — Madeleine sussurrou.

Mais uma vez ele a ignorou e observou que os homens do Frey, Ruben e Thaddeus, tinham chegado, e Annar, Lund, Oleg e Orion estavam se encaminhando para o grupo. Virou a cabeça e viu que Laures, Remi, Hans e Alek também tinham chegado. Todos os homens ainda estavam montados, exceto Hans, que estava perto da Loretta, segurando-a enquanto Meeta amarrava uma tira de tecido que tinha arrancado do seu vestido em torno do ferimento no ombro da Loretta.

Ao ver o sangue da serva, a boca do Apollo se contraiu e a ardência no seu peito retornou.

— Leve Loretta de volta para Brunskar — ordenou ao Hans.

Hans olhou para ele e balançou a cabeça.

— Lo — Madeleine repetiu.

— Minha mãe? — Frey perguntou logo depois dela e Apollo olhou para ele, entendendo a pergunta.

Essa pergunta, sendo o porquê do Apollo estar lá.

E Frey sabia o motivo provável.

— Ela ou o seu pai, Franka ou Kristian. Estão todos aqui — Apollo respondeu.

Desta vez, foi a boca do Frey que se contraiu e seus olhos deslizaram para Ruben.

— Eu os quero nas masmorras antes do fim da noite — comandou.

Sem demora, Ruben, Thad, Annar, Lund e os outros giraram seus cavalos, cravaram os calcanhares nos seus flancos e dispararam através da fumaça.

Apollo ouviu mais barulho de patas de cavalos, se virou e viu Draven e Gaston chegarem.

Mal tinham freado suas montarias quando Apollo chamou a atenção do Laures. — Um de vocês, ajude Hans com Loretta e Meeta. O resto, ajude os homens do Frey.

Gaston se aproximou do Hans e das mulheres. O resto dos homens cravou os calcanhares no flanco dos seus cavalos e partiu a galope.

— Lo! — Maddie sussurrou contra sua garganta.

Ele aliviou a pressão na sua nuca e olhou para ela. — Minha pomba, *o que foi?*

Ela inclinou a cabeça para trás. — Você está me sufocando.

O braço ao redor das suas costas relaxou, mas ele não a soltou.

Ela caiu contra ele e pressionou a face contra o seu peito.

Ao vê-la fazer isso, sentiu uma pontada no músculo da bochecha direita antes de emitir um assobio agudo.

Maddie pulou nos seus braços e levantou a cabeça, mas Apollo voltou os olhos para o lobo que correu até ele e parou há três metros de distância.

Ouviu Maddie recuperar o fôlego, mas falou com o rei dos lobos.

— Quantos você perdeu?

— Vinte e sete. — Ele ouviu em pensamento quando o lobo latiu.

Vinte e sete.

Vinte e sete lobos.

Maldição.

— Eles vão ser vingados — Apollo prometeu.

O lobo rosnou, balançou o focinho, se virou e correu através da fumaça.

— O que foi isso? — Maddie perguntou com a voz entrecortada, agora por um motivo diferente.

Apollo olhou para ela.

Ela estava observando a partida do lobo.

Ele levantou a cabeça e emitiu um tipo diferente de assobio.

Anguish trotou até ele.

Ouviu Maddie suspirar quando a levantou e acomodou em sua montaria. Não demorou a montar atrás dela, acenando com o queixo para Frey, abaixando o queixo para Finnie (no cumprimento tradicional de Lunwyn), apertando Maddie contra ele e se inclinando sobre ela e o corcel.

Pressionou os calcanhares nos flancos de Anguish.

Seu cavalo disparou através da fumaça.

Destino: Brunskar.

A caminho da vingança.

* * * * *

Com as botas soando afiadas sobre os pisos de pedra negra das masmorras de Brunskar, Apollo não ficou surpreso com o que viu no final do corredor, quando virou a esquina.

Madeleine e Frey surgindo.

Ela estava usando o que ele presumiu ser um dos vestidos da Melba, cor de pêssego. Presumiu isso pois a deixou com Melba, um guarda, uma das bruxas de Calder, um médico da vila, assim como Meeta. Todos estavam cuidando da Loretta.

Em outras palavras, todos menos Melba, que foi essencialmente deixada de lado por uma Maddie furiosamente protetora e uma Meeta, também furiosamente protetora, que geralmente acabava entrando no caminho do médico.

Como tinha coisas para fazer, que não incluíam observar um médico costurar carne enquanto sua Maddie abanava Loretta e Meeta ameaçava o pobre homem se os pontos não ficassem apertados e em linha reta, ele os tinha deixado.

Agora ela tinha encontrado o caminho para as masmorras, as tochas acesas ao longo das paredes, lançando farpas de luz na escuridão.

Ele estava descobrindo como era a sua Maddie. Assassinos. Hewcrows. Magia negra. Ela era uma guerreira. Ela, definitivamente, não gostava de ser mantida no escuro e não se amedrontava muito.

Exceto os ânimos.

E estava aprendendo a enfrentá-los de cabeça erguida, também.

E tudo isso, tudo em Maddie, o agradava muito.

O que significava que os trinta minutos em que não sabia se ela ainda estava com ele neste mundo, ou não estava em nenhum mundo, tinham sido de imensa angústia.

Apollo não conseguiria lidar com isso, entretanto, enquanto se aproximava, viu a determinação no rosto dela.

Assim como no rosto do Frey.

Ela ouviu o barulho das botas, olhou na sua direção e o cumprimentou: — Oi, querido.

Mesmo enquanto fúria e medo ardiam no seu peito, diante da sua saudação, Apollo quase sorriu.

No entanto, não o fez.

Isso porque, imediatamente, se virou para o Frey e abriu a boca.

Mas Frey falou primeiro.

— Você não vai entrar.

Apollo parou logo atrás da Maddie, mas não teve nem chance de falar.

— Finnie está lá — ela respondeu acaloradamente. — Eu a vi quando abriu a porta.

— Minha Finnie é uma mulher incomum e princesa deste reino — Frey rebateu.

— Bem, *eu sou* uma mulher incomum, também. Sendo que ela é do meu mundo, somos o mesmo tipo incomum de mulher e *eu* e as *minhas garotas* — apontou o polegar para si mesma para salientar cada palavra e, em seguida, apontou o braço para fora — é que ficamos lá fora com aquelas *coisas*.

Apollo sentiu sua mandíbula se contrair diante da lembrança do perigo no qual Madeleine tinha estado.

Mas Frey não ficou convencido.

— O que você vai ver lá dentro não é para os olhos das mulheres.

— Humpf — Maddie bufou com desgosto e, diante daquele som, Apollo esqueceu a inquietação e a raiva dos eventos mais cedo naquela noite, e mais uma vez quase sorriu. — Eu vi Lo cortar a garganta de um homem, estripar outro e cortar a mão de um homem. — Ela girou o pescoço e olhou para ele. — Que outra carnificina você executou na minha frente, querido?

Diante disso, sem nenhuma esperança de impedi-la, sorriu para ela.

— Lo, você decide — Frey declarou e Apollo olhou para ele.

— Deixe-a entrar.

Sentiu Maddie relaxar na sua frente.

Frey assentiu com a cabeça e se virou imediatamente para a porta que estava bloqueando, a abriu e entrou.

Ele a deixou aberta e Maddie começou a se encaminhar para lá, mas Apollo a agarrou pelo braço e a virou para ele.

— Apollo — ela começou, impaciente.

— Um momento, minha pomba — a interrompeu gentilmente. — Antes de entrar nesse aposento, devo lhe dar um aviso. Você já viu Laures trabalhando, mas não estava em condições de registrar isso e ele tinha acabado de começar. Oleg, o homem do Frey, também é hábil em extrair informações. Não gosta de usar essas habilidades, mas o faz. O que você pode ver na cela pode ser difícil de testemunhar, não importa a... — fez uma pausa — carnificina que já tenha visto.

Botas soaram no fundo do corredor, mas ele não olhou, nem Madeleine.

Em vez disso, assegurou a ele: — Vou ficar bem, querido.

— Se desejar sair. Saia. Mas não vai sair sozinha. Eu ou um dos meus homens vai ficar com você e levá-la imediatamente até a bruxa.

— Tem uma bruxa lá dentro — ela disse. — Eu a vi também.

— Independentemente disso, faça o que eu disse. Entendido?

Ela encarou seus olhos enquanto ele sentia outras pessoas se juntarem a eles, mas só olhou para eles quando ela assentiu com a cabeça.

Alek e Hans tinham chegado.

— Estão com eles? — Perguntou Hans.

— Todos eles — Apollo respondeu. — Menos Franka. Ela está em um chalé não muito longe daqui. Eles foram buscá-la.

Hans ergueu o queixo.

— As crianças? — Perguntou Apollo.

— Quincy e Balthazar estão de guarda. Calder enviou uma bruxa também.

Desta vez, foi Apollo que ergueu o queixo.

Hans olhou para Maddie. — Alguma notícia da Loretta?

— Ela está bem, Hans — Maddie falou baixinho. — O ferimento foi costurado e está descansando agora.

Com uma leve surpresa, Apollo viu uma sombra nublar o rosto do Hans antes dele entrar no quarto. E essa nuvem se

formou mesmo diante da notícia que recebeu sobre Loretta estar bem.

Alek já tinha entrado.

Apollo pegou a mão da Maddie e a guiou.

Quando entraram, viu Eirik e Calder cara a cara. Também viu Valeria parada ao lado, observando de maneira desinteressada, os braços cruzados sobre o peito. E, por último, viu Kristian agachado em um canto, a cabeça entre os joelhos, os dedos de ambas as mãos entrelaçados no cabelo.

Kristian. Era evidente que era o elo mais fraco.

Apollo lançou os olhos através do aposento e viu Frey e seus próprios homens parados, assim como Garik. Finnie estava parada nas sombras, descansando um ombro na parede de pedra. Os pés calçados com botas estavam cruzados na altura do tornozelo, os braços cruzados sobre o peito, os olhos em Calder e Eirik.

Quando nós entramos, ela olhou por cima do ombro, encarou os olhos do Apollo, depois olhou para Madeleine, até as mãos entrelaçadas, voltou a olhar para Apollo e então piscou.

Novamente, ele sentiu seus lábios se curvarem.

Em seguida, sua atenção foi desviada para a ação.

— Três bruxas as quais pago uma fortuna para proteger minha esposa, meu filho que ainda está por nascer e a minha casa, e você foi conivente em desviar essa proteção para longe?
— Calder vociferou bem na cara do seu pai.

Claramente, o interrogatório tinha avançado durante a sua ausência. Ninguém sabia sobre a conspiração.

Exceto os conspiradores.

Apollo sabia, porém, que Frey tinha avisado seu irmão e Calder tinha tomado precauções. Esta foi a razão pela qual Apollo se sentiu seguro para trazer as crianças e Maddie para Brunksar.

Em sua fúria, Calder tinha, obviamente, informado aos ocupantes do aposento o que, anteriormente, não podiam ter conhecimento.

A menos que tivessem.

Algo que iria descobrir em breve.

— Eu não fiz tal coisa — Eirik respondeu.

Os olhos do Calder se voltaram para a bruxa que estava parada, os ombros contra a parede de pedra, os olhos na ação.

— De fato, como já relatado, os feitiços que lançamos foram quebrados — ela declarou.

Calder olhou para o pai.

— Explique isso — exigiu.

— Dificilmente fui conivente em colocar meu próprio filho e meu neto, ainda por nascer, em perigo — Eirik rebateu.

— Apenas mencionando, ela carrega uma filha — a bruxa colocou.

— Sua interrupção não é bem-vinda — Eirik vociferou.

Maddie se inclinou e sussurrou no seu ouvido: — Que legal que Melba e Calder estão esperando uma filha.

Apollo balançou a cabeça enquanto abaixava o queixo para olhar para ela e ergueu a mão para pressionar o dedo sobre os seus lábios.

Ela revirou os olhos.

Sentiu a boca se curvar enquanto olhava novamente para Eirik e Calder, tirou o dedo dos lábios dela, mas levantou a mão que estava segurando e a colocou sobre o seu peito, puxando-a para perto.

— Você não consegue entender sua posição aqui, pai — observou Frey e Eirik olhou para ele.

— Não o faço porque é indecoroso escotar o chefe de uma Casa até suas próprias masmorras — Eirik respondeu.

As costas do Calder se endireitaram e seu rosto ficou frio.

— Vou repetir, você não consegue entender a sua posição aqui, pai, e parece fazê-lo em mais de uma maneira, pois já não é o chefe dessa Casa a algum tempo — Frey rebateu.

— Posso perguntar, agora, — Valeria interrompeu com voz entediada — se alguém vai me trazer uma cadeira? Eu dancei a noite toda e meus pés estão me matando.

— Puta merda. — Apollo ouviu Maddie sussurrar em choque e enojada, apertou a mão dela, mas não tirou os olhos dos jogadores no palco.

— Parece, mãe, que você também não entende o que está acontecendo nesta sala — Frey observou.

— Fomos informados do que ocorreu esta noite e realmente... — balançou a cabeça com leve repreensão. — Meu querido filho, você sabe que nem o meu marido, nem eu, iríamos conspirar com forças malévolas para derrubar os poderes que estão nos dois continentes. Não com um filho que é O Frey e O Drakkar. Um filho casado com a Princesa do Gelo e um neto que vai herdar a coroa desse reino, um reino que é grande em tamanho e, agora, legitimamente reunificado.

— É verdade — Frey admitiu e seus olhos baixaram até a garganta da mãe. — Embora deva aproveitar este momento para parabenizá-la sobre o diamante de gelo que está usando.

Apollo observou Valeria empalidecer enquanto sua mão começava a serpentear até a garganta, mas, sabiamente, pensou melhor ao levar mais atenção para a pedra em seu pescoço, uma pedra extraordinariamente cara.

— Mas devo admitir que estou confuso — Frey continuou. — Já que no último pássaro que enviou para mim, Calder explicou que teve que reduzir o seu subsídio, juntamente com o do pai, pois seus gastos eram indevidamente extravagantes e estavam ameaçando a subsistência de todos os membros da Casa dos Drakkar. Posso entender que essa joia é uma indicação ao que meu irmão estava se referindo?

Valeria ergueu o queixo, mas seu rosto expôs brevemente uma rachadura na sua bravata, que Apollo sabia que Frey ia detectar. — Seu pai comprou esta pedra para mim antes do Calder assumir como chefe da Casa.

— Que estranho, considerando que a condição das finanças da Casa Drakkar estavam uma bagunça antes do Calder assumir a chefia — Frey rebateu de imediato. — Então, apesar da revitalização dos fundos da família Drakkar feita por Calder ter sido dramática, meu pai haveria tido menos recursos quando era

chefe para lhe fornecer tal presente. Ou, talvez, presentes como esses foram a razão dos ativos de Drakkar estarem em tal desordem.

Eirik se voltou para a esposa e Apollo viu seus olhos se estreitarem sobre o diamante na sua garganta.

— Esse não foi um presente meu — disse a ela. Então olhou para Frey e repetiu: — Esse não foi um presente meu. Ela conseguiu isso em outro lugar. Ela é viciada nessas bugigangas e encontra uma maneira de obtê-las. Mas, definitivamente, não foi um presente dado por mim.

Frey voltou a observar os olhos da mãe. — Talvez você queira algum tempo para formular outra mentira. Tem cinco segundos. — Só então moveu os olhos para o seu pai. — Mesmo enquanto ela está parada lá, mentindo, quando traição está em questão, aquece meu coração a rapidez com a qual meu pai tão ferrenhamente defende a mulher que me deu à luz.

Como você disse, traição está em questão — Eirik respondeu, estufando o peito.

— Sim, é verdade — Frey respondeu. — E em nome da minha esposa, princesa deste reino, agradeço pela rápida incriminação, mesmo que apenas implícita, da sua própria esposa, para o nosso país de gelo.

O rosto do Eirik se tingiu de vermelho no mesmo momento em que houve uma movimentação na porta, todos se viraram e observaram Draven e Thad trazendo Franka para dentro.

Seus olhos vasculharam instantaneamente a sala e pararam no Frey.

— Temos que parar de nos encontrar assim — ela comentou gravemente, um sorriso zombeteiro no rosto.

— Sim, Franka — disse Frey em tom baixo, a voz sinistra.
— Temos.

Foi quase imperceptível, mas Apollo notou.

Ela engoliu em seco.

Não reparando isso, Eirik exigiu da esposa: — Quem comprou essa joia para você?

— Você — ela respondeu, a voz fria, os olhos sem expressão, mas não conseguindo mascarar completamente o medo.

— Acredito que me lembraria de ter comprado um diamante de gelo desse tamanho — Eirik devolveu.

— Fui arrancada da minha cama, e da companhia que estava nela, para testemunhar uma briga doméstica? — Perguntou Franka, realizando o feito notável de parecer, tanto surpresa quanto aborrecida.

— Aconselho que você mantenha a calma — Calder falou para ela.

— Se eu fizesse isso, como é que todos vocês saberiam que Valeria, já bastante cansada dos olhares e do pênis errante do seu marido, há vários anos se deita com Malcolm Turnish, um comerciante rico que pode pagar dezenas desses diamantes, assim como esmeraldas, safiras e rubis de Korwahk? — Franka fez um gesto de desprezo com a mão. — E poderia continuar. Ele realmente se casaria com ela, se cortasse os laços com Eirik e permitisse isso. No entanto, é improvável que alguns dos seus conhecidos fossem convidá-la para os seus bailes se ela estivesse acompanhada apenas por um comerciante. E todos nós sabemos que Valeria gosta de dançar.

Olhou para Valeria e continuou, parecendo genuína.

— Sinto muito por contar sobre a sua traição conjugal, querida, mas eu realmente *gosto* do Malcolm, independentemente da sua profissão, e tenho desejado há algum tempo que você possa ser mantida no estilo ao qual *deve* estar acostumada, sem necessidade de mendigar. Sem mencionar o bônus nada insignificante de ter um homem conhecido por ser muito bem dotado, de *várias* maneiras.

Franka mal terminou de falar as palavras antes do Eirik rugir: — *Você me traiu?* — E fez um movimento em direção à sua esposa.

Não foi muito longe. Garik se moveu e o deteve.

Eirik lutou furiosamente, embora inutilmente, contra o agarre do seu filho, enquanto Valeria estudava o marido como se ele fosse um inseto pregado em uma placa.

— Eu não o tenho entretido na minha cama há quinze anos, marido. E só o aceitei antes de ter os meus filhos e, depois que os tive, como um dever do nosso casamento — explicou casualmente, como se estivesse o informando do menu que tinha escolhido para a semana.

De repente, Eirik ficou imóvel e vociferou: — Você nunca teve interesse em sexo.

— Oh, não, querido — Valeria sussurrou. — Nunca tive interesse em fazer sexo com um homem que não sabe como usar o próprio pênis. Aqueles que sabem são *muito* diferentes.

Franka emitiu uma risada ronronante.

Garik olhou para seu irmão mais velho. — Apenas para mencionar, neste exato momento, não sei se vomito ou corto minhas orelhas.

Apollo estava farto, também.

E comunicou isto falando em voz baixa: — Frey.

Frey olhou para Apollo e assentiu.

Em seguida, desviou o olhar para o irmão que estava próximo. — Você pode preferir sair.

— Vou ficar — Calder anunciou imediatamente.

— E eu não perderia isso por nada no mundo — Garik murmurou, empurrando o pai e se movendo na direção da Finnie. Ele se acomodou, apoiando os ombros perto de onde ela ainda estava descansando.

Frey olhou para Apollo. — Oleg ou Laures?

— Vamos ver o que Laures consegue obter — Apollo respondeu.

Sentiu a mão da Maddie tremer na dele e reconsiderou sua decisão de permitir que ela entrasse, especialmente quando era tão próxima do Laures, e não gostava de pensar que sua opinião sobre ele poderia mudar, à medida que estava atendendo às necessidades desagradáveis do seu trabalho.

Antes que pudesse tomar uma decisão, Laures avançou.

Valeria e Eirik ficaram alertas e começaram a recuar, enquanto Franka assistia Laures caminhar na direção do seu irmão. Fez isso com uma expressão que mostrava apenas um leve interesse.

— Você... você quer dizer, que vai... vai... nos *torturar*? — Eirik perguntou com os olhos colados nos olhos do Laures.

— Não — respondeu Frey e então finalizou: — Se você não tornar isso necessário.

Os olhos do Eirik voltaram para o filho. — Já disse a você, não sei nada sobre uma conspiração!

— Posso ser a última? — Franka colocou, neste momento. — Gostaria de assistir.

Frey olhou para ela, mas Apollo já tinha ficado farto dos seus jogos, mais cedo naquela mesma noite.

E ia se assegurar de demonstrar que estava mais do que farto com ela, agora.

Para comunicar isso, disse: — O último conspirador que enfrentei e provou ser inútil, teve a garganta cortada.

Seus olhos deslizaram para ele e ela ergueu as sobrancelhas. — Você usaria sua espada contra uma mulher?

— Ele, talvez não — Maddie se intrometeu. — Mas eu usaria.

Apollo abafou um suspiro, olhou para ela e murmurou um aviso: — Madeleine.

Ela virou os olhos para ele. — Ela não é muito agradável, Lo. O mundo dificilmente seria um lugar mais pobre sem ela.

— E você? — A voz da Franka veio até eles, gotejando desprezo. — Uma mulher que usa os encantos de uma morta para enfeitiçar seu marido inconsolável, aquecendo sua cama a fim de usar suas joias e ganhar um lugar ao seu lado? Está o mundo mais rico com a sua presença?

Momentaneamente congelado pela fúria, Apollo ficou completamente imóvel, mesmo quando sentiu o ar da sala ficar mais pesado, ao mesmo tempo que viu o rosto da Maddie empalidecer e ela se virar inexpressivamente para Franka.

— Franka — Valeria surpreendentemente sussurrou, a voz cautelosa. — Tenha cuidado, querida.

Apollo se esforçou para se virar, puxando o corpo da Maddie com mais força para perto do seu e, quando fez isso, pegou Franka olhando para Valeria.

— Dificilmente vou ser insultada na casa da minha própria família por uma prostituta que nem sequer tem a coragem de se assumir como tal.

Então Apollo soltou Maddie.

Um segundo depois, tinha Franka pressionada contra a pedra, a mão apertando sua garganta, o rosto abaixado para o dela.

— Ela lutou contra hewcrows hoje à noite — ele grunhiu.

Franka arranhou o pulso dele com as unhas, abrindo e fechando a boca, lutando para respirar.

— E — ficou nariz com nariz com ela — *ela está ao meu lado.*

Sentiu a garganta dela convulsionar sob sua mão, enquanto ruídos estrangulados escapavam da sua boca.

Mas Apollo não tinha mais paciência para adiar mais.

Assim, finalmente chegou ao ponto.

— E, por último, um pacote Keer foi encontrado no quarto do seu irmão — Apollo continuou e os olhos arregalados ficaram ainda maiores. — Você teve sua diversão essa noite. Você está... *acabada.* — Grunhiu. — Agora, vamos passar para a *minha* diversão. Me diga, como é que enredou seu irmão nos seus esquemas, ou são só dele?

— Querido, o que é um pacote Keer? — Apollo ouviu Finnie perguntar ao marido.

— Pequenina, agora não — Frey respondeu e a resposta soou perto das costas do Apollo.

— Não havia nenhum pacote Keer no meu quarto.

Isso veio do Kristian, Apollo olhou para a esquerda, viu que Kristian tinha levantado e fitava com um olhar selvagem para Apollo e a sua irmã.

O elo fraco se rompeu.

— Por que você acha que está aqui? — Frey perguntou ao primo.

— Não tenho nenhum pacote Keer — Kristian sussurrou, seus olhos se movendo rapidamente, de pessoa a pessoa, através da sala. — Não conheço nem mesmo uma bruxa que pode conjurar um pacote Keer.

— Kristian, ele foi encontrado no seu quarto hoje à noite quando as tábuas foram arrancadas, após Madeleine ser atacada — Frey informou.

Kristian balançou freneticamente a cabeça. — Não sei de nada disso.

— Veio ao meu conhecimento que um Drakkar estava em conluio com uma conspiração envolvendo Minerva, suas colaboradoras e Baldur — Apollo informou e os olhos arregalados do Kristian ficaram ainda maiores.

— Não tenho nenhum envolvimento com Baldur! — Ele gritou.

— A... pol... lo — Franka se esforçou para falar e Apollo olhou para ela, vendo o lindo rosto congestionado, os olhos arregalados e a boca ainda abrindo e fechando, enquanto ela tentava respirar.

Então moveu o rosto para perto do dela e sussurrou: — Esta noite, para você, ainda não acabou. Mas, se sair desta sala intacta, nunca mais vai pronunciar uma palavra sobre a minha Madeleine, ou mesmo olhar na sua direção se estiver novamente na presença dela, ou vou espremer a sua vida pela garganta, Franka. Não se engane. Farei isso.

Ela assentiu o melhor que pôde com a mão dele na sua garganta, e ele a soltou.

Instantaneamente, se virou para o lado, se curvou e levou as mãos até garganta, ofegando em busca de ar.

Apollo a descartou e olhou para Frey.

— Minha Madeleine foi atacada hoje à noite, Frey. Cansei desta brincadeira. Vamos retirar as mulheres e deixar Laures trabalhar.

— Apollo — Maddie o chamou em protesto, ao mesmo tempo que Finnie disse: — Não concordo, Frey.

Frey se voltou para sua mulher.

Apollo se voltou para a sua.

— Você é uma distração, minha pomba — falou baixinho. Ela abriu a boca, mas ele viu o rosto pálido, os olhos atormentados. Soube que ela não iria ficar mais um minuto naquele aposento, sem se importar se ele mesmo tivesse que levá-la para fora.

Mas, primeiro, tentou: — Por favor.

Ela fechou a boca.

Graças aos deuses, funcionou.

— Leve as mulheres até a bruxa — Frey ordenou e Thad se moveu na direção da Finnie.

Apollo olhou para Draven, apontou o queixo na direção da Madeleine e Draven se aproximou dela.

Ele as observou sair da sala, notando que Maddie saiu sem olhar para trás. Então viu a porta se fechar atrás deles. Somente quando a porta se fechou, virou os olhos para Laures.

— Comece pela Franka — ordenou.

— O quê? Não! — Gritou ela, toda a audácia perdida, os olhos arregalados olhando para Laures.

Laures olhou para Apollo e Apollo sabia o porquê.

Ele tinha um limite com as mulheres.

Apollo desviou os olhos para Frey.

Frey acenou com a cabeça, em seguida, olhou para Oleg.

Oleg avançou.

— Eu não sei nada sobre uma conspiração! — Exclamou Franka.

— Annar, me dê um gancho — Oleg falou.

O rosto da Franka perdeu toda a cor.

Annar se moveu para a porta e os olhos dela o seguiram.

— Eu... você não pode... — Seus olhos voltaram para Frey.

— Frey, você não pode realmente acreditar que eu...

Frey a interrompeu. — Me convença que não faria isso, prima, mas faça rápido.

Apollo a viu olhar na direção do irmão antes de voltar a olhar para Apollo. — Os Drakkars são a família mais poderosa de Lunwyn. Você sabe que valorizo os laços com a minha família. Você sabe o porquê. Nós já estivemos aqui antes, durante a *última* conspiração. Que razão teria qualquer Drakkar para...?

Mas Frey tinha visto o seu olhar, também.

— Oleg, não Franka. Kristian — ordenou.

— *Não!* — Franka gritou quando Kristian se encolheu na parede.

— O que ele fez, Franka? — Perguntou Apollo.

— Ele... ele... — balançou a cabeça. — Nada.

Oleg começou a caminhar na direção do Kristian e Kristian virou seu lado para o canto, se pressionando contra ela como se a pedra pudesse absorvê-lo.

— O que ele fez, Franka? — Perguntou Apollo.

Oleg chegou em Kristian.

— Nada! — Franka gritou e começou a caminhar para Kristian, mas Apollo a segurou pelo peito e a empurrou para trás com força. Observou, sem remorso, quando ela perdeu o equilíbrio e caiu de bunda no chão.

Se curvou profundamente, inclinando-se para ela, e gritou:
— *O que ele fez?*

— *Nada!* — Ela gritou.

Houve um barulho de carne atingindo a parede e os olhos da Franka voaram para lá. Apollo olhou por cima do ombro, viu Kristian com o rosto grudado na parede, uma das mãos do Oleg no seu pescoço, mantendo-o lá, a outra em volta do seu pulso, torcendo-o atrás das costas.

Kristian estava se debatendo e ofegante.

Oleg estava olhando para Frey.

— Quão duro para começar? — Perguntou.

— Marque-o — Frey ordenou.

Oleg se voltou para Kristian.

— Eu tenho um amante! — Franka gritou e Apollo olhou novamente para ela.

— *Continue!* — Vociferou quando ela não disse mais nada.

Ela balançou a cabeça com gestos curtos, fechou os olhos, os abriu e sussurrou: — Ele foi levado para a Ilha do Espectro.

Deuses *malditos*.

— E? — Apollo insistiu.

— E me disseram que, já que tenho acesso exclusivo a ambas, Finnie e Ils... quero dizer — se corrigiu às pressas ao ver o olhar que tomou conta do rosto do Apollo — Madeleine. Eles disseram que se eu pudesse garantir acesso a elas, iriam libertá-lo.

Diabos.

Estavam atrás das mulheres.

— Por que Finnie e Madeleine são os alvos? — Apollo perguntou laconicamente.

— Eles não partilharam sua estratégia — ela respondeu com voz trêmula.

Claro que não compartilhariam.

— Simplesmente me disseram que, se não fizesse isso, ia receber o membro dele de volta, a única parte que afirmaram que eu gostava, o que não é verdade — vociferou. — E isso era *tudo* o que eu ia receber de volta.

Chocado profundamente por ela se preocupar com alguém o suficiente para arriscar o próprio pescoço, Apollo olhou para ela por um momento, antes de prosseguir. — E quem falou com você?

— Helda — ela respondeu.

— E a magia dela é negra? — Apollo pressionou.

Ela encarou seus olhos, mas não conseguiu reprimir o estremecimento óbvio.

A magia da Helda era negra.

Foi a magia da Helda que levou Maddie para longe.

Portanto, seria a cabeça da Helda que apodreceria em uma estaca em Rimée Keep, o palácio da rainha, em Snowdon.

O próprio Apollo a colocaria lá.

— Eles o machucaram — Apollo presumiu calmamente.

— Ela me mostrou um espelho. Ele aparecia nele — ela retrucou. — E sim. Todos os dias. A cada hora. Em todas as horas. Eles o *feriram*.

Apollo sentiu Frey se aproximar, mas não tirou os olhos da Franka.

— Então você planejou enganar seu irmão e colocar a culpa nele se o plano fosse descoberto? — Perguntou Frey.

— Não — respondeu. — O pacote Keer tem que ser colocado em algum lugar da casa. Um pacote Keer é facilmente detectado, pois brilha quando a magia está tentando quebrar os feitiços de proteção de um local, por isso tinha que ser bem escondido. Calder me informou que não havia espaço para mim.

Ela enviou um olhar amargo para Calder, de quem Apollo já gostava, mas cresceu muito na estima do Apollo, já que ficou claro que ele não tinha nenhum desejo da Franka estar sob o mesmo teto que ele.

Seus olhos voltaram para Frey. — Então compartilhei com Kristian o que estava acontecendo e implorei por sua ajuda. Ele não queria ajudar — ela se apressou a acrescentar. — Mas, eu... ele... — engoliu em seco. — Meu irmão tem um coração mole.

Seus olhos foram para o irmão e ela engoliu em seco novamente.

Em seguida, sussurrou olhando para o chão: — Ele sempre teve coração mole. O que não combina com um Drakkar.

— Parabéns, prima, com isso você falou mais verdades essa noite do que já falou desde que saiu chorando do ventre da sua mãe — Frey zombou e ela virou os olhos amargurados para ele.

— Eles estão com o meu Antoine — ela sussurrou.

— E lhe ocorreu que, se tivesse vindo direto a mim com este problema, poderíamos dar um jeito de resgatá-lo? — Frey respondeu.

— E por que você me faria algum favor? — Ela rebateu.

— Porque sei o que significa estar apaixonado, mas, prima, você surpreendentemente esqueceu. Tenho uma dívida com você — Frey respondeu.

Seu rosto ficou frio enquanto ela colocava a máscara no lugar.

— Não estou apaixonada — retrucou.

— Diga isso a si mesma, Franka — Frey falou baixinho. — Mas não se comete traição por causa de um orgasmo inebriante e nós dois sabemos disso. E você sabe disso, lá no fundo, onde enterrou qualquer emoção que a pudesse fazer parecer com um ser humano.

Ela olhou para o primo, mas não havia mais nada que ele precisasse saber.

— Você mandou o informante — Apollo observou e os olhos dela se viraram para ele.

Mas ela não disse nada.

— Você sabia que eu tinha enviado minhas desculpas para não comparecer ao Gales dos Drakkar e, para me atrair para lá, esperando que eu trouxesse Madeleine, enviou o informante.

Ela ergueu o queixo e confessou, dizendo: — A esperança prevaleceu. Funcionou.

Apollo prendeu a respiração e fez uma anotação mental para enviar seus homens em uma caçada.

O informante não ia ganhar uma estocada, *ia* ganhar um laço no pescoço.

Franka cansou do seu discurso e perguntou: — O que você vai fazer comigo e com o Kristian, agora?

— O que vou fazer é enviar os meus dragões para a Ilha do Espectro e aniquilá-la — respondeu Frey e os olhos dela se arregalaram com grande alarme.

— Se você fizer isso, eles vão incinerar Antoine — ela sussurrou.

— Franka — Frey começou com voz gentil. — Isso acabaria com o sofrimento dele e... — enfatizou a última palavra quando ela abriu a boca para falar. — Pergunte a si mesma se

um sacrifício vale a pena para salvar a vida de muitos. Não sabemos o que eles planejam, só sabemos que é maligno e cada alma nos dois continentes está em risco.

Os olhos dela se estreitaram com hostilidade. — O que eu vou perguntar é, você consideraria a mesma escolha se a Finnie fosse destruída e fosse *você* a encarar uma cama vazia até o fim dos seus dias? Pergunte à sua noiva. Sua Noiva do Gelo sabe. — Virou os olhos furiosos para Apollo. — *Você* sabe. — Se inclinou para ele e vociferou. — *Você sabe*.

— Você compara essa perda com a minha? — Perguntou Apollo, seu tom de voz carregado de desgosto.

— Não há sempre uma comparação? — Ela rebateu. — Eu nem posso começar a imaginar o que você perdeu, pois não conheci sua esposa profundamente. Tudo o que sei é que Antoine tem um coração bondoso, um toque suave e é a única pessoa na Terra que já me fez sentir como *eu* mesma. *Não* uma Drakkar. Você pode não achar que vale a pena salvá-lo. Que não vale a pena trair. Que não vale a pena morrer. Mas *eu* acho.

Apollo deu um passo para trás, mas manteve o olhar sobre ela.

Ela também não moveu o dela.

— Lembre-se, Franka, do que você fez esta noite — finalmente disse baixinho. — Você quase me custou algo que aprendi a amar.

— Pediria desculpas se as apostas não fossem tão altas — rebateu, sacudiu a cabeça e, quando terminou de falar, ficou de pé.

— Você não sente nenhum remorso — Apollo observou.

Ela endireitou os ombros. — Acho que você já sabe que tenho pouca consideração com a sua Madeleine. E sei quem ela é. — Olhou para Frey. — Sei de onde a Finnie vem, também. Helda me disse. — Os olhos dela voltaram para Apollo. — Independentemente disso, não tenho tempo para sentir remorso sabendo que Antoine agoniza a cada hora. Então, me perdoe por não admirar o espírito dela. Mas, enfim, nunca fui boa em fazer amigos.

Apollo respirou fundo e olhou para Frey quando soltou a respiração.

Frey estava observando Franka.

— Frey? — Chamou e os olhos do Frey foram até Apollo.

— Hoje à noite, vou enviar os dragões — decidiu.

Apollo assentiu. Franka não emitiu um ruído, mas isso não significou que a profundidade da emoção que emanou dela não atingiu ambos os homens.

Só que, em tempos como estes, soldados não tinham outra escolha além de serem imunes a isso.

Frey se virou para Ruben. — Mantenha Kristian e Franka aqui embaixo. Providencie que fiquem confortáveis. — Olhou para sua mãe e seu pai. — O que viram e ouviram aqui vai ser compartilhado com alguém? Ou será que teremos que providenciar alojamento para vocês nas masmorras de Brunskar, também?

— *Eu não vou dizer uma palavra* — declarou Valeria rapidamente.

— Eu vou estar muito ocupado dissolvendo a união com minha esposa para me incomodar com essa... *confusão* — Eirik afirmou.

— Minha esposa e meu filho — disse Kristian baixinho.

Frey olhou para o primo. — Vão ficar isolados com você.

Kristian abriu a boca para falar, mas Frey levantou a mão.

— Até que os dragões retornem, é necessário que qualquer um que possa ser ligado, mesmo remotamente, com a trama que foi revelada esta noite, fique isolado — explicou Frey, virou a

cabeça e acenou com o queixo para Lund, que imediatamente saiu da sala.

Kristian deu um passo adiante e recuperou a atenção do Apollo.

— Eles não sabem nada sobre isso — afirmou.

— Eles vão ficar confortáveis.

— Mas—

— Kristian — Frey interrompeu, a voz baixa com um tom de aviso. — Sua lealdade para com sua irmã é admirável, mas também é além de temerária. Você cometeu traição.

— Mas a... a... — seus olhos correram para Apollo e voltaram para Frey — senhora em questão, não é nem mesmo deste mundo.

— Ela é, agora, e está comprometida em casamento com o general que comanda os exércitos da rainha — Apollo rebateu e viu Kristian engolir em seco.

— Vamos discutir sua situação após o retorno dos dragões — decretou Frey.

Kristian encarou o olhar do primo antes de olhar para a irmã, quase suplicante.

Claramente não conseguiu nada lá, porque abaixou o olhar para suas botas.

Frey olhou para os seus pais. — Se uma palavra for sussurrada, eu vou saber.

Isso foi tudo o que precisou dizer. Nenhum dos dois falou, mas ambos os rostos fizeram isso por eles.

Não falariam nenhuma palavra.

Ele virou os olhos para Apollo.

Apollo ergueu o queixo, saiu da cela e sentiu Frey o seguir para fora.

Viraram a esquina antes dele parar e olhar para o amigo.

— Eles querem assassinar as mulheres — afirmou Apollo.

— Vou enviar os dragões.

Isto, ele previu, não iria funcionar e compartilhou suas preocupações com Frey. — Eles devem ter feitiços de proteção na Ilha do Espectro.

Frey assentiu. — É provável que os animais não vão ter sucesso.

— Gastarão uma magia poderosa para proteger uma ilha inteira do fogo dos dragões. — Apollo observou.

Os lábios do Frey se curvaram em um pequeno sorriso. — Eles se enfraquecerão.

Eles o fariam. E esse podia ser o motivo pelo qual não desperdiçaram magia no primeiro ataque.

Mas, por outro lado, precisavam de um plano alternativo. — Se os dragões retornarem sem sucesso, podemos usar Franka e Kristian.

Frey assentiu de novo. — Concordo.

— Precisamos da Lavinia.

— E da Valentine.

Dessa vez foi Apollo que assentiu. — A Circe do outro mundo, a que costumava ser feiticeira do Baldur, ela é poderosa?

— Dizem que é. Assim como a Circe do Lahn. Mas ele trocou algumas palavras comigo e com Tor. Eles estão tentando recuperar seus poderes e, embora Circe não saiba disso, Lahn está permitindo que ela os use quando precisa se proteger. Ele nos proibiu de usá-la, de qualquer maneira. Ela será voluntária, ele deixou isso bem claro. Mas não vai permitir isso. Ele não quer que ela se torne vulnerável de nenhuma maneira.

— Compreensível — Apollo murmurou.

Frey o observou atentamente e Apollo soube o porquê quando ele perguntou em voz baixa: — Ela agrada você?

Ele estava falando sobre Madeleine.

— Ela não é nada parecida com sua gêmea — Apollo disse como resposta.

— Elas nunca são — Frey murmurou.

Apollo respirou fundo e admitiu: — A perda foi há muito tempo atrás, no entanto, os sentimentos eram frescos. Até ela. Mas o tempo pode ter aliviado as memórias. Parece uma traição à Ilsa dizer estas palavras, mas estou desfrutando meu tempo com Madeleine... — fez uma pausa e concluiu — talvez, até desfrutando mais.

Diante disso, Frey sorriu e respondeu: — Elas nunca são as mesmas, mas são sempre melhores. E para você, meu amigo, nunca vai precisar considerar que a sua gêmea era como ela, e que se apaixonou por ela como fez.

Apollo sentiu seus lábios se curvarem e concluiu: — Sim. Então, em outras palavras, na verdade. Ela me agrada. Ela me provoca muitas vezes. Mas me agrada mais.

Frey arqueou as sobrancelhas. — Ilsa não provocava você?

— O que tínhamos era muito estável.

Frey sorriu. — Você pode ter descoberto que a provocação leva a muitas coisas, e a maioria delas é interessante. E a maioria dessas coisas interessantes é *muito* interessante.

Apollo se virou e começou a andar novamente, Frey ajustando o passo ao lado dele, e Apollo murmurou: — Posso ser louco, mas acho a parte irritante, simplesmente interessante.

Frey riu e bateu nas costas do Apollo. — Não compartilhe isso com a minha pequena Finnie, mas tenho que concordar.

Subiram as escadas e pararam novamente para seguir caminhos separados.

— Vamos partir amanhã de manhã para Karsvall — Apollo disse a ele. — Lavinia está lá e é seguro. Meus filhos e Maddie estão aqui, onde sinto que não é. Você e Finnie são bem-vindos.

— Vou informar a vocês sobre os dragões imediatamente. E se não forem bem-sucedidos, vamos conversar sobre Franka e Kristian, e como usá-los — Frey respondeu. — Vou deixar um homem aqui para lidar com isso e Finnie, meu filho e eu vamos segui-lo para Karsvall.

Apollo ergueu o queixo.

Frey murmurou: — Vou até os meus dragões — enquanto se virava para partir.

— Frey — Apollo chamou e Frey parou. — Tenho um homem que está a caminho da Ilha do Espectro. Uma missão auto imposta de exploração. Tenho outro homem que o está

seguindo. Acho que já devem estar lá agora, embora não tenha recebido nenhuma palavra.

— Esta é uma missão temerária — Frey observou.

— Ele foi avisado — Apollo compartilhou.

— Os mísseis dos dragões podem não ser precisos se não sabemos onde eles estão — Frey disse baixinho. — Após nos aproximarmos de Brunskar, vimos a magia negra na floresta e as faíscas azuis da Minerva, assim como o mar de lobos, por isso sabíamos que um dos nossos estava sob ataque e eu pude instruir os animais. — Balançou a cabeça, observando Apollo de perto. — A Ilha do Espectro não é grande, mas está longe de ser pequena. Sem saber onde estão, não posso fazer o mesmo pelos seus homens ou pelo amante da Franka.

Apollo prendeu a respiração e desviou o olhar, desejando como todos os soldados – inutilmente, ele sabia – que houvesse um mundo sem guerra.

Se Derrik tivesse chegado à Ilha do Espectro, e os dragões fossem bem-sucedidos, estaria perdido.

Apollo sentiu a pontada no meio da sua alma antes de deixar escapar o fôlego lentamente, então olhou novamente para Frey. — Espero que ainda não tenham chegado ao seu destino.

— Também espero isso — Frey respondeu.

Apollo prendeu a respiração outra vez e, enquanto exalava, sussurrou: — Obrigado. Por hoje à noite e pelo que você fez com os seus dragões na floresta, estou em dívida.

— Você não me deve nada — Frey respondeu baixinho. — Minha esposa estava em uma zona de guerra, uma princesa cercada por cobras. Você foi um aliado verdadeiro, aquele que detinha o poder. Você providenciou para que ela não tomasse veneno. Hoje à noite, eu paguei a *minha* dívida.

Isso, ele iria aceitar, e novamente Apollo ergueu o queixo.

Frey o abaixou.

Então Apollo se moveu para encontrar a sua Madeleine, enquanto Frey se moveu em direção às portas da frente para comandar seus dragões.

Capítulo Vinte e Dois

Segure Firme A Felicidade

As botas do Apollo não fizeram nenhum som na passadeira vermelho sangue que percorria o corredor até o aposento no qual a serva tinha dito que ia encontrar Maddie.

Não se surpreendeu quando, há três metros da porta, a serva Marooviana da Madeleine saiu, os olhos voltados para ele.

Parou há um metro de distância e manteve o olhar sobre ela enquanto ela fechava a porta com um clique suave atrás dela.

Só então, afirmou baixinho: — Você é uma bruxa.

Ela negou com a cabeça.

Sentiu os olhos se estreitarem diante da mentira. — Você sabia do perigo, onde ela estaria. E você foi até lá, armada.

— Fui — ela concordou, segurando o seu olhar de forma constante. E passou a explicar: — Minha avó possuía magia. Isto foi passado para mim através da minha mãe, que não a tinha. Não sou uma bruxa, mas tenho o dom da visão.

Ela tinha o dom da visão.

E era leal à Madeleine. Leal o suficiente para colocar sua própria vida em risco para protegê-la.

Malditas notícias brilhantes.

— Já o advirto, lobo, não está sob meu controle — continuou. — Não consigo invocá-la, como minha avó fazia. Se eu sentir alguma coisa, no entanto, posso localizá-la, mantê-la em foco, e ela nunca está errada.

Embora brilhante, isto era irritante.

— Se você sentir alguma coisa no futuro, mulher, exijo que me diga — ele ordenou. — Pois esta noite poderia ter tido um final diferente.

Ela balançou a cabeça novamente.

— Eu vi os dragões — ela sussurrou e Apollo inclinou a cabeça para o lado. — Eu sabia que a senhorita Maddie não ia morrer hoje à noite.

— Se você viu tudo o que viu, explique por que não compartilhou comigo.

— Dragões? — Perguntou ela, balançando a cabeça mais uma vez. — Impossível.

— Não em Lunwyn — ele rebateu.

— Ouvi falar muito sobre isso. No entanto, achei ser um mito. Era muito fantástico. — Ela respirou fundo e concluiu: — Tem que ser visto para acreditar.

— Agora que você já viu, acredite e compartilhe quaisquer visões do futuro comigo, não importa quão impossível você ache que elas sejam — ele ordenou.

Ela sustentou o olhar dele por um momento, antes de assentir. No entanto, não se afastou da porta. Ficou impaciente com o atraso, bem como o que leu por trás dele.

Não gostou tanto, mas gostou mais do que o último.

— Você vai ser recompensada por suas ações e pela lealdade exibida hoje à noite — disse ele, baixinho.

— Não desejo nada além de permanecer a serviço da senhorita Maddie — ela respondeu e sentiu sua cabeça se inclinar com a surpresa.

— Esse não é um desejo difícil de conceder. Você se destacou no seu trabalho e ela gosta de você — Apollo disse para ela. — Dito isso, diante do que fez hoje à noite, ainda vou recompensá-la com moedas ou joias, à sua escolha. Basta dizer à Cristiana quando tivermos voltado e serão entregues a você.

— Vou aceitar ambas, para guardar para quando não conseguir mais trabalhar. Você escolhe o quanto vai dar. Nesse

meio tempo, simplesmente desejo permanecer ao lado da senhorita Madeleine.

Apollo sentiu a pele formigar diante da reiteração de algo que ele já tinha garantido a ela que teria. Antes que pudesse perguntar mais alguma coisa, ela falou.

— Ela não é deste mundo — disse baixinho.

Ele não disse nada.

— Ela é especial — continuou.

Ele disse uma coisa diante disso.

— Ela é — concordou.

Ela respirou fundo pelo nariz, a longa linha do pescoço se alongando, seus olhos nunca desviando dos dele.

Então, hesitante, pois suas palavras não eram aceitáveis de alguém como ela para alguém como ele, nunca, ela falou.

— Você não deve sentir nenhuma culpa por esse amor que sente por ela, esse amor que cresce além da imaginação. Ele não apaga o amor que você teve antes.

Em respeito às suas ações naquela noite, em vez de protestar por causa da sua insolência, simplesmente respondeu: — Isso não é problema seu.

Ela o ignorou.

— O amor que você constrói com a senhorita Madeleine é como ela. Não é deste mundo. Não é do mundo dela. Ele é além dos mundos. É além de qualquer coisa.

Ele estava sentindo isso, não precisava que uma criada, não importava sua inteligência ou poder, dissesse isso a ele.

Apollo olhou além dela para a porta, começando a dizer: — Nós não vamos fal—

— Ela está em grande perigo.

Ele olhou novamente para ela.

— Eu sei — grunhiu.

— Não sei por que esses poderes desejam extinguir esse amor além dos mundos. Mas esse é o seu desejo. Eu senti. Eles querem extingui-lo, mas vão ganhar alguma coisa com isso. — Inclinou a cabeça para o lado. — Há outras pessoas. — Era uma pergunta e uma declaração.

— Outras três — ele confirmou.

— Elas estão em grande perigo, também — ela o informou de algo que já sabia.

— Mulher, não é algo que já não saibamos — compartilhou.

Ela não se moveu.

Ele ficou mais impaciente, ainda assim, para descobrir o que ela podia saber, esperou.

Finalmente, ela disse: — Aquela com cabelo branco que conhecemos hoje à noite e a senhorita Maddie, eu as vejo várias vezes cercadas de verde. Este verde não me causa medo. Não significa nenhum dano a elas, na verdade, o oposto. Há também uma que está rodeada por ouro. Ela também não me preocupa. Você disse que há outra?

Ele prendeu a respiração e disse: — Cora, a Benévola. Princesa de Vale.

Ela assentiu com a cabeça. — Vou dizer a você se a vir.

Brilhante.

Agora, diabos, ela precisava se mover.

Ele não ordenou isso. Esperou mais uma vez, sua paciência diminuindo.

— É o seu amor — ela disse baixinho, os olhos ficando desfocados.

— Perdão? — Perguntou.

Ela levantou um dedo. Fechando os olhos, o esfregou entre eles.

Finalmente, abaixou a mão e olhou para ele.

— Os homens dessas mulheres, eles são difíceis de amar — ela declarou e Apollo cerrou os dentes. — Todos, por razões diferentes. Todos, se não tivessem encontrado essas mulheres, teriam vivido solitários, intocados por essa emoção, da companhia que gostam, do contentamento que sua amante dá a eles.

— Eu fui tocado por ele — ele lembrou com voz fria.

— Foi, e ainda assim o perdeu. Pior para você, pois soube como ele é.

Desejou que ela parasse de dizer coisas que já sabia e sáísse do seu caminho, diabos.

— E porque você o perdeu, — ela continuou — é por *isso* que o seu amor não é fácil de ganhar, e você não é um homem fácil de amar.

Ele não disse nada pois ela estava, mais uma vez, dizendo algo que ele já sabia.

— Vou compartilhar se vir mais alguma coisa — declarou ela, finalmente saindo do caminho.

— Minha gratidão — murmurou, se movendo em direção à porta. Com a mão na maçaneta da porta, se virou para ela. — Desejo que fique com Loretta esta noite. Lady Madeleine e eu

vamos ficar com os meus filhos. Viajaremos com um guarda e uma bruxa.

Ela assentiu.

— Você vai ser escoltada até ela na parte da manhã.

Ela assentiu com a cabeça novamente.

Ele ergueu o queixo. — Durma bem, Meeta — ele murmurou, virando as costas para ela.

Antes que pudesse entrar no quarto, ela sussurrou: — Lobo.

Ele se virou novamente.

— Não tem como você saber — ela começou baixinho. — Nunca vai saber. Tenho vivido a minha vida inteira a serviço. Isso forçou em mim só o necessário para colocar comida na minha barriga e roupas nas minhas costas. Neste mundo, todos têm o seu lugar. No mundo dela — inclinou a cabeça para a porta — sinto que eles não são assim. No mundo dela, somos iguais. Assim, essa é a forma como ela me trata aqui nesse mundo. Mesmo servindo a ela, nunca me faz sentir desta forma. Neste mundo, no meu lugar, algo assim é um presente mais valioso do que uma centena de baús de ouro. Você pode nunca entender isso, mas eu sim. E é um tesouro que desejo manter para sempre...

— Então deve mantê-lo — ele respondeu baixinho.

Ela abaixou o queixo.

Quando levantou o olhar, ele disse: — Obrigado pelo que fez esta noite, Meeta, e por tudo que você faz para a minha Madeleine.

As linhas da sua boca suavizaram.

Ele acenou para ela, finalmente se virou para a porta e entrou no quarto.

Madeleine estava aninhada em uma cadeira que foi puxada para perto das janelas. As cortinas estavam abertas, ela tinha o queixo apoiado nos joelhos erguidos, e olhava para a aldeia de Brunskar.

— Minha pomba — falou baixinho e a observou pular, a cabeça virando para ele. — Temos que partir.

— Partir? — Ela perguntou.

— Ir até as crianças — explicou, caminhando em direção a ela. Quando chegou perto da cadeira, abaixou ao seu lado. — Teremos um guarda e uma bruxa com a gente. O pacote Keer foi destruído, os encantos refeitos. Estaremos seguros na viagem, papoula. Mas diante do que aconteceu esta noite, não quero ficar longe de você ou dos meus filhos.

Ela respirou fundo, mas acenou com a cabeça enquanto o fazia e se endireitou na cadeira.

Ele olhou ao redor do quarto. — Melba lhe ofereceu um manto? — Perguntou.

— Não — ela respondeu, e quando olhou novamente para ela, estava mais uma vez olhando para fora da janela.

— Maddie — ele chamou e os olhos dela foram até os seus. — Vamos estar seguros, minha pomba — sussurrou.

Seus dentes morderam o lábio, mas ela balançou a cabeça.

— Loretta vai permanecer aqui para descansar e Meeta ficará com ela. Elas vão se juntar a nós amanhã e vamos partir para Karsvall.

Ela assentiu com a cabeça novamente.

Ele estendeu a mão. — Vamos providenciar uma capa para você e nos colocar a caminho.

Ela aceitou a mão dele sem dizer uma palavra e o seguiu para fora. A maioria dos servos estava acordada, providenciando a onda de atividade que encerrava a noite. Assim, conseguiram um manto facilmente.

No entanto, Maddie parou abruptamente ao seu lado quando atingiu o topo dos degraus no lado de fora da porta da frente.

Ele olhou para o rosto pálido, compreendendo seu terror e se curvando instantaneamente. Ele a pegou nos braços e a carregou pelos degraus enquanto ela segurava firmemente os seus ombros, o rosto pressionado contra o dele.

Ela só o soltou quando ele a colocou em cima de Anguish. Montou atrás dela, inclinou ambos sobre o cavalo e cravou os calcanhares nos seus flancos.

Seus homens, e Remi com a bruxa na parte traseira do seu cavalo, partiram em torno deles.

A viagem até a aldeia foi feita em menos da metade do tempo que levou, quando cavalgaram para o castelo em seu trenó. Assim que chegaram na pousada, Apollo escoltou Maddie até o quarto dela, Gaston ficando de sentinela ao lado da sua porta quando ele a carregou frouxamente nos braços, para dentro.

— Vou estar de volta muito em breve, papoula. Quero dar uma olhada nos meus filhos.

Ela olhou para ele, o rosto ainda pálido, os olhos estranhos, mas balançou a cabeça.

Ele iria lidar com seus medos muito em breve.

Por enquanto, se inclinou para encostar os lábios nos dela e, quando levantou a cabeça, a levou mais para dentro do quarto

e abaixou o tom da voz para dizer: — Quero estar presente quando você se despir, minha pomba. Não se troque. Hoje à noite, você vai dormir nua, aninhada ao meu lado.

Ele observou com surpresa e alguma inquietação confusa enquanto pensava que quase notou um estremecimento, antes da sua expressão clarear, ela pressionar o corpo contra ele e sussurrar: — Tudo bem, querido.

Ele prendeu a respiração, a soltou, lhe deu um abraço e partiu para ver seus filhos.

Eles estavam dormindo em suas camas, Balthazar no quarto da Élan, Quincy no do Christophe.

Acenou com a cabeça para os homens, se virou e fez o caminho de volta até Maddie.

Quando fechou e trancou a porta, a encontrou novamente olhando pela janela. A capa emprestada estava jogada sobre uma cadeira. Continuava com o vestido emprestado.

Ela tinha alimentado o fogo e acendido uma lamparina ao lado da cama.

Mas agora estava imóvel, os olhos na janela.

— Feche as cortinas, minha pomba — ordenou suavemente e novamente a observou estremecer ao se voltar para ele.

Ela assentiu com a cabeça e fez o que pediu, enquanto ela caminhava para o lado da cama mais próximo a ela e se sentava.

— Venha aqui, Madeleine — disse, sua voz ainda baixa.

Como desejava, ela foi até ele e chegou bem perto, parando entre as suas pernas abertas.

Ele ergueu as mãos e as colocou nos seus quadris, a cabeça inclinada para trás para encarar seu olhar.

— Você está dolorida por causa dos esforços hoje à noite, minha papoula? — Perguntou.

— Não estou sentindo nada — ela respondeu.

Ele não gostou da maneira como ela disse isso, sua voz estranhamente sem emoção. No entanto, suspeitava que depois de tudo que tinha se abatido sobre ela na véspera, seria preciso várias coisas para processar tudo aquilo, inclusive tempo.

Mas ele estaria lá para ajudá-la a superar.

— Você vai sentir amanhã — ele murmurou.

— Provavelmente — ela murmurou em resposta, os olhos a deriva.

— Você está segura, Maddie — garantiu.

Ela respirou fundo e virou a cabeça na direção da cabeceira da cama.

— Madeleine — chamou e ela olhou novamente para ele.
— Gostaria de pedir uma coisa a você.

Seus olhos encararam o olhar dele de uma maneira que achou estranho, se movendo, ainda preocupados, mesmo quando ela levantou a mão e segurou o seu queixo.

Uma vez que o tocou, sussurrou: — Eu faria qualquer coisa por você, Apollo.

Suas palavras, o jeito que ela as disse, agora cheias de emoção, o jeito com o qual ela o tocou, suave e levemente, fizeram seu estômago se contrair.

Talvez não estivesse processando o que aconteceu naquela noite.

Talvez estivesse processando algo completamente diferente.

Seu estômago se contraiu ainda mais.

— Me dê o seu pé — ele ordenou, a voz rouca de repente.

Ela inclinou a cabeça para o lado, mas abaixou a mão e levantou o pé.

Ele tirou a sapatilha emprestada.

— O outro — disse, uma vez que a tinha deixado cair no chão.

Com os olhos sobre ele, ela fez o que foi ordenado.

Tirou aquela também.

— Agora, tire o vestido, papoula.

Ela apertou os lábios, mas suas mãos não tardaram a se mover para o tecido, juntando-o com os dedos e o puxando para cima e para fora.

Ela deixou o vestido deslizar dos seus dedos para o chão e parou diante dele vestindo nada além de um bustiê de cetim verde esmeralda com decote baixo na parte de trás, os seios mal contidos nas taças na parte dianteira, com fitas cor de bronze que adornavam sua estrutura. Também usava uma calcinha de cetim combinando.

Ele sentiu o pau pulsar enquanto seu olhar se movia sobre ela. A pele macia. Suas curvas. O cabelo abundante brilhando à luz do fogo. Seus belos olhos virados para ele.

Lá estava ela.

Sua Maddie.

Viva.

Respirando.

Bela.

Sua.

Sua voz agora estava rouca por mais de uma razão quando ele instruiu: — Tire a calcinha, Madeleine, então me liberte e suba no meu colo.

Ele viu suas pálpebras abaixarem, seus lábios se abrirem e sentiu isso tanto em sua garganta, no seu estômago e no seu membro. Então ela deslizou os polegares na calcinha e a puxou para baixo.

Seu pênis começou a doer.

Ela se inclinou para ele, que sentiu os dedos trabalhando nos botões da sua calça.

Diante disso, seu pau latejou.

Ela o puxou, liberando-o e encarou seus olhos enquanto se posicionava; primeiro, um joelho na cama, depois o outro, subindo nele.

— Me guie para dentro — sussurrou.

Ela lambeu os lábios e a sentiu alcançar entre eles, sua mão o envolvendo. Abafou o estrondo que rolou pelo seu peito quando ela deslizou a ponta através da maciez molhada até alcançar sua abertura.

Olhando para ele, lentamente, deslizou para baixo, até que ele a penetrou por completo.

Apollo passou os braços em torno dela, a cabeça inclinada para trás para encarar seu olhar, a voz ainda rouca quando continuou a sussurrar: — Aqui estamos nós, minha pomba.

— Sim, Lo — ela sussurrou em resposta, o sexo pulsando em torno do seu eixo.

— Você está segura — ele repetiu.

— Sim. — Ela ainda estava sussurrando.

— Você é minha — ele declarou, sua voz agora quase gutural.

Ela fechou os olhos, abaixou a cabeça para sua testa descansar na dele e levantou as duas mãos para envolvê-las em torno dos dois lados do seu pescoço.

— Sim — ela disse baixinho.

— Olhe para mim, papoula.

Seus olhos se abriram, mas ela não levantou a cabeça.

— Eu gostaria de deitar de costas e ver você me cavalgar.

Sua testa deslizou sobre a dele quando acenou com a cabeça. — Qualquer coisa, Apollo.

Gentilmente se livrando do abraço, ele se deitou.

Ela encarou seu olhar enquanto ele se deitava e, uma vez que estava acomodado, as mãos dele na sua cintura, ela começou a se mover.

Apollo observou.

E sentiu.

E escutou.

E enquanto fazia isso, memorizou tudo. Cada centímetro molhado e escorregadio dela que podia sentir deslizando sobre o seu pênis, as coxas pressionadas contra os quadris dele, o cabelo caindo sobre os ombros, os seios em movimento contra o cetim, o olhar sobre ele se tornando mais caloroso a cada golpe, os suspiros suaves cada vez que era totalmente preenchida.

— Mais rápido, minha pomba — ele incentivou.

— Sim — ela sussurrou, se movendo mais rápido sobre ele, enquanto a observava.

E viu quando ela levantou os braços, as mãos se movendo para trás do pescoço, levantando o cabelo como se reagindo ao seu toque, o roçar dele contra a sua pele se tornando demais.

Sua Madeleine.

Pura beleza.

— Mantenha o cabelo para cima, Maddie — ele gemeu.

— Sim, querido — ela gemeu, se movendo mais rápido, seus suspiros suaves ficando mais rápidos, mais profundos. — Lo, preciso do seu dedo — implorou, o que ele imediatamente deu a ela.

Quando pressionou e o deslizou, ele a viu arquear as costas.

— Deus — ela gemeu.

— Me tome, Maddie — ordenou, agora enrijecendo os quadris, olhando para ela enquanto o tomava, os seios quase escapulindo do cetim.

Ela abaixou os braços para se curvar ainda mais para trás, o cavalgando como *ele* cavalgaria *ela*, os dedos se curvando em torno das suas coxas.

— Isso, minha papoula — retumbou, uma mão a segurando com firmeza, o polegar da outra mão acariciando mais forte. — Me tome.

— Lo.

Ele enrijeceu mais ainda.

— Deus! Lo! — Ela exclamou, sua vagina convulsionando ao redor do membro dele ao atingir o orgasmo, seus gritos curtos e baixos, mas afiados.

— Continue a se mover — ele grunhiu, movimentando os quadris para cima, contra o lindo corpo que ainda estremecia.

— Sim, Lo, sim. Sempre, baby. Vou tomá-lo para sempre — ela suspirou, ainda gozando, e ele explodiu.

Ele pressionou a cabeça no colchão. Os músculos do seu pescoço enrijeceram, moveu o polegar para poder prender ambas as mãos nos seus quadris, para segurá-la com firmeza contra o seu pênis. Assim, despejou sua semente dentro dela emitindo um grunhido, seguido por um gemido surdo e baixo que reverberou através dele. E, diante do gemido dela, soube que reverberou através dela também.

Mal tinha se recuperado quando ordenou bruscamente: — Venha cá.

Imediatamente ela caiu para a frente, seu peso descendo sobre ele, seu sexo quente e úmido ainda o envolvendo. Quando se aproximou, aninhou o rosto no pescoço dele.

Apollo passou os braços em torno dela e virou a cabeça para alcançar sua orelha.

— Aqui estamos. Isto somos nós. Estamos aqui, minha papoula. Estamos vivos. Estamos juntos, minha pomba.

Ele sentiu o corpo dela enrijecer contra o seu por um breve momento, antes de o apertar contra o dele, aninhando o rosto ainda mais no seu pescoço.

— Eles não vão tirar você de mim — prometeu e ela deslizou a mão pelo peito dele, envolvendo os dedos ao redor do seu pescoço e segurando com firmeza.

Ele memorizou isso também, tudo, gravando no seu cérebro tudo o que era Madeleine naquele momento, antes de se sentar lentamente, levando-a com ele, se divertindo com o ruído que deslizou pela garganta dela, parte surpresa, outra parte prazer.

Ele se levantou, segurando-a junto a ele. Ela dobrou as pernas em volta dele e ele caminhou através do quarto. Parou na frente da jarra de água deixada para eles. Ele a levantou gentilmente, deslizando-a para fora do seu pênis e a colocando de pé. Segurando-a nos braços, cuidadosamente, ele a limpou enquanto ela se apoiava nele.

— Fique perto, minha pomba — murmurou enquanto a soltava.

Ela fez o que pediu e ele se despiu, largando as botas e as roupas no chão, perto de onde estavam. Então moveu sua atenção para ela, abrindo o espartilho e o jogando no chão.

Apollo, em seguida, a ergueu no colo e a levou para a cama. Se abaixando, levantou as cobertas, ainda a segurando. Ele a colocou na cama, juntando-se a ela no minuto que suas costas tocaram o colchão, cobrindo-a. Puxou a coberta sobre eles e apoiou seu peso em um antebraço.

Então olhou para ela e a viu olhando para ele. Seus olhos estavam calorosos e sonolentos.

E confiantes.

Seu peito aqueceu quando levantou uma mão e afastou uma mecha de cabelo do rosto dela.

— Vou pedir mais uma coisa antes de deixar você dormir — ele sussurrou.

Ela deslizou os braços em torno dele enquanto respondia: — Qualquer coisa, Lo.

— Gostaria que você me escutasse.

Ela assentiu, sua cabeça se movendo sobre o travesseiro, sem desviar os olhos dos dele. — Claro, querido.

Segurou o rosto dela e puxou sua cabeça para perto antes de começar: — Primeiro, nós não percebemos aquilo.

Ele a viu piscar em confusão, mas continuou.

— A época em que estava grávida da Élan, assim como do Christophe, foi sem complicações.

Quando compreensão a atingiu, Apollo sentiu o corpo da Maddie enrijecer sob o seu, mas ele continuou.

— O nascimento, no entanto, foi complicado. Christophe chegou facilmente neste mundo. O parto da Élan deu mais trabalho para Ilsa.

— Apollo — sussurrou e ele pressionou as pontas dos dedos nos lábios dela.

— Escute — ele também sussurrou.

Ela fechou a boca e acenou novamente.

— Olhando para trás, devido ao nascimento, nós dois não percebemos. Mesmo ela sendo médica. Pensamos que o corpo dela estava tomando seu tempo para se recuperar de trazer Élan a este mundo. A fadiga extrema. A letargia constante. Porém, mesmo que tivéssemos percebido, não havia nada a ser feito.

— Tudo bem — Maddie sussurrou quando ele não prosseguiu.

— E, então, tudo aconteceu muito rápido — disse baixinho. — Ela simplesmente começou a definir.

Ela fechou os olhos.

Apollo deslizou a mão pelo pescoço dela, então a deslizou para cima novamente.

— Nós discordamos sobre o Christophe, Ilsa e eu — compartilhou. — Ela pensava como uma médica, às vezes, clinicamente. Assim, ela achava que a vida era a vida, até mesmo

para as crianças, e não era sábio protegê-los demais. Ele tinha apenas quatro anos. Portanto, muito jovem. Não queria que ele visse a mãe daquele jeito. Que lembrasse dela daquela maneira. Ela era enérgica. Cheia de vida. Assim como Élan, o jeito dela herdou completamente da Ilsa. Eu não queria que ele a visse franzina, magra, com dor. Não queria que lembrasse dela dessa forma. Ela queria ver o filho, mas neguei. Fiz isso por Christophe. Ainda me pergunto se tomei a decisão certa.

— Você tomou — ela disse baixinho, os braços ao redor dele o apertando.

Sua Maddie, tão leal, dizendo o que queria ouvir.

— Nunca vou saber se você fala a verdade, minha Maddie — murmurou. — Eles tinham uma conexão, muito parecida com a que tem comigo. Se fosse eu que estivesse na cama, meu poder despojado, a doença me corroendo, a dor me aleijando, não gostaria que ele me visse assim. Gostaria que ele recordasse do seu pai com vida. Jovial. Inteiro.

— Então, você fez a coisa certa — ela respondeu.

— Ele não a viu por três meses, antes dela falecer. Eu lhes roubei isso, tanto de um quanto do outro, para proteger o meu filho.

Maddie engoliu em seco, mas não disse nada.

— Foi uma tortura — ele sussurrou.

Ela tirou os braços ao redor dele para poder deslizá-los até seu peito, pelo pescoço, até segurar o rosto dele, enquanto murmurava com pesar: — *Querido*.

— Foi assim, Madeleine, observar ela definhando, observar a dor consumi-la, manter nosso filho afastado dela. Tortura. Todo o tempo.

As mãos dela o apertaram levemente.

— Hoje à noite, a névoa negra tomou você, e senti toda aquela tortura, meses dela, condensada em um instante — declarou e os olhos dela se arregalaram. — Foi o momento mais doloroso da minha vida.

Diante disso, viu seus olhos se encherem de lágrimas.

— Baby — ela sussurrou.

De repente, viu seus dedos afundando no cabelo dela, as pontas agarrando seu couro cabeludo e trouxe seu rosto para perto, uma respiração distante do dela. — Hoje aprendemos que devemos segurar com firmeza a felicidade, minha pomba. Cada dia... cada *momento*... são um presente. Temos que nos segurar com firmeza a ela, Madeleine, e nunca a soltar.

— Sim — ela sussurrou.

Deslizou o nariz ao longo do dela, até que seus olhos estavam tão perto que, se qualquer um deles piscasse, seus cílios roçariam nos cílios do outro.

— Eu não vou perder você — grunhiu.

— Estou bem aqui, querido — ela o tranquilizou.

Apollo respirou profundamente, expirou, em seguida, inclinou a cabeça para poder roçar a boca levemente contra a dela.

Só quando se afastou um centímetro, respondeu: — Você está, de fato.

Ela lhe deu um sorriso trêmulo.

— Obrigada, minha pomba, por lutar tão arduamente hoje à noite para salvar uma vida que adoro.

Seu sorriso trêmulo vacilou enquanto suas feições começaram a ruir, mas não viu mais nada quando ela aninhou cabeça no pescoço dele.

— De... de... de nada — ela gaguejou contra sua pele.

Largou o peso em cima dela por um breve momento, a fim de envolver os braços à sua volta, antes de os virar sobre seus lados.

Encostando os lábios nos cabelos dela, sussurrou: — Agora você pode dormir.

Ela deu um suspiro trêmulo que foi, meio que uma fungada, meio risinho, e acenou com a cabeça, o rosto agora apertado contra sua garganta.

Ele a abraçou e acariciou suas costas enquanto ela recuperava o controle das emoções. Quando o fez, deslizou a mão que estava apoiada no seu peito, o envolveu com o braço e o apertou com mais firmeza.

Vários minutos depois, quando seu corpo tinha relaxado, sua respiração tinha se nivelado e achou que estava dormindo, ela falou um sonolento: — Lo?

E, deuses, ele gostava muito quando ela o chamava de “Lo”.

— Sim, papoula — respondeu ele, lhe dando um aperto.

Sentiu seu corpo ligeiramente tenso quando ela começou. — Você sabe que eu, humm... bem, eu, humm... realmente me importo muito com você, também, certo?

Mais uma vez naquela noite, uma noite na qual achou que não ia encontrar nada engraçado, não conseguiu impedir seu corpo de tremer de tanto rir.

— Sim, Madeleine, eu *realmente* sei que você se importa comigo também.

Ela relaxou e murmurou: — Maravilha.

Ele sorriu contra o seu cabelo e lhe deu outro aperto.

— Durma, Maddie.

— É pra já, chefe — murmurou novamente e ele sorriu.

Ela se acomodou.

Apollo fechou os olhos e viu a névoa negra a encobrindo, então os abriu de novo e a puxou para mais perto ainda.

Respirou fundo quando ela se aconchegou no seu abraço.

Respirou fundo novamente quando, momentos depois, sentiu o sono reclamá-la.

O amor que você construiu com a senhorita Madeleine é como ela. Não é deste mundo. Não é do mundo dela. Está além dos mundos. Está além de qualquer coisa.

As palavras da Meeta penetraram sua mente e ele foi forçado a respirar fundo outra vez.

Hoje à noite, quase a perdeu.

Amanhã, ia se certificar que não acontecesse de novo.

Não tinha a mínima ideia de como faria isso.

Só sabia que, diabos, faria isso.

Nada poderia salvar Ilsa.

Mas nada, nunca mais, machucaria Maddie.

Nunca mais.

Nunca.

* * * * *

Com os pensamentos tumultuados, Apollo não tinha sono.
Então, estava acordado quando a batida suave soou na porta.

Cuidadosamente, se soltou da Maddie, caminhou rapidamente até sua calça e a vestiu.

Então, se dirigiu para a porta.

A destrancou e abriu um centímetro.

O homem do Frey, Ruben, estava ali fora.

A voz profunda estava baixa e preocupada quando declarou: — Os dragões falharam.

Apollo sentiu sua boca se apertar.

Uma notícia muito ruim.

Mas, pelo menos, significava que seus homens estavam vivos.

E que a magia do seu inimigo devia estar enfraquecida.

— Frey irá encontrá-lo aqui, em uma hora, para discutirem o que fazer a seguir. — Ruben continuou.

Apollo assentiu.

Ruben se moveu para longe da porta.

Apollo a fechou, se apoiou contra ela e apontou os olhos para o corpo da Maddie, dormindo na cama, sua mente enumerando as prioridades mentalmente.

Primeiro, enviaria homens para encontrar o falso informante e colocá-lo na prisão para aguardar seu julgamento.

Segundo, iam interrogar Franka, descobrir a bruxa que criou o pacote Keer e colocá-la na prisão, para aguardar seu julgamento, também.

Em seguida, usar Franka e Kristian para atrair o inimigo.

Esqueça isso.

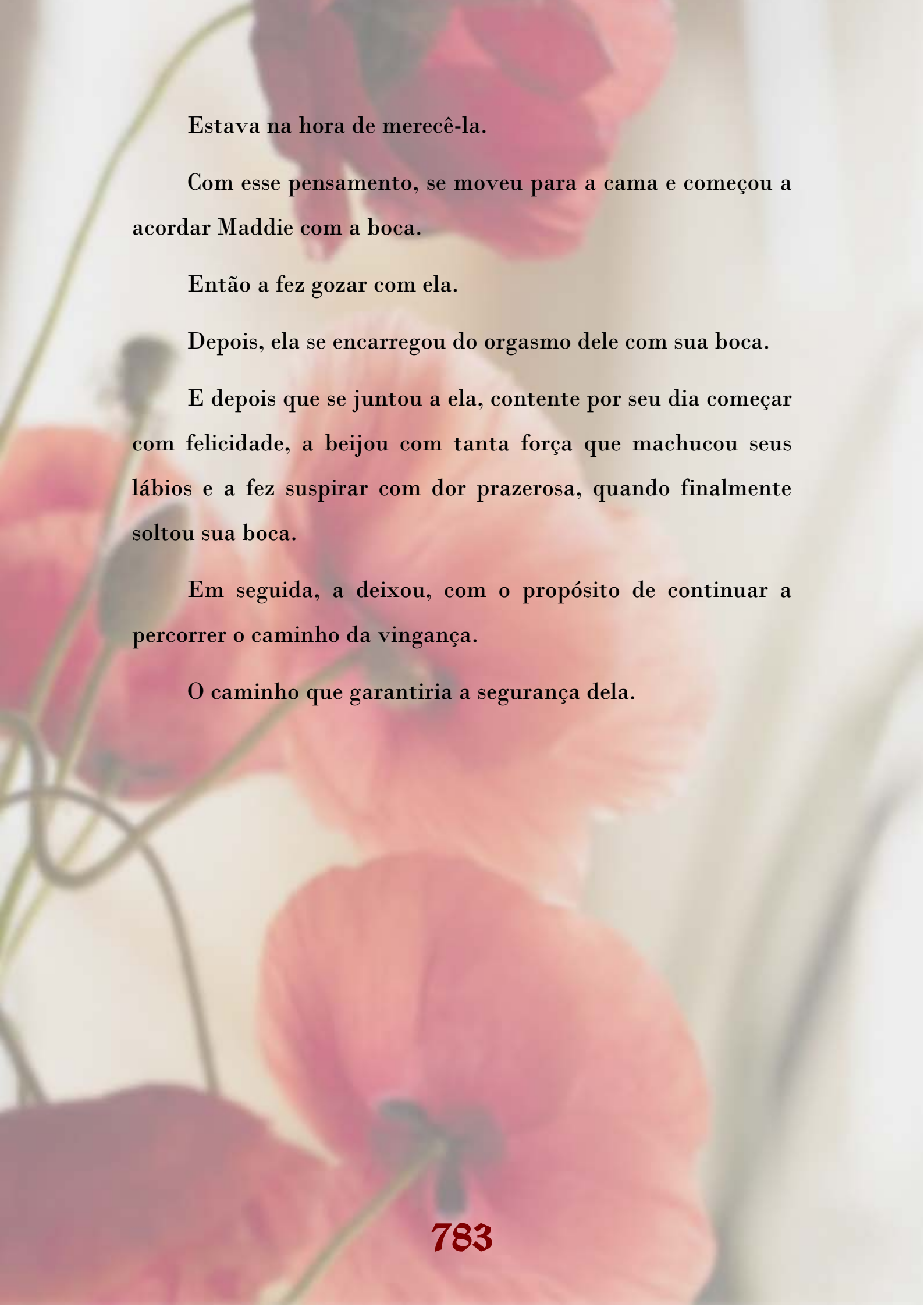
Kristian mal conseguiu aguentar o interrogatório manso pelo qual passou.

Kristian e sua família “desapareceriam”.

Franka seria a ferramenta deles.

Por último, encontrar a maldita Valentine e colocar a mulher para trabalhar.

Tinha pago a ela uma quantia considerável.



Estava na hora de merecê-la.

Com esse pensamento, se moveu para a cama e começou a acordar Maddie com a boca.

Então a fez gozar com ela.

Depois, ela se encarregou do orgasmo dele com sua boca.

E depois que se juntou a ela, contente por seu dia começar com felicidade, a beijou com tanta força que machucou seus lábios e a fez suspirar com dor prazerosa, quando finalmente soltou sua boca.

Em seguida, a deixou, com o propósito de continuar a percorrer o caminho da vingança.

O caminho que garantiria a segurança dela.

Capítulo Vinte e Três

Era Tudo O Que Eu Tinha

— Não podemos confiar nela.

Apollo desviou o olhar da janela por onde estava observando Maddie e a sua filha, lá fora.

Também estava observando seu filho.

Maddie e Élan estavam rindo e, muitas vezes, ouviu seu riso enquanto faziam o-que-quer-que-estivessem-fazendo na neve do lado de fora da pousada, à espera de Apollo e Frey terminarem de conversar, para que pudessem deixar Brunskar e partir com destino a Karsvall.

Observando a visão pela janela, ficou aliviado porque parecia que Maddie tinha afastado suas preocupações de ontem à noite, pois não parecia diferente do que era normalmente, perto da Élan.

Portanto, seus pensamentos estavam em Chris, que não ficava muitas vezes afastado da sua irmã, e também, mais recentemente, da Maddie. Mas agora, por alguma razão, estava bem afastado de ambas, e não de uma forma onde estava simplesmente interessado nas suas próprias atividades.

Não, parecia estar evitando as duas.

Isso não pareceu bom para Apollo.

No entanto, não tinha tempo para se debruçar mais a fundo sobre isso. Ficaria de olho na situação e conversaria com o seu filho mais tarde, se fosse necessário.

Agora estava discutindo os próximos passos com Frey.

— De fato, Franka não é confiável — disse ao amigo quando virou os olhos para Frey. — E as coisas vão ser piores que antes, pois mesmo que haja, agora, alguma esperança que ela vá ter seu amante de volta vivo, não vai esquecer a sua disposição em sacrificá-lo.

Frey assentiu. — É verdade. E parece que Franka não percebeu que, se este tal Antoine foi torturado a cada hora por algum tempo, se o receber de volta, pode não encontrar o homem que conheceu anteriormente.

— Sem dúvida — Apollo concordou.

A expressão do Frey ficou pensativa. — Ou tem consciência disso e não se importa. Simplesmente irá aceitá-lo do jeito que vier.

— Este pode ser o caso, uma vez que parece estar apaixonada — Apollo apontou.

Frey focou o olhar no Apollo e balançou a cabeça. — Não gostaria de pensar nisso como sendo uma indicação de que o mundo está chegando ao fim.

Apollo riu e Frey retribuiu com um sorriso.

— E você vai enviar os dragões novamente — Apollo afirmou.

Essa era outra parte da nova estratégia deles. Bombardear a ilha com o fogo dos dragões, na esperança de enfraquecer tanto o escudo, quanto a magia.

— Diariamente, de maneira aleatória — Frey confirmou. — Terão que gastar muita magia para mantê-los fortes contra o fogo dos meus dragões, e terão que fazer isso constantemente pois não vão saber quando o próximo ataque vai ocorrer.

— E os elfos? — Perguntou Apollo.

— Sempre mantenho o galho de adela comigo. Vou visitá-los depois que falar com Franka e antes de participar de uma festa a caminho de Karsvall.

Apollo assentiu.

Durante a última guerra, em uma jogada para depor o pai da Finnie e unir Lunwyn e Middleland, o filho de Baldur e os homens de Broderick haviam queimado todas as árvores de adela até a raiz. Como elas eram utilizadas como dutos para os elfos

terem acesso do seu mundo sob o gelo, isso foi feito para prendê-los e à sua magia formidável, para que eles não pudessem oferecer ajuda.

Desde então, Lavinia tinha se encarregado de plantar novas árvores de adela por toda Lunwyn. Elas estavam criando raízes, mas levariam décadas até que ficassem fortes.

O que tornou afortunado o fato de Frey e seus Raiders terem furtado uma antiga relíquia, um ramo de adela, com o qual Frey podia tocar a terra em qualquer lugar e convocar os elfos para o gelo.

— Estou repensando em ficar separado do Tor e do Lahn — Apollo disse a ele. — Com a magia que você tem sob seu comando, a Lavinia, e se pudermos encontrar Valentine, Lunwyn é muito mais segura para todos nós.

Frey balançou a cabeça. — Este raciocínio tem mérito, primo, mas sua sugestão para dividir as energias é sólida. Há muito mais bruxas em Vale do que em Lunwyn. Eles não têm o poder da Lavinia e da Valentine isoladamente, e ninguém detém o poder dos elfos, a não ser Minerva, mas juntas, essas bruxas são formidáveis. Tor as tem reunidas. Entretanto, enviaremos pássaros e discutiremos como se sentem sobre este curso de ação.

Apollo assentiu com a cabeça.

Os olhos do Frey se moveram para a porta e novamente para Apollo, antes de dizer: — Não devemos demorar.

Apollo olhou mais uma vez para a janela, observando Maddie, Élan e Christophe, que não tinha se aproximado da irmã, e nem de Madeleine.

Virou os olhos para Frey e disse: — Os trenós devem estar prontos. Finnie e Viktor vão cavalgar com Maddie e Élan. Eu monto ao seu lado. Esperamos você amanhã à noite em Skógarholt.

Frey olhou para o teto, onde Apollo sabia que Finnie estava com o filho pequeno, Viktor, antes do seu olhar voltar para Apollo.

— Amanhã à noite em Skógarholt — ele concordou.

— Até amanhã, então — Apollo respondeu.

— Até — Frey respondeu com um aceno e saiu pela porta.

Apollo observou as portas se fecharem antes de voltar a atenção para a janela.

Sentiu seus lábios se curvarem quando viu Élan se apoiar pesadamente na Maddie, a cabeça inclinada para trás, o rosto em chamas. Maddie tinha a mão apoiada sobre o gorro rosa na cabeça da sua filha, algo que insistiu que Élan usasse (também

insistiu que Christophe usasse um chapéu, mas ele recusou quando Apollo se aproximou dele e Maddie não insistiu).

Estava olhando para Élan e sua expressão também era radiante.

Seus olhos foram até o Chris, viu que ele estava caminhando em direção à porta da pousada e, enquanto fazia isso, nem sequer olhou na direção da Maddie e da sua irmã.

Muito estranho.

Apollo decidiu ter uma conversa com ele.

Mas não agora.

Agora precisavam se colocar a caminho de Karsvall, para deixar sua família segura.

* * * * *

Essa noite, Apollo girou a maçaneta da porta do quarto da Maddie, entrou, a viu sentada na cama, um xale leve jogado em torno dos seus ombros para manter o frio afastado, a lareira ardendo e todas as lamparinas do quarto acesas. Ela tinha um livro nas mãos, mas seus olhos estavam sobre ele.

— Como foi a conversa? — Ela perguntou, antes mesmo dele ter fechado a porta.

Sentiu seus lábios se curvarem enquanto fechava e trancava a porta.

Ela também tinha notado que havia algo errado com Christophe. Ela compartilhou isso quando ele contou que pretendia ter uma conversa com Christophe.

No entanto, Christophe não se abriu com o pai durante a conversa.

Apollo estava preocupado, mas não excessivamente. Conhecia seu filho e se pedisse, e fosse o momento para compartilhar, Chris iria explicar. Se não fosse o momento, Christophe explicaria quando fosse.

Maddie não conhecia Christophe tão bem. Ela, no entanto, se preocupava.

Bastante.

Portanto, estava ansiosa.

Não gostava quando ela se sentia ansiosa, mas gostava do porquê ela se sentir assim.

Não respondeu até que chegou perto dela e se sentou na cama, ao lado do seu quadril. Então cuidou para deixar sua mente sem preocupações.

Se inclinou em direção a ela e descansou o peso no punho apoiado na cama. — Ele disse que está tudo bem.

Ela apertou os lábios, indicando não acreditar nisso e os cantos da sua boca, mais uma vez, se ergueram.

— Nós dois sabemos que nem tudo está bem, minha pomba — disse a ela, e isso tinha permanecido verdadeiro durante a viagem, já que Chris não ficou perto do trenó da Maddie, como de costume. Em vez disso, tinha cavalgado com Remi e Gaston. — No entanto, confio que o que está na mente do meu filho, vai ser compartilhado comigo quando ele estiver pronto. Agora, está lidando com isso e preciso lhe dar tempo para fazer isso.

— Tudo começou na noite de ontem, quando me viu antes do baile — disse a ele e Apollo inclinou a cabeça para o lado.

— Você percebeu isso, então? — Perguntou.

— Sim — ela respondeu. — Durante todo o dia de ontem ele foi o Chris de sempre. Quando entrou no meu quarto com você e Élan, parecia estranho. Distante. Ele não é tão amigável comigo, quanto com a Élan, mas é amigável. Nunca se comportou assim e seu comportamento não mudou durante todo o dia.

Diante das suas palavras, pensando na noite anterior, no vestido dela, as crianças indo com ele para dizer boa noite, a compreensão o atingiu e Apollo sentiu uma queimação atingir seu peito, enquanto abaixava os olhos para as cobertas ao lado dela.

— Lo? — Ela chamou e ele voltou a atenção para ela.

— Ilsa e eu éramos sociáveis — explicou baixinho quando encarou seu olhar. — Minha posição na minha Casa, bem como as minhas muitas empresas ditam que preciso ser. Ilsa gostava de socializar. Nós viajávamos muito e, depois tivemos Christophe, ele ia com a gente. Mesmo quando era bebê. Ilsa não gostava de ficar sem ele, e nem eu.

— Ok — ela disse em voz baixa quando ele parou de falar.

— Se tivéssemos um evento para ir, era habitual que eu pegasse o Chris enquanto Ilsa finalizava os preparativos para a noite e o levasse até ela, a fim de que pudesse dar boa noite ao seu filho.

Ele observou a compreensão iluminar seu olhar antes dela sussurrar: — Oh, Deus.

Mas a atenção do Apollo novamente se afastou, assim como seu olhar ficou desfocado, seus pensamentos se voltando para o filho e em como ele devia ter se sentido na noite anterior, caminhando até o quarto da Madeleine, vê-la vestida para o Gales usando as cores da casa Ulfr, ficando muito parecida com a sua mãe, prestes a fazer algo que viu sua mãe, tão frequentemente, fazer.

Teve um sobressalto quando sentiu a mão da Maddie no queixo, voltou o olhar para ela e viu que tinha levantado da cama e se aproximado.

— Posso imaginar isso, apesar de me parecer com ela, não parecia muito com ela, até ontem à noite — ela observou.

— Sim — ele concordou.

— E posso imaginar que o que eu sou para você podia parecer inofensivo para ele, até que entendeu o que estávamos fazendo na noite passada e o que sou para você se tornou mais claro.

— De fato — Apollo concordou mais uma vez, embora tivesse sentido alguma inquietação no uso das palavras “o que eu sou para você” em vez de como ela deveria ter referido a si mesma como “*quem* eu sou para você”.

— Merda — ela murmurou antes que ele pudesse fazer uma observação sobre isso, notou que o olhar dela tinha se tornado desfocado e se moveu para o ombro dele, assim como a mão dela se afastou da sua mandíbula.

Ele segurou a mão dela e deu um aperto para recuperar a sua atenção. Isto funcionou e seus olhos voltaram para os dele.

— Nós vamos dar esse tempo para ele, papoula — disse a ela. — Claramente ele deseja tentar resolver essas emoções por si

mesmo. Devemos permitir que faça isso. Vamos, no entanto, manter um olho sobre ele e, se esse tempo for muito longo, vou ter outra conversa com ele. Sim?

Seu cenho se franziu e ela perguntou: — Você está me pedindo ou me dizendo?

Ele se afastou um pouco dela, confuso com sua pergunta, mas respondendo: — Estou pedindo.

Algo mudou no seu rosto, mas ela simplesmente murmurou: — Tudo bem.

— Maddie — começou. — Por que você fez essa pergunta?

— Hein? — Ela perguntou em resposta, fugindo claramente da sua pergunta, com uma própria, vaga.

— É “hein” a resposta para minha pergunta, pomba?

— Bem... — ela disse, mas parou e não falou mais nada.

— Madeleine — disse o nome dela com um tom de aviso e a viu respirar fundo pelo nariz antes de endireitar os ombros e olhar nos seus olhos.

— Não sou a mãe dele — afirmou, com uma voz estranha, calma, e outra coisa que nunca tinha sentido na sua voz.

Algo que parecia dor.

— Não, minha papoula, você não é — ele respondeu baixinho. — Mas, mesmo assim, não entendo por que você mencionou isso.

— Bem, você perguntou o que devemos fazer com Chris, que tem um problema que precisa resolver. E isso é, bem... não é realmente da minha conta como você lida com o Chris. Você é o pai dele. Eu não sou nada para ele.

Diante disso, Apollo piscou e novamente sentiu a queimação no seu peito. Desta vez, não foi a ardência de sentir a lembrança do luto que sentiu não muito tempo atrás, mas a mágoa que seu filho reexperimentou bem na noite anterior.

Desta vez, foi uma ardência de raiva. Raiva que controlou devido ao assunto e a sensibilidade da Maddie em relação a ele, mas sentiu muita raiva, no entanto.

— Você não é nada para ele? — Perguntou, seu tom suave e com descrença, mas tenso com a ira.

— Quero dizer, não tipo *nada* — disse rapidamente, entendendo o tom da sua voz e, sem dúvida, o olhar nos seus olhos. — Mas não tenho nenhuma palavra a dizer em como—

— Pare de falar — Apollo ordenou e ela fechou a boca. — É do meu entendimento que estamos construindo uma vida juntos — observou. — Estou enganado?

— Não — ela sussurrou.

Ele ficou satisfeito com a resposta.

Dito isto, ainda não estava satisfeito.

— E, como você está na minha vida, os meus filhos estão na minha vida, você é uma adulta que é próxima a eles e vai ficar cada vez mais próxima, não acha que deve conferir a forma como lidamos com os assuntos variados que irão surgir, enquanto eles amadurecem?

— Não acho que eu—

— Pense nisso — ele a interrompeu. — É um absurdo considerar que você vai estar na minha vida, vai ser *minha esposa*, vamos passar nossos dias juntos, dias que vamos compartilhar com meus filhos nos próximos anos, e não vai me ajudar a criá-los.

Ela sustentou seu olhar, algo trabalhando nos dela. Mais uma vez, não tinha visto isso antes, mas desta vez não era dor.

Longe disso.

Sentiu a queimação sumir do seu peito quando viu que, desta vez, era esperança.

Viu seus olhos ficarem brilhantes antes dela engolir em seco e, em seguida, sussurrar: — Ok, então acho que é uma boa ideia

dar ao Chris algum tempo e, em seguida, se aproximar dele se parecer que não está lidando bem com isso por conta própria.

Sua voz se tornou suave novamente, quando disse: —
Então estamos de acordo.

Ela assentiu.

Apollo levou a mão dela até a boca e roçou os lábios contra os nós dos seus dedos. Ela o observou fazer isso e ele viu seus olhos enternecerem quando o fez.

Ela ergueu o olhar novamente para o dele e comentou: —
Você continua me dando coisas.

Gostaria muito mais que ela pensasse que ele desejava que ela fizesse parte da vida dos seus filhos, em vez de pensar que estava “dando coisas para ela”.

Era discutível, mas poderia ter gostado mais do olhar de contentamento e gratidão em seus olhos ao receber isso.

— Irei me esforçar para você se acostumar, Madeleine, pois pretendo continuar a fazer isso.

Com o olhar ainda terno, a pele ao redor da sua boca suavizou e ela se moveu. Inclinando-se, encostou os lábios nos dele e perguntou: — E o que eu posso lhe dar, com o que você gostaria de se acostumar?

Sabia que tinha tudo dela que podia ter. O que ele não tinha, noite após noite, dia após dia, ela estava dando a ele. Ele fez perguntas, ela respondeu, contando sobre sua vida, as pessoas vis e o conhecimento das fraturas que tinham causado à sua alma. E esperava que esse conhecimento ia fornecer a ele as informações que precisava para curar o que foi quebrado dentro dela.

Mas o que ele mais queria era seu coração.

Sabia que ela sentia muito “carinho” por ele.

Mas queria mais.

Com Maddie, sempre queria mais.

Mas tinha que conquistar isso antes que ela o oferecesse a ele.

E conquistaria.

Soltou a mão dela, moveu a dele até o seu pescoço e deslizou os dedos para cima e para baixo pelo cabelo dela, antes de abrir a boca e morder o seu lábio inferior.

Sentiu sua respiração acelerar contra a boca e o suspiro excitado, antes de murmurar: — Com o que eu gostaria de me acostumar, é você me dando o que quiser... contanto que continue encontrando coisas para me dar, pois nunca vou perder o interesse no que você tem a oferecer.

Observou os olhos dela se tornarem ainda mais calorosos quando ela apoiou levemente as mãos sobre o seu peito, antes de as deslizar para baixo, a fim de segurar a barra do seu suéter.

— Isso significa que vou ter que ser criativa, assim não ficarei sem coisas para dar — respondeu.

— Você é capaz disso? — Ele brincou.

Ela encarou seus olhos enquanto deslizava o nariz ao longo do dele e respondeu: — Veremos.

Depois que disse essas palavras, puxou o suéter para cima.

Ele levantou os braços para que ela pudesse tirá-lo.

Ela o fez, o jogando de lado e levando as mãos até o seu peito para empurrá-lo sobre a cama.

Ele permitiu.

Em seguida, permitiu que ela fizesse outras coisas.

E muito mais tarde, teve provas de que ela era muito capaz.

Ou provas adicionais, já que ela já tinha provado isso antes.

Repetidamente.

* * * * *

— Gosto da Finnie — ela sussurrou contra o pescoço dele muito mais tarde, depois que se limpou, vestiu a camisola e deslizou novamente para a cama, para se aninhar ao lado dele.

— Fico feliz.

— É bom ter alguém de casa, aqui.

Ele a apertou com o braço que tinha ao seu redor. — Você está em casa, papoula.

— Você sabe o que eu quero dizer — ela disse, sonolenta, chegando mais perto.

Ele sabia.

Mas ainda não gostava dela se referir ao outro mundo como casa.

Casa era um lugar quente, seguro, onde você era sempre bem-vindo. Onde havia amor, lembranças de risos e momentos felizes.

Casa nunca tinha sido isso para ela.

E as palavras seguintes fortaleceram esta conclusão.

— Eu não tinha amigos em casa — ela disse, ainda sonolenta, seu corpo ficando mais pesado contra o seu lado. — É uma sensação boa, finalmente, ter amigos.

Apollo fechou os olhos.

Por mais que ele desejasse seus segredos, tão determinado quanto estava a eliminar o abismo nos seus olhos, para iluminar

as trevas que ela mantinha lá, os anos de maus-tratos nas mãos de todos que eram próximos a ela, estraçalharam seu coração.

— Ela é um pouco louca, entretanto — murmurou, agora parecendo meio adormecida.

Isso fez Apollo abrir os olhos e sorrir para o escuro.

— Isso ela é.

— Louca de um jeito bom — ela explicou, mas ele mal conseguiu ouvi-la, já que sua voz estava muito sonolenta.

Isso rendeu a ela outro aperto. — Vá dormir, minha pomba.

— Ok — ela murmurou e, segundos depois, recebeu todo o seu peso no lado do corpo.

Ele aumentou o aperto, trazendo-a ainda mais para perto enquanto puxava as cobertas para cima.

Apollo olhou para o teto não pensando em dragões e conspiradores, bruxas e prisioneiros, Derrik e o que ele podia estar fazendo, ou o que podia estar assaltando os pensamentos do seu filho.

Não, não pensou em nada além do fato da Maddie, agora, ter amigos. Agora entendendo que ela podia opinar na forma como ele criava seus filhos e quão claramente ela valorizou isso. Agora, tendo proteção, carinho e cuidado.

Agora, tendo uma casa.

E Apollo dando tudo isso para ela.

Assim, não demorou muito para que Apollo a seguisse em um profundo sono repousante, sem sonhos, como se tudo estivesse certo com o mundo.

Mesmo quando não estava.

* * * * *

Maddie

Três dias mais tarde, estava sentada na sala de jantar quentinha, na pousada onde havíamos parado para passar a noite. Tinha Viktor nos meus braços. Suas pálpebras estavam fechadas, um longo dia na neve cobrando seu pedágio.

Meus pensamentos estavam na criança preciosa nos meus braços, mas meus olhos estavam sobre o Chris, do outro lado da sala.

Estava voltando meus pensamentos para Viktor em um esforço para não pensar em Chris.

Já fazia vários dias e ele continuava me evitando.

E ao fazer isso, estava evitando sua irmã, o que ela não entendia. Isto provou ser verdadeiro o que eu tinha imaginado, que não eram apenas irmãos, eram companheiros. Apollo tinha

um jovem servo na sua casa, já o tinha visto. Mas Chris e Élan passavam um bom tempo juntos em caso de necessidade, necessidade que era familiar, calorosa, e se não abertamente amorosa, o amor estava lá da mesma forma.

Assim, independentemente da diferença de idades e sexos, eram próximos.

Élan, ao desejar ficar perto de mim, significava que seu irmão não ia ficar perto dela.

Isso, é claro, deixou a pequena menina confusa porque a todo momento que tentou chamar sua atenção, ele continuou a fugir dela. Ela não entendia o porquê e também não sabia como comunicar isso.

Reparei que Apolo estava dando a esta situação um amplo espaço. Podia ver que ele estava atento, mas não estava intervindo.

Tinha concordado com ele naquela noite, dias atrás, que devíamos dar algum tempo ao Christophe. Era apenas um menino, mas estava ansioso para aprender a ser um bom homem, e percebi que esta era uma das formas do Apolo ensiná-lo a ser isto.

Mas quatro dias pareciam tempo suficiente para mim.

Apollo disse que eu podia opinar na criação dos seus filhos e esse foi, talvez, o mais belo presente que alguém já tinha me dado. E, considerando que Apollo tinha me dado uma grande quantidade de coisas belas, isso significava alguma coisa.

Mas sua permissão quando eu concordava com seu curso de ação e eu opinar quando já não concordasse com seu curso de ação, eram duas coisas diferentes.

— Ele lembra da mãe.

Isto veio da Finnie, que estava sentada ao meu lado.

Olhei na sua direção.

Ela realmente era muito bonita, todo aquele cabelo loiro-platinado, aqueles olhos azul-gelo fascinantes.

Embora não parecesse muito com uma princesa e isso, principalmente, tinha a ver com o fato de se vestir como os homens deste mundo, com calças, botas, blusas e casacos.

Também tinha a ver com o fato de que, se não estava no trenó comigo, ou com o marido e/ou o filho, estava treinando com uma faca, lutando com um dos homens do Frey, ou treinando com arcos e flechas com o Chris (e o Frey e os homens do Apollo).

Frey tinha se juntado ao nosso grupo alguns dias antes, e gostava de observá-los juntos, mesmo que isso meio que partia o

meu coração (não pensava muito nisso, se eu fizesse, a parte do “meio que” já teria sumido).

Amei o modo como ele a chamava, “minha pequenina Finnie”. Amei o modo como ela se dirigia a ele, como “marido” e ele respondia a chamando de “esposa”. Amei o modo como brincavam e se provocavam. Amei o modo como os seus homens agiam com ela. Amei como eles se entreolhavam. Como ambos adoravam claramente o seu filho e igualmente adoravam claramente que o outro adorava seu filho.

Era tão legal observar um homem como Frey, em outras palavras, um homem como Apollo, no departamento macho, que estava completamente despreocupado em demonstrar a qualquer pessoa que prestasse atenção, que o seu coração estava nas mãos da sua esposa e da criança que ela lhe deu.

Não, não era legal.

Era lindo.

Finnie não fazia segredo sobre amar seu marido e seu filho também. E eu sabia que não era difícil fazer isso, Frey sendo como ele era e Viktor sendo uma criança extremamente ativa (em outras palavras, o passeio de trenó era semelhante à tortura para a criança), mas um doce.

De uma outra maneira, Frey era parecido com o Apollo e Viktor não era parecido com a Finnie. Tinha herdado o cabelo escuro do pai e os olhos verde acastanhados (também podiam ser castanho esverdeados, ainda não tinha decidido).

Me perguntava se, dada outra chance e tivessem uma menina, ela herdaria o cabelo e os olhos da Finnie.

E me perguntava, se me fosse dada uma chance com o Apollo, se teríamos uma menina (ou menino), que herdaria o meu cabelo vermelho e as minhas sardas.

— Maddie? — Finnie chamou.

Pisquei e virei para ela.

— Desculpe, estava em outro planeta.

Ela sorriu. — Isso acontece.

Diante da sua resposta ao meu trocadilho não intencional, retribuí seu sorriso.

Seu sorriso desapareceu e seus olhos me avaliaram. — Você gostaria de conversar?

Eu gostaria.

Na verdade, precisava conversar.

Isso, eu acho, acontecia quando você realmente tinha alguém em quem podia confiar para se abrir. Mas, por outro

lado, também acontecia quando você não tinha ninguém. Era uma boa que, hoje em dia, eu tivesse pessoas com as quais podia conversar.

Mais uma coisa que Apollo tinha me dado.

E já que eu precisava me abrir, fiz isso.

— Sim, ele lembra da mãe — respondi ao comentário anterior. — Nós estávamos indo bem. Estou neste mundo há alguns meses já, mas só conheci as crianças há algumas semanas. Ele estava bem até recentemente, quando Apollo e eu fomos para o Gales, algo que ele viu os pais fazerem muitas vezes. Não acho que antes disso, ele pensou que as duas “eu” fossem tão parecidas. Naquela noite, ao me ver com o pai dele, do jeito que eu estava, juntou tudo.

— Posso apostar — ela respondeu.

— Ele tem estado distante, desde então — compartilhei. — Ele disse ao pai que está bem. E apesar do Apollo saber que não está, ele o está deixando lidar com isso por conta própria.

— É uma coisa muito grande com a qual lidar — ela observou.

Ela estava totalmente certa sobre isso.

Mas eu não disse nada.

— Você já tentou se aproximar? — Perguntou Finnie.

— Acho que eu devo seguir o exemplo do pai dele — respondi. — E vendo como eu sou, com quem ele tem um problema, não estou certa de que é o caminho a percorrer.

Ela apertou os lábios enquanto seu olhar deslizava para Chris e murmurou: — Suponho que você esteja certa.

Eu achava que estava certa, também.

Mas só achava.

— Estou feliz por ele — ela disse, com os olhos ainda voltados na direção do Christophe, então fiquei confusa.

— Chris? — Perguntei.

Ela se virou e minha respiração ficou presa diante do olhar em seus olhos.

— Apollo — ela sussurrou.

— Oh — sussurrei em resposta.

— Eu... ele é... — Ela balançou a cabeça. — Ele passou por um momento sombrio comigo. Ao seu modo, me ajudou a atravessá-lo, na verdade. — Cautelosamente, me olhando de perto, ela concluiu. — Ele entendeu.

Balancei a cabeça.

— Você sabe? — Ela perguntou.

— Que você pensou que tinha perdido o Frey e que ele perdeu a Ilsa?

Dessa vez, ela balançou a cabeça.

— Sim. Eu sei sobre Ilsa e Apollo me contou as histórias de todas as outras mulheres do nosso mundo e os seus homens. Ou, o que ele sabia para contar.

— Então você deve entender porque o Apollo tem um grande significado para mim.

— Eu entendo — falei baixinho.

— Por isso estou feliz. Observando você dois. Vendo a forma como ele olha para você. Observá-lo sorrir e dar risadas. Honestamente, Maddie, eu o conheço há mais de dois anos e, embora já o tenha visto sorrir, não sei se já o ouvi dar risada. Fico feliz que ele tenha isso. Me faz feliz ver que ele está feliz, e que você proporciona isso a ele.

Eu amei isso.

Eu amei, absolutamente.

Apenas desejava poder lhe dar mais.

Não apenas sorrisos e risadas.

Coisas como as que ele me deu. Grandes coisas. Coisas importantes. Coisas preciosas.

Tudo.

— Não sou eu que tenho que agradecer. — Ela sorriu. — Mas vou fazer isso de qualquer maneira.

Retribuí o sorriso, foi um pouco forçado, mas na maior parte foi genuíno. — É um prazer prestar este serviço, especialmente desse tipo.

— Agradeço por ter dado à minha pequena esposa um descanso, Maddie, mas vou levá-lo agora.

Pulei levemente quando a profunda e rica voz do Frey soou do meu outro lado. Tive apenas o tempo suficiente para virar a cabeça, olhar para cima e ver ele já se inclinando para mim. Sem demora, pegou seu filho dos meus braços.

Ele aninhou o corpinho no peito largo, as pernas do Viktor balançando sob o antebraço do pai, a cabeça apoiada no seu ombro, dando vida à visão de uma daquelas fotos com um cara sexy e um bebê, que eu costumava ver em calendários e tal. Observando-o, imaginei se seria mais sexy se Frey estivesse com um gatinho, em vez de uma criança.

Provavelmente não.

Embora, ao vê-lo embalar seu filho, também gostaria de vê-lo afagar um gatinho.

Os olhos do Frey foram até sua esposa.

— Vou colocá-lo na cama, meu amor.

— Tudo bem, querido — respondeu Finnie.

Senti algo escavar as minhas entranhas enquanto observava essa troca de palavras, mas mantive os lábios sorridentes quando o olhar do Frey veio até o meu rosto, antes de abaixar o queixo e partir com Viktor.

Eu o observei sair e, quando me virei novamente para Finnie, vi que ela também estava observando o marido, com um olhar no rosto que eu entendia.

Eu conhecia aquele olhar. Já tinha olhado assim para o Apollo. Talvez não com tanta intensidade. Talvez, depois de alguns anos, algumas aventuras e um bebê, o tornassem mais forte.

Mas eu conhecia.

Finnie dava ao seu marido sorrisos e gargalhadas. Ela também falou sobre suas aventuras, desde que ambos haviam se conhecido. Aventureiros. Ela desafiava a mente dele com sua sagacidade. Tinha feito coisas corajosas por um país que não era nem mesmo dela (embora, agora fosse), indo tão longe quanto matar um homem.

Ela tinha muito a dar.

Aquela sensação de vazio dentro de mim cresceu.

Quando Finnie finalmente encarou meus olhos, ela piscou e, soube pela sua expressão, que leu os meus pensamentos no meu rosto.

Rapidamente, para que ela não perguntasse sobre isso, declarei: — Frey e Apollo são muito parecidos.

— São primos — Finnie disse.

— São? — Perguntei e ela balançou a cabeça.

— Sim. A avó do Frey, Eugenie, era uma Ulfr. — Seus lábios estavam se curvando quando comentou: — Você conheceu os Drakkars.

Lutei contra o estremecimento antes de confirmar. — Sim.

— Bem, então você deve saber que tinha que haver sangue de uma boa linhagem para fazer Frey e os seus irmãos. — Ela se inclinou para mim e seus lábios não estavam mais arqueados. Me viu lutando contra o tremor, de modo que ela agora estava sorrindo. — E foi da Eugenie.

Bem, isso explicava tudo.

— Ah — murmurei.

— U-hum — ela murmurou em resposta e depois que ela o fez, deu uma risadinha.

E, já que ela riu, eu ri também.

Nós, então, rimos mais ainda.

Só paramos de rir quando outra voz profunda e rica soou ao meu lado.

Dessa eu gostava muito mais.

Era do Apollo, enquanto dizia: — Detesto perturbar a sua alegria, mas já, já, as crianças vão tomar seus banhos.

Olhei para Apollo, sabendo o que isso significava.

Tínhamos cavalgado por muito mais tempo quando viajamos para Brunskar. Só fizemos pequenas paradas para esticar as pernas, almoçar, dar comida e água aos cavalos e, em seguida, continuar em frente.

Mas, devido à Loretta ter uma lesão e Finnie ter uma criança, nossa viagem se encerrava com antecedência suficiente para nos acomodarmos em nossos quartos e ter uma bela refeição quente.

Portanto, nos últimos dias, Apollo tinha criado o hábito de passarmos algum tempo sozinhos com Chris e Élan, antes de tomarem seus banhos e irem para a cama.

Esta era, eu sabia, sua maneira de lidar com a situação do Chris, bem como simplesmente oferecer as crianças mais oportunidades para “nos” conhecer como um “nós”, e isso

significava mais do que apenas Apollo e eu, mas a família como “nós”.

Normalmente, eu adoraria isso.

A forma como Chris se mantinha afastado nesses últimos dias, fez com que Apollo mantivesse breves esses encontros, provavelmente em deferência aos sentimentos do seu filho, então não gostava tanto assim.

No entanto, coloquei um sorriso brilhante no rosto e disse:
— Ok.

No instante em que me ouviu dizer essa palavra, Apollo exibiu um sorriso caloroso e íntimo, que devia ter me aquecido completamente.

Mas não aqueceu.

Simplesmente me fez sentir mais vazia.

Não o deixei ver isso.

Dei boa noite para Finnie e peguei a mão do Apollo.

Ele me puxou para fora do meu assento e nos guiou até seus filhos.

* * * * *

Naquela noite, depois do Apollo fazer amor comigo, estávamos deitados de lado, nos braços um do outro.

Estava pensando em como o Apollo pareceria segurando um gatinho. Prevendo isso na minha cabeça, senti tudo quente e mole no meu interior (ou mais quente e mole, sempre me senti muito quente e mole depois do Apollo fazer amor comigo).

Não sabia o que o Apollo estava pensando.

Até que ele me disse.

— Você é muito natural com o Viktor — murmurou, a voz sexy e sonolenta.

Tinha que admitir, apreciava a voz sexy e sonolenta e desejei poder me concentrar nela.

Mas, em vez disso, fechei os olhos com força e me aninhei ainda mais no seu calor, as visões do Apollo afagando um gatinho se desintegrando e visões do Apollo embalando nossa filha ruiva (ou filho), invadindo a minha mente.

Eram bonitas.

E machucavam.

Abri os olhos e falei: — É fácil ser natural com ele quando está dormindo. Perdi a conta de quantas vezes ele tentou pular em direção à frente do trenó, para poder se jogar nas costas de Anguish.

— Filho do seu pai — Apollo murmurou.

Isso era verdade.

Ele me puxou ainda mais para perto e sua voz ainda estava sonolenta (e sexy) quando disse: — Vendo você com o Viktor, agora entendo porque você me acha bonito quando me vê com os meus filhos.

Oh, Deus.

Ele estava acabando comigo.

Desde que ele e eu estávamos lutando contra esse sentimento (e esse sentimento demandava muita luta), não disse nada.

Apollo, da maneira como era, percebeu que eu precisava que ele parasse por ali. Soube disso quando ele mudou de assunto e falou: — Tenho que pedir um favor.

— Qualquer coisa — sussurrei, não escondendo meus sentimentos com essa declaração porque tinha falado sério.

Muito.

Eu queria dar a ele qualquer coisa. Qualquer coisa que eu tinha para dar.

Só não tinha muito para dar.

Mas o que eu tinha era dele.

— Fique de olho na Loretta e no Hans. Algo está surgindo.

Isso também era verdadeiro.

Parecia que uma reviravolta tinha acontecido.

Compreensivelmente, Loretta estava um pouco assustada por travar uma batalha contra criaturas mágicas e sofrer um ferimento de guerra. O ferimento não era terrível, tampouco era grande. Havia alguns remédios à base de plantas que Draven estava dando a ela, que tirava a dor durante o dia, diferente daqueles que a ajudavam a dormir à noite.

No entanto, alguma coisa tinha despertado no Hans, descobrindo a profundidade da lealdade que Loretta dedicava a mim.

Ao mesmo tempo, alguma havia sumido na Loretta, sabendo que ele não a queria antes, a implicação de que talvez ele pensasse que era frívola e não valesse o seu tempo, agora algo que ele sabia não ser verdade (quando, é claro, isso não era verdade antes, de qualquer forma).

O problema era que, quando uma dama de companhia de senhora se apaixonava por um belo soldado com sangue aristocrático, e ele não retribuía seus sentimentos, ela estava fodida, e não da forma como gostaria de estar.

Mas quando um belo soldado, com sangue aristocrático, colocava os olhos em uma dama de companhia bonita, animada, leal, e ela lhe dava um gelo, merdas podiam acontecer.

Hans estava ficando impaciente.

Visivelmente.

Finnie, Meeta, Bella e eu estávamos observando o desenrolar desta situação e eu tinha pensado sobre isso repetidamente ao longo dos últimos dias.

Nós achávamos que isso era *impressionante*.

— Eu já estou de olho nele — disse para Apollo.

— Bom — ele murmurou, a voz mais baixa, mais tranquila, ainda mais sonolenta e, portanto, muito doce.

Portanto, sussurrei: — Boa noite, baby.

Ele me deu um leve aperto e sussurrou em resposta: — Boa noite, minha pomba.

Senti seu grande corpo relaxar, se deslocando ligeiramente para a frente, um pouco do seu peso se apoiando no meu corpo.

E quando o fez, inclinei a cabeça para trás.

Apollo tinha apagado as lamparinas, mas o fogo na lareira ainda estava alto. Ainda assim, a fraca luz das chamas mal iluminava as sombras que dançavam através das suas feições.

Ele era bonito dormindo.

Ele era bonito o tempo todo.

Sua beleza brilhava para fora e alcançava profundamente a sua alma.

Ele tinha tudo para dar e queria que eu tivesse isso.

E eu estava aceitando.

Deitei na cama segura e quente dos braços do Apollo, tendo tudo.

No entanto, ainda me sentia vazia.

* * * * *

Duas noites depois, as lamparinas já apagadas, a luz do fogo dançando, Apollo decidiu que queria sentir a seda da minha camisola contra ele enquanto dormia, então me vestiu novamente depois de fazer amor comigo, e eu estava em cima do seu corpo, deslizando os lábios ao longo da sua clavícula.

— Posso perguntar uma coisa? — Sussurrei contra a sua pele.

Com as mãos apoiadas nos meus quadris, deu um aperto enquanto respondia: — Pode perguntar qualquer coisa, papoula.

Levantei a cabeça, deslizei para cima e levantei a mão. Observei meus dedos deslizarem através do cabelo escuro que

estava caído na testa, os afastei do seu rosto e os deixei lá enquanto desviava os olhos até os dele.

— Qual é a parada com os lobos? — Perguntei.

Seu cenho se franziu enquanto as mãos deslizavam em volta dos meus quadris, para poder me segurar. — Qual é a parada?

Era bonito, e muito doce, como ele reagia à maneira como eu dizia coisas com palavras do meu mundo.

Não disse isso para ele.

Expliquei. — Naquela noite, depois que aquelas coisas nos atacaram e você apareceu, você falou com um lobo e, quero dizer, sei que os homens podem falar com os lobos e tal, mas parecia ser algo mais.

— Ah — ele murmurou, mas não disse mais nada.

— Ah? — Insisti.

— Você não sabe.

— Não, eu não sei — confirmei o óbvio, uma vez que estava perguntando.

— Eu sou um Ulfr — afirmou, e o encarei.

Quando ele não disse mais nada, informei a ele: — Humm, eu sei disso, querido.

— O Chefe da minha Casa — ele continuou.

— Eu sei disso também.

— Os Chefes da Casa Ulfr comandam os lobos.

Diante disso, pisquei.

Apollo continuou falando.

— A Casa Ulfr sempre comandou os lobos. É mais do que apenas falar com eles. Eles fazem o que pedimos, especificamente se for necessário, durante uma guerra.

Uau.

O livro sobre as Casas que li em Fleuridia não tinha mencionado isso!

E isso era maneiro!

— Sério? — Perguntei.

Ele sorriu e apertou os braços à minha volta. — Sério, minha pomba.

— Então, você pediu a eles para me ajudar quando eu estava em perigo?

— Em essência, sim. Na noite anterior ao Gales, senti que você estava protegida, mas ainda tinha algumas preocupações e queria me precaver. Então chamei os líderes da alcateia e lhes

disse para ficarem alertas, patrulharem, e irem ajudá-la, se fosse necessário.

— Foi o que você estava fazendo antes de voltar para a cama — observei.

— Foi.

Aquilo explicou tudo.

Apollo continuou o fluxo de informações. — A aliança entre o chefe da Casa Ulfr e os lobos é forte. Isso ocorre porque, durante a guerra, podem suportar muitas baixas, assim, não os chamamos muitas vezes, apenas se a situação for importante ou terrível. E se tiverem vítimas, iremos vingá-las. Portanto, se alguém envolvido nesta trama for encontrado, julgado e considerado culpado por traição e recebe uma sentença de morte, sem dúvida, será entregue aos lobos. Os lobos, em seguida, rasgam o agressor em pedaços como vingança.

Ui.

Nojento!

— Puta merda — sussurrei.

— É desagradável e não aconteceu há décadas. Mas é um direito deles.

— Eca — murmurei.

Apollo sorriu novamente, deslizando a mão pela minha espinha, para que seus dedos pudessem brincar com as pontas do meu cabelo.

— Você, obviamente, não vai testemunhar isso — declarou.

Graças a Deus.

— Estou arrasada com isso.

Seu sorriso aumentou.

— Agora que entendi a parada dos lobos, qual é a parada com os pássaros? — Perguntei.

Mais uma vez seu cenho se franziu. — Que parada sobre os pássaros?

— Já ouvi algumas pessoas falaram sobre enviar “um pássaro”, mais de uma vez. Qual é a parada?

Sua testa relaxou, seus dedos seguraram o meu cabelo com mais força, mas a expressão no seu rosto mudou de uma maneira que senti no fundo da minha barriga. De uma forma que fez o meu belo Apollo ficar ainda mais bonito.

Gostaria de saber por que, quando ele murmurou: — Esqueço que você está aqui há tão pouco tempo. Parece que a tenho em meus braços há décadas. Estranhamente, ao mesmo tempo parece que são momentos fugazes. Daqueles tipos de

momentos que são preciosos. Esqueci que você ainda tem muito a aprender do meu mundo. Mas quando me lembro, também me recordo de como desfrutei as oportunidades ao compartilhar com você coisas sobre o seu novo mundo.

Pressionei ainda mais o corpo contra o dele e sussurrei: — Aprecio quando você faz isso, também.

Ele me deu um apertão, abaixou o rosto, quase tocando a ponta do nariz no meu, antes de se afastar e deixar de ser incrivelmente maravilhoso e voltar a ser apenas normalmente maravilhoso.

— A comunicação neste mundo, como você sabe, é lenta. Você já falou sobre o seu mundo, com seus telefones e computadores. Como você também sabe, não temos nada disso. Mensageiros em cavalos rápidos são utilizados. Mas se a mensagem for urgente, nós a enviamos com um pássaro. Um pássaro consegue viajar mais rápido e mais direto do que qualquer cavalo.

— Pombos-correios — disse e as sobrancelhas dele se juntaram.

— Existe isso no outro mundo? — Perguntou.

— Sim, embora não sejam mais usados. Não como costumavam usar — respondi.

— Interessante — ele murmurou.

— Então, você usa bastante esses pássaros? — Perguntei.

Apollo assentiu. — Sim, muitas vezes. Mas não sempre. Existem alguns problemas, pois como a mensagem é amarrada na perna da ave, não pode ser muito longa, pois ficaria pesada. Assim, tem que ser concisa e inteligentemente escrita. Muitas vezes uma mensagem foi mal interpretada quando as poucas palavras que podiam ser escritas não foram adequadamente compreendidas. E, embora as aves sejam treinadas, se a distância for longa, elas podem vir a se machucar, ou se extraviar e jamais entregar a mensagem. Ainda assim, elas são utilizadas regularmente e, se uma mensagem é importante, duas, três ou, até mesmo, mais aves, são enviadas com a mesma mensagem esperando que uma delas chegue ao destino.

Estudei seu rosto bonito quando pensamentos vazaram em meu cérebro, pensamentos que, em seguida, vazaram para fora da minha boca.

— Há outras pessoas com poderes como o seu, que comanda os lobos? — Perguntei.

— Fora o Frey e alguns homens que praticam bruxaria, portanto são treinados para exercer um poder, não.

Isso disse muito. Pelo menos para mim.

— Então, já lhe ocorreu — comecei baixinho — que parece que todos os homens neste cenário, os maridos das mulheres do meu mundo, têm coisas especiais sobre eles? Frey com seus dragões e elfos. Lahn com a sua força. Tor, escolhido por alguma razão para ter sua alma ligada à da Cora. Você e os seus lobos?

Ele encarou meus olhos e os dedos pararam de se mover e acariciar o meu cabelo.

— Sim — respondeu.

— Lo—

— Todos nós somos especiais, Maddie.

Ele estava certo sobre isso.

Exceto.

Eu.

Diante desse pensamento, abaixei a minha cabeça para poder pressionar o rosto no seu pescoço, e os braços à minha volta me apertaram.

— Você está segura — declarou com firmeza.

Eu estava.

Porque me fez ficar com ele, com seus homens, seus *Lobos*.

— Você está segura, minha pomba — ele repetiu com o tom de voz mais baixo, mas com a mesma firmeza.

— Eu sei, baby — sussurrei e me calei.

Depois de algum tempo, ele virou de lado e me puxou para perto.

— Chega de conversa. Temos outra longa viagem amanhã. Agora você deve dormir, papoula.

— Ok, Lo.

Ele me deu um aperto.

Me aninhei e fechei os olhos.

Apollo adormeceu antes de mim.

E quando dormi, sonhei com lobos, névoa negra e bicos desencarnados me bicando.

Assim, acordei cansada e inquieta. E mesmo acordando com o Apollo movendo as mãos sobre mim, sabendo que todos à minha volta eram especiais, aventureiros e cavaleiros, guerreiros e rainhas guerreiras, amantes com almas interligadas, soldados que comandavam lobos... e depois havia eu, ainda assim acordei sentindo um vazio.

* * * * *

Cinco noites depois, estava com uma mão na cabeceira da cama, a outra mão entre as minhas pernas e as mãos do Apolo nos meus seios, acariciando e apertando meus mamilos.

Apollo estava fodendo a minha bunda.

E, acredite ou não, eu estava amando.

Cada *maldita* estocada.

— Baby — sussurrei.

Ele continuou golpeando. — Não goze, Madeleine.

— Querido, estou quase...

Ele me penetrou mais profundamente, me preenchendo, uma sensação estranha e brilhante, principalmente porque aconteceu depois que ele me fez ficar deitada enquanto me tocava, então me deu alguns tapas enquanto me fodia normalmente, então me lubrificou e, finalmente, quando eu estava preparada, me tomou lentamente.

Puxou meus mamilos. — Você vai gozar ao meu comando.

Oh, Deus. Aquilo foi *sexy*.

— Vou tentar — balbuciei.

Ele começou a golpear novamente. — Isso é tudo que eu peço, papoula.

Continuou se movendo e eu continuei a gemer, me tocando, lutando para conter o meu orgasmo. A luta estava fazendo meus músculos tremerem e os dedos que seguravam a cabeceira, a apertavam com tanta força que achei que iria quebrá-la.

— Tão linda — ele grunhiu, mergulhando para dentro.

Deus.

— Tão linda, Maddie — retumbou. — Deuses, gostaria que você pudesse me ver te fodendo.

Deus!

Recuou e me penetrou novamente, declarando com voz rouca: — Vamos providenciar um espelho.

— *Baby* — choraminguei, suas palavras me deixando no limite e não estava mais conseguindo me segurar.

Ele percebeu e ordenou bruscamente: — Me faça gozar, papoula, depois você mesma pode gozar.

Deslizou o membro para fora. Só deixou a cabeça, assim empurrei para trás, tomando-o, ao mesmo tempo desmoronando enquanto o orgasmo me atravessava.

Quando isso aconteceu, Apollo nos empurrou sobre a cama, então eu estava de bruços, tudo isso enquanto ele ainda estava dentro de mim. Enquanto o orgasmo continuava a me sacudir, ele continuou golpeando até retirar o pênis, então ouvi seus gemidos profundos. Eu sabia que ele tinha retirado a bainha que tinha colocado quando o senti gozar na minha bunda.

Muito.

Totalmente.

Sexy.

— Levante a bunda para mim, pomba — murmurou, depois que aliviou o peso de cima de mim, e estremeci enquanto deslizava os joelhos para baixo de mim.

Ele esfregou sua “semente” na minha bunda deliciosamente dolorida e fechei os olhos, minhas coxas tremendo diante dessa intimidade, a sensualidade derramada sobre mim me aquecendo e fazendo ficar excitada de novo, tudo de uma só vez.

O polegar deslizou entre as minhas nádegas, alcançando e tocando levemente o meu ânus, e ele sussurrou: — Tudo bem?

— Totalmente — sussurrei em resposta.

Senti suas mãos envolverem o meu quadril, os dedos me apertando afetuosamente, enquanto os polegares faziam círculos, acalmando minha pele. Então suas mãos se afastaram, apenas para retornarem com um pano. Limpou todo o esperma de mim, o pano sumiu e suas mãos estavam de volta, me movendo delicadamente, então eu estava de costas, e ele aninhado entre as minhas pernas.

Então me surpreendeu ao se curvar, beijar a minha barriga e, enquanto estava deslizando para baixo, seus olhos vieram até

os meus e ele murmurou: — Descanse, minha pomba. Você acabou de me dar tudo isso e merece uma recompensa.

No minuto em que terminou de dizer isso, apoiou minhas pernas nos ombros dele, abaixou a cabeça e me lambeu, gentil, lenta, surpreendente e *maravilhosamente*, até que eu gozei novamente, minhas pernas apertando os seus ombros, meus calcanhares afundando nas suas costas, meus gritos baixos, mas enérgicos.

No momento em que relaxei, me encontrei em cima dele, um dos braços dele em volta das minhas costas, a outra mão, em concha, na minha bunda, as pontas dos dedos pressionando a curva interior da minha nádega, acalmando, reivindicando, possessivo.

Fechei os olhos.

— Você gosta disso, querido? — Murmurei.

— Você é muito apertada — respondeu, seus dedos me apertando.

Decidi encarar isso como um sim.

Ele não havia terminado.

— Quero você de frente para um espelho, a bunda para cima, os ombros para baixo, gozando para mim, enquanto me observa fodendo a sua bunda — continuou.

Reprimi um gemido excitado diante das suas palavras.

Ele ainda não tinha terminado.

— Mas prefiro o que está entre as suas pernas. É mais úmida, mais doce, posso olhar nos seus olhos enquanto a estou tomando e posso fodê-la com força. E quando você goza, ela tem espasmos, ordenhando a minha semente de uma maneira que gosto muito. — O braço e a mão na minha bunda me deram um aperto. — *Muito* mesmo.

Isso foi sexy, o que acabamos de fazer, e eu adorei.

Mas tinha que admitir, fiquei feliz por ele preferir “tomar” minhas partes normais de menina, principalmente porque gostava de olhar nos meus olhos enquanto fazia isso.

Seu aperto novamente se intensificou. — Agora, todo o seu corpo conhece a estocada do meu pau. — Abaixou o tom da voz. — Isto é um presente, Maddie. Um que eu estimo. Obrigado por me dar isso.

Ele achava que era um presente.

De repente, assim como tinham feito uma e outra vez desde que ela as disse, as palavras da mulher detestável deslizaram pela minha cabeça e apertei os olhos, fechando-os firmemente.

E você? A mulher que usa encantos de uma morta para enfeitiçar seu marido inconsolável, para poder aquecer sua cama, a

fim de usar suas joias e ganhar um lugar ao seu lado? O mundo está mais rico com a sua presença?

A resposta à sua pergunta era não. Não estava.

Este mundo ou o antigo mundo, nenhum deles estava mais rico com a minha presença. Eu não tinha feito nada. Nada importante. Nada espirituoso ou inteligente. Nada corajoso.

Nada mesmo.

Isso somos nós, minha pomba.

Apollo tinha dito isso para mim quando tomei seu pênis naquela mesma noite.

Ele estava certo, também.

Isto era nós dois.

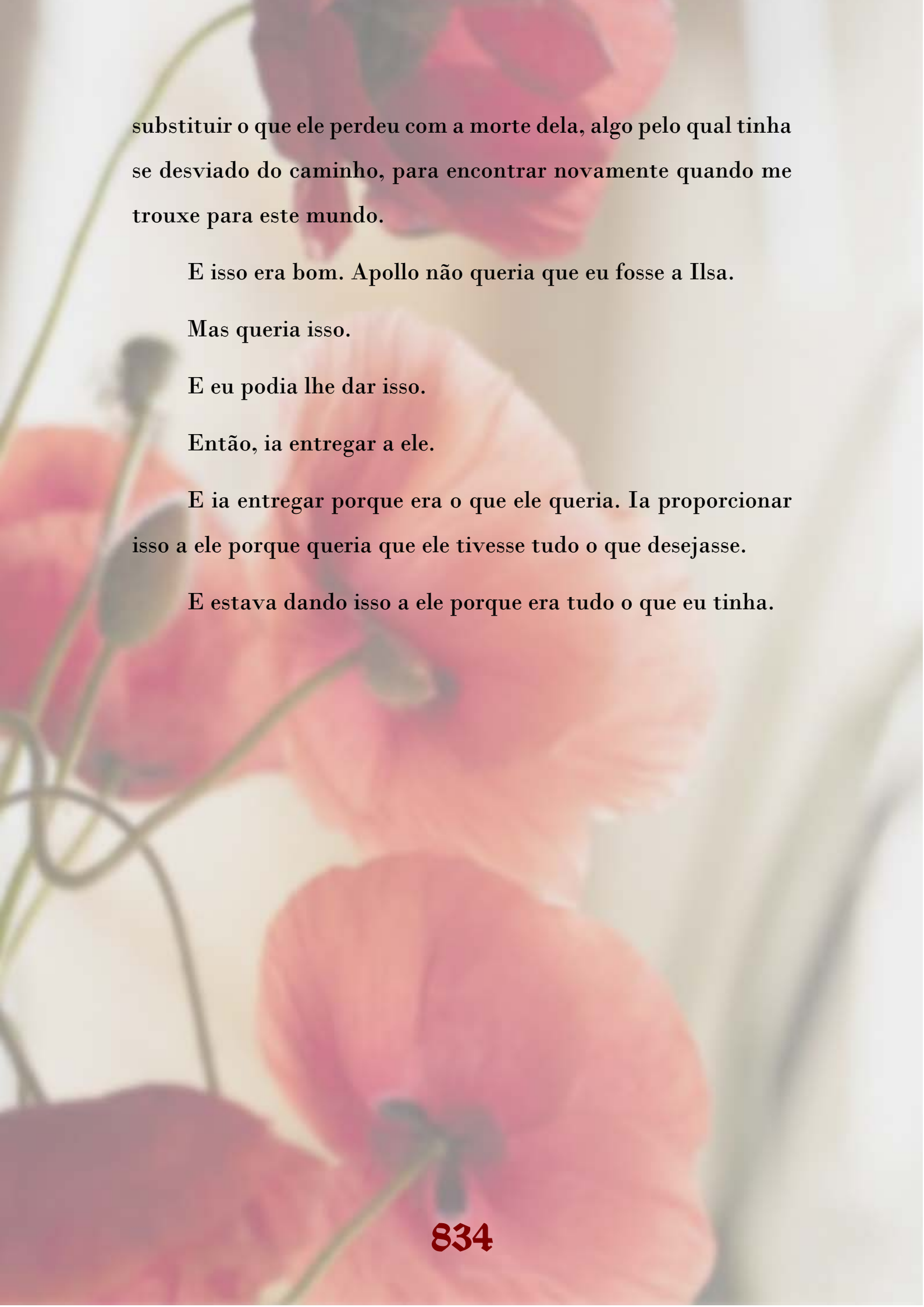
Isso era o que eu podia lhe dar. Tudo o que eu podia lhe dar.

Ele podia me dar roupas. Joias. Belas casas. Trenós fantásticos. Viagens para bailes onde intrigas aconteciam. Um lar. Risos. Segurança. Bondade. Bons amigos.

Crianças.

Eu poderia lhe dar a minha bunda. Meu corpo. Minha boceta.

Mas não podia ser Ilsa. Não podia fazer nada, ter outra finalidade, lhe dar mais de qualquer outra coisa. Não podia



substituir o que ele perdeu com a morte dela, algo pelo qual tinha se desviado do caminho, para encontrar novamente quando me trouxe para este mundo.

E isso era bom. Apollo não queria que eu fosse a Ilsa.

Mas queria isso.

E eu podia lhe dar isso.

Então, ia entregar a ele.

E ia entregar porque era o que ele queria. Ia proporcionar isso a ele porque queria que ele tivesse tudo o que desejasse.

E estava dando isso a ele porque era tudo o que eu tinha.

Capítulo Vinte e Quatro

Me Descobríndo

— Você me chamou?

Apollo se virou na sua cadeira, atrás da mesa do escritório em Karsvall.

Estava olhando para fora da janela, para a floresta que levava até a casa anexa. Seus pensamentos tão absortos na Madeleine, assim como no Christophe, que não só não estava enxergando a floresta, como não havia percebido sua chegada.

Mas lá estava ela, Valentine, a bruxa, usando um vestido verde, sentada em uma cadeira do outro lado da sua mesa, observando-o como se ele fosse levemente interessante, mas tivesse coisas melhores a fazer.

Em vez de cumprimentá-la, declarou: — Gostaria de lembrar que você foi muito bem paga para ajudar nossos esforços em reprimir qualquer mal que ameaçasse a nossa terra. No entanto, você está desaparecida há semanas. Repetidas mensagens enviadas pelas bruxas deste mundo ficaram sem resposta. Aconteceram coisas que colocaram Madeleine e os meus filhos em perigo. Você finalmente chega e demonstra

irreverência? — Balançou a cabeça. — Vou avisar a você que a minha paciência esgotou, bruxa, portanto não restou mais nada para testar.

— Você deve saber que tenho me mantido atenta e verifiquei que você resolveu os assuntos prontamente, *mon loup*²¹. — Deu um sorriso malicioso. — *Bem rápido.*

Ele sabia exatamente ao que ela estava se referindo. Era irritante, mas não podia pensar sobre isso ou acabaria o instigando à ação. Precisavam conversar, não discutir.

Portanto, a informou: — Você não foi chamada aqui para discutir como as coisas progridem com Maddie.

Seu sorriso continuou firme no lugar, quando ela disse: — Não precisamos discutir como as coisas estão progredindo com Madeleine. — Seu sorriso ficou mais largo. — Você foi muito bem no tempo em que estive fora, *chéri*.

Ele tinha.

Absolutamente.

Possivelmente, bem até *demais*.

Algo estava errado com sua Madeleine. Algo preocupante. Algo que Apollo não conseguia determinar.

²¹ Meu lobo.

Mas não era algo que ia discutir com a bruxa.

Consequentemente, direcionou o diálogo para o que iam discutir.

— Você recebeu a mensagem da Lavinia — afirmou, mas seu tom era de interrogação.

Tinham chegado em Karsvall, dois dias antes. Lavinia estava lá, como planejado. E após sua chegada, Frey e Apollo tinham pedido a ela para entrar em contato com sua colega bruxa com urgência.

Já que as duas eram amigas, deduziu que o chamado da Lavinia foi aquele que finalmente foi respondido.

— Recebi, na verdade — ela confirmou. — Embora tenha que admitir que recebi as outras mensagens das suas bruxas, mas outra questão vem tomando o meu tempo.

Apollo levantou uma sobrancelha. — E este outro assunto tem prioridade sobre o que está acontecendo no mundo? E com isso, bruxa, estou perguntando se o pagamento foi mais elevado, considerando que paguei extraordinariamente bem pela sua ajuda, algo que não estamos recebendo muito, mas pagamos mais do que o suficiente, então deve ser sua prioridade.

O olhar dela fitou com firmeza o seu, quando respondeu: — Talvez o pagamento não tenha sido tão alto, entretanto, os

diamantes Sjöfn que recebi para fazer o trabalho que estou terminando se transformaram em um colar extraordinário, o qual eu prezo muito.

Sentiu sua paciência já em frangalhos rasgar ainda mais, pois novamente sabia ao que ela estava se referindo.

Tinha entregue a ela uma bolsa com diamantes de gelo Sjöfn para encontrar Maddie e trazê-la até ele. Também sabia que o único outro trabalho que ela tinha neste mundo era dele, algo que retiveram antes de lhe pagar, a fim de se certificarem que teriam sua atenção sobre este mundo.

Algo que não estavam recebendo.

— Devo lembrá-la que o trabalho está completo. Maddie está aqui. Está segura. Está comigo. Estamos construindo uma vida juntos e estamos satisfeitos.

Ou, ele estava.

Maddie também estava, aparentemente.

Mas havia uma nova escuridão em seus olhos. Algo que ela não partilhava com ele durante as conversas sussurradas após o ato sexual. Algo que a estava corroendo mais fundo, na alma.

Christophe permanecia distante. Fazia as refeições e passava algum tempo com Madeleine, Apollo, com a irmã, mas

deixou claro, em uma forma tranquila e rebelde, que não era da sua natureza, que não gostava.

Isto podia ser o que preocupava Madeleine.

Mas Apollo sentiu que era mais do que isso.

Esses pensamentos eram preocupantes, mas ficou alerta quando observou a normalmente imperturbável bruxa, se mover sobre a cadeira com o que parecia ser agitação.

Ao vê-la fazer isso, não teve um bom pressentimento, portanto, ordenou: — Fale.

Ela suspirou delicadamente antes de declarar: — Tenho algumas preocupações.

— Sobre?

Novamente sustentou seu olhar quando disse: — Não consigo ver o seu eu do meu mundo.

Apollo soube pelo comportamento dela que não era uma boa notícia.

— Isto significa? — Pressionou quando ela não falou mais nada.

— Ele não pode se esconder de mim — ela explicou. — Ao procurar Madeleine para você, eu o vi pela primeira vez. Como ele também a estava procurando, lancei um feitiço sobre ele, para

que eu pudesse vê-lo quando a encontrasse e me levasse até ela. Por razões óbvias, continuei a vê-lo, mesmo depois que a encontrei. Desde que lancei o feitiço, nunca tive nenhum problema em vê-lo.

— E agora não consegue mais vê-lo.

Ela balançou a cabeça, mas continuou a encarar seus olhos. — Não. E para explicar por que isso é uma preocupação, ele não pode se esconder de mim. Mesmo se viesse a compreender, de alguma forma, que existem forças mágicas trabalhando em nosso mundo, não conseguiria fazer por si mesmo. Precisaria de uma bruxa. — Fez uma pausa. — Uma bruxa poderosa. — Outra pausa, e uma respiração profunda. — *Muito* poderosa.

Apollo não gostou para onde isso estava se encaminhando.

— Ele está aqui — presumiu calmamente, o estômago se contraindo, a pele formigando.

— Não faço a mínima ideia — ela respondeu. — Mas passei algum tempo procurando por ele. Nunca houve um feitiço para esconder alguém que não pude quebrar. É uma certeza que isto não pode ser feito por qualquer bruxa do meu mundo. O que me leva a crer que há uma possibilidade dos nossos adversários terem descoberto sua existência e o recrutaram.

— Para quê? — Apollo perguntou, sua voz seca.

— Qual objetivo eles têm para qualquer coisa que fazem, *chéri*?

Uma questão válida.

Sem resposta.

A bruxa sabia disso, pois continuou falando.

— No entanto, ele é vil. É mau. Deseja o mal da Madeleine e, ousa dizer, desde que arrancou a mão dele, deseja o mesmo a você. Ele pode não ter magia. Pode não ser deste mundo. Mas tem motivação para fazer o mal, é hábil com isso e eles podem lhe prometer grandes riquezas pelo seu talento.

Apollo olhou por cima do ombro dela, murmurando: — Nós não precisamos disso.

— Não precisamos, de fato — ela concordou e ele olhou novamente para ela. — Na minha ausência, posso lhe garantir que não fiquei vadiando, *mon loup*. Passei uma boa parte do tempo procurando o seu eu do meu mundo. Também tenho estado em constante contato com Lavinia. Sei sobre o que aconteceu com Madeleine em Brunskar. Sei que são as mulheres que eles almejam. Também sei que não lançaram um encantamento no seu amigo. O belo Derrik age por sua predileção por Madeleine e sua absurda, mas definitiva, necessidade masculina de competir contra outro homem, neste

caso você, pelo coração dela. Seu orgulho foi ferido quando foi tão rapidamente substituído, da maneira como aconteceu, e começou a fazer algo para curá-lo. Sei também que ele entrou na Ilha do Espectro. Já o perdi de vista. No entanto, o outro homem, sabiamente, decidiu não o seguir até a Ilha e está retornando.

Notícias contraditórias.

Era bom saber que Derrik não estava sob algum feitiço, mas se invadiu a Ilha, poderiam tê-lo capturado. Se estavam torturando o amante da Franka, Apollo não gostou nem de pensar no que fariam com um soldado.

Então, não pensou nisso.

Pensou em uma coisa que tinha algum poder de controlar.

— Temos que nos assegurar que todas as mulheres estejam seguras — ordenou.

Valentine assentiu. — Vou falar com Lavinia depois da nossa reunião, *chéri*. Os outros chegaram na fonte. Circe está atualmente realizando o ritual para recuperar seus poderes. Deve estar concluído dentro de um dia, ou pouco mais. Depois que estiver concluído, minha sugestão seria a de deixar todas as mulheres juntas, para que Lavinia e eu possamos protegê-las do mal.

Apollo balançou a cabeça.

— Não acredito que Tor e Lahn permitirão que suas mulheres fiquem longe deles. Minerva e seus aliados estão gastando grandes quantidades de magia na Ilha do Espectro para protegê-la do fogo do dragão. Frey a bombardeia com seus dragões todos os dias, para que eles tenham que manter o escudo forte, o fogo de dragão é potente, então isso não deve ser fácil para eles. Mandaram criaturas para o seu mundo, as utilizaram aqui e, talvez, tenham trazido o outro eu para cá. Estão gastando grandes quantidades de magia. A nossa separação do Lahn e da Circe, do Tor e da Cora, faz com que se concentrem em duas frentes.

Ela gesticulou com a mão afirmando: — Vejo que você deseja dividir as energias e usar isso para conquistar. Mas as mulheres espalhadas também dividem as minhas energias e as da Lavinia. Se os homens vierem com elas, pois isso vai ter que acontecer, você vai ter que elaborar uma nova estratégia.

Não podia argumentar com isso, uma vez que havia tido o mesmo pensamento, de modo que não o fez.

Em vez disso, declarou: — Frey tem se reunido com os elfos. Não está em questão se vão nos ajudar; é como vão fazer isso que devemos decidir. Eles estão se reunindo. Frey vai

encontrá-los novamente, em breve, para discutir como vão ajudar.

Ela assentiu com a cabeça. — Enquanto isso, vou trazer a Circe do meu mundo para cá. Quanto aos outros, levaria muito tempo para viajarem até aqui, porque estão no coração de Vale, e quanto mais tempo permanecem separados de você, e, portanto, da Lavinia e eu, mesmo com Circe recuperando seu poder pleno, temo que mais perigo estejam enfrentando. Ela tem grande poder, mas não o tem sob seu controle. Ele vaza através das suas emoções. Isso poderia ser um obstáculo em vez de uma benção.

Desta vez, foi Apollo que assentiu.

Então se inclinou ligeiramente para frente na cadeira, encarando o olhar dela.

— Aquela bruxa, Helda, se os dragões não quebrarem o escudo e a incinerarem, eu a quero capturada, incapacitada e trazida até mim. Ela não vai morrer por nenhuma outra mão. Ela é minha.

— Brunskar — Valentine sussurrou.

— Perfeitamente — Apollo respondeu.

Seus lábios se curvaram de modo vagaroso e predatório que, Apollo suspeitou, muitos homens podiam achar atraente.

Homens que, ao contrário dele, em tais assuntos preferiam ser o predador.

— Vou falar com Lavinia — ela declarou. — Então vou realizar minhas jornadas e colocar nosso pessoal em posição.

— E então vai ficar aqui — ele ordenou, fazendo com que ela exibisse outro sorriso malicioso.

— É claro, *chéri*.

Apollo permaneceu em silêncio e Valentine não disse mais nada, apenas ficou parada, sorrindo para ele.

Como isso durou algum tempo, Apollo foi forçado a sugerir secamente: — Seria benéfico se cuidasse disso tudo sem demora.

Sabidamente, seus olhos se fecharam um pouco, a fim de esconder a diversão crescente dele, enquanto se levantava e erguia as mãos.

Uma névoa verde emanou deles imediatamente, mas enquanto emanavam, ela voltou a atenção para Apollo e não havia mais humor na sua expressão.

— Obrigada.

Sua frase o surpreendeu, sendo essa a palavra que pronunciou.

Ela fez isso, da mesma forma que o deixou perplexo.

— E o que foi que eu fiz para você, bruxa? — Ele perguntou quando a névoa verde aumentou em torno dela.

— Não é uma coisa, *mon loup* — respondeu, o corpo já desaparecendo, os lábios se curvando. — Não expressei gratidão por mim, mas pela minha irmã.

Isso o deixou ainda mais perplexo.

— Não conheço a sua irmã — disse algo que ela já sabia.

— Nós, mulheres, somos todas irmãs — disse algo que ele não sabia.

Então, desapareceu.

No entanto, ele entendeu e desejou sentir satisfação ao saber que ela sentiu que deu algo para uma das suas “irmãs” que merecia a gratidão dela.

Só não se sentiu assim, considerando a sua maneira de agir, que havia mais trabalho a fazer para curar sua pomba quebrada.

Precisava conversar com Madeleine. Só que foi forçado a fazer isso mais tarde, e estava ficando cada vez mais impaciente com todos os “mais tarde” que foram forçados sobre ele. Mais tardes que significaram que não viu a sua pomba. Mais tardes que significaram que não viu seu filho.

Mas agora tinha que encontrar Frey e relatar o que acabou de acontecer. Então precisaria dar ordens para se prepararem

para ter mais pessoas em sua casa e, provavelmente, mais soldados em suas terras. Além disso, havia a questão da Franka e seu próximo passo, que precisava ser intrinsecamente planejado, o que significaria que teriam que viajar para o Palácio de Inverno para o Bitter Gales em breve.

Mas no momento, depois de falar com Frey, precisava almoçar com seus filhos.

Enviaria alguém para convocar Maddie a se juntar a eles e falaria com ela depois.

E depois disso, talvez, ambos conversariam com Christophe, cuja distância Apollo sentiu que tinha ido longe demais.

Era uma pena ter que forçar esse assunto ao seu filho.

Mas queria Madeleine fortemente unida a ele e aos seus filhos. Queria que todos eles construíssem o relacionamento como uma família unida. E queria seus filhos se acostumando com isso, trabalhando em direção a esse mesmo objetivo, e não lutando contra demônios, sozinhos.

Diante desse pensamento, se levantou e a estava contornando quando bateram na porta. Antes que pudesse falar seu comando para a pessoa entrar, a porta se abriu e Achilles entrou.

Fechou a porta atrás dele e parou, assim como Apollo.

Mas antes do Achilles poder falar, Apollo o fez.

— A bruxa verde acabou de sair daqui, primo. Peço desculpas, mas tenho que encontrar o Frey.

— Eu estava com ele e a Lavinia. Lavinia sentiu a presença dela e eu vim ver se ela estava com você.

— Ela foi falar com a Lavinia agora — Apollo disse.

— Frey foi até sua esposa com a mesma missão que a minha.

— Então devo ir até ele e explicar o que discutimos. Você tem que me acompanhar pois vai precisar saber de tudo, também.

— Se não for urgente, enquanto você está sozinho, gostaria de um momento antes de irmos.

Apollo observou seu primo e perguntou: — O que você precisa falar comigo é urgente?

— É sobre a Maddie.

Qualquer coisa sobre Maddie era urgente.

Portanto Apollo cruzou os braços sobre o peito, uma indicação de que seu primo devia prosseguir.

Ele prosseguiu.

— Vou começar dizendo que minha intenção não é bisbilhotar, mas Draven me disse que Maddie e as crianças estavam se dando bem, conhecendo uns aos outros enquanto você estava fora. Ele observou que agora isso mudou, e desde o seu retorno, já vi muitas vezes Maddie com Élan, mas não com Chris. Ele é seu filho, Lo, e você tem o seu jeito com ele, mas estou surpreso que ainda não tenha interferido. — Ele inclinou a cabeça para o lado e, de repente, perguntou: — Posso perguntar por que Maddie ainda está na casa anexa?

Maddie continuar a morar na casa anexa era algo que Apollo esperava que mudasse quando voltassem. Depois de passar semanas na presença dos seus filhos, ela ia sentir que era apropriado se mudar para a casa principal.

Além disso, Apollo sentia que quanto mais seu filho o visse com Madeleine, mais acostumado ficaria com ela, ao descobrir que Maddie era Maddie, não a mãe dele. E também veria que ela era importante para Apollo e para sua irmã e, no final, chegaria à conclusão que deveria abandonar seu comportamento atual e estabelecer seu lugar na família que Apollo estava tentando construir.

Contudo, após a chegada, Madeleine tinha se recusado a se mudar, dizendo que estava claro, diante do comportamento do

Christophe, que ele não estava pronto para isso, e Apollo não podia discordar dela.

Ele não gostou.

Mas não discordou.

Assim, definitivamente, estava na hora de falar com seu filho.

E havia mais de uma razão pela qual a desejava na sua casa e na sua cama, uma razão que ainda não tinha compartilhado com Madeleine.

Ela tinha compartilhado muito sobre sua vida passada. Ele só tinha falado levemente sobre a dele.

Teriam tempo para conversar sobre a sua vida, que estava longe de ser tão complexa e devastadora quanto a dela. E aquele tempo viria depois que tivesse tudo dela.

— É precisamente porque Chris se distanciou da Maddie, a razão pela qual ela ainda está na casa anexa — explicou. — Ela acha que as crianças devem estar confortáveis com a sua presença e conhecê-la bem, antes do nosso relacionamento ser definido para eles.

Achilles deu um passo em direção a ele e parou, dizendo: — Acho que isso é sábio. No entanto, também acredito que o relacionamento de vocês, neste exato momento, é relativamente

claro, ou tão claro quanto suas idades vão permitir que ele seja. Élan a acha incrível e se beneficiaria muito em ter uma dama na casa que não seja uma serva. Mas permitir que Christophe aja dessa maneira, mesmo silenciosamente, contra o relacionamento que você está construindo com a mulher com a qual pretende casar, pode não ser sensato.

— Concordo. Desse modo, Madeleine e eu vamos falar com ele hoje à tarde.

Achilles assentiu, mas seu olhar se tornou intenso. — Trago isso à tona, Lo, não só devido ao que Draven compartilhou sobre Chris, mas também porque Alek trouxe fofocas da aldeia.

— Maldição — Apollo murmurou, sabendo exatamente o que os aldeões estavam dizendo, sem precisar que essa informação fosse transmitida.

— Agora sabem abertamente que você pretende se casar com ela. Mas acomodá-la na casa anexa trouxe à tona uma especulação que, tenho certeza, não vai surpreendê-lo. Não seria bom para você se Maddie ouvisse isso sem que estivesse no contexto.

Apollo ficou impaciente com aquela discussão e repetiu: — Como eu disse, vou lidar com essas questões em breve, Lees.

O olhar do Achilles não mostrou tranquilidade. Mostrou o contrário quando perguntou: — Maddie está bem?

Apollo lançou um olhar para ele antes de suspirar, apoiar a mão nas costas de uma cadeira na frente da sua mesa e falar: — Você é muito observador.

Achilles deu um pequeno sorriso. — Você normalmente achava isto uma benção.

Ele achava.

Já que Achilles sabia, não confirmou.

Em vez disso, respondeu: — Estou incerto se me sinto confortável com a atenção que está dedicando à Maddie.

O sorriso do Achilles sumiu. — Você não pode estar pens...

Apollo o interrompeu. — Claro que não. Mas posso lidar com meus assuntos românticos, Lees.

— Estou ciente disso — Achilles respondeu instantaneamente. — Mas você se recuperou rapidamente. *Muito* rapidamente. E Maddie está em perigo. — A expressão dele mudou e Apollo se preparou ao testemunhar isso. — Você sofreu uma perda considerável, Lo.

— Posso ter seguido em frente em relação a isto, primo, mas me lembro de tudo — Apollo disse a ele.

— Ela está conversando com você? — Achilles perguntou baixinho.

— Sim — respondeu Apollo.

— Você está conversando com ela? — Achilles pressionou.

Apollo se endireitou e, mais uma vez, cruzou os braços sobre o peito. — Este é o ponto onde vou colocar um fim na sua curiosidade.

Achilles o ignorou e continuou.

— Ela parece forte, surpreendentemente forte, depois de tudo o que sofreu. Draven falou que ela se recuperou do ataque muito rapidamente. No entanto, desde a sua chegada em casa, não consigo deixar de achar que alguma coisa mudou.

— Mais uma vez vou repetir que vou lidar com essas questões em breve, Lees. E que essa hora chegaria muito mais cedo se pudéssemos terminar esta conversa.

Achilles o observou e Apollo permitiu.

Durante três segundos.

Então descruzou os braços e se moveu em direção ao primo, afirmando: — Vamos. Vamos encontrar o Frey.

Ele parou quando Achilles colocou a mão no seu ombro, quando Apollo ia passar por ele.

— Nós vivemos agora com muitas incertezas — seu primo falou baixinho. — Para você, Maddie, seus filhos, uma incerteza a menos seria importante, a solidez da sua família seria benéfica. Especialmente para Maddie, pois isso é algo que ela nunca conheceu. Ela está se adaptando a um lugar que é totalmente estranho para ela e está se saindo bem. — Seus lábios se curvaram. — Ela está se adaptando a você e está indo bem, também. Mas, depois de tudo o que ocorreu, desde Vasterhague até Brunskar, ela está bastante ciente dos perigos que estão à espreita. Ela viveu muito tempo com perigos à espreita, primo. Uma base como essa, só posso supor, vai percorrer um longo caminho para fazer ela se sentir segura durante os tempos difíceis.

Apollo ergueu as sobrancelhas. — Mas há um mês você achou que tudo estava indo muito rápido. Agora você está me aconselhando a acelerar as coisas?

— Há um mês, vocês tinham essencialmente acabado de se conhecer. Agora, já a vi sorrindo para você. Vi você fazê-la rir. Eu a vi fazer o mesmo por você. Vi como ela é com a Élan. Ela não esconde, nem um pouco, o quão profundamente se importa com você, primo. Com os seus filhos. Todos vocês perderam muito. É uma coisa bonita ver vocês juntos.

Diante das palavras dele, palavras que gostou, Apollo suspirou.

Em seguida, compartilhou: — Ela sabe que eu quero me casar com ela, Lees. Ela quer se conhecer melhor antes de permitir que isso aconteça.

Achilles tirou a mão do ombro do Apollo, o cenho se franzindo.

— Como uma pessoa pode não conhecer a si mesma?

— Não tenho a mínima ideia — Apollo respondeu, balançando a cabeça. — Ela explicou isso. Fez sentido no momento. Ou, mais precisamente, o que fez sentido foi a emoção que senti por trás das palavras que ela disse, as quais não faziam sentido. No entanto, faziam para ela, e ela queria muito dizê-las. O que entendi é que ela precisa de tempo. E estou dando a ela.

— Isto não é característico de você, primo — Achilles comentou.

Apollo sustentou o seu olhar quando respondeu com firmeza: — Sou um homem apaixonado. Fazemos muitas coisas atípicas.

Ele observou surpresa tomar as feições do seu primo, antes do calor inundá-las.

— Isto me deixa feliz — falou baixinho.

Apollo sorriu para ele. — Me sinto feliz também.

Achilles retribuiu o sorriso. — Obviamente.

Apollo não respondeu, então Achilles falou.

— Agora não vou mais atrasá-lo, assim você pode resolver essas questões importantes.

— Por que acho que você não está se referindo a eu falar com Frey?

— Porque nada é mais importante do que a busca pela felicidade.

Mais uma coisa com a qual Apollo não podia argumentar.

No entanto, tinham outro assunto para discutir e, infelizmente, ele os deixava fora das discussões sobre a busca pela felicidade.

— Uma coisa importante que a bruxa compartilhou comigo é que ela não conseguiu localizar meu gêmeo do outro mundo.

O calor fugiu do rosto do Achilles e seus olhos voltaram a ser afiados.

— Não parecem boas notícias, Lo — observou ele.

— Não acredito que sejam. Nem Valentine, que está presumindo que ele está neste mundo, escondido pelo nosso inimigo, mas foi trazido para cá a fim de fazer o mal.

— Como permanecemos em Lunwyn, com Frey aqui, os dragões e os elfos sob o comando dele, Lavinia e a bruxa verde, ambas fornecendo suas habilidades, eles podem estar buscando meios não-mágicos para trazer prejuízos para Maddie e as outras mulheres.

— Precisamente — Apollo concordou. — E este outro eu provou irrevogavelmente que não tem nenhum problema em causar danos à Maddie e, portanto, a qualquer outra mulher.

— Vou aumentar a guarda na casa anexa e sobre ela — Achilles declarou.

— Também em Loretta, Meeta e Cristiana. Elas significam muito para Maddie. Se o nosso inimigo conseguir chegar até elas, podem ser usadas para causar danos à Madeleine.

— Feito — Achilles afirmou. — Vou providenciar isso antes de acompanhá-lo até o Frey.

Apollo ergueu o queixo.

Achilles retribuiu o gesto e, finalmente, se moveram para a porta.

* * * * *

Uma hora depois, Apollo entrou em seu escritório, onde tinha sido dito para Maddie o esperar, para levá-la para almoçar com seus filhos.

Descobriu que ela estava realmente lá, parada ao lado da janela, por algum motivo espiando pelas cortinas abertas, como se as estivesse usando para se esconder.

O que quer que fosse que ela estava olhando, tinha sua total atenção. Sabia disso porque ela não sentiu sua presença e, portanto, não se virou para cumprimentá-lo.

Enquanto se aproximava reparou no seu vestido, que era quase do mesmo tom de verde profundo do vestido da Valentine. Mas o dela era de malha, cobrindo-a do pescoço até as pontas das botas. O cabelo extraordinário estava solto, mas a frente e as laterais haviam sido puxadas para fora do seu rosto e presas em cachos macios na parte de trás da sua cabeça. O vestido abraçava a parte superior do corpo magnificamente, até a cintura, onde escoava para a saia. Mas até mesmo a saia era colada ao seu corpo, especificamente nos quadris e na bunda, e fazia isso de uma maneira sedutora, que trouxe à sua mente o fato de que precisava pedir que instalassem um espelho no seu quarto.

Ou dela, se escolhesse permanecer na casa anexa por mais tempo.

Podiam levá-lo para o seu, quando ela se mudasse.

Mas queria que ela visse a si mesma enquanto ele estava olhando para sua bunda, algo que ele apreciou bastante, mas apreciou mais ainda pois ela claramente gostou.

Na verdade, podiam fazer muitas coisas com um espelho.

E ambos queriam isso.

Diante desses pensamentos, se aproximou das suas costas e a sentiu ter um sobressalto quando deslizou as mãos ao longo das suas costelas.

Ela virou o pescoço para olhar para ele e ele sorriu para ela.

— Olá, minha pomba — cumprimentou.

Sua mão deslizou para o rosto dele, o dedo estendido sobre seus lábios, e ela sussurrou: — *Shh!* — Então se virou novamente para olhar para fora.

Sentiu as sobrancelhas se erguerem enquanto movia o olhar para a janela. Então sentiu os lábios se curvarem quando viu Hans falando com Loretta lá fora, na neve ao lado da casa.

Hans estava muito próximo da criada.

Loretta não gostou disto e estava recuando.

Logo depois Hans tinha um braço em volta da sua cintura, puxando-a para o seu lado, assim como tinha o pescoço inclinado, para poder levar seu rosto para perto do dela.

— Eles mal podem nos ouvir, papoula — Apollo apontou, ainda olhando pela janela.

— Estou me concentrando — ela disse.

— Em quê? — Perguntou.

— Em ler os lábios do Hans.

Isso o surpreendeu tanto que ele desviou o olhar para o topo da sua cabeça.

— Você consegue ler lábios?

— Não! — Ela retrucou, impaciente, sem tirar os olhos da janela. — É por isso que você tem que se calar, para que eu possa me concentrar.

Seu corpo tremia com sua risada enquanto ele puxava o seu corpo, que resistia, para os braços.

— Lo! Estou perdendo isso — falou um pouco irritada quando ele a colocou de frente.

— Talvez devêssemos deixar o que quer que seja que vá acontecer, sem uma audiência — ele sugeriu.

— Se fizermos isso, como posso apresentar um relatório para Finnie, Meeta e Bella?

— Você só precisa perguntar para Loretta o que ocorreu, quando tiver essa oportunidade.

Sua expressão mudou para frustração quando compartilhou: — Ela está de boca fechada sobre a coisa toda.

Ele novamente foi surpreendido.

— Pensei que vocês, mulheres, falavam sobre estas coisas livremente — observou e fitou os olhos semicerrados.

— Nós, *mulheres*, somos muitas em número, Apollo. Algumas falam. E algumas, como a Loretta, *não*.

Ele sorriu para ela. — Tudo bem. Então talvez devesse permitir que ela compartilhe, ou não, como desejar.

— O que há de divertido nisso?

Ela o tinha pego nisso, então ele não tinha resposta.

Ao contrário, mudou de assunto. — Como está o ferimento dela?

Tanto sentiu quanto ouviu o profundo suspiro enquanto ela cedia à sua demanda em deixar o seu homem e a criada dela sozinhos, algo que não teve outra escolha a não ser fazer com o abraço que ele dava nela, e sabia disso.

Em seguida, ela respondeu: — Está cicatrizando bem.

— E ela está se recuperando do incidente?

Seus olhos deslizaram para o ombro dele quando respondeu: — Isso talvez não esteja cicatrizando tão bem.

— Aquilo a assustou bastante — Apollo deduziu e seu olhar voltou para ele.

— Assustaria qualquer um, Lo — observou. — Aquelas coisas eram *arrepiantes* e havia *muitas delas*.

Não precisava ser lembrado da Maddie e suas criadas, lá fora na neve com um monte de coisas “arrepiantes”.

Infelizmente foi lembrado e estavam falando sobre isso, como deviam. Evitar esses assuntos nunca é saudável.

Portanto, apontou: — Ela foi para a floresta por vontade própria, papoula.

— Foi — ela concordou. — Mas aquela merda foi extrema.

Nunca ouviu ninguém usar esta expressão, nem mesmo a Maddie.

Mesmo assim, entendeu.

— Então vamos esperar que Hans possa chegar até ela. Se alguém entende de *merda extrema*, é o Hans.

— Bem observado — ela murmurou, o olhar agora se movendo sobre o seu ombro enquanto se virava um pouco nos braços dele para olhar novamente para fora da janela. — Vou ter que mencionar isso a ela.

— Eu permitiria que Hans tentasse romper a barreira, Madeleine — aconselhou.

Ela olhou novamente para ele, os olhos arregalados. — Você é louco?

— Não — ele apontou o óbvio.

— Eu tenho que me meter. É meu dever fraternal.

Ele estava ainda mais surpreso com outra referência à irmandade, até agora desconhecida, das mulheres.

Por outro lado, tinha visto isso funcionar na noite em que Loretta e Meeta saíram no frio, fortemente armadas, fazendo isso baseadas no conhecimento duvidoso, mas que eventualmente ficou provado estar correto, de que Maddie podia precisar delas.

E o conhecimento de haver uma irmandade entre as mulheres, estava longe de ser desagradável em tempos como estes.

— Antes de irmos almoçar, temos coisas a discutir — falou para ela.

Os olhos dela se moveram sobre o seu rosto antes de encarar os dele, e ela se acomodou em seus braços, se apoiando nele e ergueu as mãos para apoiá-las levemente nos seus bíceps.

— O que precisamos discutir? — Perguntou.

— Depois do almoço com as crianças, gostaria que permanecesse aqui para podermos conversar.

— Nós estamos conversando agora — ela observou.

— Precisamos de tempo, minha papoula, e privacidade. Eu ia deixar para mais tarde, quando voltasse para a casa anexa hoje à noite, após o jantar, mas é importante.

Seu corpo enrijeceu ligeiramente nos braços dele quando perguntou: — Sobre o que vamos conversar?

— Entre outras coisas, quando você vai se mudar para cá — disse a ela e seu corpo enrijeceu um pouco mais.

— Apollo...

Ele a interrompeu. — E depois da nossa conversa, vamos falar com Christophe sobre continuar se mantendo afastado.

Diante disso, seu corpo relaxou e ele sabia o que aquilo significava.

— Acho que você concorda que é hora de confrontá-lo sobre isso — ele observou.

— Sim — ela respondeu. — Embora não tenha certeza se devo estar lá.

Ele balançou a cabeça. — No futuro, se houver questões que precisam ser discutidas, fora aquelas que precisam ser

tratadas de homem para homem, você vai estar presente. Ele tem que aprender a se acostumar com isso, e é melhor fazer isso agora.

Ela inclinou a cabeça para o lado, seu olhar ficou desfocado e ela mordeu o lábio.

Ele lhe deu um aperto e ela, mais vez, olhou para ele.

— Você discorda?

Hesitante, ela disse: — Não exatamente. Só acho que a minha presença nesta discussão em particular, pode não ser uma coisa boa.

— Explique — ele pediu.

— Não posso — ela rebateu. — Não sou um garoto que perdeu a mãe e se depara com outra mulher na sua vida que parece exatamente como ela, mas não é ela. Não sei o que ele está sentindo. Só sei que sou *eu* quem o está fazendo sentir isso. — Ela se aninhou mais ainda contra ele e ficou na ponta dos pés. — Embora eu concorde plenamente que isso tem que ser discutido, acho que você, especialmente você, Lo, precisa ser sensível a tudo isso. Me causa dor causar dor nos outros, esses outros, pessoas que conheciam e amavam Ilsa. Me causa ainda mais dor fazer isso com o Chris e prefiro não o fazer, em vez disso, lhe

ofertar a minha companhia quando ele quisesse, não quando fosse pressionado sobre isso.

Ao ouvi-la, permitindo que suas palavras o penetrassem, observou o rosto requintado, as adoráveis sardas que salpicavam o seu nariz, sardas que se tornavam mais pronunciadas quando ela passava algum tempo ao ar livre, e esperava que tivessem uma filha a quem ela concedesse essas sardas.

Assim como o seu cabelo.

E aqueles olhos notáveis.

Sem mencionar seu senso de humor. Sua bravura. Seu espírito de luta. Seu raciocínio rápido. Sua lealdade. E sua vocação em nunca desistir, mesmo quando as chances estavam contra ela.

Para comunicar tudo isso, quando ela terminou de falar, ele a puxou mais para os seus braços, abaixou o rosto para perto do dela e sussurrou: — Você vai ser uma mãe maravilhosa.

Distraidamente, sentiu seu corpo inteiro enrijecer enquanto seu rosto congelava.

E foi distraidamente que observou ambos, porque Bella entrou correndo no aposento e falou quase gritando: — Senhor Apollo!

Ele se virou, ainda segurando Maddie nos braços, mas foi Apollo que ficou parado como uma pedra quando olhou para o rosto da Bella.

— Ele se foi! — Ela gritou.

Ele abaixou um braço, mas segurou o corpo tenso da Madeleine ao seu lado quando se virou totalmente para a babá das crianças.

— Explique, Bella — ele vociferou, as palavras ásperas e abrasivas enquanto atravessavam a sua garganta.

— Chris! — Ela exclamou e o peito do Apollo se contraiu quando sentiu a mão de Maddie subir e agarrar o suéter na altura do seu estômago. — O tutor disse que saiu para atender ao chamado da natureza e, quando fui até lá buscá-los para o almoço, Chris ainda não tinha retornado. — Balançou a cabeça freneticamente de um lado para o outro e levantou as mãos em um gesto de impotência, que fez cada centímetro da pele do Apollo parecer que tinha toxina queimando dentro dela. — Já faz algum tempo desde que deixou a sala de estudo. Procuramos em todos os lugares e não conseguimos encontrá-lo.

— Oh, meu Deus — Maddie sussurrou.

Mas Apollo se moveu.

Ele se afastou, se virou para ela, se inclinou e usou um dedo para erguer um pouco o rosto dela.

— Não saia desta casa — ordenou.

— Ok, querido — concordou imediatamente.

— Por motivo algum, Madeleine — ele a interrompeu.

— Ok — ela repetiu. — Vá — ela sussurrou, o coração na garganta tornando sua voz rouca, os olhos brilhando com medo.

Se virou e caminhou para a porta enquanto ordenava à Bella: — Envie um homem até a casa anexa. Com ordens para trazer Cristiana e Meeta para cá. Faça Hans trazer a Loretta para dentro.

— Sim, senhor — ela respondeu e saiu correndo do escritório logo depois dele.

Mas não olhou para ver onde ela tinha ido. Não olhou novamente para Madeleine.

Moveu-se com o propósito de encontrar seus homens, dar ordens e, em seguida, encontrar seu filho.

* * * * *

Apollo, montado em Torment, avançou pela floresta em um galope pleno, tão rápido que podia sentir a capa esvoaçando atrás dele.

Estava guiando o cavalo com os olhos pregados nas trilhas na neve.

Mas deixou sua montaria evitar as árvores e os galhos baixos.

Havia dois conjuntos de pequenas pegadas.

Dois conjuntos de pequenas pegadas que mostravam que, a menos que Christophe tivesse sido sequestrado por um anão, ele tinha fugido com Nathaniel.

E se tinha feito isso, uma vez que o encontrasse, ia abraçar o seu filho.

Então ia dar uns tapas na sua bunda.

Como se sentisse que esses eram os seus pensamentos, ouviu Achilles falar atrás dele: — Fique calmo, Lo.

Conselho fácil de dar sem ter um filho nessa hora... ou *nunca*.

Um aconselho que não podia, ou ia aceitar.

— Apollo! — Ouvia Frey gritar, também atrás dele, os dois sendo escolhidos por Apollo, para procurar junto com ele enquanto os homens se separavam, a fim de cobrir mais terreno.

Não foi sorte, mas pela excelente qualidade em rastreamento que tinham notado, bem perto da casa, como os

meninos tinham varrido a neve para esconder seus rastros. Eles seguiram a trilha bem disfarçada (mas não tão bem assim). Em seguida, viram onde os garotos tinham pensado que estavam a uma distância segura e tinham parado de se preocupar em esconder seus rastros.

Diante do grito do Frey, desviou os olhos da neve e viu o que estava se aproximando deles.

Era um cavalo, e sobre ele estava um homem que não parecia estar acostumado a montar um cavalo em uma floresta congelada, mas, em vez disso, pareceria perfeitamente em casa no convés de um navio.

E isso porque era o homem que ensinou ao Frey tudo o que ele sabia sobre navios.

O homem que era, agora, o primeiro comandante dos navios do Frey.

E um homem que dominava a arte de ficar com raiva.

Kell.

O cavalo do Kell estava arrastando um trenó estreito e, precariamente no topo da carga, estava Nathaniel.

Na frente do Kell, sobre o cavalo, estava Christophe.

Refreando o medo que tinha se transformado em raiva, Apollo freou Torment e sentiu Frey e Achilles pararem, um de cada lado dele.

Kell se aproximou e parou o cavalo e o trenó próximo dos homens.

Sem uma saudação, Kell olhou diretamente para Apollo e gritou: — Encontrei estes dois montando uma barraca e tentando acender uma fogueira. Já que eu não esperava que você quisesse que o seu menino, e quem quer que seja o outro garoto — virou a cabeça para indicar Nathaniel atrás dele — virassem comida de urso, os convenci a vir comigo.

Diante do olhar rebelde no rosto do seu filho, e do aterrorizado no rosto do Nathaniel enquanto ele olhava para o Chefe da Casa na qual foi empregado, Apollo imaginou, brevemente, como Kell os convenceu de algo.

Não teve oportunidade de perguntar porque Frey falou.

— Os ursos estão hibernando, Kell.

— Sim. — Kell assentiu. — Verdade. Mas acho que sairiam desse estado por um bocado de carne macia de menino.

Apollo viu seu filho ficar pálido e descobriu como Kell os convenceu a ir com ele.

Usou os calcanhares para cutucar Torment e seu cavalo o levou até o lado da montaria do Kell.

— Coloque-o no chão — ordenou.

Kell deu uma olhada no rosto tenso do Apollo, em seguida o olhou de cima a baixo.

E Apollo soube o que ele viu quando disse: — Vou fazer isso depois de me falar sobre sua posição em relação a punição corporal.

Apollo o encarou com uma carranca.

— Coloque. Ele. No. *Chão*.

Kell sustentou o olhar irritado por um momento antes de o desviar para Frey e, finalmente, deslizar Christophe para o chão.

No minuto em que Apollo ouviu o ruído das botas dele no chão, o couro de sela rangeu quando desmontou.

Colocou a mão no ombro do menino e o levou para longe dos cavalos, até as árvores.

Sentiu os músculos tensos do seu filho e viu o rosto determinado, mas quando Apollo parou, Christophe não hesitou em inclinar a cabeça para trás e olhar bem nos olhos do seu pai.

Então sentiu orgulho, assim como raiva.

Diabos.

Apollo respirou fundo e soltou o ar antes de falar baixo: —
Você está bem consciente que existem perigos.

Os olhos do Christophe brilharam, mas ele não disse nada.

Apollo não fez o mesmo.

— Assim, estava bem consciente que a notícia de estar desaparecido podia causar pânico e angústia.

Viu seu filho engolir em seco, mas ele permaneceu em silêncio.

— Bella estava fora de si — Apollo disse a ele, e diante disso, seu filho desviou o olhar. — Olhe para mim, Chris. — Christophe olhou novamente para ele. — A notícia do seu desaparecimento foi mantida em segredo da sua irmã. Mas, se isso não tivesse acontecido, se ela fosse a primeira pessoa a descobrir que você tinha sumido, como acha que ela se sentiria?

Finalmente, ele falou.

— Bella nos disse que ela ia almoçar com a gente.

— Ela?

Observou Christophe cerrar os dentes, mas não dizer nada.

— Então, você nem diz o nome da Maddie agora? —
Perguntou.

Christophe olhou para o lado.

— Olhe para mim, filho — Apollo ordenou apertando o seu ombro.

Christophe olhou para ele.

— Por que você fugiu? — Perguntou.

— Eu não queria ficar perto dela.

— Por que você fugiu? — Apollo insistiu.

— Eu só não queria ficar perto dela.

— E você fugiu, em vez de discutir isso comigo?

Seus lábios se torceram em um meio-sorriso de escárnio quando afirmou: — *Você* quer ficar perto dela.

— Eu quero — Apollo concordou. — Ela me faz rir. Ela me faz feliz. Ela—

— Ela faz tudo isso porque se parece com a minha mãe — ele deixou escapar.

Apollo respirou fundo outra vez e soltou a respiração.

Só então falou.

— Você sabe que não é verdade.

— É? — Perguntou, a voz do seu filho cheia de sarcasmo.

— Como?

— Você passou algum tempo com Maddie. Você está bem ciente que ela não é a sua mãe.

— Sim. Eu estou *muito* ciente disso, pai. Você está?

Sua mão apertou novamente o ombro do Christophe, mas desta vez, ela fez isso involuntariamente.

Pelos deuses.

Aquela tristeza.

Aquela raiva.

Apollo tinha se enganado.

Não deveria ter deixado aquilo prosseguir por tanto tempo.

Olhou nos olhos do Christophe.

— Sim, filho — sussurrou. — Estou muito ciente disso. Estou muito consciente que a perda de sua mãe foi sentida como se metade da minha alma tivesse sido arrancada. Estou muito consciente que os únicos momentos que me deram alegria desde que ela se foi, foram os momentos que passei com sua irmã e com você. Estou muito consciente que tinha ficado tão acostumado a me sentir triste que perdi a esperança que podia me sentir assim novamente, da maneira que só sua mãe me fazia sentir. E também estou muito ciente que, no início, senti algo muito parecido ao que você sente. Senti raiva pela Madeleine ser tão parecida com a sua mãe e não ser ela. Essa raiva veio depois de

eu ter esperança, embora soubesse que era errado, talvez até mesmo cruel, esperar isso da Maddie, que ela podia ser sua mãe retornando. E tratei Madeleine com essa mesma raiva quando descobri que não era.

Ele viu o flash de alívio brilhar nos olhos do seu filho, alívio pelo seu pai o compreender e, em um mundo perfeito, Apollo podia deixar por isso mesmo.

Mas esse não era um mundo perfeito. Era um mundo complicado. E era dever do Apollo orientar seu filho para aprender a navegar nele.

Assim, seguiu em frente.

— No entanto, uma vez que passei algum tempo com ela sem essas expectativas, e ficou claro que Madeleine não era a sua mãe, ela fez várias coisas que me trouxeram alegria. Fez muitas coisas que me deixaram irritado. Fez várias coisas para me levar a refletir. Fez várias coisas que me fizeram querer mantê-la segura. Fez muitas coisas que me fizeram *sentir*.

Ele viu o rosto do seu filho ficar vermelho, pelo aumento da raiva ou outra emoção, Apollo não sabia.

Mas não parou.

— Sua irmã não conheceu a mãe. Mas, se estiver prestando atenção — e Chris, sei que você presta muita atenção — deve ter visto que Maddie faz muitas coisas que trazem alegria à sua irmã.

— Mamãe era uma mãe melhor — afirmou com rebeldia.
— Élan nunca vai saber. Élan nunca vai saber quão boa a mãe era.

Quanta tristeza.

Deuses.

Ele tinha estado muito enganado.

— Não — Apollo sussurrou. — E você está correto. Sua mãe era uma mãe melhor, porque você era dela e ela era sua, e não há, nunca, uma mãe melhor do que a sua própria. E sua irmã nunca vai entender isso, o que é uma tragédia que ambos conhecemos bem. Mas por que não permitir que eu receba o que a Maddie me dá, não permitir que sua irmã receba o que Maddie pode dar a ela, se permitir receber o que ela tanto quer lhe oferecer, mesmo que não seja a mesma coisa, mesmo que não seja tão bom, simplesmente porque você merece isso e ela merece o privilégio de te dar isso?

— Você age como se fosse melhor do que o que mamãe poderia dar.

Ainda estava sussurrando quando respondeu. — Eu nunca fiz tal coisa.

Christophe novamente olhou para o lado e não disse nada.

Apollo não o forçou a olhar para ele novamente.

Em vez disso, moveu a mão para envolver os dedos ao redor da lateral do pescoço do seu filho e se abaixou, apoiando um joelho na neve.

— Você é o meu homenzinho — disse baixinho.

Christophe não olhou para o pai, mas engoliu em seco.

— Eu esqueço — Apollo continuou. — Você é meu homenzinho, tão corajoso, forte, adulto, que esqueço que você ainda é o meu menino.

Apollo viu seus lábios tremerem, aquela visão o ferindo profundamente na alma, mas continuou falando.

— Eu estava errado. Sabia que havia algo errado. Percebi que você estava reticente. Entendi o porquê, Chris, vendo a Maddie vestida com as cores da nossa Casa, pronta para tomar o seu lugar ao meu lado. Algo do qual você lembrava da sua mãe e eu fazermos.

Diante disso, Christophe encarou os olhos do seu pai. Havia raiva neles, desafio.

Mas, principalmente, dor.

Apollo entendeu essa dor e lhe deu um aperto.

— Eu estava enganado — repetiu. — Enganado ao pensar que o meu homenzinho poderia trabalhar através dessa mágoa e ver as coisas como elas são, a felicidade que sua irmã e eu temos com Madeleine em nossas vidas. A felicidade que você poderia ter ao recebê-la na sua. Esqueci que você ainda é o meu menino e, sendo assim, deveria cuidar de você.

— Eu não sou um menino — Christophe vociferou.

— Não, você não é, embora ainda seja. E, meu filho — Apollo se inclinou para ele, assim como puxou Christophe tão para perto que estavam quase nariz contra nariz, os olhos firmemente presos nos do seu filho — até que você seja pai, não vai entender isso. Mas eu estava errado em outra coisa. E isso é o que eu *quero*, que você seja meu menino por tanto tempo quanto puder ter isso. Vou ter décadas vendo você ser um homem. Agora, preciso valorizar essa época, enquanto é meu menino e cuidar de você como um pai deveria, enquanto você for um menino. Farei isso. Vou corrigir esses erros e, de agora em diante, cuidarei de você.

— Isso significa que você vai mandá-la embora? — Perguntou Christophe, o tom da voz nada parecido com qualquer coisa que Apollo tivesse ouvido dele.

Era feio.

— É isso o que você quer? — Perguntou. — Que eu fique sozinho de novo? Que a sua irmã perca o contato com uma mulher?

— Élan tem Bella — Christophe retrucou.

— De fato — Apollo confirmou. — E o que vai restar para mim?

Christophe cerrou os dentes.

Apollo não desistiu, pois não podia fazer isso.

Ele amava seu filho.

E estava apaixonado por Madeleine.

— E o que vai restar para Maddie? — Pressionou. — Eu tenho você. Élan. Achilles. Draven. Como você sabe, essa lista é bem grande. Se fosse enviar Maddie para longe como você deseja, o que ela teria?

Christophe sabia a resposta para isso, mas em vez de falar em voz alta, deslizou os olhos para longe.

— Não sei como curar a sua mágoa, pois mesmo tendo Maddie, ainda choro por sua mãe — Apollo disse gentilmente. — Eu sinto por minha causa e sinto por você e pela sua irmã. Assim, sei que isso dói e nunca vai se apagar completamente. O que

também sei é que perdemos a sua mãe, mas ainda vivemos. E a única maneira de *viver*, é encontrando tanto riso e felicidade ao longo do caminho quanto for possível.

Christophe manteve os olhos afastados e Apollo sabia que era muita coisa para ele lidar agora, na neve fria, enquanto os homens estavam lá fora procurando pelo seu filho e muitos estavam preocupados.

— Conversaremos mais quando estivermos em casa e aqueles que estão preocupados souberem que você está seguro.

Christophe finalmente olhou para ele. — Vou voltar com o Lees.

Apollo sofreu outro baque e balançou a cabeça.

— Você vai voltar com o seu pai.

Christophe cerrou os dentes, mas não disse mais nada.

Apollo levantou da neve e se moveu para Torment, guiando Christophe junto a ele com a mão no seu ombro. Achilles, Frey, Kell e Nathaniel assistiram em silêncio enquanto ele montava, em seguida se inclinava e puxava o filho para montar na frente dele.

Christophe montou rigidamente, claramente tentando ficar o mais longe possível do seu pai.

Sem dizer uma palavra, Apollo colocou Torment em um galope, cavalgando na frente dos homens que, silenciosamente, os seguiu, desejando estar em casa para aliviar as preocupações, especialmente da Maddie.

Ele fez isso com a própria mente em tumulto.

O estrategista da Rainha, o comandante dos soldados dela, enquanto seus pensamentos perseguiam um ao outro através do seu cérebro, não poderia elaborar uma estratégia para ajudar o próprio filho a lidar com sua dor e seu sofrimento.

Tinha esperado muito dele.

Mas isto não era culpa do Christophe.

Foi um erro do Apollo.

Madeleine era parecida com a mãe dele e Christophe ainda não tinha alcançado os dois dígitos. Não ia processar as diferenças entre as duas mulheres como um adulto faria.

Ele ia se ressentir.

Apollo soube, no instante em que explicou a existência da Maddie meses atrás, que Chris ficou desconfortável com isso.

Devia ter prestado atenção e planejado como ir para a batalha quando os demônios surgissem.

Devia isto ao seu filho.

Esses pensamentos o assaltavam enquanto sua atenção estava voltada para a abertura na floresta à frente deles, e quando chegavam na casa, Frey grunhiu: — Maldição.

Apollo sabia por que Frey estava irritado.

Finnie estava em cima de um cavalo galopando em direção a ele.

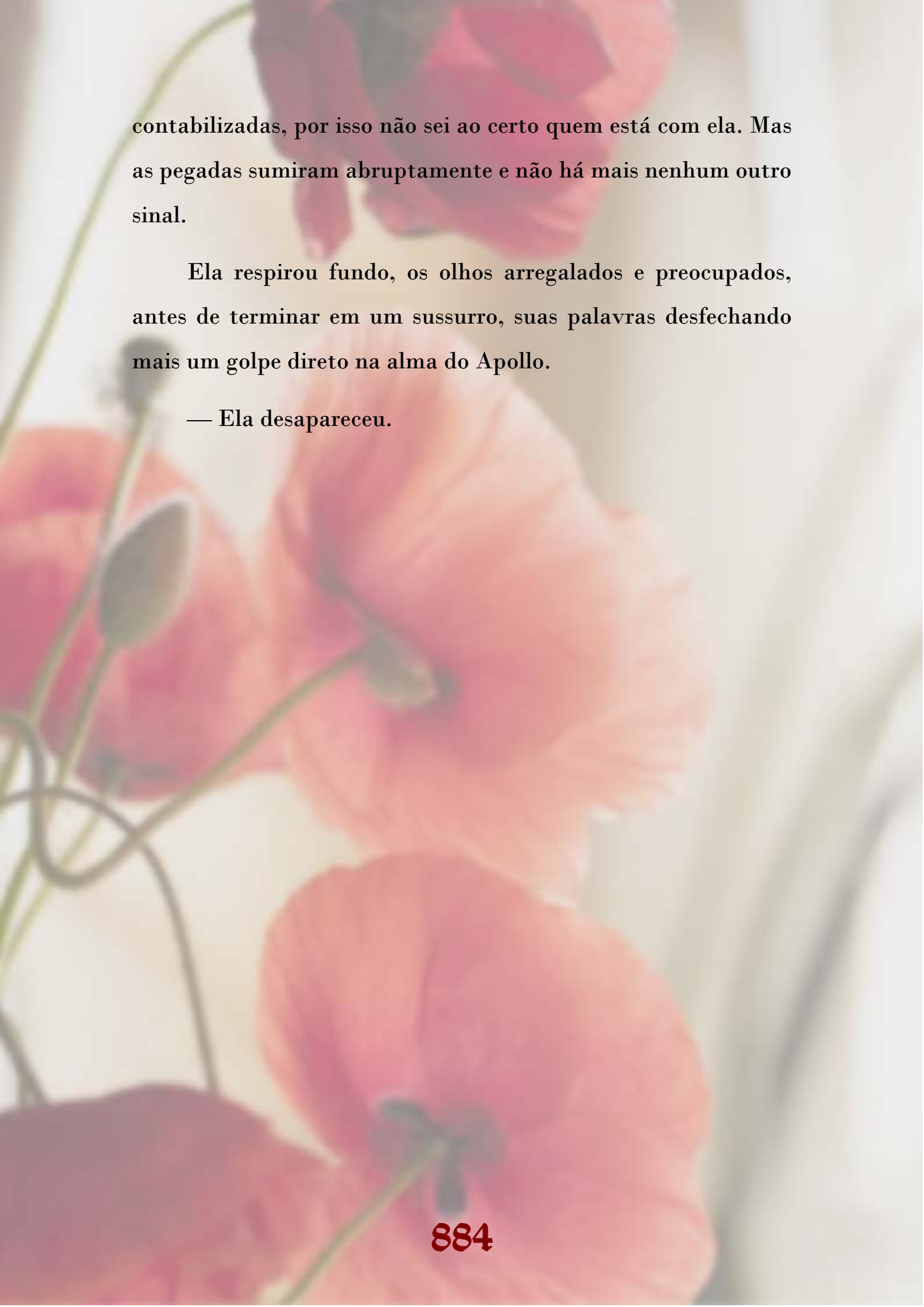
Frey cravou os saltos no cavalo e disparou para a frente, trovejando: — Esposa! Eu te disse—

— Maddie! — Ela gritou, interrompendo o marido, os olhos virados não para ele, mas para Apollo, seu cavalo a pleno galope, a levando na direção deles. — Maddie se foi!

Mesmo sentindo seu filho fazer o mesmo, Apollo ficou completamente imóvel, e só freou no último minuto, quando Finnie puxou para trás suas próprias rédeas tão rapidamente, que o cavalo girou embaixo dela.

Ela virou a cabeça para manter os olhos sobre Apollo enquanto continuava a dar a notícia terrível.

— Nós viramos a casa de cabeça para baixo e os homens foram até a casa anexa. — Finalmente conseguiu parar o cavalo e seus olhos ainda estavam no Apollo. — Ruben encontrou dois conjuntos de pegadas, ambas, disse ele, do sexo feminino, levando para longe da casa. As mulheres na casa não foram



contabilizadas, por isso não sei ao certo quem está com ela. Mas as pegadas sumiram abruptamente e não há mais nenhum outro sinal.

Ela respirou fundo, os olhos arregalados e preocupados, antes de terminar em um sussurro, suas palavras desfechando mais um golpe direto na alma do Apollo.

— Ela desapareceu.

Capítulo Vinte e Cinco

Fodida. Completamente

Algo não estava certo.

E esse algo que não estava certo não era o fato de que, trinta minutos atrás, Cora, a Benévola, me surpreendeu pra caralho, aparecendo no escritório do Apollo me dizendo que ela e o príncipe Noctorno estavam cavalgando para Karsvall e encontraram um menino que Noctorno sabia ser o filho do Apollo. Disse que esse menino se recusava a sair de onde estava quando encontrou com eles, escondido no tronco de uma árvore.

Quer dizer, se recusava a sair a menos que ele me visse.

A casa estava em desordem, as pessoas estavam apavoradas, a maioria dos homens estava à procura do Chris e eu estava sozinha no escritório, me preocupando e desejando poder fazer alguma coisa.

E isso era algo que eu podia fazer.

Isso sem falar que esta era Cora, a Benévola. Uma mulher do meu povo. Uma das mulheres dos quatro casais unidos através dos mundos.

Uma de nós.

E, não podemos esquecer, eu estava assustada demais.

Chris tinha sumido, e com os inimigos que tínhamos, isso podia significar qualquer coisa.

Nada disso era bom.

E a maior parte disso tudo *realmente* não era boa.

Então a segui enquanto ela dizia que o príncipe Noctorno estava com Chris e avaliando Cora, a Benévola.

E eu sabia que era ela. Tinha visto jornais em Hawkvale, e até mesmo em Lunwyn, que tinham desenhos feitos à pena, que foram impressos ao lado de artigos que descreviam o que ela vestia em algum baile ou quando praticava uma boa ação, como visitar um hospital infantil.

Por que ela estava lá com o Tor, e não sabíamos que estavam vindo, eu não sabia.

Por outro lado, Finnie e Frey tinham aparecido sem aviso, então, talvez, o pássaro enviado com a mensagem que eles estavam vindo, levou um tiro para servir de jantar para alguém (ou algo assim).

Enquanto a seguia, e seguia, *e seguia*, para dentro da floresta que rodeava Karsvall, preocupada por estarmos entrando em uma zona que não estava protegida pelas bruxas do Apollo, comecei a perceber que as coisas não estavam bem.

Primeiro, se pensasse sobre isso (o que não tinha feito) o fato dela mencionar o Príncipe Nocturno repetidamente e o ter feito dessa maneira, era estranho.

Ela o chamou de *Príncipe Nocturno*.

Agora, eu não conhecia nenhum aristocrata de Vale, então talvez estivesse errada, mas o cara era seu marido e ela era do meu mundo. Eu não conseguia imaginar que ela chamasse o seu marido de Príncipe Nocturno a menos que estivesse em alguma função oficial. E na verdade, não conseguia sequer imaginá-la fazendo isso. Nunca havia estado em um evento oficial com o Apollo, mas não podia me imaginar chamando ele de nada além de Apollo, mesmo na frente dos servos, como ele me chamava de Lady Ulfr ou Senhora Madeleine para eles.

E isso era outra coisa. Ela era do meu mundo.

Mas falou como se fosse desse mundo.

Já tinha ouvido que os americanos que viviam na Inglaterra (ou qualquer lugar) podiam adquirir o sotaque. Mas ela não estava neste mundo há décadas, pelo amor de Deus. Eu não conseguia imaginá-la falando exatamente como as pessoas deste mundo.

Ainda não.

Além disso, não podia imaginar o Christophe querendo me ver.

Há duas semanas estava se esforçando para me evitar.

Exigiria ver o pai, com certeza.

Mas eu?

Tendo tempo para pensar nisso, muito dele enquanto nos embrenhávamos na floresta, não parecia certo também.

Sem mencionar que ela disse que o *Príncipe Nocturno* não estava longe.

Mas estava.

Continuamos prosseguindo e ela tinha que saber que estávamos desprotegidas de homens ou armas, e quanto mais distantes ficávamos da casa, em maior perigo ficaríamos.

Apollo tinha me dito que todas as mulheres sabiam o que estava acontecendo. Seus homens as deixaram a par disso para que pudessem permanecer vigilantes e cautelosas (também acrescentou a palavra “obediente”, mas decidi esquecer que disse isso; porém, foi se tornando assustadoramente evidente que eu tinha esquecido da parte “cautelosa” também).

Se ela estivesse me levando até o seu marido, que estava com o Chris não muito longe de Karsvall, eu até podia entender.

Mas ela estava me levando para o que parecia ser nada, exceto para o interior na floresta e para longe de Karsvall.

E, por último, ela não tinha nenhuma guarda.

Seu marido a tinha deixado sair sem nenhuma proteção. Pelo que ouvi falar sobre ele, não era algo que faria.

Jamais.

Não.

Isso não estava certo.

Estava tendo a distinta sensação de que tinha sido uma idiota.

Conhecia esse sentimento. Isso tinha acontecido muitas vezes na minha vida, esta vez pior do que o resto (exceto, é claro, quando tinha escolhido o Pol para prometer a minha fidelidade; por outro lado, isso permanecia a ser considerado, dependendo se eu conseguiria me safar do que estava me metendo).

Decidi que era hora de parar de ser idiota e falei: — Ei!

Ela seguiu em frente, sem olhar para trás enquanto respondia: — Não estamos muito longe, agora.

— Humm, estou achando que devemos voltar, encontrar um homem para achar o Apollo e você o levar até Tor e Christophe.

— Não estamos muito longe — repetiu. — Seria insensato voltar agora.

Eu a observei caminhando pela neve.

Então parei.

— Ei! — Falei novamente para ela, ainda em movimento. — Estou achando que isto não é inteligente.

Ela olhou para trás, parou e vi um flash de aborrecimento atravessar o seu rosto antes que ela o escondesse e dissesse mais uma vez: — Realmente, não estamos muito longe.

Será que Cora, a Benévola, que era amada por todo um país e visitava hospitais infantis (e abrigos para animais abandonados, sem mencionar ler para cegos) ficava irritada?

Olhei para o rosto bonito, com todo aquele cabelo castanho fabuloso e brilhante.

E, quando o fiz, percebi.

E o que percebi foi que não tinha sido só idiota.

Estava fodida.

Completamente.

Cora, a Benévola, provavelmente tinha momentos nos quais ficava irritada (especialmente se o seu marido fosse um homem do outro mundo, machista como o Apollo).

Mas a gêmea da Cora, desse mundo, aquela que tinha desaparecido após ter sido sequestrada pela Minerva e o seu grupo, piraria completamente. Pelo que Apollo me disse, era uma cadela.

Tinha que ser ela.

Tinha que ser.

Cora não me levaria para o perigo. Não teria sequer sugerido isso.

Ok, não sabia com certeza.

Mas, se fosse comigo, não levaria Cora para o perigo. Nada nem mesmo perto disso. Não em tempos como esses.

Nunca!

Deus!

Eu tinha fodido tudo!

Comecei a recuar.

— Humm, que tal você ir até o Príncipe Nocturno e eu volto para a casa. Quando encontrar alguém, peço para avisar ao Apollo para seguir a trilha até você — sugeri.

Mais aborrecimento atravessou sua expressão antes de olhar de um lado para o outro, de uma maneira estranha que não

gostei, em seguida, começou a vir até mim, a mão levantada apontando na minha direção.

— É muito mais longe voltar do que seguir em frente.

— Estou bem com isso — disse a ela, me movendo mais rápido.

Ela se moveu mais rápido também, dizendo: — Temo por sua segurança, caminhando sozinha até Karsvall.

— Está tudo bem — respondi. — Há encantos que vão me manter segura.

Mais uma vez, ela olhou de lado a lado.

Me mantive recuando, olhando de lado a lado também.

Também esperava ardentemente que Apollo (ou alguém) encontrasse Chris e que agora estivessem procurando por mim.

Ia aguentar a bronca que o Apollo ia me dar depois que descobrisse que eu tinha sido uma completa idiota, e ia aceitá-la, já que era merecida.

Eu só queria voltar.

Não notei coisa alguma quando olhei para os lados, mas quando olhei para baixo para verificar se estava seguindo as mesmas pegadas de onde tinha vindo, não só para poder chegar

em casa, mas para qualquer pessoa que pudesse estar procurando por mim fosse realmente me encontrar e parei abruptamente.

Não havia pegadas.

Virei a cabeça e olhei para trás.

Não havia pegadas lá, também.

Oh, oh.

Olhei novamente para os meus pés e dei outro passo.

No instante em que meu pé tocou a neve, ela voltou ao normal onde minha pegada tinha estado, por isso não havia nenhuma pegada.

Oh, oh.

Podia dizer que, definitivamente, saí da zona de segurança encantada porque isso não deveria acontecer.

Exceto com magia.

Merda!

Levantei a cabeça e meu sangue gelou quando vi Cora parada, os braços cruzados na frente dela, as mãos enluvadas descansando sob seus ombros.

E estava exibindo um sorriso muito mal-intencionado.

Merda!

Neste ponto, três coisas aconteceram de uma só vez.

A primeira foi que me virei para correr.

A segunda foi que dois homens vieram me cercar, saindo de trás das árvores, e ao vê-los, fiquei assustada pra caralho.

Isso porque não eram como qualquer outro homem que já vi na minha vida.

Eram enormes.

E quando digo enormes, quero dizer *enormes*.

Tinham longos cabelos negros (um com uma trança nas costas, o outro só puxado para trás na parte superior).

Também estavam usando couro. *Tudo* de couro. Botas de couro. Calças de couro. Camisas de couro presas na altura da garganta com grossos fios de couro e jaquetas de couro que tinham longas lapelas, que pareciam ser feitas de algum pelo curto, como o de vaca.

Oh, e estavam carregando espadas pesadas.

Longas.

As espadas deviam ser, pelo menos, trinta centímetros mais longas do que as do Apolo e eram muito mais pesadas. Mesmo de relance, percebi que deviam pesar o dobro das de Apolo e a dele já era bastante *pesada*.

Eles também estavam correndo.

Na *minha* direção.

E a última coisa que aconteceu foi um enorme bando de pássaros que apareceu de repente no céu. Não eram belos pássaros. Eram pássaros feios. Enlouquecidos pássaros assustadores que tinham asas com membranas, que faziam um som doentio quando batiam.

E havia tantos deles, que bloqueavam a luz do sol.

Sim.

Bloqueavam. Todo. *O sol*.

Estavam voando rápido, também na minha direção.

Não gritei (embora quisesse).

Não fiquei paralisada.

Não tropecei.

Não.

Eu *corri*.

Ouvi os homens correndo atrás de mim, então me esforcei para correr mais rápido, sabendo que com suas longas pernas, eles iam me alcançar.

Mas eu não ia desistir.

Claro, se eu chegasse em Karsvall, Apollo ia ficar puto.

Mas preferia isso, ao que as aves (e os homens) podiam fazer comigo, mil vezes.

Em poucos segundos senti os homens quase me alcançando, e no instante em que me alcançaram, ouvi um grunhido de esforço.

No instante seguinte, gritos poderosos encheram o ar e uma chuva de faíscas azuis – faíscas que tinha visto antes em um momento não tão feliz – caiu sobre mim.

Não que eu precisasse verificar que aquelas aves provinham de magia ruim, ainda assim, aquelas faíscas confirmaram isso, de qualquer maneira.

Quando ricochetearam na minha pele e no meu cabelo, tropecei, mas não caí. Continuei correndo, curvada, as mãos na minha frente para me amortecer se eu caísse, enquanto tentava desesperadamente me manter de pé e, acima de tudo, *em movimento*.

Não caí porque me controlei, mas também não caí porque um braço forte me envolveu na altura do estômago e me levantou. Me segurou junto a um corpo grande, enquanto aquele mesmo corpo continuava correndo antes de, ainda correndo, me

colocar novamente sobre a neve, me obrigando a correr junto com ele, bem nas minhas costas.

E sobre a minha cabeça, grunhiu palavras sem sentido: — *Veeyoo maya*. — Então disse: — *Vá* — e finalizou com outro grunhido: — *Rápido!*

Corri, e rápido, e fiz isso me sentindo melhor (um pouco), porque tinha a sensação, ao ver que ainda estava correndo e não sendo jogada na neve ou sendo levada, que aqueles eram os mocinhos.

Caras do meu lado.

Ele se manteve nas minhas costas, e não fazia menor ideia de como nós dois corremos tão perto juntos, mas corremos.

O que estava nas minhas costas, tinha as minhas costas, literalmente.

O outro eu sabia que estava lutando com as aves. Ouvi seus grunhidos de esforço. Vi os flashes das faíscas azuis.

Mas havia toneladas dessas aves. O som sinistro das pesadas asas batendo, enchia o ar ao nosso redor. Podia ouvir seus gritos enquanto, a cada golpe de espada, o cara abatia não um, não dois, mas o que pareciam dezenas.

E meu corpo estava eletrizado diante daquele terror.

Nós continuamos correndo e o homem que estava atrás de mim colocou a mão nas minhas costas duas vezes, para me guiar para uma direção diferente.

Ele conhecia o caminho para casa.

Graças a Deus, ele sabia o caminho de casa.

Diante desse pensamento, mais uma vez, ele colocou a mão nas minhas costas para me guiar para uma direção diferente e segui dessa forma, a cabeça erguida, olhando para onde estava indo, assim não ia bater em uma árvore ou algo assim.

Foi quando eu o vi.

E quando o vi, quase parei de correr.

Sim, minha vida estava em perigo, mas diante da primeira visão daquele homem, quase parei de correr.

Porque ele era simplesmente...

Completamente...

Magnífico.

Maior do que os homens que estavam comigo, impressionantemente bonito, sentado em cima de um enorme cavalo usando o mesmo estilo de roupa que os outros dois (mas a pele dentro do seu casaco era mais grossa e mais longa), o cabelo

solto, e soube que o homem que galopava na nossa direção em um magnífico animal era Dax Lahn.

O guerreiro mais poderoso do mundo.

Antes mesmo de parecer possível, os homens desapareceram atrás de mim, porque Lahn e seu cavalo estavam lá.

Se inclinando para o lado, me puxou para cima e me acomodou na frente dele com tanta graça e fluidez que perdi o fôlego.

Ele virou o cavalo e se abaixou, me apertando contra o pescoço do cavalo, me cobrindo com o enorme tronco para me proteger das aves. O cavalo então galopou para frente, através da neve e com tal velocidade, que meu cabelo voou para trás e o ar gelado açoitou furiosamente a pele do meu rosto.

As aves nos seguiam, podia ouvi-las, mas não diminuímos o ritmo. Ele também não pegou a espada da bainha em suas costas.

Nós simplesmente galopamos.

Poucos segundos depois, espreitando o caminho entre as orelhas do cavalo, eu a vi.

A Rainha Guerreira Dourada.

Circe.

Estava montada em seu próprio cavalo e vestia seu próprio casaco de pele, o dela longo, com uma saia de tecido ricamente colorido, esplendidamente bordada com fios de ouro, ao redor dos quadris e até as botas.

Seu cabelo era incrível.

Seus olhos estavam sobre nós.

Lahn cavalgou direto para ela, que não moveu seu cavalo um centímetro enquanto passávamos por ela.

No instante em que a cauda do cavalo do Lahn ultrapassou o focinho do cavalo da Circe, um grito imponente encheu o ar, a neve à nossa volta explodindo em azul, então tudo ficou em silêncio, exceto pelo barulho dos cascos dos cavalos na neve.

Bem, lá vamos nós.

Aparentemente, alcançamos a fronteira dos encantamentos que as bruxas do Apolo tinham lançado.

Soltei um suspiro de alívio quando Lahn nos endireitou sobre o cavalo.

Uma vez que me virei, vi o céu limpo, sem nenhuma ave, a floresta gelada tranquila, então Lahn trotou de volta até sua esposa e parou.

Olhei para ela e vi que ela já estava olhando para mim.

— Ei — eu disse e ela sorriu.

Uau.

Ela era realmente maravilhosa.

— Ei — disse em resposta.

Exibi um sorriso trêmulo para ela, olhei para Lahn e o vi olhando para sua esposa. Ele sentiu o meu olhar e olhou para mim.

Ok.

Sério.

Vindo até mim em cima de um cavalo?

Magnífico.

Bem ali, há poucos centímetros de distância?

Espetacular.

— Ei — sussurrei.

Sua boca se curvou em sorriso incrivelmente lindo e deslumbrante.

Lutei para não desmaiar.

Circe explodiu em risos.

* * * * *

Esperamos apenas o tempo suficiente para os outros dois caras aparecerem (incólumes, felizmente), recolher seus cavalos que estavam vagando um pouco afastados da Circe, do Lahn e de mim, e para Circe para apresentá-los como Zahnin e Bain, antes de continuarmos nossa jornada, galopando em direção a Karsvall.

Zahnin, por sinal, era o único com a parte superior do cabelo puxada para trás. Bain estava com o cabelo arrumado em uma trança. Soube disso porque ele resmungou algo ininteligível, por sua vez, quando seus nomes foram ditos pela sua rainha.

E, olhando para eles, era insano, eu tinha um cara impressionantemente sexy (tipo *bastante* impressionante e *bastante sexy*), mas meio que desejei ter sido transportada para o lugar de onde eles vieram.

Começamos nossa jornada comigo sentindo alívio por estar viva e não encontrando a morte através dos pássaros mágicos.

Esse alívio rapidamente se transformou em tremedeira.

Porque, em primeiro lugar, não tinha ideia do que tinha acontecido com Christophe.

Será que tinha sido levado para longe e depois atacado pelos pássaros também?

E se assim fosse, alguém o encontrou e salvou?

E em segundo lugar, se tivessem encontrado Christophe (e eu pedia a Deus que tivessem), quando voltássemos para Karsvall e Apollo soubesse o que eu tinha feito, ia perder a cabeça.

Christophe ser levado era uma coisa. Era um garoto.

Eu?

Estúpida.

E a pior parte de tudo isso era que, quando Apollo ficasse louco comigo, seria justificável, já que eu tinha sido uma idiota.

Minha ansiedade era tão profunda que forcei as palavras a saírem da minha boca.

E estas palavras foram um murmúrio. — Apollo vai ficar louco.

— Sim — Lahn declarou imediatamente, o estrondo da voz profunda soando não só sobre a minha cabeça, mas retumbando nas minhas costas.

Mordi o lábio e olhei para Circe.

Ela estava olhando para mim novamente.

— Você está segura — observou. — Ele vai ficar chateado, mas uma vez que cair em si e ver que você está segura, tudo vai ficar bem.

Ela estava sendo educada e gentil, e decidi que já gostava dela, com sua saia de arrasar, os cabelos incríveis, os olhos bondosos, os sorrisos rápidos e a habilidade para fisgar um cara incrivelmente quente, mas diante daquilo tudo, decidi que realmente gostava dela.

Então vi o seu olhar se deslocar para o marido e qualquer que fosse o olhar que lhe deu, a fez olhar novamente para mim e revirar os olhos.

Ela estava tentando me tranquilizar.

Seu marido estava pensando em como se sentiria se a Circe, estupidamente, se afastasse quando o mal estava à solta, ela soubesse disso, e seguisse um estranho para o perigo, mesmo assim.

Em outras palavras, seu olhar estava afirmando claramente que ele também ficaria louco.

Completamente.

Assim como Apollo ia ficar.

Merda.

— A gêmea da Cora apareceu — falei para Circe.

Ela assentiu com a cabeça. — Nós sabemos. Lahn a viu.

— Eu pensei que ela era a verdadeira Cora — compartilhei algo que ela, provavelmente, tinha adivinhado. — Christophe, o filho do Apollo, desapareceu e ela disse que ela e o Tor o tinham encontrado e ele só sairia de onde estava se me visse. Eu estava preocupada com Chris. — Inspirei profundamente para tentar acalmar meus medos. Não funcionou, então concluí baixinho: — Ainda estou e não pensei.

— É o não pensar que vai fazer com que o seu guerreiro perca a cabeça — Lahn trovejou, informativamente, mas assustadoramente, atrás de mim.

Arregalei os olhos para Circe.

Ela absorveu meu olhar antes de virar a cabeça e sorrir para o seu cavalo.

Para tirar a minha mente da apreensão que crescia rapidamente, lancei um olhar para os lados, depois para trás, do Zahnin até Bain, então para o Lahn, e disse: — Humm... obrigada por me salvar da Cora, a Desagradável e dos pássaros mágicos.

Logo depois que falei, Lahn falou, mas disse um monte de palavras, as quais não tinha a mínima ideia do significado.

Depois que ele falou, Circe falou e olhei novamente para ela.

— Zahnin e Bain sabem um pouco de inglês, já que têm estado perto de mim há algum tempo, e em Hawkvale por um outro tempo, mas não sabem muito. Lahn estava traduzindo.

— Ah — murmurei.

Zahnin disse algo na sua língua e vi Circe sorrir, então rapidamente, dizer algo em troca.

— O que ele disse? — Perguntei.

Ela olhou mais uma vez para mim. — Você não quer saber.

Zahnin também achava que fui estúpida.

Não podia ser arrogante porque ele estava *muito* certo.

Decidi permanecer em silêncio.

Todos os outros o fizeram também.

Isto não melhorou em nada o meu temor.

Medo que se transformou em pânico quando notei os homens do Frey, Ruben e Oleg, à nossa frente, sobre cavalos. Estavam galopando através da neve com o que parecia ser determinação.

No segundo em que nos viram, frearam, nos observaram, levantaram o queixo para o Lahn, em seguida, viraram e galoparam para longe.

Eles não estavam à procura do Chris.

Estavam procurando por mim.

Esperava que isso significasse que alguém tinha encontrado o Chris.

Embora, tivesse a sensação que isso também significava que estavam indo contar que Lahn e o seu grupo tinham me encontrado.

Isso não me fez sentir melhor.

Me senti ainda pior quando, cinco minutos depois, a floresta se abriu e Karsvall apareceu.

Karsvall, que tinha uma porrada de homens parados na sua frente, um deles Apollo, assim como Chris, parecendo saudável e apto (graças a Deus), Finnie, Frey, um cara velho que nunca tinha visto antes, que tinha um rosto desgastado e um surpreendente cabelo branco que era tão chocante que meio que me assustou (mais do que eu já estava, quer dizer), e finalmente, a bruxa ruiva, Valentine.

Não consegui pensar no cara com cabelo branco ou no fato da Valentine estar lá, depois de meses sem vê-la.

Não, cabeças se viraram na nossa direção, mas depois de avaliar rapidamente o nosso público, só tinha olhos para o Apollo.

Ele estava se controlando para ficar parado, mas mesmo de longe, vi que a expressão no seu rosto era dura como granito.

Sim.

Ele ia perder a cabeça.

Circe incitou seu cavalo a ir mais rápido, Lahn seguiu seu exemplo e Zahnin e Bain fizeram o mesmo.

Mas Circe chegou primeiro.

Sem nenhuma saudação, ela falou uma vez e quando o fez, mesmo que isso não estivesse em questão, eu *realmente* soube que gostava dela.

— Ela foi levada pela gêmea da Cora — afirmou.

Apollo não tirou os olhos de mim quando ordenou ao Lahn, também sem nenhum cumprimento: — Coloque-a no chão.

Merda.

— Agora — ele enfatizou quando Lahn não se moveu rápido o suficiente.

No entanto, Lahn tinha se movido, então tinha meus pés a caminho da neve antes que estivesse pronta.

— Ela não tinha como saber que era a gêmea dela, Apollo.
— Circe continuou. — A outra Cora não é vista há meses. Nós não tínhamos nem certeza de que ela ainda estava viva. E ela

explicou que seu filho estava desaparecido e ela estava preocupada. A outra Cora disse que o tinha encontrado, mas ele só queria falar com ela.

Ela estava fazendo um trabalho estrondoso ao explicar, mas tinha a sensação que Apollo estava tão furioso que nem a ouviu, porque sua resposta foi para mim.

E foi outra ordem.

— Venha cá.

Encarei seus olhos e disse baixinho: — Sinto muito. Estraguei tudo.

— Venha cá — repetiu.

— Sei que ferrei tudo, querido — disse a ele.

— Não sei o que significa este termo. E também não dou a mínima. — Se moveu para se curvar levemente na minha direção. — Agora, venha... cá.

Respirei fundo.

Em seguida, mantendo meu olhar no dele, fui até lá.

No instante em que estava ao seu alcance, me esmagou contra ele, exatamente como tinha feito após Frey e seus dragões salvarem Meeta, Loretta e eu.

— Sinto muito — sussurrei contra o seu peito.

Ele me deu um poderoso aperto, que achei que poderia quebrar algumas costelas, antes de me soltar abruptamente.

Deu um passo para trás e, ao olhar no seu rosto, que não demonstrava o mesmo alívio que senti no seu abraço, me preparei.

— Você tem sorte por ter a oportunidade de se desculpar, Madeleine. Suas outras opções seriam: morta, capturada, torturada e usada para me obrigar a fazer algo temerário para salvá-la e, em seguida, quem sabe... talvez os meus filhos estivessem sem um pai, bem como uma mãe.

Ok.

Sim.

Completamente fodida.

Enormemente.

Ouvi um barulho que sabia vir do Christophe, foi pequeno, mas senti que perfurava minha pele como um punhal.

— Foi estúpido — admiti, porque foi e porque queria que ele soubesse que eu reconhecia isso.

— Maldição, foi — Apollo concordou.

— Eu estava preocupada com o Chris — sussurrei.

Isso foi patético.

Eu sabia.

Apollo também.

— Antes de sair, dei ordens para você não deixar esta casa — me lembrou.

Ele o fez.

Mordi o lábio.

— Por nenhuma razão — Apollo continuou.

Parei de morder o lábio e perguntei com cautela: — Podemos continuar com isto lá dentro?

— Nós não vamos continuar com isto, absolutamente — ele me interrompeu, suas palavras soando com um tom sinistro, que me fez pensar que ele não estava falando sobre a nossa discussão, mas sobre algo completamente diferente.

Um calafrio deslizou sobre a minha pele e não tinha nada a ver com o frio.

Apollo se virou para Achilles.

— Leve-a para a casa anexa.

Meu coração falhou dolorosamente dentro do peito diante das suas palavras.

Parou completamente quando virou as costas para mim, se moveu um pouco para o lado e colocou o braço sobre o seu filho,

envolvendo o seu ombro. Então o levou para dentro da casa e Chris olhou para mim com uma expressão que não consegui decifrar.

Havia alívio nela.

Havia, estranhamente, culpa.

Então as cavernas escuras do interior da casa se fecharam atrás deles e desapareceram.

* * * * *

Mais tarde, naquela noite, me acomodei na sala de estar da casa anexa, aninhada no sofá com um xale em volta dos ombros, em um esforço para afastar o frio, que até mesmo a lareira crepitante não estava mantendo fora do aposento.

Meus olhos estavam virados para as janelas.

Como sempre fazia, Cristiana acendeu as tochas na frente da casa, apenas no caso de termos visitantes.

Algo que muitas vezes tínhamos.

No mínimo, Apollo vinha todas as noites.

Agora, olhando fixamente para a tocha iluminando a noite, observando a neve cair pesadamente, tive a sensação que Apollo não viria.

Sua reação no meu retorno não foi bizarra. Ele era fenomenal em se distanciar na raiva. Aprendi essa lição da maneira mais difícil.

Mas havia algo estranho nisso.

Algo errado.

Algo que não tinha certeza se conseguiria compreender direito.

Eu já tinha pedido desculpas e admiti que errei.

Agora não sabia o que fazer, a não ser lhe dar algum tempo.

Tempo que percebi que ele ia tomar, considerando que a última vez que se distanciou na raiva, tinha durado quatro dias, eu tive que me aproximar dele e ficar nua para resolver as coisas.

Eu não ia lhe dar quatro dias, desta vez.

Mas ia lhe dar algum espaço.

Isto significou que surpresa me atravessou quando ouvi a porta da frente abrir e fechar.

Virei a cabeça para a porta da sala de estar, meio que esperando alguém aparecer lá. Por isso fiquei ainda mais surpresa quando o grande corpo do Apollo apareceu na porta.

Ele hesitou antes de dar um passo para dentro do aposento.

Saí do meu estupor e fiz um movimento para ficar de pé.

Parei quando ele ordenou bruscamente: — Parada.

Pisquei.

Parada?

Sua ordem estranhamente formal, fez meu coração começar a acelerar, enquanto olhava para ele do outro lado da sala.

Distante.

O comprimento de uma sala que, por algum motivo, senti que era do tamanho de um oceano.

E parecia um oceano porque seu rosto estava impassível. O mesmo que tinha mostrado quando ficou com raiva de mim, antes.

Odiava quando ele ficava assim; isso me assustava pra caralho.

Mas era definitivamente melhor do que ele me bater (ou me chutar).

Ele era superior a isso.

E, desta vez, eu merecia.

Então me preparei para escutá-lo.

— O que você fez hoje, foi além de estúpido — afirmou.

Respirei fundo, balancei a cabeça e disse baixinho: — Eu sei, querido.

— Meu filho tinha desaparecido, e não precisava trazê-lo de volta para encontrá-la da mesma forma.

— Não — concordei. — Não precisava.

Eu lhe disse para não sair de casa — ele me lembrou (novamente).

Respirei fundo, desta vez pelo nariz, antes de balançar a cabeça e dizer: — Eu sei, Lo. O que fiz foi estúpido. *Muito* estúpido. E eu sinto muito, *mesmo*.

Ele não mostrou qualquer indicação que tinha ouvido meu pedido de desculpas.

Em vez disso, declarou: — Não sei se você foi informada, mas ao contrário de você, Christophe não caiu em uma trapaça. Ele fugiu.

— Cristiana me explicou — disse a ele, e ela tinha explicado, quando Achilles me escoltou para casa depois do Apollo virar as costas para mim.

Isto não foi uma surpresa, também. Chris não estava bem desde Brunskar.

Era uma merda que tivesse feito isso. Ele tinha que estar sentindo coisas muito profundas, coisas ruins, coisas com as quais não conseguiu lidar sozinho, para o levar a fazer algo assim, especialmente em tempos como estes. Eu estava

preocupada sobre o porquê ter feito isso e seu atual estado de espírito.

Mas achei que agora não era hora de abordar esse assunto em particular.

— Meu filho tem uma variedade de coisas se esgueirando em sua mente. Ele precisa da atenção do pai — Apollo anunciou.

Assenti de novo, desta vez, lentamente. Não acenei lentamente porque não estava esperando que o Apollo fosse cuidar do seu filho. Eu acenei lentamente porque ele estava dizendo essas palavras, mas tive a impressão que ele não queria dizer somente elas, mas também algo mais.

— E eu tenho uma variedade de coisas sobre as quais pensar — continuou.

Isso não pareceu bom.

— Como o quê? — Perguntei, minha voz fraca e com medo, porque não gostava da maneira como esta conversa estava se desenrolando, absolutamente.

— Vou discutir isso com você depois que pensar nelas — afirmou. — Enquanto isso, vou precisar cuidar do meu filho, então não estarei perto de você.

Merda.

Lá estava.

Oh, Deus.

Deus.

Deus.

Meu peito estava apertado, o que tornava difícil respirar, mas lutei contra isso e, lentamente, fiquei de pé ao lado do sofá.

— Apollo — sussurrei.

Ele me permitiu chegar mais perto.

— Eu cometi alguns erros graves. Preciso retificá-los.

O que isso significava?

Meu coração começou a acelerar dentro do peito, por isso minha voz soou ofegante quando perguntei: — Que erros?

— Vou explicar quando pensar sobre eles, tiver um plano, colocá-lo em ação e retificá-los — declarou.

— Você ainda está chateado comigo — deduzi calmamente.

— Furioso — ele vociferou, o comportamento arisco e formal deslizando quando disse a palavra de quatro sílabas, em um tom que provou ser absolutamente verdadeira.

Então, incrível e infelizmente, continuou falando.

Senti o que ele estava prestes a dizer, quando o fez sem controlar a emoção.

Cada vez que fez isso, tinha me eviscerado.

Mas desta vez, me destruiu.

— Parece que sou muito parecido com o seu pai, Madeleine, pois não importa o quanto eu deseje mantê-la longe do perigo, você sempre encontra o caminho até ele, ao tomar decisões precipitadas que levam a consequências terríveis.

Depois que terminou, olhei para ele esperando que não tivesse dito isso.

Ou, já que obviamente tinha dito, ia retirar suas palavras imediatamente.

Contei a ele tudo sobre o meu pai.

Ele sabia. Ele *sabia*.

Ele sabia que não era certo e sabia como as suas palavras me fariam sentir.

Fiquei ali, olhando para ele, e lhe dei tempo.

Apollo não retirou o que disse.

— Ele não queria impedir que eu me machucasse — sussurrei e quis chutar a mim mesma por parecer tão inconstante, o que, diabos, não era. Então apontei: — Quando oferecida a oportunidade, ele nem sequer tentou.

— Ou pode ter sido inteligente o suficiente para saber quando devia desistir.

Agora, acabou de dizer *isto*.

Ele disse.

Diretamente.

Eu sabia porque senti o golpe e, quando o fiz, vacilei e coloquei a mão na barriga para aliviar a dor que passou por mim.

O rosto do Apollo não mudou nem um pouco quando testemunhou isso.

Eu tinha fodido tudo. Eu sabia. Eu sabia que tinha cometido um erro enorme. Admiti. Pedi desculpas por isso.

Mas mesmo tão grande como foi, eu não merecia um ataque tão brutal assim.

Completamente desnecessário.

— Tente se manter em segurança e não faça nada imprudente, se é que consegue fazer isso — ele continuou, o tom da sua voz agourento e definitivo, e um calafrio de puro gelo deslizou sobre a minha pele, me fazendo tremer. — Vamos falar mais quando houver algo a dizer.

Eu tinha coisas a dizer.

Eu tinha *toneladas* de coisas a dizer.



Não pronunciei uma única sílaba.

Porque, pela segunda vez naquele dia, a quarta vez desde que nos conhecemos (sim, porra, eu contei), sem outra palavra, depois de ter soltado aquela bomba em mim, Apollo se virou e foi embora.

Capítulo Vinte e Seis

Aonde Você Vai?

— Vi algumas coisas sérias neste mundo, e quero dizer *graves*. Realmente graves. Seriamente loucas. Seriamente doentes. Mas isso foi seriamente *lindo*.

Circe, Finnie, Loretta, Meeta e eu estávamos na sala de estar da casa anexa e Circe estava explicando o procedimento para obter sua magia de volta.

Loretta estava abraçando e arrulhando para a filha sonolenta da Circe, Isis, que estava quase dormindo.

Meeta estava afagando (mas não arrulhando) para Viktor, filho da Finnie.

Eu estava tentando conter o bebê muito ativo de Circe, Tunahn, uma criança que Circe compartilhou ser imune a cochilos (e ao sono em geral, na maioria das vezes).

Eu estava escutando porque era interessante.

Mas também não estava escutando porque o meu coração estava sangrando.

Fazia dois dias desde que eu tinha fodido tudo completamente, Apollo tinha vindo, descarregou sua raiva em mim, e não tinha visto ou ouvido falar dele desde então.

Isto não foi uma surpresa. Devia ser dito, o homem sabia guardar rancor.

Mas desta vez foi pior.

Ele tinha o direito de estar com raiva.

Mas a forma com a qual se expressou não foi legal.

Pensando nisso, me ocorreu que não foi legal na primeira vez que fez isso. Ou na segunda. E definitivamente, não na última.

Tinha fugido do Pol para não ser mais o seu pelourinho literal.

Não tinha necessidade de estar com um homem que me usava como um pelourinho verbal.

Quero dizer, sério.

Desde que o Apollo estava, mais uma vez, mantendo distância, Cristiana, Meeta e Loretta estavam de olho em mim, especialmente Cristiana. Mas desta vez, não sentia que eu tinha que ir até o Apollo e pedir desculpas.

De jeito nenhum.

Não era como se eu tivesse feito merda e tentasse fingir que não foi grande coisa e dito para ele apenas superar. Eu tinha admitido tudo imediatamente.

Então ele *passou da conta*.

Na verdade, não tinha certeza que houve alguma situação na qual sua reação tinha sido apropriada.

Ou, honestamente, perdoável.

Desde que voltamos de Brunskar, estava cada vez mais me sentindo como uma merda, porque Apollo tinha muito a oferecer e eu tinha tão pouco.

Com certeza, diabos, não precisava que ele jogasse essa merda em mim.

A boa notícia foi que Apollo permitiu que Élan viesse almoçar comigo ontem, a pedido dela. Isto foi super doce e eu adorava passar o tempo com ela, porque *ela* era super doce. Também era tão exuberante que, ao testemunhar sua alegria natural diante de praticamente tudo, foi a única vez em que pude esquecer minha raiva crescente.

A outra boa notícia era que Finnie e Circe iam e vinham quando queriam. E com os homens reunidos, falando sobre dragões, elfos, bruxas e os planos para a guerra, elas tinham tempo para ir e vir como quisessem. Então, estava começando a conhecer melhor a Finnie e melhor a Circe, o que era bom, uma vez que ambas eram maravilhosas.

A má notícia era que não só Apollo estava totalmente ausente, mas também o Chris.

Chris tinha fugido por minha causa.

Isto estava pesando na minha consciência. Eu estava preocupada. Esperava que Apollo estivesse dando a ele o que precisava. E me sentia impotente, porque não podia fazer nada para ajudar.

Na verdade, eu era a razão pela qual ele estava magoado.

Saber que eu estava causando dor ao Christophe não era ruim.

Me matava.

Isso também estava pesando na minha consciência e me chamando de egoísta, sabia que ele tinha coisas pesando em sua mente também, mas Apollo tinha que saber disso.

E ainda atacou.

Pensei sobre isso (e pensei mais uma vez sobre isso), e não havia nenhuma maneira de mudar o que Apollo tinha dito para algo compreensível.

Apenas não era certo.

Durante a visita do dia anterior, tinha descoberto que Circe e Lahn, com Zahnin e Bain como guarda pessoal da Circe, tinham sido transportados para cá pela Valentine.

E digo guarda da Circe porque Lahn não precisava de uma guarda. Ele era uma guarda inteira em um homem só, tudo por conta própria, e só um tolo atacaria aquele homem. Quero dizer, aquelas aves nem sequer tentaram bicá-lo, e eram criaturas sem cérebro criadas através da magia, mas, ainda assim, achavam melhor nem tentar.

Circe me disse que, quando chegou em Lunwyn, Valentine sentiu imediatamente que eu estava em perigo e Lahn, Zahnin, Bain (trazendo Lahn junto com a Circe, porque ele se recusou a ficar longe dela) surgiram em meu socorro sem dizer ao Apollo ou a qualquer outra pessoa que estavam aqui.

Aparentemente, o ritual que Circe estava conduzindo para recuperar seus poderes tinha ido muito mais rápido do que o esperado. Já que Valentine já estava lá para lhes dizer que ia levar todos para Lunwyn quando o ritual estivesse terminado, acabou transportando todos logo.

A verdadeira Cora e o Tor estavam com eles, mas não puderam vir porque tinha algo premente acontecendo, visto que ele não era apenas um homem marcado com uma mulher

marcada, mas também um príncipe de dois reinos, e merdas tinham que ser resolvidas.

Eles chegariam logo, assim que ele resolvesse o que quer que tivesse que ser resolvido.

Os outros quinhentos (sim, *quinhentos*) membros da guarda pessoal da Circe, que Lahn insistiu em acompanhá-la até Northland, estavam cavalgando através de Vale, já que Valentine não era tão boa a ponto de transportar um exército inteiro.

Dependendo de quão bem eles viessem, chegariam em três semanas, no máximo, um mês.

Portanto, agora estávamos na minha sala de estar.

E eu estava tentando descobrir como podia consertar a mais recente bagunça que havia feito.

O que estava tentando não fazer era pensar no fato de que, talvez, não quisesse fazer isso.

Eu não tinha dormido desde que aquilo aconteceu. Nem um piscar de olhos. Estava exausta mentalmente (pois, o Senhor sabia, era uma verdadeira impossibilidade ficar fisicamente exausta, porque com uma governanta e duas criadas, não havia nada para eu fazer).

Tudo que eu podia fazer era pensar no que o Apollo disse para mim. Quão feio foi. Quão desnecessário foi. Como ele devia saber o quanto aquilo ia me machucar.

E por último, ele já tinha deixado passar dois dias, talvez esperando que eu fosse até ele para acalmar as coisas como Cristiana aconselhou.

E talvez eu devesse.

Mas senti, lá no fundo, que não devia ir.

Aguentei muita coisa do Pol.

Tinha que colocar um limite com Apollo.

Mas por causa do homem que era, talvez não viesse até mim.

Vê?

Com toda essa merda na minha cabeça, não era de admirar que eu não conseguisse dormir.

Sem falar na preocupação com Christophe, e ainda me sentindo uma idiota, porque tinha feito algo tão imensamente estúpido para começar a resolver tudo isso.

Tinha superado *tanto*.

O problema era que tinha superado, mas isso simplesmente não tinha *acabado*.

Estava começando a ver a sabedoria do capitão Kirk, amando-os e deixando-os, enquanto partia corajosamente para onde nenhum homem tinha ido antes (no caso de alguns dos seus parceiros estrangeiros, provavelmente de duas maneiras).

Porque doía amar.

Especialmente quando você fodia tudo.

Completamente.

Em seguida, fodiam tudo.

Indiscutivelmente, ainda mais severamente.

Porque, para onde você ia a partir dali?

E sim, eu amava o Apollo. Me apaixonei por ele no instante em que olhou para mim, os olhos cheios de ternura e dor. Sabia disso porque, sozinha à noite (e também quando estava sozinha durante o dia), quando não estava preocupada ou chateada, eu repassava cada momento que tínhamos compartilhado na minha cabeça.

Ao fazer isso, sabia que um homem que podia se mostrar daquela forma, era um homem que conseguia sentir qualquer coisa, tudo, e fazê-lo profunda, completa e magnificamente.

Praticamente tudo o que ele tinha feito desde então, tinha provado isso de forma irrevogável. Incluindo (é foda admitir,

mas era verdade) como ele expressava raiva (embora, essa parte não fosse magnífica).

Diante deste pensamento, minha atenção voltou para a sala, quando vi Zahnin passar caminhando em frente às janelas, a cabeça virada para olhar além da clareira.

Lahn estava em Karsvall, reunido com Apollo, Frey, Valentine e outra bruxa que só conheci de passagem (mas que, ao contrário da Valentine, era realmente doce). O nome dela era Lavinia.

Circe e Finnie tinham vindo com Zahnin e Bain, já que que Circe não movia um músculo, a menos que Lahn estivesse ao seu lado.

Ou a guarda estivesse.

Isso era super doce também.

— A caverna não era como nada que já vi antes — ela disse, me tirando dos meus pensamentos, e desviei o olhar do Zahnin para ela. — Quero dizer, *brilhava*. Não que a pedra da qual foi feita tivesse algo nela que brilhasse. Não sei como descrever isso, exceto que era mágico.

— Eu *realmente* tenho que ir até lá quando todo esse negócio tiver, finalmente, terminado — declarou Finnie.

— Você *realmente* tem que ir. É *incrível* — Circe concordou.

— Então, você só entrou na fonte da caverna e, *poof*, sua magia foi restaurada? — Loretta perguntou, os grandes olhos excitados sobre a Circe.

— Você tem que ir todos os dias, por cinco dias, e entrar nua na fonte no instante em que o sol se põe no horizonte, o que não é fácil de sincronizar já que você está em uma caverna e não pode, na verdade, ver o sol se pondo no horizonte. Felizmente, Lahn tem um bom relógio interno. Também, por sorte, só demorou três dias, e no terceiro dia — ela balançou os ombros — simplesmente me senti preenchida.

— Você conseguiu sentir isso? — Loretta consultou.

Os olhos da Circe ficaram meio que sonhadores, de uma forma sexy que lançava ainda mais testemunho sobre o porquê ela conquistou um cara quente como Dax Lahn.

Em seguida, ela sussurrou: — Oh, sim. Eu pude sentir.

O jeito que ela falou me provocou um formigamento em um lugar privado, o que foi uma merda porque me fez sentir falta do Apollo ainda mais.

E, assim, ficar ainda mais chateada com ele.

— Parece estranho — Meeta colocou — que você possa fazer algo tão vital, tão importante como recuperar sua magia simplesmente entrando em uma fonte.

Circe olhou para ela. — Também acho. Claro, tivemos que resolver cinco enigmas todos os dias, em seguida, enfrentar cinco testes, e cada dia eram diferentes enigmas e testes. Tivemos que fazer isso para atravessar as cavernas interligadas que levavam à fonte, e a rota era diferente a cada dia. Então, tivemos que sair das cavernas e começar tudo de novo, no dia seguinte. Felizmente, só tivemos que fazer isso por três dias, em vez do total de cinco.

Ela olhou através da sala, mas continuou falando.

— O lugar tinha toneladas de esqueletos de quem tinha falhado em resolver os enigmas, ou dos que falharam nos testes. E havia alguns corpos frescos que eram desagradáveis. Então, é claro, Lahn quase teve sua cabeça cortada uma vez, mas — ela sorriu — eu sabia que o meu homem ia triunfar.

Fiquei boquiaberta e ainda não tinha fechado a boca, quando Loretta sussurrou: — Ele quase teve a cabeça cortada?

— Nós falhamos em decifrar o enigma na primeira vez e uns esqueletos armados com espadas vieram à vida. Ele lutou contra eles. — Outro sorriso. — Ele venceu.

— Puta merda — sussurrei.

— Eu sei, foi incrível — ela respondeu. — Você acharia que eu acabaria me acostumando com o quão incrível ele é, mas não me acostumei.

Tive a sensação que eu não me acostumaria, também.

Foi neste momento que vi algo pelo canto do olho, olhei novamente para as janelas e vi que ambos, Bain e Zahnin, estavam parados na neve, os olhos voltados para a porta da frente.

Eu estava recebendo um grande número de visitantes nos últimos dias, Finnie, Circe, Élan.

Mas era início da tarde. Élan estaria estudando, e Finnie e Circe já estavam lá.

Então fiquei tensa quando ouvi a porta da frente abrir, pensando que, talvez, fosse o Apollo finalmente vindo me chamar, e imaginando o que faria se fosse ele.

Logo descobri que não era.

Também não era Valentine ou Lavinia, que os homens na casa principal estavam monopolizando. Não tinha sequer dito uma palavra a Valentine, enquanto estava lá.

Não.

Era o Hans.

Um Hans que só tinha olhos para Loretta.

O meu olhar saltou para Meeta.

Ela olhou para mim e balançou a cabeça, como se a situação entre Hans e Loretta estivesse forçando o seu limite, e queria que acabassem com o drama e apenas se resolvessem.

Não estava forçando o meu. Era algo para manter minha mente desviada da minha própria situação.

Queria que Loretta fosse feliz, mas estava orgulhosa dela. Hans foi o seu “crush” por um bom tempo. Agora, ela o tinha nas mãos e o estava fazendo trabalhar por isso.

Como ela merecia.

Como ele devia trabalhar por isso.

Só não tinha ideia de como isso ia terminar, porque ela o estava fazendo trabalhar *arduamente* por isso, e eu conhecia Hans, mas não fazia ideia se ele desistiria ou lutaria até conseguir o que queria.

Esperava que fosse o último porque Loretta valia a pena.

Olhei novamente para o Hans, quando ele falou.

— Nossa conversa foi interrompida ontem — afirmou, os olhos ainda presos aos da Loretta, e estava falando como se ela

fosse a única pessoa na sala. — Gostaria de terminar essa conversa agora.

Olhei para Loretta quando ela respondeu com falsa doçura: — Oh, nós estávamos conversando?

Olhei para Hans, quando ele rebateu: — Com certeza, estávamos.

Voltei a olhar para Loretta, quando respondeu: — Engraçado, pensei que uma discussão era quando duas pessoas estavam falando. Havia duas pessoas lá, mas só um de nós estava falando. E esse alguém era *você*.

Apertei os lábios e me virei para o Hans, que não parecia feliz quando vociferou: — Certo, então, ainda tenho coisas a dizer e, desta vez, você pode usar sua boca, mas só depois que eu falar e, quando eu terminar, não vai poder usá-la para falar.

Caraca!

Minhas sobrancelhas se ergueram enquanto eu apertava os lábios com mais força, desviei os olhos para Loretta e vi suas bochechas coradas pela raiva, ou vergonha, ou ambas.

— Por isso não vamos conversar agora ou *jamais* — ela falou de maneira afiada em resposta.

Voltei a olhar novamente para o Hans quando a ignorou e ordenou: — Entregue a criança para a Rainha Circe e venha.

Mais uma vez o meu olhar foi para Loretta quando ela vociferou: — Eu acho que não!

— Mulher — Hans grunhiu, impaciente.

— Homem — Loretta grunhiu, irritada.

E foi o que bastou para o Hans. Soube disso quando ele caminhou para a frente com determinação, tirando cuidadosamente a Isis dos braços da Loretta, se virou para depositá-la nos braços da Circe, em seguida, pegou a mão da Loretta. Ele a levantou do sofá e a arrastou para fora da sala.

Eu observei, virei o pescoço para olhar por cima do ombro e testemunhar tudo aquilo, antes de me virar e olhar novamente para a sala.

Todas as mulheres estavam olhando uma para a outra em silêncio, os olhares compreensivos.

Exceto Meeta.

Ela também tinha um olhar compreensivo, mas não ficou em silêncio.

Puxando Viktor para perto, ela observou suavemente: — Sinto que vocês, fêmeas, que se permitem ser capturadas por esses homens arrogantes, são completamente loucas.

— E quando foi a última vez que você se permitiu um pouco disso? — Perguntei e ela olhou para mim.

— Me permiti um pouco disso? — Ela perguntou, erguendo as sobrancelhas elegantemente.

— Ser levada para a cama — expliquei.

— Ontem à noite — ela declarou. — Ruben. Já são sete noites seguidas. Ele é um amante excepcional. De longe, o melhor que já tive. É especialmente talentoso com os dedos. Ele faz coisas com os dedos que eu nem sabia que eram possíveis, e não sou inexperiente.

— Eu não precisava saber disso — Finnie murmurou.

Olhei para Circe e a vi sorrindo para Finnie.

Eu não sorri. Não porque não era engraçado, mas porque nos últimos dias, não sentia vontade de sorrir.

Meus olhos se voltaram para as janelas e não vi nem Zahnin, nem Bain.

Não vi nada, além da floresta e das árvores.

Mesmo tão simples quanto a vista era, ainda era bonita.

Mesmo diante dessa beleza, olhando para ela, percebi que, com tudo o que tinha no meu mundo, tráfego, shoppings e TV, mesmo da forma como a minha vida tinha sido lá, era ainda mais simples do que a minha vida aqui.

Eu tinha um objetivo: ficar longe do Pol.

Não podia dizer que era feliz fazendo isso.

Eu *podia* dizer que tinha uma missão. Tinha um propósito. Tinha algo para fazer.

Não tinha muito naquela vida e não estava contente.

Mas tinha uma razão de ser. Não era uma grande razão, mas era alguma coisa.

Agora, com tudo que eu tinha, nestes últimos dois dias, me lembrei que ainda estava à mercê do Apollo.

Ele me deu tudo.

E quando quis, levou tudo embora.

Ouvi a porta da frente abrir e, novamente, fiquei tensa.

E mais uma vez não era o Apollo.

Era o Lahn.

A sala não era pequena, mas também não era enorme, e havia um bom número de mulheres na mesma. Ainda assim, no instante em que entrou, a sala pareceu cheia demais, não só pelo corpo grande do homem, mas também pela força da sua presença.

Como Hans, ele só tinha olhos para sua mulher.

Ao contrário do Hans, uma vez que seus olhos estavam sobre a sua rainha, desceram até sua filha. Sem demora,

caminhou até Circe, aliviou-a do peso do bebê e aninhou sua menina nos braços.

Ok, não havia maneira de parecer melhor com um gatinho.

É verdade que pareceria sexy segurando um gatinho.

Mas o modo como segurava a menina e olhava para ela com franca devoção nas feições ferozes, nenhum gatinho podia superar, não importa o quão bonito fosse.

Uma vez que banhou com adoração silenciosa sua filha, agora dormindo, com quatro mulheres extasiadas o observando (sim, até mesmo a prática Meeta, que como uma Maroovian já tinha enfrentado inimigos de Korwahk, lançou o testemunho de quão impressionante era Lahn), olhou para mim.

— Uma pequena fêmea em Karsvall se aproximou de mim, antes da minha partida. Ela pediu sua presença em uma festa nos seus aposentos. Eu disse a ela que mandaria Zahnin levá-la até ela. Ele está esperando lá fora para levá-la.

Somente Élan caminharia até um guerreiro incrivelmente enorme e lhe diria para buscar alguém para um dos seus chás.

Diante desse pensamento, sorri. Era genuíno, mas pequeno.

— Parece que fui convocada — murmurei enquanto me levantava. Uma vez de pé, olhei ao redor. — Espero que não se importem.

— Vá — disse Finnie com um sorriso.

— Diga a ela que eu quero um convite da próxima vez —
Circe acrescentou, estendendo os braços para eu poder entregar
Tunahn para ela.

Foi o que fiz, dizendo: — Vou falar.

Olhei através do grupo enquanto me despedia, vendo
Meeta me observando de perto enquanto fazia isso.

Ela fazia isso muitas vezes.

Na nossa viagem de volta de Brunskar, explicou que tinha
“a visão”. Foi por isso que estava na floresta, fortemente
armada, arrastando Loretta com ela. Entretanto, Loretta
também relatou esta história para mim e disse que se
voluntariou, mas tive a sensação que o seu trabalho voluntário
foi um pouco forçado. Dito isso, ela tinha participado e foi ferida
por causa disso então não importa, de qualquer maneira.

Mas, agora, não podia dizer se Meeta estava me observando
porque teve uma visão.

Também não perguntei.

Se eu estivesse prestes a cair em outra armadilha, queria
saber.

O jeito com o qual ela estava olhando para mim agora,
especulativa e preocupada, fez com que eu tivesse a sensação que

ela não estava preocupada que eu fosse lutar com aves assustadoras pra caralho, mas, em vez disso, lidar com um macho alfa que podia me fazer sentir maravilhosa, e era raro, mas também podia me fazer sentir uma merda.

Então inclinei a cabeça para o lado, dei um pequeno sorriso para ela (que não foi genuíno) e me dirigi para a porta.

Coloquei o meu manto, as luvas, saí e vi que o Lahn não tinha mentido. Zahnin estava esperando por mim, em cima de um cavalo.

Olhei em volta, enquanto caminhava até ele, e não vi Bain.

Sem dúvida, estava patrulhando.

Com a atenção desviada, engasguei quando fiquei ao alcance dos braços do Zahnin e ele me puxou para cima, me colocando sentada na frente dele.

Claramente ele queria terminar sua missão e voltar à função de guarda, porque tão logo acomodou minha bunda na frente dele, cravou os calcanhares na sua montaria, que saltou para frente através da neve.

Ele não disse nada, mas, por outro lado, ele não sabia muito inglês.

E eu não sabia Korwahkian.

Assim, o passeio foi feito em silêncio.

Até que freou na porta da frente de Karsvall.

Eu tinha a mente ocupada com o Apollo e o que iria fazer se o encontrasse.

Minha mente também estava ocupada com o que ele podia fazer e, em seguida, o que eu podia fazer em resposta ao que ele faria.

Em outras palavras, depois do passeio de cinco minutos, estava começando a sentir uma leve dor de cabeça.

Para minha surpresa, Zahnin não me colocou nos degraus, aos quais parou ao lado, e partiu prontamente.

Em vez disso, jogou uma perna sobre o cavalo e desmontou. Então, colocou as mãos na minha cintura e me puxou para fora do cavalo.

Me colocou de pé, mas não segurou meu cotovelo ou envolveu a minha mão na curva do seu.

Curvou os dedos ao redor do meu bíceps e meio que me levou, meio que me arrastou (suas pernas eram mais longas, então eu não conseguia, exatamente, acompanhá-lo) até os degraus, parando na frente da porta.

Quando me soltou, inclinei a cabeça para trás para dizer obrigada (uma palavra que ele tinha que saber, ou pelo menos eu esperava que soubesse).

Não cheguei a pronunciar a palavra.

A voz dele soou com um estrondo.

— Eu tenho esposa.

Pisquei, surpresa não só pelo pronunciamento estranho, mas pelo fato dele falar.

— Ok — respondi, esperando que ele conhecesse essa palavra também.

— Nos conhecemos. Ela não falar — declarou.

Respirei fundo.

Ele continuou.

— Não bom. Ruim. Falar bom.

Humm.

Parece que eu estava tendo outra palestra estilo Cristiana, mas com menos palavras.

— Falar é bom, Zahnin — concordei.

— Guerreiro. Você. Conversa.

Novamente, poucas palavras, mas não havia dúvida que era uma ordem.

Não estava certa de estar pronta. Não tinha certeza do que dizer. Só sabia o que eu precisava que Apollo dissesse, mas não tinha certeza que ele tinha resolvido dizer isso.

E não sabia como me sentiria, mesmo que dissesse.

Mesmo assim, falei: — Ok, Zahnin.

— Guerreiro sofre.

Oh, Deus.

Olhei para ele. — Apollo sofre? — Sussurrei.

— Mulheres de guerreiros não falam, guerreiros sofre.

Ok, esse era um grande cara, um cara sexy, um cara assustador, porque, mesmo não podendo conversar assim tão bem, você não precisava de palavras para saber que ele estava seriamente nervoso.

Mas se preocupava com a sua esposa.

Muito.

E estava tentando fazer algo bom para Apollo e eu.

O que significava que eu esperava que a sua esposa se preocupasse com ele também.

Muito.

Hesitante, estendi a mão, toquei a dele brevemente e disse:
— Obrigada. Vou pensar nisso.

Suas sobrancelhas se ergueram sobre os olhos apertados e eu estava certa.

Definitivamente nervoso.

— Não pensar. — Se inclinou para mim. — *Conversar.*

Achei que era melhor concordar nesse momento, e não simplesmente porque o seu vocabulário limitado significava que não poderíamos ter uma discussão completa.

Então concordei.

— Ok, Zahnin.

Ele assentiu bruscamente, em seguida, se virou e desceu os degraus até o seu cavalo.

Montou em um movimento fluido que, só por isso e por ele próprio, ia lhe conseguir um contrato com um agente de Hollywood, o que, então, levaria a um ressurgimento dos faroestes.

Uma vez montado no animal poderoso, olhou para mim e falou secamente: — Dentro.

Apertei os lábios, acenei com a cabeça, em seguida, coloquei a mão na maçaneta da porta e entrei.

Uma vez tendo fechado a porta atrás de mim, dei seis passos hesitantes e olhei para a direita.

A porta do escritório do Apollo estava fechada.

Isso provavelmente significava que ele estava lá, e isso felizmente significava que não ia esbarrar nele.

Soltei a respiração, que nem percebi que estava prendendo, e corri para as escadas. Uma vez que as subi, para não correr riscos, corri para o quarto da Élan.

No instante em que apareci na porta, ela estava apontando para uma boneca em uma pequena cadeira e dizendo alguma coisa para ela (ficou claro que a boneca tinha se comportado mal e Élan estava dizendo isso a ela), os belos olhos verdes vieram até mim e se iluminaram.

— Você veio! — Gritou deliciada, como se a Rainha de Lunwyn tivesse aparecido em sua porta (e isto podia acontecer, já que a princesa do país estava a um curto passeio a cavalo de distância).

Absorvendo aquilo, ela era uma coisa que o meu antigo mundo não podia me oferecer. Nunca.

E era, talvez, a única coisa que poderia me fazer esquecer de tudo e apenas me sentir feliz.

— É claro que vim — respondi, entrando, tirando as luvas e sorrindo para ela. — Não tenho um convite tão importante há anos. Não — corrigi. — Décadas.

Ela inclinou a cabeça para o lado e colocou as mãos nos pequenos quadris, seus olhos me observando abrir o fecho do manto na altura da minha garganta.

Em seguida, os ergueu até a minha face.

— Você não está usando uma touca — observou ela.

— Não — concordei, tirando a capa dos ombros.

— Você sempre me faz usar uma touca — falou.

Larguei o manto e as luvas em uma cadeira estofada com um tecido com flores pintadas e voltei minha atenção para ela.

— Eu faço. — Levantei as mãos na minha frente, na posição de “não atire”. — E antes que o diga, você está certa. Eu devia. Assim como você sempre deve. É importante para se manter quente, a fim de não pegar um resfriado, e é tão importante para mim como é para você. — Abaixei as mãos e sorri para ela novamente. — É que fiquei tão animada para atender o convite transmitido pelo Dax Lahn, para participar da sua festa, que esqueci.

— Chris não usa touca — ressaltou.

Me aproximei dela e parei quando cheguei perto.

Inclinei ligeiramente os joelhos, assim como a cintura, para me aproximar e declarei: — Ele devia. Devia ficar aquecido e saudável, assim como você e eu. Mas ele é um menino e meninos

têm razões para não fazer coisas desse tipo. Razões que as meninas nunca vão entender, não importa o quanto tentemos. Mas temos que ser inteligentes e fazer algumas coisas, como usar toucas quando está frio, e ser ainda mais inteligentes quando os meninos fazem coisas que não fazem sentido, e apenas deixá-los fazer isso. Vão ser eles a pagar o preço no final, se tiverem um nariz entupido. Estou certa?

— Chris fica mal-humorado quando está com o nariz entupido — ela me informou.

— Todos nós ficamos, minha doçura — respondi.

— Eu não. — Ela sorriu. — Isso significa que não preciso estudar. Posso ficar deitada, Bella traz gelos aromatizados para a minha garganta se estiver doendo e o Papa sobe e lê histórias para mim.

Apenas Élan ia encontrar uma fresta de esperança em ter um resfriado.

— Aposto que você preferiria estar lá fora fazendo castelos de neve — disse, e ela franziu o cenho.

Suas feições relaxaram e ela disse: — Bella me dá gelos aromatizados mesmo quando a minha garganta não dói e Papa lê histórias também. Então, ter isso *e* ser capaz de fazer castelos de neve é melhor.

Estava feliz por ela ter chegado a essa conclusão, mesmo que não tenha gostado, de repente, de ter a visão do Apollo contando histórias para sua filha na minha cabeça. Isso me lembrou de como ele era maravilhoso, o que podia me fazer esquecer de quando ele não era.

Uma coisa que tinha acontecido com Pol nos primeiros dias, também. Ele fazia algo horrível e, em seguida, voltava a ser o Pol pelo qual me apaixonei e eu esquecia. No fim das contas, antes de desistir desse esforço, me *obriguei* a esquecer.

Então, eventualmente, foi tão ruim que nenhuma lembrança boa conseguiu apagar isso.

Apollo não era Pol. Eu sabia disso, completamente.

Ainda havia o fato que se você tolerasse isso, eles iriam abusar.

E ficaria pior.

Aturei isso do Apollo.

Ele, novamente, abusou disso.

E fez ainda pior.

Parei de remoer esses pensamentos terríveis quando senti Élan agarrar a minha mão e me puxar.

— Você senta aqui, ao lado da Ariel — ela instruiu, me acomodando ao lado de uma boneca com uma coroa e um vestido tricotado muito bonito, parecido com vários que eu tinha no meu guarda-roupa.

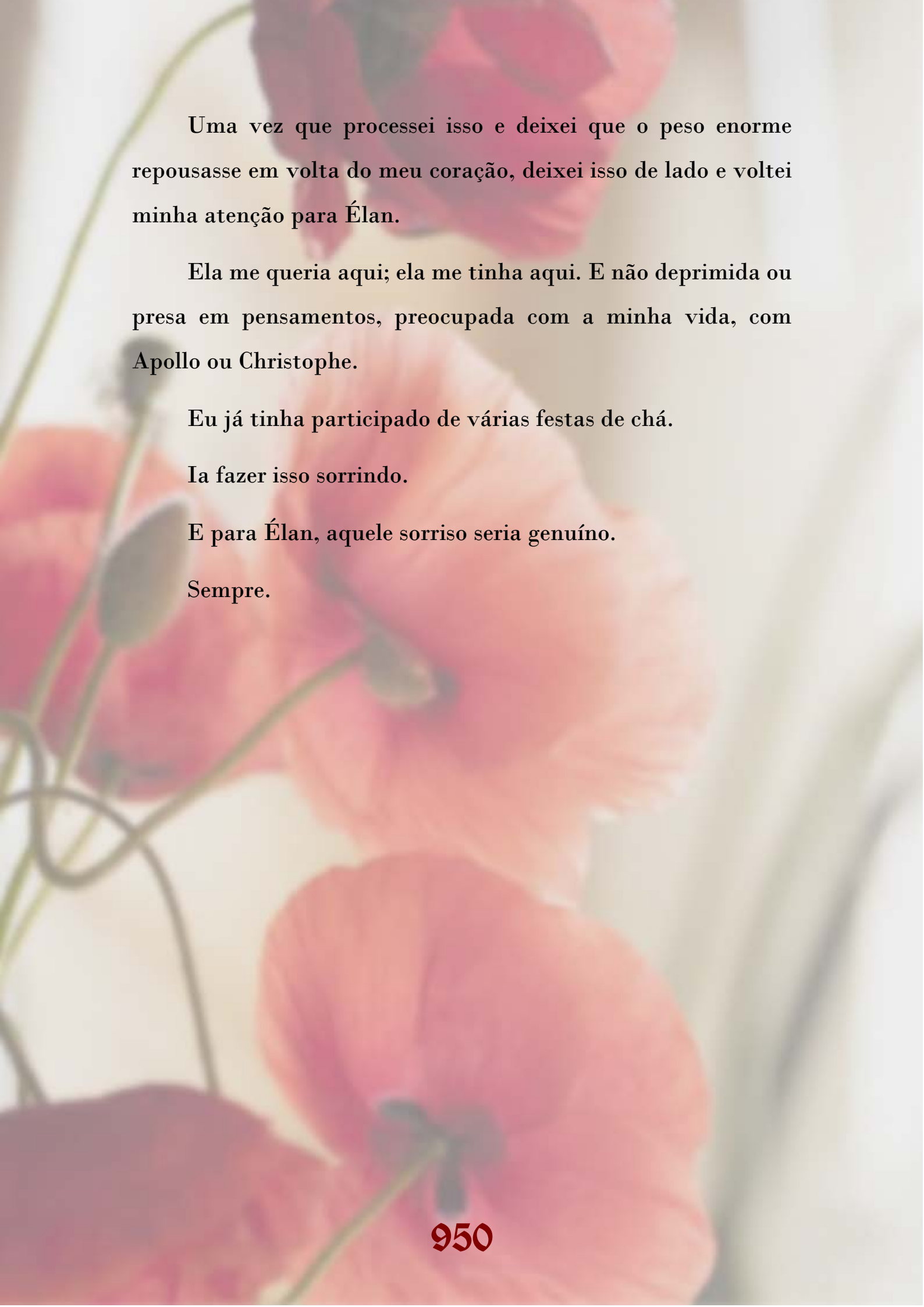
Mas enquanto ela me acomodava, peguei algo com o canto do olho e vi Christophe espreitando, apenas a cabeça aparecendo no vão da porta.

Meu corpo estremeceu quando meus olhos encontraram os dele. Estava olhando para nós e eu sabia há quanto tempo estava lá. Também não pude perguntar, pois antes que eu pudesse dizer uma palavra ou até mesmo dar um sorriso, ele desapareceu.

Suspirei enquanto deixava Élan me acomodar ao lado da Ariel (não era uma tarefa fácil, visto que as cadeiras não tinham nem a metade da altura das cadeiras normais) e meus olhos se voltaram para a porta enquanto ela conversava e servia um falso chá de um bule de porcelana requintado (que também não tinha nem metade do tamanho de um bule normal).

Chris não voltou a aparecer.

Tomei isso como um sinal de que o que quer que o Apollo estava fazendo com Chris, não estava funcionando.



Uma vez que processei isso e deixei que o peso enorme repousasse em volta do meu coração, deixei isso de lado e voltei minha atenção para Élan.

Ela me queria aqui; ela me tinha aqui. E não deprimida ou presa em pensamentos, preocupada com a minha vida, com Apollo ou Christophe.

Eu já tinha participado de várias festas de chá.

Ia fazer isso sorrindo.

E para Élan, aquele sorriso seria genuíno.

Sempre.

Capítulo Vinte e Sete

Lembre-se Deste Beijo

Trinta minutos mais tarde, Bella entrou no quarto, lançando um sorriso na minha direção, mas terminando nossa festa do chá dizendo: — Seu tutor disse que você tem exercícios para fazer, pequena senhora. Hora de encerrar o chá. Vocês podem concluir o que estavam discutindo no jantar, hoje à noite.

Pouquíssima probabilidade disso acontecer.

Por duas noites jantei com Meeta, Loretta e Cristiana na cozinha da casa anexa.

Elas eram boas companhias (o júri estava deliberando se eu era ou não). Mas isso significava que, pela primeira vez em semanas, tinha jantado sem o Apollo e as crianças.

Senti falta disso também.

E ele nem piscou ao tirar isso de mim.

Completamente à sua mercê.

Ignorando o biquinho que Élan apontou na sua direção, Bella continuou: — E, senhorita Maddie, o Senhor Apollo pediu

para dizer que ele gostaria que o encontrasse no escritório quando sua festa com Élan tivesse terminado.

Ou, talvez, houvesse uma chance do jantar acontecer.

Então, por outro lado, era por capricho do Apollo se ia acontecer ou não.

Sem mencionar que eu realmente não tinha escolha a não ser encontrá-lo no seu escritório.

Enquanto tudo isso se assentava na minha cabeça, senti algo estranho borbulhar dentro de mim. Não era um estranho ruim. Não era um estranho bom. Era algo que nunca senti antes.

Era um *nada* estranho.

Não pensei nisso quando Élan me deu um abraço e me soltou, e me abaixei para beijar sua bochecha.

Me afastei e sussurrei: — Me convide novamente. Foi muito divertido.

Ela me deu um dos seus sorrisos doces, um sorriso que, por alguma razão, gravei na memória, como se quisesse arquivá-lo para que pudesse lembrar dele sempre que eu quisesse, mesmo antes dela cantarolar: — Convidarei. Vamos fazer isso amanhã! E vamos pedir ao Frey para vir!

Tentei forçar minha mente a visualizar Frey Drakkar acomodando o longo corpo em uma das pequenas cadeiras da

Élan e uma das mãos grandes mãos segurando uma delicada xícara de chá. Minha mente se recusou a fazê-lo, mas meus lábios se curvaram diante desse pensamento.

— Mesmo se formos só você e eu, vou estar aqui — disse a ela.

— Urra! — Ela gritou.

Ela ficaria feliz apenas comigo. Inferno, ela ficaria feliz apenas com suas bonecas. Ela era simplesmente uma criança feliz.

Embora tenha percebido que ficaria mais feliz se Frey aparecesse.

Continuei sorrindo para ela enquanto levantava. Então dei um sorriso para Bella e me movi até a minha capa.

— Vejo vocês duas mais tarde — falei enquanto caminhava até a porta.

— Vejo você no jantar! — Élan respondeu.

Dei outro sorriso para ela imaginando se ia mesmo.

Então acenei e saí pela porta, me ocupando em arrumar a capa sobre o meu braço, apertando as luvas firmemente na mão, tentando pensar no que eu estava sentindo.

E tudo o que eu pude perceber era que não estava sentindo nada.

Era a parte do nada que me preocupava e estava tão perdida em pensamentos enquanto caminhava pelo corredor, que quase não percebi o murmúrio de vozes femininas vindo de não muito perto, mas também não muito longe.

— Estou chocada — disse uma delas. — Nem parece o Ulfr. Parece com o pai dele, completamente. Ele? Não. Mas o que está fazendo é a mesma coisa.

— É e não é a mesma coisa. — Outra voz respondeu. — E você sabe, Jeremiah me contou. Aparentemente, Ulfr tem uma casa em Estranvegue inteiramente preparada para esta Madeleine, para quando for seguro mandá-la embora.

Ao ouvir meu nome, parei.

Ou, talvez, fosse ouvir a parte sobre o Apollo me mandar embora.

— Em Estranvegue? — Perguntou a primeira voz.

— Sim — a segunda voz confirmou.

— Meu Deus, isso é do outro lado de Lunwyn — a primeira voz observou.

— De fato — a segunda voz declarou. — Ele também providenciou uma conta para ela. Obviamente, ainda tem a

intenção de assumir a responsabilidade de cuidar dela, mas não vai fazer isso aqui.

— Mas — a primeira voz começou. — Ouvi dizer que eles iam se casar.

— Também ouvi isso. E talvez pretendesse fazer isso, se as crianças a tivessem aceitado. Agora, isso, obviamente, não vai acontecer. Sei que a pequena Élan gosta dela, mas ela gosta de todo mundo. O jovem Christophe não gosta dela. Não é da sua natureza causar alarme, fazendo algo como fugir, mesmo quando as coisas estão de cabeça para baixo, como estão agora. Por ela estar aqui, ele fugiu. E quem pode culpá-lo? Eu a vi e ela é a cara da sua mãe. É estranho. É também absolutamente cruel impor uma amante ao seu filho, se ela se parece exatamente com sua falecida esposa. Ulfr pode estar se comportando como o seu pai, tão chocante quanto isso é, mas acho que, no final, não vai fazer nada para prejudicar o filho.

Minha respiração, de repente saiu em soluços, e eu estava oscilando sobre os meus pés. Devia me deslocar para o lado, para apoiar uma mão na parede para me segurar, mas não consegui fazer meu corpo me obedecer.

Não conseguia fazer nada, apenas ouvir.

— Cristiana me falou que ela é adorável — disse a primeira voz.

— Ouvi isso também. Ela pode ser adorável, mas isso não vai torná-la menos parecida com a falecida mãe do Christophe. Não é nenhuma surpresa Ulfr assumi-la, considerando o quão gravemente sentiu a morte da sua esposa. Ela não teria sequer que ser linda para ele fazer isso. Mas quando algo começa a ser demais, já é o suficiente. E acho que a fuga do jovem Christophe, fez Ulfr se decidir e dar um basta.

Diante disso, engoli em seco e, finalmente, me inclinei para o lado. Apoiando pesadamente a mão na parede, abaixei a cabeça porque o esforço de segurá-la era demais, enquanto suas palavras torravam meu cérebro. Minha pele.

Minha alma.

— Pelo menos, ela está usando pennyrium — a primeira voz observou. — A Sally, da aldeia, disse que Ulfr manda Loretta pegar com ela. Embora, ainda seja chocante, diante do que o pai dele fez com sua mãe. Do jeito que ele é, é impossível acreditar que está repetindo a história dessa maneira. Mas parece que está, já que seu pai também instalou uma amante na casa anexa, exatamente como Ulfr fez com esta Madeleine.

— Mas o velho Ulfr fez isso para obrigá-la a ter uma criança — a segunda voz comentou e olhei para os meus pés em estado de choque.

Houve um ruído cacarejante antes da primeira voz dizer: — Eu sei. Desesperado por um herdeiro, fez sua esposa passar por isso. Você pode imaginar, viver nesta casa sabendo das viagens do seu marido, há dez minutos de distância, todas as noites, para se engajar em tais atividades?

— Você pode imaginar o que é viver na casa anexa sabendo que seu amante retorna, todas as noites, para a esposa estéril e você nunca o terá desse jeito? — A segunda voz respondeu.

A primeira voz afirmou claramente que não podia imaginar isso, quando disse: — Eu sentia por ela. Por ambas. Especialmente quando o velho Ulfr teve seu herdeiro. Com tudo isso acontecendo, tendo o melhor dos dois mundos, mas ela ter que ficar na casa anexa tendo que esperar pela visita do seu próprio filho, que a senhora da casa estava criando, e mal, visto que ela não achava muito bom ter que criar uma criança do seu marido com outra mulher. Uma mulher que estava ali ao lado. Eu estava aqui quando isso aconteceu e foi realmente um alívio quando ele finalmente a mandou embora.

Sobre o que, diabos, elas estavam falando?

— Com tudo o que aconteceu com a sua mãe, Ulfr já devia saber — a segunda declarou com firmeza, cortando meus pensamentos. — Todos na aldeia estão falando sobre essa tal Madeleine. Sobre como o jovem Christophe fugiu porque não

consegue suportar ficar perto dela. Como Ulfr está repetindo a história. Você sabe, ninguém acredita que ele vai se casar com ela. O que não entendo é por que envolveu seus filhos nisso tudo.

A voz da primeira mulher foi sumindo, quando respondeu: — É totalmente contrário a ele. Verdadeiramente. E decepcionante. Mas ele é um Ulfr. Ele é o chefe da Casa. Eles fazem o que querem. Sempre.

Claramente estavam partindo, porque mal ouvi a segunda responder. — Isso eles fazem.

Soube que tinham ido embora quando não ouvi mais nada.

Mas não me movi.

Eu não podia saber ao certo, porque Apollo não me disse, mas parecia que a sua mãe tinha morado na minha casa, e não se mudou para lá quando seu marido morreu. Ela não casou com o pai dele, não criou seu filho, exceto por algumas visitas que o pai do Apollo permitiu, e então foi mandada embora.

Esta era uma merda das grandes.

Uma merda que o Apollo devia ter compartilhado comigo, talvez, quem sabe, durante uma das malditas *dezenas* de vezes que ficamos na cama sussurrando um para o outro.

E ele tinha mandado preparar uma casa para mim em algum lugar.

Em algum lugar bem longe.

E tinha aberto uma conta para mim.

Apesar de tão devastadora quanto esta notícia devia ter sido, não foi.

Porque não era uma surpresa.

Christophe tinha fugido por minha causa e Apollo estava claramente preocupado com isso. Também deixou claro que estava farto de lidar comigo. Mas não ia me colocar para fora ou permitir que eu fosse embora sozinha.

Aparentemente, nos últimos dois dias, fez alguns arranjos para me sustentar.

Só que ele não ia *me sustentar*.

Diante desse pensamento, soube por que não estava sentindo nada.

Não estava sentindo nada, porque essa era a forma mais inteligente de agir, porque se eu não sentisse o que devia estar sentindo, aquilo não me atingiria. Não me magoaria.

Aquilo me destruiria.

Enquanto pensava nisso, lembrei que Apollo estava esperando por mim. Um calafrio amargo rastejou pela minha

pele, enquanto me afastava da parede, ergui os ombros e a cabeça.

E mais uma vez, parei.

Isto porque vi o Chris parado na porta de um quarto, apenas um metro à minha frente, a cabeça virada, olhando para o corredor, na direção de onde as vozes tinham desaparecido.

Esse era o quarto dele.

A porta estava aberta.

Ele tinha ouvido tudo.

Sabia disso porque, apesar de só ver o seu perfil, seu rosto estava pálido e ele parecia chocado.

Me movi e vi seu corpo pular antes da sua cabeça se virar na minha direção.

— Por favor, não saia — sussurrei.

Felizmente, ele não se moveu.

— Obrigada — disse, quando parei perto dele.

Então não perdi tempo para dizer o que eu tinha a dizer. Fiz isso porque queria que ele me ouvisse, e não queria que saísse correndo no meio do que eu tinha a dizer.

Também fiz isso porque não queria torturá-lo com a minha presença por muito tempo.

— Não vou tomar muito do seu tempo, Christophe. Só queria dizer que sinto muito. — Respirei fundo, me preparando, e prossegui. — Eu nunca quis te magoar. Antes de te conhecer, estava muito preocupada que isso fosse acontecer. Não estou surpresa com isso. Mas sinto muito. — Abaixei a voz e continuei encarando seu olhar enquanto concluía. — Sinto muito, querido.

Ele olhou para mim e não disse nada, o rosto inexpressivo.

Olhando para o seu rosto, mais uma vez pensei que ele era muito parecido com o pai, de várias formas.

Mas já estava na hora disso acabar. Ele não precisava sofrer mais.

Nem eu.

— Apesar de ter magoado você, — comecei, honestamente — para mim, ainda foi uma honra ter a oportunidade de conhecê-lo. Você é um bom irmão. É um grande garoto. E seu pai está muito orgulhoso de você. Você vai ser um excelente soldado um dia, Chris. Na verdade, você vai ser excelente em qualquer coisa que quiser ser.

Ele continuou olhando para mim sem dizer uma palavra.

Então decidi concluir.

— Obrigada por ter passado esse tempo comigo. Queria que tivéssemos passado esse tempo sem que eu magoasse você. Mas ainda sou grata por isso.

Ele engoliu em seco.

Era necessário, assim dei um sorriso para ele que não foi genuíno, no mínimo, desejando poder tocá-lo. Eu não era gananciosa, não precisava de um abraço ou um beijo na bochecha. Só queria acariciar seu cabelo ou passar o dedo ao longo da sua bochecha.

Mas não o fiz.

Porque ele não ia querer isso.

Em vez disso, me virei e caminhei rapidamente pelo corredor.

Sem olhar para trás.

Porque falar com Chris exigiu muito de mim. Muito. Estava começando a sentir mais do que nada. Muito mais do que nada. E precisava desse nada, a fim de conseguir falar com Apollo.

Então, precisava encontrar Valentine.

E, uma vez que tivesse falado com ela, quando ela fizesse o que eu ia pedir, só então me permitiria sentir alguma coisa.

Agora, eu precisava desse nada.

Então me segurei nele enquanto descia as escadas e caminhava direto para o escritório do Apollo.

Não hesitei em bater.

Também não hesitei em colocar a mão na maçaneta, girá-la e entrar no quarto quando o ouvi falar: — Entre.

No minuto em que entrei, notei que estava sozinho. Estava sentado à sua mesa, a cabeça inclinada sobre um papel, no qual estava escrevendo.

E nesse minuto em que entrei, a minha decisão de não sentir nada tomou outro golpe, porque em um segundo, soube que sentia falta dele. Sentia falta de tudo sobre ele, incluindo o observar fazer algo banal, como rabiscar no papel, e maravilhada com o quão bonito ele era fazendo isso.

No segundo seguinte ao que atravesssei a porta, ele ergueu a cabeça, sua expressão mudou e ele largou a pena.

Eu apaguei a sua expressão da minha mente.

Eu precisava. Se não, ia sentir alguma coisa.

E não seria uma coisinha.

Eu não podia me permitir isso.

Então, não permiti.

— Feche a porta, pomba — ele falou baixinho enquanto levantava da cadeira.

Fiz o que ele pediu, ignorando o fato de ter me chamado de “pomba”.

Senti falta disso, também.

Fechei a porta e me posicionei na frente dele, mantendo a capa sobre o braço, as luvas apertadas na minha mão.

Apollo se moveu para a frente da mesa, seus olhos sobre mim enquanto fazia isso, e parou.

— Você não vai vir até aqui? — Perguntou.

Então Apollo queria que eu fosse até ele.

Mesmo tão irritante quanto isso poderia ser, senti falta também.

— Não, obrigada — respondi.

Vi sua mandíbula se apertar.

Ele fez isso encarando o meu olhar e fez uma pequena pausa, antes de declarar: — Eu falei algumas coisas.

— Sim, falou — concordei casualmente.

Ele reparou no tom da minha voz imediatamente. Soube disso, porque o vi vacilar quase que imperceptivelmente, antes de se recuperar e seguir em frente.

— Me arrependo de ter falado, papoula.

Não respondi.

— Estava preocupado com você — ele disse.

Permaneci em silêncio.

— E quando o encontramos, Christophe compartilhou as coisas que o estavam incomodando.

Não falei nada.

— Estava com muitos assuntos pesando na minha mente. Muitos, de uma só vez.

Mantive o meu silêncio.

Apollo começou a vir até mim, dizendo: — Lamentavelmente, minha pomba, descarreguei tudo em você.

Finalmente quebrei o silêncio e ele parou de se mover, quando eu disse: — De verdade, prefiro que você continue onde estava.

— Maddie... — ele começou, a voz suave e doce.

Não podia me permitir ouvir aquilo, também.

Se o fizesse, sua voz ia me fazer sentir muito mais do que nada.

Então o interrompi ao anunciar: — Quero ir para casa.

O corpo dele ficou imóvel. Todo, de cima a baixo. Vi o poder das minhas palavras o imobilizar completamente, e deve ser dito, era uma visão notável.

Então o vi ficar alerta e isso foi ainda mais notável.

Mas (disse a mim mesma) nenhuma dessas coisas me fez sentir nada.

— Você está em casa — falou baixinho.

— Não estou — rebati. — Estou em Karsvall, na sua casa. Karsvall fica em Lunwyn, o seu país. Nas Northlands, seu continente. Tudo isso fica no seu mundo. Quero voltar para o meu mundo.

Ele começou a caminhar novamente na minha direção, os olhos presos aos meus. — Eu falei rudemente com você. Disse palavras que lamento profundamente. Foi inadmissível, Madeleine, e peço desculpas.

Ele falou sério. Cada palavra. Eu soube. Soube pelo jeito com que estava olhando para mim e soube pela forma como suas palavras soaram.

Ele realmente falou sério.

Mas isso não me fez sentir nada.

Ou, pelo menos, isso foi o que disse a mim mesma.

Em vez disso, me controlei e mantive meu olhar preso no dele. — Aprecio isso. Agora, se você me levar até Valentine, vou pedir para ela me mandar para casa.

Ele parou bem na minha frente e me observou de perto.

Eu podia ver a raiva nos seus olhos. Raiva controlada.

Também podia ver preocupação.

Essa, descontrolada.

— Você não pode achar que eu vou, simplesmente, permitir que você retorne ao seu mundo — ele comentou.

— Não, não posso achar — concordei. — Você só vai me *permitir* fazer o que você *quer* que eu faça. Você tem a tendência de querer as coisas à sua maneira e eu tenho a tendência de concedê-las a você. Devo admitir, tenho estado sofrendo muito para pensar sobre isso de forma racional ao longo dos últimos dois dias. Mas há poucos instantes, enquanto vinha até você, ficou muito claro o que eu tenho que fazer e onde tenho que estar. Agora acabei de passar belos momentos com Élan, um tempo que ambas aproveitamos. Não estou feliz em deixá-la, mas tenho a esperança que vá ser uma boa recordação com a qual deixá-la.

E eu esperava que fosse.

Quando tivesse ido embora, sabia que ela sentiria minha falta. Ela gostava de mim. Seria um golpe.

Mas era melhor ir embora agora, do que mais tarde, quando o pai dela me mandasse embora.

Quanto a mim, não podia pensar em como deixar Élan me faria sentir.

Então, não pensei.

Sem pausa, continuei.

— E me encontrei com Christophe. Espero que as palavras que disse a ele tenham ajudado de alguma forma, apesar de ser duvidoso. Mas só tenho uma escolha, e não é boa, mas é a escolha certa. Já que Valentine está aqui, independentemente do que você ia me deixar fazer, Apollo, ela é a única que tem o poder de me mandar de volta e vou pedir a ela para fazer isso.

Pude sentir a emoção que emanava dele. Não era uma emoção boa. Era assustadora. Mas disse a mim mesma que não a sentiria, também.

— Você não está segura no outro mundo — me lembrou.

— Não estou segura aqui — eu o lembrei.

Ele balançou a cabeça. — O que eu disse para você é injustificável, Madeleine, é verdade. Mas revidar cometendo o mesmo erro? Infligir suas próprias feridas desta maneira? Depois de tudo o que compartilhamos, do que nos tornamos um para o outro, pedir sem um pinga de emoção para me deixar?

— O que você disse foi indesculpável, injustificável e imperdoável — respondi, encarando seus olhos e enrijecendo os ombros. — Não aguentei o abuso físico do Pol por uma década, só para chegar aqui e permitir que o seu gêmeo abuse verbalmente de mim.

Eu o vi respirar fundo quando seu torso se inflou abruptamente, e o clima na sala, que já não estava bom, piorou ainda mais.

Disse a mim mesma que não ia sentir isso, também.

— Já disse isso antes, mas vou falar novamente. Eu não sou ele, Maddie — ele respondeu logo em seguida.

— Não, não é — disse com um tom afiado. — Você me atingiu de uma maneira diferente, bastante imerecida e, talvez, não tão fisicamente dolorosa, mas ainda assim, dolorosa.

— Eu pedi desculpas.

— Ele costumava fazer isso, também.

Ele balançou a cabeça e percebi outro vacilo, este não tão imperceptível.

Esse eu não deixei de perceber.

Ele sentiu essas palavras. Eu o feri.

Eu o feri com a compreensão do quão profundamente ele tinha me machucado.

Disse a mim mesma que não ia sentir isso também.

— Com toda a beleza que compartilhamos, com toda a beleza que você me deu, eu esqueci — falei. — Esqueci que estava tentando encontrar meu caminho. Esqueci tão profundamente, que o perdi de novo. Até que uma mulher o apontou para mim. E então, você fez o que fez, e ficou ainda mais claro.

— Que mulher? — Ele perguntou, seu cenho se franzindo.

— Franka Drakkar — respondi.

Ele balançou a cabeça de novo, mas desta vez, fez isso e deu um passo para perto.

Não me movi.

Ele falou.

— Nada do que aquela mulher diz, vale a pena ouvir.

— Você está errado — rebati. — Valeu. Depois que ela falou, eu entendi. Só que entendi da forma errada. Veja, como eu vi, que eu era a prostituta do Pol. Uma prostituta com um anel no dedo. Eu ganhei isso, sendo eu mesma. Sendo quem eu sou. Sendo uma mulher que gostava de coisas bonitas e queria uma vida boa. Uma vida nada parecida com a que a minha mãe viveu

com o meu pai. Trabalhando e poupando, dia após dia, salário após salário, mas não fazendo isso alegremente, sabendo que minha casa era um lugar acolhedor, onde o amor prosperava. Fazendo isso e aturando muita merda. Vivendo com a negatividade me sufocando a cada respiração. Eu queria tanto ter certeza de não ter nada disso, apenas que eu queria, que estava cega para o que ia aguentar quando tomei o caminho mais fácil e me tornei uma prostituta.

— Madeleine... — ele começou, mas ignorei novamente o olhar no seu rosto. Um olhar que não era confuso, irritado ou preocupado. Um olhar torturado que doía muito testemunhar, o que ameaçou me fazer sentir algo, então falei, o interrompendo.

— No meu mundo, um homem trata uma prostituta como o Pol me tratou. Um homem não trata sua esposa daquela maneira. — Apontei uma mão na sua direção. — Agora, eu sou sua prostituta, mas sem o anel, mesmo que você o tenha oferecido. E não quero ser uma prostituta, Apollo. Tenho certeza que conseguiria seguir em frente neste mundo e, talvez, ganhar a vida dessa maneira, e essa é a única coisa que eu poderia fazer. Não sou boa em mais nada. Mas não quero isso. Venho fazendo isso há muito tempo. Estou farta de ser uma prostituta. Assim, já que não posso recomeçar minha vida neste mundo sem me prostituir com você ou outra pessoa, prefiro ir para casa e me arriscar.

Você não é minha prostituta — ele sussurrou e não foi um daqueles seus doces sussurros. Não, bem longe disso.

Era, como o olhar nos seus olhos, um sussurro torturado.

Disse a mim mesma que isso não me afetaria, também.

— Então o que eu sou? — Perguntei.

— Eu quero que você seja minha esposa — afirmou.

— E o seu filho? — Insisti.

— Ele vai cair em si com o tempo.

— Ou talvez não — retruquei. — Talvez, como o pai que ele adora, só vai ficar melhor em esconder a sua dor.

Outro estremecimento antes do Apollo encurtar a distância entre nós, levar a mão até a minha mandíbula e murmurar: — Outro erro fatal.

Não tinha ideia do que ele estava falando, mas não ia perguntar.

Ele estava me tocando.

E eu sabia que se não terminasse logo com isso, e com essa conversa, *em breve*, com certeza, ia sentir alguma coisa.

Então comecei. — Apollo... — mas ele me interrompeu.

— Aa asneiras da Franka. Foi isto o que levou a escuridão para os seus olhos — declarou.

Oh.

Era sobre isso que ele estava falando.

Estava absolutamente certo.

— Sim — confirmei. — Se há escuridão nos meus olhos, ela a colocou neles. Mas não estava errada. Não foi agradável o modo como ela disse isso, mas o que disse foi absolutamente certo. Você tem muito a dar, Apollo. Eu não tenho nada, apenas o meu corpo. E aceitei o que você me deu. Inclusive, quando me tratou como merda.

Seus dedos enrijeceram contra a minha pele, seus olhos brilharam mais uma vez, mas continuei.

— E, na verdade, o mundo está mais rico por eu estar nele?
— Neguei com a cabeça. — Não. Não está. De maneir...

Seus dedos enrijeceram novamente contra a minha pele, seus olhos brilharam, mas mais brilhantes, mais irritados, antes de me interromper.

— Pare de falar.

— Pare de me interromper — respondi.

Quando falei, de repente (e preocupantemente), ele sorriu.

E *então* desejei que ele não tivesse feito isso, porque podia dizer a mim mesma que não senti um monte de coisas, mas não podia dizer a mim mesma que não senti aquele sorriso.

Merda.

— Você deu ouvidos à conversa fiada da Franka, não vou dar ouvidos à sua — declarou.

— Apollo...

Parei de falar, desta vez não porque ele me interrompeu, mas porque se inclinou na minha direção enquanto sua mão deslizava sob a minha orelha, os dedos seguraram a parte de trás do meu cabelo, e ele me puxou mais para perto.

— Eu tive servas e prostitutas, paguei pelas melhores, e nenhuma delas me fez sentir, nem remotamente, qualquer coisa. Certamente não me apaixonei por elas.

Meu Deus.

Ele disse o que eu achei que disse?

De repente, eu não estava respirando.

— E, papoula — ele continuou antes que eu pudesse lidar com a bomba que tinha acabado de jogar em cima de mim — você pode, honestamente, ficar parada e me dizer que o mundo não é mais rico por você estar nele, quando acabou de brincar de festa do chá com a minha filha? Eu duvido, se ela entendesse o

conceito, que concordaria que você não torna este mundo mais rico.

Meu coração se apertou, mas me forcei a respirar para não desmaiar.

— Como você sabe — prosseguiu. — Christophe está reagindo mal à lembrança da perda da sua mãe. Ele está longe de ser pouco inteligente, mas muito jovem para reconhecer que o que está sentindo é o ressurgimento do luto.

A mão dele aumentou a pressão antes de continuar.

— E sim, papoula, isto foi causado por você, mas não nega o fato de que não tem nada a ver com você e, além disso, não é culpa sua.

Abri a boca para falar, mas Apollo não me deu oportunidade.

— É culpa do destino e é *minha* culpa. Ele atacou e eu mereci. Eu não estava cuidando dele e tratou de tornar isso claro me causando muita dor. Eu mereci isso, também. Mas nem por um segundo acredito que o meu filho não vai chegar a um acordo com a situação e ver a riqueza que você traz para a minha vida, para a vida da minha filha, de qualquer um que você toca a vida, incluindo a dele e, no final, vai apreciar isso. Eu simplesmente tenho que me lembrar de atentar para o fato de que ele perdeu a

mãe, e honrar sua memória, mantê-la viva para ele, de uma forma que não envolva você. Isso, eu farei. E ele vai corresponder a isso. Tenho certeza.

— Você não pode ter certeza — disse baixinho.

— Com certeza, posso — respondeu com firmeza.

E não parou por aí.

— Ambos concordamos que a maneira como me comportei depois de encontrar Christophe, e depois de encontrá-la novamente em perigo, foi imperdoável. Mas, papoula, — ele se inclinou ainda mais — *você seguiu a Cora errada para dentro da floresta*. Você colocou a *si mesma* em perigo. Mesmo que fosse a Cora certa, teria sido a coisa errada a fazer. Apesar de entender que você estava preocupada com o Chris, foi imprudente.

— Eu já admiti isso — aponte.

— Admitiu. E deixei tudo o que estava acontecendo levar a melhor sobre mim. Falei palavras descuidadas que a machucaram. Esqueci que o meu filho, que deseja tanto ser um homem e agindo, assim, com uma maturidade que está além de seus anos, é apenas um garoto. Também esqueci, com a força de vontade e a força de caráter que você exibe de forma consistente, que você já estava destroçada, e que devia lidar com você com cuidado.

Força de vontade?

Caráter forte?

Ele pensava isso de mim?

E, mesmo diante disso, também achava que eu estava destrozada?

— Eu não estou destrozada — sussurrei.

Sua voz era suave. — Pomba, você está. Sei disso porque você acha que é a minha puta. Sei, porque acha que não tem nada a oferecer, quando só a sua bondade fez com que duas mulheres que não a conheciam há muito tempo, se armarem e se aventurem em uma floresta congelada, no caso de você vir a precisar de ajuda.

Isso, tive que admitir, era verdade.

Só não tinha pensado nisso dessa maneira.

Apollo ainda não tinha terminado.

E voltou a um tema anterior, que eu não tinha processado na primeira vez que o abordou, que praticamente abalou o meu mundo, então, por isso tinha certeza que não estava preparada para ouvir uma segunda vez.

— É minha responsabilidade, como homem que a ama e quer que você seja sua esposa, curar o que está destrozado em

você. Com o Chris, não vou esquecer novamente que devo cuidar do meu filho. Com você, não vou esquecer novamente que devo tratá-la com cuidado.

Olhei dentro dos seus olhos.

Ele olhou dentro dos meus.

Esperei que a sala sumisse. Que a terra tremesse. Que alguém, usando camiseta e calça de brim na moda, corresse para dentro da sala, apontasse para mim e gritasse que eu estava enganada.

Nada disso aconteceu.

Então perguntei: — Você me ama?

— Sim, Maddie, eu te amo — ele respondeu de imediato, e meu estômago afundou.

Mas ele *ainda* não tinha terminado.

— Sendo precisamente por isso que dois dias se passaram, eu precisava me preocupar com o fato nem um pouco insignificante de que estamos em guerra, mas a única coisa na minha cabeça era o olhar no rosto do meu filho, quando me mostrou a sua dor, e o olhar no seu quando me mostrou o mesmo. Assim, pela primeira vez em muito tempo, não acho que já aconteceu antes, eu não tinha ideia do que fazer. Tinha que cuidar do meu filho, me desculpe minha pomba, que precisava

de um tempo longe de você. Mas, mesmo assim, eu não precisava da mesma coisa. E senti mais agudamente, que quanto mais tempo deixava você com as palavras que falei, mais difícil seria para consertar o que eu mesmo tinha destruído. E *ainda* fui incapaz de agir, temendo exatamente este tipo de resposta. Só fiz alguma coisa, porque me disseram que você estava em casa, visitando a Élan, e sabia que não podia tê-la em minha casa e permitir que saísse sem, pelo menos, saber a profundidade do meu pesar e a sinceridade do meu pedido de desculpas.

— Você não sabia o que fazer? — Perguntei, minha voz soando tão chocada, quanto eu estava.

— Nenhuma ideia — respondeu com firmeza, e não era uma admissão.

Era uma declaração.

Oh, céus.

Eu já estava começando a sentir algumas coisas. Um monte de pequenas coisas. Um monte de *grandes* coisas.

Mas, agora, eu estava sentindo muito mais coisas.

E parte disso era confusão.

— Você não passou os últimos dois dias se preparando para me mandar para Estranvege?

De repente, ele abaixou a mão e se afastou.

— Onde você ouviu sobre Estranvegue? — Perguntou com uma voz estranhamente calma, que eu tive a nítida sensação de não ser calma, absolutamente.

Oh, oh.

— Não importa — respondi rapidamente.

— Oh, sim — ele rebateu. — Importa.

— Apollo—

— Onde você ouviu sobre Estranvegue? — Insistiu.

Olhei nos olhos dele e não respondi.

Eu tinha uma pergunta mais importante. Já tinha perguntado isso, mas ainda não conseguia acreditar.

Por isso, perguntei novamente.

— Você está apaixonado por mim?

— Sim, Madeleine — vociferou. — Agora, onde você ouviu sobre Estranvegue?

Ele estava apaixonado por mim.

Apollo Ulfr (o bom) estava apaixonado por mim.

Oh, meu *Deus*.

Oh, sim.

Eu estava sentindo alguma coisa.

Uma coisa muito grande.

— Você está apaixonado por mim — sussurrei.

— Sim — ele me interrompeu, sua mão voltou a envolver o meu pescoço e novamente se inclinou. — Vou perguntar de novo, papoula, onde...?

Eu o interrompi com: — Por quê?

Ele fechou a boca, em seguida, a abriu, para perguntar: — Por quê?

— Sim. Por quê?

Ele balançou a cabeça, confuso. — Por que o quê?

— Por que você está apaixonado por mim?

Ele piscou antes de levar a outra mão para o outro lado do meu pescoço, seus olhos encontraram com os meus, e perguntar em troca: — Por que você me responde com a minha pergunta?

— Porque é obviamente mais importante, saber por que você está apaixonado por mim e porque vou colocar alguém em apuros se eu responder a sua pergunta — finalmente respondi.

— Você faz uma pergunta que não tem resposta — ele retrucou. — Agora, responda uma que realmente tem.

Sério?

Ele achava que a minha pergunta não tinha resposta?

Honestamente, não conseguia acreditar que os homens deste mundo, assim como os do meu, achavam que podiam se livrar com aquela balela de “eu te amo, simplesmente porque te amo, então apenas acredite e me deixe ver o jogo”.

Bem, este homem não podia.

Quero dizer, não havia nenhum jogo para assistir. Havia uma guerra, e, bem, um monte de outras coisas.

Ainda assim.

— Há uma resposta, Apollo — retruquei.

— Você está certa. Há — declarou. — Há uma resposta que levaria uma década para recitar. Mas, como você parece determinada a tê-la, em uma tentativa de responder de forma sucinta, me apaixonei por você porque a trouxe para este mundo, um mundo totalmente novo, e virei as costas para você. Você não ficou ainda mais melancólica e se fechou dentro de si mesma. Você não se tornou assustada, você foi dominada pelos seus medos e se distanciou de tudo. Você desafiou um chef para um duelo de frutos do mar.

Olhei para ele imaginando por que fiz isso.

Não sabia que isso era digno do amor do cara sexy do outro mundo, mas fiz isso.

Apollo continuou falando.

— Me apaixonei por você, porque estava em uma batalha mortal e você não correu, mesmo quando disse para você o fazer. Você pegou a minha espada e acertou um homem na cabeça com um abajur, em um esforço para me ajudar.

Continuei a olhar para ele, principalmente porque estava tão absorta em tudo o que estava acontecendo, que realmente meio que esqueci que fiz isso.

Isso era algo que a Finnie faria.

E a rainha guerreira Circe.

E bem, *eu*.

Apollo continuou a falar.

— Além disso, muitas mulheres bonitas e inteligentes que conheço, foram despedaçadas pelas garras da Franka Drakkar. Ela a atacou e você nem piscou. — Ele parou e fez uma careta para mim. — Até que ela atingiu mais fundo e você se deixou atingir e, em seguida, te envenenar, sem falar comigo sobre isso. Essa última não faz parte do porquê eu te amo, mas é parte de você, então, acaba sendo. Mesmo que, naquele momento, fosse malditamente frustrante.

Eu queria aquilo, tinha exigido aquilo, mas não estava mais aguentando.

Então sussurrei: — Você pode parar de falar agora.

— Certamente — respondeu ele. — Ainda que só vou fazê-lo, ressaltando que nem arranhei a superfície. Por exemplo, não mencionei como você me faz sentir, ao ter você entregando o seu corpo para mim tão livremente, me libertando de uma forma que nunca senti antes. De uma forma que eu valorizo. Uma forma que constrói a nossa proximidade, de uma maneira que também nunca experimentei antes. Ou, o quão magnífico me faz sentir, saber que a minha filha a convida para uma festa do chá e, embora as coisas não estejam bem entre nós, você vem assim mesmo e proporciona a ela o que deseja, mesmo sabendo que isso podia implicar em um confronto comigo.

— Você não parou de falar — ressaltei, com voz trêmula.

— Não, não parei. Mas vou parar. Agora, é sua vez de falar. Como você ficou sabendo de Estranvegue?

— Eu, bem... — Fiz uma pausa. Ele se manteve carrancudo. Então continuei. — Ouvi duas criadas conversando.

Ele não me soltou, mas se endireitou e olhou por cima da minha cabeça para a porta, como se fosse abrir buracos nela, com o olhar ardente.

Mesmo que não quisesse, achei prudente averiguar, então acrescentei: — Elas falaram algumas coisas sobre a sua mãe, seu pai e, humm... a esposa dele.

Ele olhou para mim e, quando o fez, fui eu que senti como se estivesse em chamas diante do calor do brilho deles.

Assim, falei: — Eu meio que gostaria de falar sobre você estar apaixonado por mim, novamente.

— Você ainda deseja voltar para o outro mundo? — Ele perguntou abruptamente.

— Precisamos conversar mais — respondi.

— Você ainda deseja ir para o outro mundo? — Ele insistiu.

Olhei nos seus olhos.

Olhos que pareciam irritados.

Mas eram os olhos do homem que me amava.

Então, sussurrei: — Não.

— Meu amor é correspondido? — Perguntou.

Oh, Deus.

Deus!

Engoli em seco.

Ainda olhando nos seus olhos, sussurrei: — Sim.

Ele deslizou os dedos pelo meu cabelo e, imediatamente, não aparentava mais estar irritado.

Aparentava estar *muito* melhor.

Algo que tornou um homem incrivelmente lindo em um homem mais belo ainda.

Deus.

— Você me ama — ele sussurrou em resposta.

Não repeti a minha resposta.

Repeti outra coisa.

— Precisamos conversar mais, Apollo.

— Sim, por exemplo, sobre por que *você* me ama.

Estava novamente o encarando, mas desviei o olhar quando vi seus lábios se curvarem.

Não achei nada daquilo engraçado. Na verdade, de repente, tudo o que estava acontecendo me oprimiu, todos os sentimentos que reprimi me atingiram, e fechei os olhos para me concentrar em não deixar isso me consumir.

Ele estava apaixonado por mim.

Apollo Ulfr, general do exército de uma rainha, proprietário de vários negócios, pai de dois filhos maravilhosos, estava apaixonado por mim.

Abri os olhos novamente quando senti sua testa encostar na minha.

E no instante em que o fez, ele declarou: — Você tem minha promessa que não vou falar com você dessa forma novamente, Maddie. Não importa o que estiver passando pela minha cabeça, o que estiver sentindo, quão significativas forem as coisas que estiverem me incomodando. Tal como o meu filho, ataquei alguém que amava, esperando que aguentasse a dor que eu estava lhe infligindo, assim podia liberar um pouco da dor que eu estava sentindo. Já tenho idade suficiente para ter juízo. Saiba que me arrependo. O que preciso saber é se você confia que isso não vai acontecer novamente.

— Eu... você... eu — gaguejei, me recompus e terminei: — Confiança é construída.

Ele se afastou um centímetro e declarou: — Sim. Mas, neste caso, deve ser conquistada. É o que eu vou fazer.

Ok.

Sim.

Este homem me amava.

E eu amava este homem.

Ele me irritava. Aquela merda era louca e era extrema.

Mas eu ainda o amava.

Não sabia se isso era incrível ou assustador pra caralho.

As próximas palavras de Apollo não ajudaram.

— Nossa última conversa, antes de você fazer algo tolo, e eu a retaliar cruelmente, — ele fez uma pausa e afirmou severamente — algo que nenhum de nós vai fazer novamente, — parou de novo e esperou até eu concordar com esta demanda através de um aceno de cabeça antes de continuar — foi o início de uma discussão sobre você se mudar para Karsvall. Infelizmente, do jeito que as coisas estão com o meu filho, você não pode fazer isso. Ele ainda está tendo dificuldade para lidar com isso. Não seria prudente.

Balancei a cabeça, porque ele estava certo.

Não seria prudente.

— No entanto, gostaria que você viesse para o jantar — continuou: — Por mim. Pela Élan. Ela sente falta da sua presença nas nossas refeições, como eu. Vamos jantar juntos, observar e avaliar a reação do Chris. Depois, vamos discutir como podemos seguir em frente, a partir daí.

Eu sentia falta dele também.

Da Élan.

Do Chris.

Mas não achava que o jantar era uma boa ideia.

Então disse a ele: — Uh... Chris ouviu o que as criadas disseram também. Ficou claro que isso o assustou. E quando eu, humm... conversei com ele, foi tipo uma... — fiz uma pausa para respirar fundo e concluí: — Despedida.

Vi a mandíbula do Apollo se contrair novamente, antes de relaxar e responder: — Então você não vai vir para o jantar. Vai voltar para a casa anexa. Vou falar com o meu filho sobre o que ouviu. Seguindo em frente, gostaria que Christophe tivesse a minha atenção e presença, e espero que você entenda que ele deve ter as duas coisas sem você estar por perto por um tempo. Dito isto, seria imprudente continuar com sua ausência completa, para que ele possa se acostumar com você. Mas, deste momento em diante, por causa dele, vamos muito mais devagar.

Diante disso, assenti.

— Hoje à noite, irei até você depois que ele estiver dormindo — Apollo declarou.

Ele iria até mim quando Christophe estivesse dormindo.

Engoli em seco.

Então assenti mais uma vez.

— Quando eu chegar, você e eu vamos discutir todas as coisas sobre as quais deseja falar — concluiu.

Encontrei a voz e a utilizei para dizer: — Ok.

Ele encarou o meu olhar e repetiu o meu “ok”, mas o dele foi melhor.

Foi melhor porque seus olhos eram calorosos, sua voz era suave e ele estava usando as mãos para me puxar para perto.

Quando estava a um sopro de distância, o olhar perfurando o meu, ele sussurrou: — Você me ama.

Amava.

Mas não disse isso.

Falei: — Estou com medo.

Uma das suas mãos soltou o meu cabelo para poder acariciar o meu queixo com o polegar, quando algo passou pelos seus olhos, que senti na minha barriga. E não de uma maneira boa.

Soube porque, quando ele disse baixinho: — Prometi mantê-la segura, e fazê-lo de forma que você nunca sinta medo de novo, lhe dar o melhor, e aqui estou, com você tão perto, mas ainda parecendo cautelosa, porque falhei em lhe dar todas essas coisas.

Aquilo o magoou muito, e eu *realmente* sabia o quão ruim era, quando você fazia algo estúpido ou imprudente, algo que afetava outras pessoas.

Uma merda completa.

Sentindo aquilo por ele, disse baixinho: — Lo — e no instante em que o fiz, ele fechou os olhos.

Antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, ele os abriu e prometeu: — Não vou falhar novamente, minha pomba.

Ele estava falando sério.

Cada palavra.

Senti meus olhos ficarem úmidos, enquanto respondia com um trêmulo: — Ok, baby.

Seus dedos enrijeceram contra o meu couro cabeludo enquanto a mão que deslizou até a minha mandíbula descia pela minha espinha e ele murmurava: — E ela se entrega novamente.

Como se eu quisesse provar que suas palavras eram verdadeiras, deixei a capa e as luvas caírem no chão, levantei as mãos e as apertei contra o peito dele.

— Vou cuidar de tudo o que você me der nesse tempo, minha papoula — ele disse.

— Não tenho certeza do que eu te dou, querido — admiti.
— Mas aprecio isso.

— Então, parte de como vou cuidar de tudo o que você me dá, é que vou me assegurar que você entenda exatamente o que é isso.

Achei que era um bom plano.

Apollo estava pensando em outra coisa.

Soube disso quando seu braço envolveu a minha cintura e puxou meu corpo contra o dele. Minha cabeça se inclinou para trás. A dele abaixou. E, então, seus lábios estavam nos meus.

Mas ele não tomou a minha boca.

— Lembre-se desse beijo — ele ordenou em um sussurro, seus olhos encarando os meus.

Não havia muitos beijos que o Apollo tinha me dado dos quais não me lembrasse.

Não compartilhei isso.

Perguntei: — Por quê?

— Porque é especial — ele respondeu.

— Todos são especiais, Lo — apontei e observei seus olhos sorrirem enquanto senti seus lábios fazendo o mesmo.

— São, minha pomba — concordou. — Mas este, o primeiro que vou dar sabendo que você retribui o meu amor, será o que guardarei como o tesouro mais precioso pelo resto da minha vida.

Ok.

Era seguro dizer que não estava mais incerta se amar
Apollo era incrível ou assustador pra caralho.

Era incrível.

Ficou mais incrível quando ele parou de abalar o meu
mundo com suas palavras, e fez outra coisa com a boca, tomando
a minha com um beijo.

Foi profundo. Foi molhado. Foi longo.

E insuportavelmente doce.

Deslizei os braços ao redor do seu pescoço e me derreti no
seu beijo, e fiz isso sabendo que meu homem estava muito certo.

Porque todos os seus beijos eram especiais. Todos eles
valiam a pena ser lembrados.

Mas o primeiro que ele me deu, sabendo que ele me amava,
era o que eu ia guardar como o tesouro mais precioso.

Pelo resto da minha vida.

Capítulo Vinte e Oito

Tive Um Pressentimento

Apollo estava parado no topo das escadas de Karsvall e viu Maddie com Achilles, sobre o cavalo do Achilles, enquanto cavalgavam para o bosque em direção à casa anexa.

Enquanto observava, não se permitiu pensar no que ela tinha dito, incluindo o fato de que estava disposta a voltar para o outro mundo e para a vida que levava lá, se é que aquilo era vida, no fim das contas, em vez de ficar com ele porque a destroçou com suas palavras.

Só pensou no fato de que tinha o seu amor, e esperou que juntos, pudessem superar o resto dos seus problemas.

Seus pensamentos se desviaram para esses problemas e Apollo suspirou quando se virou e entrou em casa, a fim de encontrar seu filho.

Mas parou quando algo chamou sua atenção no canto do olho.

Se virou naquela direção e o que viu o fez apertar os dentes com frustração, pois parecia que, mesmo tendo que resolver um

problema importante, mais uma vez teria que adiá-lo, para resolver outro.

Alguém podia argumentar que nada era mais importante do que a mulher que ele amava e o seu filho.

Exceto, talvez, o destino de dois países.

Ficou parado, olhando o trenó se movendo em direção à casa, dois dos seus homens sobre cavalos liderando o caminho, dois o seguindo. Claramente o tinham interceptado e decidiram acompanhar o piloto do trenó.

Foi uma decisão acertada. Soube disso quando o trenó se aproximou e viu Valeria Drakkar.

Seus homens a guiaram até o pé da escada, onde pararam.

Apollo aguardou e viu enquanto ela se recostava no trenó, olhando para ele por baixo do atraente gorro de pele. Continuou assim por algum tempo, até que se deu conta de que ela estava à espera que ele descesse para abrir a porta do trenó para ela.

Apollo encarou seu olhar, firmou os pés e cruzou os braços sobre o peito.

Viu seu rosto se contrair com aborrecimento, antes de levantar do assento, jogar para o lado as peles que estavam sobre seu colo, e sair do trenó por sua própria conta.

Apollo permaneceu imóvel enquanto a observava subir os degraus, as luxuosas e pesadas peles do seu manto tão compridas, que mal via o movimento dos seus pés enquanto ela subia, fazendo parecer que ela estava deslizando.

Quando estava a dois passos de distância, ele perguntou: — A que devo a honra dessa visita?

Ela parou e olhou para cima, até ele, seus olhos se estreitando. — Saudações a você também, Ulfr.

Ele inclinou a cabeça, mas não disse mais nada.

— Vamos conversar nos degraus da sua casa, ou vai permitir a minha entrada, a fim de que eu possa me aquecer? — Ela perguntou.

Preferia falar com ela nos degraus da casa.

Mesmo assim, suspirou e se virou para a porta. A abriu e se deslocou para o lado, permitindo a sua entrada. Ela passou sem olhar para ele e, enquanto o fazia, ele, infelizmente, sentiu o aroma do seu perfume forte.

Ele a seguiu e fechou a porta contra o frio.

Ele a contornou e percebeu seu olhar antes de apontar com o braço.

— Meu escritório — indicou.

— Meu filho? — Ela rebateu.

— Vou encontrá-lo — falou para ela.

Ela não fez nenhum movimento por longos segundos, antes de inclinar a cabeça para o lado. — Você vai retirar a minha capa?

— Como você não vai ficar mais tempo do que o necessário para explicar por que está aqui, seria um desperdício de esforço ir muito longe com isso.

Mais uma vez, suas feições enrijeceram, mas Apollo ignorou isso e inclinou a cabeça na direção do seu escritório.

— Acredito que você consegue encontrar o caminho. Vou procurar Frey e vamos encontrá-la em breve — disse.

— Seria pedir muito que você enviasse um servo com uma bebida quente? — Ela perguntou.

— De fato, seria — afirmou vagamente e se afastou dela a fim de procurar pelo Frey.

Ele podia estar em qualquer lugar. Na casa anexa, buscando Finnie. Com seus homens.

Felizmente, a caminho do quarto de Frey e Finnie, o primeiro lugar que pretendia verificar, se deparou com sua governanta, que estava vindo na sua direção.

— Temos companhia? — Ela perguntou quando Apollo parou.

— Temos — respondeu. — Vou precisar que sirva um chá quente no meu escritório. Além disso, reúna a equipe para encontrar Drakkar e pedir que ele se junte a mim lá.

— É claro — ela murmurou, balançando a cabeça e se virando para sair.

Ao vê-la sair, Apollo decidiu, uma vez que o destino não estava do seu lado, ao lhe permitir tempo para resolver a variedade de coisas com as quais tinha que lidar, ia aproveitar as oportunidades quando elas aparecessem.

— Lucretia — ele chamou, sua governanta parou e se virou, um olhar de questionamento no rosto. — Chegou ao meu conhecimento que duas empregadas estavam fofocando sobre mim e a minha família nos salões de Karsvall.

Seu rosto empalideceu e seus olhos se arregalaram. Ela entendeu a gravidade do assunto.

Apollo continuou falando.

— Isso não vai ser tolerado. É do meu conhecimento que o meu filho ouviu a conversa. Embora esta não seja uma infração pequena, neste caso, vou confiar em você para encontrar as duas criadas que tiveram este comportamento e lidar com elas. No

entanto, todos os funcionários devem ser notificados que, se acontecer de novo, vou ser eu a lidar com eles. — Ele fez uma pausa e encarou seus olhos antes de concluir. — Pessoalmente.

— Claro, Senhor Apollo — ela respondeu com voz trêmula.

— Agora, por favor, encontre Drakkar.

Ela assentiu com a cabeça e saiu correndo.

Apollo não se apressou a ir para o escritório.

Quando chegou, descobriu que Valeria providenciou seus próprios meios para se desfazer do seu casaco, das luvas e do chapéu. Estavam jogados em uma das cadeiras que ficavam na frente da mesa e ela estava sentada na outra, tamborilando os dedos no braço.

Fechou a porta atrás dele e sua cabeça se virou na sua direção.

— Você sabe, venho de Brunskar em uma missão de urgência e auxílio — ela falou entre os dentes enquanto ele entrava no escritório.

— Na verdade, minha senhora, eu não sabia disso. Perguntei qual o seu propósito em vir até aqui. Você simplesmente não respondeu — falou, se movendo para o lado da mesa mais distante dela, e apoiando uma coxa contra ela.

— Bem, foi o que eu fiz — ela retrucou.

— E, suplico, que missão urgente é esta? — Perguntou.

— Receio que vá ter dificuldade para compartilhá-la, uma vez que a minha garganta ainda está congelada por causa da louca viagem através da tundra — disse ela como resposta.

Apollo observou a mulher, uma mulher da qual nunca tinha gostado, porque ela nunca tinha lhe dado razão para isso, querendo saber como, diabos, tinha parido o Frey.

Então disse a ela: — O chá já foi providenciado. Assim como a presença do seu filho. Embora existam aqueles capazes de grande magia nesta casa, receio que nenhum deles tem ordem minha para estalar seus dedos e fornecer qualquer um dos dois para você.

Ela olhou para ele.

Apollo enfrentou seu olhar e sugeriu: — Talvez possamos começar essa discussão antes do Frey se juntar a nós.

— Se fizermos isso, vou ter que contar a mesma história duas vezes, sendo que poderia contar apenas uma vez.

— Você também pode simplesmente me dizer o que tem a dizer, e eu posso fazer o extremo esforço de passar um relatório para o seu filho.

— Eu sou mãe dele — ela rebateu. — Também gostaria de vê-lo, e ao meu neto.

Ela não mencionou Finnie. Embora Apollo tenha observado isso, não perguntou a respeito, pois não se importava nem um pouco com a resposta.

Nem a Finnie.

Quando ele não respondeu, seu olhar se tornou astuto e ela perguntou: — Você vai ao Bitter Gales?

Ele não respondeu verbalmente. Simplesmente inclinou a cabeça.

— E vai levar a outra Ilsa com você?

Ele respondeu a isso e, mesmo que o modo com qual ela formulou a pergunta o tenha irritado, não permitiu que ela visse.

— Seu nome é Madeleine e ela é minha noiva, por isso, sim. Ela vai ao Bitter Gales comigo.

A astúcia deixou o seu rosto e despeito a substituiu, relembrando-o precisamente por que nunca gostou dela, e ela declarou: — Você deve saber o que todo mundo está falando sobre você e essa... *Madeleine*.

— Na verdade, não sei — respondeu ele. — Também não me importa.

— *Ela* vai se importar, especialmente quando levá-la para o Gales.

— Isso é duvidoso — Apollo respondeu, e teria acreditado que esta afirmação era verdadeira, semanas atrás.

No entanto, Maddie estava vulnerável agora.

Teria que conversar com Frey, Finnie, Lahn e Circe. No Gales, seria necessário manter um olho sobre a sua Maddie e ajudá-lo a mantê-la longe daqueles que causariam danos, intencionalmente ou não.

— Os homens fazem o que querem, e o que os outros pensam não importa — ela retrucou. — As mulheres não agem dessa forma.

Apollo balançou a cabeça. — Tive a única e requintada experiência prazerosa de descobrir com grande plenitude como cada mulher é bastante singular. Estou certo de que há algumas que não agem dessa forma. Também estou certo que há aquelas que agem.

Ela manteve a boca fechada e naquele momento, felizmente, a porta do escritório se abriu e Frey entrou.

Deu uma olhada na sua mãe, o rosto rígido, mas seus lábios murmuraram: — Brilhante.

As costas da Valeria se enrijeceram, imediatamente antes dela vociferar para o filho: — É assim que você cumprimenta a sua mãe?

— Eu diria que sim, já que foi o que eu fiz — Frey respondeu, e Apollo lutou para conter o riso enquanto olhava para suas botas.

— Com as boas-vindas que recebi de vocês dois, estou incerta se gostaria de retransmitir a mensagem importante que foi passada para mim — anunciou.

Frey parou a um metro e meio dela e cruzou os braços sobre o peito.

— Suponho que você pode tomar essa decisão. No entanto, recebi uma mensagem de que o pai não perdeu tempo em peticionar à rainha uma dissolução da união com você. Se isso acontecer, a menos que Calder esteja se sentindo generoso, você vai precisar voltar a ficar na casa deles para conseguir seu sustento. Como foi bastante hostil com eles ao longo das décadas, é duvidoso que vão estar dispostos a fazer isso. E se eu tiver uma conversa com o Calder, temo que ele não vai estar se sentindo muito generoso. Então, por fim, deve estar esperando que Malcolm Turnish irá tomá-la como esposa. Mas suponho que sua permanência em Brunskar, significa que Turnish não lhe ofereceu suas boas-vindas.

Apollo desviou o olhar das botas para a mãe do Frey, viu que seus olhos estavam voltados para o filho e estavam apertados.

— O que, precisamente, eu fiz para você, que o faz sentir que é apropriado me tratar dessa maneira? — Ela perguntou.

— Precisamente, nada — Frey respondeu imediatamente. — E uma mãe que não faz nada, não é mãe, absolutamente. Assim, não tenho nenhum problema em tratar você dessa maneira.

Ela olhou para o filho por um momento, antes de engolir em seco.

Frey a interrompeu.

— Agora, por que você está aqui, sem que nenhum pássaro, ou nenhum homem trouxe notícias de que você viria?

— Minha mensagem era sensível demais para confiar a uma ave ou a um homem — respondeu.

— E a sua mensagem? — Frey pressionou.

Ela inspirou pelo nariz, olhou para Apollo, em seguida, de volta para o filho e declarou: — Antoine pereceu.

— Merda — Frey murmurou enquanto as palavras dela fizeram Apollo desencostar da mesa.

Frey olhou para ele, que balançou a cabeça para Apollo.

Frey voltou sua atenção para a mãe.

— Franka lhe enviou esta mensagem — afirmou.

— Enviou — ela confirmou.

— Como ele morreu? — Apollo perguntou.

Valeria olhou para ele. — Eles o torturaram por uma grande quantidade de tempo. Há um limite que um corpo consegue aguentar. Ele simplesmente pereceu.

Apollo levantou uma sobrancelha. — E eles compartilharam isso diretamente com a Franka?

Ela balançou a cabeça. — Como ela fazia, durante suas discussões com eles, Franka pediu para vê-lo novamente, para determinar sua condição. Foi uma coincidência, e ousado dizer, um grave erro... da parte deles... que, quando abriram o espelho para mostrá-lo a ela, ele deu seu último suspiro.

Diante disso, Apollo sentiu algo que pensou que nunca iria sentir na sua vida.

Pena da Franka Drakkar.

Em seguida, sentiu o olhar do Frey e voltou os olhos para o primo.

— Eles não têm mais nada para usar contra ela — observou.

— E, portanto, ela não teria nenhuma razão para agir por eles — Apollo respondeu.

— Verdade — Valeria colocou e ambos os homens olharam para ela. — Mas Franka é uma Drakkar. Como você ordenou, ela contou a eles que você, erroneamente, chegou à conclusão de que foi Kristian quem estava por trás do complô contra — seus olhos deslizaram para o Apollo — *Madeleine*. Também como você ordenou, ela contou que você o prendeu e à sua família nas masmorras de Brunskar para aguardar o transporte até Snowdon, para ser julgado por traição. Um veredito de culpado, que prevê uma pena da qual toda irmã gostaria de salvar um irmão. Apesar do seu amante estar morto e não terem nada para usar contra ela, seu irmão está preso e o que ele teria que enfrentar, se for considerado culpado, significa que ela tem algo para negociar. E ela está fazendo isso. O plano prossegue como o combinado, com essa alteração.

— Sua exigência? — Apollo perguntou.

— Uma vez que eles tiverem feito o que desejam fazer, Kristian e sua família serão liberados, e assim como o seu irmão, terão permissão para continuar a viver suas vidas, sem restrições por qualquer mal que pretenderam infligir. — Valeria respondeu. — Mas, como você ordenou, ela os tem pressionado a agir e fazer isso rapidamente, agora, a fim de salvar Kristian, ao invés de pararem de torturar o seu amante.

— E nós devemos acreditar que Franka continua a se colocar em risco pelos seus parentes e pelo país? — Perguntou Frey, sua voz cheia de incredulidade.

Valeria apontou o olhar afiado para o filho. — Eles mataram o seu amante.

— De fato — Frey respondeu. — Mas estamos falando da Franka. Tenho certeza que vai encontrar algo para distraí-la, que vai amenizar sua dor.

Ela ergueu o queixo e enfrentou o olhar do filho. — É claro que você não conhece bem a sua prima, meu filho. Eles *torturaram*, então *assassinaram* o único homem que ela amou. Isto não é pelos parentes ou pelo país. Isto é por vingança.

— Nisso eu posso acreditar — Frey murmurou.

— Então eu o convido a crer nisso — Valeria retrucou. — Ela não estava se lamentando em desespero, quando transmitiu a mensagem para mim. Estava decidida. Excepcionalmente determinada. E acredito que você conhece sua prima bem o suficiente para saber o que isso significa.

Foi então que Frey ergueu o queixo.

Ele conhecia.

Nesta conjuntura, bateram na porta e Apollo falou: — Entre.

Lucretia apareceu segurando uma grande bandeja de prata que continha o chá, para quem Valeria disse, irada: — Finalmente.

Apollo a ignorou e se moveu, ordenando à Lucretia: — Sirva Lady Drakkar.

Quando ela acenou com a cabeça, olhou para Frey, mas ele já estava se movendo para a porta.

Uma vez fora do escritório, Apollo fechou a porta e seguiu Frey, que continuou andando.

Pararam a uns três metros de distância do escritório e se viraram um para o outro.

— Seus pensamentos? — Perguntou Frey.

— Gostaria de ter olhado no rosto da Franka quando essas palavras foram entregues. — Apollo respondeu. — Mas não posso acreditar que ela mentiu para sua mãe. Nossas proteções são tais que eles não podem quebrá-las. Se ela compartilhou nosso plano, eles iam saber que era uma emboscada e ela não estaria sugerindo que continuássemos com ele, tal como é. Ela o estaria alterando.

— Concordo. Não há vulnerabilidades em nossos planos e Franka sabe disso.

Apollo assentiu.

— Vou mandar uma resposta através da minha mãe — Frey declarou.

— E vou deixar você fazendo isso. Preciso falar com o meu filho — respondeu Apollo e o foco do Frey sobre ele se intensificou.

— Está tudo bem?

— Nem perto — Apollo confidenciou. — Mas estou trabalhando nisso.

— Não pude deixar de notar que, hoje, Madeleine passou algum tempo no escritório com você — Frey observou.

— Pelo menos com isso, está tudo bem.

— Fico feliz ao ouvir isso, primo — murmurou Frey. — Essa desavença estava preocupando a Finnie. No entanto, sente que não conhece Maddie bem o suficiente para abordar o assunto.

Ele inclinou a cabeça para Frey. — Sinta-se livre para compartilhar esta notícia com a sua esposa, para aliviar suas preocupações. Agora, preciso ver o meu filho. — Olhou para a porta do escritório, em seguida, novamente para Frey. — A fim de descansar antes de viajar novamente, sua mãe é bem-vinda para passar a noite aqui.

Frey sorriu antes de falar: — Muito bem, falou isso sem pestanejar.

Apollo balançou a cabeça, sentindo seus lábios se curvarem.

— No entanto — Frey continuou. — Acredito que ela vai ficar perfeitamente confortável no The Swan.

Frey a queria sob o telhado de Karsvall ainda menos que Apollo.

— Você decide — Apollo murmurou.

Frey assentiu com a cabeça e se virou na direção da porta do escritório.

Apollo se moveu para as escadas.

Encontrou Christophe no primeiro lugar que procurou, no quarto dele.

Seu filho estava sentado à mesa, a cabeça inclinada, uma pena na mão, rabiscando em um pedaço de papel.

Estava tão absorto nesta tarefa que Apollo apoiou um ombro contra o batente da porta e demorou algum tempo observando a concentração do seu filho por longos momentos, antes de ver Christophe pular e olhar na sua direção.

— Papa — disse ele.

— Se você está estudando, Chris, não vou incomodá-lo —
Apollo respondeu.

Chris rapidamente virou o papel sobre a mesa, enquanto balançava a cabeça e dizia: — Não estou estudando.

Estava escrevendo e o que estava escrevendo não era para o Apollo ver. Isso era uma prerrogativa do seu filho, sempre foi e sempre seria. Apollo nunca leu as cartas do Christophe, a menos que solicitado a fazer isso. Na verdade, ninguém lia, a menos que fosse uma atribuição do seu tutor. E Christophe era muito específico sobre quem tinha permissão para fazer isso.

O emocionou quando Christophe havia oferecido esse presente para Maddie, no caminho para Brunskar. No entanto, do jeito que as coisas estavam, desde então, a havia renegado.

Ainda assim, Apollo tomou isso como um convite e entrou no quarto.

Christophe não levantou da cadeira, então Apollo parou há alguns metros na frente da sua mesa.

— Me disseram — começou cautelosamente, não compartilhando quem disse, mesmo sabendo que seu filho ia saber — que você ouviu algumas servas fofocando.

Um rubor invadiu as bochechas do Christophe enquanto ele olhava para baixo, para a pena que ainda estava segurando, uma pena que estava girando nos dedos.

Apollo esperou que Christophe começasse a falar.

Finalmente, ele falou.

— Elas falaram algumas coisas sobre o vovô.

— Eu sei — Apollo falou para ele e recebeu o olhar do seu filho. — Isso é lamentável, Chris. Apesar de lamentável, quero que você saiba que tinha a intenção de compartilhar isso com você quando fosse mais velho.

Uma firmeza obstinada apareceu no rosto do Christophe, a mesma firmeza que Apollo tinha visto várias vezes quando era mencionado que ele era jovem demais para fazer alguma coisa, de modo que Apollo continuou.

— Infelizmente, você sabe disso agora. Provavelmente, não tudo e não vou aproveitar esta oportunidade para compartilhar o resto. Você ainda é muito jovem.

— Mas... — Christophe começou.

— Você é muito jovem, meu filho — Apollo declarou baixinho. — O que eu vou dizer agora, é que há muito tempo, seu avô tomou uma decisão. É minha opinião que foi uma decisão errada. Quando for a hora de conhecer a plenitude desta

história, você vai ter idade suficiente para formar sua própria opinião. Mas, independentemente de qualquer uma das nossas opiniões, tudo aconteceu há muito tempo e não há nada que possamos fazer para mudar isso agora.

Christophe encarou seus olhos e declarou: — Tia Lynne era sua mãe.

— Era, e da forma como pôde ser, foi uma boa mãe.

— Você cresceu sem ela.

— Sim e não. — Dessa vez, foi ele quem encarou os olhos do filho quando compartilhou: — Há muitas coisas que uma mãe aceita fazer para ficar com seus filhos. Minha mãe aceitou tudo isso.

Christophe olhou novamente para a pena. — Você... você tinha que... — ele parou e não falou mais nada.

— Chris, filho, por favor, olhe para mim — Apollo pediu e Christophe ergueu os olhos para o pai. — Eu não sofri. Era a vida que eu conhecia e eu tinha o seu amor. Eu tinha o amor do meu pai. Não era uma situação normal, mas era a minha.

— É por isso que a vovó nunca vem nos ver? — Perguntou.
— Porque não somos netos dela?

— É — Apollo confirmou.

— Ela ainda está com raiva? — Perguntou.

— Eu não tenho como saber. O que sei é que ela ainda sente algo que a mantém longe, e isso pode ser o que ela está sentindo. Ela também pode estar triste. Mas seja o que for, é uma escolha dela continuar afastada.

— Ela foi má com você? — Ele sussurrou.

— Nunca — respondeu Apollo. — Quando fiquei mais velho, pude entender por que ela era do jeito que era, quando estava com o marido. Mas nunca foi assim comigo.

— As criadas disse—

— As criadas sabem de muito pouco e não deviam ter dito nada. E essa, Chris, é a lição que você deve aprender, a partir do que aconteceu. Quando você fala, deve estar ciente do que diz, como isso pode ser entendido e que podem ouvi-lo. Mas, principalmente, se falar sobre qualquer coisa, deve estar certo do que está falando.

Ele acenou para confirmar que tinha entendido a mensagem do seu pai, em seguida, esfregou os lábios antes de perguntar: — Será que... uh, bem... Maddie... ela está...? — Respirou fundo e deixou escapar, falando em voz baixa: — Ela parecia muito triste.

— O que elas disseram a feriu profundamente. Nós conversamos sobre isso e ela está se sentindo melhor agora.

Apollo sentiu alívio o inundar, quando viu o mesmo na face do seu filho.

Não durou muito, no entanto, antes de voltar a parecer perturbado.

Apollo soube por que quando ele perguntou: — Você vai enviá-la para longe?

— Não — respondeu Apollo e quando o fez, infelizmente, seu filho escondeu a reação, assim Apollo não conseguiu desvendar seus pensamentos.

— Elas disseram que você ia mandá-la embora — Christophe observou.

— Elas estavam erradas — Apollo explicou.

Christophe esfregou os lábios novamente.

Apollo não falou nada por um tempo, antes de arriscar.

— Como expliquei, sua irmã e eu desfrutamos da companhia dela. Maddie também gosta da nossa. Pedi a ela para vir para o jantar hoje à noite, mas ela se recusou, preocupada com você e com o que tinha ouvido. Ela também está, simplesmente, preocupada com você. Gostaria que ela se juntasse a nós, em breve. Posso me organizar para passar um tempo com ela, assim como Élan pode, nos momentos que não compartilhamos com você. Portanto, se você não quiser a

companhia dela, preciso que você me diga. — Abaixou o tom da voz quando terminou. — Mas tenho que ser honesto com você, meu filho. Você deve seguir seu coração e espero que sempre compartilhe livremente comigo o que está nele. Me esforçarei para ouvi-lo, sem recriminações. Vou retribuir esse favor agora e compartilhar que, por sua irmã, por mim, e também pela Maddie, espero que você pense muito bem e encontre momentos que todos nós podemos compartilhar juntos. Se não puder, isso vai ser compreendido. Mas isso não nega o fato que espero que você possa.

— Eu acho... — Christophe balançou a cabeça, mas depois continuou falando. — Acho que ela estava tão triste, porque pensou que você ia mandá-la embora.

— Você presumiu corretamente.

Ele esfregou os lábios um pouco mais, antes de observar: — Ela é legal com a Élan.

— Ela se importa profundamente com ela.

Christophe olhou novamente para sua pena, e manteve a atenção nela quando falou: — Você estava zangado com ela porque foi procurar por mim.

— Estava — confirmou Apollo.

— Eu a fiz entrar em apuros — Chris sussurrou para sua pena e o estômago do Apollo se contraiu com esperança.

— Ela e eu temos conversado, Chris — falou baixinho. — E isso é passado. Ela não vai fazer algo tão tolo novamente, mesmo que o tenha feito por causa da sua preocupação com você e Élan, e não vou mais perder a paciência com ela da maneira que perdi.

Christophe não disse nada, simplesmente contemplou sua pena.

Apollo decidiu que já era suficiente.

Então, mudou de assunto perguntando suavemente: — Você já terminou suas tarefas, filho?

Christophe olhou para ele e balançou a cabeça afirmativamente.

— Não testo suas habilidades com a espada já faz algum tempo — Apollo falou e viu os olhos do seu filho se iluminarem. Sorriu e se virou para a porta, ordenando: — Pegue nossas espadas. Te encontro lá fora.

— Mas já escureceu, Papa — Christophe retrucou.

Na porta, Apollo se virou para o filho.

— Então é bom termos tochas. Nem toda luta de espadas é travada sob o sol, Chris. Para estar preparado, você deve ser preparado para qualquer coisa.

Christophe concordou com entusiasmo.

— Espadas — Apollo solicitou.

Ele soltou a pena e levantou da cadeira.

Correu para o seu guarda-roupa.

Apollo respirou fundo e soltou a respiração enquanto saía do quarto.

Só quando estava bem no final do corredor, que se permitiu sorrir.

* * * * *

— E com isso, Princesa Arianna pisou na nuvem...

Apollo parou de ler e olhou para a filha.

Ela estava dormindo.

Ela sempre dormia naquela parte, na terceira vez que ele a lia.

Fechou o livro suavemente e o colocou sobre sua mesa de cabeceira. Tirando cuidadosamente o braço que envolvia, ele rolou para o lado e saiu da cama. Puxou as cobertas para cima e as enrolou nela, antes de se inclinar profundamente e depositar

um beijo na sua têmpora. Em seguida, se endireitou, apagou as lamparinas e saiu do quarto, mantendo a porta aberta alguns centímetros, como ela gostava.

Se encaminhou para o quarto do Christophe e viu a porta aberta alguns centímetros.

Como ele gostava.

Ele a abriu e caminhou através do quarto escuro em direção à cama do seu filho. A luz do corredor mal iluminava o espaço. Portanto Apollo fez uma pausa para seus olhos se acostumarem à escuridão antes de se inclinar sobre o filho, puxar suas cobertas até o pescoço e cuidadosamente o envolver com elas.

Acordado, ele era muito velho para poder fazer isso.

Dormindo, Apollo podia fazer o que quisesse.

Assim, passou os dedos sobre a testa do seu filho, afastando o cabelo da sua pele. Em seguida, se inclinou e encostou os lábios no seu cabelo, antes de se endireitar e se afastar.

Estava no meio do quarto quando ouviu um sonolento: — Papa.

Se virou e respondeu baixinho: — Acordei você.

— Não.

Apollo não disse nada.

Christophe também não.

Quando isso durou algum tempo, Apollo perguntou: —
Você precisa de alguma coisa, Chris?

Houve uma longa pausa antes do Christophe responder: —
Não... eu só... — outra pausa. — Eu só queria dar boa noite.

Apollo caminhou novamente até a cama, se inclinou e colocou a mão ao redor da lateral do pescoço do seu filho.

— Boa noite, meu filho — sussurrou.

— Boa noite, Papa — Chris sussurrou em reposta.

Apollo deu um aperto no seu pescoço, em seguida, se moveu novamente para a porta. Ele a puxou e quase fechou, mas a manteve aberta alguns centímetros, como Christophe gostava.

Então foi até o seu quarto, pegou a capa que estava em cima da sua cama, saiu do quarto e a colocou.

Encontrou Torment como ordenou, selado, esperando por ele no pé da escada da frente de Karsvall.

Montou seu cavalo e o cutucou com os calcanhares.

Torment avançou em um galope através da neve.

Alcançou a casa anexa rapidamente e notou, enquanto fazia isso, que havia luzes fluindo pelas cortinas das janelas em maior quantidade do que o normal. Na sala da frente, no quarto

da Maddie no segundo andar. Na lateral em que a cozinha ficava. Na parte de trás, onde as criadas ficavam.

Guiou Torment até os estábulos, rapidamente o acomodou para a noite e, ao sair, se assegurou de fechar a porta contra o frio.

Em vez de se mover para a frente da casa como faria normalmente, por causa da luz que vinha da cozinha, pensando que, talvez, Maddie estava sentada com as amigas para um papo à noite, se aproximou da porta lateral.

Abriu e fechou-a rapidamente para limitar o frio que deixou entrar. Uma vez que soltou a barra para travar a porta, se voltou para a cozinha e viu apenas Cristiana, sentada em uma cadeira perto da lareira, os pés sobre um banquinho estofado, um xale sobre os ombros, um tricô no colo.

Sua cabeça estava virada para ele e seu rosto inexpressivo quando ela o cumprimentou, muito menos entusiasmada do que normalmente.

— Senhor Apollo.

— Cristiana — respondeu. — Onde está Maddie?

Ela voltou a atenção para o tricô, dizendo: — Sala de estar.

Apollo começou a se mover naquela direção, antes de parar e olhar para a mulher.

— Você não tem um marido para cuidar?

Seus lábios se curvaram quando seus olhos voltaram para ele. — Espero que, a esta altura e com a idade dele, seja capaz de cuidar de si mesmo. — Nitidez entrou no seu olhar quando ela concluiu. — Também tenho uma menina para cuidar.

Sua lealdade à Madeleine era bem-vinda.

Sua insinuação, não.

Ele não disse nada.

Ele só acenou com o queixo e moveu-se para a sala.

Viu que Cristiana estava correta. Maddie estava na sala de estar, e teve um mau pressentimento ao vê-la não reclinada no sofá, lendo ou conversando com Loretta e Meeta, mas na janela. Ela tinha aberto um pouco a cortina e estava olhando para a noite, sua expressão ilegível.

Já a tinha visto assim antes, na noite em que Franka Drakkar tinha dito palavras que atravessaram a sua alma.

Esperava que a discussão anterior entre eles, tivesse lhe dado muito o que pensar, para mostrar que as palavras da Franka eram o que eram: intencionalmente maliciosas e totalmente falsas.

Parecia que não.

— Espero, minha pomba, que Hans e Loretta não estejam lá fora neste frio — brincou, quando entrou no quarto e sua cabeça chicoteou na sua direção. — E se estiverem, espero que Hans a esteja mantendo aquecida. Mas se estiver, acho que é de uma forma que você não devia estar testemunhando.

— Eles não estão lá fora — ela disse e ele parou de avançar para ela, se posicionando no centro da sala.

— Então o que você está olhando, papoula?

— Eu... — olhou para a janela antes de fechar a cortina e se virar para ele. — Nada. Estava pensando. Não sei por que faço isso parada em frente a uma janela gelada, mas acho que é porque parece tão sereno lá fora. Isso me ajuda a ordenar os pensamentos. — Ela encolheu os ombros. — Não há um monte de janelas pelas quais você pode olhar para fora, no meu mundo, e testemunhar imobilidade completa.

— No outro mundo — ele corrigiu.

— O quê? — Ela perguntou.

— Este é o seu mundo, Maddie. É a *do outro* mundo que tem uma quietude limitada.

Ela mordeu o lábio.

Apollo não gostou disso também, mas se manteve afastado e perguntou em voz baixa: — Sobre o que você estava pensando, Maddie?

— Como está o Chris? — Ela perguntou imediatamente em troca.

Se lhe pedissem para adivinhar o que ocupava os pensamentos dela, seria isso.

— Nós conversamos — respondeu. — Considerando o assunto, não havia muito que eu pudesse falar. Isso o frustra pois ele tem quase nove anos, mas acha que é trinta e nove. No entanto, finalizamos a nossa conversa lutando com espadas de madeira na neve. Então acho que, por enquanto, ele está bem.

— Vocês lutaram? — Ela perguntou, os olhos arregalados.

— É só uma brincadeira — explicou. — Élan gosta de festas de chá. Chris gosta de esgrima.

— Oh — ela sussurrou, mas não disse mais nada.

Portanto, pressionou: — Chris era a única coisa em sua mente?

— Não exatamente — respondeu.

Ele sentiu o rosto relaxar enquanto prosseguia. — E o que mais estava na sua mente?

— Bem — ela começou e acenou com a mão. — O outro assunto.

— Meu pai, minha mãe e Lady Ulfr — afirmou.

Ela assentiu com a cabeça e Apollo não demorou em compartilhar o que ela claramente queria saber.

— Como acontece ainda hoje, o casamento do meu pai foi arranjado. Ele podia ter se oposto a isso, mas não o fez. Isso porque, embora tenha vindo de uma casa muito menor, sua pretendida detinha grande beleza.

Ela assentiu com a cabeça novamente enquanto apoiava o seu peso, apoiando uma mão na parte de trás do sofá, para se acomodar e ouvir sua história.

Não gostou disso pois significou que ela tinha ficado longe dele.

Mas sentiu que ela precisava desse espaço, então concedeu isso a ela e continuou.

— Também era uma mulher amável e bem tranquila. Infelizmente, ficou claro no início do seu casamento que ela não podia lhe fornecer um herdeiro. Quando isso acontece, o Chefe de uma Casa pode aceitar isso e o próximo na linha herdará seu título. Meu pai não podia saber disso, pois Achilles nasceu depois de mim, mas agora sabemos que Achilles teria sido o próximo na

linha de sucessão, e teria sido um bom Chefe para a Casa dos Ulfr. Porém, ele devia saber disso, pois meu tio era tão bom homem quanto Achilles. Mas, mesmo se pudesse conhecê-lo, como o homem que era, meu pai ainda teria tomado a decisão que tomou. Uma decisão que muitos Chefes já tomaram antes e até agora, se descobrissem que suas mulheres eram incapazes de proporcionar um herdeiro. Encontrariam uma substituta para que pudessem cuidar dessa tarefa pessoalmente.

Ele soube que esta informação a chocou pela expressão no seu rosto.

Mas tudo o que ela disse foi: — Ok.

— Minha mãe, no entanto, não foi uma substituta — continuou. — Também tinha grande beleza e meu pai sentia alguma afeição por ela. Assim, ele a instalou nessa casa e, se as fofocas forem verdadeiras, aproveitou completamente o fato dela estar aqui.

Ele a viu estremecer, mas mesmo assim, prosseguiu.

— Ela me teve. Como não era uma substituta disposta a proporcionar um herdeiro, embora acredite que ela sabia o seu lugar, ainda esperava poder criar o filho que deu ao seu amante. Isso não aconteceu. Fui criado em Karsvall pelo meu pai e a sua esposa. Embora ela morasse muito perto e eu a visitasse regularmente, não era tão regular quanto a minha mãe teria

gostado. Isso a levou a se proteger contra outra gravidez. O tempo passou e eu era muito jovem para saber o que ocorreu naquela época e como os envolvidos se sentiam a respeito. Só sei que muitos anos depois que ela me teve, meu pai mandou minha mãe embora e fui criado aqui em Karsvall, somente por ele e a sua esposa, vendo minha mãe apenas durante visitas curtas que meu pai permitia.

— Isso é terrível — ela sussurrou, o tom com que disse essas palavras afirmando claramente que sentia exatamente isso.

— É, mas não é — respondeu. — Sei sobre as fofocas, mas aqueles que falam sobre isso, não sabem também como os envolvidos se sentiam sobre o que estava acontecendo. Só sei que Patience Ulfr era uma boa mulher, que pode não ter me criado com adoração, mas essa simplesmente não era a sua natureza. Ela era pensativa. Ela era gentil. Mas era triste. Talvez pelo seu casamento ter se transformado no que se transformou, mas não tenho como saber como eles eram antes de eu vir a este mundo, mas eram muito distantes durante o tempo que passei com eles. Talvez estivesse triste porque eu não era filho dela e ela desejasse seu próprio filho. Talvez a tristeza fosse simplesmente parte da sua disposição. Não posso saber. Nunca perguntei, mas mesmo que perguntasse, ela não era do tipo de mulher que contasse. Porém, independentemente da sua tristeza constante, ela nunca me fez sofrer por isso.

— E a sua mãe?

— Depois que me tornei velho o suficiente para decidir como passar o meu tempo, eu a vi com muito mais frequência. Depois que meu pai faleceu e Lady Patience voltou para sua casa, trouxe minha mãe novamente para esta casa. Ela deixou este mundo um ano depois da Ilsa morrer.

Quando ele parou de falar, ela o observou e não disse nada.

Ele permitiu isso por algum tempo, antes de começar a falar novamente.

— Agora que compartilhei isso, minha pomba, posso perguntar por que você está tão longe?

Ela não respondeu.

Fez a sua própria pergunta.

— É por isso que você parece ter algum problema por eu estar nesta casa?

— É — ele confirmou. — Tenho várias boas memórias dos momentos que compartilhei com a minha mãe nessa casa, antes do meu pai morrer e depois que ela voltou. Mas você não é ela. Não gosto que fique aqui, não só porque me lembra de quem era ela para o meu pai, mas também lembra a todos aqueles ao nosso redor. E não quero que pensem em você dessa maneira, pois não é isso que você é para mim. Você é muito mais.

Ele viu suas feições suavizarem quando observou: — Mas agora, da forma como Chris está se sentindo, não posso me mudar.

— Infelizmente, não pode. No entanto, você estava certa semanas atrás. Por ele, você deve permanecer aqui até que esteja confortável com sua presença lá.

Ela apertou os lábios, parecendo incerta por um momento, antes de perguntar em voz baixa: — Por que você não me contou nada disso?

— Você deve concordar que tínhamos coisas mais importantes para discutir — ele observou e suas sobrancelhas se ergueram.

— Mais importante que isso? — Ela perguntou.

— Completamente — ele rebateu.

— Mas... quero dizer... — Ela balançou a cabeça como se para clarear as ideias. — Apollo, sua mãe, seu pai, crescer dessa maneira, como você deve ter se sentido, não há realmente muitas coisas que são mais importantes que isso.

— Há — ele retrucou. — Você.

No instante em que a última palavra passou pelos seus lábios, a viu endireitar as costas, os lábios entreabertos.

Então viu seus olhos ficarem brilhantes.

E diante disso, decidiu que o assunto tinha terminado por ali.

Então, perguntou: — Agora, você vai vir até mim ou eu vou até você?

Ela, mais uma vez, não respondeu.

Sussurrou: — Eu devia ter contado.

— O quê? — Ele perguntou.

Ela encarou seus olhos, os dela ainda brilhantes, e repetiu: — Eu devia ter contado.

— Papoula...

Ela o interrompeu para explicar. — Eu devia ter contado que o que aquela mulher disse me incomodou profundamente.

— Devia — ele concordou gentilmente.

— Não sou o que ela disse que eu era — afirmou.

— Não — sua concordância para isso foi muito menos suave. — Você não é.

Ele a viu respirar fundo, antes de admitir: — Ainda não sei o que sou.

— Para isso, o que eu preciso perguntar, minha pomba, é por que você precisa ser alguma coisa, além de si mesma?

Ela piscou, como se estivesse extremamente perplexa com o seu comentário.

— Perdão?

— Você é engraçada. É espirituosa. Você é inteligente, leal e valente. E viveu uma vida onde mulheres mais fracas, mulheres como a sua própria mãe, há muito tempo admitiram a derrota. Mas você nunca desistiu. Você não consegue se contentar com tudo o que é você, sabendo que há muito disso, e desfrutar do que aqueles ao seu redor podem lhe oferecer em troca? Mais especificamente eu, que simplesmente quer que você deixe a vida que levou para trás, assim como os demônios com os quais viveu, e ter uma vida onde eu posso te fazer feliz.

E mais uma vez, ela não respondeu.

Olhou para o assento do sofá.

Mas ele viu uma lágrima cair do seu olho e deslizar pelo seu rosto.

Parecia que a visão daquela lágrima solitária ia perfurar seu coração.

— Madeleine, por favor, venha cá — ele sussurrou e ela virou os olhos para ele.

— Você me dá muito — ela sussurrou em resposta.

— Dou. Mas essa balança não é desequilibrada.

— Eu—

— Maddie, pare de falar e me *escute*. Enumerei anteriormente os presentes que você me deu, sendo estas as razões pelas quais eu amo você. E mesmo depois de compartilhar todos eles, você me presenteou com algo que eu valorizo acima de tudo, o seu amor. Não sei como ajudá-la a ver que não há nada que você deve fazer, ou ser, ou dar para os outros, para entender irrevogavelmente que tê-la em nossas vidas vale a pena. Mais uma vez, especificamente, para *mim*, pois tenho você de maneiras que os outros não. Eu tenho o seu coração.

— Isso é suficiente? — Ela perguntou, e diante da sua pergunta, Apollo lutou contra a sensação lancinante que ardeu no seu peito.

E essa sensação louca deixou sua voz rouca, quando declarou: — Quisera eu ter tempo para encontrar o outro eu, para localizar seu pai, ter tempo de uma forma que seguramente não iriam gostar, para expressar *exatamente* como me sinto, por fazerem o que fizeram a você, para que nunca pensasse em proferir tal pergunta.

Ela olhou para ele.

Então disse: — Acho que isso é suficiente.

— Maldição, é — ele falou entre os dentes.

— Ok — ela sussurrou.

— Agora, você tem um segundo para vir até aqui. Se você não...

Ele não terminou de falar.

Ela deu um passo na sua direção.

Então deu outro.

E foi o último passo que ela deu.

O restante do caminho, ela correu.

Seu corpo oscilou para trás quando o dela o atingiu. Mas quando isso aconteceu, ele passou os braços ao seu redor, os dela se curvaram ao redor dos seus ombros e ela aninhou o rosto no seu pescoço.

— Estava esperando, uma vez que deixasse de ficar parada do outro lado da maldita sala e viesse para onde pertence, que você fosse colocar sua boca em outro lugar — ele resmungou, irritado.

O corpo dela tremeu nos seus braços por alguns segundos, antes do seu riso se tornar audível.

Ainda rindo, ela afastou o rosto do pescoço dele, ficou na ponta dos pés e pressionou os lábios com firmeza contra os dele.

Bem melhor.

Não permaneceu assim, pois ela se afastou quase que instantaneamente.

— Assim está bom? — Ela perguntou, com os olhos ainda brilhando pelas lágrimas não derramadas, mas essas lágrimas não iam a lugar algum. Sabia disso porque, por trás da umidade, havia o brilho da diversão.

Sentiu falta desse brilho.

E estava imensamente satisfeito por tê-lo de volta.

— Dificilmente — ele pronunciou lentamente a resposta.

O brilho de divertimento nos seus olhos flamejou, em seguida, diminuiu lentamente, mas apenas para que a pele em volta da sua boca pudesse relaxar enquanto os olhos dela percorriam seu rosto.

Encontrou os olhos dele e sua respiração ficou presa na garganta, diante do que viu quando ela sussurrou: — Então, é essa a sensação de não estar quebrada.

Maldição.

Seus braços estremeceram ao redor dela, mas não conseguiu fazer com que a sua boca se movesse para responder.

Ela não precisava disso.

Tinha algo mais a dizer.

E isso foi: — Amo você, Lo.

De repente, Apollo estava farto de falar.

Então parou de fazer isso.

Mas apesar de ter parado de falar, ainda assim, usou sua boca.

E, em contrapartida, Maddie usou a dela.

* * * * *

No quarto escuro, o peso macio e quente do corpo nu da Maddie descansando sobre ele, os joelhos dobrados na altura dos quadris dele, a testa na sua garganta, os dedos acariciando preguiçosamente a extensão do seu ombro, quando achou que ela estava quase dormindo, e estava ansioso para fazer o mesmo com sua pomba aninhada junto a ele, sentiu o seu movimento.

Não.

Sentiu seu tremor.

— Madeleine?

Ela começou a tremer mais ainda.

Seus braços, que já estavam em torno dela, a apertaram quando ele levantou a cabeça, em uma tentativa de enxergá-la através da escuridão. Essa tentativa falhou. Tudo o que pôde ver foram as mechas do cabelo ruivo brilhando à luz do fogo.

— Maddie — falou de forma mais acentuada.

Ela inclinou a cabeça e enfiou o rosto na lateral do seu pescoço, o corpo tremendo com mais força.

Ele achou que ela estava chorando e não podia imaginar por que, quando uma fungada delicada soou pelo quarto e ela tremeu ainda mais.

Uma fungada que não era de choro.

Era de riso.

Ele a virou de costas, cobrindo-a com seu corpo, e levantou a cabeça para olhar para ela assim que o riso se tornou audível.

Ela se agarrou a ele e quando o fez, riu incontrolavelmente.

— O que é tão engraçado? — Quis saber.

Ela continuou rindo, tremendo e bufando, mas não falou nada.

— Madeleine — ele lhe deu um aperto — o que é tão engraçado?

Ela afastou o rosto do seu pescoço e, ainda rindo, gaguejou:
— Eu... você... eu estava...

Em seguida, apoiou o rosto novamente no seu pescoço, o apertou com mais força e explodiu em novas gargalhadas.

Ele esperou.

Isso levou algum tempo.

Finalmente, o riso começou a diminuir e ele disse: — Agora, será que você podia contar o que é tão divertido?

Ela apoiou a cabeça na cama, mas fez isso ainda o segurando, e encontrou seus olhos no escuro.

— Sabe, — ela começou — praticamente no minuto em que isso começou entre nós, eu me sentia um lixo por causa de todas as coisas que você estava me dando.

Ele achou isso alarmante, mas não teve oportunidade de fazer nenhum comentário.

Ela levantou a cabeça ligeiramente do travesseiro, e deslizou sua mão para o queixo dele.

— Eu gosto de coisas bonitas, Apollo.

Disse isso como se fosse uma confissão, quando ele não conhecia uma viva alma que não gostasse.

Assim, ele respondeu: — Eu também gosto, Madeleine. Todo mundo gosta.

Sentiu seu corpo enrijecer um pouco debaixo dele, e soube que aquele pensamento não lhe ocorrera.

Quando ela não disse nada, ele insistiu: — E isso foi a causa da sua alegria?

— Não. Quer dizer, sim... quer dizer, não inteiramente. O porquê de eu estar rindo é pelo fato de você me dar tanto. Belas roupas. Uma linda casa. Amigos. — Ela fez uma pausa, acariciando o lábio dele com o polegar, antes de sussurrar: — Élan. *Você*.

Ele sentiu o estômago aquecer, mas ela não tinha concluído.

— E agora eu entendo que assim é como as pessoas se preocupam com o outro. Há muitas maneiras de se dar.

Sua voz estava rouca quando ele concordou: — Sim.

Ela deslizou a mão pelo seu cabelo, a fim de puxar seu rosto para perto do dela, enquanto continuava a explicar. — O porquê de eu estar rindo, querido, é que hoje, você me deu algo mais.

— E o que eu te dei foi engraçado? — Perguntou.

— Sim — ela respondeu.

— E o que foi isso?

Ele sentiu seu corpo relaxar sob o dele, quando ela espalmou a mão na sua cabeça e o puxou ainda mais para perto.

E sua voz era provocante, ainda rouca, quando respondeu: — Oh, nada tão grande. Nada como um belo casaco ou um vestido de arrasar. — O tom da sua voz diminuiu. — Só o seu amor e, bem... *eu*.

O calor no seu estômago aumentou enquanto ele deslizava a mão até o lado dela, e perguntava: — Você?

Ela assentiu com a cabeça. — Você me deu para mim. Todas aquelas coisas pelas quais me sentia culpada, e o grand finale foi se apaixonar por mim e me devolver para *mim*.

Com o estômago ainda quente, a área em torno do seu coração também se aquecendo, continuou a deslizar sua mão para cima e para baixo, do peito até garganta, até que alcançou seu queixo.

— Vou te avisar, minha pomba, esse foi quase o grand finale.

Ela virou a cabeça para beijar a palma da sua mão, e o calor dentro dele se intensificou quando ela endireitou a cabeça e sussurrou: — Eu tive um pressentimento.

No momento em que terminou de pronunciar essas palavras, ela levantou a cabeça e apertou a boca contra a dele.

Apollo inclinou a cabeça e tomou o que ela ofereceu.

Em seguida, lhe deu mais.

Capítulo Vinte e Nove

Feliz?

Me joguei no assento levemente desbotado do sofá perto da lareira e murmurei: — Este mundo precisa, pelo menos, de trens.

Ouvi as risadas suaves da Circe e da Finnie enquanto esticava as pernas, com alívio, na minha frente.

— Você vai se acostumar com isso — Finnie falou e olhei para ela.

— É fácil para você dizer isso. — Respondi com um sorriso.
— Você passa a maior parte do seu tempo em um galeão, tendo aventuras em alto mar. Quem se importa se um galeão viaja mais rápido? Você está tendo aventuras em alto mar.

— Eu viajei com frequência suficiente em um trenó, para entender você — ela respondeu.

Imaginei que ela tinha viajado, então não falei nada.

— Amanhã chegaremos em Fyngaard e no Palácio de Inverno, e não vamos ver um trenó por... oh, não sei, pelo menos três dias — Finnie continuou.

— Não é muito — murmurei. — Mas já é alguma coisa.

— Você também vai conhecer Cora e Tor — Circe acrescentou. — Lahn me disse que eles já estão lá, Valentine está com eles, lançando encantamentos ou... o que quer que seja.

Pelo menos ia conhecer Cora (a verdadeira) e Tor.

— O Dream Team²² reunido — murmurei.

Circe sorriu para mim antes de dirigir seu sorriso para Finnie.

Nesse ponto, Meeta desabou no sofá ao meu lado (mas fez isso com muito mais elegância que eu, tinha certeza).

Observando-a fazer isso, me ocorreu que Meeta tinha estado bem próxima a mim, todo o tempo possível, desde que deixamos Karsvall.

Por outro lado, ela era o Spock do meu Kirk. Era ali que deveria estar.

Sem mencionar que na última vez que fizemos uma viagem, as coisas ficaram extremas.

Uma vez acomodada, ela murmurou: — Se eu nunca mais na minha vida sentar meu traseiro em uma daquelas engenhocas que deslizam pelo gelo que gruda nos ossos, vou ficar muito feliz.

²² Seleção de basquete dos Estados Unidos que foi campeã da Olimpíada de Barcelona em 1992. Esse time era formado por grandes astros da NBA e foi campeão invicto, sem perder nenhum quarto. Durante todo o torneio, ganhou as partidas com uma diferença de, no mínimo, 32 pontos.

Diante das suas palavras, comecei a rir.

Obviamente, estávamos a caminho de Fyngaard para acompanhar o Bitter Gales. Todos nós. Os homens do Apolo. Os homens do Frey. E os homens do Lahn. As únicas que não estavam lá eram Lavinia e Valentine. Estavam fora, em missões mágicas inexplicáveis, cuidando da segurança dos dois continentes.

A boa notícia sobre isso era que teria que usar outro vestido de arrasar e participar de um baile, onde a intriga estava em andamento (e o vestido que eu tinha providenciado para o Gales não era simplesmente espetacular, era *impressionante*).

A má notícia sobre isso era que Fyngaard estava há umas duas semanas de cavalgada de Karsvall, e eu estava *farta* dos passeios de trenó.

Claro, a princípio, pareciam incríveis.

Mas depois que você passava zilhões de horas em um trenó, nem tanto.

Diante deste pensamento, Tunahn, que estava brincando no chão, agarrou a minha saia e puxou com força (brincar para Tunahn, incluía encontrar maneiras de entrar em apuros, ganhando assim uma bronca da sua mãe, uma bronca que ia ignorar, pois no instante em que ela o colocasse no chão

novamente, ele alegremente ia se ocupar em encontrar uma outra maneira de entrar em apuros).

Já que ele estava puxando com força e o seu puxão estava deformando a malha da minha saia, me inclinei para frente, o segurei e puxei o grande bebê que se contorcia, para o meu colo.

Olhei nos seus olhos e falei: — É rude puxar a saia de uma mulher.

Sua resposta foi segurar o decote quadrado do meu vestido e puxá-lo.

Eu o abracei, rindo, mas efetivamente o impedindo de me expor a todos, no salão da pousada onde estávamos hospedados.

Abaixei o queixo e vi os olhos escuros, inteligentes, mas irritados, apontados para mim, e disse: — E isso é ainda mais rude.

Ele bateu no meu peito com a mão.

Sorri novamente, mas quando o fiz, senti alguma coisa vindo do outro lado da sala, então virei os olhos naquela direção.

Prendi a respiração quando vi Apollo parado ao lado do Laures, conversando, mas seu olhar estava sobre mim.

E o olhar no seu rosto era sexy, doce e, como todas as outras coisas no Apollo, belo.

Eu gostava desse olhar. Gostava do que esse olhar dizia. Mas enquanto refletia sobre o quanto gostava de tudo isso, senti algo mais e meus olhos se moveram novamente.

Desta vez, viram Chris e meu coração falhou dentro do peito, quando reparei que ele estava prestando atenção no seu pai.

Não estava olhando para ele.

Estava *prestando atenção* nele.

Então meu coração falhou novamente quando os olhos do Chris deslizaram até mim.

Engoli em seco antes de dar um pequeno sorriso na sua direção.

Ele ergueu o queixo em um cumprimento, então olhou para longe.

Progresso.

Apenas um pouco, mas aceitaria o que ele pudesse me dar.

Podemos dizer que as coisas não haviam mudado muito com o Chris, nos três dias que permanecemos em Karsvall, antes de partir para Fyngaard. Na última noite que passamos lá, porém, ele procurou Apollo e disse a ele que estava tudo bem se eu fosse até lá para o jantar.

Mas foi só isso.

E o jantar correu bem. Ele não estava distante. Mas também não foi o mesmo de sempre.

Ele estava vigilante. Vigianto como Élan conversava comigo. Vigianto quando seu pai falava e olhava para mim.

Observando tudo.

Me esforcei para agir normalmente, esperando que, se o pai dele conseguia encontrar coisas para amar em mim, Chris conseguiria, pelo menos, descobrir coisas para gostar em mim.

Ao que tudo indica, não tinha encontrado (ainda).

Mas durante a viagem, às vezes, guiava seu cavalo para perto do trenó em que eu e Élan estávamos. Não era falante como tinha sido quando viajamos para Brunskar, mas Élan era, então ele não precisava ser, e tudo o que ela precisava era que seu irmão fosse mais próximo.

Decidi encarar isso como mais um progresso.

A propósito, Apollo não forçou nada disso.

Eu tinha o meu tempo com ele. Tinha meu tempo com Élan. E tinha meu tempo com os dois.

Chris escolhia o momento de participar da última parte.

Embora as coisas estivessem progredindo lentamente com Christophe, não eram assim com Élan. Tal como aconteceu na nossa última viagem, e mesmo antes de sairmos de Karsvall, ela me queria por perto o tempo todo.

Ela me queria.

Ela me tinha.

Eu tinha me apaixonado pelo seu pai.

Demorou muito menos tempo para me apaixonar por ela.

As coisas não progrediram lentamente com Apollo também. Por causa do Chris, tivemos que retomar as visitas noturnas na casa anexa, ele levantava cedo para tomar o café da manhã com seus filhos, ficava até tarde para poder jantar com eles e não saía até que eles estavam na cama.

Mas Apollo achava momentos para me visitar, para eu visitá-lo, e nós fizemos isso funcionar.

Não.

Era mais do que fazer funcionar.

Isso nos deixava felizes.

Apollo se preocupava com o filho. Isto era verdade. Nós falamos sobre isso muitas vezes.

Mas descobri que ele não mentiu quando disse que ter meu coração era suficiente.

Ele estava simplesmente feliz por ficar comigo.

Eu. Como eu era.

Era incrível.

Depois de dizer que me amava, retribuí esse gesto e, me desfazendo de toda aquela merda que me corroía, as coisas mudaram.

Sem amarras. Sem dúvidas. Sem nada mais me atormentando.

Mais nada destruído.

Tudo saudável, real.

Forte.

Depois de viver a vida que vivi, foi incrivelmente difícil me acostumar.

Mas conheci a felicidade, Apollo a deu para mim.

Conheci a satisfação, Apollo me deu isso também.

Mas essas duas coisas unidas por um sentimento estável e Élan adicionada a isso?

Felicidade pura.

Estes eram os meus pensamentos nos quais estava perdida, quando de repente pulei, porque Tunahn não estava mais nos meus braços.

Estava nos braços do seu pai, que estava se afastando, murmurando para o seu filho em Korwahkian.

Eu não tinha ideia do que ele estava falando.

Circe tinha e soube disso quando ela retrucou: — Lahn!

Ele lhe enviou um olhar tão severo que me fez olhar com espanto para Finnie.

Finnie testemunhou o olhar dele também e, portanto, imitou minha expressão de espanto.

Circe não viu isso. Estava concentrada no seu marido. E não tinha uma expressão de espanto no rosto.

Estava falando alguma coisa entre os dentes para ele, mas na língua de Korwahk.

Sua resposta foi: — *Rayloo, kah Rahna fauna.*

— Não me diga *rayloo, kah Dax* — ela respondeu.

De repente, ele sorriu para ela e diante disso, não exibiu mais a cara de espanto.

Nem Finnie.

Nem Circe. Ela respondeu ao marido soltando um: — Humpf.

Ele se afastou com o filho.

Quando o fez, ela reclamou: — É, realmente, uma porcaria ele ser tão sexy. Ele se livra de um monte de merda por ser assim tão sexy. E ao me chamar de sua *rahna fauna*, ele pode fazer praticamente qualquer coisa. Mesmo fazendo essas coisas de pai idiota. — Seus olhos foram até Finnie. — Você me entende?

— Completamente — Finnie respondeu, e Circe olhou para mim.

— Cuidado com isso — ela aconselhou.

Concordei com a cabeça, incapaz de falar diante da ideia de ter a oportunidade de testemunhar Apollo bancando o pai idiota com uma criança concebida por nós (mesmo que eu soubesse que era algo que não faria). Ao mesmo tempo, estava pensando que meu futuro reservava um monte de oportunidades dele se livrar de um monte de coisas, sendo tão bonito e também utilizando aquele negócio de “minha pomba”.

— O que ele disse para o Tunahn? — Perguntou Finnie, me tirando dos meus pensamentos.

Circe se inclinou. Finnie e eu nos inclinamos. Meeta não se inclinou.

Quando estávamos em posição, em um sussurro, Circe contou. — Ele disse ao seu filho que ele não podia rasgar a roupa de uma mulher até que aprendesse a usar o pênis.

Senti meus olhos se arregalarem.

— Entende o que estou dizendo? — Perguntou Circe, vendo meus olhos arregalados. — Coisas de pai idiota e se livra de ter a bunda chutada por mim, porque é sexy.

Olhei para Finnie. — O Frey faz essas coisas idiotas?

— Não sei — respondeu. — Quando Viktor não conseguia dormir, Frey o levava até o leme do navio no meio da noite e o mantinha lá por horas enquanto navegava pelas águas, conta como uma coisa idiota? E só para observar, estava frio pra caralho lá fora e Viktor estava tão animado por estar com seu pai ao ar livre, que não conseguia pregar o olho, então ficava ranzinza no dia seguinte e com o nariz escorrendo. Isso é uma coisa de pai idiota?

— Sim — respondi.

— Certo — Finnie começou. — Então devo dizer que depois que fez isso, troquei umas palavrinhas com ele. Frey ouviu cerca de quatro delas antes de me agarrar, me beijar e dizer: — Ele é saudável e forte, forte o suficiente para sobreviver a uma corrente de ar, minha pequenina. Deixe isso para lá. —

Então me soltou e se afastou. Mas não precisou me chamar de sua pequenina, ou até mesmo falar. Eu ainda estava hipnotizada pelo seu beijo.

Estava imaginando que devia encontrar alguma maneira de me escorar contra a grandiosidade do Apollo, se chegasse a acontecer dele me dar algo que eu estimasse tanto quanto o seu amor — um bebê — quando Isis engatinhou no tapete entre os dois sofás onde as mulheres estavam sentadas.

Ela estava sendo perseguida pelo Viktor, que tinha uma vantagem injusta. Ele estava andando.

Portanto, ele a pegou, caindo sobre ela, a girando e lhe dando um beijo babado nos lábios rosados e sorridentes.

— Querido Deus — Finnie murmurou e se jogou para trás contra o assento do sofá à minha frente.

Não pude evitar de sorrir, mas o fiz desviando os olhos para Meeta, quando ela falou.

E estava olhando para Finnie.

— Seu filho é saudável e forte, e pode sobreviver a uma corrente de ar. Sei disso porque ele sobreviveu. — Depois de falar isso, olhou para Circe e declarou com lógica: — E é verdade. O seu filho não deve rasgar a roupa de uma mulher até que saiba como usar o pênis.

— Ele só tem um ano — respondeu Circe.

Meeta arqueou as sobrancelhas e perguntou: — Será que isto torna a declaração do seu rei menos verdadeira?

Circe fechou a boca.

Nesta conjuntura, Loretta se jogou no sofá, do meu outro lado e perguntou: — Você está rindo. O que eu perdi?

Todas olharam para ela, mas ninguém disse uma palavra.

Em seguida olhamos para o chão, pois Isis estava gritando, e isso porque Viktor estava de pé e parecia estar tentando levantá-la em seus braços, a fim de fazer Deus sabia o que com ela.

Isso significava que Loretta ainda não ia conseguir uma resposta, porque antes que Circe ou Finnie pudessem fazer qualquer movimento que estavam se preparando para fazer, para separar os jovens pombinhos, Lahn entrou correndo. Pegou a filha e, sem olhar para ninguém, caminhou para fora com ambas as proles seguras fortemente junto ao peito enorme.

Tunahn estava se contorcendo.

Isis imediatamente começou a se aconchegar no pai.

Loretta aproveitou esta oportunidade para alterar a pergunta, esta proferida depois de tirar os olhos do Lahn e direcioná-los para Circe.

— Você disse que tanto Bain quanto Zahnin já foram fisgados?

Mais uma vez, não obtive resposta.

Desta vez, porque estávamos todas muito ocupadas rindo novamente.

* * * * *

— E... assim... a Princesa Arianna pisou... na... nuvem ...

Oh.

Nisso, Élan, que lia para mim, caiu no sono.

Quando o fez, (após sorrir) puxei cuidadosamente o livro das suas mãos e o coloquei sobre o criado-mudo. Então me inclinei sobre ela e beijei o topo do brilhante cabelo escuro. Finalmente, me desvencilhei do corpo aninhado ao meu lado.

Fiquei de pé ao lado da cama e me inclinei para puxar as cobertas para cima e envolvê-la nelas. Depois disso, ela se aconchegou mais ainda e se virou de lado. Concedida uma nova oportunidade, afastei o cabelo do seu rosto e me inclinei mais ainda para encostar os lábios na sua bochecha.

Quando me endireitei, demorei um tempo observando o sono de beleza da menina. Após longos momentos fazendo isso, apaguei a lamparina ao lado da cama, me movi até a lareira,

afastei a tela, joguei alguns troncos nela e fui para o outro lado da cama. Apaguei a outra lamparina e saí do quarto.

No corredor, vi Gaston patrulhando próximo ao quarto da Élan.

Ele também me viu e, com um sorriso, perguntou: — Ela apagou?

— Depois de ler o mesmo livro três vezes, sim, ela finalmente apagou.

Gaston se aproximou, ainda sorrindo, e observou: — Lo lê para ela.

Inclinei a cabeça para o lado. — Desculpe?

— O Lo lê para ela quando está por perto, à noite. Sei disso porque ela gosta quando ele faz isso, então ela fala sobre isso depois. Frequentemente. Mas é ela quem lê para você. — Seu sorriso ficou maior. — Tentando impressioná-la.

Calor me inundou diante das palavras dele, embora tenha percebido que algo mais estava em jogo.

— E ela tem o pai na palma da mão — retruquei.

Seus olhos brilharam e murmurou: — Exatamente.

Isso fez com que mais calor me inundasse enquanto olhava pelo corredor e via um homem do Frey, Lund, parado, em sentinela, no topo das escadas.

Estranhamente, isso não parecia proteção, o que seria um lembrete do perigo.

Estranhamente, parecia apenas uma família.

E não estranhamente, mais calor me percorreu.

— Tudo está seguro, Maddie, pode ir para a cama — Gaston disse.

Olhei por cima do ombro dele, para o outro lado do corredor, em seguida, novamente para ele.

— Você sabe onde o Lo está? — Perguntei.

— Ainda com o Christophe — respondeu.

— Quando ele deixar o Chris e for para o meu quarto, pode dizer a ele que estou com a Loretta?

Gaston assentiu.

Me inclinei e fiquei na ponta dos pés para encostar minha bochecha na dele.

Então disse: — Se não o vir novamente, tenha uma boa noite.

— Você também, querida — ele murmurou.

Me afastei, dei um sorriso para ele, depois segui pelo corredor.

Estava de camisola e robe, chinelos forrados de pele nos meus pés, pronta para ir para a cama, enquanto Loretta e Meeta, como de costume, me ajudavam. Depois, veio o pedido da Élan para que eu a ouvisse ler, assim, fui para o quarto dela enquanto minhas meninas iam para o delas.

Meeta, sem dúvida, estaria agora com o Ruben, no quarto dele.

Essa situação permanecia calma, sem alarde, como era característica da Meeta. Isso não queria dizer que era inteiramente sincera sobre ela. Muitas vezes a vi buscar por Ruben com os olhos, enquanto atravessávamos a neve.

Ela gostava dele.

Infelizmente, não era uma mulher que ia responder (de forma alguma) se eu brincasse com ela sobre isso, e já que isso seria um desperdício de esforço (e uma provocação), não o fiz.

Mas queria poder fazer.

Loretta, entretanto, ia dormir em uma cama vazia hoje à noite.

Surpreendentemente, Hans não tinha feito nenhum progresso.

Não era surpreendente que, depois de uma grande quantidade de tempo ter passado, ele tenha recuado.

Embora isso não o tenha deixado feliz e seu olhar furioso, quase constantemente, destinado à Loretta me dissesse isso. Também dizia praticamente o mesmo para qualquer um que o testemunhasse.

E todos já tinham testemunhado.

Por alguma razão, não aceitava isso muito bem. E, embora tenha feito em tom de brincadeira, mais cedo naquela noite, perguntar pelo status de relacionamento do Bain e do Zahnin, também me pareceu errado.

Ela estava atraída pelo Hans.

Pensei que cederia (eventualmente).

Mas não cedeu.

E também não tinha falado nada sobre isso.

Amigos deviam cuidar dos amigos – imaginei, já que não tinha muita experiência. Mas os amigos que eu tinha agora, pareciam cuidar de mim.

E não estava certa de estar cuidando dela.

Então lá estava eu, indo até a porta dela.

Uma vez que fiz isso, antes de perder a coragem, levantei a mão.

Não bati porque ouvi a porta atrás de mim se abrir.

Me virei naquela direção e vi que Meeta estava parada lá dentro.

— Oi, querida — a cumprimentei.

— Senhorita Maddie — respondeu.

Um calafrio deslizou sobre a minha pele quando vi o olhar no seu rosto.

Já que ela estava me observando atentamente, de uma forma que meio que me assustou, me virei totalmente para ela.

— Tudo bem? — Perguntei.

Ela continuou a me observar e não respondeu.

— Meeta? — Chamei.

Ela inclinou a cabeça para o lado.

Sim, me assustando pra caralho.

De repente, o rosto dela se iluminou e disse: — Está tudo bem.

O frio foi embora.

Se a Meeta dizia que estava tudo bem, ela não ia mentir.

Um braço musculoso apareceu, um braço que envolveu Meeta na altura do seu peito.

Então, o rosto bonito do Ruben apareceu ao lado da cabeça dela.

Ele abaixou o queixo para mim, e exibiu um sorriso feroz.

Meio segundo depois, Meeta desapareceu e a porta se fechou.

Sorri para a porta antes de me virar e bater na da Loretta.

Dentro de alguns instantes, ouvi a tranca girar e a porta se abriu, apenas alguns centímetros.

Quando me viu, a abriu ainda mais e seu cenho se franziu.

— Está tudo bem, senhorita Maddie? — Perguntou.

— Tudo bem, querida — respondi. — Posso entrar por um segundo, para conversarmos?

Ela pareceu confusa, mas abriu ainda mais a porta e me convidou a entrar, dizendo: — É claro.

Entrei no quarto e observei que o fogo na lareira estava alto, a lamparina ao lado da cama estava acesa e um livro estava de cabeça para baixo sobre a coberta.

Me virei para ela. — Me desculpe, você já tinha se recolhido.

— Sempre fico feliz ao receber uma visita sua, senhorita Maddie — respondeu, caminhou até a cama, se sentou na beira, pegou o livro e o colocou na mesa de cabeceira, finalizando: — É boa a qualquer hora, mas definitivamente, muito melhor do que este livro.

Eu a segui e sentei ao lado dela. — Não é bom?

— Não tenho certeza se o herói vai acabar com a heroína.
— Sorriu para mim. — Prefiro um final feliz.

Eu também.

E estava lá para perguntar sobre o dela.

— Tudo bem, querida — comecei. — Só para dizer, não é da minha conta e você não é obrigada a falar sobre isso, mas parece que você conseguiu afastar o Hans.

Ela olhou para os joelhos, murmurando: — Finalmente.

Essa palavra devia ter vindo carregada de alívio.

Mas não ouvi alívio.

E não soube identificar o que ouvi.

— Posso... — fiz uma pausa e ela voltou os olhos para mim
— perguntar por quê?

— Por quê?

— Hans é um bom homem, Loretta, e você gostava dele muito antes do que aconteceu em Brunskar.

Ela olhou novamente para os joelhos e parecia desconfortável.

Ok, talvez tivesse estragado tudo. Talvez, amigos não deversem meter o nariz nos assuntos dos amigos.

Recuando, assegurei rapidamente: — Você não tem que falar sobre isso comigo. É um problema seu. Não meu.

Seu olhar retornou para mim. — Eu sou exigente... — declarou.

— Exigente? — Perguntei.

Ela se virou totalmente para mim. — Gosto de sexo. Definitivamente. Mas sou exigente com quem eu faço. Não tive um grande número de parceiros por causa disso — declarou abertamente.

— Ok — respondi devagar, quando ela não prosseguiu.

— Ele me perseguiu — ela continuou.

— Nós estamos falando sobre a primeira vez? — Perguntei.

Ela assentiu. — Eu pensei que... bem, ele parecia — ela balançou os ombros — interessado em mim. E não somente em sexo.

— E você ficou decepcionada porque ele não estava — imaginei.

— Sim — ela confirmou. — Mas foi mais do que isso. Ficou claro que ele era muito bom, porque gostei muito do que fizemos. Muito mais do que já gostei antes. Mas quando ele não quis mais, pensei que, talvez, eu... bem... eu *não fosse*. Boa nisso, quero dizer.

Opa.

Isso machucava.

Não falei nada e ela continuou falando.

— Por causa da sua perseguição, também comecei a conhecê-lo. E gostei do que conheci. Você está certa. Ele é um bom homem e me tratou de uma maneira que eu gostei. Em seguida, depois que me teve, depois de tudo aquilo... foi embora.

Senti minha boca enrijecer.

Hans idiota.

— Sei que deve ter sido horrível — falei, estendendo a mão e segurando a dela.

Seus dedos se enroscaram nos meus enquanto ela concordava. — Foi. Doeu muito. E me fez ficar com raiva, quando, de repente, ficou interessado em mim novamente, depois do que aconteceu em Brunskar. Era como se tudo o que

— tinha acontecido antes, tivesse sido uma brincadeira. Ele conversou comigo, como se quisesse me conhecer, mas era um meio para um fim. Ele não queria me conhecer. Acho que ele nem mesmo me ouviu. Só fez isso para conseguir o que queria. Então, depois do que aconteceu em Brunskar, de repente, foi como se ele tivesse decidido que eu valia a pena—

— Quando você já valia antes — concluí por ela.

— Espero que sim — respondeu.

— Valia — assegurei a ela. — Você vale.

— Espero que sim, senhorita Maddie — sussurrou.

Apertei sua mão e me inclinei. — Você valia. Você *vale*. — Repeti com firmeza e cheguei mais perto. — Descobri, muito recentemente, que há coisas dentro de nós que temos para oferecer, e da forma com a qual aqueles que nos rodeiam se comportam, como nos tratam, pode não nos deixar ver o que temos a lhes dar. Gostaria de pensar, querida, que também acontece no sentido inverso. Que aqueles que nos rodeiam não conseguem ver o que temos a oferecer, até que algo acontece, de repente — apertei a mão dela com a minha — *eles veem*.

Ela não disse nada, então continuei.

— E podemos simplesmente dizer que o que aconteceu em Brunskar, o que você e Meeta fizeram por mim, foi uma coisa

gigantesca. Na verdade, em tempos normais, demonstrar esse tipo de bravura, poderia não acontecer jamais. E Hans é um homem que valoriza demais a bravura, lealdade, coisas que você exibiu em abundância. Assim, pode nunca ter reconhecido tudo o que há em você, porque não estava abrindo os olhos para ver, mas também porque não houve oportunidade para ele ver tudo o que existe.

Respirei fundo antes de falar a parte mais difícil.

— Mas tenho que admitir, da maneira como você explicou, odeio dizer isso, pareceu que o Hans estivesse só se divertindo um pouco.

— Sim — ela disse baixinho.

— Mas então ele *enxergou* você.

Ela me estudou por um momento antes de declarar: — Você quer que eu fique com ele.

Balancei a cabeça. — Eu quero que você faça o que quiser. O que você merece. Simplesmente não consigo evitar, mas acho que você o queria antes, muito mesmo, e embora entenda totalmente o porquê de não o querer agora, não consigo esquecer de como você se sentiu antes. Mas no fim — dei outro aperto na mão dela — só quero que você seja feliz.

— Eu... bem... — ela gaguejou, em seguida, olhou para o lado e, de repente, exclamou: — Oh, porcaria!

— O quê? — Perguntei.

Seus olhos voltaram para os meus. — Agora estou com raiva porque ele parou.

Pisquei, antes de repetir: — O quê?

— Eu... eu... bem, senhorita Maddie, devo admitir, eu queria saber se desta vez seu interesse era genuíno, se era *maior*, então estava — sua expressão mostrava vergonha e constrangimento — *testando* ele.

Oh, Jesus.

— E ele desistiu — ela continuou.

Merda.

— Agora eu não sei o que fazer — ela confidenciou. — Porque ele está fazendo apenas o que eu *disse* a ele para fazer, que é me deixar em paz, e não fazendo o que eu *quero* que ele faça, que é lutar para me conquistar.

— Você quer que eu dê uma palavrinha com ele? — Perguntei, esperando que ela não quisesse, porque Hans gostava de mim, mas tinha a sensação que ele não ia gostar que eu me envolvesse.

Ainda assim, falaria.

Pela minha Loretta.

Diante do que ela imediatamente (e felizmente) gritou: — Não!

— Ok — falei apressadamente. — Não vou falar com ele.

— Eu cometi um erro terrível — declarou. — Ele é muito bonito e pertence à uma Casa e, desde Brunskar, quando não estava sendo mandão e chato, foi muito doce. Tive sorte de chamar sua atenção, em primeiro lugar.

Oh não, ela não teve.

— É aí que você está completamente errada — disse a ela.
— Ele teve a sorte de chamar sua atenção. Você é linda, querida, cada parte de você. Por dentro e por fora.

Ela me deu um pequeno sorriso enquanto sua mão apertava a minha, mas, em seguida, o sorriso desapareceu e ela olhou novamente para os joelhos.

— Eu não sei o que fazer.

— Bem, não sou nenhuma perita em relacionamentos, não chego nem perto — comecei, e ela olhou para mim.

— Não chega nem perto?

— Humm... bem, vamos apenas dizer que não sou muito boa nesse tipo de coisa — expliquei.

— Mas o Senhor Apollo adora você.

Ele adorava, de fato.

Não conseguiria reprimir o sorriso que aquela lembrança causou, então não o fiz.

Então mantive o foco.

— O que eu estou dizendo é que, embora tenha fisgado o meu homem, e ele é um dos bons, antes disso houve um período atribulado, onde cometi alguns erros. Portanto, aceite o meu conselho sabendo disso. Mas acho que vocês dois precisam parar de jogar esses joguinhos e cair na real.

Suas sobrancelhas se ergueram. — Cair na real?

— Converse com ele. Fale sobre os seus sentimentos. Conte como ele a magoou antes, explique que o admira e que não quer ser apenas uma transa. — Quando ela pareceu confusa novamente, eu disse: — Apenas sexo. Se não estiver interessado, diga a ele que você quer saber, pois assim ambos podem seguir em frente. Mas se for mais do que isso para ele, então você vai saber.

— Ele pode ficar com raiva de mim por jogar estes... joguinhos.

— Pode — concordei. — Por outro lado, pode perceber que pediu por isso e engolir calado.

Ela olhou para mim. — Às vezes, você fala de maneira muito estranha, senhorita Maddie.

Era uma merda ter que manter segredo para um amigo, sobre quem eu realmente era, e este era o tipo de momento que fedia mais.

Ainda assim, ela não podia saber, então não pude responder nada.

Em vez disso, falei: — Nós temos maneiras diferentes de dizer as coisas de onde eu venho, em Vale.

— Reparei — ela murmurou.

Estava na hora de deixá-la sozinha, então encostei meu ombro no dela e levantei nossas mãos, fazendo uma oferta. — Se você precisar falar sobre esse tipo de coisa, ou qualquer outra coisa, estou aqui. E se não quiser falar sobre isso, tudo bem também. Só quero que saiba que pode contar comigo. Sim?

Ela sorriu, e desta vez seu sorriso não era pequeno. — Sim, senhorita Maddie.

Retribuí seu sorriso. — Durma bem, querida.

— Você também.

Soltei sua mão, mas me virei para lhe dar um abraço. Ela o retribuiu. E quando seus braços se fecharam à minha volta, me perguntei como tinha vivido por tanto tempo uma vida intocada por boas pessoas.

Por outro lado, não importava.

Porque eu não vivia mais aquela vida.

Eu a soltei, me levantei da cama e pisquei para ela antes de me dirigir para a porta.

Quando cheguei no corredor, notei que Gaston estava na outra extremidade e Lund ainda estava na mesma posição, no topo das escadas.

Mas enquanto caminhava para o meu quarto, também notei que a porta de um dos quartos estava ligeiramente aberta.

Era o quarto do Christophe.

Pensei que Apollo a tinha deixado aberto por algum motivo, e estava me perguntando por que, quando cheguei mais perto e vi o olho do Christophe espiando pela fresta.

Olhei rapidamente para longe, sua posição me dizendo que ele não queria ser pego espreitando, tentei lembrar de dizer ao seu pai que ele ainda estava acordado e que algo estava acontecendo, enquanto passava pela sua porta fingindo que não sabia que ele estava lá.

Dei dois passos quando o ouvi falar. — Senhorita Maddie.

Meu coração acelerou dentro do peito, quando me virei e vi que ele tinha colocado a cabeça para fora da porta.

Seus olhos estavam em mim.

E ele estava se dirigindo a mim.

Estava falando comigo.

— Está tudo bem, Chris? — Perguntei.

Ele virou a cabeça para olhar para o outro lado da sala, em seguida, olhou novamente para mim.

— Você falou para a Loretta ficar com o Hans?

Olhei para ele, surpresa com a pergunta.

Uma pergunta que colocou testemunho no fato de que Chris não observava apenas seu pai, sua irmã e eu.

Parecia que Chris prestava atenção a tudo.

Então me obriguei a falar. — Humm... bem, não. Não exatamente.

Ele pareceu desapontado.

— Ela está... — não sabia o que compartilhar e decidi falar:
— Ela tem alguns problemas.

— Hans gosta dela — afirmou.

— Bem, sim — respondi.

— O belo soldado deve conquistar a donzela que deseja no fim da história — declarou e senti meus lábios se curvarem, enquanto lutava para não sorrir.

— Você está absolutamente certo — disse a ele.

— Então, o que há de errado com Loretta? Ela está arruinando a história — falou.

Novamente contive um sorriso, fazendo isso pensando que queria conversar com ele. Chegar mais perto. Para me abaixar em frente a ele e encarar seu olhar quando falasse minhas próximas palavras.

Mas isso não era um pequeno progresso.

Era um enorme progresso.

Então, não forcei isso.

— Algumas histórias têm voltas e reviravoltas, Chris. Pode ser que essas voltas e reviravoltas façam Hans conquistar Loretta. Pode ser que ele pense que ela é a moça que ele deseja, mas uma outra está no horizonte e vai ser aquela que ele vai pretender conquistar, e vai conseguir. Como acontece com qualquer boa história, só temos que vê-la se desenrolar e observar.

— Ela é a donzela que ele deseja — Chris informou com autoridade. — Eu o ouvi dizer ao Remi que ele a acha muito bonita.

— Fico feliz em saber disso — respondi baixinho.

— Então ela precisa parar de ser tão teimosa — ele afirmou.

— Bem, espero que tenha dado a ela algumas coisas para pensar, no que diz respeito ao Hans — compartilhei.

— Espero que tenha — concordou.

Diante disso, me permiti sorrir e disse calmamente: — Mas nós vamos apenas ver o seu desenrolar, não é?

Ele estava olhando para o meu sorriso. Elevou os olhos e assentiu.

— Agora, quer que eu encontre o seu pai e peça a ele para vir te acomodar, ou você está bem? — Perguntei.

Sua cabeça (a única coisa que eu podia ver através do batente) se ergueu uns cinco centímetros, antes de declarar: — Eu posso me acomodar.

— Claro — murmurei. Em seguida, mais alto, falei: — Durma bem, querido.

Algo mudou na sua face diante do carinho. Algo que não conseguiu determinar com exatidão, antes dele falar: — Durma bem, também.

E sem mais delongas, sua cabeça desapareceu e ele fechou a porta.

Me virei rapidamente, girando com alegria.

Acenei para Lund e Gaston enquanto corria pelo corredor, me contendo para não pular.

Abri a porta e vi Apollo sentado em uma cadeira no meu quarto, tirando a bota. Ele ergueu a cabeça, sua expressão se tornou suave quando me viu, gostei muito disso, e fechei a porta atrás de mim.

— Tranque a porta, minha papoula — ele ordenou.

Não tranquei.

Me permiti pular através do quarto até ele, vendo ele me observar enquanto largava a bota e se endireitava na cadeira.

Quando cheguei perto dele, me permiti dar um giro e o finalizei caindo no seu colo.

Seus braços, instantaneamente, se fecharam à minha volta.

Levantei as mãos imediatamente e as bati contra o peito dele.

— Adivinha? — Perguntei.

Ele estava sorrindo para mim enquanto perguntava: — O quê?

Cheguei mais perto e, quando estávamos quase nariz contra nariz, compartilhei: — Chris me chamou quando eu estava passando no corredor e *começou uma conversa comigo*.

Seus olhos brilharam, seus braços convulsionaram e seus lábios se curvaram mais acentuadamente.

— Bom — ele murmurou e eu me atirei para trás, para longe dele.

— Bom? — Perguntei antes de bater minhas mãos no peito dele e me inclinar novamente. — *Ótimo!*

— Sim, minha pomba, é ótimo — concordou, seus braços se estreitando ainda mais à minha volta, me puxando para perto, os olhos cor de jade brilhando com diversão. Calor tomou conta deles antes de sussurrar: — Feliz?

Ele queria muito que a resposta fosse sim.

Ele trabalhou duro para que essa resposta fosse sim.

Por isso, com profunda satisfação, deslizei minha mão sobre o seu peito, envolvi o seu pescoço e sussurrei em resposta: — Muito.

Ele abaixou a cabeça para seus lábios ficarem a um sopro de distância dos meus.

— Agora, vamos ver se eu posso fazer você ficar mais feliz.

Suas palavras. O tom da sua voz. O calor que tinha tornado seus olhos calorosos.

Me contorci.

— Ok — sussurrei.

— Vá trancar a porta, minha pomba. E quando se juntar a mim na cama, quero apenas você, e não suas roupas, se juntando a mim.

Eu podia *realmente* fazer isso.

Assim, sem um segundo de hesitação, fiz.

* * * * *

Deus, ele estava me matando.

— Lo — sussurrei.

Apollo e eu estávamos debaixo das cobertas, um diante do outro, na cama. Nus. Ele tinha minha perna estendida sobre o seu quadril, a coxa dele engatada entre as minhas pernas, e seus dedos estavam brincando lá, como tinham estado por um longo tempo.

Um tempo muito longo.

— Olhe para mim, Maddie.

Levantei o olhar desfocado da sua garganta, pressionei os quadris contra a mão dele e encarei seus olhos enquanto seus dedos deslizavam para longe.

— *Lo* — Sussurrei novamente e, desta vez, foi um apelo.

Sua boca veio até a minha, os olhos presos nos meus, e seus lábios sussurraram: — Case comigo.

Todo o meu fôlego me deixou.

Ok.

Agora isso...

Isso era uma proposta de casamento.

Seus dedos deslizaram novamente para o meio das minhas pernas, e simplesmente se afastaram mais uma vez.

— Case comigo, Maddie — repetiu.

Oh, Deus.

— Apollo — disse o nome dele baixinho, mas não falei mais nada.

Não pude. Seus dedos voltaram a deslizar sobre o meu clitóris, em seguida, se moveram para baixo, um deles parando na entrada da minha vagina.

— Diga que vai se casar comigo — ordenou suavemente.

Mordi o lábio.

Seu dedo deslizou.

Eu solucei.

— Diga, papoula.

— Eu vou casar com você, baby.

Seu dedo me penetrou.

Fechei os olhos, empurrei o quadril contra a mão dele e arqueei as costas.

Apollo moveu a boca para o meu pescoço, enquanto deslizava o dedo para fora.

Quando o deslizou para dentro, perguntou: — Você vai passar o resto da sua vida comigo?

— Sim.

Seu dedo saiu, em seguida entrou.

— Feliz.

— Sim, Lo,

Para fora, em seguida, para dentro.

— Ao meu lado.

— Sim, querido.

Fora, dentro e, em seguida, circulou suavemente.

Sim.

Deus.

Ele estava me matando.

E eu adorei.

— Sempre ao meu lado — continuou.

— Absolutamente.

— Você vai tentar, e fazer um bebê comigo?

Meu corpo enrijeceu e minhas mãos, que estavam no peito dele, o pressionaram mais.

Mas a minha resposta à sua pergunta foi: — *Por Favor.*

No segundo em que ouviu isso, levantou a cabeça, tomou a minha boca com um beijo profundo, molhado, ardente, enquanto deslizava o dedo para fora e apertava o corpo grande contra o meu.

Caí de costas, Apollo me cobriu e seus quadris se encaixaram entre as minhas pernas. Ele interrompeu o beijo, se apoiou em um antebraço, a outra mão entre nós. Senti a cabeça do seu membro deslizar onde os dedos tinham estado.

Mas não me penetrou.

Levantei a cabeça e encostei o rosto no pescoço dele.

— Lo, por favor.

Ele percorreu minha orelha com a ponta do nariz, antes de fazer o mesmo com a língua, enquanto esfregava a ponta do seu pênis contra o meu clitóris.

Engoli em seco.

— Você me ama? — Sussurrou no meu ouvido.

— Sim — sussurrei contra a sua pele.

— Diga.

— Eu te amo, baby.

Ele deslizou o pênis para baixo e o colocou exatamente onde precisava colocar.

Mas não me penetrou.

— Diga isso de novo.

— Eu te amo, Lo.

Ele me deu alguns centímetros.

Me esforcei para ter mais, passando os braços em volta dele, levantando meus joelhos nas suas laterais.

— Mais uma vez, papoula.

— Amo você, Lo — sussurrei.

Ganhei mais alguns centímetros.

Mordi o lábio e deslizei a mão pelas suas costas, para entrelaçar os dedos no cabelo dele.

Sua voz estava rouca quando ordenou: — Mais uma vez.

— Eu amo você.

Mais alguns centímetros.

— Amo você, querido — repeti sem ele precisar pedir.

E foi aí que entendi tudo.

Por outro lado, eu já tinha tudo.

Apollo tinha me dado.

Estava apenas me dando mais.

Ele se moveu e eu movi com ele, ouvindo sua respiração acelerar contra o meu ouvido, a sentindo arrepiar a minha pele.

Ele se moveu mais rápido, com um impulso mais forte, e escutei sua respiração enquanto ficava mais forte, meu corpo formigando em todos os lugares, o orgasmo chegando.

Eu o agarrei com as mãos, pressionando as coxas nas suas laterais, e balbuciei: — Baby.

— Tome-o, Maddie — ele grunhiu, me penetrando profundamente.

Eu o tomei, segurando firme, empurrando meu rosto no seu pescoço, enquanto ele continuava estocando em mim, o meu clímax me sacudia e eu o segurava.

Então ele afundou os dentes no lóbulo da minha orelha, o beliscão da dor irradiando para baixo, se tornando uma coisa completamente diferente, enquanto ele gozava e gemia no meu ouvido.

Aguentei seu peso, absorvi seu calor, sua força, enquanto a minha me deixava, e a dele o deixava.

Então o senti beijar a lateral do meu pescoço.

Descendo lentamente, beijou meu ombro.

Mais para baixo de novo, onde beijou meu peito.

E mais para baixo, onde beijou meu umbigo.

E ainda mais para baixo, onde beijou meu ventre.

Erguendo a cabeça, olhou nos meus olhos e deslizou para cima. Tocou a minha boca com a dele, levantou ligeiramente e alcançou a cabeceira.

Ele pegou um pano, seus olhos voltaram para os meus, gentilmente pressionou o pano entre as minhas pernas e limpou sua essência, antes de jogá-lo no chão, ao lado da cama.



Me envolvendo com os braços, me levou com ele enquanto rolava e levantava para apagar uma lamparina, fazendo o mesmo com a outra.

Finalmente se acomodou, eu em cima dele, absorvendo o meu peso, absorvendo o meu calor, e puxou o cobertor sobre nós dois.

Apoiei o rosto no pescoço dele, enquanto passava os braços ao redor dele, o melhor que pude.

— Feliz? — Sussurrei.

— Completamente — ele sussurrou em resposta.

— Segure firme, baby. — Continuei a sussurrar, e os braços dele ficaram super apertados em volta de mim.

Então sorri contra a sua pele.

Capítulo Trinta

O Plano Está Em Vigor

— Oh, meu Deus — Élan suspirou. — Aquele é o Príncipe Negro?

Não respondi de primeira. Estava muito ocupada olhando para o homem e a mulher que estavam no topo das escadas de um palácio incrível pra caralho, que estava em uma cidade incrível pra caralho, na base de alguma, você adivinharia, montanha incrível pra caralho.

Eu sabia que a mulher era Cora, a Benévola.

Também sabia que o homem era o príncipe Noctorno de Hawkvale, regente de Bellebryn, conhecido como o Príncipe Negro. Tinha visto suas imagens feitas à pena nos jornais de Vale, também.

Elas simplesmente não lhe faziam justiça.

De forma alguma.

E, ao olhar para ele enquanto guiava nosso trenó para o pé das escadas (ou, mais corretamente, os cavalos se moveram para lá sem muita direção da minha parte, já que eu não estava prestando atenção), imaginei se toda aquela loucura era sobre

Frey comandar dragões e tal, Lahn ser poderoso e tal, Tor compartilhar sua alma com a esposa (e tal), e Apollo comandar os lobos.

Estava achando que aquelas bruxas, umas cadelas, estavam com ciúmes porque os nossos homens eram *sexys*.

Sério.

Lutei para encontrar a voz e disse: — Acho que é ele, doçura.

— *Uau!* — Ela respondeu.

Ela podia dizer isso de novo.

Eu a puxei para mais perto enquanto começava a prestar atenção e guiava nosso trenó até parar. Pude fazer isso depois que desviei os olhos do pedaço de mal caminho que era o Príncipe Negro. Então, olhei para a outra pessoa parada nos degraus, ao lado do Tor e da Cora.

Era uma mulher com uma postura muito ereta, os olhos voltados para baixo, vestindo um manto feito de peles marrom escuras tão brilhantes, que eram quase (quase) tão fabulosas como o cabelo de Élan.

Uma mulher que levava a realeza a extremos.

Uma mulher que devia ser a mãe da Finnie (meio, ela era a mãe da outra Sjöfn, mas tinha adotado Finnie).

A Rainha Aurora.

Sem demora, parei o trenó quando Finnie colocou Viktor no meu colo, pôs a mão na lateral do trenó e jogou as pernas para fora dele.

Então subiu correndo as escadas e, mesmo com a Rainha de Lunwyn olhando para baixo e sem mover um músculo, Finnie não hesitou em se atirar nos braços da mulher.

Observei a Rainha revirar os olhos para o céu azul e gelado.

Também vi seus braços envolverem com força a filha adotiva.

Que doce.

Não pude assistir mais porque Apollo preencheu minha visão, e fez isso ao se aproximar do trenó e puxar Élan sobre a lateral.

Ela riu quando ele fez isso, por nenhuma razão aparente diferente da que lhe proporcionou uma oportunidade de rir.

Então sorri quando ela fez isso, sem nenhuma razão, exceto por achar bonito.

Movi Viktor para o meu quadril enquanto levantava e os cobertores de pele deslizavam do meu colo.

Apollo abriu a porta do trenó e Frey estava lá.

Estendeu a mão para o filho e eu o entreguei.

Ele o pegou, murmurando: — Minha gratidão, Maddie — em seguida, se virou e caminhou até as escadas.

Saí do trenó ao mesmo tempo que Apollo falou: — Chris!

Chris já tinha desmontado e estava se movendo na nossa direção. Senti a mão do Apollo segurar a minha e levantá-la. Ele a envolveu em torno do interior do seu cotovelo e me movi para perto dele, quando pegou a mão da Élan.

Para minha alegria absoluta, um prazer que significou inclinar a cabeça para trás, para poder mostrar meu sorriso de felicidade para Apollo, Chris tomou lugar ao meu lado.

Observando meu sorriso, os lábios do Apollo se curvaram e ele voltou sua atenção para o palácio.

Assim, todos nos movemos para os degraus.

E quando fizemos isso, Apollo murmurou: — Isso me deixa feliz.

Isso me deixava feliz também.

Um grande momento.

— O que, Papa? — Perguntou Chris.

— Que Maddie vai conhecer o Príncipe Nocturno de uma forma normal, não no meio de um resgate.

Eu não sorri diante disso. Virei o olhar na sua direção.

Ele sorriu maliciosamente para mim.

Chris começou a rir.

Instantaneamente, parei de olhar.

Apollo me puxou para mais perto do seu lado e voltou sua atenção para os degraus, nos guiando.

Desejei que tivessem câmeras neste mundo, para que pudesse ter uma imagem da nossa aproximação. Eu realmente, *realmente* desejei.

Infelizmente, não tinham.

Então guardei o momento na memória.

— Aurora é a nossa rainha, Maddie — Apollo disse baixinho. — Você precisa fazer uma reverência.

— Falou — murmurei em resposta e tive a minha mão enfiada mais fundo no seu lado.

— Lembre-se, minha preciosa, você também precisa fazer uma reverência — Apollo instruiu a filha.

— Tudo bem! — Ela cantarolou.

Ele nos parou dois degraus abaixo da rainha Aurora e eu pude sentir Lahn e Circe nos seguindo com os olhos. Esperamos enquanto ela se inclinava e encostava os lábios no rosto do seu

neto, em seguida, Frey se moveu com a família de Aurora, em direção à Cora e Tor, então Apollo nos guiou até os últimos degraus.

Ele soltou a mim e à filha e se inclinou em uma profunda reverência.

Fiz o meu melhor ao me abaixar e me curvar em uma mesura.

— Levantem — ela murmurou, praticamente no instante em que todos nós prestamos a reverência, algo que achei muito bom, considerando que uma reverência não era uma posição confortável.

Nos erguemos e senti Chris se aproximar de mim.

Meu coração inflou.

— Você está bem, meu general? — Aurora perguntou ao Apollo.

— Estou, sua graça — respondeu e inclinou o queixo para baixo, para um lado e depois para o outro. — Você já conhece meus filhos, Christophe e Élan.

Ela olhou para as crianças e murmurou: — Claro. — Em seguida, falou mais alto: — Estou satisfeita em ver vocês dois.

— Nós também! — Élan guinchou.

Aurora abaixou a cabeça para ela, em seguida para Chris, que não disse nada, e, finalmente, os olhos dela vieram até mim.

— Esta é Madeleine, Lady Ulfr — Apollo disse, sua mão puxando a minha e levantando ambas até pressioná-las firmemente ao lado do seu peito.

— Madeleine, Lady Ulfr — ela disse baixinho, me olhando. Então olhou para Apollo. — Minhas mais sinceras felicitações, Apollo.

Ele inclinou a cabeça.

Ela se virou para mim e achei bom quando seus lábios se ergueram ligeiramente nas extremidades.

Eu não sabia o que dizer, então falei rápido. — É um prazer conhecê-la, sua alteza.

— Conhecendo Apollo desde a sua juventude, — seu olhar o varreu, a mim, ao Christophe e a Élan, antes de voltar para mim, e não deixei de reparar que seus olhos eram excepcionalmente astutos — posso lhe garantir que o prazer é meu.

Ok, ela foi um pouco distante, mas definitivamente doce.

Sorri para ela.

As extremidades dos seus lábios se curvaram mais um milímetro.

Apollo nos guiou para longe, e Circe e Lahn se moveram atrás de nós.

Queria ver como eles se aproximariam da rainha, já que acreditava que o Lahn não se curvava a ninguém, mas como Apollo estava nos guiando até Tor e Cora, me concentrei nisso.

Quando paramos, e como eles também eram da realeza, me abaixei em outra reverência.

— Oh, não fazemos questão desse tipo de coisa — disse Cora no instante em que me curvei.

— *Ela* não faz — Tor resmungou, parecendo exasperado.

Me endireitei e vi Tor e Apollo apertando as mãos. Mas só peguei um vislumbre, porque Cora estava me puxando para os seus braços.

Ela me balançou um pouco de um lado para outro, dizendo no meu ouvido: — É *tão* bom finalmente conhecer você. As pessoas aqui são impressionantes, mas é bom ter amigos de casa.

Ok, ser enganada pela outra Cora?

Uma completa idiota.

Eu soube, em aproximadamente um nano segundo, que a verdadeira Cora era uma bomba.

Eu retribuí seu abraço. Nos soltamos. Apollo apresentou a mim e seus filhos para Tor. Tor não me deu um abraço, mas se curvou elegantemente para Élan (o que, obviamente, a fez rir). Então Apollo nos guiou até onde Frey, Finnie e Viktor estavam, para Lahn e Circe poderem cumprimentar Cora e Tor.

A Rainha Aurora não lhes deu muito tempo antes de falar: — Vamos sair do frio. Tenho bebidas e uma coisa especial preparada para as crianças.

Ela disse isso enquanto deslizava majestosamente para as portas da frente, onde dois empregados em uniformes estranhos (shorts de couro, meias de lã, botas, casacos e longas capas), correram para abri-las, antes que ela tivesse sequer que hesitar um momento para esperar para entrar.

Mal havíamos entrado quando três mulheres se aproximaram da Finnie. Enquanto outros serviçais se moviam entre nós, tirando nossas capas e luvas, elas se abraçaram, exclamaram e balbuciaram como meninas.

Aurora permitiu isso por trinta segundos inteiros, antes de ordenar: — Sjofn. As meninas estão aqui para cuidar das crianças. Bebidas para adultos estão nos esperando na sala de visitas.

Foi a vez da Finnie revirar os olhos, mas Frey entregou Viktor, Circe e Lahn entregaram Isis e Tunahn, e Apollo se inclinou para Chris e Élan.

— Vão, se certifiquem que aquelas servas cuidam bem dos nossos pequenos príncipes e princesas — ele pediu.

Chris assentiu formalmente, estufando o peito, sentindo claramente que esta era uma tarefa importante.

Élan saltou para a frente, para dar em seu pai um sonoro beijo na bochecha, antes de pular na direção das mulheres que esperavam.

Apollo me virou na direção da Rainha Aurora e vi que ela tinha seu braço estendido para algo. Vi que o algo era alguém, quando Finnie foi para a frente, o segurou e se inclinou contra a mãe.

Elas lideraram.

Frey caminhou atrás delas, Apollo e eu atrás do Frey, o resto atrás de nós, nos seguindo.

Assim, estava em uma posição na qual pude ouvir Aurora dizer para Finnie: — *Precisa* usar calças quando vem para Fyngaard?

Assim, também estava na posição de ouvir a resposta da Finnie. — *Você* se arrasta atrás de uma criança quando está usando um vestido longo.

— Minha querida, você não é a primeira mulher de Lunwyn nesta geração, ou dezenas antes, que conseguiu criar uma criança usando um vestido. Na verdade, eu consegui esse mesmo feito.

— Você tinha servos — Finnie retorquiu.

— Você poderia ter também, se instalasse a sua família no Palácio de Inverno, onde o futuro rei de Lunwyn *deveria* ser criado, em vez de navegar em direção ao pôr do sol.

— Ok, *você* convence Frey a não navegar por uma centena de pores do sol — Finnie retrucou.

Nós entramos em um salão extraordinário, que parecia ser inteiramente feito de madeira escura esculpida, incluindo a madeira ao redor do estofamento de veludo azul do mobiliário, quando Aurora retorquiu: — Seu marido iria se ancorar a um bloco de granito se você pedisse.

— Não, não iria — Frey entrou na conversa. — Então, esposa, não peça.

Finnie jogou um sorriso por cima do ombro, mas não soltou sua mãe. — Eu nunca faria isso, marido.

Ele não respondeu, porque provavelmente sabia disso.

Tinha que admitir, achei bonita a maneira com que a Princesa Sjöfn (que não era realmente a Princesa Sjöfn) se relacionava com a rainha Aurora.

Não estava a par de toda a história que as levou a serem dessa forma. Só sabia que a Sjöfn deste mundo escolheu deixá-lo. Por causa de algum motivo que foi considerado um ato de traição e, portanto, não podia retornar ou seria enforcada (um pouco macabro, mas, por outro lado, um monte de coisas neste mundo era).

Estando apaixonada pelo seu homem, Finnie não quis ir embora. E, de qualquer maneira, ela não tinha cometido nenhuma traição, questionável ou não, na verdade, fez o oposto. Então ocupou o lugar da outra Sjöfn.

Eu sabia que Finnie tinha ficado muito próxima do rei antes dele falecer e era, obviamente, próxima da rainha. Muito próxima. Mesmo que não fossem do mesmo sangue.

E fiquei feliz por ela ter isso. Era doce.

Não procurei saber a respeito dos pais da Ilsa, minha mãe e meu pai desse mundo, e Apollo raramente os mencionava. No entanto, se soubessem da minha existência, pela forma como perderam a filha, seria duvidoso que me recebessem de braços abertos.

Mas era um ponto discutível. Ambos tinham falecido desde a morte da Ilsa. Eles viveram para ver sua única filha deixar este mundo muito jovem e, em seguida, ambos se foram.

Quando soube dessa tristeza adicional, não me alonguei sobre isso.

E também não faria isso agora.

Em vez disso, me sentei em um assento aveludado, mas porque Apollo me acomodou lá. Me seguiu e se sentou ao meu lado. Os outros estavam fazendo o mesmo em torno dos quatro sofás, que ficavam de frente um para o outro.

Uma vez instalada, me maravilhei com o quão quente estava no salão.

Havia duas lareiras maciças em cada lado dele, ambas ardendo.

Apesar de estarmos nos acomodando aqui, e o Palácio de Inverno ser a estadia da Princesa do Inverno (o que significa que era da Finnie), isso não queria dizer que Aurora não era a senhora dessa residência também.

No entanto, da maneira como ela era, imaginei que ela simplesmente reinava sobre tudo.

— *Você* poderia interromper esta espera, providenciando o meu segundo neto — disse ela, direcionando a censura para Frey.

— Quanto mais tempo você espera, mais Viktor vai se tornar mimado.

Frey passou o braço em torno da Finnie, no sofá onde estavam, um pouco afastados da Aurora, que estava no mesmo sofá, e falou lentamente: — Não se desgaste, minha rainha. Já cuidei disso e amei a tarefa. Finnie está carregando uma criança.

Engasguei em delírio quando senti Apollo ficar alerta ao meu lado.

Mas Finnie se virou para Frey e deu um tapa no seu estômago. — Você está louco? Não se diz a uma avó que ela vai ser avó, assim!

Ele virou os olhos tranquilos para a esposa. — Que estranho. Acabei de fazer isso.

Ela olhou para ele.

Aproveitei a brecha, dizendo: — Oh, meu Deus! Isso é tão excitante!

— Sim, de fato, é — Aurora falou suavemente, seus lábios se curvando uns dois milímetros a mais do que se curvaram quando sorriu para mim, o que deu a entender que ela estava super feliz. — Muito excitante. Comemorações a caminho. Devemos mandar embora este chá e solicitar champanhe.

Ela parecia prestes a fazer exatamente isso, mas não o fez, porque Apollo falou, sua voz com um tom estranhamente contrito: — Tor?

Olhei para o Apollo, em seguida, para o sofá onde Cora e Tor estavam sentados.

Ele a tinha acomodado ao seu lado, como Apollo tinha feito comigo, Frey também tinha feito isso com Finnie e (dando uma rápida olhada na sua direção) Lahn fez o mesmo com Circe.

Desviei o olhar rapidamente do Lahn e da Circe, porque Cora parecia chocada e Tor parecia alerta, e não alerta como o Apollo, quando seu primo anunciou (um tanto inadequadamente) que ia ser pai novamente.

E os olhos de ambos estavam sobre Circe e Lahn.

Olhei novamente para Circe e Lahn.

Lahn parecia assustador, e não sua habitual aparência sexy e assustadora. Um cara sexy assustadoramente *preocupado*, o que era muito pior.

Circe parecia preocupada.

Oh, oh.

— Cora está grávida — Apollo falou baixinho.

— Sim — Tor respondeu secamente. Então questionou: — Lahn?

Todos olharam na sua direção.

— Minha rainha dourada carrega outro guerreiro ou uma princesa — Lahn confirmou.

Oh, oh.

Todos os olhares vieram até mim.

Oh, merda.

Levantei a mão. — Eu não...

Minha mão, de repente, caiu sobre o meu colo, enquanto fazia as contas mentalmente.

Então me assustei e refiz as contas.

Em seguida, todo o meu corpo enrijeceu.

— Papoula? — Apollo falou.

Antes de Brunskar.

Meu último período foi antes de Brunskar.

Seria possível?

Lentamente, virei a cabeça para o Apollo.

— O pennyrium não é infalível? — Sussurrei.

Seus olhos estavam nos meus, mas não estavam totalmente focados em mim.

Ele estava fazendo as contas também.

Chegou ao mesmo resultado que cheguei e soube disso quando suas feições se iluminaram.

Seus olhos se tornaram calorosos e seu braço me envolveu com força, então me retorci contra ele. Quando o fiz, ele me puxou ainda mais para perto.

— Você carrega um filho meu? — Sussurrou, como se estivesse esperando que a resposta fosse sim.

Eu queria que a resposta fosse sim, também.

Apollo e eu combinamos que só casaríamos quando Chris me aceitasse e as pessoas com as quais nos importávamos não fossem alvo do mal extremo.

— Eu estou usando o pó — sussurrei em resposta.

Ele abaixou o rosto e abaixou o tom da voz (tinha certeza que a atenção de todos estava sobre nós, mas naquele momento caguei e andei por estar entrando em uma discussão sobre o meu período na frente de duas rainhas, duas princesas, um príncipe, um rei e o que quer que Frey fosse).

— Você não tem um ciclo há algum tempo, minha pomba.

— O pennyrium não é infalível? — Repeti.

— É raro isso acontecer, mas conhecemos casos em que isso ocorreu.

Olhei para ele enquanto respirava fundo.

Então soltei a respiração com força, sussurrando enquanto exalava: — Oh, merda, oh, droga, oh, merda.

Ele me puxou ainda mais para perto. — Minha pomba...

De repente, entrei em pânico, segurei sua camisa com força e gritei: — Temos que voltar para o outro mundo!

Ele sacudiu a cabeça e seus olhos se estreitaram, antes de declarar: — Não.

Balancei a cabeça e me aproximei ainda mais. — Nós *temos* que fazer isso, Lo. Se estiver grávida, vou precisar de vitaminas, ultrassonografias, exames pré-natais e...

Ele me sacudiu levemente. — Acalme-se, pomba.

— *Você* que tem que se acalmar! — Quase gritei. — Estou grávida em um mundo que não tem peridural!

Ele, provavelmente, não fazia a mínima ideia sobre o que eu estava falando.

Mas também não perguntou.

Ele levou a mão até o meu queixo, aproximou o rosto novamente e repetiu em um sussurro suave: — Acalme-se, minha pomba.

Respirei fundo.

Ele não.

Afirmou, parecendo feliz e orgulhoso: — Você carrega o meu filho.

— Nós não somos casados — respondi.

— Nós vamos corrigir isso — respondeu imediatamente.

— Chris não me aceitou — eu o lembrei.

— Ele está chegando lá — me lembrou.

Concedi isso a ele.

— Não me saí muito bem com isso, antes, Lo — falei baixinho.

O polegar dele acariciou minha bochecha, enquanto respondia: — Então, se você se sentir mais confortável tratar nosso filho com o tratamento que pode ter no outro mundo, depois de resolvermos esses problemas, vamos todos para lá, assim você pode ter isso, e voltaremos quando ela chegar em segurança.

Ele faria isso.

Ele realmente faria isso.

Por mim.

Deus.

Eu amava esse homem.

Não disse isso. Ia falar (novamente) mais tarde.

Em vez disso, também sussurrando, falei: — Ela?

Ele ainda estava sussurrando quando respondeu. — Seu cabelo. Suas sardas. Seu espírito. Sim, minha pomba. *Ela.*

Ele queria que ela tivesse as minhas sardas.

Lágrimas brotaram nos meus olhos, então o sorriso do Apollo ficou embaçado.

Oh, sim.

Eu amava esse homem.

Rainha Aurora interrompeu nosso momento quando declarou: — Agora *precisamos* de champanhe. — Virei o olhar embaçado para ela, enquanto continuava: — Ou sidra espumante para você, criança, se você for como a minha Finnie, que não ingere álcool quando está grávida.

Quando está grávida.

Eu estava grávida.

Urра!

Engoli o nó na garganta antes de confirmar: — Não.

— Eu também não — Cora colocou.

— Nem eu — disse Circe.

— Você já sabe que não faço isso — acrescentou Finnie.

— Estranho — Aurora murmurou quando se levantou do sofá e se dirigiu a um cordão de veludo pendurado no canto.

Olhei para Frey quando comentou, seu olhar sobre Apollo: — Muito bem, primo. Você superou o pennyrium.

Finnie revirou os olhos.

Me aconcheguei no Apollo quando ouvi sua risada.

— Humm... é tão bonito testemunhar isso — Circe começou, olhei para ela e vi que estava olhando para mim com olhos suaves. — E isso *foi* bonito, Maddie. — Então olhou ao longo dos outros sofás. — Estou imaginado que isso é mais do que uma feliz coincidência.

Lahn não parecia menos assustador quando grunhiu: — Concordo.

— As mulheres estão protegidas. O plano vai seguir em frente. A guerra vai acabar em breve — Frey declarou e virei os olhos surpresos para ele.

— Que plano? — Perguntei, e o braço do Apollo, já apertado à minha volta, me apertou ainda mais, então inclinei a cabeça para trás, para poder olhar para ele.

— Os dragões, os elfos, as bruxas, os lobos e os conspiradores, todos estão posicionados — informou. — Amanhã à noite, vocês vão participar do Bitter Gales. Por causa dos feitiços sobre este palácio, Helda será obrigada a sair e será capturada por Lavinia. A Circe deste mundo, agora do outro, será trazida de volta a este mundo amanhã. Ela vai ficar no palácio com as bruxas do Tor, mantendo vigilância sobre vocês quatro. Com a magia da Helda eliminada, o que suspeitamos que irá enfraquecer suas defesas, ao mesmo tempo, a Ilha do Espectro será atacada pelos dragões e invadida pelos elfos e pela Valentine. Minerva, Baldur, Cora e Edith vão perecer pelo fogo dos dragões ou serão despachados de outra maneira. Não vamos realizar nenhum julgamento. Vão encarar a justiça onde estão. Exceto Helda, que atacou você. Ela vai encontrar a justiça através da minha mão.

Justiça pela mão do Apollo.

Helda estava fodida.

— Humm... — murmurei.

— Você e as outras mulheres estão aqui porque os nossos inimigos foram informados que iam estar, e temos certeza que

estão observando, então já devem ter visto que chegaram. Também foram informados que vocês serão entregues à Helda — Apollo continuou. — Obviamente, não vão. Valentine e Lavinia criarão sócias sem alma, que vão atrair Helda para fora da Ilha do Espectro.

— Puta merda — sussurrei.

— O plano está em vigor. Isto termina amanhã à noite — concluiu.

Mesmo imensamente feliz diante dessa declaração, tinha perguntas.

— Você pode matar uma deusa?

— Não — respondeu ele. — Lavinia e Valentine também podem não ter esse poder. E os elfos não tiram vidas. Mas podem retirar o seu poder, devolvê-lo para a terra, e uma vez despojado, qualquer um pode matá-la.

— Você tem certeza? — Insisti.

Foi Frey que respondeu a isso. — Os elfos têm certeza.

Falou isso com firmeza.

Olhei para ele e balancei a cabeça.

Lahn se levantou, os olhos presos na Rainha Aurora. — Gostaria de falar com as bruxas e avaliar as defesas que protegem *kah dahksahna*.

— Nós vamos tomar champanhe — ela respondeu.

O olhar dele mudou.

Aurora percebeu e reavaliou.

Assim, murmurou com sabedoria: — Vamos tomar champanhe depois de avaliar as defesas do palácio.

Lahn marchou até a porta.

Aurora o seguiu.

Apollo me deu um aperto para chamar minha atenção.

Quando olhei nos seus olhos, disse: — Vou acompanhá-los. Quero me certificar que tudo está em ordem.

Balancei a cabeça.

Ele me observou, em seguida, seus olhos desceram até a minha boca. Um segundo depois, sua boca estava lá, mas não para me dar um beijo.

Para ele dizer: — Celebraremos mais tarde.

Ele estava muito feliz, assim como eu, então tive a sensação que a nossa comemoração ia ser das boas.

Estremeci.

Quando o fiz, seus olhos se tornaram sorridentes.

Em seguida, roçou os lábios contra os meus, me deu outro aperto e roçou os lábios contra a minha testa, enquanto levantava do sofá.

Olhei ao redor da sala, observando que Frey e Tor tiveram a mesma ideia que Apollo, porque todos estavam caminhando em direção à porta.

Em poucos segundos, as mulheres estavam sozinhas no aposento.

Todas olhando umas para as outras.

Cora quebrou o silêncio.

— Isso foi super doce, Apollo estar disposto a levá-la de volta para o outro mundo para que você possa ter o bebê lá.

Foi super doce.

Por outro lado, Apollo era super doce.

Sorri para ela e respondi: — Sim. É assim que ele é.

Cora retribuiu meu sorriso.

Finnie tinha se inclinado para frente e estava servindo o chá quando falou: — Tudo bem, senhoras, nem tudo são coisas boas, mas já que estamos todas esperando e temos que aproveitar ocasião, isso vai ter que servir.

Ela largou o elegante bule de prata e ergueu uma xícara de porcelana.

Cora, Circe e eu nos inclinamos para frente, pegamos nossas próprias xícaras e as erguemos.

Os olhos da Finnie vieram até mim. — Ao Dream Team.

Circe e eu levantamos nossas xícaras um pouco mais e repetimos: — Ao Dream Team.

— O que é isso? — Cora murmurou, mas levantou a xícara e tomou um gole enquanto o resto de nós ria.

Depois que ela parou de rir, Finnie explicou.

Enquanto ela explicava, meus olhos vagaram além dela, para o fogo que ardia na enorme lareira atrás dela. Segurei a xícara com uma mão e pressionei a outra na minha barriga.

Então, levei a xícara até os lábios mais uma vez, e sussurrei para mim mesma: — Ao Dream Team.

Sorri.

Eu estava grávida.

Enviei uma oração aos céus.

Então tomei um gole.

* * * * *

Apollo

Apollo estava parado na frente da janela da sala de estar formal, na frente do Palácio de Inverno, impaciente para voltar para sua Maddie.

Era tarde. O jantar já tinha sido consumido. As crianças estavam na cama. Amanhã haveria uma caçada. Amanhã à noite, o baile. Amanhã à noite, tudo estaria terminado.

Haviam planejado tudo.

Absolutamente tudo.

Exceto uma coisa.

Ouviu a porta se abrir atrás dele e soltou um suspiro irritado quando a bruxa da magia verde entrou.

Estava irritado porque a tinha chamado fazia mais de meia hora e agora ela estava caminhando tranquilamente, como se estivesse entrando em uma festa.

Ela lhe deu um daqueles sorrisos felinos.

Ele se afastou da janela e cruzou os braços sobre o peito.

— Você mandou me chamar? — Ela perguntou, entrando na sala e parando em frente a uma cadeira.

— E você sabe por que a chamei — ele respondeu. — Você o viu?

Ela sustentou o seu olhar, mas balançou a cabeça. — Não.

Apollo inclinou a cabeça para o lado. — Seu comportamento sugere que você não está preocupada com isso — observou.

Não gostou dos seus olhos terem desviado dos dele. Ela levantou a mão e estudou as unhas enquanto voltava a falar, e não pôde evitar de achar que sua indiferença era um ardil.

— Tudo está bem planejado — disse ela, olhando para as unhas.

— Isso não responde a minha pergunta — rebateu e ela ergueu o olhar para ele, as sobrancelhas arqueadas.

— Você fez uma pergunta?

— Talvez não. Então, vou fazer agora. Você não está preocupada por não conseguir ver o outro eu?

Seu olhar era firme no dele, mais uma vez, quando respondeu: — Não. Se você compartilhar com a nossa *pomba* que ele pode estar por perto.

Ele balançou a cabeça. — Não quero assustar Maddie com essa informação.

— Posso entender isso, *mon loup*. Cabe a você optar por assustá-la ou prepará-la.

Apollo sentiu a mandíbula enrijecer.

— É minha opinião que ela deve saber — Valentine continuou.

Seria da opinião da Maddie também.

Diabos.

— Você já tomou a sua decisão? — Perguntou, o observando atentamente.

— Vou contar a ela.

Ela pareceu relaxar e foi outra coisa da qual ele não gostou.

— Infelizmente, isso tira um pouco do brilho de um dia feliz — ela murmurou.

Maldição, realmente tirava.

Ele não respondeu.

Ela inclinou a cabeça para o lado, um pequeno sorriso brincando na sua boca. — Você gostaria de saber o que ela carrega?

Apollo sentiu seu peito se contrair.

— Você sabe?

— É claro, *chéri*.

— Você sabe se o nosso filho será saudável e forte?

Ela sacudiu a cabeça. — Posso sentir qual é o sexo da criança que ela carrega, mas não tenho essa visão, Apollo. — Outro pequeno sorriso. — Você pode perguntar à Meeta.

Ele faria isso.

Mais tarde.

Depois que tivessem derrotado seus inimigos.

Ele encarou os olhos dela e declarou: — Eu gostaria de uma filha.

Seus olhos se estreitaram antes de sussurrar: — Então a sorte brilha sobre você, *mon loup*.

Ele sentiu o peito apertar.

Maddie estava grávida da sua filha.

Sua filha.

Deuses, esperava que ela tivesse cabelos vermelhos e sardas.

Mas a aceitaria como viesse, contanto que ela viesse, deixando a mãe bem e feliz, chegando nesta terra da mesma maneira.

Valentine o arrancou dos seus pensamentos, quando perguntou: — É tudo o que você precisava?

— Sim — respondeu.

Ela abaixou o queixo, cumprimentando-o, seus olhos nunca deixando os dele, e disse: — Então vou deixar você. Durma bem, *chéri*.

Ele inclinou a cabeça e observou enquanto ela caminhava até a porta e depois saía.

Ficou olhando para a porta por algum tempo.

Em seguida, saiu da sala e percorreu os corredores do palácio, três destinos a alcançar, antes de se juntar à Maddie em seus aposentos.

O primeiro o levou até a entrada dos aposentos dos serviçais.

Pediu à primeira serva que viu, para levar Meeta até ele.

— Claro, Senhor Apollo — murmurou e se afastou rapidamente.

Apollo ficou parado na porta, ainda impaciente.

Mas, ao contrário de Valentine, Meeta não o fez esperar.

— Meu senhor — ela cumprimentou, ainda totalmente vestida, e isto provavelmente se devia ao fato que pretendia atravessar os corredores para encontrar Ruben no quarto dele. Na verdade, teve sorte por ela já não estar lá.

— Meeta — respondeu. — Vou fazer uma pergunta breve, então não vou mais incomodá-la.

Ela não esperou que ele perguntasse.

Respondeu: — Eu não a vejo.

Apollo sentiu suas sobrancelhas se erguerem. — De nenhuma maneira?

— Não — respondeu ela.

— Você explicou que podia se concentrar nela — ele lembrou.

— Expliquei que podia ver com precisão se sentisse alguma coisa. — Balançou a cabeça. — No entanto, não sinto nada.

— Então está tudo bem — ele comentou.

— Nunca está tudo bem, lobo — ela disse baixinho. — E devo admitir, não estou a par dos seus planos, mas não deixei de perceber que todos viajaram até aqui juntos, sob uma guarda pesada e com a proteção de bruxas poderosas, então soube, antes que você mencionasse, que alguma coisa estava acontecendo. Sabendo disso, fiquei preocupada por não conseguir ver absolutamente nada. Mas a senhorita Maddie parece mais feliz. Talvez seja, simplesmente, porque não há nada para ver.

Pelos deuses, esperava que ela estivesse certa.

— Você vai me avisar imediatamente se isso mudar — ordenou.

— Definitivamente — ela respondeu.

— Então desejo uma boa noite para você, Meeta.

— Para você também — ela respondeu, com uma inclinação da cabeça.

Ele se virou, se moveu para dentro da casa e subiu os degraus.

Seu segundo destino era o quarto da sua filha. Se assegurou que havia lenha suficiente na lareira, que as cobertas estavam puxadas até o seu pescoço e que ela estava bem acomodada, antes de dar um beijo na sua têmpora e sair.

Seu terceiro destino era o quarto do seu filho. Repetiu os movimentos que realizou com Élan e saiu do quarto.

Isto o levou ao destino final.

Entrou no quarto da Maddie e a encontrou ainda aninhada em uma cadeira ao lado da lareira, uma manta cor de creme no colo, um xale sobre os ombros, o corpo inclinado para o lado, na direção de uma lâmpada acesa. Tinha um grande maço de papéis nas mãos e sua cabeça estava inclinada para eles, tão concentrada no que estava lendo, que não olhou para ele. Nem mesmo após o som da trava da porta sendo trancada.

— Pomba? — Chamou, se movendo na direção dela, e seu corpo pulou levemente antes de levantar a cabeça.

Quando ela o viu e sua expressão mudou, ele parou.

— Eu vim para o meu quarto — ela sussurrou, em seguida, levantou os papéis que estavam nas suas mãos. — E isso estava no meu travesseiro.

Apollo não olhou para os papéis quando as lágrimas molharam seus olhos e um rubor de emoção tingiu suas bochechas.

Estava prestes a ir até ela, quando ela declarou: — Chris deixou para mim a história que está escrevendo.

E, novamente, o peito dele se contraiu.

Pelos deuses.

— Ele não a terminou — continuou, em seguida, engoliu visivelmente. — Como não poderia, uma vez que se trata da Loretta e do Hans.

— Ele deixou isso para você? — Apollo perguntou.

— Sobre o meu travesseiro — respondeu. — Você tem seu próprio quarto, querido — ela lembrou. — Não acho que ele está ciente que você dorme comigo.

Ele tinha seu próprio quarto.

Isso significava que seu filho tinha deixado uma história para Madeleine.

Christophe não deixava qualquer um ler suas histórias.

E nunca iria mudar sua maneira de compartilhar uma delas com alguém, a menos que alguém significasse algo para ele.

Não.

A menos que alguém significasse *muito* para ele.

Maddie sabia disso, e foi por isso que sua voz estava rouca quando disse: — Acho que isso é um sério progresso.

Sua declaração o fez sorrir e, finalmente, caminhar até ela.

Quando chegou perto dela, a levantou da cadeira e se sentou, a aconchegando e às suas coisas no colo e passando os braços em torno dela.

— É boa? — Perguntou, mas já sabia a resposta.

Seu filho era um escritor muito talentoso.

Ele a viu respirar fundo para obter o controle sobre suas emoções, antes de balançar a cabeça.

— Sim. Na verdade, é ótima. Me envolveu imediatamente.

— Ela olhou para baixo, para os papéis que tinha na mão. — Embora, é claro, ele queira que a Loretta se apaixone por Hans, por isso espero que ele não fique desapontado.

— Espero isso, também — murmurou.

Os olhos dela encararam os dele, e estavam cheios de admiração.

— Ele os deixou para mim, baby.

Apollo a puxou para mais perto. — Ele deixou, papoula.

Seu sorriso era trêmulo, mas se tornou maior, e finalmente chegou aos olhos dela.

— Hoje é o melhor dia... *de... sempre* — ela sussurrou.

Ele teve dias muito melhores do que ela, casando com a mulher que amou, uma mulher que trouxe seus dois filhos ao mundo, Maddie compartilhando que ele tinha o seu amor.

Mas decidiu que este dia estava, definitivamente, entre os cinco melhores.

— Estou feliz que você pense assim, papoula — respondeu baixinho.

Isso tornou o que tinha que dizer a ela, mais frustrante ainda.

Mas tinha que dizer.

Ela não só gostaria de saber, ela precisava saber.

Preparando-a, e a ele próprio, Apollo a abraçou com mais força e compartilhou: — Por falar nisso, tenho algo a contar que vai tirar um pouco do brilho do dia de hoje.

Seus olhos se moveram sobre o seu rosto enquanto seus lábios murmuravam: — Ótimo.

— Em primeiro lugar — começou, ainda a mantendo bem perto. — Vou introduzir o que tenho a dizer, lembrando do fato de que todos os esforços foram feitos para manter você segura aqui, papoula. E você está.

— Tudo bem — disse lentamente quando ele parou de falar.

— No entanto, há algumas semanas, Valentine relatou que vinha mantendo um olho sobre o meu eu do outro mundo.

Ele sentiu o corpo dela enrijecer, portanto, contou rapidamente o resto.

— Ela não consegue mais vê-lo. Ela não sabe o porquê, mas concluiu que deve ser porque ele está neste mundo, protegido pelos nossos inimigos, trazido aqui para fazer o mal.

Depois que ele lhe deu esta notícia, o olhar dela se desviou para sua garganta.

Ele abriu a boca para tranquilizá-la, mas não disse uma palavra até que ela olhou para ele novamente.

— Imaginei — falou baixinho. — Ele é *realmente* um *babaca*.

Apollo olhou para ela.

Ela continuou falando.

— Veja, eu estraguei tudo com a outra Cora, então devem estar pensando que podem chegar a mim através dele, já que ele é, tipo, um ser humano normal e, provavelmente, pode passar por encantamentos e afins. Eles imaginam que vou confundi-lo com você e, em seguida, vão ter suas mãos perversas em mim.

— Eu não sei quais são os planos deles, minha pomba. Simplesmente *você* devia saber que ele pode estar aqui e se estiver, têm planos de usar ele. Assim, você deve ficar alerta.

— Bem, o que quer que seja — afirmou despreocupadamente e Apollo piscou. — Eles estão doidos se acham que eu não consigo ver a diferença. Quer dizer, sério? Primeiro de tudo, ele não tem uma mão. E segundo, ele é *tão o contrário* de você.

Apesar das suas palavras o agradarem — *imensamente* — seus olhos se estreitaram sobre ela, com surpresa. — Você não está preocupada?

— Uh... em um milhão de anos, você iria permitir que o Pol me machucasse de novo?

Deuses.

— Não. — A palavra era firme, sua voz era baixa, mas, mais uma vez, seu peito estava apertado. — Nem em um milhão de anos.

— Então — ela deu de ombros — que seja. Pode vir. Talvez você possa cortar a outra mão dele, desta vez.

Ele olhou para ela.

Então a segurou com mais força e caiu na gargalhada.

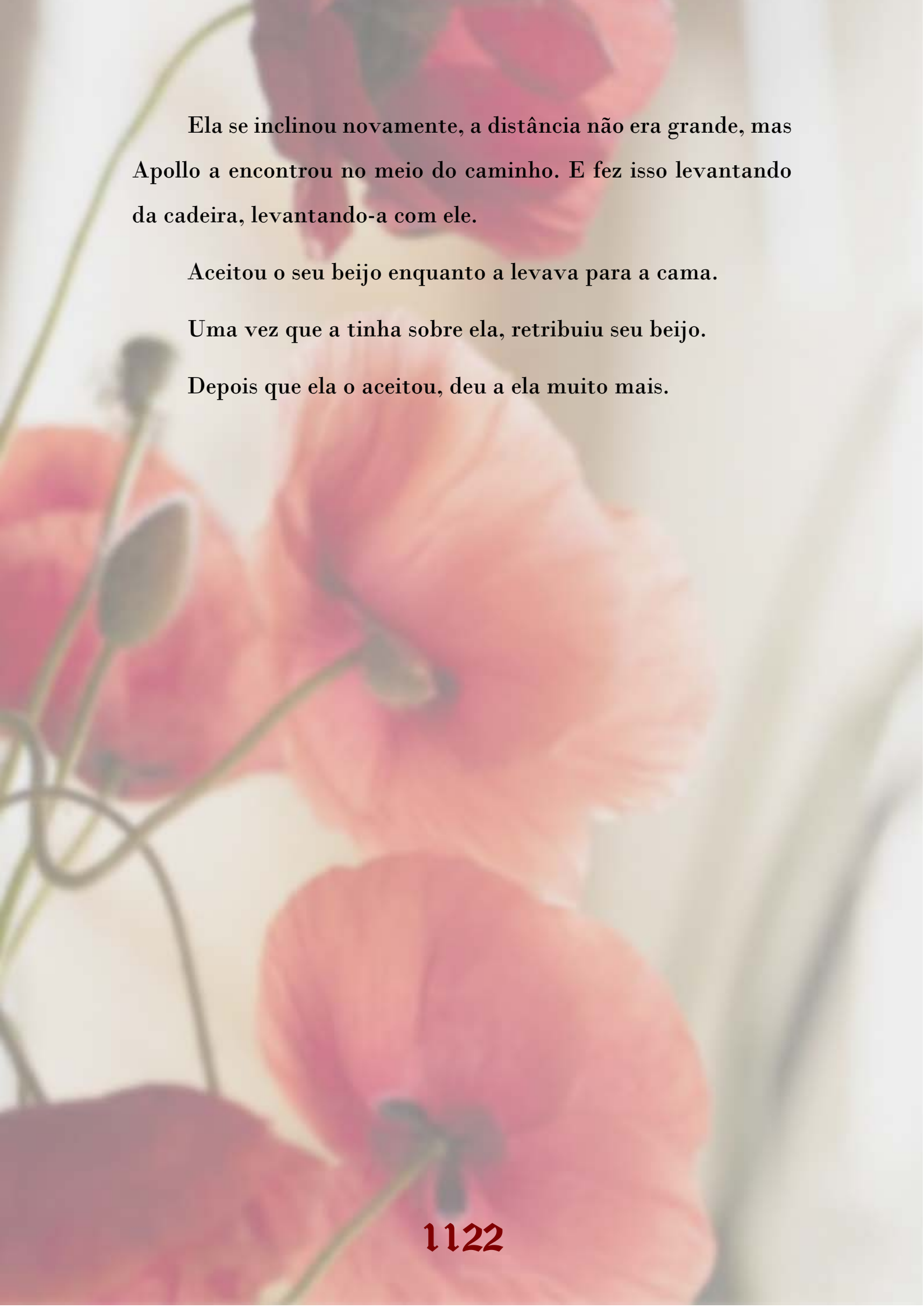
Quando parou, ela estava sorrindo para ele. Se inclinou, tocou a boca contra os lábios sorridentes e se virou para a mesa que ficava perto da cadeira. Cuidadosamente colocou a história do Christophe lá e se virou novamente.

Então levou a mão até as costas, segurou seu pulso e puxou o braço dele. Sua mão deslizou sobre a dele para poder pressioná-la sobre a barriga dela.

Fez tudo isso encarando seu olhar.

Uma vez que tinha a mão dele no lugar, sussurrou: — Nós temos algo para comemorar, baby.

Eles tinham.



Ela se inclinou novamente, a distância não era grande, mas Apollo a encontrou no meio do caminho. E fez isso levantando da cadeira, levantando-a com ele.

Aceitou o seu beijo enquanto a levava para a cama.

Uma vez que a tinha sobre ela, retribuiu seu beijo.

Depois que ela o aceitou, deu a ela muito mais.

Capítulo Trinta e Um

O Amor É Tudo

Bati a pena nos meus lábios, olhando para a folha de papel em branco, totalmente perdida em pensamentos.

— Maddie?

Diante do chamado, meus olhos foram até Apollo.

— Hum?

Ele estava completamente vestido, pronto para montar Torment e atirar flechas em coelhos e veados na caçada.

Eu estava de camisola, roupão e chinelos forrados de pele, sentada à escrivaninha do quarto, tentando não pensar no meu homem lá fora espetando flechas em coelhos e cervos.

Eu o vi olhar para a mesa, em seguida para mim, antes de perguntar: — O que você está fazendo?

— Escrevendo um bilhete para o Chris — respondi e voltei a olhar para o papel.

A voz do Apollo foi ficando mais próxima, enquanto observava: — Pomba, ele está há apenas quatro portas de distância.

Olhei para ele enquanto terminava: — Por que você vai escrever um bilhete para ele?

— Ele não se expôs realmente ao me entregar essa história, Lo — expliquei. — Não quero deixá-lo desconfortável quando devolvê-la, mas *realmente* quero dizer a ele o quanto gostei. Então, estou escrevendo um bilhete para ele.

Ele parou ao lado da escrivaninha e sua expressão suavizou enquanto seus lábios murmuravam: — Ah.

Foi diante desse “Ah”, que só Apollo podia tornar sexy, que meus olhos percorreram, tardiamente, sua deliciosa vestimenta, em verde escuro e marrom, e perdi o foco na minha tarefa.

Levantei o olhar para o seu rosto e disse: — Não temos trens, telefones ou Cheeto’s em formato de concha aqui, mas estou vendo uma variedade de vantagens. Homens no meu... quero dizer, no outro mundo, não parecem tão sexys quando vão caçar.

Apollo ignorou minha observação sobre ele parecer sexy e perguntou: — Cheeto’s em formato de concha?

— Salgadinhos de milho que, normalmente, são impressionantes, mas estes são especialmente projetados para serem mergulhados no molho, o que aumenta sua grandiosidade

exponencialmente, principalmente porque ainda não provei um mergulho do qual não gostei — respondi.

Suas sobrancelhas se juntaram, me dizendo que isso, claramente não contou como uma explicação.

— Comida — disse simplesmente. — Uma comida que eu gosto.

Após minha resposta, se inclinou para mim e ofereceu calmamente: — Vou dar um diamante à Valentine para trazer alguns deles para você.

Só o Apollo iria trocar um diamante por Cheeto's.

Sério.

Meu cara era uma bomba.

— Não tenho certeza que é uma troca justa — compartilhei.

— Qualquer coisa que minha pomba queira, vale a pena o que for preciso para dar a ela — ele retrucou.

Sério.

Meu cara era *a bomba*.

Nesse momento, sentada, usando robe e camisola, olhando para a sua beleza, carregando seu filho, sabendo que teria, em breve, o seu nome (bem, um nome que eu já tinha, mas dessa vez

era diferente), decidi que ele precisava saber disso, então disse:
— Você é a bomba.

Seus olhos brilharam com humor.

— Acho que isso é bom — observou.

— Você achou certo — respondi.

Ele sorriu.

Inclinei a cabeça para trás na esperança de que ele entenderia o convite.

Entendeu. Inclinando-se ainda mais, me deu um beijo curto e doce, mas felizmente molhado, a parte molhada sendo um toque das pontas das nossas línguas.

Delicioso.

Ele se afastou um centímetro, mas manteve os olhos no meu rosto. — Qualquer coisa que você escrever para Christophe vai ser boa. Não se preocupe com isso. Apenas seja você.

Basta ser eu.

Apollo pensava que era o suficiente.

E me ensinou que era.

Mais do que suficiente.

Uma bela lição para aprender.

— Ok — sussurrei.

Ergueu a mão para deslizar os dedos no lado do meu cabelo e o afastou do meu rosto. Uma vez posicionado, empurrou minha cabeça para baixo para que pudesse tocar os lábios no topo do meu cabelo.

Permitiu que eu inclinasse a cabeça para trás novamente, e ordenou: — Deseje ao seu prometido, sorte na caçada.

Com um sorriso, sem pensar no cervo e nos coelhos desavisados, eu o fiz. — Boa sorte na caçada.

Ele retribuiu meu sorriso, em seguida, seu rosto ficou sério. — Não saia desta casa, minha pomba.

Como se fosse cometer esse erro novamente.

— Não vou sair — prometi.

— Não há muito mais tempo e tudo com o que precisa se preocupar, é com os preparativos para a nossa festa de casamento e decorar o berçário.

Felicidade me inundou. Tanta, que mesmo sentada, tive que levantar a mão e segurar o antebraço dele para me apoiar com firmeza.

Mas tudo isso tinha ido embora, antes de compreender o significado de nublar a felicidade.

Desta vez, não me segurei.

Desta vez, falei imediatamente.

— Você acha que eu vou con...?

Ele me interrompeu com um firme: — Sim.

— Isto é... ela é... — Engoli em seco. — Ela é nossa, Apollo, nós a fizemos. E se alguma coisa...

Ele torceu a mão suavemente no meu cabelo, e se aproximou a metade do centímetro que tinha se afastado.

— Você e eu, Madeleine, tivemos mais do que a nossa quota de tristeza e tragédia. Pense nisso, minha papoula. É uma impossibilidade que iríamos encontrar um ao outro. Mas conseguimos. E quando nos encontramos, as chances estavam contra nós, com tudo o que veio antes... para você e para mim. Nós superamos as probabilidades. E para se instalar no seu ventre, esta criança venceu o pennyrium. Você não acha que tudo isso diz que é hora de deixar a tristeza e a tragédia onde pertencem, e olhar para a frente, para um futuro que não pode ser nada menos do que brilhante?

Bem, se ele colocava dessa maneira...

— Sim — concordei.

— Sim — repetiu com firmeza. — Você comprovou, mais de uma vez, que pode fazer qualquer coisa. Se manteve ilesa

quando estava em grave perigo. Encontrou o seu caminho em um mundo totalmente novo para você. Ganhou o afeto de um menino sobrecarregado pela dor. Ao testemunhar você fazer tudo isso, acredito no fundo do meu coração, minha papoula, que você também pode fazer isso.

Ok, eu acreditava também, já que ele colocava dessa maneira.

— Tudo bem, querido — respondi.

— Tudo bem — ele afirmou, percorreu aquele último meio centímetro e encostou os lábios nos meus. Quando recuou novamente, não foi longe. E senti isso na minha barriga, de uma forma calorosa que nunca havia sentido antes (e antes eu o havia sentido de um jeito para lá de morno), quando sussurrou: — Eu te amo, minha Madeleine.

Esperava que parecesse tão sexy quanto ele, quando respondi: — Eu também te amo, baby. — Sorri para ele. — Agora, vá mostrar aos coelhos bonitinhos e aos veados desamparados quem é o chefe.

Os olhos dele se estreitaram e, mais uma vez, me puxou para frente, desta vez para encostar a boca na minha testa antes de me soltar, se endireitar e começar a se afastar.

— Vejo você hoje à tarde — falou.

— Vejo você à tarde — falei para as costas dele.

Ele abriu a porta, parou, se virou para mim e fez uma profunda reverência.

Quando se levantou, piscou.

Eu sorri.

A porta se fechou.

Inspirei profundamente e coloquei a mão na barriga.

— Um futuro que brilha intensamente. — Falei para ninguém, mas falei sorrindo.

Então tive uma inspiração, me virei para o papel e adicionei mentalmente canetas esferográficas à lista de compras que Apollo ia pagar em diamantes, porque me levou dez idas e vindas ao tinteiro para escrever:

*Chris, isto foi fabuloso. Obrigada por permitir que eu o lesse.
Não consegui parar de ler e mal posso esperar para ver o final.*

Em mais de um sentido.

xx Maddie

* * * * *

Estava passeando pelos corredores, fazendo um tour por toda a maravilha que era o Palácio de Inverno, sendo interrompida neste esforço, várias vezes, já que havia uma

multidão em Fyngaard para o Bitter Gales, e parecia que a maioria se hospedaria no palácio.

Também estava vivenciando algo estranho. Aparentemente, várias dessas pessoas tinham me visto no Gales dos Drakkar, em Brunskar, e mais, a fofoca sobre mim se espalhou amplamente, então a maior parte das pessoas não ficou assustada ao me ver, a própria imagem da falecida Ilsa Ulfr, passeando pelos corredores da residência real da sua princesa.

Por outro lado, também parecia que eu tinha sido substituída.

Tinham novos objetos de fascínio, ao saber que Dax Lahn e sua Dahksahna estariam participando. As pessoas que conheci no Baile dos Drakkar, e pessoas que nunca vi antes na vida, me pararam para perguntar se eu tinha visto algum deles.

Era óbvio que a realeza das Southlands não confraternizava regularmente com a aristocracia das Northlands, portanto isto era um acontecimento. Mas todo mundo estava bem ciente de quem eram Lahn e Circe, e a forma como muitos perguntaram sobre eles, não gostei tanto assim.

Porque não achavam que eram celebridades.

Achavam, claramente, que eram aberrações.

Não era uma grande fã disso, então rapidamente aprendi a não fazer contato visual, enquanto rapidamente decidia encontrar Circe e atualizá-la, de modo que não seria pega de surpresa por isso, esperando que já não tivesse sido.

Encontrá-la foi uma tarefa fácil, já que o primeiro servo com o qual me deparei, sabia exatamente onde ela estava e tinha sido enviado especificamente para me buscar, para “encontrar nossa Princesa do Inverno, Cora, a Benévola e a Rainha de Ouro na biblioteca”.

Dei um sorriso para ele, agradeci e fugi para a biblioteca.

Encontrei as portas guardadas pelos homens do Frey, Gunner e Stephan.

Já que o palácio devia ser seguro, não estava certa se isso era bom.

— Está tudo bem? — Perguntei quando parei na frente das portas.

— Finnie não quer ser incomodada. É o Bitter Gales, e uma vez que está fora com o Frey metade do tempo, agora têm uma chance, então todos querem ser ouvidos. — Gunner respondeu.

— Estamos aqui para impedir isso.

— Vejo que é bom ter Raiders na retaguarda. — Observei.

— Sempre — concordou Gunner, enquanto Stephan se movia para abrir uma porta para mim.

— Obrigada — falei, enquanto entrava.

Stephan ergueu o queixo para mim.

Entrei e vi seis mulheres paradas na frente das janelas, Circe, Finnie, Cora e as três mulheres que se jogaram em cima da Finnie, quando ela chegou no dia anterior.

— O que está acontecendo? — Exclamei, e todos os olhos se voltaram para mim, mas foi Finnie quem falou.

Acenando com a mão na minha direção, ela chamou. — Venha para cá.

Me movi através do vasto espaço abarrotado de livros. Estava quente, mesmo havendo só uma lareira. Por outro lado, essa lareira era chocantemente enorme, por isso estava definitivamente apta para a tarefa de aquecer esse espaço.

Me juntei a elas na frente das janelas, enquanto Circe anunciava: — Acho que as coisas estão chegando a uma resolução.

Imaginei que estava certa, porque estava olhando para Loretta e Hans, através das janelas.

Ele estava parado, empertigado e afastado, mal abaixando o queixo para olhar nos olhos dela.

Ela estava um pouco inclinada para ele, uma postura suplicante, que era solidificada pelo olhar no seu rosto, que era definitivamente implorante.

À primeira vista, as coisas não pareciam estar indo bem para Loretta.

Estúpido, *estúpido* Hans.

— Quanto tempo eles estão nisso? — Perguntei, chegando mais perto do grupo para poder me aproximar mais da janela.

— Eu os vi e chamei todas — respondeu Circe. — Pelo menos, vinte minutos.

Vinte minutos?

Oh, droga.

Hans a estava fazendo trabalhar duro por ele, e não gostei disso.

De modo algum.

De repente, ele se moveu, como se fosse se afastar, e Loretta pulou para pegar sua mão.

Ele a afastou antes que ela pudesse agarrá-la e custou todo o meu esforço não bater na janela e gritar para ele parar de ser esse tipo de *cara e ouvir*.

Mas não precisei fazer isso.

Loretta deu imediatamente um passo para trás, decepção inundando seu rosto, antes que a escondesse e erguesse o queixo.

Sua boca se moveu e, infelizmente, mesmo tentando quando podia (e já fazia algumas semanas que eu vinha tentando), não consegui ler seus lábios.

Hans estava de costas para nós, então não pude ver sua expressão. Só pude ver que, quando Loretta terminou de falar, ela estava simplesmente *farta*. Soube disso quando ela se virou instantaneamente e começou a caminhar através da neve.

Hans permitiu que ela desse quatro passos, antes de ir atrás dela.

Ok. Isso foi bom.

Ele agarrou a mão dela.

Ok. Isso foi melhor.

Ela a desviou antes que ele pudesse pegá-la.

Ok. Isso foi ruim.

Mas, ao fazer isso, ela teve que virar na sua direção.

Ele se aproveitou, segurando-a com um braço na altura da sua cintura.

Agora, isso sim, foi *excelente*.

— Pegue-a, homem — Finnie sussurrou.

Nós vimos Loretta se inclinar para longe, enquanto Hans se curvava profundamente. Ele estava, obviamente, falando. Ela, também obviamente, não estava a fim de escutar.

E então ele parou de falar e começou a beijá-la.

— Isso aí — Circe falou baixinho.

Loretta não o fez trabalhar muito por isso. Nem sequer protestou um pouco.

Colocou os braços ao redor dos seus ombros e se aninhou contra o corpo dele.

Ele se inclinou ainda mais, curvando-a sobre seu braço.

— Lindo — observou Cora.

Certamente era.

Eu só esperava que durasse.

Christophe ia ficar satisfeito.

Estava segurando meu veredito até que...

Hans, de repente, interrompeu o beijo e endireitou Loretta nos seus braços, antes de segurar seu queixo de forma carinhosa, o que fez a expressão da Loretta se tornar suave, de uma forma que gostei muito.

Ok, demorou cerca de três segundos, mas parei de segurar meu veredito.

Sorri.

— Demais — Cora disse: — Queria ter visto toda a história, desde o início.

— Não se preocupe, nós vamos atualizá-la — Finnie assegurou.

Estava prestes a sugerir que lhes déssemos um pouco de privacidade, pedindo para ser apresentada às amigas da Finnie, quando uma delas perguntou: — O que é isso?

Meus olhos foram até ela, vi que estavam ainda olhando pela janela, então olhei também, além do Hans e da Loretta.

Então o meu sangue se transformou em gelo, porque um mar de lobos estava saindo da floresta atrás do palácio e vindo até a clareira.

Não um.

Ou cinco.

Ou sete.

Um mar.

Isso não podia significar coisa boa.

— Oh, merda — sussurrei.

— Pelos deuses! — Outra das amigas da Finnie gritou. — O céu!

Me pressionei contra a janela, assim como todas as meninas, olhei para cima e vi o céu repleto de meteoros.

Sim.

Meteoros!

Pequenos mísseis vermelhos, pretos e azuis, centenas deles, talvez milhares, estavam caindo do céu.

Explodiam contra o que tinha sido uma cúpula invisível, mas agora, não era. Agora, a cada batida dos mísseis, uma explosão de faíscas vermelhas, pretas e azuis disparava, e onde tinham atingido, uma frondosa nuvem cor de esmeralda se propagava.

Mas havia tantos mísseis, que as nuvens verdes estavam bloqueando o sol.

Isso não era bom.

— Merda — falei, enquanto observava tudo isso, vendo os lobos preencherem o espaço e Hans arrastar Loretta em direção ao palácio.

— Isso não é bom — Circe sussurrou meus pensamentos em voz alta.

Absolutamente não.

Estávamos sendo atacados.

A cúpula estava se segurando, os lobos pareciam estar formando um perímetro ao redor do palácio, minha mente entrou em ação e os meus pensamentos giraram em torno de duas coisas.

Portanto, eu girei.

Quando me virei, as portas se abriram e Gunnar e Stephan entraram.

Corri por toda a biblioteca, a fim de sair.

Stéphan me segurou colocando um braço em volta da minha cintura e lutei contra o seu abraço enquanto a sala escurecia ainda mais, os mísseis atingindo a cúpula encantada com tanta fúria, que as nuvens de magia protetora bloquearam.

— Vocês têm que ficar juntas! — Stephan exigiu, controlando meus movimentos com uma facilidade irritante.

Parei e, de repente, me virei no seu abraço.

— Élan e Chris — foi tudo o que eu disse.

— Estamos todos a salvo no palácio — respondeu Stephan.

Podia até ser assim.

Mas eu não me importava.

— Até que seu pai volte, eu os quero comigo! — Rebatí.

Stephan olhou nos meus olhos e viu o que eu queria que ele visse. Soube disso quando ele olhou por cima da minha cabeça. Torci o pescoço para olhar para Gunnar.

Ele ergueu o queixo e se moveu rapidamente para as portas.

Podia sentir o pânico e a confusão tomando conta das outras pessoas que estavam no palácio, quando Alek e Remi aparecerem nas portas.

Eles olharam para Stephan e Remi, ordenando: — Feche as cortinas — antes de um pegar uma maçaneta, Alek a outra e nos trancarem lá dentro.

Stephan me soltou e foi até as janelas.

— O que devemos fazer? — Uma das amigas da Finnie perguntou.

— Nada — Finnie respondeu. — Basta manter a calma.

Não fiquei calma, mas imóvel. Fiquei parada no aposento escuro, olhando para as portas, enquanto Cora e Circe se moviam ao redor para acender as lâmpadas.

Segundos se passaram e meu pânico aumentou.

— Vamos lá, traga-os para cá — disse para a porta. — Traga-os para cá.

Cora se aproximou, tocou a mão dela na minha e pediu: — Venha se sentar, Maddie.

Não tirei os olhos das portas.

— Sente-se, Maddie — disse Finnie do meu outro lado. — Gunnar vai trazê-los para cá.

Não me movi.

As portas se abriram e meu coração saltou, mas apenas por um instante.

Meeta estava entrando por elas.

Corri até ela.

— Élan e Chris — disse, no instante em que a alcancei.

Ela olhou nos meus olhos e respondeu: — Vou buscá-los.

Ela se virou para as portas que Alek e Remi tinham fechado atrás dela, só para encontrar Stephan parado lá.

— Fique aqui com a sua senhora — Stephan ordenou.

— Minha Maddie quer as crianças — Meeta respondeu.

— Fique... — Stephan começou, mas não terminou.

As portas se abriram novamente e Hans quase empurrou Loretta através delas.

Fiquei feliz em ver Loretta, mas, meu Deus!

Onde estavam as crianças?

Loretta correu até Meeta e eu. Seus olhos estavam assustados e, quando pegou a minha mão, senti a dela tremendo.

Senti o medo dela, cortando através de mim. Tardamente, mas estava lá.

Eu tinha sobrevivido a muita merda. Uma família terrível. Um marido abusivo e criminoso. Fui transportada para um mundo totalmente diferente.

E eu era o capitão Kirk. Kirk não surtava. Kirk mantinha a calma.

Eu precisava me acalmar.

Então peguei as mãos de ambas, Loretta e Meeta, e as segurei firme.

— Vamos apenas esperar as crianças chegarem aqui e tudo vai ficar bem — disse a elas. — Nós estamos seguras.

— Sim — Meeta disse, apertando a minha mão, e soube que ela apertou a da Loretta também. — A magia do bem vai prevalecer.

Loretta passou a língua nos lábios e segurou minha mão com firmeza.

Olhei ao redor da sala para ver se os outros estavam calmos,
e respirei fundo para manter a minha calma.

Isso funcionou um pouco.

Então fiz isso de novo.

Nada bom.

Mas já foi um pouco melhor.

As portas se abriram e Élan e Chris foram trazidos para dentro por Gunnar. Vi Laures e Draven lá fora, com Alek e Remi.

Laures captou meu olhar e acenou com a cabeça.

Ok, as crianças estavam aqui, os caras estavam lá fora, Laures parecia calmo.

Era ainda melhor.

Retribuí o aceno.

Gunnar fechou as portas, se juntando a nós.

Élan correu para mim.

Soltei a mão das minhas meninas e me agachei, bem a tempo do pequeno corpo atingir o meu.

Passei os braços ao redor dela.

— Está escuro lá fora, senhorita Maddie! — Ela gritou, a pequena voz tremendo de medo.

E posso apenas dizer que a sensação foi extrema, quando o gelo no meu sangue ficou imediatamente quente, quando o medo foi embora e a raiva tomou seu lugar.

Meus olhos foram até o Chris, e mantive sua irmã apertada contra mim, enquanto dizia: — Tudo vai ficar bem. Seu pai nos deixou seguros. Ninguém vai nos levar.

Chris caminhou na nossa direção, os olhos presos nos meus, e parou bem perto, colocando a mão sobre as costas da irmã.

— Vai ficar tudo bem, Élan — ele murmurou, seu olhar ainda no meu.

Dei a ele um sorriso trêmulo.

O sorriso com o qual retribui não era trêmulo.

Assim como o do seu pai.

Infelizmente, no momento seguinte, ouvimos gritos vindos do corredor.

Élan me apertou mais ainda e um ruído de medo escapou da sua garganta.

Ao ouvir seu medo, engoli o grunhido e senti as mulheres chegando mais perto, nos rodeando.

— Talvez devêssemos ir para o berçário. — Ouvi Cora dizer baixinho. — Não tenho certeza que o meu Hayden vai dormir com tudo isso, e não quero que ele acorde assustado.

— Concordo — Finnie respondeu, mas sua voz era incerta e preocupada, e seus olhos estavam sobre o Stephan. — A creche fica em um andar mais alto e deveríamos estar todos juntos.

Vocês ficam aqui — respondeu Stephan. — É um erro movê-las e Zahnin, Bain, Oleg, Quincy, Balthazar, Max, Annar, Ruben e Thad estão guardando as crianças.

Isso era um monte de proteção.

Só esperava que fosse suficiente.

Um olhar para o rosto do Finnie, que ainda estava preocupado, mas não mais incerto, e soube que era suficiente.

Houve um baque que soou como um corpo batendo na parede do lado de fora.

Maldição!

Pulei. Élan pulou nos meus braços. Murmúrios filtrados através das mulheres ao meu redor. E Chris virou o olhar para a porta.

— Nós estamos seguros — sussurrei para Elan, passando minha mão sobre o seu cabelo, esperando, com a graça de Deus, que os rapazes do lado de fora estivessem bem.

Ela me apertou com mais força, se lamentando. — Eu quero o Papa.

Eu também queria.

— Nós vamos ficar bem, doçura — disse a ela. — Ele vai estar aqui, em breve.

Eu a puxei ainda mais para perto, à medida que mais gritos soavam.

Estavam perto, e o barulho de outro corpo sendo jogado, soou. Desta vez, contra a porta.

Chris se virou para mim, os olhos arregalados. O menino estava aparecendo, e ele não conseguiu ocultar seu medo.

Diante disso, fogo ardeu dentro de mim.

Aquelas fodidas e malditas bruxas, umas cadelas, todas elas.

As mulheres se aproximaram mais ainda, Cora colocando a mão no ombro do Chris e o guiando para o nosso amontoado.

— Senhorita Maddie — Meeta sussurrou.

— Nós estamos seguros — falei.

— Senhorita Maddie, me dê a criança. — Meeta ainda estava sussurrando.

Oh, merda.

Inclinei a cabeça para trás, para olhar para ela.

Não gostei do que vi.

— Não — falei baixinho.

Ela olhou nos meus olhos.

— Eles me bloquearam — também falou baixo. — O poder deles está dirigido a outras coisas, agora, então não estou mais bloqueada.

Ela havia sido bloqueada.

Ela não estava mais bloqueada.

Ela sabia o que ia acontecer.

E ela queria Élan.

Ok.

Merda.

Não.

As palavras do Apollo atingiram o meu cérebro.

Você não acha que tudo isso diz que é hora de deixar a tristeza e a tragédia onde pertencem, e olhar para a frente, para um futuro que não pode ser nada além de brilhante?

Olhei nos olhos da Meeta.

Aparentemente, ele estava errado.

Tomando a minha decisão, me levantei, empurrando Élan na direção dela. — Vá! — Exclamei e me virei para Loretta. — Leve o Chris!

Loretta pegou instantaneamente o Chris.

— Maddie, isso é... — começou Finnie.

Ao mesmo tempo, Chris gritou: — Eu fico com a senhorita Maddie!

Foi então que aconteceu uma explosão ensurdecedora, sua força estourando as janelas e as cortinas, lançando cacos de vidro e pedaços de veludo no ar.

Estendi a mão para Chris e o empurrei para baixo, então todos fomos lançados para o chão.

Quando o vidro assentou, levantei a cabeça e meus olhos encontraram os da Meeta.

— Leve-os agora! — Gritei, rolando para longe do Chris, ficando de pé e o puxando comigo, puro instinto me levando a concluir. — Leve-os para os lobos!

Meeta levantou, saindo de cima da Élan, sobre quem ela tinha se jogado em cima, arrastando o peso da menina em seus braços e começando a correr.

— Eu fico com a senhorita Maddie! — Chris gritou e vi Loretta o puxando para as portas, mas ele estava resistindo a ela.

— Vá com a Loretta, Chris, por favor! — Gritei quando o quarto começou a se encher de névoa.

Névoa Vermelha.

Névoa azul.

Névoa negra.

Uma névoa do mal.

Todas elas girando ao meu redor, e ao redor da Cora, da Finnie e da Circe.

Os homens que estavam no lado de fora ficaram à vista e reparei que todos os homens do Apollo estavam lá, e alguns do Frey.

Merda!

— *Senhorita Maddie!* — Élan gritou e a vi esticando os braços na minha direção, enquanto ela e Meeta desapareciam depois de atravessarem as portas.

Em seu lugar, a outra Circe correu para dentro, seguida pela Valentine.

Elas levantaram as mãos e faíscas douradas e verdes encheram a sala.

Senti que pegavam a minha mão e olhei para a direita.

Cora a tinha pego.

Senti que pegavam minha outra mão e olhei para a esquerda.

Circe a tinha segurado.

Olhei para a frente.

Circe e Cora estavam de mãos dadas com Finnie.

— Merda, merda, *merda* — Finnie sussurrou exatamente quando a sala desapareceu.

* * * * *

Apollo

Apollo seguiu Lahn para a sala de pedra nas entranhas do Palácio de Inverno, uma sala cheia de homens.

E uma mulher.

No momento em que chegou lá, Lahn se virou para olhar por cima do ombro do Apollo.

— É ela? — Ele grunhiu.

Apollo tinha ideia do que estava perguntando e não se importava.

Maddie tinha desaparecido. Sabendo que seus filhos estavam sob forte vigilância de soldados, bruxas e lobos, trazê-la de volta era a única coisa em sua mente.

Lahn decidiu encarar sua falta de resposta como uma resposta e caminhou diretamente para Franka Drakkar, que se encolheu no canto, sob Oleg e Laures.

Ele empurrou os homens para o lado e Apollo viu quando ele levantou a mulher pela garganta e a jogou através da sala.

Ela não teve nem tempo de gritar.

Lahn seguiu até onde ela se chocou contra a dureza da pedra com força, e se inclinou, o rosto a um centímetro do dela.

— Traição — ele gritou — leva à punição severa.

Frey, já no quarto, se aproximou do Lahn.

— Por enquanto, precisamos dela viva — Frey disse baixinho, mas sua voz era firme e controlada. Havia raiva em sua postura, tornando-a dura, e estava evitando olhar para Franka, provavelmente com medo do que ele próprio faria se olhasse para ela.

— Eu fiz o que você pediu — Franka sussurrou e Apollo se forçou a olhar para ela.

O olhar dela passou do Lahn para o Frey.

— Eu fiz o que você pediu! — Ela gritou.

— Traga-a até mim.

Todos os homens se viraram para ver a outra Circe e Valentine no quarto, Tor vindo atrás delas.

Apollo se moveu, até que estava de igual para igual, cara a cara com a bruxa, e grunhiu: — Você disse que elas estavam a salvo.

— Traga a mulher até mim — ela exigiu, em seguida, deu um passo vagaroso para o lado e virou os olhos para Frey. — Chame seus elfos. Nos encontraremos na Ilha do Espectro.

Tor se moveu para o lado dela, ordenando: — Nos envie para lá agora.

Valentine se virou para ele. — Com a tríade intacta, sua magia é muito forte. Eu não posso leva-los até lá. Não posso nem *me* transportar até lá. E Lavinia foi derrotada por Helda.

O estômago de Apollo se retorceu diante desta notícia, e Valentine continuou falando.

— Temos que ser inteligentes. Para os elfos poderem fazer seu trabalho contra os nossos inimigos e por Lavinia, temos que ser rápidos. E temos que ter esperança.

Apollo abriu a boca para falar, mas Valentine continuou, antes que pudesse pronunciar uma palavra.

— Como eu suspeitava, esta é uma batalha de irmãs e magia. Apenas irmãs e magia. Ambas a mesma coisa. Nem tudo inteiramente bom. Nem tudo inteiramente mal. Veremos qual lado prevalece. Mas você deve confiar no bem, pois o *nosso* lado possui aliados cujos vínculos são formados de uma maneira que não podem ser quebrados.

Apollo sentiu algo desagradável se mexer dentro dele e sussurrou: — Você sabia. Você sabia que nosso plano seria um fracasso.

Ela olhou para ele. — Eu te disse, *mon loup*, eu não tenho o dom da visão.

Ele se inclinou para ela e trovejou: — *Você sabia!*

Ela não respondeu a isso.

Disse: — Mantenha seus lobos prontos ao redor do palácio e traga a mulher para mim. — Seus olhos enfrentaram os dele. — Traga-a para mim, Apollo. Para vencer, precisamos do nosso próprio mal. Há apenas uma coisa mais poderosa do que a vingança, e se você a trouxer para mim, teremos ambas do nosso lado.

Apollo segurou o olhar dela e contraiu a mandíbula.

Em seguida, deu um passo para o lado e se virou para Frey e Lahn.

— Entreguem Franka para ela.

Frey não se moveu. Lahn se moveu somente para se endireitar, se afastando da mulher, ainda de costas no chão.

Foi Achilles que se deslocou para frente, ajudou Franka a levantar da pedra e a escoltou como qualquer gentleman faria, como só Achilles podia fazer agora, até Valentine.

— Segure o meu braço — Valentine ordenou a ela.

— Eu não... — Franka começou, se encolhendo.

Valentine a alfinetou com seu olhar.

— Você busca vingança? — Ela perguntou.

Franka hesitou, antes de levantar o queixo e responder: — Sim.

— Então, segure o meu braço — Valentine ordenou.

Franka passou os dedos ao redor do braço da Valentine.

Valentine olhou para a outra Circe. — Reúna as crianças. Se uma escolha tiver que ser feita, você sabe qual a única proteção que irá mantê-los seguros. Sua vida pela deles.

O clima na sala, já sombrio, virou breu.

Circe assentiu.

Valentine levantou as mãos.

Frey, Lahn e Tor se reuniram em torno do Apollo.

— Traga-as de volta — Apollo vociferou.

Valentine exibiu o seu sorriso felino.

— Oh, *chéri*, tenha fé.

Deuses, aquela mulher era malditamente irritante.

A névoa verde se formou.

Franka e Valentine desapareceram.

Mas as palavras finais da Valentine ainda podiam ser ouvidas. — Lembrem-se, o amor é tudo.

* * * * *

Maddie

Segurando firme, tínhamos estado caindo, mas aterrissamos com um baque que dobrou os joelhos de todas e cada uma de nós.

Me recuperando, estiquei as mãos, puxando Cora e Circe para perto. Obviamente elas fizeram o mesmo, pois Finnie estava tão perto, que nós quatro formávamos um amontoado apertado.

— Tudo bem? — Perguntou Finnie.

— Tudo bem — Cora sussurrou.

— Sim — disse Circe.

— Ok — respondi.

Olhamos uma para a outra, em seguida, olhamos em volta.

— Porra — Circe suspirou.

Ela tinha esse direito.

Estávamos em um aposento gigantesco, que devia ter, pelo menos, o tamanho de um campo de futebol. Era inteiramente feito de blocos de pedra branco acinzentada.

Havia duas portas de madeira gigantes atrás da Finnie. Tinham, pelo menos, dois andares de altura e feitas de madeira branco acinzentada, com o que pareciam ser dobradiças de estanho. Também parecia que seria preciso meia dúzia de homens para abri-las.

E, por último, estavam fechadas.

Mas essa não era a parte ruim.

Não.

A parte ruim era que podíamos ver isso além das cintilantes, vacilantes e etéreas barras azuis que formavam uma jaula.

Olhei para cima, vendo as barras curvadas no topo, a transformando em uma enorme gaiola mágica.

Bem, uma coisa era certa, Minerva tinha uma coisinha para as aves.

Cora chegou mais perto, olhei na sua direção e vi que ela estava olhando por cima do ombro.

— Nada bom — ela murmurou.

Olhei naquela direção e fiquei dura como pedra.

Isso porque a gaiola estava situada perto de alguns degraus, que levavam até um estrado.

E naquele palanque estava um grande trono, que parecia ser feito de ramos branco acinzentados, que caíam para fora e para cima, terminando em espinhos que pareciam letais.

Sentado no trono estava Pol.

E, por último, se aconchegando no seu colo estava Cora, a Desagradável.

Porra.

Todas nós viramos na direção deles, em uníssono, soltando a mão uma da outra, mas reforçando nossa aproximação.

Cora, a Desagradável, estava sorrindo para nós.

Pol estava olhando de cara feia para mim.

Porra.

— Parece que os dois encontraram o par perfeito — Cora murmurou baixinho.

Era divertido.

Também era verdade.

Mas ninguém riu.

Todas nós apenas ficamos paradas e vimos o casal nos observando.

Infelizmente, Pol se moveu.

Ele se levantou do trono, erguendo Cora com ele. Ele a colocou de pé e passou um braço em volta dos seus ombros, puxando-a com força para o seu lado.

Ela se aconchegou ainda mais, passando um braço em volta da sua cintura.

E, nessa posição, desceram os degraus até a nossa gaiola.

Nós continuamos paradas e os observamos.

Eles continuaram a descer.

Me esforcei para não morder o lábio enquanto Pol continuava a se aproximar, cada movimento que fazia, o fazia com os olhos grudados em mim.

Se aproximaram das brilhantes barras azuis da gaiola e eu preendi a respiração.

Meu estômago se contraiu quando ele as atravessou.

As mulheres se moveram, e fizeram isso me empurrando, para poderem me cercar.

Mas Pol não se aproximou.

Ele parou a um metro e meio de distância, e no instante em que parou, Cora, a Desagradável, se virou para ele e passou os dois braços em torno da sua cintura.

Seus olhos estavam voltados para Cora, a Benévola.

Depois que notei isso, virei os olhos novamente para Pol.

Quando o fiz, ele levantou o braço que estava em torno dos ombros da Cora e acenou com a mão no ar.

Eu não tinha notado.

Então reparei.

E senti meus lábios se abrirem com terror apavorante.

— Lindo — ele disse baixinho, sua voz penetrando na minha pele, e não de um jeito bom. — Aço — continuou ele e meus olhos deslizaram pela brilhante prata moldada, que se movia como uma mão normal, mas *não* era absolutamente isso.

— É pesado — continuou ele, em seguida, finalizou — mas funciona.

As mulheres chegaram mais perto de mim.

— Seu — Cora, a Desagradável, falou, desviei os olhos do Pol para olhar para ela e vi que ainda estava olhando para Cora, a Benévola. — Defeito — ela continuou e se aconchegou mais ainda contra o Pol. — É perfeito para mim.

Pol passou o braço ao redor dela novamente.

Senti a bile encher minha garganta.

Todas nós pulamos quando ouvimos o rangido alto de dobradiças encher o espaço. Então, olhamos por cima dos ombros e vimos as portas imensas se abrirem.

Um homem gordo entrou, usando uma capa de veludo vermelho e calças de veludo preto, excepcionalmente brilhantes, botas pretas e uma brilhante camisa de seda vermelha.

Quando chegou perto, notei que também tinha pequenos olhos redondos.

Ele parou do lado de fora das grades da gaiola e olhou para dentro, seu olhar se movendo direto para a Circe.

Em seguida, olhou para o Pol.

— Essa é a minha? — Perguntou.

— Não — Pol respondeu. — A sua está vindo.

O homem olhou novamente para Circe com tal olhar no rosto, que dessa vez tive que engolir a bile, quando declarou: — Se não a trouxerem, vou ficar com essa.

— Baldur — Circe murmurou baixinho.

Fantástico.

— Espionando-os todos esses meses — Cora, a Desagradável, afirmou, todas olhamos para ela e vimos que tinha se desvencilhado do Pol e estava nos rodeando. — Todos eles pareciam tão valentes. — Ela parou e inclinou a cabeça para o lado, nos estudando. — Não são tão valentes sem as espadas nas costas.

Mais uma vez, o meu corpo congelou, exceto os meus olhos, que saltaram para Pol quando disse: — Parece que vou, finalmente, tirar uma criança de você. — Minha respiração gelou quando continuou. — Eu e a Cora, vamos criar a sua. — Ele inclinou a cabeça na direção da Cora, a Benévola. — E a dela.

Oh, Jesus.

Isso estava piorando.

— Edith quer a do gelo — disse Baldur, todas nós olhamos para ele e o vimos olhando para Finnie. — Ela a quer, porque quer os dragões e elfos. Ela vai ficar com a sua.

Oh, Deus.

E pior.

— A sua apenas vai sumir — Baldur continuou, seu olhar se movendo para Circe. — Como vão fazer os outros dois que você colocou para fora, para aquele selvagem. Para eu ter as Southlands, a Dinastia Dourada deve cair.

Estendi a mão, agarrei a da Circe e seus dedos se apertaram ao redor dos meus, no instante que os meus encontraram os dela.

— Vai ser legal pra caralho dominar os lobos — disse Pol, olhei para ele e vi que tinha se juntado à Cora, a Desagradável, abraçando-a novamente. — Minha mulher, ela só quer um lugar chamado Bellebryn. Gosta do castelo de lá. Assim, ele vai ser dela.

Cerrei os dentes, então evitei morder o lábio e encarei seus olhos, sabendo que ele não tinha terminado.

E não tinha.

— Claro, isso significa que não só as crianças da cadela loira têm que morrer, todas elas têm.

Merda, merda, *merda*.

— Viktor é o próximo Frey e Drakkar — Cora, a Desagradável, adicionou. — Com ele fora, e com a ajuda da Minerva, a menina que você carrega vai fazer história, sendo a

primeira mulher a comandar os elfos e os dragões. Nós temos que agradecê-la por isso, não sendo deste mundo, partilhando a força do seu amor pelo seu marido, com uma criança do sexo feminino. Não só faz com que o que você carrega, mas todos os que vocês carregam imensamente poderosos.

Lá estava. A coincidência de estarmos grávidas ao mesmo tempo, não era uma coincidência.

Eles sabiam que isso ia acontecer e planejaram tirar os nossos bebês.

— É por isso que sua filha vai comandar os lobos — acrescentou Pol na minha direção. — Obviamente, depois de me livrar do menino.

Minhas entranhas se contorceram.

Chris.

— E a sua filha vai assumir as Northlands — Cora, a Desagradável disse para Cora, a Benévola. — Nós vamos governar por ela a princípio, é claro. Mas Minerva tem grandes planos para ela. — Ela se inclinou e sorriu com doçura fingida. — *Grandes* planos. Ela escolheu bem, com você e o Príncipe Nocturno. Ela vai moldar uma bruxa poderosa, da criança que vocês fizeram. — Ela se inclinou para trás e nos olhou de cima a

baixo. — Ela vai moldar bruxas poderosas de *todas* as meninas que vocês fizeram.

— Então você nos trouxe aqui para poder roubar nossas filhas? — Perguntou Circe.

— Ela é rápida — Pol murmurou, com um riso baixo, para Cora, a Desagradável.

— Foi idéia da Helda — Baldur compartilhou e olhamos para ele. — Sabendo que demanda grande magia para construir o amor entre os mundos. Uma magia maior que a dos dragões. Maior que a dos elfos. Maior do que qualquer coisa. Magia do tipo que nenhum mundo já conheceu. Minerva, ao dividir as almas do príncipe Noctorno e da sua noiva, lhe deu a idéia. Em seguida, histórias vieram das terras de gelo, das terras selvagens. Amor criando lendas. Ela sabia que se pudesse aproveitar essa magia, bem... — Ele inclinou a cabeça para o lado. — Ela também sabia que não podia fazer isso sozinha. Ela se aproximou da Minerva, elas recrutaram Edith e, é claro, elas tinham que ter aqueles de nós que queriam cuidar das tarefas do dia a dia de governar nações, uma vez que despachassem o mais forte dos guerreiros, reclamassem suas filhas poderosas, e conquistassem a terra. — Ele caminhou para frente, atravessou as barras e inclinou a cabeça na direção de Cora e Pol. — Isso é o que temos.

— Então, essencialmente, para ser um governante a única qualidade que você tem que ter é ser tolo? — Cora, a Bomba, perguntou.

Baldur não se ofendeu. Soube disso quando ele exibiu um sorriso sebo.

— Vejo que você percebe que nenhum dano virá a você por alguns meses — ele respondeu. — Ainda assim, bravatas de uma coisa deliciosa como você são mais agradáveis.

— Por que suas bruxas não se mostram? — Perguntou Circe.

— Mais bravatas — Baldur murmurou, seus olhos se movendo sobre Circe de uma forma, que fez com que todas nos aproximássemos. — Não pense que a sua magia irá atendê-la aqui, minha filha. Toda magia, exceto das nossas amantes é restrita. Isso não vai funcionar. Sua bruxa verde, quando chegar, será inútil. Em seguida, será despachada. — Seu rosto se iluminou com alegria maliciosa, quando terminou, — Vocês, lamentavelmente, subestimaram o poder. Pensando que algo tão imenso poderia enfraquecer sob o fogo do dragão. Compreensível, mas definitivamente, a chama de um dragão é imensa e, é claro, ninguém é mais poderoso que um elfo. — Ele se inclinou, exibindo um grande sorriso. — Exceto elas.

Isso não era bom.

E ficou ainda pior quando, de repente, quatro coisas penetraram o teto.

Uma delas foi a fumaça negra.

Ela se dirigiu para o estrado, formou um trono do que parecia ser um spray de hastes de aço pretas, e sentada nele estava uma mulher, usando um vestido preto no estilo da moda de Vale. Tinha cabelo preto e olhos negros, pele de alabastro e, surpreendentemente, um rosto incrivelmente bonito.

E por trás do trono, ao seu lado, Derrik apareceu.

Derrik.

Meu coração parou.

Ele olhou para mim.

Que porra era aquela?

Pensei que ele estava fora, em alguma missão autônoma, do nosso lado.

O que estava fazendo aqui?

Com *eles*?

Eu queria poder pensar sobre isso.

Eu não podia pensar sobre isso.

Tive que olhar para o outro lado, onde havia uma chama vermelha caindo.

Ela também foi para o estrado, em frente ao trono preto e ao cinza.

Formou outro trono, que irradiava fogo vermelho, e nele estava uma mulher um tanto robusta, usando um vestido de folhas amarelas, alaranjadas e vermelhas que pareciam algo que uma palhaça usaria (exceto de maneira mais assustadora do que um palhaço comum, é claro).

Ela tinha o cabelo armado, vermelho-fogo e era, não surpreendentemente, nem um pouco atraente.

Outro flash de faíscas azuis.

Ele apontou e obliterou o trono cinza em uma labareda de reflexos azuis. Em seu lugar, formou um trono transparente formado pelo que pareciam ser cristais. Nele, pairou – não sentou – uma mulher vestindo um fino vestido azul flutuante, o cabelo branco iluminado por faixas elétricas azuis. E por último, a pele pálida do rosto esticada sobre características que não podiam ser descritas como algo diferente de um pássaro.

Bem, lá vai.

Sua afinidade com pássaros explicava.

E, por último, um spray verde que parecia líquido, choveu do teto. Ele caiu bem nos pés do estrado, e quando pousou, o

corpo suspenso da Lavínia, a bruxa boa de Lunwyn, bateu sem vida sobre a pedra.

Merda, merda.

Porra.

— Não — Finnie sussurrou, a voz embargada com horror e tristeza.

— Eles não estão aqui?

As palavras soaram em torno de nós, não vinda de uma pessoa, mas a bruxa preta (definitivamente Helda), a bruxa vermelha (pelo processo de eliminação, Edith) olharam para a bruxa azul (absolutamente Minerva).

Assim, imaginei que era a voz desencarnada da Minerva, que soou em torno de nós.

Ninguém respondeu a ela e imaginei que ela estava falando pelo menos sobre Valentine, porque ela tinha que ver que estávamos lá.

Embora ninguém respondesse sua pergunta, Pol falou.

— Eu a quero.

Olhei para ele e vi que tinha soltado Cora, a Desagradável, apontando na nossa direção.

Mas eu sabia que ele tinha se referido a mim.

— Paciência — a bruxa preta, Helda, disse. — Poucos meses e ela será sua para brincar.

Ok, as coisas pareciam muito ruins, mas essa merda foi *não* ia acontecer.

Pol estava se movendo na sua direção, com um sorriso no rosto que eu conhecia. Um sorriso encantador, bonito, que no início, o ajudou a escapar de um monte de merda.

— Eu vou ser gentil — disse a elas.

— Paciência — Helda repetiu.

Pol parou e perguntou: — Você acha que eu faria qualquer coisa para foder este show?

As bruxas olharam para ele.

Finalmente, Helda levantou a mão e murmurou: — Oh, muito bem.

Merda.

Esse foi o único pensamento que tive tempo de ter. Gritei com surpresa quando, de repente, fui arrancada de perto das mulheres. Meu corpo se movendo, não sob a minha vontade, atirado através do espaço direto para Pol. Tentei me retorcer e virar. Tentei fazer *qualquer coisa* para ficar longe dele.

Eu podia me retorcer e me virar, mas nada me impediu de bater direto nele.

Seus braços me envolveram instantaneamente.

Fabuloso.

— O que é isso? — Cora, a Desagradável, perguntou, sua voz aguda ligeiramente alta.

— Apenas brincando — Pol respondeu a ela, mas seus olhos estavam em mim.

Eu lutava em seus braços enquanto ouvi barulhos que indicavam que Finnie, Circe e Cora estavam lutando, também. Com o quê, não fazia ideia e não podia olhar.

Só podia me concentrar em ficar longe do Pol.

Ele não tinha dificuldade em me segurar.

Isto não era mágica. Ele sempre foi mais forte do que eu.

— Você o deixou tocar em você — ele sussurrou.

Aqui vamos nós.

— Me solte, Pol — também sussurrei, ainda lutando.

— Aceitou seu pênis — vociferou. — Deixou ele plantar um bebê dentro de você.

Empurrei contra ele, tentando encontrar uma maneira de lhe dar um chute, mas não respondi.

— Ambos os meus filhos desapareceram. Este virá. — Ele sacudiu a cabeça para indicar as bruxas. — Elas já a viram.

Eu ainda estava nos seus braços.

Elas tinham visto meu bebê.

Ela nasceria.

Algo brotou dentro de mim e me senti bem.

Incrivelmente bem.

Me manteria viva a todo custo e não desistiria fácil.

Mas ainda tinha de lidar com Pol.

— Um deles se foi — rebati. — O outro, você matou.

Seus olhos brilharam, os braços enrijeceram, seu rosto se inclinando até no meu, ignorando palavras que eram hediondas e verdadeiras.

— Aceitou seu pênis — ele sussurrou.

— Sim — vociferei.

— Você pensou em mim quando ele estava fodendo com você? — Perguntou.

Olhei bem nos olhos dele, levantei o queixo e respondi: — Nem *uma... fodida... vez.*

Seus braços ficaram tão apertados, que temi pelas minhas costelas.

— Quando sua filha estiver fora de você, tudo que terá é a mim — falou entre os dentes. — Eles têm planos. Vai ser um dia ruim para você, baby. Eles te pegaram. Eles vão pegar a sua menina. E vão cuidar do resto. Isso significa que aquele cara que você estava deixando fodê-la, ele vai virar pó.

Eu não podia acreditar nisso.

Eu não ia acreditar nisso.

As coisas não pareciam boas.

Mas Apollo ia encontrar uma maneira.

Frey ia encontrar uma maneira.

Lahn encontraria.

Tor encontraria.

Havia uma maneira e eles iam encontrá-la.

A mão dele subiu, a de aço, e ele tocou meu rosto com ela.

Parecia tremendamente fria e muito pesada contra a minha pele e, de repente, tudo em que conseguia pensar era que faria um buraco na minha cabeça, se me acertasse com raiva.

Pol ficou tão perto que tudo o que eu podia ver eram seus olhos.

— Vou fazer você esquecê-lo.

— Sem chance — respondi.

Ele sorriu um sorriso que não era bonito ou charmoso. —
Vou encontrar um caminho.

— O que é... *isto*? — Cora, a Desagradável, perguntou e Pol
olhou para ela.

— Se afaste um segundo, sim? — Ele ordenou.

— O que é isso? — Ela retrucou.

Má ideia.

Pol não gostava quando alguém não fazia o que pedia.

— Cai fora — ele grunhiu, os olhos se estreitando. Quando
ela não se moveu, ele continuou. — Porra, há o bastante de mim
para todas.

Olhei para ela e vi que seus olhos eram fendas e suas costas
estavam rígidas.

— Eu não compartilho — ela retrucou.

— Eu digo se você compartilha ou não — Pol rebateu.

Ela acenou com a mão na direção das bruxas. — Elas o
deram para *mim*.

— Não, querida, elas deram *você* para *mim* — ele rebateu.

— Você não é nem mesmo deste mundo! — Ela gritou.

— E você não teve nenhum uso, exceto para enganar Ilsa — ele respondeu. — Jesus, se liga.

— Vou ser a Rainha das Northlands — declarou ela.

— Rainha do meu reino, mulher. — Ele balançou a cabeça. — Assim, caralho, se preocupe em ter o rímel corrigido, você não consegue dominar uma sala de aula, muito menos um maldito continente. Eu sei como comandar um império, cadela, e eles sabem disso. Agora, — inclinou nós dois em direção a ela — cai ... fora... *porra*.

Ela partiu para cima dele, de uma forma que ele não teve outra escolha a não ser se soltar.

Ouvi uma voz desencarnada: — Que *incômodo*.

Mas, aparentemente, nem Minerva nem suas amigas cadelas sentiram vontade de intervir.

Isso foi bastante desafortunado para Cora, a Desagradável, porque obviamente não tinha chegado a conhecer as partes ruins do Pol, então não sabia que ele não se continha.

Então, ela não podia saber o que estava chegando.

Portanto, após uma breve luta, quando o punho de aço caiu sobre a sua cabeça, ele fez, de fato, um buraco nela.

Eu estava congelada, em choque, quando ela caiu inerte no chão, o sangue fluindo, vermelho vivo, através da pedra branco acinzentada, sangue que escorria da cabeça dela.

Esperei, sem fôlego.

Ela não se contraiu, nem mesmo gemeu.

Putá merda.

Ele simplesmente a matou.

Ali mesmo.

Ele tinha acabado de matá-la.

Recuei, bile novamente subindo pela minha garganta.

— Maddie! As barras! — Gritou Finnie, logo antes de uma faísca de eletricidade explodir ao longo das minhas costas e faíscas azuis chiarem em torno de mim.

Mergulhei para frente no momento o que Pol se virou para mim.

— Caralho! Olhe o que você me fez fazer!

Sério?

Sério?

— Eu? — Perguntei.

— Você — ele falou entre os dentes, começando a vir na minha direção. — Cristo, sempre perco a cabeça quando estou perto de você. Louco pra caralho.

Ele *era* louco pra caralho, mas não pelas razões que achava que era.

Não podia compartilhar isso. Eu estava circulando enquanto ele continuava me perseguindo e ouvi um comentário, obviamente, nem um pouco chateado sobre a recente morte da Cora, A Desagradável. Baldur falou, — Por favor, não. Isso é muito divertido.

Portanto, eu sabia que uma das bruxas ia intervir.

Elas não o fizeram.

Pol continuou me perseguindo.

Eu continuei circulando.

Elas provavelmente acharam muito divertido, e estava claro que Pol estava certo.

Cora, a Desagradável, era dispensável.

Olhei para o Pol, pensando que isso era uma merda.

Isso tudo era uma merda!

Como a vida podia ser tão incrível, tão cheia de promessas, tão bonita em um momento, e no outro, aqui estava eu,

enfrentando o meu maldito ex marido, confinada por uma gaiola mágica em um outro mundo?

Quero dizer, sério?

— Confio em você para estragar tudo, quando estou finalmente feliz — vociferei para Pol.

— Não me faça a perseguir, cadela — ele também falou entre os dentes.

— Quando Apollo chegar aqui, ele vai cortar a sua mão de aço, a outra mão e acertar você na cabeça com a espada dele.

— Acorde, Ilsa, esta merda não vai ser boa para você. O cara, provavelmente, já está morto.

Eu não podia acreditar nisso.

Eu não ia acreditar nisso.

Mas só de pensar, o meu coração doeu.

— Ele vai me salvar — sussurrei.

— Mande um beijo de adeus, baby — ele rebateu.

— Venha para perto de nós, Maddie — Circe falou.

— Eu não o quero perto de vocês — respondi, ainda circulando, mas fazendo isso bem longe das meninas.

— Chegue mais perto, Maddie! — Gritou Finnie.

— Eu não... — comecei.

— Venha! Agora! — Cora gritou.

Não sei por que fiz isso, mas corri na direção delas.

No instante em que me aproximei, Circe apertou minha mão e notei que todas as mulheres estavam de mãos dadas, formando um círculo.

Finnie agarrou minha outra mão, e no segundo que o fez, Circe ordenou: — Pense no seu homem.

Não tinha ideia do porquê ela queria fazer isso, mas o fiz.

Não era difícil. Era bom. Bonito. Tranquilo. Visualizei uma imagem do Apollo, alto, forte, grande, bonito, a capa esvoaçando atrás dele, em seguida, balançando para a frente, balançando ao redor dele, envolvendo-o em seu abraço.

Aquela capa era de arrasar.

Assim era o meu homem.

Diante desse pensamento, um fluxo de energia atravessou minhas mãos e um anel explodiu do nosso amontoado, com listras cor de ouro, azul gelo, violeta e papoula. Atingiu Pol e Baldur, levantando-os dos seus pés.

Em seguida, o anel se expandiu e subiu, as barras azuis da gaiola se desintegrando.

Finalmente, ele explodiu e faíscas multicoloridas voaram para todos os lados.

Imaginei que eles estavam errados sobre a magia da Circe não funcionar aqui.

Graças a Deus

— Agora, corram! — Gritou Circe.

Corremos na direção das portas.

Elas fecharam com um estrondo.

Merda!

Derrapei até parar quando meu braço foi puxado, porque ainda estava segurando a mão da Circe e ela tinha caído, sendo derrubada por Baldur.

Ela rolou sobre ele e Finnie agarrou seus cabelos, puxando-o para trás.

Ele uivou.

— Ele estava certo — a voz desencarnada soou. — Isto é *muito mais* divertido.

Bruxas *fodidas*.

Não podia pensar nelas. Ainda não.

Estava prestes a ajudar na briga com Baldur, quando fui puxada para trás por um antebraço na minha garganta.

Do Pol.

Ele me puxou uns dois passos para trás, mas me retorci em seu aperto, me soltando. Me abaixei e me arrastei para longe.

Ele estendeu a mão de aço para mim, mas nem chegou perto.

Isso aconteceu porque Cora o atacou pelo lado.

Sem estar preparado para ela, eles caíram no chão e vi Pol se preparar, mirando um golpe do punho de aço na sua cabeça, então fui até eles. Dando o bote, envolvi as duas mãos em torno dele e o puxei para trás.

Circe e Finnie deviam ter lidado com Baldur, porque elas apareceram e Finnie deu um chute na virilha do Pol.

Sempre uma ótima escolha.

Pol gemeu, parou de se debater (reconhecidamente perdendo) e se enrolou de lado, colocando ambas as mãos no meio das pernas.

Cora correu para as portas, colocou as mãos sobre ela e foi imediatamente ofuscada pelo grande círculo oscilante.

Isso não a perturbou. Ela empurrou.

Corri até ela e também empurrei.

Finnie e Circe se juntaram a nós e empurraram.

— Use a sua magia! — Finnie gritou para Circe.

— Aquilo não foi minha magia — Circe respondeu.

— O que foi aquilo? — Gritou Cora.

— *Nossa* magia — respondeu Circe.

— Onde está a... *Valentine*? — Finnie perguntou em um grunhido, empurrando.

O som da voz desencarnada estava realmente soando com humor, quando afirmou: — *Muito mais* divertido.

— Argh! — Gemi, em seguida, exigi: — Precisamos formar outro círculo, senhoras!

E quando o fiz, de repente, todas caímos para a frente, quando as portas se abriram.

Nos levantamos e me acalmei, olhando para Franka Drakkar do lado de fora das portas.

Ela não olhou para nenhuma de nós enquanto deslizava para dentro.

Deslizava.

Para.

Dentro.

Não tivemos oportunidade de aproveitar e atravessá-las. No instante em que Franka passou o limiar, as portas se fecharam.

Nos viramos e observamos enquanto ela caminhava lentamente por toda a extensão do espaço até as bruxas.

— Que porra é essa? — Ouvi Finnie sussurrar.

— Não tenho certeza se isso é bom — também sussurrei a resposta.

— Você a conhece? — Cora perguntou.

— Fiquem quietas e juntas — Circe falou.

Nos unimos novamente.

— Isso é interessante — disse Helda, abaixando os olhos para Franka, que parou no pé da escada, na parte inferior do palanque. Ela inclinou a cabeça para o lado. — Você teria sido uma boa governante. Mas, em breve, você será nada.

— Você devia ter perguntado, sem levar meu Antoine — Franka respondeu, e tive que admitir, ela era boa. Fria, mesmo em momentos como este. Ela parecia tão calma quanto podia ser.

— Antoine? Quem é Antoine? — Perguntou Finnie.

— Shh! — Cora nos silenciou.

— Preparem-se — advertiu Circe.

Oh, merda, pensei.

— Esta foi a sua falha. Ele não era nada. A lição vem tarde demais, mas vou dá-la a você, independentemente disso. Você não deve desperdiçar suas energias se preocupando com nada — Helda disse para Franka.

Eu podia afirmar que não foi a coisa certa a dizer, pela forma como a linguagem corporal da Franka mudou.

— Que assim seja — Helda continuou.

— Sim — respondeu Franka. — Que assim seja.

E foi quando aconteceu.

Ela se abaixou, girando o torso ao mesmo tempo. Esticou o braço, e da sua mão, uma cintilante onda verde esmeralda disparou.

Nesse momento, um corpo atravessou o teto.

Caindo de pé e se agachando na beira do estrado, estava Tor, vestindo calças de brim estranhas, uma camisa de algodão e botas marrons.

Ele se levantou, puxando uma arma (sim! Uma arma!) da parte de trás do seu cinto. Ele a apontou para Edith, que estava saindo do seu trono, e disparou.

Ela caiu para trás, batendo no trono, o que a lançou para a frente. Ela rolou os degraus, deixando um rastro de sangue por todo o caminho.

Mal chegou a parar na parte inferior, quando Tor virou a arma na direção da Helda.

Mas Derrik tinha entrado em ação e se moveu rapidamente. Respirei fundo, chocada, quando ele segurou a cabeça da Helda com ambas as mãos, a bateu no braço do seu trono e a soltou.

Ela caiu contra o assento.

Então Lavinia foi erguida por uma chuva de faíscas azul gelo que, quando atingiram o chão, se transformaram em criaturas em miniatura, que se transformaram, imediatamente, em criaturas não mais em miniatura, com orelhas iguais ao do Spock. Também usavam pequenos chapéus, com penas apontando para fora.

E, por último, seus corpos eram de um brilhante azul gelo.

Instantaneamente, criaturas enormes parecidas com trolls e os homens com cabeça de pássaro apareceram, às dezenas, por todos os lugares.

Merda!

As criaturas de chapéu não lhes deram sequer um olhar. Em uníssono, ergueram as mãos, e uma parede de gelo envolveu Minerva.

Assim como surgiram, os trolls e os homens com cabeça de pássaro explodiram sem alarde e desapareceram.

Uau.

Minerva não ressuscitou da sua cadeira, mas, segundos após a parede de gelo a rodear, a atravessou, flutuando alto, o corpo arqueado para trás, um grito de gelar o sangue encheu o ar, fazendo nosso grupo se aproximar ainda mais, quando um líquido azul jorrou do seu corpo, que ainda pairava sobre a pedra.

— De joelhos! — Tor ordenou, correndo na nossa direção, a arma levantada, meus olhos voaram para o lado e vi o Pol se levantando.

— Estou achando que esse não é o Tor — murmurei.

— Não é — Cora sussurrou. — É o Noc. Gêmeo do Tor do nosso mundo.

Aparentemente, o gêmeo do cara era um cara legal.

Sorte a dela.

— De joelhos! — Noc gritou.

Olhei novamente para Pol, que estava sorrindo.

Oh, oh.

— *De joelhos!* — Noc berrou.

Pol disparou para o lado.

E porque era um idiota, fez isso vindo na minha direção.

E não conseguiu me alcançar.

E isso porque um homem apareceu na minha frente.

Ele estava de costas, então só consegui ver que era um homem usando uma capa.

Um homem carregando uma espada.

Um homem que não hesitou em usar a espada.

Ele a girou em um poderoso arco e ouvi um corpo bater no chão. Um milésimo de segundo depois, ouvi um outro barulho mais silencioso, que incluía um rolar nauseante.

— Ok — Cora murmurou. — Nojento.

Apollo se virou para mim.

Olhei nos furiosos olhos cor de jade.

Olhos cor de jade que eram lindos – furiosos, assassinos, tanto faz, não me importava. Simplesmente amava aqueles

olhos. Adoraria aqueles olhos para sempre, assim como adoraria o homem que os possuía.

Sem falar que eu estava pirando, porque estava olhando para eles naquele momento.

Então ignorei a espada ensanguentada (sem mencionar as gotas de sangue no seu rosto e nas roupas) e corri para os seus braços.

Braços que se fecharam em torno de mim.

Senti seus lábios no meu ouvido e ouvi a voz profunda dizer para mim: — Você está segura agora, minha pomba.

E eu *soube* que ele tinha encontrado uma maneira.

Respirei fundo e me controlei, enquanto desabafava.

— Estou supondo que você não arrancou a outra mão dele — falei baixinho.

— Você está certa.

Tchuazinho, Pol.

Fechei os olhos.

— Acabou, Frey Drakkar.

Abri os olhos, olhei para o lado e vi que um daqueles homens com orelhas pontudas tinha o olhar voltado na nossa direção.

Apollo afrouxou o abraço, mas não me soltou. Então pude olhar em volta.

Frey estava lá. Assim como Lahn. E o Tor (o verdadeiro, ou o *outro* real).

Tudo estava bem.

Olhei para o teto abobadado de pedra. *Obrigada, Deus.*

— Ele é meu — Lahn grunhiu e seguiu em frente.

Devia ter imaginado, pela direção que estava seguindo, mas nem pensei. Então, não desviei o olhar e vi Lahn se curvar diante de um Baldur arruinado e levantá-lo do chão pelos cabelos.

Felizmente, ele estava de costas para nós, mas ainda ouvi o estalo inconfundível, quando os braços do Lahn se moveram rapidamente.

Então, sem mais delongas, Lahn soltou o corpo sem vida do Baldur no chão, e se virou, indo atrás da sua mulher.

Ele havia quebrado o pescoço do Baldur.

Sem derramamento de sangue, pelo menos, mas ainda assim...

Urgh.

— Acredito que aquela é a sua — disse Frey e meus olhos se moveram para ele.

Estava olhando para o Tor.

Então olhei para Tor, o vi acenar com a cabeça, se inclinar, beijar Cora na testa e, em seguida, se mover para os tronos.

Lahn soltou Circe e seguiu atrás dele. Frey soltou Finnie. E Apollo me soltou.

Todos se moveram para a gaiola de gelo.

As criaturas de chapéu, que imaginei serem elfos, recuaram quando eles se moveram.

Apollo foi o primeiro a levantar a espada.

Subiu outro degrau e Frey puxou a espada da aljava em suas costas.

Ao lado dos dois, Lahn desembainhou a sua.

Em seguida, todos juntaram suas espadas enquanto Tor subia os degraus.

Eles as giraram.

Engoli em seco quando as espadas atingiram a parede de gelo e ela quebrou, lançando cacos de gelo para todo lado. Mas, de repente, os cacos ficaram presos no ar em uníssono, antes de tilintarem no chão, como pedaços inofensivos de gelo picado.

Quando caíram, o corpo da Minerva também caiu sobre o seu trono.

E quando o fez, Tor subiu o resto dos degraus.

Observei ela olhar para ele.

— Isso não pode acontecer — disse ela, sua voz não mais soando por todo o lado, mas vindo diretamente da sua boca, o rosto lívido. — Eu sou uma deusa.

— Deuses têm fé. Deuses têm lealdade. Deuses têm amor — Tor respondeu. — Você nunca foi uma deusa.

— Mas—

Essa foi sua última palavra.

Tor balançou a espada e a cabeça da Minerva voou para o lado.

Ok, eu podia lidar com algumas coisas horríveis, já tinha provado isso.

Mas já era o suficiente.

Desviei o olhar.

Olhei para trás quando ouvi: — Acredito que esta é sua.

Quando olhei para trás, vi Valentine apoiada casualmente contra o trono negro. Helda ainda estava inconsciente, caída sobre ele.

Derrik estava do lado da Valentine.

Apollo subiu os degraus, caminhando naquela direção. Eu o vi olhar para Derrik, antes de olhar novamente para Valentine.

— Vamos embora — ordenou.

— É claro, *chéri* — Ela respondeu e levantou as mãos.

Tão logo fez isso, a enorme sala se encheu com névoa verde.

Era uma névoa estranha, mas não se podia dizer que Valentine não era assim.

— Lá vamos nós de novo — Finnie murmurou enquanto a névoa nos envolvia.

O quarto desapareceu.

Desta vez, não caímos.

Mas não posso dizer o quão feliz fiquei, quando a tundra congelada e os pinheiros adornados de neve apareceram em torno de nós.

Segura.

Viva.

Em casa.

Vi um movimento com o canto dos olhos e olhei naquela direção, enquanto sentia os outros se movendo à minha volta.

O movimento vinha do Apollo. Minha visão era das suas costas, e estava se afastando, mas vi que carregava algo nos braços.

Não tive chance de ver o que era, antes dele esticar os braços para a frente e o que ele estava carregando voar pelo ar e aterrissar na neve.

Então vi.

Um corpo em um vestido preto rolando pela neve.

Senti um braço envolver minha cintura e olhei para a direita.

Finnie estava lá.

Outro braço envolveu minha cintura e olhei para a esquerda.

Cora estava lá.

Além da Cora, estava Circe.

Deslizei os braços em volta das mulheres ao meu lado.

Os homens (obviamente, menos o Apollo) se aproximaram das nossas costas.

Valentine e Lavinia se moveram na direção da Circe.

Franka, Derrik e Noc ficaram ao lado da Finnie.

Meus olhos foram até o Apollo quando o ouvi dar um assobio agudo e minha respiração ficou presa nos pulmões, quando os lobos se esgueiraram para fora da floresta.

Centenas deles.

Talvez milhares.

Eu estava certa, ontem.

Helda estava fodida.

Ele se virou para olhar para Valentine.

— Acorde-a — a voz profunda retumbou.

— Como quiser, *chéri* — Valentine respondeu, em seguida, balançou a mão em um gesto ondulante.

Olhei novamente para a bruxa caída na neve.

Ela estava se apoiando nos braços, olhando ao redor.

Mas não tive muito tempo para prestar atenção nela.

Apollo falou.

— A justiça está feita — afirmou, e sem demora, virou as costas para a bruxa, a impressionante capa esvoaçando atrás dele, e caminhou na nossa direção.

Os lobos também não demoraram.

Como um só, eles atacaram.

Ela deu um grito.

Então, nada mais, apenas grunhidos, rosnados e o som nauseante de carne sendo rasgada.

Engoli em seco.

Apollo, felizmente bloqueando minha visão da carnificina, caminhou direto para mim.

Quando parou na minha frente, respirei fundo e olhei nos olhos dele.

Os dele ainda pareciam irritados.

Mais uma vez, achou que tinha me perdido e não gostou muito.

Tinha que fazer alguma coisa sobre isso.

Então lhe ofereci parte do que eu tinha para oferecer.

— As crianças estão bem? — Perguntei.

— Sim — ele resmungou.

— Todas elas? — Insisti.

— Sim — ele repetiu, o tom da sua voz, seco.

— Os rapazes? Estão todos bem? — Perguntei.

— Sim — falou entre os dentes.

Hmm.

Parecia que tudo estava bem e ele ainda estava irritado.

— Todos eles? — Pressionei. — Os homens do Frey, os homens do Lahn—

— Sim, Maddie — me interrompeu.

— Ok, então você acha que há tempo para eu colocar o meu vestido fodão e participar do baile? Vai ser chato, sem intrigas em andamento, mas estou imaginando que gostaria de testar minhas habilidades na dança.

Ele me encarou.

Fez isso por algum tempo.

Então esticou as mãos, me puxou e bati contra o seu corpo enquanto o observava jogar a cabeça para trás e desatar a rir.

Passei os braços em torno dele e sorri.

Meu trabalho estava feito.

Epílogo

Uma Bolsa Cheia De Esperança

Desnecessário dizer que, uma vez que a cúpula de proteção caiu, o Palácio de Inverno foi atacado por hewcrows e algo chamado de toilroys (as criaturas parecidas com Trolls que vi na Ilha do Espectro), e já que todas as janelas tinham sido quebradas e nem todas tinham sido reparadas, ainda, e quase todo mundo estava assustado, o Bitter Gales foi adiado.

Assim, o meu vestido fodão ainda estava pendurado no armário do meu quarto e eu tinha os dedos no braço do Apollo, enquanto ele nos guiava atrás do Tor e da Cora, que estavam atrás da Circe e do Lahn, que estavam seguindo Frey e Finnie para uma sala de estar do Palácio de Inverno.

Entramos e vi Valentine e Lavinia sentadas uma ao lado da outra, em um sofá. Derrik estava de pé ao lado da lareira. Rainha Aurora estava sentada em uma cadeira. Franka estava em um canto, parecendo que queria estar em qualquer lugar, menos lá. E Noc estava parado na frente da janela ampla, a outra Circe não muito longe dele.

Todos os olhos se voltaram para nós, quando entramos. Já que o aposento era enorme, havia, felizmente, muitas opções de lugares, então consegui descansar meu muito necessitado corpo, quando Apollo reivindicou uma cadeira, me sentando no braço dela e curvando o braço nos meus quadris.

Não tinha certeza de quem estava no comando da operação. Só soube, quando ele falou, que Apollo estava assumindo o comando da reunião.

— Você primeiro — ele ordenou, a voz cortante, os olhos no Derrik.

— Me infiltrei na Ilha do Espectro — Derrik respondeu.

— Pude adivinhar essa parte — Apollo rebateu.

Derrik se virou inteiramente para Apollo e cruzou os braços sobre o peito.

— Não foi difícil convencê-los que havia uma razão para eu estar com raiva e me tornar um traidor — afirmou Derrik, confusamente.

— Posso imaginar que não. A questão é, você se tornou um traidor? — Apollo perguntou.

O rosto do Derrik ficou rígido. — Não me pergunte isso, irmão.

— Uh... só para dizer — rapidamente coloquei, diante dessa troca de palavras desconcertante. — Quando a missão de resgate começou, Derrik tinha acabado de incapacitar Helda.

O rosto do Derrik suavizou enquanto seus olhos se voltavam para mim.

— Seu propósito ao fazer isso? — Apollo consultou e Derrik olhou mais uma vez para ele.

— Estando com eles, não podia saber qual era o seu plano e não podia fugir para contar qual era o deles. Tudo o que eu sabia era que vocês iriam pegá-los. E eu estaria na posição de fazer alguma coisa, quando eles fizessem a sua jogada. Não podia fazer muita coisa. Mas, no final, fui capaz de fazer alguma coisa.

— Isso é verdade, *mon loup* — Valentine colocou. — Nosso Noctorno do meu mundo foi enviado para lá para despachar Edith, assim como incapacitar Helda. Esta última foi a parte mais difícil, o que tornou bastante arriscada a sua ida. No entanto, você a queria viva. Ouso dizer que nenhuma das três considerou que armas de fogo entrariam no quadro, ou o nosso belo Noctorno do outro mundo. Mas suspeito que não levaria muito tempo para eles se recuperarem da morte de Edith. Os elfos tinham que se concentrar em ressuscitar Lavinia, para que pudessem usá-la como um condutor para a Ilha do Espectro e

depois drenar os poderes da Minerva. Foi muita sorte o seu homem estar lá. Ele tornou as coisas mais fáceis para todos nós.

Uau.

Lavinia tinha estado, realmente, morta.

E os elfos a ressuscitaram.

Eles *eram* poderosos.

Apollo voltou sua atenção para Valentine. — Certo, então, como explicou, é claro que você tinha esse plano em prática, um plano que não compartilhou, quando já tinha um plano em prática.

— Você tinha, *chéri*, e um dos bons. Eu não o vi falhando. E não queria causar alarme, sugerindo que fosse falhar. Mas você tem que admitir, é sempre bom ter um plano B, não é?

Olhei para o perfil de Apollo e vi um músculo tremer na sua bochecha.

Isso significava que era bom, mas simplesmente não ia admitir isso em voz alta.

— Você sabia que as bruxas podiam derrotar seus encantamentos e que nossas mulheres estariam em perigo? — Perguntou Frey e Valentine olhou para ele.

— Eu estava ciente de que elas *ficariam* em perigo? —
Balançou a cabeça. — Não. Mais uma vez, eu não vi as proteções
sobre este palácio caindo. — Seus olhos se tornaram lânguidos,
quando declarou: — Sou bastante boa no que faço. — Seus lábios
se inclinaram para cima. — Mas eu sabia que possuíam grande
poder, então pedi ao Noctorno para ficar preparado, apenas se
fosse preciso.

— Uh, só para dizer, ninguém me chama de Noctorno —
Noc declarou, parecendo irritado.

Os lábios da Valentine se curvaram ainda mais e ela olhou
na direção dele.

— Como você fez isso? — Perguntei, e Valentine olhou para
mim. — Eles disseram que você não podia usar sua magia lá.
Como o fez?

— Você, *ma colombe*, e suas irmãs, quebraram esse
encantamento — ela respondeu. — Eu esperava que vocês
descobrissem isso. E vocês descobriram.

— Mas eu não tenho magia — Cora comentou.

— Eu também não — disse.

— Nem eu — acrescentou Finnie.

Valentine olhou entre nós. — Nós, mulheres, temos a
habilidade de transportar magia. Nós só precisamos de

motivação. E o amor é uma motivação poderosa, você não concorda?

Bem, isso não podia ser discutido.

— Independentemente disso, — ela continuou — Circe possui magia e ela foi o canal para despertar a de vocês. Foi, como eu esperava, muito poderoso. Infelizmente, não podia enviar os seus homens ou batalhões de soldados para lá, pois mesmo com suas proteções recolhidas, a tríade ainda estava em plena força, e alguém podia ter sido ferido na briga que se seguiu. No instante em que visse qualquer um de nós, eles iriam levantar suas defesas, vickrants, toilroys, e etc. Portanto, uma vez que só podia transportar alguém para lá, enviei alguém que não veriam como uma ameaça, Franka, imbuída com um feitiço para abrir uma linha para os elfos chegarem até Lavinia, bem como para criar um desvio para — olhou na direção do Noc — *Noc* chegar e, finalmente tornar seguro para eu e os homens irmos, sem o tedioso incômodo de lidar com exércitos de criaturas.

Tedioso incômodo.

Esta mulher era uma coisa.

— Então Franka possui magia? — Perguntou Finnie, olhando na direção da Franka.

— Ela é, claro, uma mulher. Uma mulher com sua própria motivação. — Valentine murmurou.

Eu estava olhando na direção da Franka também.

Ela estava evitando todos os olhos.

Mesmo assim, eu disse: — Obrigada.

Sua cabeça levantou abruptamente e ela olhou para mim.

— Obrigada — repeti. — Isso precisou de muita coragem e eu... bem, agradeço por isso.

— Eu não o fiz por você — declarou friamente.

— Talvez não, mas no fim das contas, você nos ajudou, e eu ainda sou grata — rebati.

O braço do Apollo, que estava à minha volta, me deu um apertão.

A boca da Franka se contraiu enquanto ela encarava meus olhos por longos momentos, antes de desviar o olhar.

— Você está bem, Lavinia? — Perguntou Finnie, e meu olhar foi até a bruxa.

— Não é divertido estar morta — Lavinia respondeu, então deu um pequeno sorriso. — Mas como não estou mais assim, e tudo está bem na minha Lunwyn novamente, estou bem.

— Já terminamos? — Valentine perguntou, diante desse intercâmbio. — Estou precisando desesperadamente de uma bebida.

— Eu também — Rainha Aurora murmurou, levantando da cadeira. — Talvez duas. Vou chamar um servo.

Ela se moveu e assim terminou o interrogatório.

Cora, seguida por Tor, se moveu na direção do Noc.

Finnie foi até Lavinia.

Desci do braço da cadeira, agarrei a mão de Apollo, o puxei para fora da cadeira, e nos dirigimos para o Derrik.

Ele só olhou para mim enquanto caminhávamos até ele. Não sabia o que isso significava, mas algumas coisas precisavam ser ditas agora, então decidi perguntar ao Apollo mais tarde.

Então, sorri para Derrik e, quando cheguei perto dele, soltei o Apollo, me aproximei e me movi para dar um abraço nele.

Seus braços se fecharam em torno de mim e senti sua mandíbula ao lado da minha cabeça.

— Deve ter sido uma merda, ficar com eles por tanto tempo — observei, ouvi sua risada quando me deu um aperto e se inclinou um pouco sem me soltar.

Inclinei a cabeça para trás para poder olhar para ele.

— Não foi divertido, mas não estou mais *com eles*, então estou bem — ele disse.

— Fico feliz — sussurrei, em seguida, concluí com emoção: — Obrigada.

— Eu faria qualquer coisa por você, Maddie — ele sussurrou em resposta e senti minha garganta se contrair, porque ele provou que isso era verdade.

Seus braços me soltaram e me movi para o lado, enquanto ele olhava para Apollo.

— E eu faria qualquer coisa por você — ele declarou.

No segundo que falou isso, Apollo ergueu a mão, segurou a lateral do pescoço do Derrik e o puxou para a frente, para ficarem cara a cara, olho no olho.

— Minha gratidão, meu irmão — afirmou Apollo, engoli em seco e meu nariz começou a formigar.

Ambos olharam nos olhos um do outro por algum tempo, e eu esperei, observando e respirando profundamente.

Apollo finalmente soltou o amigo e me aproximei rapidamente.

— Ok, odeio interromper essa reunião — comecei, dando ao Derrik um sorriso de “espero que você entenda”, em seguida, olhei para Apollo. — Mas eu *realmente* quero ver as crianças.

— Então vou levá-la até eles — Apollo respondeu imediatamente.

— E Meeta e Loretta — acrescentei.

— Vou buscá-las para você, também.

— E então, preciso comer, urgente — terminei.

Ele sorriu para mim.

Em seguida, se inclinou para mim e encostou a boca na minha.

Depois disso, como era típico dele, Apollo não demorou a providenciar tudo o que eu precisava.

* * * * *

Uma semana depois, eu estava em uma antecâmara da Habitação dos Deuses, olhando para o feixe brilhante de ramos delicados que Finnie tinha acabado de colocar nas minhas mãos.

— Antes de você ir até lá e participar da cerimônia de casamento mais *longa* e mais *chata* de todos os tempos... uma coisa emprestada — ela disse. — Eu o usei quando me casei com o Frey. — Sorriu. — É claro que não tinha ideia de quem ele era na época, mas acabou tudo bem.

Sim. Certamente terminou bem.

Retribuí o seu sorriso.

Se afastou quando Circe se aproximou.

— Uma coisa antiga — disse, pegando minha mão, virando a palma para cima e colocando uma pena dourada lá.

Parecia que era da coroa de penas fodona que ela tinha em torno da testa e que se misturava ao seu cabelo.

— É da minha primeira coroa — ela me disse e meus olhos fitaram os dela. — Eu a destrocei quando fiquei zangada com o Lahn e voltei para o meu mundo. — Ela colocou a mão em cima da pena. — Ele guardou os pedaços. Alguns deles estão nessa coroa que estou usando agora. Alguns outros estão em uma bolsa que ele carrega todo o tempo. Ele a manteve, mesmo quando as probabilidades estavam contra ele, de me trazer de volta e me *conquistar* novamente. — Ela inclinou a cabeça para o lado. — Então acho que elas representam a esperança. E, sério, não há um dia preenchido com mais esperança do que o dia de um casamento.

Eu podia acreditar perfeitamente no Lahn carregando as penas da coroa da Circe durante todo o tempo, mas não na esperança de qualquer coisa. Aquele homem a queria de volta, então ia encontrar uma maneira.

E ele encontrou.

Ainda assim, era uma honra absoluta ter uma delas.

— Obrigada — sussurrei, levantando a outra mão para colocar em cima da mão dela.

Ela me deu um sorriso, apertou a minha mão e se afastou.

Enfiei a pena na manga da minha luva enquanto Cora se aproximava.

— Uma coisa nova — ela disse, levantando a minha mão e a deixando suspensa, enquanto prendia no meu pulso uma pulseira feita de delicadas argolas de platina, das quais pendiam pequenos símbolos de platina que me mostrou, virando o meu pulso.

À medida que ficavam à vista, a pele do meu pulso começou a formigar, porque eu sabia o que cada um significava.

A presa de um lobo. Apollo. Um arco e uma flecha. Christophe. Uma pequena boneca. Élan. E um chocalho em miniatura. Nossa menina, ainda por chegar.

Cora fechou os dedos ao redor dos meus, e desviei o olhar da pulseira para olhar para ela.

— Você pode adicionar coisas a ela enquanto a vida lhe traz mais recompensas — falou.

— Obrigada — agradei mais uma vez, com voz rouca.

Ela sorriu para mim.

Respirei fundo para não voltar a estragar minha maquiagem.

— E uma coisa azul. — Nós ouvimos, virei a cabeça e pisquei, ao ver a Valentine.

Ela levantou a mão elegante, a girou e senti algo gelado no meu pescoço.

— Puta merda — Circe sussurrou.

Nem tive chance de fazer nada, quando Valentine se aproximou, colocou as mãos nos meus ombros e me virou, me movendo para a frente de um espelho com bordas douradas, onde parou.

E eu contra a minha garganta, no lugar da joia que tinha estado lá, um requintado e reluzente colar feito com diamantes Sjofn extraordinariamente bem cortados, de Lunwyn.

Também vi Valentine atrás de mim e observei quando ela inclinou a cabeça para sua boca ficar perto da minha orelha.

— Algum tempo atrás, um homem cheio de tristeza me entregou uma bolsa cheia de esperança. Essas pedras estavam naquela bolsa — ela disse em voz baixa e meus olhos voltaram para o colar. — Ele sabia, como eu sabia, e agora você sabe, mesmo pagando para ter a chance de tê-la novamente, que o amor não tem preço, o amor vale cada batalha travada, cada

ferida infringida. Ele sabia disso, como você já sabe, *ma colombe*, que o amor é tudo.

Levantei a mão e toquei as pedras com as pontas dos dedos, mas meus olhos se moveram para os dela, através do espelho.

— Você o está dando para mim? — Perguntei.

— Oh, não, *ma chérie*, ele sempre foi seu. Só estou devolvendo.

Putá merda!

Balancei a cabeça. — Mas é o seu pagamento.

— Aprendi, Madeleine, e devo admitir que foi contra a minha vontade, mas aprendi que existem muitas maneiras de ser recompensada. — Os dedos, com unhas pintadas de vermelho sangue, pressionaram meus ombros. — Hoje, você vai se vincular a um homem que cuida de você como uma preciosidade. Você se une a ele carregando uma criança feita de amor. Tenho uma pequena parte nisso. E esse é o único pagamento que preciso.

Eu estava *totalmente* convencida a falar com Apollo para lhe dar mais diamantes para buscar meus Cheeto's.

— Não sei o que dizer — falei para ela.

— Não diga nada. Apenas seja você mesma. E, sendo você mesma, seja feliz — ela respondeu.

Ok. Até então, não estava certa de que ela era a minha pessoa favorita.

Mas agora ela tinha atingido as dez mais.

Sorri para ela através do espelho.

Seus lábios se curvaram, retribuindo meu sorriso.

A porta abriu e Loretta entrou. — Os homens estão ficando impacientes! — Gritou.

Meeta entrou atrás dela, o olhar fixo em mim, e observou: — Isso é verdade. No entanto, as coisas dificilmente podem começar sem você, e é um exercício de caráter aprender a esperar.

Ela não estava errada.

Mas eu não queria que meu homem esperasse, por isso me movi e senti as mãos da Valentine saindo dos meus ombros.

— Já está na hora do show começar — Finnie murmurou, veio até mim e se inclinou para concluir contra o meu ouvido: — Tente não cair no sono.

Sorri contra o seu cabelo.

Apollo tinha me explicado como eram as cerimônias de casamento em Lunwyn. Eu sabia que ficaria muito tempo de pé, ouvindo palavras que ninguém na sala entendia, porque os homens santos deste lugar falavam na língua antiga.

Não me importei.

Quando tivesse terminado, Apollo Ulfr (o bom) seria meu, oficialmente.

Para conseguir isso, ficaria de pé durante um ano e ouviria alguém tagarelar durante todo esse tempo.

Felizmente, não tinha que fazer isso.

Finnie pegou a minha mão e a apertou, antes de se afastar e piscar.

— Vejo você na festa depois do casamento — Circe disse, correndo para frente quando Finnie se afastou, e encostou seu rosto no meu.

— Vejo você lá — respondi.

Ela me deu outro sorriso antes de se afastar, então Cora estava lá.

Ela encostou o rosto no meu também, e disse: — Não seja feliz. Seja *extravagantemente* feliz. Você merece.

Isso foi *tão* doce.

— Serei — prometi.

Ela se afastou, todas se reuniram, Valentine não disse nenhuma palavra e, diante disso, fiquei feliz. Ela havia dito o suficiente. Eu estava me segurando. Não podia chorar. Queria

que Apollo se casasse com o meu eu impressionante, e não o de olhos inchados, manchados de rímel e com o rosto vermelho.

Mas antes que elas saíssem, as observei, pensando que era legal pra caralho ser amiga de duas princesas legítimas e uma rainha completamente explosiva.

E, apenas pensando nisso, era legal pra caralho que eu tivesse tantas amigas.

Finnie, em seu vestido de veludo azul gelo com a coroa fodona no cabelo platinado, feita de diamantes em formato de pingente.

Circe, usando um pesado sarongue de seda dourada, preso por um cinto feito de argolas de ouro. O top dourado podia ser visto porque estava coberto por uma blusa colada na pele, dourada e de manga comprida. Um colar de ouro de aparência pesada no pescoço, brincos de ouro pendendo das orelhas e o que pareciam ser centenas de pulseiras de ouro nos pulsos. A coroa de penas brilhando na sua testa.

Cora, usando um vestido de veludo azul royal ao estilo de Lunwyn, uma pesada corrente de ouro indo até os quadris, safiras enormes nas extremidades, uma coroa de ouro de muito bom gosto, mas fabulosa, se entrelaçando no brilhante cabelo castanho.

O Dream Team.

O meu Dream Team.

Mulheres que, como eu, viram o impossível, incrível e *fantástico* sonho se transformando em realidade.

Sonhos que você não ousaria sonhar.

Sonhos que vivemos todos os dias.

Soprei um beijo para elas.

Elas retribuíram o gesto (todas, menos Valentine) e caminharam para a porta.

Loretta e Meeta correram para frente quando elas saíram, ambas colocando suas mãos em mim. As da Meeta arrumando o meu cabelo, as da Loretta arrumando a saia do meu vestido.

— O que é isso? — Perguntou Meeta, se inclinando para trás, os olhos no meu colar. Olhou para mim. — Isso não combina com o seu vestido, senhorita Maddie.

Ela estava certa.

Não combinava.

Meu vestido era aquele que eu ia usar no Bitter Gales.

Um vestido que, agora, era o meu vestido de casamento.

Cetim no tom de verde dos Ulfr, sem ombro, mas o decote baixo e em volta dos antebraços, luxuosamente enfeitado por

uma ampla faixa de pele marrom escura. A bainha e a cauda da saia tinham a mesma pele as contornando. O cinto era de ouro, mas possuía esmeraldas e topázios incrustados nas argolas. Tinha uma meia dúzia de presilhas, com pedras combinando com o cinto, segurando as torções intrincadas e as ondas do meu cabelo, e brincos no estilo pingente que caíam dos lóbulos das orelhas. E usava luvas para noite cor de topázio, com uma barra de pele nas extremidades.

Os diamantes azul-gelo não combinavam.

E, ainda assim, eram absolutamente perfeitos.

— É um presente do Apollo — disse para Meeta.

Não era exatamente a verdade.

Mas, ainda assim, era verdade.

— Ah — ela murmurou.

Sorri para ela.

Ela encarou meus olhos e retribuiu o sorriso.

— Há duas senhoras que precisam ocupar os seus lugares e o Chefe de uma Casa que está ficando um pouco impaciente — a voz de um homem foi ouvida, olhamos para a porta e vimos que Achilles tinha enfiado a cabeça para dentro.

— Certo! Temos que correr! — Exclamou Loretta, saltou para a frente, me deu um beijo na bochecha e depois disparou para fora da sala.

— Até mais tarde, senhorita Maddie — Meeta falou baixinho, se inclinou para frente, encostou seu rosto no meu, se inclinou para trás quando pegou a minha mão e a apertou, antes de soltá-la e caminhar para fora, como se estivesse fazendo uma caminhada noturna.

Achilles tinha se deslocado para fora do caminho delas e as deixou passar, mas quando foram embora, se juntou a mim no quarto.

— Pronta, pequena? — Ele perguntou em voz baixa.

— Pronta, Lees — respondi calmamente.

Ele ofereceu o braço.

Me movi para a frente e o aceitei.

Ele me guiou para fora da antecâmara e para o vestíbulo da Habitação dos Deuses.

Draven, Hans, Alek, Remi, Gaston e Laures estavam todos parados ao redor, vestindo as cores das suas Casas, esperando.

Todos exceto Derrik, que não estava parado.

Estava caminhando para mim, sorrindo.

— E ela está uma noiva muito bonita — ele murmurou quando chegou perto de mim.

— Obrigada, querido — murmurei em resposta.

Apollo tinha explicado tudo o que tinha acontecido entre ele e Derrik. Fiquei surpresa, e tinha que ser dito, um pouco triste por compreender isso. Foi um milagre que ambos os homens tivessem superado isso e agora...

Bem agora...

Ele se moveu para o meu lado e ofereceu o braço.

Agora, ele era nosso de novo. Meu. Do Apollo. E da Casa dos Ulfr.

Respirei fundo, rearranjei o buquê de ramos de adela para descansar contra o cotovelo do Achilles, e aceitei o braço dele.

Com Achilles de um lado, Derrik do outro, me viraram para a porta.

Laures, Draven e Hans entraram em formação na nossa frente. Remi, Gaston e Alek, se moveram para nossa retaguarda.

Laures ergueu o queixo para os dois rapazes parados na frente das portas.

Eles as abriram e meu estômago se contraiu.

— Tudo bem? — Derrik perguntou, entrelaçando seus dedos nos meus.

— Com certeza — respondi, olhando para a frente.

Os homens se moveram.

Me movi junto com eles.

Na parte da frente do santuário, estavam as estátuas dos deuses desse mundo e um homem trajando vestes brancas e uma longa faixa colorida enrolada em torno do seu pescoço, pendendo na frente.

Apollo também estava na frente, usando uma camisa bem-cortada no tom de verde dos Ulfr, um casaco marrom igualmente bem cortado, calça marrom excepcionalmente bem costurada, botas marrons extremamente polidas e um lenço no pescoço.

Tive a sensação, ao vê-lo naquele momento, que teria muitas outras oportunidades na vida para ficar impressionada com a sua beleza.

Mas nenhum momento seria melhor do que esse.

Paramos na frente da primeira fileira de bancos e viramos à direita, para os homens poderem se curvar e eu fazer uma reverência para a Rainha Aurora, que estava sentada no meio do banco, Frey e Finnie, Circe e Lahn, Cora e Tor, compartilhando o lugar com ela.

Christophe e Élan, porém, estavam sentados ao seu lado.

Quando ela acenou para levantarmos, nos erguemos, abaixei a cabeça para ela, enviei um sorriso ao longo da totalidade do banco, mas pisquei para Christophe e Élan.

Élan riu e acenou.

Christophe só inclinou o queixo para mim.

Viramos, e os homens me levaram até Apollo.

Eu só tinha olhos para ele e ele só tinha olhos para mim.

Na verdade, quando Laures, Draven e Hans se afastaram e o homem de vestes brancas começou a falar, Apollo nem mesmo olhou para ele.

Também não olhou para ele quando o homem parou de falar e Apollo levantou o punho.

Continuou a encarar meu olhar enquanto Derrik me soltava, Achilles avançava comigo, levantava a minha mão e colocava meus dedos em torno do punho do Apollo.

Ele nem mesmo desviou o olhar quando o homem de vestes brancas disse algo e todos os homens do Apollo exclamaram: — Sim!

O homem de vestes brancas continuou a falar enquanto eu sentia os homens do Apollo se afastarem, e lá estava eu, ao seu

lado, a cabeça dele inclinada para baixo, a minha inclinada para trás, tudo para que pudéssemos manter o contato que Apollo não ia quebrar.

Senti que ele gostou da minha roupa.

Entretanto, tive uma sensação muito mais forte, que ele gostou, pura e simplesmente, de mim.

Ele finalmente desviou o olhar, mas apenas por um instante, para olhar para a minha garganta, antes dos seus olhos voltarem para os meus, e vi algo brilhar nos dele.

— Esse é um colar estonteante — observou, murmurando.

— Um presente de casamento precoce — murmurei em resposta.

— E uma surpresa agradável. — Ele ainda estava murmurando.

Ele sabia o que era.

— Realmente — respondi.

Ele sorriu.

Absorvi aquele sorriso, aquele olhar, a sensação da sua mão sob a minha e falei: — Eu te amo, Apollo Ulfr.

Desta vez, seus olhos não brilharam.

Eles arderam.

— E eu te amo, Madeleine Ulfr.

Encarei o seu olhar e cheguei mais perto.

Então quebrei o contato visual, só para instigar uma espécie de contato diferente.

Me inclinei para ele, descansei a cabeça no seu ombro e virei meu olhar para o homem com as vestes.

Vi o homem santo acenar para mim, mas senti os lábios do Apollo tocarem meu cabelo.

O homem balbuciou algumas palavras.

E mais algumas.

E mais outras.

Ele até passou em torno das estátuas, continuando a balbuciar.

Mas eu não caí no sono e não fiquei entediada.

Eu podia não ter memorizado cada momento (porque houve um monte deles, a cerimônia de casamento de Lunwyn era *longa*), mas definitivamente memorizei o que eu estava sentindo.

E quando a cerimônia estava oficialmente terminada, o meu novo marido me virou para ele, passou os braços à minha volta e mergulhou os lábios nos meus.

Mas, antes que pudesse me beijar, sussurrei: — Lembre-se desse beijo.

Seus olhos, perscrutando os meus, já calorosos, se tornaram doces.

— Sempre — respondeu.

E sem demora, meu marido me deu exatamente o que eu queria, na verdade o que sempre me deu.

Um beijo que vale a pena lembrar.

* * * * *

Apollo

Seis meses depois, Apollo desviou o olhar do contrato que estava assinando, para o homem sentado em frente à sua mesa.

— Isso é tudo? — Perguntou.

— É — Jeremiah respondeu.

Apollo acenou com a cabeça, levantou o papel e o jogou sobre a mesa, murmurando: — Agora, aproveite o resto do seu dia.

— Você também — Jeremiah respondeu.

Apollo não disse nada.

Mas tinha certeza que ele sabia que iria aproveitar.

Ele levantou da cadeira, abaixou o queixo para o seu secretário e caminhou para a porta do escritório.

Ele os ouviu no instante em que abriu as portas. Assim, foi direto para grande sala de estar.

Chegou no topo da escada e não conseguiu ver todos os ocupantes do aposento, antes da Élan correr para ele, parando apenas quando bateu no seu corpo. No momento em que ela o fez, colocou os braços ao redor dos seus quadris e inclinou a cabeça para trás, para poder olhar nos olhos dele.

— Maddie e eu fizemos biscoitos! — Ela gritou

— É mesmo? — Perguntou suavemente, colocando a mão no cabelo grudento.

— Açúcar — ela declarou animadamente.

— Estao bons? — Perguntou.

— Estão! — Ela exclamou, depois acrescentou animadamente: — E nós os passamos em cristais de açúcar colorido, por isso eles são azuis, rosa e verde!

— Mal posso esperar para experimentar um — disse a ela.

— É seguro, agora — ela respondeu com autoridade. — Mas o Chris tem uma língua queimada. Maddie disse a ele para esperar até que esfriassem, mas ele não deu ouvidos. — Ela sorriu. — Ele ainda disse que estavam gostosos.

Apollo sorriu para a filha e deslizou a mão para sua bochecha, onde roçou carinhosamente com o dedo.

Seu sorriso se ampliou e ela o soltou, mas apenas para ir para o seu e segurar sua mão.

Foi quando Apollo viu plenamente tudo o que estava acontecendo no salão.

E foi quando Apollo ficou completamente imóvel.

Isso aconteceu porque o fogo estava queimando alegremente na lareira. Uma neve macia estava caindo do lado de fora das janelas. Laures, Alek, Draven, Derrik, Remi e Gaston estavam acomodados em cadeiras ao redor de uma mesa, que tinha sido colocada no meio do espaço. Em um canto, sentados nos degraus e quase escondidos em torno de uma curva, Hans e Loretta estavam nos braços um do outro, os rostos próximos, sua atenção nem um pouco focada no que estava acontecendo a uns seis metros de distância. E Meeta estava sentada em uma cadeira, os olhos sobre a ação que se desenrolava no centro da sala.

E a ação era Achilles sentado em frente à Madeleine, um jogo de Ricken montado em uma mesa entre eles, Christophe sentado em uma cadeira puxada para perto da Maddie.

Sua Maddie tinha os olhos no tabuleiro, mas a mão descansava sobre a barriga arredondada.

Achilles fez um movimento. Christophe e Maddie estudaram o tabuleiro, então Chris se inclinou profundamente, deslizando para o lado da sua cadeira, para sussurrar na orelha de Maddie.

Maddie olhou para ele. — Tem certeza? — Ela perguntou.

Christophe assentiu.

Ela se inclinou e sussurrou na orelha do menino.

Quando ela se afastou, Apollo viu seu filho sorrir para sua esposa. — É melhor.

Ela se virou para o tabuleiro, os lábios curvados, e fez sua jogada.

— Caramba — Achilles murmurou.

Remi provocou: — Saia dessa agora, Lees.

Achilles olhou para Christophe e Madeleine. — Vocês dois são um par formidável.

Maddie sorriu para Achilles antes de se virar e levantar a mão, a palma voltada para Chris.

Seu filho levantou a mão e deu um tapa na mão dela.

O peito do Apollo se expandiu com tanta força, que achou que ia explodir.

Porque lá estava ela. Sua pomba. Sua Maddie. Sua esposa.

Em um lugar acolhedor, seguro, onde era sempre bem-vinda, porque era a sua casa, rodeada por amor, criando lembranças de risos e momentos felizes.

E lá estava o seu filho, bem ao lado dela.

Um par formidável.

De repente, ela se virou para ele, sorriu e falou: — Aí está você.

Apollo não moveu.

Porque não viu nenhum desespero, nenhuma escuridão nos olhos dela.

Ele havia eliminado ambos e nada, apenas luz, brilhava através deles.

Ele deu isso a ela.

Tinha sido a missão mais importante da sua vida.

E venceu.

Engoliu o nó na garganta e respondeu: — De fato.

Foi então que sentiu a filha puxando sua mão.

Ele a deixou o levar até sua família.

Puxou uma cadeira para o outro lado da Maddie e permitiu que sua filha subisse no seu colo.

Quando ela o fez, passou os braços à sua volta.

E então, viu Christophe e Madeleine vencerem Achilles no Ricken.

E, logo após, sentado no coração da sua casa, sua esposa e filhos seguros, próximos e felizes, com grande contentamento Apollo Ulfr ouviu o riso da sua família tocando o ar.

* * * * *

Maddie

Estava sentada no sofá, lendo uma carta da Finnie.

Ou estava tentando. Ela havia escrito no convés do navio do Frey, então o ar salgado do mar tinha deixado as letras borradas.

Mas peguei a ideia geral, e a ideia geral dela era que, aparentemente, pais de filhos deixavam de ser pais idiotas quando tinham filhas.

Ou, pelo menos, não eram pais idiotas com suas filhas.

Eu podia afirmar pelas histórias da Finnie, de como Frey era com sua Alyssa.

Provas adicionais foram as histórias que li através das cartas da Circe de como Lahn era com Andromeda (por outro lado, ele não era um pai idiota com a Isis, apenas com Tunahn).

E, por último, a partir do que descobri através das cartas da Cora, de como o Tor era com sua pequena Dara.

Eu estava sorrindo enquanto chegava ao fim dos contos da Finnie, sobre Frey passando de pai idiota para pai super protetor, quando senti um movimento no quarto.

Olhei para cima e vi Élan entrar.

Ela caminhou diretamente para mim, se jogou no sofá, ao meu lado, e cruzou os braços sobre o pequeno peito de menina.

Eu sabia o que aquilo significava.

— Acho que a carruagem está pronta — comentei e ela inclinou a cabeça para trás, para apontar os olhos verde jade para mim.

— Eu tenho que voltar, Maddie? — Ela perguntou fazendo beicinho.

— Receio que sim, doçura. A escola é importante.

Ela apontou os olhos para frente e manteve o bico. — Eu não sei por que você tem que ficar tão distante, do outro lado do país, quando Papa tem uma casa bem em Benies.

Eu não sabia. Exceto que era calmo aqui. E suspeitava que meu marido, como qualquer soldado faria em uma época sem guerra, necessitava de paz.

— Talvez eu possa falar em seu pai e morar lá por algumas semanas, para que você e Chris possam voltar para casa depois da escola, em vez de ficar lá — ofereci. — E nos fins de semana, podemos ir às compras, comer uma torta em um café, e talvez ele nos leve para jantar no *Le Pont de L'eau*.

Ela virou a cabeça abruptamente e olhou para mim de novo. — Você faria isso?

— Qualquer coisa por você — respondi, e não foi, absolutamente, uma mentira.

O rosto dela se iluminou.

E o rosto da minha doce Élan se iluminava muitas vezes, mas suspeito que, desta vez, era porque ela sabia que o que eu disse era verdade.

Uma voz veio da porta.

— Se apresse — Chris falou. — A carruagem está esperando.

Élan começou a fazer beicinho de novo, mas coloquei a carta de lado, me levantei do sofá, agarrei sua mão e a puxei.

Andamos de mãos dadas até a porta, enquanto Christophe observava nossas mãos entrelaçadas.

Ele nunca perdia nada. Não o Chris. Estava sempre atento.

Como qualquer bom soldado ou escritor precisaria estar.

Ele saiu da porta quando a alcançamos. Então, andou do meu outro lado, enquanto caminhávamos até a porta da frente.

Pensei que ia me acostumar com isso, com o contentamento, a calma que vinha a partir da compreensão absoluta que eu tinha tudo.

Caminhando até a porta com Chris e Élan, maravilhada com a doce sensação de tê-los na minha vida, e tê-los me aceitando na deles, soube que nunca me acostumaria com isso.

E sabia o porquê.

Porque ficou ainda melhor quando Chris abriu a porta e meu marido, que estava nos degraus esperando por nós, o sol brilhando no cabelo escuro, a camisa verde aberta no colarinho, a calça marrom com um caimento realmente muito bom, se virou na nossa direção.

Seus olhos calorosos e felizes deslizaram sobre mim, antes de olhar para os seus filhos.

— Pronto? — Perguntou.

— Eu estou pronto — respondeu Chris.

— Eu nunca estou pronta para voltar para a escola — lamentou Élan.

— Vamos ver você no final da semana, menina preciosa — Apollo disse a ela. — Agora, dê um beijo na Maddie e vamos partir.

Élan soltou a minha mão, mas só para se virar para mim e estender ambos os braços.

Me inclinei para ela e abracei, assim como lhe dei um beijo na bochecha.

Ela tocou os lábios nos meus antes de me soltar e arrastou os pés enquanto caminhava para o seu pai. Seu passo suavizou quando ele ergueu a mão para ela e ela estendeu a mão para pegá-la.

Chris se virou e olhou para mim. — Até o final de semana, Maddie.

Levantei a mão e novamente fiquei maravilhada com a sensação de como era bonito, quando ele permitia que eu e inclinasse e tocasse sua mandíbula.

— Cuide da sua irmã — disse a ele em voz baixa.

— Cuidarei — ele respondeu.

Dei um sorriso para ele.

Ele retribuiu meu sorriso.

Fiquei maravilhada com a sensação que isso causou, também.

Abaixei a mão e Chris se virou, caminhando com a mesma graça do seu pai, para a carruagem na qual Élan já tinha entrado.

Me movi até Apollo, coloquei a mão no seu estômago e inclinei a cabeça para trás.

Ele aceitou o convite e abaixou a cabeça para encostar sua boca na minha.

— Vou voltar em poucas horas, minha pomba — disse ele.

— Vejo você mais tarde, baby.

Ele sorriu contra meus lábios.

Retornei o sorriso.

Em seguida, ele roçou a boca contra a minha, antes de se afastar e montar seu cavalo.

Eu estava nos degraus da nossa casa de campo em Fleuridia, o primeiro lugar que havia conhecido neste mundo, e acenei quando a carruagem deslizou para longe, Apollo cavalgando ao lado dela.

Meu marido não acenou de volta, mas abaixou a cabeça para mim.

Élan, no entanto, se pendurou para fora da janela da carruagem e acenou freneticamente.

Fiquei onde estava, até que estavam fora da vista.

Já que a paisagem era vasta, isso levou algum tempo.

Mas eu tinha várias horas sem nada para fazer, antes do meu homem voltar, então continuei parada. E gostei da visão diante de mim. As cores vívidas ferindo os olhos. A memória que foi aqui onde deixei uma vida que não valia a pena viver para trás, e me foi dada uma vida pela qual valia a pena morrer.

Quando desapareceram, me movi de volta para casa pensando que devia escrever uma carta para Finnie. Ou Cora. Ou Circe.

No entanto, não fui até a minha escrivaninha.

Fui para as escadas, imaginando que seria bom quando Loretta voltasse da sua lua de mel com Hans. Eu sentia falta dela. Estava feliz por ela, mas sentia falta dela.

Também pensei que seria bom quando Meeta voltasse das férias repletas de sexo com Ruben.

Ele pediu a mão dela.

Ela disse que não queria me deixar.

Ele disse que não podia deixar Frey.

Eles estavam em um impasse, trabalhando nisso na casa do Ruben em Houllebec, em Lunwyn. Isso significava que, mesmo que partisse em viagem até mim, em Fleuridia, não iria vê-la durante meses.

E eu esperava que nesses meses, ela decidisse conceder sua mão ao Ruben.

Sua amizade e lealdade significavam muito para mim (sem mencionar, que ela era mestre em fazer penteados).

Mas, o amor.

O amor era tudo.

Diante desse pensamento, entrei no quarto e caminhei tranquila até o berço excepcionalmente feminino, com seus lençóis verdes de babados, o móbile pendurado sobre ele feito de lobos cinzentos acolchoados.

Olhei para o berço e pisquei.

Nele estava Valentine, minha filha, com seu pequeno cabelo ruivo ondulado e um nariz minúsculo, através do qual sardas salpicavam.

Entretanto, se ela abrisse os olhos sonolentos, poderia ver o puro e translúcido verde jade.

Isso não foi o que me surpreendeu.

O que me surpreendeu foi que, nos pés do berço, havia um saquinho de Cheeto's em forma de concha, uma caixa com canetas esferográficas, uma bolsa feita de seda verde esmeralda e um envelope com meu nome escrito.

Me abaixei e peguei o envelope.

Eu o abri e puxei a carta para fora, as palavras escritas com tinta verde.

Ma Colombe,

Seu lobo desejou que você tivesse estas coisas, então aqui estão.

O que há na bolsa, no entanto, é um presente meu.

Ofereço isso a você para que as coisas nem sempre fiquem chatas, felizmente. O amor está no ar, e com ele vem as suas atribulações.

Desta vez, vamos ver se uma mulher daí pode arrumar sua vida com um homem daqui.

Acredito que o Nocturno desse mundo vai ter uma tarefa difícil.

Mas, no final, não tenho nenhuma dúvida de que ele vai ter sucesso.

Com um pouco de intromissão.

Minha xará é, claro, linda, chérie.

Como sempre, lhe desejo felicidade,

Valentine.

Sorrindo para mim mesma, coloquei a carta de volta no envelope, tirei as guloseimas do berço da Valentine e as coloquei de lado. Então toquei a suave pele rosada da bochecha da minha bebezinha.

A gravidez não correu sem seus dramas normais. O parto não foi curto. Felizmente, não foi longo. E aconteceu neste mundo, por minha escolha.

E a minha escolha foi, este era o meu mundo e eu não queria deixá-lo.

E lá estava ela.

A prova de que o futuro irradiava brilho.

Na verdade, eu estava junto ao berço da minha filha, e estava cega por ele.

Mesmo assim, poderia ficar lá por dias.

Mas não fiquei.

Me movi para a bolsa verde que Valentine tinha deixado.
Eu a segurei na mão, empurrei os dedos pela abertura e a abri.

No mesmo instante, um brilho emanou do saco.

Encarei o brilho por um momento, antes de aproximar o nariz e cheirar.

Hortelã-pimenta, com notas de baunilha e alcaçuz.

Foi então que sorri.

* * * * *

Apollo caiu de costas, me levando com ele.

Eu estava respirando pesadamente, minha mão se movendo sobre a pele lisa, meus olhos se movendo através do quarto.

Lá estávamos nós, nos espelhos que Apollo tinha mandado colocar nas portas do grande guarda-roupa – Apollo deitado de costas, o corpo musculoso, forte, comprido estendido na cama, eu montada nele, minha testa no seu pescoço, meu torso nu pressionado contra o dele, nossos corpos conectados. Minha pele parecia leite em contraste com o tom moreno da dele.

Nós parecíamos incríveis.

Meus olhos deslizaram para as duas xícaras de porcelana vazias pousadas na mesa de cabeceira, mas voltaram para o espelho quando senti seu toque.

Vi sua mão deslizar preguiçosamente sobre a bochecha da minha bunda. Vendo-o, sentindo-o, levantei a cabeça, deslizei sobre o seu peito e olhei nos olhos dele.

Lá estava. Aquele olhar. O primeiro olhar que tinha me dado.

Menos uma coisa.

Ele estava olhando para mim com ternura.

Mas nenhuma dor.

Eu dei isso a ele.

Eu.

Um calor que não tinha nada a ver com o chá de adela, subiu através de mim e abaixei minha boca contra a dele.

— Mais? — Sussurrei.

— Está pronta para isso? — Ele sussurrou em resposta.

Senti meus lábios sorrirem. Então vi o mesmo nos seus olhos, mas também vi mais.

Ternura.

Satisfação.

Felicidade.

Amor.

Eu lhe dei tudo isso.

Eu.

— Claro — murmurei, pressionando meu corpo contra o dele e concluí: — Sempre.

Ele inclinou a cabeça, seus braços se curvaram ao meu redor, enquanto a boca segurava a minha e ele me virava de costas.

Então, assim como Apollo era, me deu mais.

E fez de novo, logo em seguida.

E fez isso de novo, nove meses depois, quando nosso filho, Aether, nasceu.

FIM